A História dos

Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma

A História dos

Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma

A. Balbach

Tradução de
José Barbosa

Editora Missionária "A Verdade Presente"
Itaquaquecetuba, SP, Brasil

Título do original em inglês:
The History of The Seventh Day Adventist Reform Movement

Direitos de publicação reservados à

Editora Missionária "A Verdade Presente"
Rua Flor de Cactus, 140
Jardim Quinta da Boa Vista
Itaquaquecetuba — SP
Caixa postal 135 — Cep 08570-970
Tel. (11) 4645-1888
editoramvp@uol.com.br

2001

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil

Revisão: Davi Paes Silva, Gerson Barros, Josiéli Bueno, Isaías Lima e Elizabeth de Oliveira
Programação visual e capa: Eduardo Egrejas

PREFÁCIO

Este livro tem o propósito de oferecer aos nossos irmãos melhor conhecimento da história de nossa igreja desde os seus primórdios e habilitá-los a responder satisfatoriamente às freqüentes perguntas que nossos irmãos adventistas nos fazem, tais como: onde, quando, como e por que a Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma veio à existência.

É possível que o leitor já tenha lido ou ouvido falar algo sobre, ou o que é mais provável, algo contra o Movimento de Reforma. Pode-se dizer hoje acerca deste movimento aquilo que foi dito nos dias dos apóstolos a respeito do cristianismo: "... Quanto à seita a que pertences, sabemos todos que, por toda parte, encontra oposição" (Atos 18:22 u.p., Nova Bíblia dos Capuchinhos — Difusora Bíblica, Lisboa, 1998). Mas isso não basta. Ninguém pode ter verdadeiro conhecimento dos fatos a menos que escute ambos os lados da questão. Quanto pode alguém hoje saber acerca de Ellen G. White e dos pioneiros do Movimento Adventista ou mesmo do adventismo do sétimo dia em geral, caso dê ouvidos apenas aos dominguistas preconceituosos? Quanto pode um católico saber sobre Lutero e a Reforma Protestante, se tiver escutado apenas os sacerdotes romanistas? E quanto pode um piedoso judeu saber sobre Cristo e o cristianismo se der ouvidos apenas a Anás e Caifás? Somente quando ouvimos ambos os lados e pesamos todas as evidências, é que podemos ter um quadro equilibrado.

A existência do Movimento de Reforma não pode ser claramente compreendida a menos que o assunto seja estudado de três pontos de vista: profecia, doutrina e história.

1. Profecia — Diz porventura a profecia: (a) que a denominação Adventista do Sétimo Dia continuaria como igreja vitoriosa até o fim? e (b) que não há lugar para um fiel remanescente adventista separado da organização oficial? Se a resposta é sim, então não devemos perder nosso tempo neste Movimento de Reforma. Mas se a resposta é não (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 64-66), então deve-

mos examinar o quadro profético a fim de achar nele o Movimento de Reforma. Para maiores informações sobre este ponto, recomendamos ao leitor nosso livreto *O Adventismo e a Reforma Profetizada.*

2. Doutrina — Longe de pretendermos haver recebido nova luz, cremos que é nosso sagrado dever defender os ensinos e princípios revelados à irmã Ellen G. White e aos pioneiros do Movimento Adventista. É exatamente por causa disso que temos tido graves desinteligências com a liderança da denominação ASD nos seguintes pontos: concessões ao Estado (principalmente em países sob restrição); serviço militar (principalmente em tempo de guerra); descuido na observância do Sábado; associação em concílios ecumênicos e outros passos nessa direção; união com o mundo (métodos mundanos na maneira de administrar as instituições, participação na política, filiação a sindicatos, excessiva tolerância para com as modas mundanas etc.); atitude controversa para com o Espírito de Profecia (cremos que os escritos de E. G. White são inspirados); divórcio e novo casamento mesmo para a parte culpada; negligência na reforma da saúde (que correção aplica a igreja aos que desconsideram os princípios da reforma da saúde?); falta de disciplina corretiva na igreja (até que ponto deve a igreja tolerar pecadores declarados como membros?); novos pontos doutrinários (alguns dos quais entram em choque com o adventismo histórico e causam acirradas disputas nas fileiras dos ASD atualmente); etc. Teremos máximo prazer em fornecer publicações sobre os referidos temas.

3. História — Não se pode negar que a apresentação da mensagem da justiça de Cristo em 1888 marcou o início de um movimento reformatório entre o povo adventista. Cremos sinceramente que este Movimento de Reforma surgiu como resultado daquele pequeno começo.

Conforme o próprio título deste livro sugere, discutiremos aqui a origem, as primeiras experiências e o desenvolvimento do profetizado movimento reformatório.

Os Editores.

INTRODUÇÃO

Muitos anos decorreram desde o surgimento do Movimento de Reforma no início da Primeira Guerra Mundial e a atualidade. E não é fácil tarefa escrever a história de um movimento quando quase todos os seus pioneiros já desceram à sepultura. Na realidade, sobreviveram bem poucos até nossos dias para fornecer-nos detalhes sobre o início e primeiras experiências deste predito reavivamento e reforma.

Na busca de informações, consultamos muitos irmãos que, acreditávamos, tinham a possibilidade de ajudar-nos, e aproveitamos o ensejo para agradecer-lhes a valiosa contribuição. Por meio de seu apoio pudemos reunir bom número de fotos antigas, livretos, revistas, cartas, relatórios, etc., contendo os fatos essenciais de nossa história como movimento. Nosso passo seguinte foi selecionar as informações mais úteis, classificá-las e reuni-las em ordem lógica e cronológica.

Em nosso esforço para compilar dados a fim de escrever este livro, demos ênfase especial aos nossos mártires. A história do Movimento de Reforma é uma história de perseguição e sofrimento, prisões e torturas e, não raro, também mortes cruéis. Nos países sob restrição, onde não havia liberdade religiosa, nossos fiéis irmãos preferiram sofrer e mesmo morrer a renunciar sua fé ou sacrificar princípios e agir contrariamente à sua consciência.

Grande parte das informações sobre nossos mártires da Alemanha e da Polônia durante a Segunda Guerra Mundial foi obtida do livro *And Follow Their Faith*, de Hans Fleschutz, a quem devemos palavras de agradecimento por sua compilação. Quanto aos que sofreram por amor à verdade em outros países, recebemos relatórios escritos e orais de diversos irmãos a quem somos igualmente gratos.

Além destas fontes, consultamos também muito material antireformista antes de darmos feição definitiva aos fatos históricos que compõem o conteúdo deste livro. Lemos e relemos pacientemente grande número de artigos, folhetos e livros com relatos deturpados acerca do cisma entre os dois grupos adventistas. Só depois de termos obtido um panorama equilibrado dos acontecimentos é que começamos a trabalhar organizando os dados factuais referentes à origem e ao desenvolvimento do Movimento de Reforma.

Conquanto tenhamos de registrar também eventos desagradáveis, a fim de escrever uma história verdadeira, não queremos com isso melindrar os sentimentos de nossos irmãos adventistas, ou de quaisquer grupos ou indivíduos que tiveram desentendimentos conosco. Amamos a todos e, em espírito, somos um com os que permanecem ao lado da verdade como ela é em Jesus e, quem sabe, estejam suspirando e gemendo (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336).

Embora tenhamos incluído muitas informações neste livro, o leitor reconhecerá a necessidade de dados adicionais para que nosso povo tenha uma narrativa abrangente dos fatos.

Neste livro, onde certos detalhes são ainda objeto de maiores pesquisas e confirmações, especialmente questões relativas a datas e nomes de lugares e pessoas, colocamos pontos de interrogação. No capítulo "Conferência Internacional em Würzburg (1921)", colocamos pontos de interrogação onde as palavras nas velhas e danificadas revistas não eram bem legíveis.

O leitor notará que incluímos nas páginas desta obra nomes de pessoas, mesmo de pioneiros e líderes, que não permaneceram no Movimento. Alguns tornaram-se posteriormente nossos acérrimos inimigos. Mesmo assim pudemos aprender deles alguma coisa durante o tempo em que estiveram entre nós. Sua experiência também é parte de nossa história.

Alguém disse que a história do Movimento de Reforma é uma história de lutas e vitórias. Portanto, a seguinte descrição da irmã White aplica-se não somente à experiência da Igreja Adventista em seus primórdios, mas também à nossa experiência como Movimento:

"Satanás mantém sob seu controle muitos dos que passam por amigos da verdade e, por meio deles, opera contra o progresso desta. Emprega-os para semear o joio entre o povo de Deus. Assim, quando menos se suspeitava de perigo, grandes males existiam entre nós. Contudo, enquanto Satanás estava operando com todo engano de injustiça naqueles que perecem, leais defensores da verdade lutavam contra a maré da oposição e mantinham a Palavra incontaminada em meio a um dilúvio de heresias. Embora a igreja tenha por vezes sido enfraquecida devido aos múltiplos desânimos e por causa dos elementos rebeldes que teve de enfrentar, a verdade de Deus tem brilhado cada vez mais após cada conflito. As energias do povo de Deus não foram exauridas. O poder de Sua graça tem estimulado, reanimado e enobrecido os constantes e leais. ...

"Até que Cristo apareça nas nuvens do céu com poder e grande glória, os homens se perverterão espiritualmente e se desviarão da verdade para as fábulas. A igreja ainda há de passar por tempos trabalhosos." —*Testimonies*, vol. 4, pág. 594.

Os delegados para a sessão da Conferência Geral de 1888 posam em frente da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Mineápolis

"Sê fiel até a morte,
e dar-te-ei a coroa da vida"
(Apocalipse 2:10).

1

A conferência de Mineápolis e seus resultados

Como a grande Reforma realizada por Lutero, Calvino, Zuínglio e outros no século XVI originou-se dois séculos antes (*O Grande Conflito*, pág. 78), também o profetizado movimento de reforma entre os adventistas do sétimo dia teve seu início embrionário em 1888, quando o Senhor enviou mensagem especial a Seu povo.

Em Mineápolis, Minesota, de 17 de outubro a 4 de novembro de 1888, os adventistas do sétimo dia realizaram memorável e controvertida assembléia da Conferência Geral. Noventa delegados (85 estavam presentes na abertura da assembléia e cinco chegaram em 26 de outubro), representando um quadro mundial de 26.968 membros, reuniram-se num dos maiores templos adventistas da época — um prédio localizado na esquina de Lake Street com Fourth Avenue South. O evento mais importante daquela assembléia foi a apresentação de um assunto vital — a mensagem da justificação pela fé — por dois jovens ministros: E. J. Waggoner e A. T. Jones, redatores da revista *The Signs of the Times.*

Em termos claros, o Espírito de Profecia pôs o selo de sua aprovação sobre essa mensagem. Assim escreveu a irmã White:

"Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor mensagem preciosíssima a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones. Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava o povo a receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus." —*Testemunhos para Ministros*, págs. 91 e 92.

"A mensagem que nos deram A. T. Jones e E. J. Waggoner é a mensagem de Deus à igreja de Laodicéia, e ai daquele que professa

crer na verdade, mas não reflete sobre outros os raios enviados por Deus." —*Manuscript Releases*, vol. 15, pág. 92.

O que originou a mensagem

Ao aproximar-se a data da assembléia da Conferência Geral a ser realizada em Mineápolis em 1888, Deus enviou à liderança adventista e ao povo testemunhos específicos que mostravam a condição espiritual reinante na igreja e tornavam a vinda da mensagem urgente necessidade. Escreveu a irmã White:

"Qual é nossa condição neste tempo tremendo e solene? Ah! Que grande orgulho prevalece na igreja, que hipocrisia, que engano, que amor ao vestuário, à frivolidade e às diversões, que desejo de supremacia! Todos esses pecados anuviaram a mente de tal modo que as coisas eternas não podem ser discernidas." —*Review and Herald*, 22 de março de 1887.

"Morte espiritual acometeu o povo que deveria estar manifestando vida e zelo, pureza e consagração, pela mais ardorosa dedicação à causa da verdade. Os fatos concernentes à real condição do professo povo de Deus falam mais alto do que sua profissão e tornam evidente que algum poder cortou o cabo que o mantinha ancorado na Rocha Eterna, e que estão indo à deriva para o mar, sem mapa nem bússola." —*Idem*, 24 de julho de 1888.

O propósito da mensagem

A mensagem da justiça de Cristo (que inclui Isaías 58:1 e Apocalipse 3:18 e 19) foi confiada ao anjo de Apocalipse 18 a fim de realizar uma obra de reavivamento e reforma sob a ministração do Espírito Santo. Que o objetivo dessa mensagem era remediar o estado de apostasia da igreja e preparar um povo para a vinda do Senhor, podemos verificar em vários testemunhos:

"É o propósito determinado de Satanás eclipsar a visão de Jesus e levar os homens a olhar para o homem, a no homem confiar, e serem educados a esperar auxílio do homem. Por anos a igreja tem estado olhando para o homem, e dele muito esperando, mas sem olhar para Jesus, em quem se centraliza nossa esperança de vida eterna. Portanto, Deus deu a Seus servos um testemunho que apresentava a verdade como esta é em Jesus, e que é a terceira mensagem angélica, em linhas claras e distintas." —*Testemunhos para Ministros*, pág. 93.

"A mensagem do terceiro anjo deve atravessar a Terra, despertar o povo e chamar sua atenção para os mandamentos de Deus e a

fé de Jesus. Outro anjo une sua voz com o terceiro anjo, e a Terra é iluminada com a sua glória. ... Que estais fazendo a fim de preparar-vos para esta obra? ... Deveis lembrar-vos de que esse anjo representa o povo que tem esta mensagem a apresentar ao mundo. Estais entre esse povo?" —*Review and Herald*, 13 de agosto de 1885.

"Deus tem suscitado homens para atenderem às necessidades deste tempo, os quais clamarão em alta voz e não se deterão, que levantarão a sua voz como trombeta e anunciarão ao 'Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados.' Isaías 58:1. A obra deles não é somente proclamar a Lei, mas pregar a verdade para este tempo — o Senhor, justiça nossa." —*Idem*, 13 de agosto de 1889.

"Várias pessoas têm escrito para mim perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a terceira mensagem angélica, e eu tenho respondido: 'É a terceira mensagem angélica com toda a certeza.' O profeta declara: 'Depois destas coisas vi descer do céu outro anjo que tinha grande autoridade, e a Terra foi iluminada com a sua glória.' Apocalipse 18:1. Brilho, glória e poder devem associar-se com a mensagem do terceiro anjo e, onde quer que ela seja pregada em demonstração do Espírito, haverá convicção. Como saberá qualquer de nossos irmãos o tempo em que essa luz virá ao povo de Deus? Nós certamente não vimos a luz que corresponde a essa descrição. Deus tem luz para Seu povo, e todos quantos a aceitarem, reconhecerão a pecaminosidade de permanecer em estado de mornidão e aceitarão o conselho da Testemunha Verdadeira." —*Review and Herald*, 1º de abril de 1890.

"A pergunta da mais vital importância para este tempo é: 'Quem está do lado do Senhor?' Quem se unirá ao anjo [de Apocalipse 18:1] para proclamar a mensagem da verdade ao mundo? Quem receberá a luz que deve encher a Terra com a sua glória? Os que apreciam a luz que possuem, receberão mais luz. Luz crescente brilhará sobre as almas que se submetem à enternecedora e subjugante graça de Cristo. Aqueles que amam a luz serão salvos dos enganos de Satanás." —*Idem*, 5 de novembro de 1889.

"Se quisermos receber a luz do glorioso anjo que deve iluminar a Terra com a sua glória, devemos cuidar para que nossos corações estejam limpos, esvaziados do eu e orientados em direção ao Céu, a fim de estarmos prontos para a chuva serôdia. Preparemo-nos para unir-nos na proclamação do anjo que há de iluminar a Terra com sua glória." —*The Signs of the Times*, 1º de agosto de 1892.

"A Babilônia mística não tem poupado o sangue dos santos, e não estaremos bem despertos para captar os raios de luz que têm estado a brilhar do fulgor do anjo que deverá iluminar a Terra com sua glória?" —*Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pág. 426 (1890).

Como a mensagem foi recebida

Não se pode dizer que a delegação da Conferência Geral e a maioria dos membros adventistas aceitaram em 1888 a mensagem da justificação pela fé. Entre os líderes e o povo havia sérias diferenças de opinião. Arthur G. Daniells, em seu livro *Cristo Justiça Nossa*, pág. 43, afirma que jamais foi publicado um relatório completo sobre a apresentação e discussão da mensagem. Contudo, dos escritos de Ellen G. White publicados depois da conferência, sabemos que a mensagem teve recepção bastante limitada. Portanto, não ocorreu a obra de reavivamento e reforma que se destinava a desarraigar as crescentes ervas daninhas da apostasia e restaurar a igreja ao favor de Deus. Como resultado, grande parte dos líderes e membros foram deixados a andar por entre as centelhas que eles mesmos produziram. A irmã White, que apoiou a mensagem e os mensageiros, refere-se nestes termos a essa lamentável experiência e suas conseqüências:

"Era plano de Deus que os atalaias se levantassem e, com vozes unidas, apresentassem mensagem definida, dando à trombeta o sonido certo, para que o povo todo ocupasse seu posto do dever e desempenhasse a parte que lhe competia nesta grande obra. Então a forte e clara luz daquele outro anjo que desce do Céu com grande poder teria enchido a Terra com a sua glória." —*Manuscript Releases*, vol. 14, pág. 111.

"Quando manifestei a intenção de sair de Mineápolis, o anjo do Senhor postou-se ao meu lado e disse: 'Não faças isso; Deus tem uma obra para fazeres neste lugar. O povo está repetindo a rebelião de Coré, Datã e Abirã. Tenho-te colocado em tua devida posição, a qual os que não estão na luz não reconhecerão. Eles não darão ouvidos ao teu testemunho, mas Eu estarei contigo. Minha graça e poder te susterão. Não é a ti que estão desprezando, mas aos mensageiros e à mensagem que enviei a Meu povo. Mostram desdém pela palavra do Senhor. Satanás cegou seus olhos e perverteu-lhes o juízo e, a menos que toda alma se arrependa de seu pecado — esta independência não santificada que insulta o Espírito de Deus — andarão em trevas. Removerei o seu castiçal de seu lugar, a não ser que se arrependam e convertam, para que eu os sare." —*Idem*, vol. 3, pág. 191.

"Queira Deus que haja um despertamento religioso! Os anjos de Deus estão indo de igreja em igreja cumprindo seu dever, e Cristo está batendo à porta de vosso coração pedindo entrada. Mas os meios que Deus ideou a fim de despertar a igreja para a intuição de sua pobreza espiritual não foram tomados em consideração. Ouviram a voz da Testemunha Verdadeira em reprovação, mas não obedeceram a ela. Os homens escolheram seguir seu próprio caminho, em vez do caminho de Deus, porque não haviam crucificado o eu. Desse modo a luz produziu bem pouco efeito na mente e no coração." —*Testimonies*, vol. 5, págs. 719 e 720 (1889).

"Faz quase dois anos que estamos insistindo com o povo para que se levante e aceite a luz e a verdade concernentes à justiça de Cristo, mas eles não sabem se devem vir ou não para se apoderarem desta preciosa verdade. Estão limitados por suas próprias idéias. Não permitem a entrada do Salvador." —*Review and Herald*, 11 de março de 1890.

"Desde o tempo da reunião em Mineápolis venho observando o estado da igreja laodiceana como nunca antes. Tenho ouvido a reprovação divina proferida contra os que se sentem bem satisfeitos, os que não reconhecem sua miséria espiritual. ... Sinto-me triste ao pensar como, durante longos anos, tem havido rebaixamento da norma. Foi-me mostrado que bem poucos compreendem a constante presença do Divino Observador, que declara: 'Conheço as tuas obras.' Pela condescendência com o pecado, muitos perderam o favor de Deus, representaram mal a Jesus, esqueceram-se de Sua presença, olvidaram-se de que estão vivendo à Sua vista, e dessa maneira acrescentaram um mal a outro. Todos esses são virgens loucas. ... A razão por que as igrejas estão fracas, doentes e moribundas é que o inimigo exerceu influência desanimadora sobre as almas trementes. Ele tem procurado levá-las a perder de vista a Jesus, o Consolador, Aquele que os reprova, adverte e admoesta, dizendo: 'Este é o caminho; andai por ele'." —*Idem*, 26 de agosto de 1890.

"A influência resultante da resistência à luz e à verdade em Mineápolis tendeu a invalidar a luz que Deus comunicou a Seu povo através dos Testemunhos." —*Manuscript Releases*, vol. 15, pág. 305.

"Em vez de levar o mundo a prestar obediência à Lei de Deus, a igreja está-se unindo cada vez mais intimamente com o mundo na transgressão. Diariamente a igreja está convertendo-se ao mundo." —*Testimonies*, vol. 8, pág. 119 (1903).

Se a igreja, que estava "firmemente retrocedendo para o Egito" (*Serviço Cristão*, pág 39), tivesse de fato aceitado a mensagem "Cristo

Justiça Nossa", teria feito uma volta em U em seu itinerário e estaria agora movendo-se em direção oposta—com Cristo para a Canaã celestial. E não teria sido acusada, em 1903, de haver-se tornado prostituta (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 254), nem se tornaria um "coito de toda ave imunda e aborrecível" (*Testemunhos para Ministros*, pág. 265) em resultado de sua progressiva união com o mundo. Em 1903 o Espírito de Profecia fez esta alarmante declaração acerca da condição desenvolvida na igreja:

"Por que há tão pálida percepção da verdadeira condição espiritual da igreja? ... Quem pode sinceramente dizer: 'Nosso ouro é provado no fogo; nossas vestes estão incontaminadas do mundo'? Eu vi nosso Instrutor apontando para as vestes da chamada justiça. Tirando-as, pôs a descoberto a corrupção que estava por debaixo. Disse-me Ele, então: 'Não vê como eles pretensiosamente encobriam seu depravamento e corrupção do caráter? Como se fez prostituta a cidade fiel! (Isaías 1:21). A casa de Meu Pai é feita casa de venda, um lugar de onde partiram a presença e glória divinas! Por este motivo é que há fraqueza e falta de força'." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 252 e 254.

Jones e Waggoner deixam a igreja

Logo depois de 1903 A . T. Jones foi enredado pelas falsas crenças do Dr. J. H. Kellogg, separando-se finalmente da igreja. Em 1909 foi feito esforço especial para restaurá-lo. Ele parecia persuadido e preparado para reconciliação. Quando o pastor Daniells, presidente da Conferência Geral, lhe estendeu a mão, pedindo: "Vem, irmão Jones, vem," ele se levantou, estendeu lentamente a mão, mas subitamente a retraiu dizendo: "Não, nunca!" e sentou-se novamente.

E. J. Waggoner também passou por experiência negativa quando problemas domésticos o levaram ao divórcio e ele casou-se novamente. Apesar disso, continuou defendendo as crenças fundamentais adventistas até o dia de sua morte.

Essa não foi a primeira nem a última vez que homens especialmente escolhidos pelo Senhor apostataram depois de terem fielmente transmitido a mensagem. O Espírito de Profecia, contudo, nos adverte para não usarmos essa deplorável apostasia como argumento contra a luz do Céu enviada ao povo de Deus. Mensageiros podem desviar-se, mas isso não torna mentira a verdade que eles pregaram. Temos a advertência:

"É bem possível que o pastor Jones ou o pastor Waggoner sejam vencidos pelas tentações do inimigo. Se isso, porém, acontecer, não será prova de que a sua mensagem não era de Deus, nem de que a obra que fizeram foi um erro. Se isso acontecer, quantos tomarão essa posição e entrarão em engano fatal por não estarem sob o controle do Espírito de Deus. ... Sei que é exatamente essa a atitude que muitos adotarão se esses homens caírem, e oro para que esses homens, sobre quem Deus colocou a responsabilidade de uma obra solene, dêem à trombeta o sonido certo e honrem a Deus a cada passo; que o caminho deles seja cada vez mais brilhante até o fim do tempo." —*Manuscript Releases*, vol. 3, págs. 201 e 202.

A mensagem apresentada por esses dois irmãos estabeleceu importante marco na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. "Assinalou o começo de uma grande reforma." —*História de Nossa Igreja*, pág. 246.

Escolha fatal e suas conseqüências

Deus pôs diante da Igreja Adventista duas possibilidades - aceitar a mensagem da *Justiça de Cristo*, ser transformada e tornar-se finalmente igreja triunfante; ou rejeitar a mensagem e, em resultado, tornar-se igual às igrejas populares.

1. Se a igreja aceitasse a mensagem de 1888, a qual requeria reavivamento e reforma:

"Se a igreja se revestir do manto da justiça de Cristo, deixando toda aliança com o mundo, raiará para ela o amanhecer de um dia brilhante e glorioso. As promessas de Deus a ela feitas serão sempre firmes." —*Atos dos Apóstolos*, pág. 601.

2. Se a igreja agisse contrariamente à luz celestial, permitindo que a apostasia crescesse e assumisse o controle:

"Caso não se manifeste a mais diligente vigilância no grande coração da obra no sentido de proteger os interesses da Causa, a igreja se tornará tão corrupta como as igrejas de outras denominações." —*Testimonies*, vol. 4, pág. 513.

As repetidas denúncias feitas pelo ministério da irmã White, acompanhadas das reais evidências que assinalavam a tendência decadente da igreja depois de 1888 (especialmente as grandes mudanças testemunhadas desde a Primeira Guerra Mundial), mostram qual a opção escolhida pela denominação. Os resultados finais dessa escolha fatal foram claramente apontados no quadro profético referente ao fim do tempo de graça. Todos quantos não atendem ao

conselho da Testemunha Verdadeira e recusam-se a trajar as vestes brancas da justiça de Cristo (Apocalipse 3:18), serão deixados sem o selo de Deus e sem proteção contra as sete últimas pragas. Lamentavelmente, visto que apenas uns poucos aceitaram o remédio oferecido em 1888, a grande maioria sofrerá desapontamento denominacional. Podemos ler isso em Ezequiel 9, explicado pela irmã White nos seguintes termos:

"Os que receberem o puro sinal da verdade, neles gravado pelo poder do Espírito Santo, representado pelo sinal feito pelo homem vestido de linho, são os que 'suspiram e gemem por todas as abominações que se cometem' na igreja. Seu amor pela pureza e pela honra e glória de Deus é tal, e têm tão clara visão da excessiva malignidade do pecado, que são representados como em agonia, suspirando e gemendo. Ler o nono capítulo de Ezequiel." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336.

Por outro lado, "a matança geral de todos os que não vêem assim a vasta diferença entre o pecado e a justiça, porém, e não sentem como os que se acham no conselho de Deus e recebem o sinal, é descrita na ordem dada aos cinco homens que tinham as armas destruidoras." —*Ibidem*.

"Vemos aí que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os anciãos, aqueles a quem Deus dera grande luz, e que haviam ocupado o lugar de depositários dos interesses espirituais do povo, haviam traído o Seu depósito." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 65 e 66.

Alguns reavivamentos

Após a sessão da Conferência Geral em Mineápolis, 1888, a irmã White viajou com os irmãos A. T. Jones e E. J. Waggoner de lugar em lugar participando na apresentação da mensagem que era acompanhada pelo poder de Deus.

"Em todas as reuniões, desde a assembléia geral, almas têm ansiosamente aceitado a preciosa mensagem da justiça de Cristo. Damos graças a Deus por existirem almas que reconhecem estar em necessidade de algo que não possuem: o ouro da fé e amor, as vestes brancas da justiça de Cristo, o colírio do discernimento espiritual." —*Review and Herald*, 23 de julho de 1889.

"Temos visto almas tornarem do pecado para a justiça. Temos visto a fé renascer no coração dos contritos." —*Idem*, 27 de maio de 1890.

Especialmente informativa é a descrição da reunião de reavivamento ocorrida em South Lancaster, Massachussetts, pouco tempo depois da assembléia de Mineápolis. Esse memorável ajuntamento é um exemplo de como o Senhor operava através da mensagem para a conversão de almas. Eis o relato da serva do Senhor:

"Nunca vi uma obra de reavivamento desenvolver-se com tanto vigor e ao mesmo tempo permanecer isenta de indevida agitação. Não houve pressão nem constrangimento. Embora o povo não fosse chamado para vir à frente, todos reconheceram solenemente que Cristo não veio para chamar justos, mas pecadores ao arrependimento. Os sinceros de coração estavam prontos a confessar seus pecados e produzir frutos para Deus mediante arrependimento e restituição, tanto quanto lhes estivesse isso ao alcance. ... Muitos houve que, ao serem-lhes apresentadas as perscrutadoras verdades, deram testemunho dizendo que se haviam convencido de que, segundo o critério da Lei, eram transgressores. Haviam confiado em sua própria justiça. Viam-na agora como trapos de imundícia em comparação com a justiça de Cristo, que é a única aceitável a Deus. Embora não fossem transgressores declarados, reconheciam ter coração degradado e corrupto. Haviam posto outros deuses no lugar de seu Pai celestial. Haviam lutado para fugir do pecado, mas confiaram em sua própria força. Devemos ir a Jesus tal qual estamos, confessando nossos pecados e lançando nossa alma desamparada sobre nosso compassivo Redentor. Isso subjuga o orgulho do coração e é uma crucifixão do eu." —*Review and Herald*, 5 de março de 1889.

Esses reavivamentos individuais ou locais, contudo, não beneficiaram a liderança adventista nem o povo em geral. A igreja como um todo continuou escorregando cada vez mais para a apostasia. Isso é claramente revelado nos escritos de Ellen G. White, que testificou no fim do século dezenove e início do século vinte:

"Por toda parte vemos os que receberam muita luz e conhecimento, escolhendo deliberadamente o mal em lugar do bem. Não fazendo tentativa alguma para reformarem-se, vão-se tornando piores mais e mais." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 102.

2

Separados de Babilônia e do Egito

O *Boletim da Associação Geral*, de 15 de março de 1897, págs. 365-374, traz um artigo sobre a séria e controversa pergunta, que já naquela época era formulada entre o povo do advento: Devem os adventistas tomar parte na política e na guerra? Sob o título "Separados de Babilônia e do Egito" (n? 7), A. T. Jones discute a questão. Reproduzimos abaixo os trechos mais importantes de seu artigo. Recomendamos, porém, a leitura do artigo completo.

Por A. T. Jones

É precisamente na mensagem do terceiro anjo e através dela que Deus pretende "estabelecer o cristianismo sobre uma base eterna." Nesse caso, como é certo que Deus estabelece o cristianismo sobre uma base eterna na mensagem do terceiro anjo, também é certo que o cristianismo não se relaciona com coisa alguma nesta Terra. Estará ligado apenas com Deus; apenas com Sua eterna Palavra; iluminado por Seu eterno Espírito; ensinado por Aquele cujas saídas são desde os dias da eternidade; e assim será conduzido pelo Deus infinito, que pode governá-lo e protegê-lo com braços eternos.

Eu sei, e vós sabeis, que existem entre nós irmãos que acham não estar isso correto. Faz dois anos que isso foi pregado e publicado no *Boletim*. Muitos, porém, não o aceitaram na ocasião. Ainda hoje alguns não o aceitam. Julgam que isso é completamente errado. Mas na última assembléia da Conferência Geral, foram-nos lidos dois testemunhos escritos especialmente para essa assembléia, e um deles vi que foi publicado no *Boletim* no. 4. O outro ainda não foi impresso, mas creio que será publicado brevemente, reprovando os adventistas do sétimo dia pelo seu envolvimento em assuntos políticos. Para dar uma idéia do conteúdo, transcrevo um trecho como segue:

"O Senhor Jesus está decepcionado com Seu povo. Ele é o Capitão sob cuja bandeira eles devem marchar em fila. Eles não devem empregar tempo, sabedoria nem energia para participar em partidos políticos. Os homens estão sendo agitados por intensa atividade vinda de baixo, mas os filhos e filhas de Deus não devem empregar sua influência nesta rivalidade política. Que tipo de espírito se apodera de nosso povo quando aqueles que crêem na terceira mensagem angélica, a última mensagem de misericórdia ao mundo, e que se dizem irmãos na mesma fé, aparecem usando distintivos de partidos políticos opostos, que proclamam sentimentos opostos e declaram opiniões divididas?"

Agora faço a seguinte pergunta: Se aquilo que foi pregado dois anos atrás sobre o assunto Igreja-Estado tivesse sido aceito e seguido por todos os adventistas do sétimo dia, teria sido necessário esse testemunho? Obviamente não. Acaso essas lições ensinavam uma atitude errada ao chamarem o povo de Deus para tomar uma posição na qual seria impossível a Deus encontrar neles alguma falta? Refiro-me a este ponto particular. Quero dizer que quando uma linha de verdades é apresentada em base da Palavra do Senhor e Seu povo a aceita diante de Deus e do mundo, e quando essa linha os coloca numa atitude em que a Deus seja impossível encontrar neles faltas relativas a essa linha, não é seguro aceitá-la como verdade? Que possibilidade de erro haveria nisso? ...

Não peço agora que aceitem isso só porque está aqui [no *Boletim*]. Peço que o acolham, o estudem, orem a respeito, observem-no e o aceitem porque isso é a verdade que livrará o povo de Deus da possibilidade de Ele ter de reprová-los e corrigi-los num ponto semelhante a este. Sei, contudo, que há irmãos que ainda pensam que tudo isso é errado. Dizem que essa atitude exige que o povo tome posição extrema — uma posição que estavam tomando. Acaso pode ser extrema a posição que estabelece o povo de Deus onde Ele quer que estejam, para que possam ficar inteiramente livres de todas essas coisas confusas — coisas que confundem o mundo?

Há outra coisa que precisamos considerar. Se tomarmos parte em negócios e discussões políticas, diferentes pessoas tomarão diferentes posições em partidos políticos opostos, proclamando sentimentos opostos e declarando opiniões divididas, *enquanto professam ser irmãos*. Qual é o último passo no mundo político? A guerra, naturalmente. Nesse caso, o que está na política, no princípio? A mesma coisa que está nela, no fim: a guerra. Esse é seu *espírito* do começo ao fim. Podem irmãos em Cristo, que são um em Cristo, empenhar-se em algo que os leve a dividir-se em espírito de antagonismo? Podem? Não! Não podem fazer isso e ao mesmo tempo permanecer em Cristo. ...

Mas isso não é tudo. Se nós, os adventistas do sétimo dia, devemos pregar e defender aqueles [novos] princípios, resta-nos dar um importante passo a fim de render justiça ao governo dos Estados Unidos, do Estado de Michigan e de vários outros Estados, para que possamos aparecer na devida luz.

Digo isso de novo para que possais entender o que estou falando. Se devemos chegar ao ponto de aceitar o princípio segundo o qual os cristãos possam lutar, possam levantar o braço direito para defender o país, o governo e tudo o mais, então a denominação, para ser justa consigo mesma, e especialmente para com o governo dos Estados Unidos e vários Estados, deve proclamar isso publicamente, bem como repudiar e inverter a conduta adotada pela denominação no passado.

Tenho aqui dois pequenos documentos impressos em 1865, descrevendo algo que tinha ocorrido em 1864. Um deles, intitulado *Pontos de vista dos Adventistas do Sétimo Dia referentes ao porte de armas, conforme apresentados perante os governadores de vários Estados e perante o Chefe da Polícia Militar [dos Estados Unidos], com uma parte da Lei do Alistamento.*

Naquele tempo os adventistas do sétimo dia, por intermédio da Comissão da Conferência Geral, declararam ao governo dos Estados Unidos, bem como aos governos dos Estados de Illinois, Michigan, Pennsylvania, Wisconsin e mais um ou dois Estados, que os adventistas do sétimo dia, como cristãos, não podiam aceitar a idéia de portar armas ou lutar sob qualquer circunstância. O outro documento foi extraído dos escritos e publicações dos adventistas do sétimo dia para justificar o governo em aceitar da denominação aquela petição como legítima.

Ora, se essa ordem deve ser invertida e se nós devemos aceitar o ponto de vista de que, sob quaisquer circunstâncias, os cristãos podem lutar, então, como Comissão da Conferência Geral, representando a denominação, temos o dever de ir perante o governo dos Estados Unidos para dizer-lhes que mudamos de idéia. Também temos a obrigação de ir perante os governos desses Estados para dizer-lhes que mudamos nossos pontos de vista, a fim de que os registros oficiais estejam de acordo com nossa nova e revisada maneira de pensar sobre o assunto. ...

Lerei agora alguns trechos de documentos, publicações e periódicos dos adventistas do sétimo dia, apresentados como evidência ao governo dos Estados Unidos e aos governos estaduais de que a posição tomada pela Comissão da Conferência Geral da denominação era a posição compreendida por eles e não forjada para a ocasião a fim de escaparem ao recrutamento ou aos resultados que sobreviriam ao país devido à guerra. ...

Eis o trecho de um artigo escrito pelo pastor James White, em 1853, na revista *The Signs of the Times*:

"A professa igreja de Cristo deixou o braço de seu marido legítimo e agora se inclina para o forte braço da lei. Busca ser protegida e nutrida pelos governos corruptos do mundo, e é adequadamente representada pelas filhas meretrizes da velha mãe, símbolo da Igreja Católica. Como a esposa deve ser fiel ao marido, também deve a igreja ser fiel a Cristo e, em vez de buscar a proteção do braço da lei, deve apoiar-se apenas no potente braço de seu Amado. A igreja se uniu em matrimônio ilícito com o mundo. Podemos ver isso nos variados departamentos do governo civil. Mesmo no departamento de guerra, vê-se o professo ministro de Jesus fazer orações pelo sucesso na batalha, escarnecendo assim do Deus da paz."

Também um trecho citado da *Review and Herald* de 9 de maio de 1854:

"Quer essas coisas estejam próximas ou não [referindo-se à vinda do Senhor], um fato permanece: O espírito de guerra está em toda parte — um espírito de ódio e de engano. É sua influência contaminadora que tememos — uma influência desmoralizadora da familiaridade com as idéias de guerra e de derramamento de sangue, uma excitação mórbida, um espírito amargo de faccionismo, que é maléfico e produz males ao espalhar-se.

"Não se diga que não há perigo em os discípulos de Cristo se envolverem nessas causas. Há perigo, porque, 'ao se multiplicar a iniqüidade, o amor de muitos esfriará.' Mateus 24:12. São tais as misteriosas e inexplicáveis afinidades que ligam pessoa a pessoa e que proíbem um interesse separado e isolado, que inconscientemente somos contaminados com o tom predominante, e não nos damos conta disso até que a mente fique deturpada e vacilante. E achando-se a mente num estado doentio, está pronta para receber e conceber o mal. O castigo moral é mais destrutivo do que a própria peste. ..."

Leio agora outro trecho, reimpresso da *Review*, datado de 14 de agosto de 1856:

"Concede-vos porventura o Evangelho de Jesus o direito de usar da espada; de aparelhar-vos com armas carnais; de empregar a espada para fazer provisão para a vossa própria casa, para livrar o oprimido do poder do opressor; de transgredir o sexto mandamento de Deus, que diz 'Não matarás'? Jesus nos ensinou: 'Amai vossos inimigos'.

"Achais que vós, como cristãos que viveis sob o Evangelho, tendes permissão da Bíblia para envolver-vos em querelas políticas de qualquer espécie, seja legislando ou executando as leis do governo humano? Se assim pensais, creio que estais cometendo grande erro."

Isso foi o que a denominação disse em 1864. Apresentaram isso ao governo dos Estados Unidos como evidência de que não criam na guerra, de que não podiam portar armas e de que, se fossem convocados, não lutariam. O governo dos EUA ouviu seus representantes e tomou providências para que servissem em hospitais, onde podiam fazer a obra como ministros do Evangelho, cuidando dos doentes e apresentando a salvação aos moribundos. Se as coisas agora devem ser invertidas, devemos comparecer honestamente perante o governo e declarar que mudamos de parecer.

3

Oposto a todo princípio

Como já foi observado, a rejeição da mensagem de 1888 não ficou sem conseqüências. Aprendemos da história o que acontece quando a mensagem de Deus é rejeitada. "Onde a mensagem da verdade divina é desdenhada e tratada levianamente, ali a igreja se envolve em trevas. Esfriam a fé e o amor. Entram a separação e a discórdia." —*O Grande Conflito*, págs. 378 e 379. A condição laodiceana (Apocalipse 3:17) afetou a igreja a tal ponto que, ao sobrevir a grande crise, com a deflagração da Primeira Guerra Mundial, a maioria não estava preparada para a prova.

Antes que possamos discutir o que aconteceu durante a prova, devemos enfatizar novamente a posição original dos adventistas do sétimo dia no que diz respeito à participação na guerra.

Posição original: não-participação

Mais de cem anos atrás, quando tiveram que enfrentar a questão de pegar em armas ou não, especialmente em tempo de guerra, os adventistas, agindo em conformidade com os requisitos da Lei de Deus, decidiram:

"Somos obrigados a recusar-nos a participar de todo ato de guerra e derramamento de sangue." —Relatório da Terceira Assembléia Anual da Conferência Geral dos Adventistas (*The Review and Herald*, 23 de maio de 1865).

A posição adventista original — não-participação — tinha o selo da aprovação de Deus. Estava em harmonia com a Bíblia (João 18:36; Mateus 5:43, 44; Lucas 9:56; Mateus 26:52; João 15:14) e com o Espírito de Profecia. A irmã White escreveu durante a Guerra Civil [Americana]:

"Foi-me mostrado que o povo de Deus, que é Seu tesouro peculiar, não deve empenhar-se nesta guerra complicada." Por que não?

"Porque isso se opõe a cada princípio de sua fé. No exército eles não podem obedecer à verdade e ao mesmo tempo obedecer às exigências de seus comandantes." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 361. "Guerra e derramamento de sangue", de acordo com o Espírito de Profecia, é "um desprezo à Lei de Deus." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 7, pág. 974.

Do Século XIX para o Século XX

Antes do fim do século XIX a Igreja Adventista desde há muito caminhava em direção errada (*Testimonies*, vol. 5, págs. 75, 76, 84, 217; *Testimonies*, vol. 8, págs. 119, 249 e 250; etc). Apesar disso, sua condição espiritual naqueles dias era incomparavelmente melhor do que a atual. Sua posição original — não-participação — ainda era mantida, como se pode ver nos artigos publicados na *Review and Herald* e *The Signs of the Times*.

Eis uma interessante experiência resumida de um artigo da *Review and Herald* de 21 de junho de 1898.

"Muitas pessoas imaginam que a época em que pessoas calmas e inocentes sofriam reais perseguições por sua lealdade a Deus e a Sua Palavra ficou no passado e que os homens de nossos dias são esclarecidos demais para perseguir seus semelhantes por questões de consciência. Temos observado, porém, quase durante um ano um caso que mostra que todos os elementos da perseguição religiosa se acham tão presentes em toda parte hoje como no passado; e que uma perseguição sem precedentes, mais extensa e inexorável, não só é possível, mas é altamente provável, sim, realmente inevitável, visto que estão sendo feitos preparativos cuidadosos e sistemáticos nesse sentido. O caso em questão é altamente interessante e extremamente instrutivo, e visto que agora todo o incidente acabou, apresentaremos um breve relato dele."

Referimo-nos a seguir à experiência de um jovem adventista num dos países europeus.

Christen Rasmussen, um dinamarquês de dezenove anos de idade, foi convocado para o serviço militar em 1897, quando acabava de converter-se ao Senhor. O dia 10 de abril de 1897 caiu num Sábado. Por isso ele não se apresentou no quartel às 13 horas conforme exigia a carta de recrutamento que recebera. Em vez disso, apareceu somente após o pôr-do-sol. Depois de ser severamente repreendido por seu atraso, assumiu seu posto.

Durante a semana ele dirigiu-se ao comandante a fim de pedir dispensa aos Sábados, mas sua petição não foi deferida. Naquelas condições, o jovem entendeu que era seu sagrado dever obedecer antes ao Rei do Universo do que ao rei da Dinamarca. No Sábado de manhã permaneceu em seu quarto lendo a Bíblia. O cabo veio à sua procura, mas ele se recusou a agir contrariamente à sua consciência. Então veio o tenente e ordenou que ele ocupasse seu lugar na tropa, mas ele replicou:

— Não posso.

— Por que não? — perguntou o tenente.

— Porque é Sábado.

Finalmente Christen deixou seu quarto, acompanhando o tenente, mas recusou-se a tomar posição.

Então o jovem objetor de consciência foi levado perante o capitão.

— Por que não assumiu seu lugar? — perguntou o capitão.

— Porque Deus ordena: "O sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhuma obra."

— Bem, você é soldado e deve obedecer. Nada disso que você falou levamos em consideração aqui. Assume teu posto — disse o capitão.

— Não posso, senhor.

Visto que o jovem não cedia à pressão dos oficiais, um sargento recebeu ordens para lançá-lo na prisão.

Perante a corte militar, sua única resposta foi esta:

— O Deus que criou o céu e a Terra diz: "No sétimo dia, que é o Sábado do Senhor teu Deus, não farás nenhuma obra", e eu não posso fazer outra coisa senão obedecer-Lhe.

O jovem herói da fé foi condenado a dezoito dias de confinamento em prisão solitária, a pão e água. Depois de cada período de cinco dias na cela escura, permitiam-lhe passar um dia numa cela iluminada.

A pena que recebeu foi mais branda do que esperava: "oito meses de trabalho forçado na penitenciária." Devido à sua recusa em trabalhar no sétimo dia, cada Sábado ele era confinado numa cela escura e sem aquecimento, onde padecia muito frio. Passou menos de dois meses na prisão. Foi perdoado no octogésimo aniversário do rei.

Um jornal dinamarquês, *Aarhus Folkeblad*, de 19 de fevereiro de 1898, comentou o caso nos seguintes termos:

"Não se pode encontrar conforto no pensamento de que esse seja um caso isolado. Estou convicto de que logo haverá muitos. Só iremos ao cerne da questão quando admitirmos que homens como este poderão entrar em situação ainda mais difícil em tempo de guerra. Pois, tanto quanto sabemos, pertencendo aos adventistas do sétimo dia, recusar-se-ão terminantemente a lutar contra o inimigo com armas em punho. Apegar-se-ão estritamente ao quinto [sexto]* mandamento : 'Não matarás.'

"Deixar-se-ão matar, mas não matarão. Se isso é correto, e creio que é, então esses homens são inúteis como soldados, e podem, estourando uma guerra, cair no estado mais deplorável, podendo eles ser condenados à morte e colocando outros na embaraçosa situação de ser obrigados a pronunciar contra eles tão dura sentença."

Christen representava a posição histórica do povo adventista, cuja crença era a de que, no exército, um cristão não podia obedecer às ordens militares e ao mesmo tempo permanecer fiel à Lei de Deus. Naqueles dias entendia-se também que uma grande prova estava sendo reservada para o povo de Deus. O redator da *Review and Herald* (21 de junho de 1898), acrescentou o seguinte comentário:

"O povo dinamarquês é um dos mais bondosos, corteses e amáveis do mundo. Além disso, todos quantos entraram em contato com o jovem Rasmussen gostaram dele, e os oficiais elogiaram sua eficiência e pronta disposição. Contudo, a adoração do demônio militar gerou uma concepção tão falsa do dever que nenhum deles hesitaria em infligir-lhe qualquer espécie de castigo. Por quê? Porque, em suas mentes, o governo humano é maior do que o governo de Deus. O jovem Rasmussen foi punido, não porque os oficiais tivessem inimizade contra ele, nem porque fossem homens de coração duro. Longe disso. Ao contrário, causou-lhes dor. Fizeram isso com o sacrifício dos sentimentos pessoais para que pudessem cumprir aquilo que consideravam ser seu dever. A mesma coisa será feita em qualquer outro país do mundo, com a diferença de que a punição poderá ser mais rigorosa. Os reis e governantes da Terra se posicionaram contra Deus, arrogando-se o direito de desprezar a Sua Lei que diz: 'Não matarás.' E, como de costume, consideram levianamente as outras porções dessa Lei.

"Esse caso mostra a falácia de outra idéia que é acalentada por muitos, a saber, a idéia de que a perseguição religiosa é resultado do

* "Não matarás" é o quinto mandamento no catecismo católico e no catecismo luterano. Chamamos a atenção do leitor para o fato de que, de acordo com a Bíblia, na realidade a referência é ao sexto mandamento.

ódio aos princípios religiosos dos perseguidos. Nesse caso, aqueles em cujas mãos Rasmussen padeceu não tinham preconceito religioso. Não se importavam mais com o domingo do que com o Sábado. Era absolutamente sem importância para eles o tipo de religião que o soldado professava ou se não professava nenhuma. A única questão com que se preocupavam era garantir a obediência implícita e inquestionável aos regulamentos do exército. Se um homem os desrespeitava, nem por um momento levavam em consideração o fato de que assim o fazia em obediência a Deus. O castigo devia seguir-se até o amargo fim.

" 'Deve haver disciplina no exército. Ao contrário acaba-se a sua eficiência; e caso se mostre parcialidade, isso será o fim da disciplina.' Esse será o argumento de muitos, inclusive de alguns que ocupam cargos de influência na igreja. Pensai na impiedade de tal defesa! Deus e Sua Lei considerados de importância secundária na máquina militar! É mais importante conservar o exército do que considerar a Deus! A simples menção dessa idéia é suficiente para mostrar que se trata de crasso paganismo. Que esperança de paz na Terra pode haver enquanto reinarem tais princípios?

"A situação no futuro ficará pior do que no passado, pois professos ministros do Evangelho sancionam a guerra agora como nunca antes. Para os homens do governo é fácil erguer o clamor de 'humanidade' em justificativa de qualquer guerra ou empregar aquela palavra mágica, 'patriotismo'; e quando um país é 'cristão', há o argumento de que defender sua 'honra' é uma atitude cristã; de modo que aquele que se recusa a desobedecer à Lei de Deus — 'Não matarás' — será condenado, mesmo pelos ministros da religião, como traidor de seu Deus e de sua pátria.

"Já não é tempo de formularmos novamente a pergunta: 'Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; mas se Baal, segui-o'? (1 Reis 18:21) Nos assim chamados países cristãos, a pior espécie de paganismo está assumindo proporções esmagadoras. A grande maioria parece pensar que quando o 'governo' (que é, em essência, outro nome para o exército) manda desobedecer à Lei de Deus, não há alternativa senão desobedecer a ela. Os que se recusam a transgredir a Lei de Deus são vistos como culpados de ilegalidade e desobediência. Ignorar a Deus e exaltar o deus militar [acima do Deus verdadeiro]! Que é isso senão paganismo?

"Graças a Deus, ainda existem testemunhas fiéis da verdade, vozes solitárias no deserto a clamar: 'Eis o vosso Deus!' Quando vi-

erem os tempos de prova, essas vozes solitárias serão multiplicadas aos milhares. Há homens cujas vidas calmas de humilde obediência à Lei de Deus falarão mais alto do que quaisquer palavras. Esses resgatarão a muitos do acampamento de Satanás para alistá-los sob a bandeira do Príncipe da Paz."

Outros jovens adventistas na Alemanha também representaram a posição histórica da igreja. No livro *The History of the Advent Movement in Germany* (A História do Movimento Adventista na Alemanha) preparado por Jacob Michael Platt como tese de doutoramento em Filosofia pela Universidade de Stanford, o autor apresenta a seguinte informação baseada num artigo publicado na *Review and Herald* de 26 de setembro de 1907:

"Os jovens adventistas do sétimo dia, alemães, recrutados para as forças armadas antes de 1914 enfrentaram muitas dificuldades em resultado da fidelidade às suas crenças."

As autoridades militares criam que esses jovens simplesmente seguiam instruções recebidas de seus pastores. Por isso, em alguns casos, líderes da igreja foram chamados a dar explicações perante as cortes militares. Esses dirigentes foram suficientemente sábios para declararem que, embora fosse verdade que houvessem ensinado a obediência à Lei de Deus como um dever cristão, cada soldado agia de acordo com os ditames de sua própria consciência. Ficou claro que os soldados podiam pensar e decidir por si mesmos. Em nenhum caso puderam as autoridades provar que os soldados adventistas assim agiam ensinados por seus preceptores espirituais. Platt continua seu relatório:

"O Ministério da Guerra da Alemanha decidiu agir com estrita imposição da lei, esperando que a severidade do castigo obrigasse os jovens adventistas do sétimo dia a se submeterem. As autoridades militares ficaram espantadas ao constatar que esses soldados preferiam suportar rigorosos castigos a fazer trabalho servil aos Sábados."

Os jovens adventistas, em geral, sofreram cruéis castigos por sua decisão de antes obedecer a Deus que aos homens. Entre eles, Platt menciona dois: Hermann Gross e Hans Kraemer. Tendo sido condenados a oito anos de encarceramento em 1904, Gross passou quatro anos na prisão militar, muitas vezes em confinamento solitário e às vezes em cela escura. Kraemer recebeu pena semelhante. Finalmente ambos foram liberados por recomendação de oficiais médicos, os quais atestaram que confinamento mais prolongado lhes custaria a vida.

Platt narra um caso singular: Em 1903, Johann Strasser, que fora convocado para o exército, recusou-se a prestar serviços no Sábado. Os oficiais o interrogaram:

— Quanto tempo faz que você é observador do Sábado?

— Desde minha infância, como meus pais — replicou Johann.

As autoridades militares verificaram que Martin Strasser, o pai de Johann, fora condenado a três anos de prisão por recusar-se a trabalhar no Sábado quando estivera no exército, e convenceram-se de que Johann também permaneceria fiel às suas convicções religiosas. Por isso, dispensaram-no do serviço no Sábado.

"Devido ao crescimento de exemplos de fidelidade às crenças religiosas, os oficiais do exército alemão ficaram perplexos", Platt informa. "Era evidente que os soldados adventistas não violariam a consciência, fossem quais fossem as conseqüências. Durante quase nove meses, nos anos de 1904 e 1905, quando descobriam que um novo recruta era adventista do sétimo dia, era rejeitado como incapaz para o serviço militar. Mas o governo não continuou com essa política. Apesar de todos os rigores da disciplina militar alemã, as autoridades tratavam com relativa brandura os objetores de consciência. Não impunham aos adventistas do sétimo dia nenhum castigo maior do que prisão, trabalho forçado em fortificações ou serviço em hospitais."

Antes da Primeira Guerra Mundial, os adventistas tradicionais compreendiam que os cânticos de guerra não eram ouvidos no caminho estreito que leva ao Céu, mas apenas no caminho que leva ao abismo (*Testimonies*, vol. 2, pág. 595). Ficou claro para eles que a combatência é incoerente com a Lei de Deus. À pergunta: "Pode um cristão prestar o serviço militar?" eles só tinham uma resposta: "Não!" Eis uma evidência adicional citada em *The Signs of the Times:*

"Pode um cristão alistar-se no exército e ser soldado?"

"O cristão é alguém que se tornou servo de Cristo. 'Vós Me chamais Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque Eu o sou.' João 13:13. 'Um só é o vosso Mestre.' Mateus 23:8. 'Não sabeis que daquele a quem vos apresentais como servos para lhe obedecer, sois servos desse mesmo a quem obedeceis?' Romanos 6:16.

"Quem se torna servo de Cristo não pode aceitar outro mestre. 'Nenhum servo pode servir dois senhores; porque ou há de odiar a um e amar ao outro, ou há de dedicar-se a um e desprezar o outro.' Lucas 16:13.

"Apesar dessas claras afirmações, alguns julgam poder ser cristãos ao mesmo tempo em que, como soldados, prometem solene-

mente ser servos do governo, dispondo-se a qualquer momento a serem enviados para a frente de batalha e abrir fogo contra o inimigo. Na verdade, esperam isso ao se alistarem, ainda que em direta desobediência ao mandamento de Deus: 'Não matarás.' Êxodo 20:13.

"Qual é a ocupação do soldado? Não é lutar e guerrear? Mas 'ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser brando para com todos.' 2 Timóteo 2:24. E o Espírito Santo disse por intermédio de João Batista: 'A ninguém façais violência alguma.' Lucas 13:14 (KJV). Lede estas passagens: 'Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como Eu vos amei.' Lucas 15:12. 'O amor não faz mal ao próximo.' Romanos 13:10. 'Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem.' Mateus 5:44.

"Leitor, pensas sinceramente que podes servir a dois senhores?" —*The Signs of the Times*, 9 de abril de 1902, George E. Hollister.

A evidência até aqui apresentada mostra que a não-combatência, que naqueles dias equivalia à não-participação ou à oposição conscienciosa, era a posição tradicional da Igreja ASD com relação ao serviço militar, especialmente em tempo de guerra. E essa posição baseava-se na Bíblia (Novo Testamento) e no Espírito de Profecia.

A essa altura deve surgir na mente do leitor uma séria pergunta: Que resultados podem ser esperados se a igreja muda seu parecer — de não-participação para completa liberdade de participação? Continuará tudo como de costume? Podem a paz e a harmonia ser mantidas entre os membros como se nada de sério tivesse acontecido na igreja? Ou haverá uma crise e uma sacudidura? Essas perguntas aumentarão a importância do conteúdo deste livro para os adventistas sinceros quando descobrirem que tal mudança realmente aconteceu.

4

Grandes provações diante do povo de Deus

Enquanto a denominação adventista se recuperava da crise de 1902-1903 e fazia planos para expandir a Obra, começar novos empreendimentos e estabelecer novas instituições, a serva do Senhor advertiu a liderança e o povo da terrível crise que a igreja deveria enfrentar em futuro próximo. Foram-lhe mostrados os preparativos feitos no mundo político para uma série de conflitos que desencadeariam a Primeira Guerra Mundial e como esses conflitos afetariam o povo de Deus.

"As nações do mundo estão ávidas por entrar em conflito," havia ela escrito em 1900, "mas estão sendo detidas pelos [quatro] anjos. Quando esse poder repressor for removido, virá um tempo de dificuldade e angústia." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 7, pág. 967.

A irmã White escreveu o livro *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 9, durante um período de cinco anos, desde 1904 a 1909. Profundamente impressionada com as cenas contempladas em visão, ela começa o primeiro capítulo desse livro com uma nota de advertência:

"Vivemos no tempo do fim. Os sinais dos tempos a cumprirem-se rapidamente declaram que a vinda de Cristo está próxima. ... Pragas e juízos já estão caindo sobre os desprezadores da graça de Deus. As calamidades em terra e mar, as condições sociais agitadas, os rumores de guerra, são portentosos. Essas coisas prenunciam a proximidade de acontecimentos da maior magnitude.

"As instrumentalidades do mal estão-se conjugando e consolidando. Estão-se fortalecendo para a última grande crise. ...

"O estado de coisas do mundo mostra que temos justamente diante de nós tempos trabalhosos. Os jornais diários estão repletos de indícios de terrível conflito iminente." —*Testimonies*, vol. 9, pág. 11.

"O mundo está excitado pelo espírito de guerra. A profecia do capítulo onze de Daniel atingiu quase o seu cumprimento completo. Logo se darão as cenas de perturbação das quais falam as profecias." —*Idem*, pág. 14.

"Tremendas provas estão reservadas ao povo de Deus. O espírito de guerra agita as nações de uma a outra extremidade da Terra." —*Idem*, pág. 17.

Junto com essa advertência, ela citava, entre outras passagens, Isaías 24:1-8. O verso 1 menciona a destruição que a guerra causaria nos últimos dias: "Eis que o Senhor esvazia a Terra e a desola, transtorna a sua superfície e dispersa os seus moradores."

A despeito das advertências recebidas pelo povo do advento, a maioria não conseguiu enxergar o que realmente se escondia por detrás daquelas cenas. Apenas aqueles que, em atitude de oração, observavam os sinais dos tempos, viram que o mundo estava prestes a envolver-se num conflito de proporções internacionais, identificado como "o princípio das dores" (Mateus 24:8).

A Primeira Guerra Mundial não começou subitamente em 1914. As causas reais do conflito eram mais remotas. Tensões resultantes de atitudes políticas imprudentes adotadas durante anos alinharam as mais poderosas nações da Europa em dois blocos. Cada lado era orgulhoso, ciumento, cheio de suspeitas e de espírito nacionalista. Ambos os lados estavam fortemente armados e temerosos um do outro.

Sentindo que a guerra estava prestes a eclodir, líderes sábios, naquelas nações, fizeram o máximo para afastar o perigo iminente. Estabeleceu-se também em Haia, na Holanda, uma Corte Permanente de Arbitração, com o objetivo de ajudar as nações a resolver suas disputas. A primeira conferência de paz internacional, com a participação de 24 nações, realizou-se em Haia em 1899. A segunda conferência de paz, à qual 44 nações enviaram representantes, ocorreu em 1907. A Corte de Haia, contudo, não possuía praticamente nenhuma autoridade, e só podia ajudar a solucionar dificuldades entre nações contendoras dispostas a submeter-se a seu arbítrio.

Além dos esforços envidados pela Corte de Haia e as conferências realizadas nessa cidade, havia nos primeiros anos do século vinte também movimentos pacifistas organizados, patrocinados por pessoas ricas.

Alfred Nobel, o inventor sueco da dinamite, doou vultosa soma de dinheiro para ser distribuído em forma de prêmios como incentivo à paz e à cooperação entre as nações. Andrew Carnegie, industrial do ramo do aço na América do Norte, construiu o famoso Palácio da Paz para a Corte de Haia. Mas "as nações estavam iradas" (Apocalipse 11:18), para além da ajuda humana. Enquanto se construía o Palácio da Paz, um repórter escreveu:

"A construção do Palácio da Paz em Haia prossegue satisfatoriamente. Muito desânimo, porém, está a envolver essa casa de paz. Há perigosos obstáculos. Prova: Quando a construção foi aprovada, estourou a guerra dos bôeres. Quando os planos para a construção foram aceitos, começou a guerra russo-japonesa. Ao tempo do lançamento dos alicerces, o imperador alemão visitou o Tânger e começou o desassossego em Marrocos. Quando estava concluído o primeiro pavimento, a Áustria conquistou a Bósnia e a Herzegovina dos turcos. Quando chegaram ao segundo pavimento, começou a tensão franco-alemã sobre o Marrocos. Na conclusão da câmara ática, estourou a guerra turco-italiana. Tenho acompanhado com grande receio o progresso da construção. Quanto mais esse prédio se aproxima de seu término, pior a situação vai ficando. Quando penso que os vidraceiros, os assentadores (de papel de parede) e os decoradores ainda não começaram a trabalhar, fico a imaginar: O que vai acontecer então? Ouvi alguns comentarem sobre as grandes pinturas simbólicas de paz que deverão abrilhantar o triunfo do movimento pacifista. Estou receoso. Sempre que é completada uma parte desse edifício, em algum lugar do mundo ocorre uma chuva de granadas e bombas. Também algumas estátuas deverão ser colocadas na galeria desse palácio — Pax, Lex, Labor, etc. Cada uma custará milhares de vidas. E, finalmente, no dia em que o templo da paz for dedicado, cada um de nós andará com sua arma em punho. Iniciar-se-á então uma guerra mundial — todos contra todos. Portanto, solicito que esse palácio seja derrubado tão rapidamente quanto possível." — *Tägliche Rundschau* (Revista Diária), No. 473.

O espírito imperialista manteve acesa a tensão existente entre as potências européias. Antes de 1914, a Europa estava dividida em duas alianças militares rivais, conforme mencionado acima. De um lado havia a Tríplice Aliança da Alemanha, Austro-Hungria e Itália; e do outro lado a Tríplice Entente da Grã-Bretanha, França e Rússia.

Pouco antes da explosão das hostilidades em 1914, os dois blocos militares, por temor recíproco, aumentaram seus paramentos bélicos, o que, por sua vez, aumentou seus temores mútuos. Precisou-se apenas de uma pequena "centelha" — uma nova crise inter-

nacional — para desencadear o conflito iminente. Essa crise foi provocada em 28 de junho de 1914, quando o arquiduque austríaco Francisco Ferdinando e sua esposa foram assassinados em Sarajevo, capital da Bósnia, uma província que a Austro-Hungria havia recuperado dos turcos em 1908. E então a temida reação em cadeia começou. Quando a guerra acabou, em 1918, estimou-se que de todas as frentes de batalhas o saldo era de dez milhões de mortos e de vinte milhões de feridos.

Voltemos alguns anos antes da guerra. Em vista do que estava para acontecer naqueles dias agitados (1914-1918), a irmã White predisse o início de um tempo de prova e perseguição para a igreja:

"Aguarda-nos um tempo de grande provação. ... Estamos precisamente no tempo em que a perseguição sobrevirá a todos quantos proclamam a verdade. ... Mas para onde quer que o povo de Deus seja forçado a ir, ainda que banidos para as ilhas desertas, como o discípulo amado, Cristo saberá onde estão e os fortalecerá e abençoará, enchendo-os de paz e gozo.

"Logo há de haver perturbações por todo o mundo. Cumpre que cada qual procure conhecer a Deus. Não temos tempo para esperar. ... O amor de Deus à Sua igreja é infinito. Incessante é Seu cuidado de Sua herança. Ele não permite que aflição alguma sobrevenha à igreja senão unicamente a que é necessária para sua purificação, seu bem presente e eterno. Purificará Sua igreja assim como purificou o templo no princípio e no fim de Seu ministério na Terra. Tudo que Ele traz sobre a igreja em forma de provações e aflições, Ele faz para que Seu povo adquira mais profunda piedade e mais força para levar a todas as partes do mundo as vitórias da cruz." — *Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 391 e 392.

As provas e os sofrimentos têm efeito purificador sobre a igreja. Quando tudo parece estar em paz, não há diferença marcante entre as duas classes de crentes. Mas quando a estrita obediência a Deus é acompanhada de opressão e perseguição, ameaças de aprisionamento, tortura e morte, os crentes de coração falso distinguem-se claramente daqueles que fizeram de um "assim diz o Senhor" sua regra de vida. O povo adventista passou por essa desagradável experiência quando a serva do Senhor escrevia o livro *Testemunhos Para a Igreja*, volume 9. Freqüentemente ela indica o fato de que a crise vindoura revelaria dois grupos distintos entre os adventistas.

"As autoridades farão leis para restringir a liberdade religiosa. ... Pensarão que podem forçar a consciência, que só Deus deve reger. Já estão dando os primeiros passos numa obra que continuarão a

levar avante até as últimas conseqüências. ... Muitos tropeçam e caem, apostatando da fé que uma vez defenderam. Aqueles que se retratam no tempo de prova, hão de, em garantia de sua própria segurança, dar falsos testemunhos e trair seus irmãos." —*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 630.

"Graças a Deus, nem todos serão embalados para dormir no berço da segurança carnal. Haverá pessoas fiéis que discernirão os sinais dos tempos. Embora a grande maioria que professa crer na verdade presente negue a fé pelas suas obras, haverá alguns que permanecerão firmes até o fim." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 10.

"Logo o povo de Deus será provado por ardentes provas, e a grande proporção dos que agora parecem genuínos e verdadeiros demonstrar-se-á metal vil. ... Permanecer em defesa da verdade e justiça quando a maioria nos abandonar, ferir as batalhas do Senhor quando forem poucos os campeões — essa será nossa prova. Naquele tempo deveremos tirar calor da frieza dos outros, coragem de sua covardia, e lealdade de sua traição. ... A prova certamente virá." —*Idem*, págs. 136 e 137.

Alguns leitores talvez pensem que a prova muitas vezes predita não virá antes do decreto dominical. Não resta dúvida de que todos seremos provados quando a imagem da besta surgir antes do fim do tempo de graça. Promulgar-se-á um decreto que se espalhará pelo mundo inteiro exigindo a observância do domingo. Esse decreto trará a "prova final" (*O Grande Conflito*, pág. 605), o "último ato do drama" (*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 7, pág. 980). Quando Ellen G. White menciona a vinda da "prova", refere-se muitas vezes a um tempo probante, a uma série de situações penosas, que teve início com as provas preliminares e que terá seu fim com a prova final. Podemos comprovar isso em *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 630, retrocitado, bem como em outras declarações do Espírito de Profecia.

Outro ponto que deve ficar claro antes de passarmos para o próximo capítulo: a menos que compreendamos claramente o que significa a expressão "apostatar da fé", não teremos clara compreensão de determinadas declarações do Espírito de Profecia. Alguns dirão que apostatar da fé é o mesmo que abandonar a igreja. Não necessariamente. A história ensina que, século após século, a maioria apostatada não saiu da igreja. Ao contrário, assumiram o controle da igreja. Essa é a razão por que existe hoje grande família de igrejas caídas — Babilônia, tanto a mãe como as filhas (Apocalipse 17:5).

Em *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 334-336, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 65 e 66 e em muitos outros escritos proféticos referentes ao fim, lemos a respeito da maioria não reformada que manterá as rédeas do governo na Igreja Adventista até que seja tarde demais para mudança.

A conduta da maioria infiel foi profeticamente descrita nos seguintes termos:

"Há perante nós a perspectiva de uma luta contínua, com risco de prisão, perda de propriedade e da própria vida, para defender a Lei divina que os homens procuram anular. Nessa situação, os planos de ação mundanos instarão em que condescendamos exteriormente com as leis do país, por amor da paz e harmonia." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 712.

"Foi-me apresentado sob o nome de adventistas do sétimo dia, um grupo que aconselhava que a bandeira ou sinal que nos torna um povo distinto não deveria ser tão chocantemente defendida, pois julgavam não ser esse o melhor método para nossas instituições obterem êxito." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 385.

Em suas visões proféticas, a irmã White viu também outro grupo de adventistas do sétimo dia, a saber, a minoria fiel:

"Vi um grupo que permanecia bem guardado e firme, o qual não dava atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé do corpo de crentes. Deus olhava para eles com aprovação." —*Primeiros Escritos*, pág. 258.

"Nem todos neste mundo tomaram posição ao lado do inimigo de Deus. Nem todos se tornaram desleais. Há uns poucos que são leais a Deus; pois João escreve: 'Aqui estão aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.' Apocalipse 14:12." —*Testimonies*, vol. 9, pág. 15.

A primeira fase no cumprimento dessas predições foi vista em 1914-1918, durante as provas preliminares.

5

1914-1918 — A grande crise

O Senhor sempre deu a primeira oportunidade aos líderes, mas é lamentável dizer que, quando surgiu a crise perante a igreja em 1914, encontrou-os despreparados. A grande maioria dos membros na Europa foram incapazes de enxergar que seus líderes, levando os membros à combatência, estavam conduzindo a igreja a uma direção errada.

Durante essa ardente prova, a liderança dos ASD expediu declarações instruindo os irmãos a tomarem parte nos combates. Esses escritos trouxeram muita confusão nas igrejas. Milhares de adventistas do sétimo dia na Europa foram lançados em grande sofrimento e perplexidade, os quais, para evitar a perseguição e possível morte, consentiram em renunciar à guarda do Sábado, portar armas e agir como outros patriotas agiam. A grande maioria procedeu em conformidade com as decisões de seus líderes.

Foi somente uma pequena minoria de objetores de consciência que tiveram fé e coragem necessárias para defender a verdade e a justiça. Não eram desordeiros. Eram adventistas sinceros que permaneceram em defesa da Lei de Deus num tempo de crise, em que a igreja vacilava entre a lealdade e a transigência. Seu ponto de vista, porém, conflitava com a decisão dos líderes, cujo desejo era que a igreja não perdesse o favor do governo. Por isso os poucos que se mantiveram fiéis às suas convicções foram excluídos da comunhão da igreja. A perseguição e a tribulação que se seguiram em resultado dessa atitude faz parte da história denominacional. Na crise desencadeada pela Primeira Guerra Mundial, Deus tinha Suas fiéis testemunhas em cada país, como veremos nas páginas a seguir.

Desde o início da guerra, a Conferência Geral estava a par das dificuldades enfrentadas pela igreja na Europa. As contendas e divisões surgidas nas fileiras adventistas não foram ocultadas aos irmãos da sede. Por isso, em fins de 1916, William A. Spicer, secretário da Conferência Geral, foi enviado à Europa a fim de obter informa-

Unverkäuflich!

Nur für Gemeindeglieder der S. T. A.

Der Christ und der Krieg

und

die rechte Wachsamkeit

in den Verführungen der letzten Tage.

„Ich versehe mich zu euch in dem Herrn, ihr werdet nicht anders gesinnet sein. Wer euch aber irre macht, der wird sein Urteil tragen, er sei, wer er wolle." Gal. 5, 10.

— 18 —

Krieg zur Befreiung und im Schutz von vernünftigen Geschöpfen nötigenfalls auch am Sabbat einzustehen.

So haben wir nun gezeigt in allem bisher Gesagten, daß die Bibel lehrt

erstlich, daß die Teilnahme am Kriege keine Uebertretung des sechsten Gebotes ist;

zweitens, ebenso, daß Kriegführen am Sabbat keine Uebertretung des vierten Gebotes ist.

Wer das Gegenteil behauptet, soll einen einzigen Ausspruch aus der Heiligen Schrift oder den Zeugnissen bringen. Kann er das nicht, so sollte er sich hüten, Behauptungen und Beschuldigungen zu äußern, die er nicht beweisen kann.

Der Christ und der Krieg *(O Cristão e a Guerra). Neste folheto (pág. 18) a liderança da Igreja Adventista na Alemanha declarou sua nova posição*

ções de primeira mão sobre o problema e, se possível, encontrar uma solução. Se ele tivesse entrado em contato com a minoria excluída e ouvido também a sua versão da história, poderia ter levado para Washington, D. C., um quadro equilibrado da situação. Satisfez-se, porém, apenas com relatórios parciais que lhe foram apresentados pelos líderes europeus (principalmente por L. R. Conradi), responsáveis pelo problema e diretamente envolvidos na dificuldade. Assim, a visita do pastor Spicer, em vez de servir para resolver ou minorar a questão, serviu apenas para agravá-la.

Na Alemanha

Milhares de adventistas encheram-se de consternação e começaram a protestar quando leram a Circular de 2 de agosto de 1914, assinada pelo pastor G. Dail, secretário da Divisão Européia, e que continha as seguintes instruções:

"Devemos cumprir de bom grado nossos deveres militares enquanto estivermos servindo o exército ou quando formos chamados a servir, para que os oficiais encarregados encontrem em nós bravos e fiéis soldados, dispostos a morrer por seus lares, por nosso exército e por nossa pátria."

Para agravar a aflição desses objetores de consciência, o compromisso da liderança, de acordo com a declaração submetida pela União da Alemanha Oriental ao Ministério da Guerra (4 de agosto de 1914), assinada pelo presidente da União, H. F. Schuberth, foi providencialmente trazida ao conhecimento deles poucos dias depois. Dizia essa declaração:

"Comprometemo-nos a defender a pátria e, nessas circunstâncias, também portaremos armas no Sábado."

Outra coisa que chocou esses poucos fiéis foi a publicação do livreto *Der Christ und der Krieg* (O Cristão e a Guerra) em 1916. Na página 18, três dos principais líderes adventistas da Alemanha fizeram a seguinte declaração:

"Em tudo quanto dissemos, mostramos que a Bíblia ensina: primeiro, que tomar parte na guerra não é transgressão do sexto mandamento; segundo, que fazer serviço militar no Sábado não é transgressão do quarto mandamento."

Ninguém pode negar que ocorreu mudança fundamental na posição doutrinária da Igreja Adventista na Alemanha e que essa mudança afetou a Lei de Deus diretamente. Uma crise, seguida de separação, foi a conseqüência inevitável.

Mesmo os de fora comentaram sobre esse acontecimento. Um ministro luterano escreveu:

"A Guerra Mundial acarretou grande crise ao adventismo alemão. O *Kölnische Zeitung* (Jornal de Colônia), de 21 de setembro de 1915, escreve: 'Depois do início da guerra ocorreu um cisma entre os seguidores do adventismo. A maioria queria que seus ensinos fundamentais ficassem invalidados durante o tempo da guerra. A outra parte, ao contrário, desejava a santificação do Sábado mesmo durante esse tempo difícil. Tais diferenças de opinião resultaram finalmente na exclusão dos seguidores da antiga fé, da igreja.' Acima de tudo foi essa posição para com o serviço militar em geral que causou divisão.

"Já em 4 de agosto de 1914, a grande maioria dos adventistas alemães havia declarado num comunicado extremamente subserviente ao Ministério da Guerra em Berlim: 'No atual e solene tempo de guerra, consideramo-nos compelidos por uma questão de dever a permanecer em defesa da pátria, bem como, sob essas circunstâncias, a portar armas no Sábado.' Declaração semelhante foi enviada ao escritório do general comandante da sétima região militar em 5 de março de 1915. Assinavam essa declaração L. R. Conradi, presidente da Divisão Européia dos Adventistas, e P. Drinhaus, presidente da Associação Saxônica. Adotou-se, portanto, posição oficial contrária aos ensinos pacifistas adotados pela Associação Americana [dos adventistas]. Por essa razão, parte dos adventistas alemães opuseram-se a essa resolução oficial. Essa discordância resultou em amargo conflito. Os adventistas que eram favoráveis à participação na guerra e que se haviam tornado desleais aos princípios originais, voltaram-se de modo impetuoso contra os seguidores dos antigos ensinos. Num artigo publicado no *Dresdener Neueste Nachrichten* (As Últimas Notícias de Dresden), 12 de abril de 1918, eles chamam essas pessoas de 'elementos irrazoáveis' com 'idéias tolas', chegando a dizer as seguintes palavras indelicadas: 'Consideraríamos na realidade um favor feito a nós se tais elementos recebessem o destino que merecem.' No mesmo artigo, em exaltação de seus próprios méritos, narram detalhadamente seus feitos pela pátria. Achamos que essa contenda é algo extremamente desagradável. Por outro lado, os seguidores dos ensinos primitivos, num exemplar especial de seu periódico, *Wächter der Wahrheit* (Sentinela da Verdade), narram a grosseria sofrida da parte de seus irmãos hostis." Dr. Konrad Algermissen, *Die Adventisten* (Os Adventistas), págs. 22-24 (livreto publicado em 1928).

Um panfleto publicado pela Igreja Adventista na Alemanha tentou explicar nos seguintes termos a crise que acometeu o povo adventista durante a Primeira Guerra Mundial:

"Como filhos do Pai celestial, eles [os adventistas] cultivam a paz entre si e com os seus semelhantes em todo o mundo. Ao mesmo tempo, buscam, nesta época solene, manter os princípios que o Senhor da cristandade deu aos que são a luz e o sal da Terra. Onde existe recrutamento geral, eles [os adventistas] têm sempre estado prontos, como denominação, a cumprir seus deveres tanto em tempos de paz como em tempos de guerra, a exemplo de todos os outros cidadãos leais. Na observância do sétimo dia semanal, que é sua característica peculiar, desejam apenas ter os mesmos direitos outorgados a outros religiosos com respeito a seu dia de repouso.

"Ao eclodir a guerra, a denominação agiu firmemente de acordo com a lei do recrutamento, conforme seus membros tinham feito em tempos de paz. Desejavam, se possível, os privilégios que podiam ser concedidos a outros sob as mesmas circunstâncias. Milhares de seus membros estão no exército. Muitos deles tombaram no campo de honra na Europa e alguns nas colônias, ao passo que muitos outros receberam condecorações ou foram promovidos. Além disso, no início da guerra, muitos de seus membros, tanto homens como mulheres, trabalharam voluntariamente prestando serviços em ambulâncias, e a denominação colocou sem hesitar suas espaçosas instalações da missão à disposição da Cruz Vermelha.

"No decurso da guerra, contudo, houve lamentavelmente alguns membros que deixaram de confessar abertamente às autoridades suas próprias dúvidas pessoais de consciência, e preferiram afastar-se secretamente de seus deveres e ficar perambulando de lugar em lugar induzindo outros, pela palavra falada ou escrita, a adotar o mesmo procedimento. Quando a denominação os chamou a prestar contas pela sua conduta, acusaram os líderes de estar em apostasia. Portanto, eles tiveram de ser excluídos da comunhão, não por causa de suas convicções pessoais, mas devido à sua atitude anticristã e por se haverem tornado uma ameaça tanto à paz interna como à externa." —*Zur Aufklaerung* (Esclarecimento), págs. 2 e 3.

Numa carta circular intitulada *The European Situation* (A Situação Européia), o pastor C. H. Watson deu a seguinte explicação:

"Houve na Alemanha, e nesses outros países em questão, certa minoria de nossos crentes que se recusaram a seguir a liderança de Conradi e outros a participar na guerra como combatentes.

"Esses foram submetidos a muito sofrimento nas mãos de seus governos devido à posição que defendiam.

"Na Alemanha, os que se posicionaram contrariamente à ímpia ação de Conradi em submetê-los à guerra foram tratados com grande rudeza por ele e seus aliados. A resistência da minoria ao serviço militar ameaçava comprometer todo o corpo de adventistas aos olhos do governo alemão e, para evitar isso, Conradi mandou excluir a minoria da igreja.

"Assim a minoria não-combatente daquele país foi posta fora da igreja, e essa separação continuou através dos anos da guerra.

"Quando esse estado de coisas se tornou conhecido dos líderes da Conferência Geral, eles ficaram profundamente preocupados e enviaram W. A. Spicer à Alemanha num tempo em que era extremamente grave o perigo dos submarinos alemães. O irmão Spicer pôs em perigo sua própria vida a fim de obter informações de primeira mão sobre aquela circunstância.

"O resultado dessa visita foi que a Conferência Geral obteve informações diretas acerca:

a. do erro cometido contra essa minoria de crentes,
b. da divisão e rivalidade resultantes entre nossos membros alemães,
c. do desenvolvimento de amargura em ambos os grupos, e especialmente nos que foram injustiçados pelo procedimento de Conradi,
d. dos pontos de vista extremos a que esses grupos estavam impelindo uns aos outros com as suas diferenças."

Enquanto Conradi foi líder da denominação ASD, os representantes da Conferência Geral encobriram seus defeitos e o defenderam. Depois que ele deixou a Igreja Adventista, alguns líderes começaram a admitir o que deveriam ter admitido no início das dificuldades (1914-1920).

O reconhecimento do pastor Watson, contudo, é raríssima exceção. Ignorando os aspectos fundamentais do problema como um todo, as publicações adventistas que tratam dessa grande crise geralmente fogem do assunto. Um desses aspectos é que a minoria fiel foi excluída — fato que é normalmente ocultado.

Outra rara admissão da responsabilidade da igreja no tratamento dispensado aos objetores de consciência, encontra-se num livreto publicado pela Southern Publishing Association (Associação Publicadora do Sul), Nashville, Tennessee:

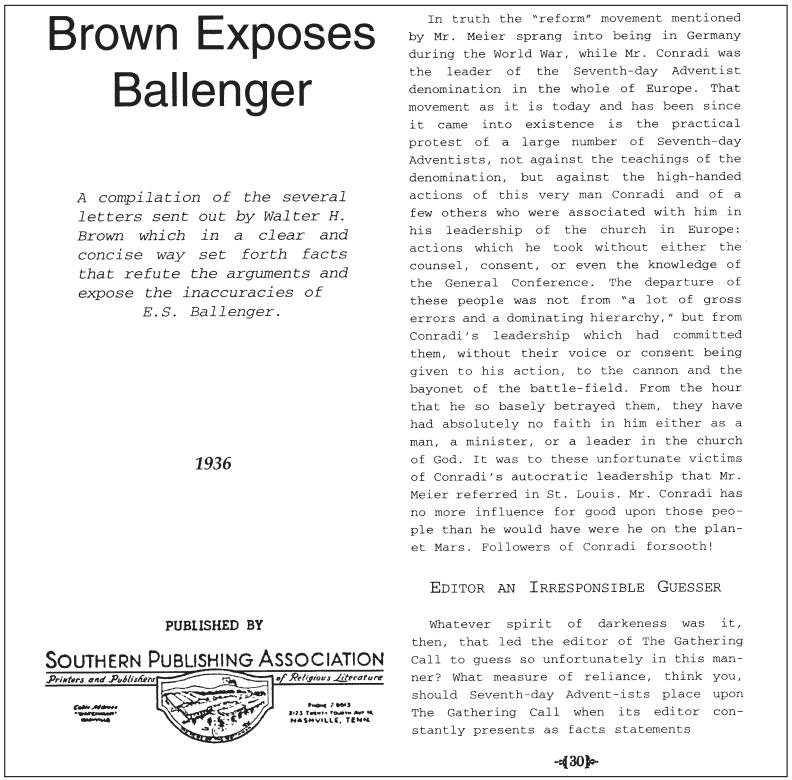
"Na verdade o movimento 'de reforma' ... nasceu na Alemanha durante a Guerra Mundial, enquanto [L. R.] Conradi era o líder da denominação Adventista do Sétimo Dia em toda a Europa. Aquele movimento, como é hoje e como tem sido desde que veio à existência, é praticamente a expressão de um protesto de grande número de adventistas do sétimo dia, não contra os ensinos da denominação, mas contra as ações arbitrárias de um homem, Conradi, e de alguns outros que estavam unidos a ele em sua liderança da igreja na Europa — ações que praticou sem consulta, sem permissão e mesmo sem o conhecimento da Conferência Geral. A saída desses crentes não proveio de um 'conjunto de erros grosseiros e de uma hierarquia dominadora', mas da liderança de Conradi que, sem ouvir-lhes a voz ou receber deles permissão, mandou que fossem submetidos ao canhão e à baioneta no campo de batalha. Desde a hora em que tão sordidamente os traiu, perderam completamente a fé que tinham nele como homem, como ministro e como líder da igreja de Deus." — Walter H. Brown, *Brown Exposes Ballenger* (Brown Desmascara Ballenger), pág. 30.

É verdade que Conradi e outros líderes da Europa traíram a confiança dessas "vítimas infelizes", conforme o pastor Brown admite em sua defesa escrita contra Ballenger. Mas o pastor Brown está grandemente equivocado ao dizer que Conradi agiu "sem consulta, sem permissão e sem conhecimento da Conferência Geral", pois as evidências provam exatamente o contrário. Além disso, o pastor Brown não declara os fatos corretamente quando diz que houve um "protesto" e uma "saída". Ele deveria ter dito que houve um "protesto" e uma "exclusão".

Durante a Primeira Guerra Mundial, bem mais de dois mil objetores de consciência foram expulsos da Igreja Adventista na Alemanha. Juntamente com os objetores de consciência de outros grupos religiosos, esses crentes fiéis foram submetidos à mais dura prova que os cristãos já foram chamados a suportar. Visto que a Alemanha não dispunha de provisão para acomodar esses heróis da fé, eles tiveram que enfrentar o pelotão de fuzilamento ou suportar os horrores da prisão.

Durante uma assembléia realizada na Iugoslávia, em 1933, o irmão Otto Welp apresentou o seguinte relatório, publicado por nossos irmãos iugoslavos:

"A sentença pronunciada contra os objetores de consciência era que, entre os homens qualificados para o exército, um de cada dez deveria ser executado. Depois, se os outros não cedessem, todo quinto homem seria morto, e finalmente cada segundo." Só Deus sabe, e o



Brown Exposes Ballenger

A compilation of the several letters sent out by Walter H. Brown which in a clear and concise way set forth facts that refute the arguments and expose the inaccuracies of E.S. Ballenger.

1936

PUBLISHED BY

SOUTHERN PUBLISHING ASSOCIATION

Printers and Publishers of Religious Literature

In truth the "reform" movement mentioned by Mr. Meier sprang into being in Germany during the World War, while Mr. Conradi was the leader of the Seventh-day Adventist denomination in the whole of Europe. That movement as it is today and has been since it came into existence is the practical protest of a large number of Seventh-day Adventists, not against the teachings of the denomination, but against the high-handed actions of this very man Conradi and of a few others who were associated with him in his leadership of the church in Europe: actions which he took without either the counsel, consent, or even the knowledge of the General Conference. The departure of these people was not from "a lot of gross errors and a dominating hierarchy," but from Conradi's leadership which had committed them, without their voice or consent being given to his action, to the cannon and the bayonet of the battle-field. From the hour that he so basely betrayed them, they have had absolutely no faith in him either as a man, a minister, or a leader in the church of God. It was to these unfortunate victims of Conradi's autocratic leadership that Mr. Meier referred in St. Louis. Mr. Conradi has no more influence for good upon those people than he would have were he on the planet Mars. Followers of Conradi forsooth!

EDITOR AN IRRESPONSIBLE GUESSER

Whatever spirit of darkeness was it, then, that led the editor of The Gathering Call to guess so unfortunately in this manner? What measure of reliance, think you, should Seventh-day Advent-ists place upon The Gathering Call when its editor constantly presents as facts statements

-{30}-

Brown Exposes Ballenger *(Brown Desmascara Ballenger). Aqui (pág. 30), L. R. Conradi, que era o presidente da Divisão Européia, é culpado da separação que teve lugar na Europa durante a Primeira Guerra Mundial. Veja-se a página anterior*

dia do juízo revelará, quantos objetores de consciência foram realmente executados. Naquele tempo eles eram muitas vezes desprezados como covardes que temiam ir para a frente de batalha, embora hoje sejam considerados heróis que se recusavam a tirar vida humana e que não temiam morrer por suas convicções. Os que sobreviveram ao fuzilamento foram mantidos na prisão até o fim da guerra.

De igual modo, em outros países que tomaram parte na guerra, os adventistas fiéis passaram por grandes dificuldades.

Na Romênia

Quando surgiram as hostilidades na Europa, os líderes da União Romena da Igreja ASD estimularam seus membros a tomar parte na

guerra. Uma declaração publicada em 4 de agosto de 1914 por P. P. Paulini e G. Danila, respectivamente presidente e secretário da União, dizia:

"Os membros que foram convocados para prestar serviço militar não devem perder de vista o fato de que, em tempo de guerra, todos devem cumprir plenamente seus deveres. Em Josué 6, vemos que os filhos de Deus pegavam em armas e cumpriam seus deveres militares mesmo no dia de Sábado. ... Portanto, em reunião especial com nossos líderes, à qual compareceu grande número de crentes convocados para portar armas, chegamos à conclusão de que todos os membros devem cooperar com essa disposição."

A seguinte decisão foi posteriormente publicada num periódico denominacional da Romênia:

"Nós, a União dos Adventistas do Sétimo Dia na Romênia, tornamos público o ponto de vista bíblico de que o serviço militar e o chamado para pegar em armas é um dever imposto pelo Estado, a quem Deus deu legítima autoridade, de acordo com 1 Pedro 2:13 e 14 e Romanos 13:4 e 5.

"A Comissão da Conferência Geral adotou essa mesma posição durante sua reunião de novembro de 1915. Portanto, os diversos países do mundo têm plena liberdade nessa questão para, a seu próprio modo, continuarem a enfrentar esses requisitos legais conforme têm feito até agora." —*Curierul Misionar* (Mensageiro Missionário), 1916, nº 3, pág. 35.

A posição de combatência adotada pela liderança adventista causou muita confusão também na Romênia, onde os poucos fiéis que permaneceram em defesa da Lei de Deus foram muito maltratados pelos líderes, sofrendo não apenas crítica e difamação, mas também exclusão e perseguição. Delatados às autoridades, eles foram separados uns dos outros, aprisionados e torturados (só Deus sabe quantos morreram em tais circunstâncias), ao passo que os membros regulares, que seguiam as recomendações dos líderes da igreja, não enfrentaram problemas, porque estavam dispostos a fazer o que todos faziam. Os líderes explicaram a posição oficial da igreja nos seguintes termos:

"Houve casos em que os irmãos da Alemanha perguntaram: 'Que devemos fazer durante a guerra?' A resposta foi: 'Permanecei fiéis a Deus, mas fazei o que todos estão fazendo.' E o que aconteceu? Nos lugares onde os soldados conseguiam permissão para repousar no domingo e santificá-lo, nossos soldados se dirigiam a seus coman-

dantes com a petição: 'Solicitamos que nos dêem o Sábado livre.' ... Mas onde nem se podia pensar em dias santos, teria sido uma atitude de estranha da parte de nossos irmãos pedir permissão para guardar o Sábado." —*Curierul Misionar*, 1916, nº 3, pág. 37.

O que aconteceu em outros países europeus também ocorreu na Romênia. Alguns objetores de consciência distinguiram-se como heróis. Gheorghe Panaitescu relata as seguintes experiências:

"Quando a Romênia entrou na guerra em 1916, três fiéis adventistas de um único regimento foram condenados a ser executados por um pelotão de fuzilamento porque se recusaram a servir como combatentes. Um deles foi chamado e ordenou-se-lhe que cavasse a própria sepultura. Depois, estando ele à beira da cova, o comandante fez-lhe o seguinte apelo:

" 'Soldado, por causa da sua posição como objetor de consciência, você foi condenado ao fuzilamento. Antes, porém, de morrer, você terá breves momentos para meditar sobre o que vai fazer. Pense na sua família. Se quiser escapar ao fuzilamento, tome a arma e vá para a frente de batalha. Nem todos os soldados morrerão em combate. Muitos voltarão para casa, para o seio da família. Considere isto rapidamente.'

"Aquele irmão respondeu que havia muito tempo já pensara sobre isso e que estava decidido a permanecer firme em sua posição, pois não podia agir contrariamente à consciência. Quando o comandante percebeu que aquele irmão estava realmente decidido, disse-lhe:

" 'Siga-me!' E o conduziu para outro local.

"Ouviu-se um tiro disparado no ar, a cova foi enchida com terra e foi derramado um pouco de sangue de animal nos arredores.

"A seguir o comandante convocou o segundo irmão e lhe fez o mesmo apelo, acrescido desta advertência:

" 'Veja, o seu irmão está morto e enterrado nesta cova em virtude de sua obstinação. Esta segunda cova está reservada para você, caso continue a mostrar a mesma atitude inflexível.'

"O segundo homem respondeu:

" 'Se meu irmão permaneceu fiel a Cristo até a morte, eu também permanecerei fiel Àquele que nos ensinou a amar uns aos outros, porque não quero perder a coroa da vida.'

"Repetiu-se o mesmo procedimento. Outra vez foi disparado um tiro no ar, a cova foi coberta e algumas gotas de sangue derramadas no solo.

"Quando o terceiro irmão foi chamado, o comandante apontou as duas covas e lhe disse:

" 'Eis onde jazem os corpos de seus dois irmãos. Eles perderam a vida por causa da teimosia. Mas você ainda tem uma chance para salvar a vida. É fácil. Pegue a arma e cumpra os deveres militares para não ser fuzilado. Depois que a guerra acabar, você poderá viver em paz e seguir, contente, a religião.'

"O terceiro homem começou a pensar. Durante algum tempo ficou hesitante. Finalmente declarou-se pronto a portar armas, ir para a frente de batalha e fazer tudo quanto os outros combatentes faziam. Então, disse o comandante:

"Você vai ser fuzilado, porque não é fiel a seu Deus como foram seus outros dois irmãos. É um hipócrita. Um covarde. Se você não serve a seu Deus, não podemos confiar em que servirá o nosso governo. Você vai acabar atirando no ar e, quando em perigo, vai dar vantagem ao inimigo. Seus dois irmãos, que mantiveram o propósito de permanecer fiéis a Deus, sobreviveram; mas você será executado!

"Então ordenou que o pelotão de fuzilamento atirasse.

"Os dois sobreviventes, que não negaram a fé, foram forçados a trabalhar nos campos e, ao fim da guerra, voltaram para casa. Foi então que a história toda se tornou conhecida entre os irmãos na Romênia."

Eis outro caso interessante, relatado pelo irmão Panaitescu. Por causa de suas convicções religiosas, que não lhe permitiam ser combatente, um fiel irmão adventista foi condenado à morte pela corte marcial. Virando-se de costas para a sepultura, pediu permissão para fazer a última oração nesta Terra. Ajoelhando-se, orou em voz alta implorando a Deus que fosse misericordioso para com seus algozes e perdoasse a todos quantos fossem responsáveis pela pena de morte que ia ser aplicada. Antes que ele terminasse de orar, aconteceu que um oficial de alta patente passava por ali e perguntou o que estava acontecendo:

"Quem deu ordens para atirar neste homem? E por que motivo?"

Em poucas palavras, os soldados explicaram o problema: O homem seria executado porque, sendo objetor de consciência, afirmava não poder quebrar a Lei de Deus. Portanto, não podia portar armas nem fazer nenhum trabalho secular aos Sábados.

"Este homem não deve morrer", replicou o oficial. "Ele irá comigo à corte marcial e eu o defenderei."

Em essência, o apelo que o oficial fez na corte, em defesa desse crente fiel, foi o seguinte:

"Temos aqui um homem diante de nós. Um homem que é consciencioso no cumprimento de seus deveres religiosos e que prefere morrer a quebrar os mandamentos de Deus, é um grande homem. Este é o tipo de homens de que a Romênia precisa, e nós não temos máquinas para fabricá-los em um só dia. Nem todos os homens competentes vão à frente de batalha. Muitas coisas precisam ser feitas em todo o país, longe da linha de fogo. Há homens que não nasceram para matar — homens que possuem convicções religiosas — homens que podem ser uma bênção para a humanidade em muitas outras ocupações. Para o melhor interesse do país, não eliminemos tais homens, mas preservemos-lhes a vida."

Em alguns casos, Deus foi honrado em livrar Seus servos fiéis de maneira miraculosa. Em outros casos, Deus foi honrado em dar a Seus servos fiéis força e resignação para sofrer o martírio. Qualquer que tenha sido o caminho escolhido por Deus, Ele sabia o que estava fazendo. Que Seu nome seja honrado e glorificado!

Na Rússia

Também na Rússia houve a minoria de crentes adventistas que, por causa de suas convicções religiosas, se recusaram a tomar parte na guerra. Lemos num livro adventista:

"Algum tempo depois de iniciada a guerra, nossos líderes na Rússia souberam que o governo havia condenado cerca de setenta de nossos irmãos a trabalhos forçados, e acorrentados, durante um período de dois a dezesseis anos. Milhares de jovens de outras denominações sofreram condenação semelhante. Mas o olhar amorável de Deus seguia esses cristãos sofredores. Ele via suas mãos algemadas, e ouvia seus clamores de angústia. Por isso lhes trouxe livramento de modo inesperado. Com a queda do velho regime, surgiu um novo e ... o novo governo expediu decretos concedendo anistia aos objetores de consciência e isentando-os de pegar em armas." — Matilda Erickson Andross, *Story of the Advent Message* (A História da Mensagem do Advento), págs. 173 e 174.

Além desses setenta, deve ter havido outros adventistas fiéis cuja fé e coragem foram severamente provadas.

Um recém-convertido, cujo coração estava repleto do primeiro amor, mostrou coragem entre outros heróis da fé. Depois de liberado da prisão, ele contou sua história:

"Eu havia tentado explicar que era contra meus princípios religiosos portar armas, mas que estava disposto a servir meu país com toda a minha capacidade em outra circunstância. Entretanto, ninguém me deu ouvidos. Finalmente nossa companhia foi convocada, e nos alinhamos diante de um grande depósito de armamento. Recebemos ordens para pegarmos as armas de fogo. Havia uma para cada soldado. Todos se inclinaram em obediência à ordem. Somente eu permaneci de pé orando fervorosamente a fim de receber graça suficiente para aquele momento crucial.

"O comandante logo perguntou:

— " 'Você não entendeu a ordem?'

— "Depois que respondi afirmativamente, ele perguntou outra vez:

— " 'Bem... e não é necessário obedecer ordens?' E irritado: 'Que nova idéia é essa?'

"Todos os olhos se fixaram em mim. Eu achei que devia responder, mas antes que eu começasse a falar, o oficial me deu ordens para apanhar a arma sem mais comentários.

— " 'Não posso', respondi.

"Ele rapidamente sacou da espada e, colocando-se em posição ofensiva, disse furiosamente:

— " 'Você conhece a lei.'

"Então, virando-se para o sub-oficial, disse:

" 'Vou matar você, pois devo ser obedecido.'

"Eu realmente esperava que num golpe fatal a espada do comandante me degolasse, embora não estivesse com medo nenhum. Aquela espada erguida não me parecia nada mais que um pedaço de papel. Por alguns instantes ele se manteve naquela posição. Então como se tivesse ouvido uma ordem para embainhar a espada — não duvido de que tenha sido uma palavra de verdade, de nosso Pai celestial — ele abaixou a espada e mandou que alguns soldados me lançassem na prisão.

"Era fevereiro, e fazia muito frio. O cárcere era antigo e estava em ruínas. Despojaram-me de tudo, exceto de minha Bíblia e de um velho e puído cobertor, insuficiente para me agasalhar completamente quando eu, deitado no gelado piso de chão batido, era açoitado pelas rajadas de vento que atravessavam as muitas frestas nas paredes. Peguei um grave resfriado e comecei a tossir sangue. ... Fui liberado sem maiores indagações.

"Cinco ou seis dias depois, todos os soldados foram despertados à noite em suas barracas por um oficial. Esse trazia uma notificação de que eu deveria comparecer perante um tribunal e ser julgado. ... Sabendo que, de acordo com a lei, minha sentença seria a

morte ou prisão perpétua na Sibéria, senti que devia naquele momento dar um testemunho de meu Mestre. Quase toda noite os rapazes me pediam que eu lhes falasse. ...

"Certo dia apareceu um padre que queria, de toda maneira, dissuadir-me do meu ponto de vista. Quando viu que seria inútil continuar insistindo, ficou muito irado e, dirigindo-se aos soldados de minha tropa, disse:

" 'Gente, não ouçam este homem. Não falem com ele. Está leproso.'

"Isso, porém, só serviu para divertir os rapazes, que ficaram cada vez mais ávidos de me ouvir falar. ...

"Finalmente, fui levado a julgamento. A acusação que pesava contra mim foi lida, a saber, minha recusa em portar armas. ... Veio a sentença: 'Dezoito anos na Sibéria. Os dois primeiros em pesadas correntes. Os oito seguintes, em trabalhos forçados e severo isolamento. Os oito restantes em serviço do governo.' Depois desses dezoito anos eu poderia voltar, não para qualquer cidade, e deveria comparecer perante alguma autoridade policial toda semana. ...

"Fui imediatamente algemado e levado à cadeia, enquanto esperava ser enviado à Sibéria. ... [Nesse meio tempo] fiquei em cela isolada com a mais escassa provisão imaginável de mantimento. ...

"Fiquei nessa prisão até 29 de abril de 1917, quando mudou o governo, com a queda do velho e despótico regime do czar. ... Nessas novas circunstâncias, encontrei um querido irmão da mesma fé, também preso sob a mesma acusação. Passamos muitas horas felizes juntos em estudo da Bíblia e em oração. Quando nossos casos foram resolvidos, ele ficou livre e foi enviado para casa, e a mim me disseram que continuasse no exército, mas sem realizar tarefas de combatência." —W. A. Spicer, *Providences of the Great War* (Providências da Grande Guerra), págs. 129-131.

Durante a Primeira Guerra Mundial, muitos adventistas passaram por provas e perseguições de outra natureza, não diretamente relacionadas com questões militares. E o Senhor muitas vezes mostrou Sua poderosa mão para salvar os fiéis, que punham sua confiança inteiramente nEle.

Um general russo, por exemplo, ameaçou banir todos os adventistas de uma cidade da Letônia e matar os que ousassem permanecer ali. Aconteceu que no exato dia em que ele havia marcado para executar essa decisão, foi destituído do cargo e recebeu ordens para apresentar-se no quartel-general. Naquele dia, que era um Sábado, os irmãos estavam jejuando e orando, e o Senhor frustrou os planos daquele ímpio general.

Em outro lugar da Rússia, certo juiz, com a ajuda do padre local, jurou que "não permitiria que nenhum adventista colocasse o pé no território" sob sua jurisdição. Mas estourou a revolução, e aquele ímpio juiz, acostumado a injustiçar o povo com atitudes arbitrárias, foi capturado pelo populacho e enforcado numa árvore.

Na Inglaterra

Não sabemos quantos objetores de consciência havia na Grã-Bretanha quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, mas havia alguns. Certo adventista sincero, ao ser convocado para receber a arma, declarou que não podia lutar.

— Não pode lutar? — estranhou o oficial. — O que você quer dizer com isso?

O soldado explicou seu ponto de vista em breves palavras.

— Recusar-se a lutar contra o inimigo significa morte — disse o oficial do comando.

— Eu esperava que isso acontecesse — respondeu o reservista.

— Porém, você será fuzilado — disse o oficial. — Não posso fazer mais nada a não ser mandar que atirem em você.

— Sim — disse o jovem. — Eu sei que esse é seu dever como militar. Eu já esperava enfrentar isso. Mas, tendo Cristo como meu exemplo, não posso pegar em armas.

O oficial hesitou por um momento enquanto a batalha prosseguia violentamente. Então tomou providências para que esse irmão servisse como não-combatente, de acordo com sua consciência religiosa. Estamos narrando somente o que aconteceu. Nem tudo o que esse soldado fez está de acordo com a nossa posição como Movimento.

Depois de um ano ou mais, o jovem obteve transferência de função. Tendo sido designado para dirigir um caminhão de munições, uma vez mais seus escrúpulos de consciência o colocaram em dificuldades quando declarou a seu comandante que não podia fazer isso.

— Não pode levar a munição até a frente de batalha? Que quer dizer com isso?

O soldado tornou a explicar suas convicções.

— Você será levado perante a corte marcial imediatamente.

— Sim — replicou ele — mas não posso fazer esse tipo de trabalho.

Somente depois de haver demonstrado coragem inflexível na defesa de suas convicções e na aceitação de suas conseqüências, de-

ram-lhe uma ocupação alternativa. (Condensado do livro *Providences of the Great War*).

Outro jovem contou sua experiência da seguinte maneira:

"Eu estava sozinho no cais no meio de mais ou menos novecentos homens desesperados, com guardas armados por todos os lados. Durante a manhã o comandante da guarnição, fazendo a ronda, mandou buscar-me.

— Você deve trabalhar com este grupo até às seis horas da tarde — disse-me ele — sem essa idéia maluca de Sábado que nos apresentou na semana passada.

— Desculpe, senhor — disse eu — mas, embora eu não queira ser um criador de casos, devo seguir minhas convicções.

O oficial vociferou:

— Olhe aqui! Se esses homens o virem recusando-se a trabalhar ao pôr-do-Sol e se rebelarem, você será o responsável e estará sujeito a fuzilamento. ... Hoje você vai aprender a não se rebelar. Volte ao trabalho.

Nesse conflito desesperado, quando o soldado já começava a recuar interiormente, sentiu-se encorajado com o pensamento de que não estava sozinho nessa provação. Sabia que onze outros irmãos adventistas estavam na mesma fornalha da aflição. A constante oração foi sua principal fonte de força.

Quando a negra e solitária sexta-feira estava prestes a findar, ele disse a seu superior imediato:

— Lamento, mas não posso mais trabalhar hoje.

Instantaneamente vários guardas o agarraram e o arrastaram para detrás de alguns montes de aveia, longe da vista dos demais prisioneiros, e ali o espancaram. Depois o acorrentaram e o lançaram numa pequena cela.

"Um oficial veio ter comigo", continua ele, "e disse-me num tom um tanto conciliatório:

— Todos os seus companheiros recobraram o bom senso e estão neste momento trabalhando tranqüilamente. Lamento que você esteja tão desorientado a ponto de trazer sobre si este castigo. Por que não muda de parecer e não desiste dessa idéia impraticável de Sábado, como fizeram seus amigos?

— Não posso ser infiel às minhas crenças, mesmo que os outros o sejam — repliquei.

"À medida que os passos do guarda se distanciavam, comecei a pensar, no silêncio da solidão: Certamente todos os meus companheiros não poderiam ter falhado. Contudo, eu deveria escutá-los se eles estivessem nas celas adjacentes. Depois de alguns minutos, assobiei suavemente dois compassos do hino 'O Senhor é minha luz, meu gozo, minha canção'. Nenhuma resposta. O desânimo começou a apoderar-se de mim. Assobiei o primeiro compasso do hino novamente, e um pouco mais alto. Subitamente o segundo compasso veio da cela adjacente. O cântico dos anjos não podia ter sido mais doce aos pastores do que foi para mim aquele hino assobiado a dizer-me que meus companheiros tinham pela graça de Deus suportado outra prova do Sábado e que estavam regozijando-se em Jesus."
—Condensado do livro *Seventh-day Adventists in Time of War* (Os Adventistas do Sétimo Dia em Tempo de Guerra), de F. M. Wilcox.

Outros irmãos que também sofreram tratamento cruel em prisões contaram-nos suas experiências.

Visto haverem-se recusado a trabalhar no Sábado, foram impelidos como animais selvagens para as celas em meio a imprecações e estalar de chicotes. Ali foram imediatamente algemados. As algemas eram tão pequenas que lhes cortaram as carnes da parte superior das mãos. Depois o sargento debochou deles e esmurrou-os.

Esses jovens foram também submetidos ao que se chamava de "castigo de campo número um" ou "treinamento com pesos". Esse suplício consistia em dois pesos enormes sobre as costas e o tórax, com os quais os prisioneiros tinham que correr de um lugar para outro durante uma hora.

Um desses soldados, tachado como chefe do motim, foi tratado com tanta crueldade e violência que acabou desmaiando e espumando pela boca. Ele não morreu, como temiam que acontecesse, mas ficou em estado grave durante algum tempo.

Sexta-feira de manhã, alinharam-se todos perante o sargento principal, que lhes perguntou o que haviam decidido com relação ao Sábado que se aproximava. Quando disseram que era seu dever antes obedecer a Deus que a homens, guardando o dia santo do Senhor, foram mandados calmamente de volta para as celas. O castigo que receberam foi o isolamento solitário a pão e água, junto com um treinamento diário com peso durante sete dias.

No Sábado seguinte, visto haverem-se esses soldados adventistas recusado a quebrar a Lei de Deus, receberam o mesmo tipo de castigo, que se estendeu por duas semanas. Parecia-lhes que morrer na prisão era somente uma questão de tempo. Oravam ao Senhor continuamente a fim de que Ele lhes concedesse força para suportarem a prova.

Numa sexta-feira, no fim de um período de quatorze dias, um oficial da prisão foi comissionado a falar-lhes em separado. Ele disse a cada um que todos os outros haviam desistido, e sugeriu que cada um fizesse o mesmo. Essa foi a mais severa prova que lhes sobreveio numa ocasião em que se achavam fisicamente fracos pela fome e pela exaustão. Mas Deus inspirou cada um deles com suficiente valor para replicar:

— Ainda que fique só eu, continuarei a obedecer a Deus em vez de ao homem. Também guardarei Seu santo Sábado.

Então um ou dois do grupo começaram a assobiar um hino, e logo estavam todos assobiando, transmitindo entre si a certeza de que todos eram leais a Deus. Em resposta à oração, sua força era renovada dia a dia. —Condensado e adaptado do livro *Seventh-day Adventists in Times of War*.

Nos Estados Unidos

Nesse país, os objetores de consciência receberam em geral, mas nem sempre, direitos de isenção por parte das autoridades militares. Quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial, vários soldados adventistas foram submetidos a severas provas por causa de sua atitude como objetores de consciência. Citamos:

"Houve várias ocasiões em que a própria existência de nossa obra foi ameaçada por aqueles que tinham autoridade militar, devido a interpretações errôneas e falsos rumores enviados à sede do governo. O departamento federal da justiça recebeu, nos seis primeiros meses da guerra, mais de dez mil queixas contra nós, contra nossa literatura e contra nossa obra.

"Muitos de nossos rapazes tiveram que sofrer terríveis maus tratos nas mãos de oficiais militares e soldados rasos por sua lealdade aos princípios religiosos. ... O Sábado foi a maior prova de todos os nossos jovens no exército. Mais de uma centena deles foram levados perante cortes marciais por recusar-se a prestar serviço militar no dia de Sábado. Mais de trinta foram condenados a cumprir pena de dez a quinze anos como prisioneiros militares em regime de trabalho forçado em Fort Leavenworth.

"Quando chegaram a Leavenworth, suas dificuldades tinham apenas começado. Os carcereiros se empenharam em obrigar nossos jovens a trabalhar no Sábado na tarefa ordinária de quebrar pedras. Naturalmente, eles não podiam fazer essa espécie de trabalho na prisão mais do que fora dela nos campos militares.

"Os carcereiros tentaram coagi-los pela imposição de terríveis castigos. Por recusarem-se a trabalhar no Sábado, esses jovens foram privados da ração diária, que foi substituída por água e algumas magras fatias de pão. Foi aumentada a quantidade de pedra que deviam quebrar durante o dia, e à noite eram confinados em prisões subterrâneas, onde dormiam em camas que não passavam de tábuas de madeira rústica e grosseira, expostos à umidade e ao frio. Receberam esse castigo por duas semanas. Quando se recusavam pela segunda vez a trabalhar no Sábado, recebiam rações ainda menores e suas mãos eram algemadas para atrás, quase à altura dos ombros, por trás das grades de suas celas, sendo obrigados a permanecer nessa posição desconfortável nove horas por dia. Outros foram confinados durante meses em celas escuras e imundas, onde não podiam ficar de pé nem deitar sem ser comprimidos pelo espaço exíguo do cubículo." —F. C. Gilbert, *Divine Predictions* (Predições Divinas), págs. 397-399.

Fizeram-se apelos ao senador W. G. Harding, que, posteriormente, se tornou o vigésimo nono presidente dos Estados Unidos e, por seu intermédio, aqueles prisioneiros militares adventistas foram liberados daqueles suplícios desumanos e desobrigados do trabalho no Sábado enquanto na prisão. Finalmente foram postos em liberdade condicional.

É prazeroso saber que alguns fiéis cristãos, seguindo suas convicções pessoais, resolveram antes obedecer a Deus que a homens, e que estavam preparados para sofrer mesmo o martírio por amor a Cristo, se necessário. Não pomos objeção a esses crentes conscienciosos, embora não possamos concordar com eles em todos os pontos. Por outro lado, de acordo com as evidências inclusas neste livro, o leitor perceberá que a posição oficial adotada pela Igreja Adventista como coletividade difere completamente da posição independente adotada por aqueles adventistas sinceros como indivíduos.

6

1919 — Reunião preliminar na Suíça

Em vista dos fatos considerados, já sabemos que a liderança da igreja e a maioria de seus membros sentiu-se livre para apartar-se das distintivas doutrinas adventistas, tais como a estrita obediência à Lei dos Dez Mandamentos, tanto em tempos de paz como em tempos de tensão e guerra. Conseqüentemente, a minoria afirmava que, com tal afastamento, a importância da mensagem do advento seria perdida de vista e as doutrinas peculiares até ali defendidas por mais de meio século seriam anuladas. Eles sentiram que a ameaça da perseguição e a perda de propriedades jamais deveriam ter levado a denominação a fazer concessões aos poderes das trevas. A recusa em obter uma falsa paz com sacrifício de princípios, afirmavam eles, seria agora a marca distintiva entre os verdadeiros e os falsos professos crentes adventistas.

Através dos anos da Primeira Guerra Mundial, a controvérsia sobre diferenças doutrinárias alargou o abismo entre a maioria e a minoria até que, em muitos casos, os poucos fiéis foram excluídos da comunhão. A liderança da igreja raciocinava que esse passo era necessário a fim de salvaguardar as propriedades da denominação e garantir o direito de o povo adventista continuar realizando seus cultos.

A rivalidade e a divisão, devemos frisar mais uma vez, não se limitavam apenas à Alemanha. Foram testemunhadas em dezesseis países e envolveram centenas de adventistas fiéis. Visto que as viagens haviam sido restringidas, grande parte das comunicações entre os verdadeiros crentes, durante esses anos confusos, ocorreram através de correspondência. Estabeleceram-se contatos mútuos entre os grupos separados.

Ao terminar a guerra, espalhou-se a notícia de que o número dos que haviam sido excluídos da comunhão de membros da igreja por causa de sua lealdade às doutrinas fundamentais do Movimento Adventista, aumentara para milhares. Essas pessoas compreenderam que deviam fazer algo mais definido em busca de uma solução para o problema. Sugeriu-se que uma reunião preliminar, num país próximo e neutro, seria bem-vinda às minorias excluídas e que suas experiências lhes ofereceriam um campo comum para a ação unida exigida sob aquelas circunstâncias. O propósito dessa reunião seria fortalecer as relações entre os crentes na mesma fé, os quais haviam sofrido por amor à verdade, e encorajá-los mutuamente.

A planejada reunião aconteceu na Suíça, no outono de 1919. O irmão D. Nicolici relatou o acontecimento como segue:

"Quando nós, na Romênia, fomos excluídos da Igreja Adventista, não sabíamos que irmãos fiéis em outros países da Europa haviam passado por experiências similares. Logo que recebemos informações sobre os irmãos da Reforma na Alemanha, escrevemos para eles. Em resultado do contato mútuo entre reformistas de vários países, foram tomadas providências para efetuarmos uma reunião na Suíça no fim de 1919. Da Romênia foram enviados dois representantes, portadores das nossas experiências e pontos de vista. Durante o encontro, a que compareceram dezesseis irmãos, não foi discutida a questão da organização, pois os irmãos da Reforma estavam esperançosos de que houvesse reconciliação com a Igreja Adventista. Não estávamos interessados em separação, mas em união, e esperávamos que nossos irmãos adventistas abrissem a porta para discussão oficial com representantes da Conferência Geral. Pela sugestão do irmão Otto Welp, os irmãos chegaram ao acordo de que seria realizada em Würzburg, na Alemanha, em 1921, uma assembléia internacional dos reformistas."

À medida que os irmãos narravam suas experiências na reunião de 1919, tornou-se muito evidente para eles que a mão de Deus estivera guiando um fiel remanescente numa obra de reforma. Não havia dúvida na mente daqueles irmãos de que aquilo que haviam sofrido, tanto nas mãos dos líderes ASD como nas mãos das autoridades seculares, era resultado de sua inflexível decisão e resoluto esforço em permanecer fiéis às verdades fundamentais sobre as quais havia-se alicerçado o Movimento Adventista. De acordo com os relatórios apresentados, muitos haviam selado seu testemunho com a própria vida. Outros haviam sofrido anos de aprisionamento e pri-

vação. O fato de, em não poucos casos, tanto membros leigos como ministros, haverem escolhido o caminho da transigência e empregado seus talentos para perseguir os adventistas de espírito reformista, foi causa de grande consternação.

Nessa reunião ficou também resolvido de comum acordo que as articulações internacionais deveriam ser promovidas sob liderança do irmão Otto Welp, cujo escritório estava instalado em Würzburg, na Alemanha. Os irmãos não desejavam formar uma organização independente, pelo menos não em base definitiva. Acreditavam que a direção da Conferência Geral dos adventistas do sétimo dia defenderia a posição da minoria fiel e viria a pôr as coisas em ordem. Com a mais ardente esperança de que a igreja daria os passos corretivos necessários, essa memorável reunião chegou ao fim.

Os membros da Comissão Executiva da Conferência Geral em Washington, D. C., haviam sido informados das dificuldades por que passava a igreja na Europa. Vários oficiais executivos foram enviados à Europa a fim de examinar e, se possível, resolver o problema. Durante os meses de junho e julho de 1920, eles visitaram vários países onde centenas de membros haviam sido excluídos da comunhão da igreja. Sua visita foi avidamente aguardada. Mas esses líderes da Conferência Geral cederam à influência dos líderes europeus e apoiaram suas atitudes comprometedoras. Foi assim que, na assembléia de Friedensau, em 1920, o pastor A. G. Daniells endossou a exclusão da minoria fiel (conhecida como "reformistas" ou "irmãos da Reforma").

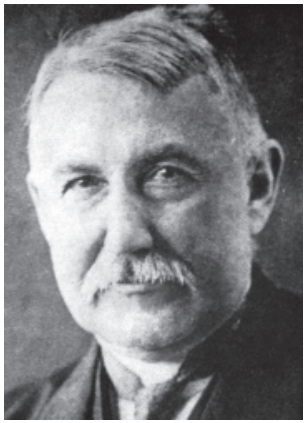
7

1920 — Tentativa de reconciliação

Desde o início das hostilidades os irmãos dirigentes nos Estados Unidos tomaram conhecimento da crise que havia afetado a obra na Europa. Sabiam que havia divisão entre os membros. Contudo, não deram apoio nem mostraram simpatia aos perseguidos, que acabaram sendo excluídos da igreja.

Em 1920 quatro membros da Comissão Executiva da Conferência Geral dos ASD visitaram a Europa com o declarado propósito de resolver as dificuldades e de algum modo restaurar a unidade entre os crentes. Estavam particularmente preocupados com os países balcânicos e a Alemanha. Em todos os seus esforços, porém, pouco fizeram para entrar em contato com os dispersos grupos da minoria de crentes que haviam suportado os fogos da aflição em defesa da mensagem do terceiro anjo. Suas opiniões baseavam-se quase inteiramente nos relatórios recebidos dos líderes europeus diretamente envolvidos no problema. Convenceram-se, porém, de que a apostasia na Europa não podia ser facilmente ocultada e que algum dia se tornaria conhecida dos membros adventistas em geral.

Os reformistas começaram a indagar de si para si quais seriam as reais intenções dos irmãos da Conferência Geral: Acham-se eles realmente dispostos a resolver os problemas ou pretendem apenas eximir-se da responsabilidade pelo que acontecera na Europa? Admitirão ou atenuarão a traição dos líderes europeus, dando a impressão de que, de modo geral, foram fiéis à mensagem e que fizeram o que estava ao seu alcance naquelas circunstâncias? Acham que os irmãos da Reforma não passam de elementos rebeldes, extremistas e fanáticos, que recusam todos os esforços por reconciliação? Nossos irmãos foram convidados por L. R. Conradi, H. F. Schuberth, G. W. Schubert e P. Drinhaus (ver *Zions-Wächter*, números 13 e



L. R. Conradi, vice-presidente da Conferência Geral e presidente da Divisão Européia até 1922

14, julho de 1920) a enviar uma delegação para um encontro de ministros em Friedensau, Alemanha, onde o presidente da Conferência Geral estaria preparado para discutir as questões controvertidas.

A oportunidade de um encontro com o presidente da CG e de outros membros da Comissão Executiva foi recebida com alegria por nossos pioneiros, que esperavam uma audiência justa e imparcial, mas logo descobriram que estavam equivocados. Ouviram a declaração de que os líderes alemães haviam agido fielmente no tempo da crise, que a posição adotada pela igreja não envolvia princípios e que os reformistas eram apenas um inexpressivo grupo de elementos desafetos e descontentes, iludidos por falsos sonhos e visões.

A conferencia foi realizada na escola missionária dos adventistas em Friedensau, de 21 a 23 de julho de 1920. Contou com a presença de 51 membros das comissões de diversas Uniões (as três Uniões Alemãs, a Holanda, a Checoslováquia, a Polônia e a Hungria), mais 16 membros da minoria excluída (que os líderes ASD chamavam de "Movimento Opositor") e quatro irmãos da Conferência

Os representantes do chamado Movimento Opositor que tomaram parte na discussão levada a efeito na Escola Missionária Adventista em Friedensau, Alemanha, 21-23 de julho de 1920

Geral: A. G. Daniells (presidente), L. H. Christian, F. M. Wilcox e M. E. Kern. Os principais oradores dos reformistas foram Edmund Dörschler e Heinrich Spanknöbel.

Os reformistas tinham quatro perguntas para as quais desejavam respostas:

Primeira pergunta: "Que parecer tem a Conferência Geral com respeito à resolução adotada pela liderança alemã, desde 1914, sobre o quarto e o sexto mandamentos? Neste ponto fazemos referência às seguintes declarações escritas (cinco documentos apresentados)."

Segunda pergunta: "Que evidência nos pode ser apresentada de que não temos seguido o caminho bíblico para com os irmãos, conforme fomos acusados na última edição do *Zions-Wächter* (periódico adventista na Alemanha), números 13 e 14 de julho de 1920? Apresentaremos a evidência depois."

Terceira pergunta: (a) "Qual a posição da Conferência Geral e dos irmãos norte-americanos a respeito dos Testemunhos da irmã White? São ou não inspirados por Deus? (b) Devemos ou não continuar a apresentar a luz da reforma de saúde (conforme transmitida nos Testemunhos) como o braço direito da mensagem?"

Quarta pergunta: "De acordo com Apocalipse 14:6-12, nossa mensagem é nacional ou internacional? Temos vários números do *Zions-Wächter* mostrando que não somos um povo internacional. Exemplo: *Zions-Wächter*, número 5, de 3 de março de 1920, da liderança da escola."

Precisamos compreender as razões e os propósitos que motivaram essas perguntas para que possamos avaliar devidamente as respostas.

Primeira pergunta

A primeira pergunta foi formulada tendo como propósito descobrir até que ponto os líderes adventistas admitiam estar a Conferência Geral envolvida na posição de combatência adotada na Europa, e se estavam dispostos a fazer as correções necessárias.

Muitos líderes ASD reconhecem que esse é um ponto muito delicado, e muitos tentam negar alguns fatos graves que devemos revelar aos crentes adventistas, a saber:

a) que, aceitando a combatência, não somente entre os adventistas na Europa, mas também na América, e não corrigindo a situação logo após a Primeira Guerra Mundial, a Conferência Geral piorou as coisas; e,

b) que, recusando-se a reconhecer qualquer envolvimento da Conferência Geral na traição durante a Primeira Guerra Mundial, os líderes se tornaram ainda mais coniventes.

Os irmãos adventistas devem ser informados de que, durante a assembléia de Friedensau (1920), as faltas dos líderes europeus foram encobertas, e mesmo Conradi e Dail, respectivamente presidente e secretário da Divisão Européia (que assinaram os documentos em favor da combatência ASD), foram justificados como se não houvessem cometido nenhum erro em relação à Lei de Deus e à questão da guerra. E aqueles que permaneceram em defesa dos mandamentos de Deus foram condenados por crerem na estrita obediência aos preceitos de Jeová tanto em tempo de paz como em tempo de guerra, conforme a posição original mantida pelos ASD. O texto completo da discussão consta na *Ata da Discussão com o Movimento Opositor* (Ocorrida em Friedensau, 21 a 23 de julho de 1920), publicada pela Igreja Adventista.

Citamos a essência da resposta do pastor Daniells à primeira pergunta:

"Logo que eclodiu a guerra na Europa, nós, na América, estudamos a questão cuidadosamente. ... E tomamos a seguinte posição: Que cada qual deveria agir de acordo com a consciência nessa questão. ... Alguns dos nossos irmãos, que tinham espírito patriótico, foram às linhas de batalha e lutaram. Chegaram à Inglaterra e França e foram às trincheiras. Não sei o que fizeram enquanto estiveram ali, mas serviram e voltaram quando o armistício foi assinado. ... Lamentamos a guerra e somos contra ela. Mas devemos permitir que cada cidadão proceda em relação às autoridades de acordo com os ditames de sua própria consciência. Nenhuma dessas pessoas foi excluída da comunhão de nossa igreja. Nenhuma delas foi tratada como se não fosse cristã. ... Enquanto não temos limites precisos para com as autoridades, cada um deve ficar livre para agir de acordo com a própria consciência. Os irmãos na América tomaram a mesma posição moderada e tolerante que nossos irmãos na Europa. ... Eu gostaria de dizer que, quando a declaração do irmão Dail chegou até nós, na América, não nos pareceu correta, e nós a lamentamos. Recebemos cartas de irmãos que a condenavam peremptoriamente e nos pediam que também a condenássemos. Respondemos-lhes que ficassem tranqüilos e agissem com cautela. ... Portanto, irmãos, nem o irmão Spicer nem eu jamais usamos a pena para publicar uma condenação contra essas declarações. ... Apesar de nossos pontos de vista sobre essa declaração, não enviamos nenhuma palavra em resposta a ela. ... Creio, portanto, haver deixado claro o sentimento e a posição existentes na América a respeito das coisas ocorridas na Europa. Além disso, estamos convictos de que também aqui nossos irmãos tomam a posição de não-combatência. Falamos com irmãos que estiveram na guerra, e posso afirmar que não encontrei em nenhum irmão da Europa maior espírito militarista do que na América. E posso também dizer que considerando o espírito e o procedimento deles, nossos irmãos na Europa têm sido tão fiéis quanto nossos irmãos na América. Em outras palavras: Lamentamos algumas das declarações que foram publicadas. Mas considerando o espírito e o propósito que os levaram a fazer isso, achamos que esses irmãos permaneceram tão fiéis e corretos na Obra como nós mesmos. ... Devo dizer que todos tiveram o direito de estabelecer suas próprias convicções e formar sua própria consciência com referência à questão da guerra. ... Cremos que vós [referindo-se aos representantes da minoria excluída] estais completamente errados na posição que representais. Cremos no quarto mandamento como sempre. Mas não podemos concordar com a interpretação que dele fazeis. Que diríeis de Moisés alguns dias depois de ter recebido a Lei no Monte Sinai, se ele vos dissesse que deveríeis matar o rei de Basã, e todos os seus homens, mulheres e crianças? Acusá-lo-íeis de assassínio? Foi o próprio Deus que lhe deu ordem para violar o sexto mandamento. Conforme vedes, acham-se muitas coisas na interpretação dos mandamentos, e devemos ter liberdade para lê-los e entendê-los, sem estar bitolados à interpretação de qualquer pequeno grupo."

Essa citação, da *Ata da Discussão com o Movimento Opositor* (Ocorrida em Friedensau, 21 a 23 de julho de 1920), publicada pela Igreja Adventista na Alemanha, mostra a questão original e real que trouxe à existência o Movimento de Reforma: a Lei de Deus. Os líderes ASD nos difamam com palavras excessivas e inúteis, com muitos comentários irrelevantes e mesmo conclusões absurdas, fugindo geralmente do assunto, como faz o pastor Christian em seu *Aftermath of Fanaticism or A Counterfeit Reformation* (Conseqüências do Fanatismo ou Falsa Reforma). Mas a explicação do pastor Daniells, presidente da Conferência Geral em 1920, é diferente. Ele revelou, em poucas palavras, a verdadeira espinha dorsal da contenda que causou a divisão no princípio da crise na Europa. Voltamos a citar resumidamente sua resposta:

a) Desde o princípio os irmãos da Conferência Geral foram informados do que estava acontecendo na Europa e leram pelo menos

algumas das declarações comprometedoras dos líderes europeus, mas decidiram ficar quietos, deixando aos próprios europeus a tarefa de resolver o que deviam fazer sob aquelas circunstâncias. O pastor F. M. Wilcox já havia explicado essa atitude aquiescente num artigo publicado na *Review and Herald*:

"Particularmente deve a igreja de Deus hoje lembrar-se de nossos irmãos europeus, que passam agora por adversidade. Alguns foram forçados a entrar no serviço militar ativo; suas vidas são constantemente ameaçadas, e estão expostos a dificuldades e perigos. Famílias foram esfaceladas; os que ficaram em casa estão ansiosos por temor do que possa acontecer aos que foram para a frente de batalha. Os oficiais de algumas de nossas Associações e igrejas foram compelidos a renunciar seus cargos e ingressar nas forças armadas nacionais. Precisamos orar fervorosamente para que Deus poupe a causa da verdade durante este período probante e que salvaguarde a vida de Seus filhos. Quanto ao que nossos irmãos devem fazer sob essas circunstâncias probantes, somente eles, em oração a Deus, podem decidir." —*Review and Herald*, 27 de agosto de 1914.

O pastor Conradi, presidente da Divisão Européia, escreveu:

"Depois de havermos recebido instruções da mais alta autoridade, nós, na Europa, tivemos permissão para resolver sozinhos essa questão." —*Zions-Wächter* (periódico adventista na Alemanha), número 18, 1914.

b) Os irmãos da Conferência Geral adotaram na época a posição segundo a qual todos deviam seguir sua própria consciência no tocante à Lei de Deus no que diz respeito à participação na guerra. E foi exatamente isso que os adventistas europeus fizeram. A grande maioria, na Alemanha e em outros países, de acordo com sua consciência, adotou a posição de combatentes. A liderança na Alemanha declarou num de seus periódicos:

"No início da guerra, nossa organização dividiu-se em duas facções. Noventa e oito por cento de nossos membros, pelo exame da Bíblia, chegaram à convicção de que eram moralmente obrigados, por questão de consciência, a defender a pátria com armas, inclusive no Sábado. Essa posição, unanimemente endossada pela liderança, foi imediatamente comunicada ao Ministério da Guerra. Dois por cento, contudo, não se submeteram a essa resolução e tiveram, portanto, que ser excluídos por motivo de sua conduta anticristã." —*Dresdener Neueste Nachrichten*, 12 de abril de 1918.

c) Os irmãos da Conferência Geral chegaram mesmo a enviar comunicado aos líderes europeus dando-lhes autorização expressa

para que continuassem em sua posição de combatência. Não se pode negar esse fato em face das evidências existentes: *Curierul Misionar* (periódico ASD na Romênia), 3 de novembro de 1916. Uma declaração feita no *Zions-Wächter*, 3 de abril de 1916, também mostra a responsabilidade da Conferência Geral pela posição de combatência adotada na Europa. Essas evidências não foram negadas quando apresentadas aos irmãos da Conferência Geral em Friedensau (1920).

d) O pastor Daniells, presidente da CG, deixou claro que, apesar de os adventistas se declararem teoricamente não-combatentes, poderiam na prática seguir a própria consciência, o que significa que estavam livres, na verdade, para fazer a escolha: ou agir como cristãos fiéis, ou como guerreiros patriotas, quando enfrentassem a questão da guerra.

e) O pastor Daniells tachou a minoria excluída de estar "completamente errada" ao interpretar que tomar parte no serviço militar não se harmonizava com a Lei de Deus. Essa censura foi pronunciada na presença de muitos líderes ASD da Europa bem como de alguns líderes da Conferência Geral. É verdade que nós ainda mantemos a mesma crença — e pela graça de Deus pretendemos mantê-la até o fim — pela qual temos muitas vezes sido estigmatizados como fanáticos.

As evidências que acabamos de apresentar identificam com precisão a causa principal da divisão e mostram que a questão se refere à Lei de Deus. E visto que os dois grupos defendem pontos de vista diferentes com respeito a um assunto tão importante, eles devem tomar rumos diferentes, conforme o próprio pastor Daniells declarou na resposta à segunda pergunta.

Segunda pergunta

O pastor Daniells explicou:

"Há um modo de apresentar uma questão para ser ouvida perante os irmãos. Comecemos pela igreja [local]. Alguns de seus membros podem ter alguma discrepância com algum dos oficiais ou superintendentes. Talvez seja algo na administração da igreja, que eles não possam aprovar. Que devem fazer nesse caso? Estabelecer imediatamente uma nova igreja e separar-se? Eu respondo: Não. Que eles tragam a questão perante a Comissão da Associação. ... Suponhamos que isso seja feito, e aqueles membros não fiquem satisfeitos com a decisão. Então que levem o caso à União. Suponhamos, porém, que também não fiquem satisfeitos com a decisão da União. Então podem apelar para a Comissão da Conferência Geral. Supo-

nhamos que a igreja [local] se recuse a aceitar a decisão da Conferência Geral — e ela tem o direito de assim proceder — então aqueles que fazem objeção devem sair. Devem retirar-se de maneira cristã e deixar-nos em paz."

A minoria insatisfeita, porém, não tinha a intenção de abandonar a igreja. Ela foi expulsa. Em 1915, W. Richter, um de seus representantes, preparou um "Protesto" solicitando uma entrevista com os líderes. Esse documento foi lido por E. Dörschler, um dos porta-vozes da minoria excluída, durante a discussão em Friedensau, em 1920. Ele disse: "Por meio deste escrito solicitamos um encontro com os irmãos, mas nossa petição foi indeferida." Agora compareceram perante os irmãos da Conferência Geral com a pergunta: "Em que deixamos de seguir o caminho bíblico?" Esse foi um modo cortês e diplomático de perguntar qual dos dois grupos havia de fato deixado de seguir a regra escriturística.

No fim do encontro em Friedensau, os representantes da minoria fiel ainda criam na possibilidade de correção e reconciliação, apesar das respostas decepcionantes, notadamente à primeira pergunta, recebidas da parte do presidente da Conferência Geral. Seguiu-se este diálogo:

"E. Dörschler: Gostaria de saber se, ao responder à pergunta, ontem, o pastor Daniells falou em nome de toda a Comissão da Conferência Geral.

"Pastor A. G. Daniells: Creio, irmãos, que devemos dar muita consideração a essa questão. Não direi que esse problema não possa ser discutido numa reunião maior. Não concluirei a reunião tomando uma decisão agora. Segundo nossa convicção e julgamento, e tanto quanto depende de nós, achamos que esse julgamento é definitivo.

"E. Dörschler: Não poderia haver uma autoridade maior?

"Pastor A. G. Daniells: Não existe autoridade maior, a não ser maior número de irmãos. Em nossa reunião do outono teremos mais irmãos reunidos, e estes membros da Conferência Geral estarão presentes."

Terceira pergunta

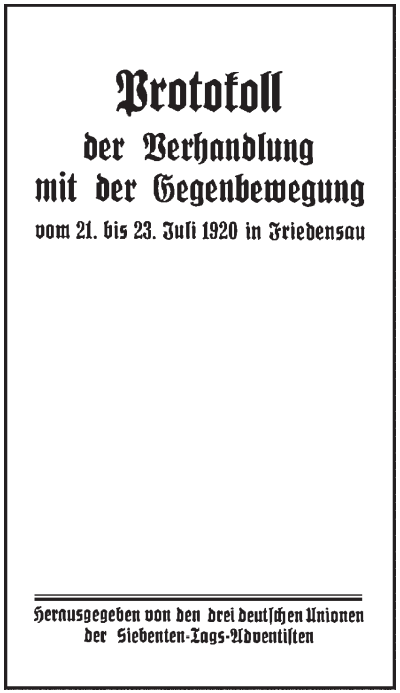
Em resposta à terceira pergunta, primeira parte, o pastor Daniells disse:

"Estou contente por dizer-vos que a Conferência Geral, nos últimos cinqüenta anos, nunca mudou sua posição para com os Testemunhos. ... Nossa posição para com os Testemunhos é a mesma que antes." O pastor Kern acrescentou: "E hoje os livros [da irmã White] são mais vendidos do que antes."

O que motivou realmente nossos representantes a fazer essa pergunta foi o fato de muitos membros da igreja, e mesmo líderes, na Europa, não crerem na inspiração divina dos escritos da irmã White. Conradi, presidente da Divisão Européia e vice-presidente da Conferência Geral, era um deles, e sua descrença era bem conhecida. Leiamos o que diz Froom no seu livro *Movement of Destiny* (Movimento do Destino), pág. 677 (publicado pela *Review and Herald Publishing Association*):

"Conradi ... procurava cada vez mais enfraquecer e finalmente lutar contra o Espírito de Profecia. ... Onde quer que ele vivesse, trabalhasse ou viajasse, espalhava sutilmente sementes de dúvida quanto à validade do Espírito de Profecia."

Apesar de sua óbvia influência desencaminhadora, Conradi foi mantido em elevados postos durante anos, embora o pastor Daniells, na presença de muitos outros líderes, tentasse dar a impressão


Protokoll
der Verhandlung
mit der Gegenbewegung
vom 21. bis 23. Juli 1920 in Friedensau
Herausgegeben von den drei deutschen Unionen
der Siebenten-Tags-Adventisten

Protokoll (capa). Ata oficial (publicada pela Igreja Adventista na Alemanha) da discussão em Friedensau (21-23 de julho de 1920)

de que a liderança ASD continuava a adotar posição sã para com os Testemunhos, e de que a pergunta dos irmãos reformistas era desnecessária e sem cabimento.

Naqueles dias muitos reformistas faziam grandes sacrifícios, vendendo suas propriedades, a fim de prover recursos para a tradução e publicação dos Testemunhos. Posteriormente a Igreja ASD processou os reformistas por isso, na Romênia, Iugoslávia e Hungria.

Respondendo à segunda parte da terceira pergunta, disse o pastor Daniells:

"Irmãos, nossa atitude para com a reforma da saúde permanece a mesma. Talvez estejamos dando mais atenção a essa linha de reforma hoje do que no passado. Temos um departamento médico e um secretário, o irmão Hansen. Ele está organizando essa obra melhor do que antes, em todas as igrejas."

Nossos pioneiros consideraram essa resposta do irmão Daniells uma tentativa para evadir-se da pergunta. Era evidente que naquele tempo, e é muito mais evidente hoje, que "muitos apostataram de sua anterior lealdade aos princípios da reforma da saúde." —*Testimonies*, vol. 9, pág. 153. "Muitos se recusam a viver em harmonia com os conselhos de Deus!" —*Idem*, pág. 158. Parece-nos estranho que adventistas que cultivam o hábito de fumar, beber, comer carne de porco, etc., devam ser mantidos no rol de membros da igreja. E há mais: "Porventura os ministros do Evangelho, que estão a proclamar a verdade mais solene já enviada aos mortais, devem constituir-se exemplo no regresso às panelas de carne do Egito?" —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 360. Embora o Espírito de Profecia diga: "Educai descartando as drogas" (*Medicina e Salvação*, pág. 259), a liderança faz exatamente o contrário. Sobretudo, os sanatórios ASD não seguem o detalhado plano de ação proposto pelo Espírito de Profecia. O princípio da reforma de saúde, braço direito da mensagem, é abertamente mutilado. Em vista desses fatos, cremos que a resposta dada pelo pastor Daniells nem de leve tange a questão.

Quarta pergunta

Em resposta à quarta pergunta, o pastor Daniells disse:

"Irmãos, a igreja não tem dúvida quanto a isso [de que nossa mensagem é internacional]. Se cremos em alguma coisa, essa coisa é uma mensagem de alcance mundial, para todas as línguas e nações. ... Afirmamos que nesta obra ainda continuamos no caminho original."

Se isso é verdade, então a Igreja ASD jamais deveria em lugar algum nutrir espírito de nacionalismo. Nesse sentido, a atitude adotada pela liderança na Alemanha estava errada. Eis o que eles escreveram:

"Nossos líderes têm permitido, até esta data, que o excedente do dinheiro da igreja seja destinado a empréstimos de guerra, com a plena esperança de que, com a ajuda de Deus, a Alemanha saia vitoriosa no término do conflito." —*Dresdener Neueste Nachrichten*, 12 de abril de 1918.

E esse espírito nacionalista jamais foi erradicado do povo ASD, conforme podemos provar. Durante a Segunda Guerra Mundial, os adventistas alemães escreviam: "A Alemanha deve subsistir. ... Cresce a fé na pátria. ... Marchemos!" (*Calendário Adventista da Alemanha*, 9 de novembro de 1943). Os adventistas russos diziam: "Com todas as nossas forças estamos ajudando a apressar o dia da vitória final sobre o inimigo" (*Botschafter*, O Mensageiro, número 1, periódico adventista publicado nos EUA, 1? de janeiro de 1943). Os adventistas americanos estimulavam os membros nos Estados Unidos: "Torçamos pela vitória comprando bônus e selos de guerra" (Idem). E os adventistas australianos declaravam: "Se a Austrália for invadida, eles [os ASD] lutarão até o último homem na defesa de seu país" (*Smith's Weekly*, publicado na Austrália, 25 de janeiro de 1941). Como se pode ver, essa atitude não representa fraternidade cristã internacional (ver Gálatas 3:28).

Estamos convictos de que o esforço feito para suavizar a responsabilidade da liderança pelo que aconteceu na Europa (1914-1918) e pelo que está acontecendo hoje em muitos outros lugares, não inocenta a Conferência Geral nem a igreja como um todo. Não podemos mais considerar isso um problema local, não somente porque a mais alta liderança deixou esses males sem correção (notadamente o mal mencionado na primeira pergunta, a saber, a posição da CG sobre o porte de armas), mas também porque, nesse caso, todo o corpo de crentes torna-se culpado de cumplicidade. Não podemos fugir desta regra:

"[Deus] nos mostra que, quando Seu povo se encontra em pecado, imediatamente devem ser tomadas medidas positivas para tirar esse pecado do meio deles, a fim de que Seu desagrado não fique sobre todos. Se, porém, os pecados do povo são passados por alto por aqueles que se acham em posições de responsabilidade, o desagrado de Deus estará sobre eles; e Seu povo, como um corpo, será responsável por esses pecados. No trato do Senhor com Seu povo no passado, Ele mostra a necessidade de purificar Sua igreja de erros. Um pecador pode difundir trevas que excluam a luz de Deus de toda a congregação." —*Testemunhos Seletos*, vol.1, pág. 334.

8

Fanatismo através dos séculos

A história mostra e a Palavra de Deus confirma que elementos fanáticos e desordenados sempre se associaram à obra de reforma.

"Nenhuma reforma, em toda a história da igreja, foi levada avante sem encontrar sérios obstáculos. Assim foi no tempo de Paulo. Onde quer que o apóstolo fundasse uma igreja, alguns havia que professavam receber a fé, mas introduziam heresias que, uma vez aceitas, excluiriam finalmente o amor da verdade. Lutero também sofreu grande perplexidade e angústia pelo procedimento de pessoas fanáticas. ... Os Wesley, e outros que abençoaram o mundo pela sua influência e fé, encontraram a cada passo os ardis de Satanás, que consistiam em arrastar pessoas de zelo exagerado, desequilibradas e profanas, a excessos de fanatismo de toda sorte. ... Nos dias da Reforma, os inimigos desta atribuíam todos os males do fanatismo aos mesmos que estavam a trabalhar com todo o afã para combatê-lo. Idêntico proceder adotaram os oponentes do movimento adventista. E não contentes com torcer e exagerar os erros dos extremistas e fanáticos, faziam circular boatos desfavoráveis que não tinham os mais leves traços de verdade. ... O fato de alguns fanáticos se haverem imiscuído nas fileiras dos adventistas, não constitui maior motivo para julgar que o movimento não era de Deus, do que a presença de fanáticos e enganadores na igreja, no tempo de Paulo ou Lutero, fora razão suficiente para condenar sua obra." —*O Grande Conflito*, págs. 396-398.

Para que os leitores tenham idéia das diversas formas de fanatismo associadas aos adventistas do sétimo dia nos primeiros albores do movimento, citamos alguns trechos de um livro adventista:

"Dificuldades dentro do movimento"

"Entre o ano de 1844 e a organização da Igreja Adventista , efetuada uns vinte anos mais tarde, mas especialmente nos primeiros anos depois da decepção, os crentes adventistas viram-se de quando em quando perturbados por movimentos extremistas e fanáticos. Grande parte da obra de Ellen White consistiu em testificar contra esses movimentos.

"Escrevendo acerca de seus primeiros trabalhos, a Sra. White nos conta uma viagem que fez com o esposo pelos Estados de Nova Inglaterra, em 1850. Muitos dos antigos crentes adventistas estavam muito amargurados por causa da decepção. Alguns buscavam ainda a verdade 'mas tivemos de defrontar-nos com um elemento ainda pior', escreve ela, 'alguns que pretendiam' estar santificados e que já não podiam pecar, que estavam selados e que todas as suas impressões e idéias estavam de acordo com a vontade de Deus. ...

" 'Pretendiam curar os doentes e operar milagres. Tinham poder satânico de feitiçaria, e eram ditatoriais, cheios de imposição e cruelmente opressores. O Senhor serviu-Se de nós como instrumentos para repreender esses fanáticos e abrir os olhos dos fiéis ao verdadeiro caráter dessa obra'. —Ellen White, *Review and Herald*, 20 de novembro de 1883.

"Outro grupo pretendia estar santificado, de modo que não podiam pecar. Não obstante, seus atos eram imorais, pois seguiam a própria concupiscência e cometiam pecados de presunção. Até defendiam o amor livre 'espiritual'.

"O fanatismo manifestou-se em outras formas estranhas. Alguns tinham a idéia de que a religião consistia em grande excitação e ruído. Sua conduta irritava os incrédulos e levantava ódio contra as ditas pessoas e doutrinas que ensinavam. Quando se lhes fazia oposição, e eram desprezados por causa de seu procedimento molesto, regozijavam-se porque eram 'perseguidos'.

"A Sra. White teve de repreender algumas pessoas que professavam grande humildade e buscavam demonstrá-la arrastando-se pelo chão como crianças. Engatinhavam ao redor de suas casas, na rua, nas pontes e até na própria igreja.

"Houve outro grupo que pretendia que trabalhar era pecado, se bem que não tinham nada contra que a esposa e outras pessoas fizessem todos os trabalhos necessários em benefício deles. Alguns praticavam também o mesmerismo ou magnetismo animal, precursor do hipnotismo. O suposto dom de línguas, acompanhado de gritos e muita confusão, apareceu em alguns lugares. De tempos a tempos um pequeno grupo anunciava uma nova data para a vinda de Jesus." —Departamento de Educação, Conferência Geral dos ASD, *História de Nossa Igreja*, págs. 242 e 243.

A correta compreensão do texto citado de *O Grande Conflito* exige que também sejam esperadas dificuldades semelhantes em relação ao Movimento de Reforma atual. Deve haver um paralelo.

É lamentável dizer: a história também se repete na apresentação de um quadro distorcido sobre a existência de alguns fanáticos que prejudicaram o Movimento de Reforma. No passado, conforme lemos, os inimigos do Movimento Adventista empenharam-se em estabelecer confusão entre os fanáticos desenfreados e os verdadeiros reformadores, considerando ambas as classes aves da mesma espécie. Hoje os inimigos do movimento reformista estão fazendo exatamente o mesmo. Isso é tão absurdo como afirmar que os fanáticos mencionados no livro *História de Nossa Igreja* foram os pioneiros da Igreja ASD. Pior do que isso, para nos representar ainda mais falsamente, líderes adventistas associam à Reforma determinados elementos que jamais pertenceram ao Movimento de Reforma organizado.

Margaret Rowen, falsa profetisa, foi membro da Igreja ASD, não da Reforma. Contudo seu nome é muitas vezes mencionado com o objetivo de macular o nome do movimento reformista.

Johann Wieck, membro da Igreja ASD, foi preso por recusar-se a tomar vacina. Em 21 de janeiro de 1915 ele teve algumas visões, nas quais, declarava, Deus lhe mostrara que o fim do tempo de graça viria na primavera daquele ano. Ele queria que a igreja publicasse suas visões. Como os líderes ASD se recusassem a fazê-lo, ele as publicou particularmente e enviou um exemplar para cada ministro e para cada igreja da Alemanha. Nunca pertenceu ao Movimento de Reforma, mas seu nome continua a ser usado para difamar-nos e caluniar-nos. Citam-no como fundador do Movimento de Reforma. Que imaginação absurda e irresponsável!

Na discussão de Friedensau, na Alemanha, de 21 a 23 de julho de 1920, prosseguiu o diálogo:

"*Pastor A. G. Daniells* [presidente da CG]: Eis aqui os documentos enviados pelo irmão Conradi. Estes documentos devem mostrar que relação essas pessoas tiveram com o vosso movimento. Podemos selecionar e separar os que vós, irmãos, não considerais como pertencentes a vosso movimento. O primeiro escrito é de Wieck.

"*E. Dörschler* [representante da minoria excluída]: Ele nunca pertenceu a este movimento. Eu tive o privilégio de pertencer a este movimento desde os seus primórdios.

"*Pastor A. G. Daniells:* Que dizer deste segundo documento — de Stobbe?

"*E. Dörschler:* Sim, esse [documento] pertence a nós. ... Gostaria de dar uma pequena explicação sobre isso. Algumas pessoas extremamente insensatas vieram ter conosco. Não sabíamos que tipo de pessoas eram, e tomaram a iniciativa particular de publicar diversos escritos sem consultar a comissão, porque no início não estávamos tão organizados como agora. ...

"*Pastor A. G. Daniells:* Esteve entre vós um tal Herms?

"*E. Dörschler:* Por pouco tempo. Tão logo esses indivíduos fizeram essas coisas pelas nossas costas, nós os observamos."

Essas informações, citadas da *Ata da Discussão com o Movimento Opositor (*Ocorrida em Friedensau, de 21 a 23 de julho de 1920*)*, publicada pelas três Uniões alemãs dos adventistas do sétimo dia, são evidência suficiente de que o fanatismo não originou o Movimento de Reforma, assim como o fanatismo (conforme citado em *História de Nossa Igreja*, págs. 242 e 243) não fora o ponto de partida da Igreja ASD.

Não obstante, num libelo intitulado *The Aftermath of Fanaticism or A Counterfeit Reformation*, publicado pela Conferência Geral dos adventistas do sétimo dia, o pastor L. H. Christian comete grosseiro exagero ao dizer que "o fanatismo na Alemanha bem como em outros países da Europa é a verdadeira origem do falso Movimento de Reforma." Essa conclusão simplista é uma ofensa às mentes sinceras e inteligentes que podem pesar as evidências por si mesmas.

Em anos mais recentes, a liderança ASD publicou um relatório mais decente, mas não inteiramente correto, sobre a origem do Movimento de Reforma. Na *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia*, vol. 10, pág. 1183, eles dizem: "Embora a questão original tenha sido sobre visões e marcação de datas, o ponto principal da contenda através dos anos tem sido a posição adotada pela Igreja Adventista acerca dos deveres de seus membros para com o serviço militar." Há nessa declaração pelo menos meia verdade. Embora não seja verdade que "visões e marcação de datas" tenham trazido o Movimento de Reforma à existência, é verdade que a posição adotada pela Igreja ASD no tocante ao dever de seus membros para com o serviço militar e a guerra, à luz da Lei de Deus, tem sido, desde o princípio, o cerne da contenda. A santa Lei de Deus sempre foi o verdadeiro ponto principal. Contudo, desde 1914-1918 surgiram novos pontos controvertidos, os quais foram brevemente mencionados no prefácio deste livro.

9

Conferência internacional em Würzburg — Alemanha (1921)

Nossa primeira conferência internacional propriamente dita realizou-se em Würzburg, na Alemanha, em 1921. Esse encontro foi descrito num relatório que fornece ampla informação sobre o início da obra e as primeiras experiências dos adventistas reformistas. Por essa razão, reproduzimo-lo a seguir (transcrito do *Sabbat-Wächter*, edição especial de 1921):

> Foi pelo misericordioso auxílio de Deus, que nós, irmãos de diversos países, nos reunimos em Würzburg, na manhã do dia 18 de novembro do corrente ano (1921), a convite dos irmãos alemães do Movimento de Reforma. Compareceram os seguintes representantes: os irmãos da Comissão da União Alemã, dois irmãos representantes dos crentes na Suécia, dois irmãos da Dinamarca, dois irmãos da Estônia, dois irmãos da União do Danúbio (que compreende Hungria, Romênia e Iugoslávia), dois irmãos da Suíça, um irmão da Checoslováquia e os irmãos da Comissão da Holanda.
>
> Devido às circunstâncias predominantes, não pôde vir nenhum dos irmãos que estão ligados conosco na Polônia. ...
>
> Depois de havermos considerado o Salmo 96 e termos, com corações agradecidos, suplicado a nosso Senhor e Salvador que manifestasse Sua presença em nosso meio, passamos à discussão do programa da conferência.
>
> Resolvemos de comum acordo relatar nossas experiências no Movimento de Reforma, discutir os princípios, deliberar sobre nossa obra e unir-nos na proclamação da terceira mensagem angélica mediante a eleição de uma Comissão da Conferência Geral ou Internacional.

Delegados para a primeira conferência internacional reformista ocorrida em Würzburg, Alemanha, 1921

Origem e progresso da Reforma na Alemanha

O irmão O. Welp apresentou-nos o seguinte relatório:

A confusão e divisão na Igreja ASD em nosso país começou com a proclamação de uma posição errada defendida por nossos líderes em Hamburgo na questão da guarda do Sábado durante a guerra e nossa posição em relação ao serviço militar quando ela eclodiu em 1914.

Uma carta circular do irmão G. Dail (secretário da Divisão Européia), datada de 2 de agosto de 1914, remetida de Hamburgo, fazia um apelo em favor da participação no serviço militar e da violação do Sábado. Nossa conscienciosa convicção, bem como a de outros irmãos sinceros, foi provocada a levantar um protesto em muitos lugares contra o quebrantamento da santa Lei e a rejeição da terceira mensagem angélica.

Em maio de 1915, por meios indiretos, soubemos por um irmão funcionário do Destacamento Geral em Dresden que H. F. Schuberth encaminhara ao Ministério da Guerra em Berlim uma declaração tornando conhecida a posição errônea da liderança adventista. As igrejas da Alemanha não tinham conhecimento dessa declaração. Através do livreto *Der Christ und der Krieg* (O Cristão e a Guerra), foi difundido esse erro em todas as igrejas. Todos os irmãos que protestaram foram considerados "uma ameaça à paz da igreja" e foram excluídos da comunhão. Fomos denominados um "movimento apóstata".

Além do movimento de protesto na Província do Reno, houve movimento semelhante na igreja em Bremen. Nenhum dos irmãos

que amavam a verdade mais que o erro pretendia deixar a igreja. Choramos e lamentamos essa situação perante o Senhor. A princípio esperávamos que nossos irmãos caíssem em si e repudiassem essa atitude errônea. Em setembro de 1915, quando solicitamos um encontro com os irmãos da liderança, não recebemos resposta. Ao contrário, notamos maior oposição à verdade. O esforço despendido pelos irmãos que ensinavam o erro levou-nos à firme conclusão de que não era da vontade de Deus que o santo dizimo fosse empregado para difundir o erro. Tornamo-nos cada vez mais determinados em nosso desejo de unir-nos na verdade.

Tivemos nossa primeira reunião do Movimento de Reforma em Wermelskirchen (Província do Reno), em julho de 1915. Ali, depois de termos alcançado plena unidade na mensagem do terceiro anjo, elegemos uma comissão para liderar a obra de reforma, e nomeamos um tesoureiro. Em abril do mesmo ano, alguns irmãos haviam distribuído em toda a Alemanha um folheto contendo a terceira mensagem angélica, intitulado *Die Letzte Gnadenbotschaft* (A Última Mensagem de Misericórdia). A revista *Wächter der Wahrheit* (Sentinela da Verdade) apareceu pela primeira vez em agosto daquele ano. Era publicada em Barmen.

Fomos bem recebidos pelas igrejas por toda parte, e muitos irmãos tomaram posição ao lado da Reforma. A oposição à verdade, por parte dos irmãos da liderança em Hamburgo, continuou a crescer. Nossa obra tornou-se objeto de perseguição direta das autoridades, que se haviam despertado contra nós.

Em dezembro de 1915 realizamos nossa segunda conferência em Gelsenkirchen (Província do Reno), com a presença de 250 irmãos. Então o inimigo começou um ataque mais forte contra a verdade, trazendo erro e fanatismo às nossas fileiras.

Muitos lembrar-se-ão de nomes como Sturm, Herms, Fratz, Kersting, Jeschke, Portzek, Schamberg e Bach e de suas pretensas visões e inspirações. Foram espalhadas publicações defendendo a celebração da festa dos tabernáculos, e uma forma diferente de autosantificação. Por causa disso foi blasfemado o caminho da plena verdade. Essas dificuldades e provas preparadas por Satanás impeliram-nos a buscar a Deus em oração e a examinar as Escrituras e os Testemunhos. O Senhor respondeu nossas petições enviando-nos mais luz e esclarecimento.

Depois da revolução na Alemanha, reunimo-nos em Erfurt (Alemanha), em janeiro de 1919, ocasião em que o Senhor nos mostrou o dever que tínhamos de espalhar entre Seu povo em todo o mundo a literatura com a luz que nos fora concedida. Transferimos nossa sede e escritório de publicações para Würzburg e começamos uma obra internacional, que foi ricamente abençoada pelo Senhor. Sentimos a necessidade de publicar um orgão denominacional no qual pudéssemos narrar nossas experiências na terceira mensagem angélica. Então surgiu, em 1920, o primeiro número do *Sabbat Wächter* (Sentinela do Sábado).

À medida que enfrentávamos várias dificuldades, nossa obra em outros países ... revelou-nos a necessidade de estabelecer firme ordem apostólica na igreja para que houvesse unidade na fé e nos procedimentos. Durante nossa abençoada conferência em Fr[ankfurt], em agosto de 1920, foi enviada a todos os nossos irmãos do exterior uma carta convidando-os a assistirem a um encontro internacional para plena unificação na terceira mensagem angélica.

Durante a discussão com alguns líderes da Conferência Geral em Friedensau, em julho de 1920, as explicações que nos deram revelaram a existência de apostasia generalizada em relação à terceira mensagem angélica. Contudo, por meio de uma delegação do Movimento de Reforma internacional, tivemos mais uma vez o prazer de chamar a atenção da Conferência Geral dos adventistas do sétimo dia para a existência deste Movimento. Estamos conscientes do fato de que, em vista deste encontro internacional, nos achamos agora diante de uma fase importante no desenvolvimento da obra de reforma. Que esta obra contribua para trazer bênção e salvação, não somente a nós, mas a muitos dos irmãos que um dia estiveram unidos conosco! Essa é nossa oração.

Holanda

Conforme foi relatado pelos irmãos K. J. Stiphout e Le Vermeulen, o início da obra na Holanda, sob o Espírito de Deus, foi semelhante ao da Alemanha. Durante uma assembléia dos adventistas em Haia, em 1916, o irmão Stiphout e o irmão ... (?), da igreja de Amsterdam, apresentaram um protesto ao qual os líderes da conferência não deram atenção. Além disso, expediram as mesmas declarações, como na Alemanha, com referência à guarda do Sábado e à questão da guerra. Em resultado, o irmão Stiphout abdicou de seu cargo na igreja e, junto com outros irmãos, pediu exclusão do rol de membros em janeiro de 1917. As atividades dos fugitivos alemães, que trouxeram fanatismo, constituíram grande estorvo ao desenvolvimento da obra. Apesar disso, os poucos porta-estandartes ali existentes têm a firme esperança de que, através de esforço paciente, abrir-se-á caminho para o alto clamor.

Suíça

De acordo com o relatório apresentado pelo irmão C. Adams e O. Welp, a Reforma na Suíça teve que enfrentar dificuldades maiores do que na Alemanha. Despertaram-se almas em... (?), as quais foram novamente dispersas pelas atividades espiritualistas (?) de E. Herms. A apostasia e a exaltação própria sufocaram, mesmo entre esses poucos, a obra reformatória, conforme relatou o irmão Carl Spanknöbel. Apesar de tudo isso, alguns dos que trabalham e oram conosco regozijam-se em ver que a terceira mensagem angélica está reunindo os filhos de Deus.

Suécia

Eis o que os irmãos K. A . Ekeroth e C. E. Liljebaeck relataram:

Durante longo tempo havíamos estado deplorando a grande apostasia entre o povo do advento e orando a Deus para que enviasse um despertamento entre nós. Como isso aconteceria não tínhamos idéia. Nossa esperança estava nos novos líderes. Eles vieram, mas não houve reconversão aos antigos princípios. Ficamos novamente decepcionados. No inverno passado chegou às nossas mãos um folheto intitulado *A Todos os Nossos Amados Irmãos da Alemanha*, por meio do qual ficamos sabendo da apostasia ali existente. Constrangidos pelo Espírito de Deus, fizemos as seguintes perguntas na assembléia de Nyhyttan, em maio de 1921:

1. Qual a posição da Associação Sueca, reunida agora em sessão, sobre os pontos de vista do irmão Daniells acerca da liberdade de consciência em relação ao quarto e sexto mandamentos?
2. Qual a posição da Associação Sueca para com os Testemunhos de Ellen G. White: São ou não inspirados? Podem os que estão à procura de pureza e santidade continuar comendo alimentos cárneos?
3. Qual a posição da Associação Sueca para com o Movimento de Reforma na Alemanha e em outros países?
4. Porventura os líderes da igreja na Alemanha confessaram e corrigiram perante a igreja sua posição errada para com a Lei de Deus, retratando seus escritos que contêm erros doutrinários, como o *Der Christ und der Krieg*, bem como as declarações que aparecem nas revistas?

Em resposta a essas perguntas, o irmão Raft apresentou longa preleção na qual explicava que o Movimento de Reforma é fanatismo. Como evidência de que a obra era de Satanás, ele mencionou alguns fanáticos. Depois disso, nós fomos excluídos da igreja. Havíamos longamente esperado uma reforma e críamos que a reforma deveria partir da liderança. Mas, após diligente estudo dos Testemunhos, vimos que Deus usaria homens simples. Alguns desejavam conclamar o povo a um despertamento, contudo não se consideravam dignos e achavam que um reavivamento só seria possível vindo por intermédio de alguns ministros. Suplicamos a Deus muita luz e poder, e então enxergamos o caminho indicado pelo Céu aberto à nossa frente. Nosso Deus deseja estar conosco, e queremos ser santificados por esta pura verdade. Permanecemos firmes ao vosso lado, diletos irmãos, como um só homem, na gloriosa verdade e nos testemunhos de Deus.

Dinamarca

Os irmãos P. Rasmussen e M. Soerensen relataram que o início da Reforma na Dinamarca é mais remoto do que os irmãos imaginam. Quando o irmão Liljebaeck voltou de sua primeira viagem à Alemanha, trazendo publicações para Copenhague, uma advertência contra o movimento alemão já havia chegado ali proveniente da África do Sul. Independentemente disso, o irmão Soerensen já havia ouvido falar sobre a posição apostatada do irmão Daniells para com os Testemunhos, mas não podia crer. A ata da discussão em Friedensau, com as declarações do irmão Daniells acerca dos Testemunhos, trouxeram-lhe grande desassossego.

Outro irmão, que já havia adquirido publicações de Würzburg, disse: “Se estes escritos estiverem em harmonia com a verdade, então eu estou apostatado.” Assim, o irmão Soerensen deixou seu trabalho e levou publicações reformistas para Skodsburg, em 2 de março de 1921, onde obteve respostas a todas as suas perguntas, e o mesmo aconteceu quando foi à Alemanha e Suécia. O irmão Raft, líder (na Suécia), declarou que toda a obra da Reforma era uma obra de fanatismo. Portanto, o irmão Soerensen foi pessoalmente à Alemanha para investigar a questão. Depois que voltou, os irmãos [da Igreja Adventista] foram advertidos contra ele. Nosso ministério de publicações tem despertado irmãos que fazem questão de proclamar zelosamente a mensagem do terceiro anjo com boas publicações (sob o título geral): “Teu Deus é Rei.” Outras almas se encontram no vale da decisão. Com a certeza que nos tem sido concedida — “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” — estamos todos empenhados na obra com o coração cheio de esperança e alegria.

União do Danúbio (Hungria, Romênia e Iugoslávia)

Da União do Danúbio, o irmão Mihaly Anulo e Sandor Freiberger trouxeram o seguinte relatório:

O movimento reformatório começou a expandir-se, no outono de 1915, a partir do atual território restrito da Hungria para outros países. Naquele tempo a condição espiritual da Igreja Adventista havia baixado a ponto de as poucas almas sinceras não poderem, sem dor e pesar, contemplar a situação. Em conflito pelas almas, tentamos fazer o que podíamos a fim de despertar a igreja para a vida espiritual e expurgar a repulsiva pestilência (controvérsia) da igreja. Mas em vez de obter êxito, nossos esforços apenas provocaram ódio e oposição da liderança. Essas desinteligências dirigiram nossa atenção para os Testemunhos de Ellen G. White e para a Lei de Deus, à luz dos quais podíamos ver mais claramente a apostasia. A princípio pareceu-nos que a maioria dos irmãos se inclinariam para a verdade, mas quando a peneira começou a cirandar, muitos irmãos promissores mostraram-se infiéis. Com número bem reduzido de irmãos — de pouca experiência, deficientes em recursos financeiros, desprezados e perseguidos por nossos antigos irmãos, mas inteiramente confiantes no braço de Deus — começamos a trabalhar. E o Senhor tem abençoado o trabalho além de nossas expectativas. Em 1917 começou um despertamento em quase todos os lugares do país. O movimento continuou crescendo firmemente, de modo especial na Transilvânia, e a Obra ficou mais bem centralizada.

As questões concernentes à obra do selamento também causaram grande sacudidura, porque, devido à falta de conhecimento, muitos tinham concepção errônea da verdade e, sem a graça de Deus, logo se tornaram mornos. Atualmente a Obra está crescendo na Romênia, Hungria e Iugoslávia, que se uniram para formar uma União.

Nossa literatura é ainda muito escassa. O periódico *O Atalaia da Verdade* é publicado em três línguas: húngaro, romeno e sérvio. ... O livro *Temperança Cristã*, em romeno, está agora sendo impresso e traduzido para o húngaro.

A maioria de nossos obreiros são jovens, entre 18 e 35 anos de idade. Cresce firmemente a responsabilidade para com a Obra. Temos recebido novos chamados da Bulgária, Grécia, Ucrânia e Eslováquia.

Estônia

Os irmãos E. Rosenberg e A. Rosenstein, da Estônia, falaram-nos o seguinte:

O Movimento de Reforma em nossa área começou em relação com os livros da irmã White. Dispúnhamos de poucos de seus escritos em estoniano e de nenhum Testemunho. Os irmãos expressaram o ardente desejo de ter essa literatura na própria língua. Por essa razão o livro *Experiências e Visões* foi traduzido e pretendíamos imprimi-lo. Assim tornamos nosso desejo conhecido ao irmão Johann Sproge, o líder de nosso Campo, que disse entrássemos em contato com o presidente da União, irmão H. J. Löbsack. Assim fizemos, e recebemos resposta afirmativa. A comissão do Campo decidiu que o livro fosse impresso. Os irmãos entregaram os originais ao irmão Johann Sproge solicitando que o lesse com atenção e tomasse as providências necessárias. O original esteve em seu poder por quase um ano. Finalmente ele nos escreveu dizendo que, com respeito à impressão do livro, deveríamos tirar aquela idéia da cabeça. As relações oficiais entre a Estônia e a Rússia foram rompidas, e não recebemos mais nenhuma correspondência do irmão Löbsack. Então o irmão Sproge nos disse que estava mantendo correspondência com o irmão Conradi e que, de acordo com a proibição deste, não tínhamos permissão para imprimir nada na Estônia e que deveríamos desistir da idéia de publicar o livro.

Como estávamos sozinhos, sem nenhum auxílio humano, depusemos humildemente nossa confiança nAquele que jamais abandonou Seu povo, na certeza de que Ele também nos guiaria. Deus abriu nossos olhos para que pudéssemos ver a iniqüidade prevalecente que havia penetrado no povo adventista. ... [A questão da guerra foi o ponto fundamental].

Os irmãos de todas as igrejas reuniram-se para uma assembléia. Organizamo-nos num Campo e, com a ajuda de Deus, levamos avante a Obra. Alguns dos membros que permaneceram fiéis ao irmão Sproge e às leis dos homens, apoiaram a apostasia, escolhendo antes obedecer aos homens que à Lei e ao Testemunho de Deus. Esses tentaram por todos os meios possíveis perseguir-nos e enganar os irmãos. Ainda tínhamos esperança nos irmãos da Conferência Geral (irmãos Christian e Raft). Contudo, quando esses irmãos estiveram aqui no outono passado, endossaram as coisas erradas e nos acusaram dizendo que não havíamos agido corretamente. Isso nos revelou que a liderança do povo adventista em geral havia fracassado e se unido intimamente com o mundo e seus costumes. ...

A Obra na Estônia está organizada em treze igrejas e grupos. Temos nove obreiros no Campo, e duas irmãs que trabalham visitando famílias. Além disso, vários irmãos estão dispostos a participar na obra da colportagem. Com o coração agradecido, curvamos os joelhos diante do Senhor e testificamos que Ele está reunindo

Seu povo na verdade, em unidade de fé e de espírito. Estendamos agora as mãos um ao outro no Movimento de Reforma, fortaleçamo-nos e estimulemo-nos mutuamente na verdade e na mensagem de Deus.

Princípios / Eleições

A discussão dos princípios da verdade presente mostrou que há grande harmonia na mensagem do terceiro anjo, de acordo com a Lei e o Testemunho. ...

Chegamos ao acordo de tomar para a Comissão da Conferência Geral um irmão de cada país onde existe o Movimento de Reforma e mais um representante para cada 500 membros.

Em 22 de novembro [de 1921], às 11:30 h da manhã, depois de termos orado, procedemos à eleição da Comissão da Conferência Geral. Foram eleitos os seguintes oficiais:

Irmão O. Welp ..... Alemanha
Irmão J. Adamczak ..... Alemanha
Irmão W. Richter ..... Alemanha
Irmão K. J. Stiphout ..... Holanda
Irmão K. A. Ekeroth ..... Suécia
Irmão P. Rasmussen ..... Dinamarca
Irmão C. Spanknöbel ..... Suíça
Irmão D. Nicolici ..... União do Danúbio
Irmão J. Rosenberg ..... Estônia
Irmão A. Rosenstein ..... Estônia

Tendo a eleição sido acompanhada pela orientação do Espírito de Deus, unanimemente reconhecida e concluída com um cântico de louvor, os irmãos eleitos realizaram a primeira reunião de conselho.

A eleição do presidente, do tesoureiro e do secretário da Conferência Geral também foi realizada pelo lançamento de sortes [Nota do editor: Esse sistema foi abandonado quando recebemos mais luz]:

Presidente: Irmão O. Welp (Alemanha)
Tesoureiro: Irmão K. J. Stiphout (Holanda)
Secretário: Irmão C. Spanknöbel (Suíça)

Uma série de propostas e questões internacionais foram apresentadas e discutidas em algumas reuniões, sendo resolvidas por meio de decisões.

Diretoria eleita em 1921: estes nove mais D. Nicolici. À frente, da esq. para a dir.: K. J. Stiphout, Otto Welp, K. A. Ekeroth e A. Rosenstein. Na fileira de trás, da esq. para a dir.: Joseph Adamczak, P. Rasmussen, Wilhelm Richter, J. Rosenberg e Carl Spanknöbel

Decisões especiais de interesse geral

1. A questão dos obreiros da Holanda foi discutida e resolvida. Depois de exame, oração e lançamento de sortes, o irmão Le Vermeulen, de Rotterdam, foi nomeado obreiro para esse campo.
2. O irmão J. Goran, da Romênia, disse que está preparado para trabalhar na Argentina e que viajará para aquele país em 1922. A Comissão Executiva reconheceu a necessidade e está de acordo.
3. Atendendo à solicitação da Estônia e da Iugoslávia, de que fosse enviado temporariamente um irmão para ajudá-los na Obra e tomar parte nas convenções, será nomeado um irmão para cada um desses países.
4. Foi discutida a proposta de fazer nova tentativa por meio de uma declaração endereçada à Conferência Geral em Washington. Ficou decidido:
   a) que será enviado, tanto em alemão como em inglês, à Conferência em Washington, um protesto contra os erros que foram introduzidos na verdade presente;
   b) que serão enviados dois representantes — O. Welp e H. Spanknöbel — à Conferência Geral em Washington para uma discussão verbal e exposição dos princípios, e que

esses dois irmãos serão designados para a Obra [da Reforma] na América.

5. Todas as propostas e relatórios para a Comissão da Conferência Geral devem ser apresentados através do secretário, Carl Spanknöbel, Frutigen (Suíça).

Após haverem sido considerados e discutidos, um por um, vários pontos da verdade, foi encerrada a sessão com uma oração, na tarde de 23 de novembro (1921).

10

Tentando apelar à delegação da Conferência Geral (1922)

Como resultado direto das circunstâncias já mencionadas, mais de três mil crentes estavam fora da Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1922. Seus esforços para obter a reconciliação e a unificação nos princípios fundamentais da fé do advento não foram tratados com boa vontade, e muitos falsos rumores foram postos em circulação para criar preconceitos contra eles.

Contudo, antes que qualquer passo fosse dado em direção de uma organização definitiva, nossos irmãos ainda sentiam que era seu dever seguir a regra bíblica e apresentar o problema diante da delegação da Conferência Geral reunida em sessão. Daí sua decisão de enviar dois delegados à Conferência Geral.

A assembléia da Conferência Geral dos adventistas do sétimo dia ocorreu em São Francisco, EUA, de 11 a 31 de maio de 1922. Os dois representantes dos adventistas excluídos chegaram em tempo hábil e notificaram à Conferência Geral o propósito de sua vinda aos Estados Unidos. Além disso, dirigiram três apelos escritos à delegação: O primeiro apelo em 11 de maio de 1922 foi transmitido pelo irmão Otto Welp ao pastor A. G. Daniells. O segundo, datado de 18 de maio, foi endereçado a todos os membros da Comissão da Conferência Geral com uma cópia do primeiro. O terceiro, datado de 22 maio, foi entregue ao pastor Daniells. Mas não houve resposta. O período de espera prolongou-se por vários dias e semanas sem indicação de que a petição seria deferida. Ansiosos por ver o resultado da longa viagem, nossos dois delegados dirigiram-se ao salão da assembléia. Ali tiveram contato pessoal com o pastor Daniells e pediram audiência perante a delegação. A resposta foi: “Não podemos permitir que questões como essas sejam apresentadas perante a delegação.”

Era impossível descrever em palavras o imenso desapontamento que sobreveio a nossos crentes quando souberam da maneira por que os dois representantes e seus apelos foram tratados naquela sessão da Conferência Geral. A séria questão que dividiu a igreja não foi apresentada para discussão. Foi completamente ignorada.

Como presidente, o irmão Daniells não permitiu que nossos representantes expusessem o caso perante a assembléia. Assim, nossos irmãos não tiveram outra alternativa senão organizar-se separadamente, de maneira definitiva, para levar avante a obra evangélica, soerguer a norma e propagar a verdade direta.

Recusando-se a reconhecer a verdadeira obra de reavivamento e reforma iniciada na igreja e tentando neutralizar a influência que o Movimento de Reforma estava exercendo sobre muitos membros da igreja, a liderança ASD tentou introduzir reavivamento e reforma nas fileiras denominacionais. Citamos a seguir um apelo aos representantes reunidos na assembléia de 1922:

"Uma das recomendações que me sinto pressionado a fazer é tão importante, tão vital, que me arrisco a chamá-la de apelo. É esta:

" 'Que durante o próximo quadriênio seja feito supremo esforço para que haja em todas as igrejas através do mundo grande reavivamento espiritual e reforma. ... Se os líderes de responsabilidade na Causa de Deus buscarem primeiramente essa experiência e trabalharem no caminho indicado por Deus em favor de outros, maravilhosa reforma ocorrerá em nossas fileiras. E, irmãos, ou essa reforma se realizará, ou seremos condenados com o resto da humanidade. Não poderemos sobreviver sem ela.' " —*Boletim da Conferência Geral*, 1922, pág. 16.

Quando nossos irmãos souberam dessa resolução, entenderam que não poderia haver reavivamento e reforma verdadeiros entre o povo adventista enquanto não reconhecessem e pusessem de lado a apostasia. Mas esperavam que essa iniciativa resultasse em algum bem. Entretanto, o tempo provou que essa tentativa não passou de reavivamento sentimental que logo foi esquecido. Foram feitos esforços similares em anos sucessivos para dar a aparência de que finalmente a reforma longamente esperada veio à igreja. Ficaríamos muito contentes se isso acontecesse, mas não podemos passar por alto os fatos existentes. Ao mudar sua posição de "não-participação" para "completa liberdade de participar" na guerra, a igreja ASD mudou sua posição para com a Lei de Deus. Isso é contrário à Bíblia (Novo Testamento) e ao Espírito de Profecia. E essa apostasia jamais

foi confessada. Ora, reavivamento verdadeiro e reforma genuína são possíveis somente onde há arrependimento legítimo. A obra de reformar a igreja não depende da decisão de um conselho ou comissão. Ao contrário, é prerrogativa de Deus operar no coração de homens e mulheres e escolher Suas próprias instrumentalidades. Se rejeitarmos os mensageiros que Deus envia com a mensagem de reforma, estaremos rejeitando o próprio Deus.

Os líderes da Igreja Adventista na Europa compreenderam que, para neutralizar a obra do Movimento de Reforma, tinham que fazer algo mais do que falar em reavivamentos e reformas. Na reunião conjunta realizada em Friedensau (julho de 1920), não houve evidência de que os diretamente responsáveis pela apostasia sentissem algum pesar pelo que haviam feito. Na *Ata da Discussão com o Movimento Opositor (Protocolo)* não há indicação de arrependimento. Sendo assim, o expediente adotado por esses líderes foi publicar uma declaração contendo uma confissão formal. Durante uma reunião de comissão realizada em Gland, Suíça, declararam (2 de janeiro de 1923):

"A Comissão Executiva da Divisão Européia da denominação dos Adventistas do Sétimo Dia reunida em assembléia em Gland, Suíça, tendo deliberado cuidadosamente sobre o assunto da guarda do Sábado, serviço militar, porte de armas em tempos de paz e durante os períodos de guerra, unanimemente declara-se em harmonia com o ensino geral de seus irmãos daquela denominação em todo o mundo, como segue: ...

"Reverenciamos a Lei de Deus contida no Decálogo conforme explicada nos ensinos de Cristo e exemplificada em Sua vida. Por essa razão observamos o Sábado como dia sagrado. Abstemo-nos de trabalho secular nesse dia, embora nos empenhemos alegremente em obras de necessidade e misericórdia para alívio dos sofredores e soerguimento da humanidade, na paz ou na guerra recusamo-nos a participar em atos de violência e derramamento de sangue. Damos a cada membro de nossas igrejas absoluta liberdade para servir seu país, em todos os tempos e lugares, de acordo com os ditames de sua conscienciosa convicção pessoal." —F. M. Wilcox, *Seventh-day Adventists in Times of War*, págs. 346 e 347.

Além dessa declaração, os líderes da União Alemã assinaram um documento especial que afirmava:

"Na reunião da Comissão da Divisão Européia, realizada em Gland, Suíça, de 27 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923, nossa posição durante a guerra, conforme expressa em diferentes

O Conselho da Divisão Européia da Igreja ASD reunido em Gland, Suíça, de 27 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923

documentos, foi revisada, e nós, mediante nossas assinaturas, tornamos a confirmar o que já havíamos declarado em Friedensau em 1920: sentimos muito o fato de tais documentos terem sido publicados. Estamos em plena harmonia com a declaração adotada pelo conselho hoje (2 de janeiro de 1923).” —*Idem*, pág. 347.

Aos reformistas e adventistas de espírito reformista essa aparente confissão trouxe desapontamento porque, embora os líderes aparentemente admitissem seu erro, continuavam a confirmar sua concessão aos poderes das trevas ao darem aos membros “absoluta liberdade” para continuar fazendo o que muitos deles realmente haviam feito durante a guerra. Na verdade, suas declarações e ações posteriores revelam claramente que seu pretenso arrependimento e confissão não passava de uma farsa. Considerem-se estes exemplos:

Igreja ASD na Romênia: “Prestar serviço militar e tomar parte na guerra não envolve concerto com o mundo, nem equivale a aliar-se com Babilônia. A participação na guerra não é mais que um dever cívico.” —P. P. Paulini, *Profecia*, 1924, pág. 41.

Igreja ASD na Iugoslávia: “De acordo com a norma bíblica ‘Dai a César o que é de César’, os cristãos adventistas cumprem todos os seus deveres, incluindo os deveres militares. Servem conscienciosamente no exército com armas tanto em tempos de paz como em tempos de guerra.” —*Adventismo*, 1925, págs. 53 e 54.

Igreja ASD na Alemanha: “Mesmo em meio à guerra o soldado pode demonstrar amor cristão: diante do adversário desarmado, usa de bondade; para com o inimigo conquistado, usa de misericórdia e

THE ADVENT REVIEW AND SABBATH HERALD Vol. 101, No. 10

Our European Brethren and Noncombatancy

William A. Spicer
President of General Conference

An inquiry concerning the attitude of our brethren in Europe toward noncombatancy and war comes from a brother who has recently heard these brethren denounced by enemies of our cause and work. The information we passed to this inquirer may be of interest to others.

At one of the fullest and most representative meetings of their committee, which our European brethren held in Switzerland, following the comparative stabilizing of affairs in Europe, they adopted a declaration of principles on noncombatancy. It is the first declaration of these principles ever made in our general work in Europe.

It was not difficult, comparatively, for our representatives in the North American Division to counsel together and make proper declaration of principles as the United States was being drawn into the great conflict. Yet our brethren in America who went through these times recall well how carefully and prayerfully these matters of extreme delicacy had to be handled. It was the same in the time of the Civil War, when our people were first led to study this question and to make our first declaration on non-combatancy. Even then the spirit of prophecy among us was led to bear stern warning to restrain some whose rash and unbalanced talk and attitude in a national crisis tended to misrepresent the Christian attitude toward civil authority. But then, as also in the recent crisis, it was possible in this country to get together for mutual study and counsel and unity of action.

All will understand, however, how impossible it was in Europe to secure any such opportunity for counsel or united study. The storm broke suddenly, and in many parts workers even in the same country were unable to counsel with one another. Even now, in some parts, where delicate situations still exist, our brethren need special wisdom and judgement in handling such declarations. From the minutes of the European committee's proceedings, we copy their statement of noncombatant principles, issued Jan. 2, 1923:

Declaration of Principles

"The executive committee of the European Division of the denomination of Seventh-day Adventists, assembled in conference at Gland, Switzerland, having carefully counseled concerning the Sabbath keeping, military service, bearing of arms in time of peace and during periods of war, unanimously declare themselves in harmony with the general teaching of their brethren of that denomination throughout the world, as follows:

"We recognize earthly governments as ordained of God for the purpose of securing to their people the blessings of order, justice, and tranquility; that in the exercise of their legitimate functions such governments should receive the loyal support of their citizens.

"We assert the justice of rendering tribute, custom, and honor to earthly governments, as enjoined in the New Testament.

"We revere the law of God contained in the decalogue as explained in the teachings of Christ and exemplified in His life. For that reason we observe the seventh-day Sabbath (Saturday) as sacred time; we refrain from secular labor upon that day, but engage gladly in works of necessity and mercy for the relief of suffering and the uplift of humanity; in peace and in war we decline to participate in acts of violence and bloodshed. We grant to each of our church members absolute liberty to serve their country, at all times and in all places, in accord with the dictates of their personal conscientious conviction."

Advent Review and Sabbath Herald, March 6, 1924

The Advent Review and Sabbath Herald *(Revista do Advento e Arauto do Sábado) de 6 de março de 1924. Sob o título, “Nossos irmãos europeus e a não-combatência”, ao final do último parágrafo, a Igreja Adventista fez conhecida sua nova posição*

para com os prisioneiros, usa de compaixão.” —*Der Adventbote* (O Mensageiro do Advento), jornal ASD publicado na Alemanha, 15 de outubro de 1927.

Igreja ASD na Rússia: “Esta sexta assembléia dos adventistas do sétimo dia, de 1928, declara e resolve que os ASD precisam dar a

César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Isso significa que devem servir o Estado no exército e prestar todas as formas de serviço, de acordo com a regra estabelecida para todos os cidadãos." —*Relatório da Sexta Assembléia Geral dos Adventistas do Sétimo Dia*, 12 a 19 de maio de 1928.

Provas documentadas mostram que, durante a Segunda Guerra Mundial, a posição oficial adotada pela Igreja Adventista permitiu ou encorajou seus membros a entrarem nas forças armadas como combatentes e fazerem pior do que haviam feito durante a Primeira. É lamentável dizer, mas, entre os adventistas, a absoluta liberdade para que cada crente sirva seu país como combatente tornou-se uma posição firmemente estabelecida. Consideremos as seguintes declarações:

"Embora nosso ideal para os jovens adventistas na guerra seja a não-combatência, não tomamos posição dogmática a esse respeito. Por isso não excluímos o jovem que não ingressa nas forças armadas como não-combatente. Longe disso. Nós o acompanhamos com nossas orações." —*The Review and Herald*, 28 de fevereiro de 1963.

"A consciência individual é mantida suprema em todos os tempos e é, portanto, possível a um jovem adventista ser combatente ou objetor de consciência e ainda assim continuar sendo adventista." —*Boletim publicado pela União Oeste Australiana*, 25 de setembro de 1967.

Para evidências adicionais sobre esse ponto, recomendamos aos nossos leitores o livro *A Mensagem de Deus ao Povo do Advento.*

*** Nota dos Editores —** O livro *A Turning Point in the History of Adventism* (Ponto Crítico na História do Adventismo) deverá ser publicado brevemente em português pela Editora Missionária A Verdade Presente.

11

As assembléias de delegados de nossa Conferência Geral

A volta dos dois representantes — Otto Welp e Heinrich Spanknöbel — de sua viagem através do Atlântico, em 1922, despertou incalculável interesse e, em alguns casos, desapontamento e perplexidade. Por meio de correspondência e contatos pessoais espalhou-se de país em país a notícia de que não havia perspectiva de reconciliação com a Igreja Adventista ... de que a porta estava fechada ... e de que a nossos dois enviados não fora nem mesmo concedida audiência na assembléia da Conferência Geral em São Francisco. Muitos irmãos começaram a perguntar a si mesmos: Qual será o próximo passo? Consultas mútuas, em espírito de oração, levaram os representantes dos diferentes grupos de adventistas reformistas à conclusão de que era absolutamente necessário realizar uma reunião geral.

1922 — Segunda assembléia internacional (Bebra, Alemanha)

No verão de 1922 foi realizada em Bebra, oeste de Eisenach, Alemanha, a segunda reunião internacional de reformistas. Quatro Uniões que já haviam sido organizadas concordaram em unir-se à Conferência Geral e trabalhar em conjunto. Trimensários da Escola Sabatina, revistas para a Semana de Oração e outras publicações já eram editados localmente, de acordo com as possibilidades dos irmãos de cada país. Sentiu-se então a necessidade de centralizar a preparação e disseminação desses materiais através da sede da Conferência Geral em Würzburg, na Alemanha. Essa sede tornou-se o elo coordenador entre as diversas Uniões e o centro do qual seriam atendidos novos interesses e novos grupos que se despertassem para a mensagem de reforma em muitos outros lugares do mundo. As quatro

Conferência dos ASD Movimento de Reforma, em Eisenach, Alemanha, 1922. Representantes de várias Uniões estiveram presentes nessa segunda assembléia internacional

Uniões comprometeram-se a apoiar a Conferência Geral com os dízimos dos dízimos. O irmão Welp foi confirmado como presidente e o irmão Spanknöbel como secretário. Foi resolvido que a Conferência Geral seria organizada definitivamente em 1925, e os crentes em geral foram informados desse plano.

1925 — Primeira assembléia da Conferência Geral

Nossa primeira assembléia representativa propriamente dita ocorreu em Gotha, na Alemanha, de 14 a 20 de julho de 1925 com a presença de 18 delegados. É a partir daquela data que são preservadas as atas oficiais de nossas assembléias gerais. Ainda conservamos o livro de atas original como precioso tesouro.

Quando os irmãos se reuniram em 1925, as palavras de Atos 15:4 quase puderam ser assim parafraseadas: "E, quando chegaram a Gotha, foram recebidos pela igreja e pelos anciãos que haviam organizado a conferência, e relataram tudo quanto Deus fizera por meio deles." Os relatórios confirmaram novamente o fato de que os irmãos de mentalidade reformista de vários países haviam passado por experiências similares. Cada coração, porém, parecia preocupado com a pergunta: Até que ponto estamos unidos na doutrina? Todos eram genuínos adventistas do sétimo dia. Todos professavam ser reformadores. Todos defendiam a verdade conforme se acha revelada na tríplice mensagem de Apocalipse 14. Não havia dúvida quanto às doutrinas fundamentais do adventismo. Mas, ao entrarem em pormenores, o entendimento e a aplicação de certos princípios, não se pode dizer que estavam "unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer." 1 Coríntios 1:10. Longe disso. Havia diferentes idéias acerca da organização proposta e de tudo quanto a ela se relacionava. Em meio à aparente confusão de conceitos, porém, parecia brilhar um raio de esperança em direção a um futuro melhor.

Os pontos em comum, em que havia perfeita unanimidade, foram examinados em primeiro lugar. Todos estavam convictos de que haviam sido empregados esforços sinceros e ordenados para alcançar reconciliação genuína e aprovada por Deus com a igreja que amavam. Todos eram da opinião de que era inútil tentar novamente, visto não haver evidência de terem sido corrigidos os graves erros que lançaram a base da discussão em Friedensau, em 1920. Não alimentavam esperança de que a necessária reforma ocorresse dentro da igreja. Todos sentiram que estavam passando pela experiência de seus antecessores na obra de reforma. A história, que tem a tendência de repetir-se e que é um compêndio de procedimentos padronizados, ensinou-lhes uma lição importante:

"Quando os reformadores pregavam a Palavra de Deus, não tinham idéia alguma de se separar da igreja estabelecida. Os guias religiosos, porém, não toleravam a luz, e os que a conduziam eram forçados a buscar outra classe, a qual estava ansiosa da verdade. ... Muitas vezes os que seguem os passos dos reformadores são forçados a retirar-se da igreja que amam, a fim de declarar o positivo ensino da Palavra de Deus. E muitas vezes os que estão à procura da

Delegados para a Conferência Geral dos ASD Movimento de Reforma, primeira assembléia, em Gotha, Alemanha, 1925. À frente, da esq. para a dir.: Constantin Ursan, Wilhelm Richter, Dumitru Nicolici, Wilhelm Korpmann, Johann G. Hanselmann, Otto Welp, P. Rasmussen, Wilhelm Maas, Joseph Adamczak, Albert Krahe. Na fileira de trás, da esq. para a dir.: Mihai Streza, Karl Kozel, Heinrich Spanknöbel, irmã A. Ottender, A. Jurgens, K. A. Ekeroth, irmã Ekeroth (não era delegada), Max Köhler, C. Adams

luz são, pelos mesmos ensinos, obrigados a deixar a igreja de seus pais, a fim de prestar obediência." —*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 232.

"A obra de Deus na Terra apresenta, século após século, surpreendente semelhança, em todas as grandes reformas ou movimentos religiosos. Os princípios envolvidos no trato de Deus com os homens são sempre os mesmos." —*O Grande Conflito*, pág. 343.

Assim, quando foi convocada nossa primeira assembléia representativa, os pioneiros na obra de reforma já estavam convencidos de que Deus exige unidade sobre uma base verdadeira, escriturística, e não filiação incondicional. Esse princípio, exemplificado por nossos antepassados na fé, era claro para eles:

"Para assegurar a paz e a unidade, estavam prontos a fazer qualquer concessão coerente com a fidelidade para com Deus, mas acharam que mesmo a paz seria comprada demasiado caro com sacrifício dos princípios. Se a unidade só se pudesse conseguir comprometendo a verdade e a justiça, seria preferível que prevalecessem as diferenças e as conseqüentes lutas." —*O Grande Conflito*, pág. 45.

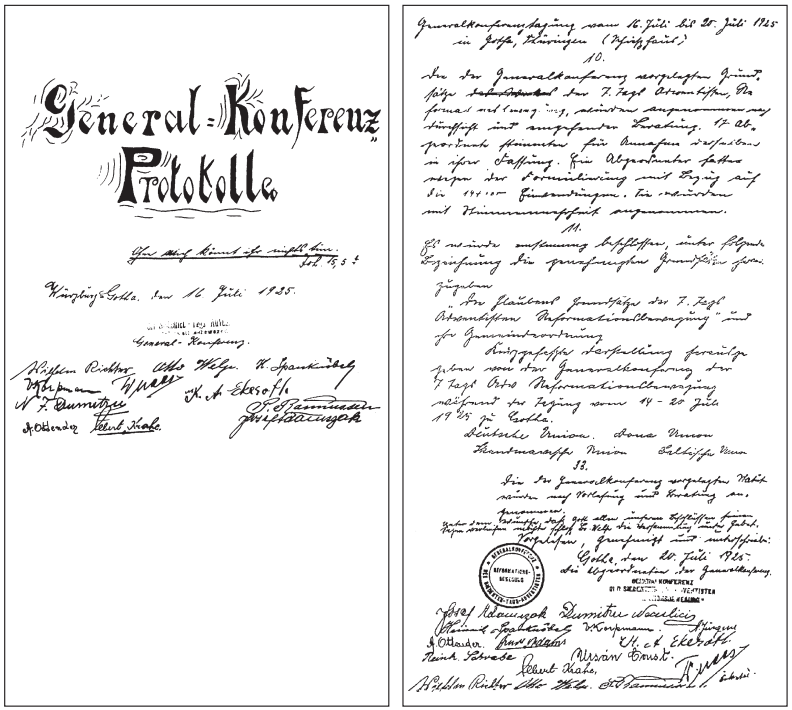
"Cristo pede unidade. Não pede, porém, que nos edifiquemos em práticas errôneas. ... Não encobre o malfeito com uma capa de argamassa não temperada." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 175.

Nossos delegados em 1925 não dispunham dos *Princípios Fundamentais dos ASD* publicados em 1872, mas tinham o livro *Estudos Bíblicos para Uso nos Lares*, baseado naquela publicação de 1872. Não criam no estabelecimento de um credo, mas, para garantir uniformidade no ensino e na prática, julgaram necessário adotar um conjunto de princípios tomando por base o material que lhes estava disponível, da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Fizeram o que estava ao alcance do seu conhecimento e compreensão. Foi assim que nosso humilde livreto *Princípios de Fé* veio à existência. Diz a Resolução Nº. 10:

"Os princípios da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma submetidos à Conferência Geral foram adotados após exame e detalhada deliberação. Dezessete delegados votaram em favor de sua adoção na forma original. Um delegado apresentou objeções por causa da maneira como fora formulada a referência aos 144 mil. Os princípios foram aceitos pela maioria."

Para nós, como Movimento, os princípios de 1925 sempre foram símbolo da unidade na fé.

Depois desse passo de primordial importância, houve um segundo passo que também envolveu alguma discussão, a saber, a



À esq., primeira página da ata da primeira sessão da Conferência Geral dos reformistas, em 1925; à dir., última página da ata da CG, em 1925. A decisão 11 se refere aos Princípios de Fé. Veja-se a próxima página

organização do Movimento de Reforma. A maior parte desses dezoito delegados (representando quatro mil membros) acharam que as verdades fundamentais da tríplice mensagem não podiam ser promovidas com êxito sem alguma forma concreta de organização. Alguns se opuseram à idéia, mas suas objeções não prevaleceram.

Esta foi a primeira razão apresentada em favor da organização: Desde o princípio toda verdadeira reforma teve de enfrentar oposição. Os apóstolos tiveram de lutar contra elementos desordenados. Lutero e Melâncton pelejaram contra eles. Os primeiros adventistas os combateram. E, certamente, este Movimento de Reforma não seria exceção. Para impedir a entrada de impostores e para outros variados fins (*Testemunhos para Ministros*, pág. 26), foi considerada necessária uma forma definida de organização. Aqueles líderes compreenderam que essa organização deveria ser construída sobre a mesma plataforma estabelecida pelos pioneiros e fortalecida pelas

doutrinas distintivas do Movimento Adventista, mas separada da organização da Igreja Adventista mãe. Afinal, "*andarão dois juntos, se não estiverem de acordo*?" Amós 3:3.

O nome oficial a ser adotado pelo Movimento de Reforma foi outra questão discutida entre os delegados. Os representantes da obra na Alemanha propuseram que seu nome, *Sociedade Missionária Internacional*, registrado em 1919, fosse aceito pela Igreja da Reforma como um todo. A maioria teve idéia diferente. A principal objeção era de que muitas outras sociedades, e também os que se chamam "Testemunhas de Jeová", usavam o nome "Internacional". Os delegados queriam um nome que não ocasionasse confusão desnecessária com outras sociedades. Após longa discussão, finalmente concordaram em adotar o nome que usamos até hoje (Resolução Nº. 11).

A reunião de 1925 pavimentou o caminho para um movimento mundial. Nessa assembléia, os *Princípios de Fé* foram adotados. Quatro Uniões se uniram para formar a Conferência Geral e foi definido o nome de nossa organização, conforme mostrado na ata da Conferência Geral de 1925 e na capa do livreto Princípios de Fé, publicado imediatamente depois na Alemanha, a saber:

> *Princípios de Fé dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma e suas Regras de Ordem Eclesiástica* — Exposição Concisa publicada pela Conferência Geral durante a assembléia realizada em Gotha (Alemanha) de 14-20 julho de 1925:

União Alemã:	Würzburg	(Alemanha)
União do Danúbio:	Sofia	(Bulgária)
União Escandinava:	Copenhague	(Dinamarca)
União Báltica:	Reval	(Estônia)

Os *Princípios de Fé* publicados em alemão continham também o endereço de cada União.

Para o primeiro mandato foi eleito Otto Welp presidente e Willi Maas secretário.

1928 — Segunda assembléia da Conferência Geral

A segunda assembléia da Conferência Geral foi realizada em Isernhagen, Alemanha, de 24 a 30 de junho de 1928. Compareceram vinte e um delegados.

Para maior desenvolvimento da Obra, a União do Danúbio foi dividida em duas. Eis as Uniões e Campos representados nessa sessão:

- União Alemã (incluindo França, Suíça, Holanda, Checoslováquia e Polônia: mais de 1.400 almas)
- União Báltica (Estônia, Letônia e Finlândia: mais de 500 almas)
- União Escandinava (Dinamarca, Suécia e Noruega)
- União do Danúbio Oriental (Romênia: mais de 1.250 almas)
- União do Danúbio Ocidental (Bulgária, Hungria e Iugoslávia)
- Missão Britânica
- Missão Norte-americana

Die
Glaubensgrundsätze
der
Gemeinschaft
der Siebenten-Tags-Adventisten
„Reformationsbewegung"
und ihre
Gemeindeordnung.
Kurzgefaßte Darstellung
herausgegeben von der
Generalkonferenz der Siebenten-Tags-Adventisten
„Reformationsbewegung"
während der Generalkonferenztagung v. 14.—20. Juli 1925
zu Gotha.
Deutsche Union: Würzburg, Postfach 67.
Donau-Union: Sofia.
Skandinavische Union: Kopenhagen, K., Löwstraede 8.
Baltische Union: Reval, S., Tatari tän 52.

*Os **Princípios de Fé** (capa), como aprovados pela delegação da CG, primeira sessão, 1925, de acordo com a decisão 11 (ata da CG, 1925).*

O relatório do secretário mostrou pequeno acréscimo de membros do Movimento de Reforma (4.208 almas). Ministros ordenados, obreiros bíblicos, funcionários da editora e outros auxiliares totalizaram 103.

Cartas animadoras vindas da Rússia, da América do Sul (Argentina e Brasil) e da África (Rodésia do Sul e do Norte) mencionavam considerável progresso. A mensagem reformatória estava ganhando novos territórios. Na Rússia, onde o irmão H. Unrau trabalhava, mais de quinhentas almas haviam tomado posição ao lado do Movimento de Reforma. O relatório da assembléia, publicado na revista *Adventarbeiter* (Obreiro do Advento) em outubro de 1928 (ano I, número 1), diz: "Diversos países, tais como Palestina, países africanos, Índia, etc., estão pedindo obreiros." Continua o relatório: "O Senhor, no devido tempo, há de realizar Sua obra, impressionando algumas almas com o desejo de ajudar na promoção de Sua Obra."

Em vista dos urgentes apelos macedônicos vindos de muitos lugares, foi seriamente considerada a necessidade de preparar e enviar missionários. Uma das resoluções adotadas em 1928 dizia que jovens deveriam ser estimulados a estudar línguas, subvencionados

Delegação da CG, segunda assembléia, em Isernhagen, Hannover, Alemanha, 1928

pela Conferência Geral, para que pudessem ser enviados ao exterior. Os líderes perceberam, porém, que não bastava inscrever jovens num curso e depois enviá-los ao campo. Eles precisariam obter experiência no campo nacional antes de receber responsabilidades em outros países. A história nos ensina muitas lições. Aprendemos que, se enviarmos jovens inexperientes a novos campos, teremos de lastimar esse erro.

Os irmãos reunidos em 1928 estavam preocupados em elevar os princípios. Isso é evidenciado na decisão de instruir o povo na necessidade de tomar posição mais elevada quanto à reforma da saúde, reforma do vestuário, guarda do Sábado, etc. Eles concordaram que, em harmonia com a Palavra escrita, apenas irmãos qualificados (com ênfase em 1 Timóteo 3:4, 5) deveriam ser obreiros e anciãos.

Com referência à devida observância do Sábado, nossos pioneiros entenderam que os irmãos em geral necessitavam de mais instruções. Portanto, de acordo com a Bíblia e o Espírito de Profecia, como igreja, cremos que viajar desnecessariamente no Sábado, deixar o trabalho tarde e chegar à casa depois do pôr-do-Sol na sexta-feira, são formas de transgressão do quarto mandamento. Resolveram que nosso povo deveria ser instruído quanto a essas e outras transgressões que preparam a alma, não para o selo de Deus, mas para a marca da besta.

Para o novo mandato, foram eleitos os irmãos O. Welp presidente e W. Maas secretário.

1931 — Terceira assembléia da Conferência Geral

De 4 a 10 de agosto de 1931 dezenove delegados se reuniram em Isernhagen, Alemanha.

Der Adventarbeiter (O Obreiro do Advento), que era o órgão oficial da Conferência Geral, publicou um relatório abrangente (31 de outubro) contendo algumas estatísticas apresentadas nessa assembléia:

"Ao considerarmos as bênçãos maravilhosas a nós concedidas no passado, nossa confiança no auxílio de Deus se fortalece mais que nunca. ... Durante os últimos três anos, mais de oitocentas pessoas foram recebidas na igreja. Somos mais de cinco mil. ... Cerca de cem obreiros estão ativamente empenhados em proclamar esta mensagem e várias centenas de colportores levam, por meio de nossa literatura, a verdade presente de casa em casa."

Eis as decisões adotadas na terceira assembléia: Ensinar o povo a alcançar, pela graça de Deus, maior nível moral; iniciar uma escola missionária para treinamento de jovens escolhidos para a Obra do Senhor; estabelecer centros de saúde em diversos lugares.

Ficou resolvido também que as futuras assembléias da Conferência Geral deveriam ser realizadas trienalmente.

Naqueles dias muitos líderes adventistas estavam ensinando que a chuva serôdia já havia caído. Em vista disso, foi solicitado à delegação da nossa Conferência Geral de 1931 que definisse sua posição nessa questão. Em *Der Adventarbeiter* (O Obreiro do Advento), de outubro de 1931, lemos:

Delegação da CG, terceira assembléia, em Isernhagen, Hannover, Alemanha, 1931

"É notório que as fileiras adventistas do sétimo dia estão ensinando que a chuva serôdia já caiu. Este ensino é grande engano, contrário à Bíblia e ao Espírito de Profecia. Além disso, alguns egressos deste Movimento, estão tentando enganar as almas e anuviarlhes a mente dizendo que estamos ensinando que a chuva serôdia já caiu. Por essa razão esclarecemos que não cremos assim. Todos quantos usam esses argumentos ou insinuações contra o Movimento de Reforma estão fazendo declarações inverídicas e inconsistentes. Outros, pela interpretação errônea de Apocalipse 18, estão tentando pôr este Movimento sob falsa luz. Temos, porém, esta certeza: façam o que desejarem, não conseguirão estorvar nossa obra. Esses pontos foram minuciosamente discutidos pela delegação, não por causa da influência dos dissidentes deste Movimento, mas pela bem conhecida crença de muitos líderes da Igreja Adventista que professam abertamente já haver caído a chuva serôdia. Louvamos a Deus porque nossa compreensão desses pontos (chuva serôdia e Apocalipse 18) é clara. Quanto a esses assuntos, permanecemos firmemente estabelecidos nos ensinos da Bíblia e dos Testemunhos. Nossa oração é que Deus possa ajudar Sua igreja a obter vitória sobre cada empecilho, cada palavra e ação erradas. Que a prometida bênção da chuva serôdia possa em breve tornar-se bem-aventurada realidade."

Os delegados da assembléia de 1931 consideraram também o assunto da organização, não porque tivessem dúvida: em alguns lugares nosso povo teve de enfrentar os que insistiam em não haver necessidade de organização eclesiástica. Sobre esse ponto, diz o relatório de 1931:

"Conforme o Espírito de Profecia declarou, sempre haveria de existir alguns que procuram desorganizar a Obra num tempo em que a organização é tão necessária. Louvado seja Deus porque nessa questão de plena organização há perfeita unidade entre nós."

Foi adotado um plano financeiro especial: Com o fim de haver recursos para a ampliação da Obra em novos campos e ajudar as missões pobres já em funcionamento, as Uniões deveriam levantar recursos por intermédio da obra da colportagem. Deviam ser designados *dias missionários* para esse propósito no outono de cada ano.

Os oficiais eleitos para o novo mandato foram: O. Welp, presidente; W. Maas, secretário.

Delegação da CG, quarta assembléia, em Budapeste, Hungria, 1934

1934 — Quarta assembléia da Conferência Geral

Realizada em Budapeste, Hungria, de 25 a 28 de setembro de 1934. O encontro foi aberto com a presença de 21 delegados. Nesse ano o total de membros no mundo ultrapassava sete mil.

Para feliz surpresa da delegação, o número de membros relatado em 1934 revelou aumento de cerca de quarenta por cento sobre 1931.

A alegria de nossos delegados foi expressa nestas palavras:

"Somos de todo coração gratos ao Senhor pelas bênçãos que recebemos nesses últimos três anos. Ele abençoou a obra da reforma além das petições e expectativas. No aspecto financeiro, Deus nos ajudou em todas as necessidades. Somos gratos a Ele especialmente por Sua ajuda no trabalho espiritual. É a conversão e a colheita de almas que nos enchem o coração de gratidão para com Ele. Foi Ele que despertou essas almas, fez a obra prosperar, guiou e protegeu os obreiros em toda parte, escudou-nos dos inúmeros perigos e ajudou-nos a sair das muitas dificuldades durante esses últimos três anos. Em meio aos problemas que existem na Terra e em face de aflições ainda maiores que nos aguardam, nossa sincera oração é que Ele seja defesa e visite brevemente a Terra com a chuva serôdia."

Certo número de perguntas relacionadas com nossas crenças foram postas na agenda para discussão. Eram perguntas relativas à reforma da saúde, empregos incoerentes com nossa fé, rebatismo, instituição do matrimônio (perguntas relativas ao divórcio e novo

casamento) e alto clamor. Foram enviadas respostas às Uniões, na forma de resoluções, em harmonia com a luz que os nossos delegados tinham da Bíblia e dos escritos do Espírito de Profecia. Nossa decisão anterior de erguer os princípios foi confirmada com ênfase na necessidade de insistir na perfeita preparação dos candidatos antes do batismo.

Os delegados ficaram grandemente preocupados com um dos maiores problemas que hoje nos preocupam bem mais do que no passado: "Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos", e o tempo de graça está prestes findar. Além disso, havia sinais de que o mundo se preparava para novo conflito. Isso lhes trouxe apreensão adicional. A ansiedade que sentiam é bem expressa nestas palavras:

"Durante todas as reuniões de conselho ficamos profundamente impressionados com a solenidade deste tempo, e estamos plenamente convictos de que nos restam apenas poucos dias para proclamarmos a mensagem evangélica. É, portanto, nosso objetivo trabalhar diligentemente hoje, para que sejamos achados servos fiéis."

Novos oficiais: W. Maas, presidente; A. Rieck, secretário.

1948 — Quinta assembléia da Conferência Geral

Devido aos crescentes impedimentos políticos, à Segunda Guerra Mundial (1939–1945) e devido à conseqüente devastação e à situação instável prevalecente na Europa durante os primeiros anos pós-guerra, não foi possível realizar assembléia regular da Conferência Geral durante quatorze anos, ou seja, de 1934 a 1948. Desde junho de 1938, quando os irmãos da Comissão da CG se reuniram em Budapeste, na Hungria, não houve mais reunião dessa comissão até que os irmãos da liderança se encontraram na Holanda em 1948. Circunstâncias fora do controle da direção da Obra impossibilitaram dar atenção direta aos Campos e Uniões. Muitas coisas ficaram acumuladas durante esse longo período. Cada União e Campo, cada Associação e igreja local, tinha problemas, necessidades e perguntas que exigiam consideração urgente. Nessas condições, o trabalho da delegação da Conferência Geral, reunida de 5 a 15 de julho de 1948 em Haia, na Holanda, não foi fácil. Devido à existência de restrições, vários países não puderam enviar delegados, embora tenham encaminhado propostas, perguntas e solicitações por escrito. C. Kozel explicou por que a assembléia de 1948 foi legal apesar de apenas parte da delegação haver comparecido:

Delegação da CG (e alguns visitantes), quinta assembléia, em Haia, Holanda, 1948

"Os delegados dos países balcânicos — Romênia, Bulgária, Iugoslávia e Hungria — não puderam comparecer por circunstâncias políticas. Foram, porém, representados por escrito. Enviaram relatórios, recomendações e propostas. Apenas os irmãos da Rússia não foram representados, nem direta nem indiretamente." Boletim de vinte e três páginas de C. Kozel, *Allgemeiner Bericht der Generalkonferenz* (Relatório Geral da Conferência Geral), pág. 7.

No início da assembléia, nuvens de ansiedade pairavam sobre os vinte e quatro representantes presentes. Após alguns dias, contudo, as nuvens se dissiparam e a luz de renovada esperança, certeza e coragem penetraram-lhes o coração.

Os relatórios e experiências compartilhadas durante o encontro trouxeram grande regozijo e mostraram que nossos irmãos, ainda que espalhados em muitas partes do Mundo, haviam trabalhado de maneira infatigável, travando com êxito o bom combate da fé.

Entre os pontos discutidos pelos delegados estavam:

(1) *Pontos doutrinários:* Alguns dos líderes tinham dúvidas sobre os princípios de fé (instituição do matrimônio e reforma de saúde). Os delegados resolveram que não fosse introduzida mudança nenhuma para enfraquecer os princípios. Esses deveriam ser apresentados sob luz mais clara. No entanto, alguns dos que se opunham a um ou mais pontos dos princípios não mudaram de parecer, antes causaram muitas dificuldades.

Comissão da CG eleita em 1948: estes seis mais um irmão da Romênia

(2) *Necessidades missionárias:* A fim de promover a Obra, estes passos foram considerados merecedores de preferência: estabelecer escolas missionárias, realizar seminários bíblicos e enviar famílias missionárias para novos campos.
(3) *Questões administrativas:* A necessidade de dar mais atenção à ordem e disciplina na igreja como importantes fatores para o desenvolvimento da Obra (*Primeiros Escritos*, págs. 97-104) tornou-se evidente a todos.

Uma das decisões administrativas mais importantes foi transferir a sede da Conferência Geral para os Estados Unidos.

Algumas questões delicadas também tiveram de ser tratadas. Uma delas resultou das tensas relações existentes entre os líderes da União Norte-americana e o presidente cessante da Conferência Geral, A. Müller. Foi essa, ao que parece, a razão de a União Norte-americana não haver enviado delegados para a assembléia de 1948. Muitos irmãos disseram que a delegação parcial, sem ouvir ambos os lados e motivada pelo preconceito, pronunciou sentença injusta contra os líderes americanos.

Outra questão delicada foi o problema administrativo surgido entre C. Kozel e a União Brasileira pelo fato de ele exigir que as Uniões e Campos enviassem vultosas contribuições financeiras para a Divisão Sul-americana, da qual o irmão Kozel se tornara presidente, embora a Divisão não tivesse existência legal. Essa questão foi posta em discussão perante os delegados. Esses não aprovaram a existência de Divisões, conforme J. Adamczak, presidente de mesa da assembléia da Conferência Geral, explicou em relatório e, por

algum tempo o problema parecia ter sido resolvido. No entanto, como o irmão Kozel, depois da assembléia, insistisse em manter a Divisão Sul-americana, que não havia sido confirmada pela delegação, isso criou tensão entre ele e o irmão Lavrik, presidente da União Brasileira.

A obra estava organizada em dezesseis Uniões e Campos missionários, com mais de dez mil membros.

Os novos oficiais da Conferência Geral foram: C. Kozel, presidente; A. Müller, vice-presidente e D. Nicolici, secretário.

Determinadas questões não tratadas pela delegação foram postas nas mãos da recém-eleita Comissão da CG. Havia duas questões delicadas oriundas da União Romena. Uma delas referia-se aos estatutos de registro da União, já publicados no órgão oficial com algumas mudanças não autorizadas, introduzidas pelos oficiais do governo, que os receberam para publicação. Por causa disso, o Movimento de Reforma foi acusado por alguns líderes da Igreja Adventista. O irmão Kozel relatou:

"Quanto à matéria que [os ASD] editaram contra nós, referindo-se a uma publicação errônea, contrária a nossos princípios, impressa no órgão oficial romeno *Monitor Oficial* em 5 de março de 1947, admitimos que isso foi verdade. Mas devemos testificar que, até a assembléia da Conferência Geral na Holanda, em julho de 1948, a Comissão da CG não sabia absolutamente nada sobre esse documento enviado ao governo romeno em oposição a nossos princípios e à nossa liderança. Sou a primeira testemunha competente [do que estou dizendo aqui]. ... Naquela ocasião fui eleito presidente da CG. A [sede da] Conferência Geral foi transferida da Europa para os EUA, e o irmão D. Nicolici foi posto ao meu lado como secretário. ... Pouco antes de a Comissão [da CG] se dispersar, o irmão Nicolici ... informou-nos sobre aquele documento errôneo, que chocou a todos os que estávamos na comissão. (A maioria dos delegados já havia saído). O documento foi anulado, e a correção necessária foi feita imediatamente por uma resolução de comissão, assinada por mim, como novo presidente." *Sabbat-Wächter*, 1 de setembro de 1971.

A outra questão vinda da União Romena dizia respeito a um ministro nosso excluído por quebra do sétimo mandamento e posteriormente restaurado à comunhão através de rebatismo. A pergunta era: Poderia ser reintegrado ao ministério? Normalmente, não havia necessidade para tal pergunta, pois nossa posição, baseada na Bíblia e no Espírito de Profecia, era clara desde o princípio. Uma resposta, porém, teve de ser enviada, e foi um enfático não. Os mem-

bros da Comissão da Conferência Geral assinaram o documento. Aconteceu, porém, que um dos que o assinaram era um ministro moralmente desqualificado, que deveria ter sido excluído, mas que acabava de ser posto na Comissão da CG, embora dois de nossos líderes de maior responsabilidade estivessem a par da situação porque ele mesmo os havia informado.

Posteriormente, outros irmãos da liderança, membros da Comissão da CG, souberam desse problema e também descobriram que esse não era o único caso de tolerância oficial para com ministros imorais. Pior: ficaram surpresos com os argumentos usados por alguns líderes de alto escalão que tentaram justificar a tolerância para com os pastores culpados, permitindo que permanecessem no cargo. Isso provava a existência de forte tendência para introduzir novo padrão, rebaixando a disciplina do ministério e estimulando maior corrupção. A questão, nova e controvertida, revelou que a liderança estava dividida sobre princípios fundamentais.

Para agravar a situação, os delegados da CG no fim da assembléia imprudentemente adotaram uma forma peculiar na estrutura organizacional do Movimento de Reforma. A presidência e a tesouraria da CG foram confiadas à mesma pessoa. Esse método criou novos problemas. Irregularidades na administração financeira (os fundos da CG, por exemplo, mantidos em contas bancárias particulares) tornaram-se uma ferida aberta em sua experiência e aumentaram a tensão entre os líderes.

Havia também grande dose de autoritarismo e arbitrariedade na administração da CG, contra o que os líderes da União Norte-americana protestaram de modo veemente, como é possível constatar em suas cartas e circulares. Os dirigentes da Obra nos Estados Unidos não eram os únicos ressentidos com a situação deplorável.

A história provou mais uma vez que mesmo homens bons, tendo a intenção de fazer o certo, podem estar sinceramente equivocados. Graves erros cometidos pelos principais líderes, se não admitidos e corrigidos sem demora, geralmente causam reação, e podem envolver toda a igreja no conflito. Foi a interação desses fatores que preparou o caminho para a crise que alcançou seu clímax em maio de 1951.

1951 — Sexta assembléia da Conferência Geral

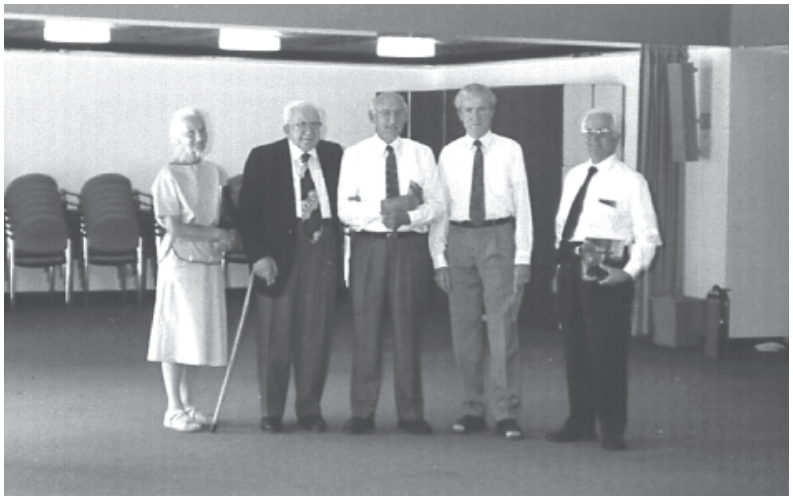
A sexta assembléia da CG foi realizada em Zeist, Holanda, de 7 a 30 de maio de 1951. A ordem da delegação foi estabelecida com vinte e

Nossos delegados para a sexta assembléia da CG, em Woudshoten, Zeist, Holanda, 1951

quatro delegados, representando apenas quarenta por cento da totalidade de membros (um pouco mais de dez mil). Os sessenta por cento restantes do povo reformista não puderam enviar representantes devido a restrições políticas. Além disso, a legitimidade de alguns desses 24 delegados foi questionada. Mais um delegado foi introduzido no dia 20 de maio.

Por problemas surgidos na administração dos irmãos C. Kozel e A. Müller, respectivamente presidente e vice-presidente da Conferência Geral, surgiram graves queixas dos EUA, Alemanha, Portugal, África do Sul e a América do Sul (Brasil, Argentina, Chile, Peru e Uruguai). Como esses problemas não haviam sido resolvidos pela Comissão Executiva da CG — e alguns desses problemas mais perigosos já haviam alcançado o nível da Conferência Geral — conforme indicado na seção anterior (1948 — Quinta Assembléia da CG), houve tensão entre os membros da comissão e sérios desentendimentos entre os líderes presentes à assembléia de 1951.

Em 20 de maio de 1951, os delegados de nossas Uniões e Campos fizeram um protesto apontando os principais problemas que envolviam princípios e regras de ordem eclesiástica. Na declaração de protesto, exigiram que fosse eleita uma comissão especial para investigar a situação, mas a solicitação foi rejeitada. Os delegados presentes — que nem mesmo em conjunto formavam maioria legal — estavam fortemente polarizados. Portanto, nenhum dos dois lados estava em condição de resolver a situação de maneira unilateral. Todos admitiam que o Movimento de Reforma se encontrava diante de grande crise.



Salão principal da conferência em Woudshoten, Holanda, onde a assembléia da CG de 1951 foi realizada. Da esq. para a dir.: irmã Mandemaker, irmão H. Mandemaker (um dos delegados para a conferência), irmão N. S. Brittain, irmão R. Ludwig, irmão D. Dumitru. Foto de 1995

Naquela situação de emergência, no meio da contenda, nossos delegados, ressentidos com o procedimento arbitrário do presidente de mesa e constrangidos a expressar seu protesto, ocuparam uma cabana para orarem e se aconselharem mutuamente. Enquanto isso, C. Kozel e A. Müller, com seus delegados, deram início a uma sessão de delegados em separado. A seguir, de nosso lado, foram sugeridas duas possibilidades legais ao presidente e vice-presidente cessantes: (1) aceitar o apelo de nossos delegados, submeter as queixas a investigação, manter o diálogo e a negociação até chegar a um denominador comum; (2) ou suspender a assembléia e mandar todos os delegados de volta para casa com o acordo de que fosse convocada outra assembléia no devido tempo, tanto quanto fosse possível com a presença de outros delegados, e ao mesmo tempo informar todos os Campos e Uniões, aceitando seu conselho.

Os irmãos Kozel e Müller não aceitaram esses meios legítimos e resolveram que não deporiam seus cargos, embora seus mandatos já houvessem terminado. Além disso, acharam que tinham autoridade para tomar medidas contra os delegados de nossas Uniões e Campos por causa do protesto. Isso, em vez de trazer a solução esperada, serviu apenas para agravar ainda mais a crise, conforme veremos.

Em 22 de maio, nossos delegados foram rejeitados por carta e abandonados no local, na mesma sala onde a assembléia havia começado, em Zeist. A delegação, que inicialmente representava apenas quarenta por cento dos membros, estava, então, separada em dois grupos, cada um representando apenas vinte por cento do número total de membros. Embora declarados excluídos da igreja, nossos líderes e delegados renovaram o apelo. Mas os irmãos Kozel e Müller, com seus adeptos, então em Utrecht, não estavam preparados para negociar um acordo que solucionasse a discrepância. Não aceitaram a realização de uma eleição conjunta de oficiais para a CG e a finalização da assembléia em unidade. Estando a porta fechada contra nós, a crise atingiu seu clímax. Esses fatos tiveram como resultado duas reorganizações separadas (23 a 24 de maio de 1951). Visto que os outros irmãos da liderança se recusaram a considerar uma reorganização unificada, e visto que sua reorganização independente seria válida apenas para aquela porção de membros (20%) que eles representavam, não tivemos outra escolha senão fazer sem eles aquilo que se recusaram a fazer junto conosco. Foi assim que, naquela situação de emergência, nossos delegados elegeram os seguintes oficiais para nossa Comissão da Conferência Geral em 24 de maio de 1951: D. Nicolici, presidente; A. Lavrik, vice-presidente e C. T. Stewart, secretário. Essa reorganização foi reconhecida por quase oitenta por cento do total de membros.

Continuando na mesma sala de reunião onde a delegação unida havia começado, nossos representantes tomaram as seguintes resoluções com o propósito de promover a Obra de Deus por meio do Movimento de Reforma:

Fazer um apelo a cada União para que enviasse uma família jovem, com suficiente conhecimento e experiência, para ajudar a estabelecer instituições nos EUA (obra médica, de publicações e educacional);

Reconhecer o *Reformation Herald* (Arauto da Reforma), iniciado em 1950, como o órgão oficial da Conferência Geral do Movimento de Reforma;

Preparar determinada quantidade de livros, livretos e guias para atender às urgentes necessidades da igreja (sobre doutrina, vida cristã, reforma de saúde, ordem evangélica, etc.);

Reescrever os *Princípios de Fé e Regras de Ordem Eclesiástica*, bem como a Constituição e os Estatutos, numa luz mais clara, em harmonia com a decisão adotada pela Conferência Geral reunida em assembléia em 1948;

Preparar um livreto sobre divórcio e novo casamento, explicando a posição do Movimento de Reforma.

Também foi discutida a questão da disciplina na igreja, especialmente quanto ao sétimo mandamento. Isso foi necessário em vista da determinação revelada por alguns dos principais líderes ("as ações falam mais alto do que as palavras") de rebaixar a norma entre os ministros, o que faria o Movimento de Reforma perder uma das razões de sua existência. Durante a assembléia realizada em maio de 1951, nossos delegados tomaram firme posição sobre esse ponto, razão por que jamais devemos cessar de render graças a Deus.

Outro princípio, ameaçado durante a grande crise e intimamente relacionado com o sétimo mandamento, foi a instituição do matrimônio. Em 1951, nossos delegados adotaram a posição — até hoje mantida pelo Movimento de Reforma — de que homens que defendem o divórcio e o novo casamento não podem ocupar posições de liderança.

O interesse pela ordem evangélica — princípio mal compreendido e mal utilizado sob a administração anterior — foi reativado em 1951 e tem sido grandemente melhorado em nosso meio desde a crise. À luz da Bíblia e do Espírito de Profecia, ficou claro para nós que, entre o povo de Deus, os homens não devem arrogar-se autoridade a ponto de buscar supremacia sobre seus irmãos, como se estivessem na posição de Moisés e Aarão. Deus exige coordenação, não subordinação unilateral.

1955 — Sétima assembléia da Conferência Geral

A sétima assembléia da Conferência Geral realizou-se em São Paulo, Brasil, de 10 de abril a 9 de maio de 1955, com trinta e um delegados representando mais de nove mil membros (mil a menos que em 1951) e distribuídos em doze Uniões e Campos. O número de ministros, obreiros e outros empregados era 402.

O secretário cessante apresentou volumosa agenda com muitas perguntas vindas das Uniões e Campos, para as quais queriam definições claras e respostas precisas. Essas perguntas referiam-se ao ponto 18 dos Princípios de Fé, tais como: violação do sétimo mandamento e aptidão para o ministério, divórcio e novo casamento e aptidão para a condição de membro, reforma de saúde, crença no Espírito de Profecia como prova de comunhão, nossa atitude para com a moda, relacionamento com sindicatos, ações judiciais, ocupações

Na foto de cima, dois delegados para a sétima assembléia da CG, São Paulo, Brasil, recém-chegados da África do Sul (1955). Mais abaixo, a Comissão da CG eleita em 1955

contrárias a nossos princípios e seguro de vida. A delegação teve pauta lotada durante um mês.

Entre os muitos pontos que constavam na agenda, havia a questão da distribuição territorial. Cada União e Campo queria ter a área de atuação claramente definida. Esse assunto foi finalmente deixado para a Comissão Executiva entrante.

As recomendações dos países que não puderam enviar delegados foram lidas, discutidas e consideradas parte da agenda.

A administração da CG foi assim reorganizada: D. Nicolici, presidente; A. Lavrik, vice-presidente; I. W. Smith, secretário.

Na foto de cima, delegação da CG, sétima assembléia, 1955. Mais abaixo, a delegação durante uma das reuniões, 1955

1959 — Oitava assembléia da Conferência Geral

De 28 de maio a 24 de junho de 1959, trinta e dois delegados reuniram-se em São Paulo, Brasil. Doze Uniões e Campos, no total de dez mil membros, estiveram ali representados. Pela primeira vez, depois de vinte e dois anos, a União Iugoslava pôde enviar representantes para a assembléia da Conferência Geral. Da Romênia, Hungria e Checoslováquia vieram apenas cartas com saudações e notícias, as quais foram lidas diante da delegação.

D. Nicolici, em seu relatório, falou sobre a obra nas Filipinas (começada em 1956) e sobre os contatos estabelecidos na Índia, Birmânia e Nigéria.

Foram considerados os chamados [macedônicos] vindos da Colômbia, Venezuela e países da América Central (especialmente Guatemala), México, bem como Espanha e Portugal e foi tomada a reso-

Delegação da CG, oitava assembléia, São Paulo, Brasil, 1959

Delegação durante a sessão, São Paulo, Brasil, 1959

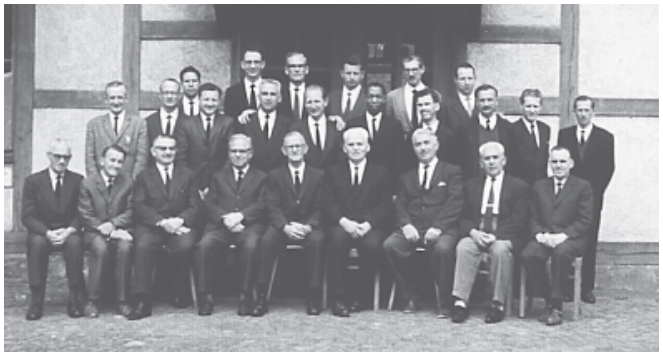
Conselho da CG eleito em 1959

lução de enviar obreiros e colportores para aproveitar as oportunidades favoráveis surgidas nesses países.

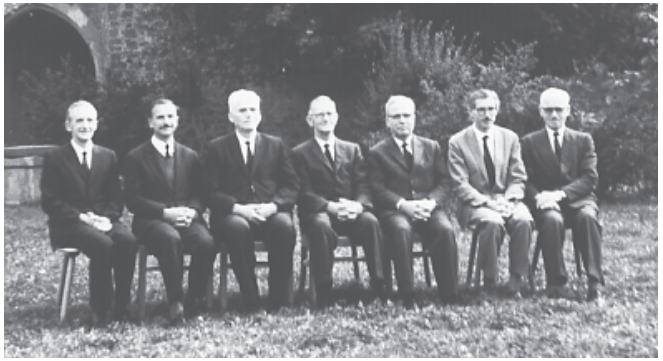
Entre os pontos doutrinários submetidos à delegação, havia questões relativas à identidade de Melquisedeque, à interpretação de Hebreus 1:5, seguros de vida, ramos de negócio em que um reformista pode ou não empenhar-se, uso de cálice único na ceia, o alto clamor (*Princípios de Fé*, ponto 16), e outros.

Acerca do ponto 16 de nossos *Princípios de Fé*, foi feita a seguinte recomendação: Para que nosso ensino não seja mal interpretado, devemos referir-nos à presente obra de reforma como caminhando para o cumprimento da profecia contida em *Primeiros Escritos*, págs. 85 e 86. É assim que o ponto 16 deve ser lido e entendido.

Os oficiais da Conferência Geral para o mandato seguinte foram: A. Lavrik, presidente; D. Nicolici, primeiro vice-presidente; E. Laicovschi, segundo vice-presidente; I. W. Smith, secretário.



Delegação da CG, nona assembléia, em Gross Gerau, Frankfurt, Alemanha, 1963



Comissão da CG eleita em 1963

1963 — Nona assembléia da Conferência Geral

Vinte e três delegados estiveram presentes em Gross Gerau, Alemanha, de 22 de agosto a 19 de setembro de 1963. O total de membros era onze mil. Entre os novos Campos, o das Filipinas foi mencionado como o mais promissor.

Palavras do presidente cessante

A. Lavrik, presidente cessante, expressou gratidão a Deus pelo privilégio que Ele nos havia concedido de estarmos outra vez reunidos em assembléia da Conferência Geral. Depois apresentou um retrospecto sinótico da história do Movimento de Reforma, algumas fases das quais, conforme vimos, não foram nada encorajadoras. Nossa única esperança e garantia para o futuro da Obra, frisou o irmão Lavrik, encontra-se na mensagem do Senhor ao rei Jeosafá: "*Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos Seus profetas, e sereis bem sucedidos*." 2 Crônicas 20:20. Nossa maior necessidade neste tempo, enfatizou, é o derramamento do Espírito Santo. Então perguntou aos delegados: "Por que não sentimos a necessidade do dom prometido de maneira tão urgente como sentíamos nos primeiros dias da mensagem da reforma?" Cada um de nós deve, acrescentou, de joelhos perante Deus, buscar por si mesmo a resposta para essa pergunta. Para que possamos receber o poder prometido, temos de preencher as condições, preparando o caminho.

O irmão Lavrik agradeceu à União Alemã a significativa ajuda financeira prestada à Conferência Geral durante o quadriênio anterior (1959-1963), o que tornou possível o envio e manutenção de missionários em quatro novos campos — Península Ibérica, América Central, Filipinas e Nigéria.

Nos países sob restrição, onde a liberdade religiosa não existe, disse, temos milhares de irmãos que, apesar da mais cruel opressão, permanecem firmes na verdade. Passou a narrar então aos delegados, algumas experiências comoventes suportadas por membros, indivíduos, famílias e grupos desses países.

Programa missionário

A delegação dedicou atenção especial à obra missionária e recomendou o seguinte programa:

1. Não há método melhor e mais eficaz que o trabalho de distribuição de literatura de porta em porta (colportagem). Todos os membros, velhos e moços, podem tomar parte nessa obra.

Ao procederem assim, adquirem melhor experiência cristã e crescem em conhecimento à medida que sentem a necessidade de passar mais tempo em estudo e oração a fim de se habilitarem para responder às perguntas.

2. Se essa obra for devidamente desenvolvida, entrarão mais recursos e o ministério de publicações poderá ser promovido ainda mais. Além disso, muitos membros serão acrescentados à igreja, e mais jovens serão preparados para tornar-se obreiros bíblicos.
3. Devem ser elaborados novos métodos, preparados manuais de instrução e realizados seminários onde for possível, para ensinar nosso povo a realizar o trabalho de maneira mais eficiente. Todos devem estudar o livro *O Colportor Evangelista.*
4. Famílias missionárias devem ser estimuladas a estabelecer residência em áreas onde não haja igrejas nem membros. Ali deve haver postos de venda de produtos naturais.
5. Foi também recomendado que a Comissão Executiva entrante designasse irmãos que preparassem originais para os livros a serem usados na colportagem.

A questão nigeriana

D. Nicolici foi censurado pela delegação por haver ordenado ao ministério homens desqualificados para a função (Nigéria, 1958). Ele pediu desculpas por seu erro, dizendo que essas pessoas o haviam enganado.

Pontos doutrinários e administrativos

Os delegados examinaram algumas questões doutrinárias: ocupações incoerentes com nossos princípios, reforma de saúde, a devida guarda do Sábado, a preexistência de Cristo e outras.

Para que nossa crença não fosse mal interpretada, a pergunta sobre a preexistência de Cristo foi respondida, sendo confirmada nossa posição apenas com base em citações do Espírito de Profecia e nos Princípios de Fé, ponto 2.

Havia também, na agenda, questões administrativas, tais como: a União Norte-americana ter administração completamente independente da Conferência Geral, a sede da CG ser transferida para local mais apropriado, a Conferência Geral adotar um sistema orçamentário, estabelecer secretários regionais em partes estratégicas do Mundo.

Oficiais eleitos para o novo mandato: C. T. Stewart, presidente; E. Kanyo, vice-presidente; A. Balbach, secretário.

1967 — Décima assembléia da Conferência Geral

Na décima assembléia representativa quadrienal, realizada em São Paulo, Brasil, de 13 de agosto a 8 de outubro de 1967, estiveram presentes trinta e três delegados representando dezesseis Campos e Uniões. Não houve relatório sobre o número total de membros nos países sob restrição.

Além de questões doutrinárias que precisavam ser respondidas, houve muitos outros pontos na agenda, que foram postos nas mãos de três comissões especiais: (1) Comissão de Dízimos, Patrimônio e Aposentadoria; (2) Comissão de Credenciais e Lotação de Obreiros (a mesma Comissão de Nomeação); (3) Comissão de Estatutos e Diretrizes para os Oficiais da Igreja.

Delegação da CG, décima assembléia, São Paulo, Brasil, 1967

Em face das crescentes necessidades da Obra, a delegação votou uma nova constituição e estatutos para a CG a fim de enfrentar as novas circunstâncias, um plano de sustento para os obreiros (que permitia adaptações locais) e um projeto de guia para oficiais da igreja. Foi decidido que cada ministro receberia uma cópia mimeografada do proposto guia para oficiais. A idéia era que uma comissão designada, de posse das sugestões enviadas pelas Uniões e Campos, revisasse o guia e submetesse a redação melhorada à delegação da assembléia seguinte (1971) para aprovação final.

A convite nosso, a SMI enviou três representantes à nossa assembléia, a fim de discutir a possibilidade de reconciliação e reunificação. Não houve acordo.

Foram eleitos os seguintes oficiais para a CG: F. Devai, presidente; I. W. Smith, vice-presidente; A. N. Macdonald, secretário-tesoureiro.

Antes de a delegação ser dispersada, o irmão Devai fez um apelo, baseado em 2 Crônicas 15:8-15. Nossos líderes, oficiais de igreja e membros em geral deveriam ser estimulados a buscar o Senhor de todo o coração, como passo importante na preparação para o recebimento da chuva serôdia.

1971 — Décima primeira assembléia da Conferência Geral

A delegação da décima primeira assembléia da CG reuniu-se em Brasília, Brasil, de 22 de setembro a 13 de outubro. Compareceram quarenta e cinco delegados, representando dezoito Uniões, Campos e Missões. Duas Uniões e um Campo não foram representados. O número total de membros era de 12.694.

A Missão Asteca (México) e a União do Danúbio (Hungria, Checoslováquia e Polônia) foram reconhecidas pela delegação da CG.

Os relatórios dos irmãos que haviam visitado alguns países sob restrição e os que se relacionavam com a abertura de novos Campos despertaram grande interesse.

Os pontos constantes na agenda foram distribuídos entre diversas comissões (Doutrinária, de Estatutos, de Planejamento), as quais depois submeteram suas recomendações à delegação.

A Comissão Doutrinária recomendou e a delegação votou que os candidatos à admissão na igreja fossem aceitos na comunhão por uma destas maneiras: (1) Por batismo — somente os plenamente firmados na verdade presente, que derem provas de genuína conversão e que iniciarem nova vida em Cristo Jesus; (2) Por voto — apenas adventistas e irmãos reformistas separados que tenham sido fiéis à luz que possuíam e tenham vivido à altura dos princípios que defendemos.

Delegação da CG, décima primeira assembléia, Brasília, Brasil, 1971

A delegação também decidiu que fosse feito um apelo geral convocando nossas igrejas, grupos e membros isolados em todo o mundo para uma consagração mais profunda a Deus e elevação das normas da tríplice mensagem (2 Crônicas 15:12-15), a saber:

1. Elevação de nossos padrões morais (pureza e integridade);
2. Fidelidade na reforma de saúde, guarda do Sábado, dízimos e ofertas;
3. Maior ênfase na decência e simplicidade do vestuário;
4. Separação das influências maléficas do mundo.

Nossa crença e prática foi confirmada: seja aplicada disciplina eclesiástica no caso de membros que persistentemente sigam "os costumes, modas e sentimentos do mundo". (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, 599 e 600; *Testemunhos para Ministros*, pág. 128).

Quanto à televisão, ficou decidido que nossos ministros e obreiros deveriam fazer renovado esforço para advertir nosso povo contra os males causados pela televisão no lar.

Os oficiais da CG eleitos para o novo mandato foram: F. Devai, presidente; W. Volpp, vice-presidente; A. Balbach, secretário.

1975 — Décima segunda assembléia da Conferência Geral

Brasília, Brasil, de 19 de outubro a 4 de novembro de 1975. Quarenta e seis delegados presentes. Uniões e Campos representados: vinte e três. Total de membros relatados: mais de quatorze mil.

A União Indonesiana foi recebida como novo membro da Conferência Geral.

As diversas comissões, especialmente a de Planejamento, pareciam ter mais que fazer do que durante as assembléias anteriores.

Foi considerado de modo especial o *Guia Ministerial* e o *Guia para Oficiais da Igreja*, na época em preparo.

A delegação adotou um plano para desenvolvimento mais eficiente da Obra, intitulado *"Nossos Objetivos"*.

Delegação da CG, décima segunda assembléia, Brasília, Brasil, 1975

Pudemos ver claramente uma vez mais que a obra a nós confiada parecia maior do que éramos capazes de realizar (*O Grande Conflito*, pág. 609). Há uma só esperança: Quando sentirmos nossa incapacidade humana e confiarmos inteiramente no Senhor, então receberemos mais auxílio do Alto.

Uma das resoluções adotadas pela delegação da CG foi o compromisso que em todo o Mundo cada crente deveria assinar, e foi redigido como segue:

"Creio que chegou o tempo em que, devido ao crescente surto de doenças entre os animais, o uso de laticínios e ovos é hoje perigo cada vez maior para a saúde."

" 'Seja progressiva a reforma alimentar. Sejam as pessoas ensinadas a preparar o alimento sem o uso de leite ou manteiga. Diga-se-lhes que breve virá o tempo em que não haverá segurança no uso de ovos, leite, creme, ou manteiga, por motivo de as doenças nos animais estarem aumentando na mesma proporção do aumento da impiedade entre os homens. Aproxima-se o tempo em que, por motivo da iniqüidade da raça caída, toda a criação animal gemerá com as doenças que amaldiçoam a nossa Terra.' —*Conselhos Sobre o Regime Alimentar*, pág. 356.

"Empenho-me a considerar devidamente o conselho do Espírito de Profecia sobre esse assunto, dando passos progressivos, dependendo cada vez menos desses alimentos e educando inteligentemente nossos membros para que os evitem."

Para o novo mandato, F. Devai foi eleito presidente; W. Volpp, vice-presidente e A. Balbach, secretário.

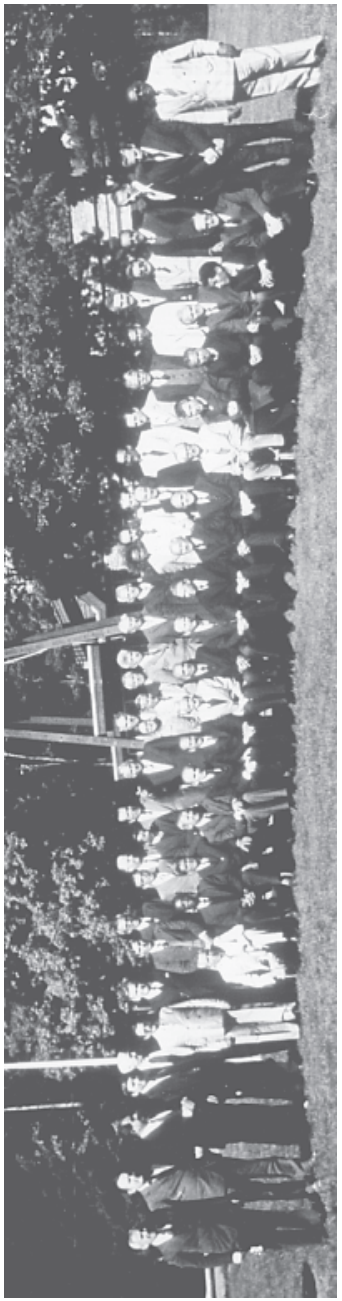
Devido à expansão da Obra, foi decidido aumentar o número de secretários regionais de dois para seis.

1979 — Décima terceira assembléia da Conferência Geral

A assembléia reuniu cinqüenta e quatro delegados em Bushkill, Pensilvânia, EUA, de 12 a 26 de setembro de 1979. Nesse ano, a Obra estava sendo promovida em vinte e seis Uniões e Campos. Total de membros: mais de 15.800.

O desenvolvimento dos diversos departamentos estabelecidos na CG e a maneira de torná-los mais operacionais, foi um dos principais pontos de discussão.

No Regimento de Trabalho foi estipulado importante dispositivo em favor dos países sob restrição, incapazes de enviar delegados à assembléia da CG. Assim dizia:



Delegação da CG, décima terceira assembléia, Bushkill, Pensilvânia, EUA, 1979

Delegação durante a sessão, 1979

Conselho da CG eleito em 1979

"Em benefício dos irmãos que moram em países impossibilitados de enviar delegados à assembléia geral, recomenda-se o seguinte: Uma ou duas pessoas competentes, que habitem em outros países, podem, em colaboração com o secretário regional da Conferência Geral, ser nomeadas pela comissão ou pelos irmãos que residem em áreas sob restrições para representá-los com direito a voto. Esses substitutos vindos de outros países (1) precisam ser pessoas de experiência, (2) ser conhecedores dos crentes dos países que eles vão representar e, se possível, ter bom contato com eles, e (3) estar em ordem com a igreja. Não devem ser enviados mais de dois parentes chegados. Essas pessoas, quando reconhecidas pela maioria dos delegados credenciados e já confirmados, serão integradas à delegação como delegados regulares."

Uma das resoluções adotadas pela delegação, que foi de especial interesse para todos os nossos membros e amigos, diz:

"Que ministros, obreiros bíblicos e oficiais de igreja sejam solicitados a se comprometerem que, com a família, darão maior ênfase ao erguimento das normas através de mais elevado padrão na vida cristã e do fechamento da porta contra o mundanismo. Que procurem, pela ajuda de Deus, levar os mesmos resultados a outros lares..."

Oficiais eleitos da CG: W. Volpp, presidente; F. Devai, primeiro vice-presidente; C. Palazzolo, segundo vice-presidente; A. C. Sas, terceiro vice-presidente; A. Balbach, secretário.

Devido à sobrecarga de outros deveres, A. Balbach renunciou o cargo de secretário em 1980, e A. N. Macdonald o assumiu de conformidade com a Comissão Executiva da CG.

1983 — Décima quarta assembléia da Conferência Geral

Foi realizada em Puslinch, Ontário, Canadá, de 16 de agosto a 6 de setembro de 1983. Compareceram 59 delegados. Pela graça de Deus, onze Uniões e nove Campos, abrangendo cinqüenta países, puderam enviar representantes. O total de membros nos países sob restrição não pôde ser relatado, mas informações disponíveis mostraram que a Obra prosperava em todas as nossas treze Uniões e dezenove Campos e Missões.

Em seu discurso à delegação, o presidente cessante disse:

"Recomendo a esta delegação da CG reunida em assembléia que seja claro a todos os delegados, ministros, obreiros e oficiais de igre-

Delegação da CG, décima quarta assembléia, Puslinch (próximo a Toronto), Canadá, 1983

ja o devido significado da expressão 'Movimento de Reforma'. Somente uma igreja que progride em todos os aspectos reformatórios especificados na Bíblia e no Espírito de Profecia pode legitimamente ser portadora do nome 'Movimento de Reforma'. Nossos ministros e obreiros devem ser os primeiros a revelar reavivamento e reforma na vida, demonstrando espírito de sacrifício e consagração a Deus. Cumpre-lhes dar exemplo correto ao povo. Orações e confissões sinceras e humildes, vindas do coração arrependido, devem ser apresentadas Deus. Supliquemos-Lhe que seja misericordioso para conosco e que reencaminhe nossa mente, em plena medida, ao verdadeiro espírito de reforma — o da primitiva piedade — que deve caracterizar nossa vida. Temos de receber poder do Alto para elevar a norma da tríplice mensagem angélica na vida religiosa e tornar-nos, juntamente com os membros mais jovens, colaboradores de Cristo na salvação de almas."

Foi discutida a necessidade de melhoria em nosso sistema de organização e administração. Eis um resumo das recomendações feitas:

1. No plano para descentralização, quanto à liderança e solução de problemas, precisamos em primeiro lugar da experiência do cenáculo (Atos 1:13 e 14). Ministros, obreiros, oficiais e membros da igreja precisam ser estimulados a olhar mais para Cristo do que para os oficiais da CG, das Uniões, das comissões ou para as resoluções. Devem dedicar mais tempo à oração e ao aconselhamento mútuo.

"O Senhor deseja que Seus filhos se aconselhem mutuamente, e que não se movam independentemente. Os que foram colocados como ministros e guias do povo devem orar muito quando se reúnem. Isso dará maravilhoso auxílio e coragem, ligando coração a coração e alma a alma, e conduzindo todo homem à unidade e à paz e à força em seus esforços." —*Testemunhos para Ministros*, pág. 485.

"É egoísmo os homens que julgam ter algum trabalho a fazer pelo Mestre, desejarem fazer sozinhos o seu trabalho e recusarem ligar-se àqueles que para eles seriam um auxílio, só por temerem não ter todo o crédito de fazer o bom trabalho que eles se gabam que farão. Isso tem embaraçado grandemente a obra de Deus. Que um irmão lance mão de outro. Uni um Pedro a um João. Anime cada um a seu irmão a ficar ao seu lado, fazendo trabalho zeloso, interessado, como coobreiros na grande obra. Podem dois ou três orar juntos, cantar juntos os louvores a Deus e crescer até a estatura completa de coobreiros de Deus. Deve ser alimentada a perfeita harmonia. Devem todos servir ao Senhor como criancinhas, sentindo que são ramos do mesmo tronco original." —*Idem*, pág. 329.

"O Senhor não habilitou a qualquer um de nós a levar sozinho a responsabilidade do trabalho. Ele reuniu homens de nacionalidades diferentes para que se possam aconselhar mutuamente e ajudar uns aos outros. Dessa maneira é a deficiência na experiência e nas aptidões de um suprida pela experiência e pelas aptidões de outros. ...

"Em nosso trabalho devemos considerar a relação que cada obreiro mantém para com os outros obreiros que estão ligados à causa de Deus. Devemos lembrar-nos de que os outros, como nós mesmos, têm uma obra a fazer em conexão com esta causa. Não devemos fechar a mente ao conselho. Em nossos planos para levar avante a Obra, nossa mente deve unir-se a outras mentes.

"Nutramos o espírito de confiança na sabedoria de nossos irmãos. Devemos estar dispostos a procurar a opinião e o conselho de nossos companheiros de trabalho. Ligados como estamos ao serviço de Deus, devemos reconhecer individualmente que somos parte de um grande todo. Devemos buscar a sabedoria de Deus, aprendendo o que significa ter um espírito paciente e vigilante e ir a nosso Salvador quando estamos cansados e deprimidos." —*Idem*, págs. 499 e 500.

2. As igrejas locais, os Campos, as Uniões e as regiões devem ser fortalecidas. Cada secretário regional deve trabalhar com uma comissão regional.

Os membros individuais devem estar sujeitos à igreja; as igrejas e grupos locais devem estar sujeitas ao Campo; os Campos devem estar sujeitos à União; e as Uniões devem estar sujeitas à Conferência Geral.

"Embora seja verdade que o Senhor guia os indivíduos é também verdade que Ele está conduzindo um povo." —*Testemunhos para Ministros*, pág. 488.

"Como todos os membros do organismo humano — diversos entre si — se unem para formar o corpo, e cada um desempenha suas funções em obediência ao poder que governa o todo, assim os membros da igreja de Cristo devem estar unidos em um corpo simétrico, sujeito ao santificado entendimento do todo." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 443.

3. O que pode ser resolvido localmente jamais deve ser encaminhado à instância superior.

4. A autoridade principal da Obra como um todo deve estar, durante o quadriênio, nas mãos de um conselho mais amplo da CG. Esse corpo governante deve incluir os secretários regionais e pelo menos alguns dos secretários departamentais (ver exemplo no *General Conference Bulletin*, 1901, pág. 499). O Conselho deve reunir-se uma vez por ano.

5. Cinco membros do Conselho da CG devem constituir a Comissão Executiva, cujo dever é pôr em prática as decisões tomadas pela delegação da CG e pelo Conselho da CG. A Comissão Executiva (com o presidente na função de presidente de mesa) deve funcionar como Comissão de Trabalho ou grupo de coordenação.

6. Todas as instruções sobre reorganização e administração contidas na Bíblia e no Espírito de Profecia devem ser cuidadosamente estudadas e aceitas.

7. As melhorias realizadas até 1983 em nosso sistema de organização não foram suficientes para garantir o êxito da Obra. Mais verdadeiro sucesso poderá ser visto apenas quando nos aproximarmos mais de Deus, como indivíduos e coletivamente. Por isso houve grande ênfase na experiência do cenáculo (Atos 1:13 e 14).

Uma das recomendações dirigidas ao Departamento de Jovens foi:

"Recomendamos sejam feitos esforços especiais a fim de levar nossa juventude para mais perto de Cristo, de acordo com João 3:3, e sejam preparados artigos sobre os perigos que a ameaçam em todo o mundo, tais como o espiritismo relacionado com certos tipos de música moderna, a má influência da TV, o efeito desmoralizante das modas mundanas, o vício das drogas, o mal das companhias não convertidas, o namoro indiscreto e atitudes comprometedoras da integridade moral de rapazes e moças."

A delegação fez o solene compromisso de que continuaria a exigir dos oficiais de nossas igrejas que apresentem a nosso povo, em toda parte, o seguinte:

"Nós, como delegados da décima quarta assembléia da Conferência Geral, depois de refletida consideração, acompanhada de oração, de nossa condição como povo, chegamos à conclusão de que devemos buscar agora resposta para nossas urgentes necessidades espirituais. A vinda de nosso Salvador está às portas, e reconhecemos nossa incapacidade para finalizar, sem Sua ajuda, a obra que Ele pôs em nossas mãos. Portanto, confessamos humildemente os nossos pecados e pedimos ao Senhor que perdoe nossa lentidão em apoderar-nos de Sua onipotente mão no trabalho de salvar as almas errantes.

"Ao sentirmos a necessidade de nova motivação do Espírito de Deus, comprometemo-nos a voltar-nos para o Senhor em profunda humildade. Busquemos nova e completa reconciliação com o Todo-Poderoso e renovemos e fortaleçamos o relacionamento com os irmãos. Que Deus, bondoso e misericordioso, nos ajude a fazer com que, mediante jejum e oração, a obra da reforma se torne mais evidente em nossa experiência cristã. Cremos que já chegou o tempo em que o espírito de oração deva atuar em todo crente. Seja dada atenção especial a esta declaração:

" 'Os que não têm estado a viver em comunhão cristã chegar-se-ão uns aos outros em contato íntimo. Um membro que trabalhe da maneira devida levará outros membros a unir-se-lhe em súplica pela revelação do Espírito Santo. Não haverá confusão, pois todos estarão em harmonia com o Espírito. As barreiras que separam um crente de outro serão derribadas, e os servos de Deus falarão as mesmas coisas. O Senhor cooperará com os Seus servos. Todos orarão com entendimento a prece que Cristo ensinou aos Seus servos: '*Venha o Teu reino. Seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu*.' Mateus 6:10." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 254 e 255.

"Também estendemos nosso amor cristão para além de nossas fronteiras organizacionais a todos quantos desejem sinceramente experimentar uma reforma de mente, coração e vida e que estejam dispostos a trabalhar conosco, 'aguardando, e desejando ardentemente a vinda' de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

Novos oficiais da CG: J. Moreno, presidente; F. Devai, vice-presidente; A. N. Macdonald, secretário.

1987 — Décima quinta assembléia da Conferência Geral

Em 26 de agosto de 1987, a chácara chamada "Sítio dos Cataventos", próxima à cidade de Bragança Paulista, situada a 88 km de São Paulo, Brasil, encheu-se de ecos de júbilo, quando 74 delegados representando 59 países (12 Uniões, 8 Campos e 13 Missões em 6 Regiões) reuniram-se para a Décima Quinta Assembléia da Conferência Geral. As Uniões, os Campos e as Missões que não puderam enviar representantes para esse encontro não foram esquecidos pelos presentes.

Foi certamente uma visão impressionante contemplar irmãos vindos de muitos lugares do mundo reunirem-se sob o mesmo teto, unidos na mesma preciosa verdade e esperança, independentemente de idioma ou nacionalidade.

Abertura da sessão

Tendo dado as boas-vindas aos delegados, J. Moreno, presidente, leu Zacarias 10:1 e Atos 3:19, e enfatizou a necessidade da preparação para a chuva serôdia.

Após o discurso de abertura, os delegados apresentaram credenciais. O norte da Índia, a Polinésia Francesa e o Japão conseguiram enviar representantes pela primeira vez.

As cifras previamente recebidas pelo secretário mostraram que, até 31 de dezembro de 1986, o número total de nossos membros havia aumentado para 18.000.

Houve menção especial de cinco ministros que, desde a assembléia anterior, desceram ao descanso na bem-aventurada esperança da ressurreição.

Estudos bíblicos

Durante a assembléia tivemos estudos bíblicos importantíssimos, seguidos de sessões de perguntas e respostas, em que os delegados tomaram parte com muito interesse. Entre os diferentes temas apresentados, dois se destacaram de modo especial, a saber, a justificação pela fé e a natureza de Cristo.

Elevando o padrão moral

Em resultado dos estudos, os delegados entenderam que a nossa maior necessidade é mais consagração e santificação. Devemos elevar o padrão moral em todas as nossas igrejas antes de podermos ver maiores resultados.

O Senhor explicou a Seus discípulos que eles sempre "veriam verdadeiros e falsos crentes na igreja" (*Parábolas de Jesus*, pág. 71). Ler Mateus 13:24-30, 37-43. "Duas influências oponentes continuamente são exercidas sobre os membros da igreja. Uma influência opera a favor da purificação da igreja, e a outra a favor da corrupção do povo de Deus." —*Testimonies to Ministers*, pág. 46. Entendeu-se que as almas errantes, porém sinceras e desejosas de ser salvas, não são convertidas por regulamentos disciplinares. Elas só mudarão, caso seja feita em seu favor uma obra sob a influência do Espírito Santo (João 16:13; Apocalipse 3:18-20; Tiago 5:19 e 20). Ler *Testimonies to Ministers*, págs. 45 e 46.

Por outro lado, a delegação compreendeu também que não devemos tolerar os que persistem em pecado aberto. Os crentes de coração falso, como joio no meio do trigo, não serão facilmente convertidos pelo amor de Deus nem pela mensagem da justiça de Cristo. Para evitar que cristãos espúrios se multipliquem na igreja, cumpre-nos aplicar as regras disciplinares. Ler João 17:15-17; Tiago 4:4; 1 João 2:15-17; 2 Coríntios 6:14-18; Deuteronômio 7:25 e 26; —*Testimonies*, vol. 1, págs. 117 e 118; *Testemunhos para Ministros*, pág. 128; *Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 599 e 600; *Parábolas de Jesus*, pág. 71.

Testemunho de dois pioneiros

Durante a assembléia, dois de nossos pioneiros (André Cecan e Paulo Tuleu) relataram experiências à delegação. Louvaram ao Senhor por Sua manifesta orientação no Movimento de Reforma e pelas muitas vitórias que Ele nos concedeu. Ao narrarem suas primeiras experiências em relação com a mensagem de reforma, encorajaram os delegados a prosseguir em singeleza de mente e de propósito.

Novos oficiais da Conferência Geral

Após alguns dias de deliberação, a Comissão de Nomeação recomendou a seguinte lista de nomes, que foram oficialmente aceitos: presidente: J. Moreno; vice-presidente: D. Dumitru; Secretário: A. C. Sas.

Delegação da CG, décima quinta assembléia, Bragança Paulista (próximo a São Paulo), Brasil, 1987

Delegação da CG, décima sexta assembléia, Breuberg (sul de Frankfurt), Alemanha, 1991

A grande necessidade do momento

O irmão Moreno agradeceu a Deus Suas misericórdias e à delegação confiança nele depositada. Leu 2 Coríntios 12:15 e 2 Crônicas 29:10 e 11 e convidou os delegados a fazerem um concerto com Deus. Além disso, pediu a cooperação de todos os coobreiros e da igreja.

A delegação considerou seriamente nossas grandes necessidades espirituais e esta questão vital: Como devemos agir para que, com a ajuda de Deus, possamos estar preparados para o derramamento da chuva serôdia, a finalização da Obra e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo? Os delegados ficaram convencidos de que, se buscarmos a Deus em oração, examinando o coração e confessando as faltas, e se trabalharmos com todo o empenho pela salvação das almas, alcançaremos perfeita unidade em espírito e em verdade, e o Salvador há de operar poderosamente em nosso favor. Portanto, foi feito este apelo ao nosso povo:

"Apelamos a todos para que cooperem mais plenamente e desempenhem papel mais ativo em levar avante a comissão evangélica da qual fomos incumbidos. Como colaboradores de Deus, irmãos e irmãs, apoiemo-nos inteiramente no braço do Onipotente. Trabalhemos em favor de mais amor e união, e nos tornaremos um poder no mundo."

1991 — Décima sexta assembléia da Conferência Geral

De 3 a 23 de setembro de 1991, os delegados de nossas Uniões e Campos reuniram-se num castelo em Breuberg, pequena cidade situada na bela área florestal de Odenwald, cerca de 100 km a sudoeste de Frankfurt, Alemanha. O encontro foi aberto por João Moreno, presidente cessante, com a observação de que, desde os primórdios do Movimento de Reforma, essa era a primeira assembléia em que havia plena representação mundial. Pela primeira vez em nossa história, estavam presentes representantes dos países sob restrição. Cento e nove delegados estavam presentes.

Discurso de abertura

O irmão Moreno disse, entre outras coisas: "Grandes mudanças ocorreram durante esses últimos quatro anos, e graves acontecimentos devem ocorrer nos próximos. A abertura nos países do Leste Europeu, onde o povo agora desfruta de liberdade religiosa e onde o Evangelho pode ser pregado livremente, é um dos sinais proféticos prenunciadores de que a vinda de Jesus está muito próxima."

Delegação em sessão, 1991

Relatórios

D. Dumitru, o vice-presidente cessante da CG, disse: "Sou particularmente grato ao Senhor porque posso ver pela primeira vez representantes de praticamente todos os nossos Campos e Uniões." Depois de relatar as atividades do quadriênio, acrescentou: "Unamos nossos corações e esforços em concluir a obra para apressar a vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo."

A. C. Sas, secretário cessante da CG, apresentou relatório estatístico: Membros acrescentados durante o quadriênio: mais de cinco mil. Total de membros até o fim de 1990: mais de vinte mil. Número de edifícios (igrejas, instituições etc.): 395. Igrejas organizadas: 492. Grupos organizados: 481. Lugares de reuniões alugados: 238. Residências particulares onde se realizam cultos: 355. Número de ministros: 158. Obreiros bíblicos de tempo integral: 302. Obreiros bíblicos de tempo parcial: 44. Obreiros bíblicos voluntários: 116. Colportores: quase 1.000. Em conclusão, disse: "Os oficiais da CG trabalharam juntos, em harmonia, revelando espírito de mútua compreensão."

J. Garbi, tesoureiro cessante da CG, apresentou nítido quadro da situação financeira de nossa organização. Concluiu seus comentários dizendo: "Agradeço aos irmãos das diversas Uniões, Campos e Missões que cooperaram com a Conferência Geral e especialmente com o Departamento de Finanças, enviando em tempo relatórios e valores."

A seguir foi a vez dos secretários regionais e dos secretários departamentais.

Uniões, Campos e Missões: mudança de categoria

Por razões técnicas, três Uniões concordaram em ser dissolvidas e reorganizadas da seguinte maneira:

1. Antiga União Andina, agora: União Equatoriana, Campo Colombiano e Campo Venezuelano.
2. Antiga União do Danúbio, agora: Campo Húngaro e Campo Polonês-Checoslovaco.
3. Antiga União Trans-Africana, agora: Campo Natal-Transvaal, Campo Resda, Campo Zimbábue-Botsuana, Campo Zaire, Campo Zâmbia.
4. O Campo Chileno deverá ser reorganizado como União em janeiro de 1992.
5. A Missão Franco-Polinésia, a partir de agora deve ser chamada Campo Franco-Polinésio.
6. Martinica e Guadalupe devem ser uma Missão sob a supervisão do Campo Franco-Polinésio.
7. A Missão Sul-coreana, de agora em diante, deve ser chamada Campo Coreano.
8. O Campo Sudoeste dos EUA foi reconhecido pela delegação.
9. A Missão Pacífico Norte (EUA) também foi reconhecida.

Duas novas Missões africanas também foram recebidas oficialmente: A Missão Angolana e a Missão Moçambicana.

Novos oficiais da CG

Para o novo quadriênio, foram eleitos os seguintes oficiais: N. S. Brittain, presidente; D. Dumitru, vice-presidente; A. C. Sas, secretário.

Palavras de encerramento

O presidente entrante, N. S. Brittain, agradeceu aos delegados a confiança nele depositada e os encorajou a levar bom relatório para seus campos de origem. Disse que somos chamados a erguer a bandeira da verdade em todo lugar, ainda que em outros pontos talvez não nos entendamos completamente. Em nome da delegação, ele agradeceu à União Alemã e à União Romena a hospitalidade e tudo quanto fizeram para servir a assembléia de delegados e promover a reunião espiritual. Por fim, leu Judas 20-25 como palavras de estímulo e conselhos aos delegados.

João Moreno pronunciou a bênção, e a delegação cantou o hino "Deus vos guarde pelo Seu poder."

1995 — Décima sétima assembléia da Conferência Geral

A sessão de delegados começou imediatamente depois da convenção espiritual realizada no Estádio de Ploesti, Romênia, de 29 a 31 de agosto de 1995, com assistência estimada em 4.500 a 5.000 pessoas. A União Romena havia providenciado um belíssimo lugar em Voineasa, nos Montes Cárpatos. Ali se reuniram, de 4 a 24 de setembro de 1995, 131 delegados representando nossos irmãos de todo o Mundo.

Discurso inaugural

N. S. Brittain, presidente cessante, enfatizou nossa responsabilidade no plano de Deus para estes últimos dias. Nossa obra, disse, é semelhante à de Elias, Jeremias e João Batista. Houve um período de setenta anos muito significativo na história do antigo Israel, e há também um período de setenta anos, desde o estabelecimento do Movimento de Reforma (Gotha, Alemanha, 1925) até agora (1995), que deve ter igualmente profundo significado para nós.

"A história que abrange esses setenta anos", declarou ,"é uma história de desenvolvimento em meio a vitórias e decepções, com exemplos de fidelidade e infidelidade. Entretanto, através de tudo isso, a mensagem confiada a nós tem permanecido clara, e temos

Delegação da CG, décima sétima assembléia, Voineasa, Romênia, 1995

visto a mão condutora de Deus em Sua Obra. A Obra é dEle, não nossa. Nunca percamos de vista essa distinção.

"Durante a segunda parte do quadriênio, dedicamos atenção especial à edificação da sede da CG (Roanoke, Virgínia, EUA), e estamos felizes porque o novo prédio está em funcionamento."

O irmão Brittain destacou desafios que nossos líderes e membros terão de enfrentar durante o novo período administrativo:

"Resta pouco tempo para dedicar-nos à finalização da Obra," afirmou. "Portanto, não podemos desperdiçar momentos preciosos tentando lidar com todas as dificuldades e problemas que o adversário põe em nosso caminho a fim de desviar a atenção das coisas que realmente dizem respeito à salvação das almas.

"Nossa condição espiritual como povo, especialmente em alguns lugares, é causa de grande preocupação". E explicou que há forte evidência de que precisamos cada vez mais de atitudes reformatórias em nossa experiência como Movimento (*Testimonies*, vol. 2, págs. 594 e 595; *Testimonies*, vol. 6, pág. 142). Formulou uma pergunta que deve despertar este pensamento: "Estamos saindo completamente do cativeiro do mundo, ou deverá o futuro mostrar que adotamos filosofias destinadas a desviar nosso coração da inteira consagração ao Senhor? Nesta décima sétima assembléia", enfatizou, "o Movimento de Reforma pode ter chegado a uma encruzilhada, visto que os planos e as decisões que agora devem ser tomadas podem levar a igreja ao reavivamento espiritual ou à apostasia. Portanto, para que não nos esqueçamos dos caminhos do Senhor e não demos ocasião à suficiência própria e ao orgulho religioso, tornemos com inteireza de coração para Aquele que disse: 'Sem Mim nada podeis fazer'." Insistiu ainda na necessidade de pararmos de tomar decisões baseadas apenas em falsa simpatia ou no controle ditatorial.

"Nosso objetivo será alcançado apenas quando permitirmos que o Espírito de Deus desenvolva visão clara e unificada entre todos os obreiros. Só assim estaremos perfeitamente '*unidos no mesmo pensamento e no mesmo parecer*.' 1 Coríntios 1:10. A fim de receber a chuva serôdia, devemos fazer obra pessoal e coletiva no desenvolvimento da verdadeira unidade cristã em nossas fileiras.

"A crescente necessidade de obreiros está-se tornando urgente em várias regiões", declarou o irmão Brittain. "Essa necessidade dirige nossa atenção para uma das exigências de nossas escolas missionárias, a saber, a preparação de livros didáticos para um curso comum de instrução, correlata com um plano para a realização de seminários especiais para obreiros."

A necessidade de maior envolvimento pessoal na atividade missionária também foi realçada. Estas foram as suas palavras finais: "Que o Senhor nos guie durante esta assembléia. Que possamos lançar fora nossas próprias opiniões e ouvir atentamente a voz do Espírito Santo. E que estejamos inteiramente unidos na Palavra de Deus."

Relatórios

Depois de haver apresentado o relatório de seu trabalho durante o quadriênio, como vice-presidente, o irmão D. Dumitru disse: "Ao olhar para os quatro anos que ficaram no passado, devo agradecer a Deus de todo o coração o amorável cuidado manifestado para comigo e para com meus companheiros em nossas muitas viagens no cumprimento do dever."

O relatório do secretário cessante revelou que mais de sete mil membros haviam sido acrescentados ao Movimento de Reforma de janeiro de 1991 a dezembro de 1994. Nosso povo (23.772 em 31 de dezembro de 1994; e mais de 24.000 por ocasião dessa assembléia) — organizado em 13 Uniões, 23 Campos e 20 Missões — estava na época disperso em 81 países e territórios. O relatório também mostrou outros detalhes interessantes: Igrejas de propriedade da corporação: 581; outros prédios: 98; lugares de reunião alugados: 223; residências particulares usadas regularmente como locais de culto: 530; número de igrejas organizadas: 606; grupos organizados: 652; número de ministros: 196; obreiros bíblicos de tempo integral: 241; obreiros bíblicos de tempo parcial: 104; obreiros bíblicos voluntários: 95; colportores:1.943; diretores de colportagem: 58; empregados de escritório: 112.

O Departamento da Escola Sabatina relatou que, no fim de 1994, havia 1.417 escolas sabatinas com quase 35.000 estudantes (adultos e crianças) no Movimento de Reforma.

O relatório do Departamento de Colportagem mostrou que, durante o quadriênio 1991-1994, mais de quatro milhões de livros e brochuras foram vendidos e mais de sete milhões de tratados distribuídos.

O Departamento Missionário relatou a obra realizada durante o quadriênio: estudos bíblicos ministrados: mais de 250.000; visitas missionárias: mais de 380.000; livros e livretos distribuídos: mais de quatro milhões (essa literatura não é a mesma que foi vendida pelos colportores); tratados e folhetos distribuídos: mais de oito milhões.

O tesoureiro cessante, Ruffo Lopez, no fim de seu relatório, agradeceu a Deus e aos irmãos todo o apoio recebido.

Uniões, Campos e Missões confirmadas

As seguintes organizações foram confirmadas pela delegação: União Boliviana (para propósitos administrativos, a Bolívia ficou separada da União Meridional da América do Sul); Campo Martinicano (Martinica e Guadalupe ficaram separadas do Campo Franco-Polinésio); Missão Espanhola (a Espanha ficou separada do Campo Ibérico); Missão Checoslovaca (separou-se da Polônia); Missão Ganense; Missão Finlandesa; Missão Costa-Riquense e Missão Chinesa.

Novos oficiais

Presidente da Conferência Geral: A. C. Sas; vices-presidentes: N. S. Brittain e D. Suresh-Kumar; secretário: D. P. Silva.

Palavras de encerramento

Ao final dos trabalhos da sessão, o novo presidente, irmão Sas, apelou a seus coobreiros e a todos os ministros para que façam o melhor que possam a fim de demonstrar bom exemplo diante do povo. Como sub-pastores, disse, não devemos tanger as ovelhas, mas guiá-las. Apelou especialmente aos irmãos de mais idade para que se aproximassem dos mais jovens como amigos, estendendo pontes por sobre o abismo que muitas vezes existe entre as gerações. Ao fazermos amigos e ganharmos a confiança dos outros, declarou, estaremos em condição de ajudá-los. Falando sobre nossas prioridades, ele disse que devemos estar ansiosos para ser testemunhas, não apenas através de nossas palavras, mas através de nossa vida convertida, demonstrando ao mundo que somos o povo de Deus e que nos estamos preparando para receber o poder prometido para a conclusão da obra. Não devemos temer o futuro a menos que nos esqueçamos da maneira como o Senhor nos tem conduzido e ensinado. Cumpre-nos trabalhar pela conversão de almas a Cristo, não a nós mesmos. "Se tivermos esse alvo em vista", disse ainda, "o Senhor abençoará nossos esforços."

Em nome da delegação, o irmão Sas agradeceu a hospitalidade dos irmãos da União Romena. Um espírito de perfeita paz prevaleceu entre os delegados. O irmão I. Tomoiaga proferiu a última oração e o irmão Francisco Devai pronunciou a bênção final.

12

O nome da nossa igreja

Conforme carta-circular expedida em fevereiro de 1919, antes que nossos irmãos viessem à conferência de 1925 e chegassem a um acordo sobre o nome a ser adotado para a nossa igreja, usaram diversos nomes locais. Na Escandinávia: *Adventistas da Fé Original*, Checoslováquia: *A Semente da Mulher*, Transilvânia: *Adventistas da Antiga Fé*, Iugoslávia: *Adventistas Remanescentes*, Sul da Romênia e Bulgária: *Adventistas que Permaneceram na Plataforma da Fé — de 1844*, Hungria: *Adventistas do Sétimo Dia que Permaneceram na Antiga Plataforma de 1844*. Na Alemanha, denominaram-se a princípio *Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia — União Alemã*. Os irmãos alemães mostraram o mesmo nome, exceto *União Alemã*, na revista *Wächter der Wahrheit* (Sentinela da Verdade), publicada antes de julho de 1919. A partir da edição desse mês, contudo, fizeram um acréscimo ao nome até então em uso: *Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia Estabelecidos Sobre a Antiga Plataforma de 1844*. Na Alemanha, a União foi registrada em 23 de dezembro de 1919 sob o nome *Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia Estabelecidos Sobre a Antiga Plataforma de 1844 — União Alemã*. No final de 1921, conforme a revista *Sentinela da Verdade*, preferiram ser conhecidos como *Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia — Movimento de Reforma*. Depois que nossos dois delegados voltaram de San Francisco, onde não lhes foi dada audiência, nossos irmãos publicaram, sob o nome *Movimento de Reforma Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia*, a brochura *Reavivamento e Reforma entre os Adventistas do Sétimo Dia — Nossa Experiência Durante a Assembléia da Associação Geral em San Francisco, maio de 1922*. Mais tarde, porém, seu periódico mensal, *Sentinela do Sábado*, foi publicado sob o nome de *Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma*. Posteriormente eles acrescentaram a designação *União Alemã*.

Em nossa primeira assembléia da Conferência Geral, em 1925, a delegação adotou o nome *Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma* para "o conjunto de todas as Uniões", a saber, "a associação da igreja como um todo", de acordo com as *Atas das assembléias representativas da CG* (assembléia de 1925, resolução 11). A resolução 11 também diz que os *Princípios de Fé* devem ser publicados com esse nome.

Em 1925 houve o acordo de que a Conferência Geral deveria organizar-se separadamente da União Alemã. Mas isso não foi feito imediatamente. Alguns anos depois, devido às circunstâncias mencionadas a seguir, o registro da Conferência Geral tornou-se uma urgente necessidade. Foi então usado o nome de *Conferência Geral da Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia, Movimento de Reforma*, e não o nome que havia sido adotado pela delegação da CG em 1925.

Quando os estatutos estavam prontos para o registro da Conferência Geral, com as assinaturas dos membros da Diretoria, Otto Welp, presidente reeleito da CG, assinou como representante da *Igreja Adventista do Sétimo Dia — Movimento de Reforma — União Alemã.*

De acordo com as leis então em vigor na Alemanha, uma corporação deveria ter pelo menos uma propriedade a fim de poder qualificar-se para o registro, e a Conferência Geral não tinha nenhuma. Por isso, o registro foi adiado. Durante a reunião de Comissão da CG realizada na sede da União Alemã, de 29 de junho a 4 de julho de 1927, ficou resolvido:

"Que a Conferência Geral seja registrada do mesmo modo [que a União] para que os mesmos estatutos submetidos para o registro da União possam abranger também a Conferência Geral, e que no futuro a União Alemã opere sob esses estatutos, sob o nome da Conferência Geral." (Resolução 8).

A razão principal dessa resolução foi que a propriedade de Isernhagen, próxima a Hannover, usada pela União Alemã, havia sido comprada com um empréstimo tomado da Conferência Geral, e que o presidente da União, W. Richter, tinha sérias desinteligências com a administração da CG. Foi certamente sábio, da parte dos líderes, tomar precauções protegendo as propriedades e interesses da Obra.

O registro da Conferência Geral em Burgwedel, próximo de Hannover, Alemanha, em 11 de janeiro de 1929, naquela situação de emergência, foi feito sob a iniciativa da Comissão Executiva. Ambos os nomes — o escolhido pela delegação da CG em 1925 e o registra-

do em 1929 — foram usados por algum tempo, às vezes nos mesmos documentos, embora a delegação da Conferência Geral reunida em assembléia jamais tenha autorizado a mudança. Foi prudente naquele tempo empregar ambos os nomes a fim de impedir que grupos dissidentes usassem legalmente quaisquer desses nomes já adotados pelo Movimento de Reforma. O registro de 11 de janeiro de 1929 foi cancelado pela polícia secreta (Gestapo) em 11 de maio de 1936.

Sob o nome adotado pela delegação da CG reunida em assembléia em 1925 e sempre conservado pela delegação, a denominação foi registrada no Estado da Califórnia, EUA, por C. Kozel e D. Nicolici, respectivamente presidente e secretário da corporação, em 8 de abril de 1949, em harmonia com a decisão adotada pela delegação de 1948. Feito isso, o irmão Kozel escreveu em sua carta circular datada de 18 de abril de 1949:

"Há poucos dias conseguimos... registrar nossa Organização. O Senhor nos ajudou maravilhosamente em todas essas coisas. O nome de nossa denominação é o seguinte: *Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma*, P. O. Box 234, Oak Park, Sacramento, Califórnia, Estados Unidos da América."

As Uniões e Campos foram notificados desse registro, e o ratificaram por carta.

Em maio de 1951, quando C. Kozel e seus adeptos ainda estavam conosco numa só corporação religiosa da qual ele era o presidente, os delegados da CG se reuniram na Holanda, sob esse registro e sob esse nome. Os líderes e delegados divididos em dois partidos, e incapazes de resolver suas diferenças, reorganizaram-se em duas comissões de CG separadas, cada uma reivindicando ser a continuação da Organização original, com o nome original adotado pela delegação de 1925 e com o registro de 1949. O irmão Kozel e sua recém-eleita Comissão da CG ainda reconheciam os estatutos que acompanhavam o registro de 8 de abril de 1949. Eles o chamaram de "nossos estatutos" em sua declaração de 24 de maio de 1951.

A despeito do cisma, durante um ano os dois partidos professaram pertencer à corporação que ostentava o nome original, *Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma*, registrada no Estado da Califórnia, EUA, com sede na cidade de Sacramento. Chegaram a assinar um acordo, em 7 de maio de 1952, reconhecendo-se mutuamente como membros e líderes dessa corporação, sob esse nome. Essa era a única corporação e o único nome

oficialmente reconhecidos por ambos os lados. Naqueles dias não havia controvérsia sobre o nome oficial usado pelo Movimento de Reforma.

Os dois partidos continuaram dentro da mesma corporação, usando o mesmo nome, o mesmo registro e a mesma sede, até 6 de junho de 1952, quando o irmão Kozel e seus adeptos resolveram reorganizar-se separadamente de nós, mas juntamente com os irmãos de Denver, que haviam sido excluídos na presença e com a aprovação do irmão Kozel em 4 de março de 1949. Somente desde então (6.6.52), e não desde data anterior, é que eles possuem sua própria corporação independente como CG, com sede na Dinamarca e posteriormente na Alemanha.

Num panfleto publicado na América Latina pelos líderes dos irmãos separados, explicaram por que os irmãos Kozel, Müller e Ringelberg (seus principais líderes na época) resolveram fazer sua própria reorganização (6 de junho de 1952). Escreveram:

"Em 1951 ... Nicolici reteve o nome da igreja, as propriedades e a sede, exatamente como a Igreja Grande [IASD] havia feito. Por essa razão, os irmãos... foram forçados a organizar-se sem, contudo, abrir mão do nome verdadeiro — *Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma*. Na frente desse nome eles apenas acrescentaram as palavras *Sociedade Missionária Internacional*. ... Fizeram isso apenas para distinguir-se da organização de Nicolici, que reteve o nome, as propriedades e a sede, exatamente como havia feito a Igreja Grande." —*Breve história de la iglesia en la tierra*, pág. 2.

Em suma: O nome que mantivemos em nosso poder é o que foi adotado na primeira assembléia da CG, em 1925, registrado em 1949, e que jamais foi alterado pela delegação da CG reunida em assembléia.

13

Nossa obra internacional

Desde 1914, através da história, temos visto a misericordiosa mão de Deus conosco em cada crise. Ele nos tem concedido muitas vitórias. Eis alguns dos acontecimentos dignos de nota ocorridos desde 1921.

Primeiro período: 1921-1934

1921-1925

Antes da organização dos ASD Movimento de Reforma em 1925, e especialmente antes da conferência de Würzburg (1921), os reformistas e os professos reformistas lançaram grande quantidade de publicações extra-oficiais. Podemos, porém, identificar também algumas publicações oficiais.

Lições da Escola Sabatina locais começaram a aparecer já em 1915. Contudo, as primeiras lições de que dispomos em nossa biblioteca foram publicadas em 1922. A partir do quarto trimestre de 1922, os dois primeiros trimensários tratam sobre o Apocalipse.

A revista mensal *Sabbat-Wächter* (Sentinela do Sábado) apareceu em 1920.

Em 1923, Carl Spanknöbel foi enviado como missionário aos EUA. Willi O. Welp, filho de Otto Welp, emigrou para a América nesse mesmo ano. Arthur W. Dörschler, genro de Otto Welp, chegou um pouco mais tarde. Oscar Kramer chegou aos Estados Unidos em 1925.

André Lavrik, da Bessarábia, Romênia, foi para o Brasil em 1924 a fim de efetuar obra de pioneirismo.

1925-1928

A grande preocupação dos irmãos reformistas daqueles dias (1925-1928) era enviar missionários e ocupar novos territórios.

André Cecan, da Bessarábia, Romênia, chegou ao Brasil em 1926, com os pais. Foi de grande ajuda para o irmão Lavrik. Karl (Carlos) Kozel, da Alemanha, e Eugênio Laicovschi, da Bessarábia, Romênia, foram para a Argentina em 1927.

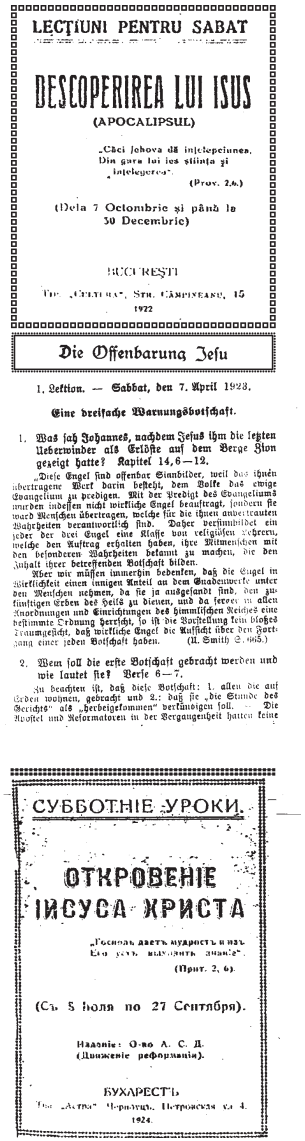
Quanto ao centro internacional de operações, ficou decidido que a Conferência Geral deveria, por algum tempo, fazer uso das mesmas instalações da União Alemã, em Würzburg. Em 1926 a sede da Conferência Geral mudou-se de Würzburg para Isernhagen, perto de Hannover, Alemanha, para as dependências da sede da União Alemã.

Considerando que foi conseguido um lugar maior e mais apropriado para as duas sedes (Conferência Geral e União Alemã), foi também instalada na mesma propriedade uma gráfica. O estabelecimento da Associação Publicadora "Liberdade Religiosa" (*Missionverlag für Glaubens-und-Gewissensfreiheit*) permitiu o desenvolvimento da obra da colportagem, que se tornou um empreendimento muito dinâmico.

Transcorridos muitos anos, não podemos com facilidade fazer distinção entre a obra da Conferência Geral e a da União Alemã nos primeiros dias de nossa história.

O primeiro número do órgão oficial da Conferência Geral dos ASD Movimento de Reforma —*Der Adventarbeiter* (O Obreiro do Advento) — apareceu em outubro de 1928.

As publicações reformistas enviadas para além-mar e espalhadas em muitos lugares provocaram algumas reações. A semente já começava a germinar e era necessário enviar obreiros para atender os


LECȚIUNI PENTRU SABAT

DESCOPERIREA LUI ISUS

(APOCALIPSUL)

„Căci Iehova dă înțelepciune. Din gura lui ies știința și înțelegerea."

(Prov. 2.6.)

(Dela 7 Octombrie și până la 30 Decembrie)

BUCUREȘTI

1922

Die Offenbarung Jesu

1. Lektion. — Sabbat, den 7. April 1923.

Eine dreifache Warnungsbotschaft.

1. Was sah Johannes, nachdem Jesus ihm die letzten Ueberwinder als Erstlinge auf den Berge Zion gezeigt hatte? Kapitel 14,6—12.

„Diese Engel sind offenbar Sinnbilder, weil das ihnen übertragene Werk darin besteht, dem Volke das ewige Evangelium zu predigen. Mit der Predigt des Evangeliums werden indessen nicht wirkliche Engel beauftragt, sondern sie ward Menschen übertragen, welche sie den ihnen anvertrauten Wahrheiten verantwortlich sind. Daher versinnbildet ein jeder der drei Engel eine Klasse von religiösen Lehrern, welche den Auftrag erhalten haben, ihre Mitmenschen mit den besonderen Wahrheiten bekannt zu machen, die den Inhalt ihrer betreffenden Botschaft bilden.

Aber wir müssen immerhin bedenken, daß die Engel in Wirklichkeit einen innigen Anteil an dem Gnadenwerke unter den Menschen nehmen, da sie ja ausgesandt sind, den zukünftigen Erben des Heils zu dienen, und da ferner in allen Anordnungen und Einrichtungen des himmlischen Reiches eine bestimmte Ordnung herrscht, so ist die Vorstellung kein bloßes Traumgesicht, daß wirkliche Engel die Aufsicht über den Fortgang einer jeden Botschaft haben. (U. Smith S. 965.)

2. Wem soll die erste Botschaft gebracht werden und wie lautet sie? Verse 6—7.

Zu beachten ist, daß diese Botschaft: 1. allen die auf Erden wohnen, gebracht und 2.: daß sie „die Stunde des Gerichts" als „herbeigekommen" verkündigen soll. Die Apostel und Reformatoren in der Vergangenheit hatten keine

СУББОТНІЕ УРОКИ.

ОТКРОВЕНІЕ ИИСУСА ХРИСТА

„Господь даетъ мудрость и изъ Его устъ знаніе и разумѣніе".

(Прит. 2, 6).

(Съ 5 іюля по 27 Сентября).

Издано: О-во А. С. Д. (Движеніе реформаціи).

БУХАРЕСТЪ

1924.

Algumas das primeiras Lições da Escola Sabatina impressas por nossos irmãos pioneiros, sobre o livro do Apocalipse. A partir de cima: romena (1922), alemã (1923), russa (1924)

Sabbatschul-Lektionen
der
Siebenten-Tags-Adventisten „Reformationsbewegung"

Lektionen über

Religionsfreiheit.

„Ich will anbeten zu deinem heiligen Tempel und deinem Namen danken um deine Güte und Treue; denn du hast deinen Namen über alles herrlich gemacht durch dein Wort."
(Psalm 138, 2.)

4. April bis 27. Juni 1925

Erscheint im Druck des
Missionsverlag für Glaubens- und Gewissensfreiheit
Postfach 67 Würzburg Haugerkirchplatz 9

Internationale Missionsgesellschaft
der Siebenten-Tags-Adventisten
„Reformationsbewegung"

Sabbatschul-Lektionen

für das 4. Viertel 1927
(1. Okt. bis 31. Dezbr.)

★

Aus dem Leben Jesu

„Glaubet an das Licht, dieweil ihr's habt, auf daß ihr des Lichtes Kinder seid."
(Joh. 12, 36.)

Herausgegeben von der
General-Konferenz der Siebenten-Tags-Adventisten – „Reformationsbewegung".

Erscheint im Druck des
„Missions-Verlag für Glaubens- und Gewissensfreiheit, Hannover-Buchholz, Postfach 1.

Internationale Missionsgesellschaft
der Siebenten-Tags-Adventisten
„Reformationsbewegung"

Sabbatschul-Lektionen

für das 1. Viertel 1928
(7. Jan. bis 31. März.)

Studien
über den Ebräerbrief.

„Lasset euch nicht mit mancherlei und fremden Lehren umtreiben; denn es ist ein köstlich Ding, daß das Herz fest werde, welches geschieht durch Gnade.." Ebr. 13, 9.

Herausgegeben von der
General-Konferenz der Siebenten-Tags-Adventisten – „Reformationsbewegung".

Erscheint im Druck des
„Missions-Verlag für Glaubens- und Gewissensfreiheit, Hannover-Buchholz, Postfach 1.

Sabbatschul-Lektionen

für das 1. u. 2. Viertel 1929
(5. Januar bis 29. Juni.)

„. . . daß wir uns demütigen vor unserm Gott, zu suchen von ihm einen richtigen Weg für uns und unsere Kinder . . ."
(Esra 8, 20.)

★

Herausgegeben von der
General-Konferenz der Siebenten-Tags-Adventisten
„Reformationsbewegung".

Erscheint im Druck des
„Missions-Verlag für Glaubens- und Gewissensfreiheit",
Hannover-Buchholz, Postfach.

Desde que a Conferência Geral do Movimento de Reforma foi organizada, nossas Lições da Escola Sabatina foram editadas em nome da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma e impressas pela União Alemã. Traduções do alemão eram feitas para várias línguas. Desde o tempo em que nossa sede da CG foi estabelecida nos EUA, as traduções têm sido feitas a partir dos originais em inglês

apelos macedônicos vindos de diversas regiões. Não faltaram homens corajosos que disseram, por atitude: "Eis-me aqui; Envia-me a mim", mostrando boa vontade em fazer a obra de pioneirismo em países longínquos, onde tinham de aprender novo idioma e adaptar-se a diferentes condições de vida.

1928-1931

Logo depois da primeira assembléia mundial (1925), dificuldades internas começaram a surgir. O ano de 1928 foi particularmente difícil para a Obra na Alemanha e para a administração da Conferência Geral. Wilhelm Richter, presidente da União Alemã, opunha-se a Otto Welp, presidente da Conferência Geral. Durante a segunda assembléia internacional (1928), toda a Comissão da União Alemã, sob influência do irmão Richter, tomou posição contrária à administração da Conferência Geral. Albert Müller, Joseph Adamczak e Kasper Kissener apoiaram o irmão Richter. Este foi deposto da presidência da União Alemã, embora a comissão dessa União o tenha defendido contra a decisão da Conferência Geral. Foram empenhados esforços especiais para convencer os líderes alemães a mudar de atitude e, após longa discussão, eles finalmente admitiram estar errados. A liderança da União Alemã foi então confiada ao irmão Müller. Entretanto, isso não

Der Adventarbeiter
Organ der General-Konferenz der S.T.A. Reformationsbewegung.
Nummer 1. • Hannover, Oktober 1928. • 1. Jahrgang.

Auf der Wacht für den Herrn!

Publication of ***Der Adventarbeiter*** *(The Advent Worker), organ of the SDA Reform Movement General Conference, began in October 1928.*

Vorträge für die Gebetstage.

Herausgegeben von der
General-Konferenz der Siebenten-Tags-Adventisten,
„Reformationsbewegung."

Die Gebetstage finden statt in sämtlichen Unionen der General-Konferenz am
14., 15., 16., 19., 21., 22. und 23. Dezember 1928.

Artigos para a Semana de Oração têm sido fornecidos internacionalmente pela Conferência Geral ASD Movimento de Reforma desde que a organização foi efetivada (1925)

foi o fim do problema. No dia seguinte, o irmão Richter retratou-se de sua confissão e continuou em oposição. Junto com alguns dos que continuaram a apoiá-lo, foi excluído da comunhão. Durante anos tentou estabelecer seu próprio grupo, mas sem êxito. Durante a Segunda Guerra Mundial, por algum tempo, parecia estar reconciliado com os irmãos da liderança. Pouco antes do fim dela, indispôs-se novamente contra a direção. Descontente, voltou para a Igreja Adventista em 1945.

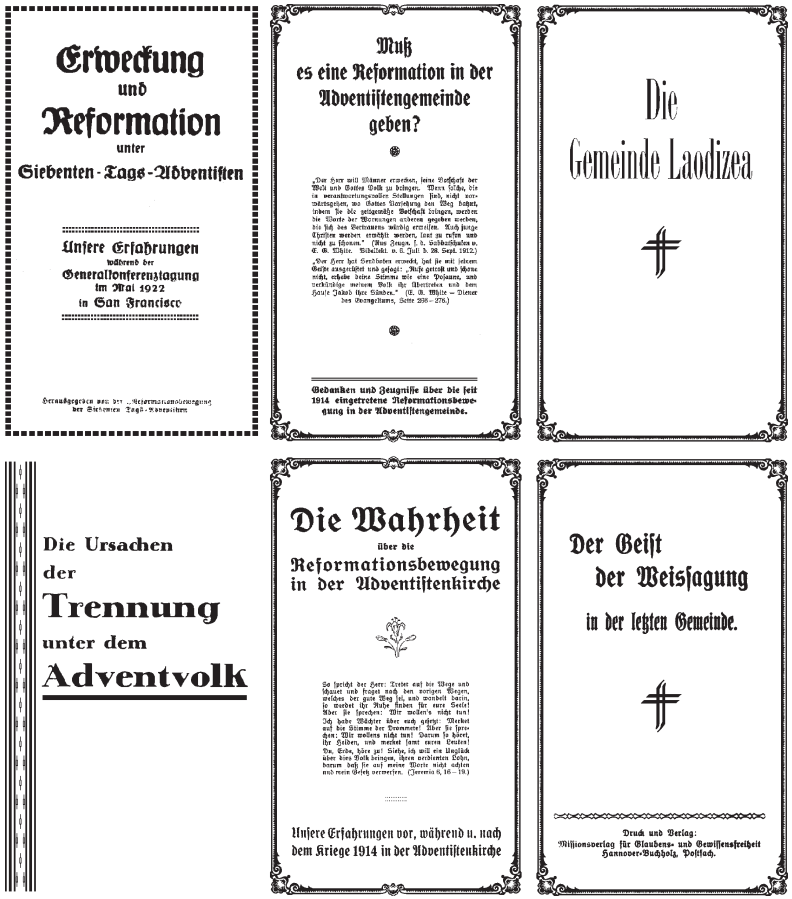
A Conferência Geral foi registrada em 11 de janeiro de 1929. Alguns de nossos líderes quiseram saber o que havia acontecido com aquele registro. Por isso, em 1963, D. Nicolici, o autor deste livro e mais um irmão foram ao escritório de registros em Burgwedel, próximo de Hannover, Alemanha. Eis o que descobriram: União Alemã: registrada em 21 de março de 1927 (esse foi um segundo registro). Dissolvida pela Polícia Secreta do Estado em 12 de maio de 1936. Conferência Geral, registrada em 11 de janeiro de 1929. Dissolvida pela Polícia Secreta do Estado em 11 de maio de 1936.

1931-1934

A obra de reforma já estava bem firmada na Europa e, com a ajuda de recursos financeiros e humanos vindos dos países europeus, os missionários reformistas já estavam trabalhando nos Estados Unidos e Canadá, no Brasil e na Argentina. E então, era necessário atender alguns chamados urgentes vindos de outras partes do mundo. De acordo com um relatório apresentado por T. T. Ndhlovu (da Rodésia — agora Zimbábue), na assembléia da Conferência Geral em 1931, era preciso enviar um missionário europeu para ajudar na Obra no sul do continente africano. Eugen Frick e esposa, da Alemanha, aceitaram o chamado. A Comissão Executiva da CG (reunida em Isernhagen, Alemanha, em agosto de 1931) tomou providência para que o irmão e a irmã Frick se mudassem para a África do Sul no fim de setembro de 1931.

A Obra em vários lugares precisava de diagramas proféticos. Foi confiada a Martin Hunger, da Alemanha, 1928, a tarefa de preparar esse material missionário.

Em 1920 uma pequena escola missionária já funcionava em Rama, perto de Würzburg, Alemanha. Contudo, essa foi apenas uma iniciativa local. Durante uma reunião da Comissão Executiva da CG em agosto de 1931, ficou resolvido estabelecer em Schwäbisch Hall, Alemanha, um centro de treinamento missionário internacional que preparasse obreiros para o campo mundial. A data do início do ano letivo foi marcada para 1de abril de 1932.



Algumas das publicações preparadas na Alemanha nos primeiros dias da Reforma, explicando por quê, como e quando o Movimento de Reforma veio à existência. Alguns destes folhetos foram traduzidos do alemão para outras línguas

A Comissão Executiva estava muito preocupada com o preparo de jovens para a Obra. Nenhuma União estava em condição de estabelecer seu próprio centro de treinamento missionário. Por isso, em julho de 1932, a comissão resolveu recomendar a todas as Uniões que cada igreja e grupo local devesse funcionar como uma pequena escola em que rapazes e moças recebessem treinamento teórico e prático.

Nessa época, a Comissão Executiva precisou ainda tratar da questão da chuva serôdia e do alto clamor surgida na assembléia de

1931. Numa das resoluções esclareceu a questão do último estágio da obra de Apocalipse 18:1-4.

"Com base nas Sagradas Escrituras e nos escritos do Espírito de Profecia, temos convicção de que não estamos ainda no alto clamor. De acordo com *Primeiros Escritos*, pág. 271, é evidente que o alto clamor virá junto com a chuva serôdia. Cremos, contudo, que esta obra de reforma é um cumprimento de Apocalipse 18:1 no sentido de estar preparando o caminho para o alto clamor."

A reunião seguinte da Comissão Executiva da CG foi realizada em Heerlen, Holanda, em dezembro de 1933. Ainda grandemente preocupados com a necessidade de entrar em novos campos, a Comissão enviou esta recomendação a todas as Uniões: Os líderes das Uniões devem selecionar os jovens mais fiéis e capazes, que revelam preocupação pelas almas e experiência na colportagem, e encorajá-los a aprender línguas estrangeiras. Se necessário, sob circunstâncias especiais, a Conferência Geral cobrirá as despesas. A Bíblia e o Espírito de Profecia dizem que os obreiros devem ser enviados de dois em dois. Esse plano deve ser considerado pelo jovem quando, sob supervisão da Comissão da União, decidir, com o companheiro, aprender outro idioma. Então poderão ser enviados como colportores, dois para um país, dois para outro, etc. A obra de pioneirismo deve ser feita por meio da colportagem.

Segundo período: 1934-1945

Nossos irmãos na Europa tiveram de passar por ardentes provas por aproximadamente dez anos (1936-1945).

Para fugir da perseguição religiosa que recrudescia na Alemanha, W. Maas e O. Welp foram para a Holanda; A. Rieck para Portugal; A. Müller para a Suíça e E. Stark para a Dinamarca.

Além de problemas externos de séria gravidade, havia problemas internos, como têm existido em todos os períodos da igreja de Deus. A Bíblia, o Espírito de Profecia, e a história da igreja mostram que a presença dessas coisas é uma das características da igreja militante. Nossa narrativa não é o que possa ser chamado de "história egípcia". Os historiadores egípcios narravam apenas as vitórias e silenciavam sobre os fracassos. Se tentássemos dar a impressão de que nunca ocorreram crises em nossa história, alguns irmãos poderiam objetar: "De acordo com o Espírito de Profecia, o movimento reformatório profetizado deve enfrentar problemas internos, tais como contender contra apostasia e apóstatas, combater o ditatorialismo, o espírito de supremacia e o fanatismo. Essas dificuldades são inerentes ao movimento em favor do reavivamento e reforma proféticos. Onde estão estas evidências?" Tal objeção seria perfeitamente justificável. Trataremos detalhadamente dessa questão mais adiante.

Um dos primeiros problemas surgidos na administração da Conferência Geral foi que Otto Welp, o filho (W. O. Welp) e o genro (A. W. Dörschler) tiveram sérios desentendimentos com W. Maas, o novo presidente eleito em 1934. Houve tensão compacta até a reconciliação em 1944.

W. O. Welp, A. W. Dörschler e O. Kramer, que eram chamados "os líderes de Denver", ficaram parcialmente satisfeitos quando compreenderam que ao menos em um aspecto suas queixas não foram inúteis. Mas também se queixavam contra o autoritarismo, conforme revelam suas cartas. E esse mal, dizem, não foi removido durante a administração do irmão Maas. Foi transmitido para a administração seguinte. Declararam em uma dessas cartas: "E aqueles que com razão protestaram contra a [arbitrariedade] dos líderes foram estigmatizados como rebeldes."

A crise interna persistiu por longo tempo. As dificuldades externas, em vez de contribuírem para solucionar mais rapidamente os problemas, serviram para impedir ano após ano a necessária solução. Desenvolvimentos no mundo político desencorajaram a idéia de reunir uma assembléia da CG naqueles dias perigosos.

A situação na Europa era assunto de grande preocupação para os irmãos da liderança. Sabiam que nosso povo em breve haveria de passar por severas provas. Era evidente que estavam às vésperas de um conflito internacional. Quando uma nova onda de perseguição se desencadeasse sobre eles, deveriam estar preparados para dar resposta uniforme. Postos perante as autoridades, teriam de enfrentar o confisco de propriedades, a perda de recursos para sobrevivência, prisão, tortura e mesmo a morte por amor à verdade. Por isso, durante uma reunião em Budapeste, Hungria, em junho de 1938, a Comissão Executiva da CG resolveu entre outras coisas:

"Elaborar uma declaração acerca dos princípios de nossa fé para ser apresentada às autoridades nos países em que surjam dificuldades para a nossa igreja."

Também ficou resolvido:

"Fazer preparativos para a assembléia seguinte da Conferência Geral que deveria ser realizada em 1940."

Essa decisão, porém, não se cumpriu. A tensão reinante na política internacional atrasou a convocação de outra assembléia da Conferência Geral até 1948.

Em 1942 o irmão Maas ficou gravemente enfermo. Faleceu em 12 de março de 1944. Os que estiveram com ele em seus últimos dias de vida testificaram que sentia a certeza do perdão dos seus pecados e estava em paz com o Senhor e com os irmãos.

A. Müller, que residia na Suíça, foi designado pela Comissão da CG para assumir a responsabilidade da Obra até a assembléia seguinte. Assim, a sede mundial foi transferida de Geulle, na Holanda, para Basiléia, na Suíça. O irmão Müller atuou como presidente de 1942 a 1948.

Enquanto a guerra devastava a Europa, por um lado o espírito de independência, zelo excessivo e fanatismo e, por outro lado, a arbitrariedade com alguma incoerência na administração do novo presidente, tendiam a perturbar a Obra em muitos lugares. Contudo, pela ajuda de Deus, "em todas essas coisas", aqueles que permaneceram do lado da verdade foram "mais do que vencedores por meio dAquele que nos amou."

Durante esse período de perseguição e terror, muitos crentes na Europa morreram como mártires por amor à verdade. Outros sofreram prisão, confinamento em campos de concentração, fome, frio e aflição. Somente pela graça de Deus é que essas almas conseguiram permanecer fiéis até o fim.

Terceiro período: 1945-1955

Fazendo um balanço da situação da Obra

Um dos primeiros esforços dos irmãos da liderança imediatamente após o término da Segunda Guerra Mundial foi reunir informações sobre a condição de nosso povo espalhado pelo mundo. Através do serviço postal logo foi possível avaliar a situação e formar um quadro geral das coisas em cada país. Damos a seguir um resumo do relatório publicado no *Sabbath Watchman*, quarto trimestre de 1946:

Alemanha: A respeito de alguns mártires que ali tivemos, podemos dizer: "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor... . para que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os acompanham." Apocalipse 14:13. J. Adamczak e O. Luft permaneceram sobre os muros de Sião para restaurar o que estava demolido. A Obra de Deus fazia novos progressos. Enquanto a tempestade se desencadeava sobre o povo naquele país, o Senhor operou muitos milagres em nosso favor. Cânticos de louvor e ações de graças ascenderam de novo dos lugares onde, durante o tempo da perseguição, nossas igrejas foram esvaziadas porque irmãos e irmãs haviam sido levados à prisão, deixando os filhos para trás.

América do Norte (Estados Unidos e Canadá): A mensagem de reforma estava brilhando em muitos lugares desse vasto território.

Austrália: Em apenas alguns anos o Senhor promoveu uma boa obra. Foi estabelecido o *Hebron Missionary College*, onde rapazes e moças recebiam treinamento para a Obra do Mestre. A mensagem de reforma estendeu-se para Queensland, Victoria e Nova Zelândia.

Áustria: Muitos irmãos não amaram suas vidas até a morte. A maioria de nossos crentes permaneceram fiéis em defesa da verdade durante o tempo da perseguição.

Checoslováquia: Os poderes das trevas aparentemente obtiveram vitória, mas almas fiéis permaneceram firmes, mantendo erguida a bandeira do Evangelho.

Dinamarca: Depois da tempestade política, a vida voltou à normalidade. O pastor obteve permissão para visitar os campos de concentração e ministrar estudos bíblicos. Algumas vezes cem pessoas assistiam às reuniões.

Finlândia: Apesar da guerra, os irmãos conseguiram trabalhar para o Senhor. Muitas almas tomaram posição ao lado da verdade. Bom número de obreiros e colportores estavam difundindo a mensagem logo após a guerra.

França: Durante a guerra, o famoso campo de Gurs alojou muitos irmãos, sob as mais terríveis condições. Entretanto, ninguém perdeu a vida. A obra do Evangelho prosseguiu e muitas novas almas se prepararam para fazer concerto com o Senhor.

Hungria: Nossos ministros e obreiros foram aprisionados durante a guerra, e nem todos voltaram.

Itália: Apesar das dificuldades externas e internas, a maioria de nossos irmãos permaneceram firmes na verdade. Houve grande interesse na mensagem de reforma. Mais de vinte pessoas achavam-se preparadas para unir-se ao Movimento de Reforma no fim da guerra.

Iugoslávia: A causa de Deus estava em franco progresso. Doze obreiros e quarenta e seis colportores divulgavam a mensagem. Em 1945, foram acrescentados à igreja 140 membros. Nosso povo passou pela "fornalha da aflição" sofrendo perseguição em muitos lugares, mas a misericordiosa mão de Deus estava com eles, dando-lhes coragem e poder para suportar a prova.

Noruega: Também na Noruega nosso povo passou por grandes tribulações e, se sobreviveu, foi apenas devido à graça de Deus.

Países Baixos (Holanda): Os irmãos desse país sofreram grandemente. Muitos foram levados aos campos de concentração por causa da fé. Alguns morreram. Otto Welp, um dos sobreviventes dos horrores de um campo de concentração, voltou a trabalhar, com outros irmãos, na causa do Senhor. Após a guerra, a colportagem foi reiniciada, e muitas almas uniram-se à igreja.

Países sul-americanos: A mensagem de reforma estava-se espalhando rapidamente. Mesmo entre os nativos que vivem nas altas montanhas, na região dos Andes, a luz alcançou muitos corações.

Polônia: Nossos crentes padeceram muito durante a guerra, e grande número de mártires atravessaram o vale da sombra da morte como vitoriosos sobre os poderes das trevas.

Portugal: O Senhor abençoou o trabalho de A. Rieck. Em poucos anos sete igrejas foram organizadas.

Romênia: Os fogos da tribulação não pouparam nossos irmãos na Romênia. Havia um plano oficial, adotado pelas autoridades, segundo o qual deveriam não somente destruir nossos templos, mas também exterminar todos os irmãos. Mas o Senhor não Se esqueceu de Seu povo. Quando o golpe fatal estava prestes a ser desferido contra eles, semelhantemente ao que ocorreu com o povo judeu nos dias da rainha Ester, Deus veio em seu resgate de modo miraculoso. Um líder escreveu: "Nossos irmãos permaneceram fiéis à verdade nesta mensagem de reforma. Após a guerra, o Senhor tornou possível realizar grandes assembléias em muitos lugares. Imprimimos centenas de milhares de folhetos, que agora estamos distribuindo. Louvado seja o Senhor por tudo."

Suécia: Pela providência de Deus, a Suécia não se envolveu na guerra, e tornou-se uma ilha de refúgio para alguns de nosso povo. W. Korpmann, pela graça de Deus, conseguiu escapar da Estônia para ali, a fim de auxiliar a causa de Deus.

Suíça: Em face do conflito internacional, permaneceu neutra, e proporcionou abrigo a alguns irmãos que fugiram de outros países. Ali, A. Müller encontrou refúgio. Os crentes cooperavam para que ele pudesse manter contato com a Obra de Deus em outras nações. Durante os turbulentos anos da guerra, da Suíça eram enviados os originais dos trimensários da Escola Sabatina.

Trans-África: De acordo com os relatórios recebidos de nossos irmãos da liderança, doze obreiros africanos estavam empenhados em divulgar a mensagem de reforma, que brilhava em muitos lugares.

Vitórias apesar dos problemas e divisões locais

Os seguidores de Cristo foram chamados "a pelejar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos." Judas 3. Desde o início esse versículo tem desempenhado importante papel no Movimento de Reforma. Sempre que foi necessário exaltar a verdade, temos testemunhado grandes lutas. Por que os ASD Movimento de Reforma haveriam de ser exceção à regra? A idéia de uma reforma sem conflito é contrária ao que se acha escrito na Bíblia e no Espírito de Profecia. Essa idéia surgiu provavelmente da interpretação errônea de uma declaração contida em *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 254. Ler *O Grande Conflito*, págs. 397 e 398; *Testemunhos para Ministros*, págs. 407-413; *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 590, além de outras declarações. Por esses textos o leitor verá que não existe reforma sem obstáculos. Só podemos dizer: Louvado seja o Senhor por Sua misericórdia, orientação e proteção!

Na assembléia de delegados em 1948 esperávamos resolver a maioria dos problemas acumulados nas igrejas em muitas partes do Mundo desde a assembléia anterior (1934) e especialmente durante os anos difíceis da guerra (1939-1945). Contudo, alguns desses problemas, em vez de serem resolvidos, agravaram-se ainda mais. Havia desacordo em vários lugares e, para alguns irmãos, a própria sobrevivência do Movimento de Reforma parecia ameaçada. Os líderes de Denver admitiram francamente:

"Nunca na experiência desta divina obra de reforma houve crise de tão terríveis conseqüências como nestes dias. O inimigo de toda a verdade e justiça está tentando aplicar um golpe decisivo contra os poucos fiéis de nossa igreja ao buscar destruir o verdadeiro espírito reformatório entre nós." *—Circular de 9 de janeiro de 1949.*

Os fatos mencionados a seguir estabelecem um padrão histórico que não deve ser ignorado.

Houve apostasia no Sinai quando até mesmo Aarão ficou cego diante da enormidade da transgressão que sancionara. O pecado tinha de ser prontamente tratado. E por que foi o problema registrado na história de Israel? "Executando justiça sobre os criminosos, Moisés... devia deixar registrado um protesto público e solene contra o delito. Dali em diante, quando os israelitas tivessem de condenar a idolatria das tribos vizinhas", deveriam "reconhecer a infeliz verdade", a vergonhosa apostasia que ocorrera em seu acampamento, mas também teriam de "indicar a sorte terrível dos transgressores". *—Patriarcas e Profetas*, pág. 325.

"Repetidas vezes o Israel antigo foi afligido por rebeldes murmuradores. ... Em muitos casos, homens de renome, príncipes em Israel, voltaram-se contra a providencial liderança de Deus e ferozmente puseram-se a demolir aquilo que havia construído no passado com tanto zelo. Temos visto algo semelhante repetir-se muitas vezes em nossa experiência." —*Testimonies*, vol. 4, pág. 594.

Consideremos o que aconteceu nos dias de Cristo e dos apóstolos. Muitos dos Seus discípulos viraram-se contra Ele e tornaram-se inimigos (João 6:66). "Ao desviarem-se de Cristo aqueles discípulos descontentes, espírito diverso deles se apoderou. Não podiam ver nada de atraente nAquele que antes tanto lhes interessava. Procuraram os inimigos, pois estavam em harmonia com o espírito e obra deles. Interpretaram mal Suas palavras, falsificaram-Lhe as declarações e impugnaram-Lhe os motivos. Apoiavam a própria atitude aproveitando tudo que pudesse ser voltado contra Ele. Tal indignação foi suscitada por essas falsas informações, que Sua vida ficou em perigo." —*O Desejado de Todas as Nações*, págs. 392 e 393. A angústia acarretada pela crise que sobreveio aos crentes fiéis naqueles dias deve ter sido maior do que a angústia causada por todas as crises pelas quais os ASD reformistas tiveram de passar.

Houve grave desavença entre os delegados reunidos na primeira assembléia geral realizada pela igreja cristã primitiva em Jerusalém (51 A. D. ?). Foi promulgado um decreto referente à lei cerimonial e os novos crentes gentios. E que aconteceu? "Nem todos... ficaram contentes com a decisão. Havia uma facção de irmãos ambiciosos e possuídos de presunção que a desaprovaram. Esses homens pretensiosamente tomaram a decisão de se empenhar na Obra sob a própria responsabilidade. Entregaram-se a muita murmuração e crítica, propondo novos planos e procurando demolir a obra dos homens a quem Deus ordenara ensinassem a mensagem do Evangelho. Desde o início a igreja teve tais obstáculos a enfrentar, e há de tê-los até a consumação do tempo." —*Atos dos Apóstolos*, págs. 196 e 197. Provavelmente são essas as pessoas mencionadas em Romanos 16:17; 1 João 2:19; Apocalipse 2:2 .

O mesmo tipo de guerra, os mesmos métodos táticos que usou nos dias do antigo Israel, nos dias de Cristo e dos apóstolos, Satanás empregou na época de Lutero e nos primórdios da Igreja ASD. A serva do Senhor escreveu:

"Deus está peneirando Seu povo. Ele terá uma igreja pura e santa. ... Levantaram-se pessoas de coração corrupto que não podiam viver com o povo de Deus. ... Há motivos para darmos graças a Deus

porque Ele abriu um caminho para salvar a igreja, pois teríamos incorrido na ira de Deus se esses embusteiros corruptos houvessem permanecido entre nós." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 99.

"A igreja incorreu no desagrado de Deus pelo fato de nela existirem indivíduos de coração corrupto, que queriam ocupar os primeiros lugares quando nem Deus nem os irmãos ali os estabeleceram. Egoísmo e exaltação lhes têm caracterizado a conduta. ... Quanto a nós, cumpre-nos louvar a Deus que, em Sua misericórdia, livrou deles a igreja." —*Idem*, vol. 1, pág. 122.

No Movimento de Reforma profetizado, temos enfrentado e ainda esperamos enfrentrar batalhas semelhantes a essas. O Espírito de Profecia adverte:

"A igreja verá ainda dias trabalhosos. Profetizará vestida de saco. Embora tenha de enfrentar heresias e perseguições e combater contra infiéis e apóstatas, pelo auxílio de Deus ainda está esmagando a cabeça de Satanás. O Senhor terá um povo tão verdadeiro como o aço, de fé firme como o granito. ... Ministros que pregam a verdade com todo o zelo e fervor podem apostatar, e unir-se às fileiras dos inimigos. Tornará isso, porém, a verdade divina em mentira? 'Todavia', diz o apóstolo, 'o fundamento de Deus fica firme.' 2 Timóteo 2:19. A fé e os sentimentos dos homens podem mudar, mas a verdade de Deus nunca. A terceira mensagem angélica está soando. É infalível." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 590.

"Desperte do sono o povo de Deus, e inicie com fervor a obra de arrependimento e reforma, ... e não faltarão evidências de que Satanás ainda se acha em atividade e vigilância. Com todo o engano possível manifestará seu poder, chamando em seu auxílio os anjos caídos de seu reino." —*O Grande Conflito*, págs. 396-398.

"Nunca haverá um tempo na história da igreja em que o obreiro de Deus possa cruzar os braços e ficar à vontade dizendo: 'tudo é paz e segurança'... Ao avançar a obra do povo de Deus com energia santificada e irresistível implantando na igreja o estandarte da Justiça de Cristo, movida pelo poder que vem do trono de Deus, a grande controvérsia se tornará cada vez mais forte, e será cada vez mais determinada... A verdade em seus variados aspectos estará em conflito com o erro em suas formas sempre variadas e crescentes." —*Testimonies to Ministers*, pág. 407.

O leitor pode ver através desses excertos como a história se repetiu e ainda se repetirá também em nossas fileiras. A Bíblia e os escritos de Ellen G. White não prometem isenção para o profetizado

Movimento de Reforma entre os ASD. Por isso louvamos a Deus por Sua misericórdia, orientação e proteção. Em toda a nossa história como Movimento, desde 1914, a mão auxiliadora de Deus tem sido conosco em cada crise, e nossa marcha tem sido sempre para frente e para cima, de vitória em vitória.

Uma das características fundamentais do Movimento de Reforma é não tolerar o pecado aberto. "Cristo ensinou claramente que aqueles que persistem em pecado declarado devem ser desligados da igreja." —*Parábolas de Jesus*, pág. 71. "Se essas instruções houverem sido observadas, a igreja está limpa diante de Deus. A injustiça tem, então, de aparecer como é e ser removida, para que não prolifere. O bem-estar e a pureza da igreja devem ser salvaguardados para que possa estar sem mancha diante de Deus, revestida da justiça de Cristo." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 202. Essa obra não pode ser efetuada sem árduo esforço, especialmente quando a liderança está envolvida.

A partir daí, solidarizamo-nos com todos os crentes fiéis que suspiram e gemem por causa das condições vistas na Igreja ASD justamente antes do fim do tempo de graça. Informa-nos o Espírito de Profecia:

"Muitos que uma vez foram adventistas sinceros estão-se conformando com o mundo, suas práticas, costumes e egoísmo. Em vez de levar o mundo a prestar obediência à Lei de Deus, a igreja está-se unindo cada vez mais a ele na transgressão. Diariamente a igreja está-se convertendo ao mundo." —*Testimonies*, vol. 8, pág. 119.

"[Encontram-se] na igreja orgulho, avareza, egoísmo e engano quase de toda espécie. O Espírito de Deus, que impulsiona a aceitar a reprovação, é espezinhado, enquanto os servos de Satanás triunfam. Deus é desonrado e a verdade tornada de nenhum efeito." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 65.

"Os que receberem o puro sinal da verdade, neles gravado pelo poder do Espírito Santo, ... são os que 'suspiram e gemem por todas as abominações que se cometem' na igreja. Ezequiel 9:4." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336.

"As abominações pelas quais os fiéis suspiravam e gemiam era tudo quanto podia ser discernido por olhos finitos, mas os pecados incomparavelmente piores, os que provocavam o zelo de um Deus puro e santo, achavam-se encobertos. ... Ele, porém, descobrir-lhes-á a hipocrisia e revelará perante outros os pecados que tão cuidadosos eram em ocultar." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 66.

Há somente duas opções: Se quisermos evitar o conflito, devemos permitir que seja estabelecida a apostasia, conforme as declarações proféticas mencionadas. Se não quisermos que essas declarações se apliquem também ao Movimento de Reforma, devemos "pelejar pela fé." Essas observações devem habilitar o leitor a encarar nossas lutas e vitórias sob perspectiva correta. É com essa esperança que apresentamos a seguir certos problemas com que tivemos de lutar durante o período de dez anos (1945-1955). Alguns tiveram seu início mesmo antes de 1945.

Inglaterra: Depois de haver sido exonerado da posição de liderança em 1935 e haver recebido informação desfavorável sobre o novo presidente da CG (W. Maas), F. Charles rejeitou a autoridade da Conferência Geral. O resultado foi a formação de dois grupos: um sob a influência de A. Rieck, e outro sob a direção de A. W. Dörschler. O irmão Nicolici escreveu a ambos os partidos, aconselhando-os a procurar reconciliação e trabalhar unidos. Aparentemente concordaram. Mas a separação durou ainda muitos anos.

Holanda: O. Kramer apresentou este relatório: "Os assuntos pareciam haver-se tornado mais duvidosos e intoleráveis entre nossos líderes [depois que o irmão Maas se havia refugiado na Holanda em 1937]. ... Não houve mais conferência, nenhum relatório, nem ... eleições sistemáticas [dos oficiais da CG]. Os irmãos da liderança simplesmente permaneceram no cargo além do mandato. ... Os que insistiram [no propósito de realizar uma assembléia da CG], triste é dizer, foram injustamente excluídos da comunhão como se fossem rebeldes. ... Ficou evidente que os líderes nos mais elevados postos estavam adotando atitude ditatorial." (De uma gravação). Ocorreu uma separação que continuou depois da morte do irmão Maas (12 de março de 1944) e da Segunda Guerra Mundial.

Alemanha: J. Adamczak, presidente da União Alemã e presidente de mesa da assembléia da Conferência Geral (1948), teve uma divergência com C. Kozel e A. Müller, respectivamente presidente e vice (CG). Em 1949, com o apoio de alguns líderes, começou a manifestar a esses dois irmãos onde ele divergia deles. Em 1950 escreveu:

"Desde a assembléia em Haia [Holanda] em 1948 tenho travado os mais terríveis conflitos comigo mesmo. Tenho passado muitas noites em claro por amor à causa de Deus. ... O pensamento de que poderá haver eventual divisão despertou em mim grande receio e desgosto. ... Aplicam-se resoluções e princípios de maneira arbitrária. ... Há um pequeno grupo de homens que agem exatamente como os fariseus dos dias de Cristo."—*Circular de Adamczak*, 5 de abril de 1950.

Nova Zelândia: Fred Williams, da Nova Zelândia, iniciou uma agitação contra a União Australasiana, porque a assembléia representativa da União (1947) não lhe deu o que ele queria. Apoiado por um grupo de simpatizantes, era seu propósito separar o Campo Neozelandês, e assumir a posse de um edifício da União naquela ilha. Por meio de um advogado, a União advertiu-os de que não podiam legalmente apossar-se da propriedade. Não houve ação jurídica. Pouco antes da assembléia da Conferência Geral em 1948, o Senhor pôs fim à questão. Alguns dos envolvidos na dificuldade uniram-se à Igreja Adventista, ao passo que outros confessaram o erro e voltaram para o Movimento de Reforma. Mesmo Fred Williams, principal responsável pela perturbação, admitiu estar errado. Posteriormente reconciliou-se com os irmãos e morreu fiel à igreja.

Portugal: A. Rieck, que havia sido secretário da CG de 1934 a 1948 e que fora líder da Obra em Portugal, quando surgiram as dificuldades na Alemanha, ficou do lado do irmão Adamczak em sua oposição aos irmãos Kozel e Müller. O irmão Kozel foi a Lisboa tentar corrigir o irmão Rieck e, se possível, remediar a situação. Tiveram uma entrevista em 4 de agosto de 1949. O irmão Kozel não teve êxito. Essa divisão continuou até a morte do irmão Rieck (1960?).

Romênia: Antes da assembléia da Conferência Geral de 1948, o inimigo causou transtornos entre nossos irmãos. Havia uma acusação contra o presidente da União. Albert Müller, presidente da CG, aceitou a conclusão dos outros da liderança da União Romena, que não conseguiram provar que ele tinha culpa. O irmão Müller creu na declaração de inocência dele e jamais se preocupou em investigar a questão. Assim, um grupo que protestava contra essa atitude separou-se da igreja. Havia duas facções desde 1946. O irmão Kozel estava informado sobre isso, conforme uma de suas cartas (11 de novembro de 1946). O problema permaneceu sem solução até 1956, quando o irmão Nicolici visitou a Romênia. Embora o líder acusado jamais tenha admitido culpa naquilo de que o acusavam, houve outras razões que justificaram sua exclusão.

África do Sul e Rodésia (agora Zimbábue): O presidente da União violou o ponto 18 de nossos Princípios de Fé (1925), tornando-se desqualificado não somente para o ministério mas também para permanecer na comunhão. A. Müller, vice-presidente da CG, acompanhado por S. Eggarter, foi enviado para lá em 1950. O irmão Müller apenas removeu da presidência o culpado, sem tomar-lhe a credencial de ministro. Os que protestaram contra essa "solução" foram excluídos. Apesar dos repetidos apelos, o problema foi deixado sem correção da parte do presidente da CG. Resultado: separação na África do Sul e tensão crescente entre alguns líderes do Movimento de Reforma.

Estados Unidos: Os líderes da União Norte-Americana fizeram graves objeções contra os métodos de três presidentes sucessivos da CG: W. Maas, A. Müller e C. Kozel. Queixaram-se especialmente da burocracia, do autoritarismo e do absolutismo que, diziam, eram evidentes nos irmãos da direção. Finalmente, o irmão Kozel resolveu agir contra eles. Foram excluídos da igreja na presença e com o apoio do irmão Kozel (4 de março de 1949). Acerca dessa infeliz experiência, os líderes da União Norte-americana escreveram em sua carta circular de 12 de abril de 1949:

"Tendo em vista que o irmão Kozel exigiu repetidas vezes 'submissão incondicional' como único recurso conducente à unidade, sem a sugestão de possível acordo, perguntamos: Baseia-se esse procedimento num princípio cristão e democrático? Ou isso nos traz à lembrança o espírito predominante nas ditaduras seculares? ... É evidente que, por causa de interesses egoístas, a Obra de Deus está agora passando por severa crise. ... Sem investigação das dificuldades, fomos separados da Reforma por meio de um ato arbitrário."

Essas foram as principais divisões locais que houve sob a administração dos irmãos Müller e Kozel.

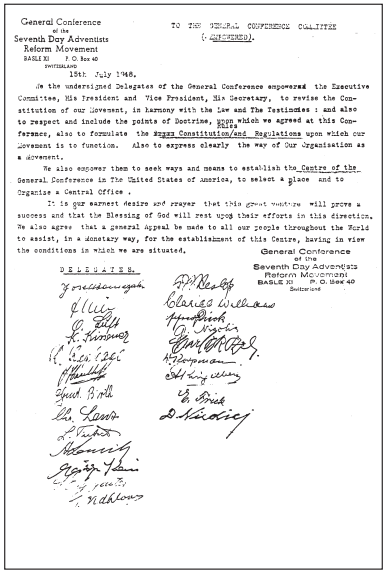
Conferência Geral registrada nos EUA

Em 15 de julho de 1948, a quinta delegação da Conferência Geral tomou esta resolução:

"Os abaixo assinados, delegados da Conferência Geral, dão poderes à Comissão Executiva — ao presidente, vice e secretário — para revisar a nossa constituição, em harmonia com a Lei e os Testemunhos, para acatar e incluir os pontos de doutrina sobre os quais concordamos nesta assembléia, para formular os estatutos em base dos quais nosso Movimento deve funcionar e para expressar claramente a forma de nossa organização."

Durante a assembléia, os delegados resolveram transferir a sede da CG para os Estados Unidos. O Movimento de Reforma, como organização de âmbito mundial, foi registrado em Sacramento, Califórnia, EUA, no dia 8 de abril de 1949. O escritório da CG ficou estabelecido na Avenida Franklin 3031, Sacramento, Estado da Califórnia.

Em 1926, o escritório da Conferência Geral estava instalado neste prédio (Isernhagen, próximo a Hannover, Alemanha), que foi vendido pouco antes de o Movimento de Reforma na Alemanha ser dissolvido pelas autoridades (11 e 12 de maio de 1936)



General Conference
of the
Seventh Day Adventists
Reform Movement
BASLE XI P.O. Box 40
SWITZERLAND

TO THE GENERAL CONFERENCE COMMITTEE
(ENGINEERED).

15th July 1948.

We the undersigned Delegates of the General Conference empowered the Executive Committee, His President and Vice President, His Secretary, to revise the Constitution of our Movement, in harmony with the Law and The Testimonies : and also to respect and include the points of Doctrine, upon which we agreed at this Conference, also to formulate the ~~Rules~~ Constitution and Regulations upon which our Movement is to function. Also to express clearly the way of Our Organisation as a Movement.

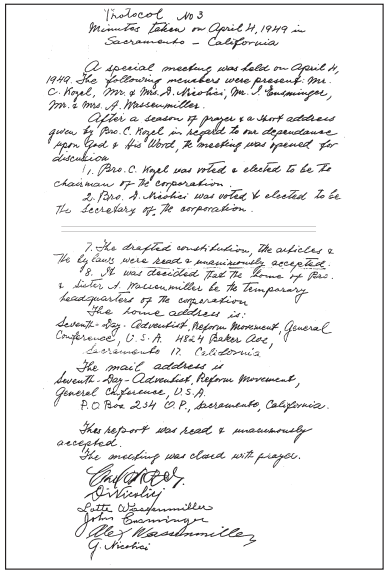
We also empower them to seek ways and means to establish the Centre of the General Conference in The United States of America, to select a place and to Organise a Central Office .

It is our earnest desire and prayer that this great venture will prove a success and that the Blessing of God will rest upon their efforts in this direction. We also agree that a general Appeal be made to all our people throughout the World to assist, in a Monetary way, for the establishment of this Centre, having in view the conditions in which we are situated.

General Conference
of the
Seventh Day Adventists
Reform Movement
BASLE XI P. O. Box 40
Switzerland

DELEGATES.

Resolução adotada pela delegação da CG em sessão, em 1948, sobre o estabelecimento da sede da CG nos Estados Unidos



Protocol No 3
Minutes taken on April 4, 1949 in
Sacramento – California

A special meeting was held on April 4, 1949. The following members were present: Mr. C. Kozel, Mr. & Mrs. D. Nicolici, Mr. J. Ensminger, Mr. & Mrs. A. Wassenmiller.

After a season of prayer & a short address given by Bro. C. Kozel in regard to our dependance upon God & His Word, the meeting was opened for discussion.

1. Bro. C. Kozel was voted & elected to be the chairman of the corporation.

2. Bro. D. Nicolici was voted & elected to be the Secretary of the corporation.

7. The drafted constitution, the articles & the by laws were read & unanimously accepted.

8. It was decided that the home of Bro. & Sister A. Wassenmiller be the temporary headquarters of the corporation.

The home address is:
Seventh-Day-Adventist, Reform Movement, General Conference, U.S.A. 4824 Baker Ave, Sacramento 17, California

The mail address is
Seventh-Day-Adventist, Reform Movement, General Conference, U.S.A.
P.O. Box 234 O.P., Sacramento, California.

The report was read & unanimously accepted.
The meeting was closed with prayer.

Decisão sobre a aceitação da constituição para o registro da Conferência Geral dos ASD Movimento de Reforma nos Estados Unidos (do livro de atas da CG, 4 de abril de 1949)

A grande sacudidura (1951-1952)

Após o desentendimento ocorrido em maio de 1951, durante um ano existiu uma situação singular, que não mais persiste: Havia dois grupos de líderes conflitantes entre si, mas somente uma denominação, a Conferência Geral dos ASD Movimento de Reforma, com sede em Sacramento, Califórnia, EUA, à qual ambos os partidos professavam permanecer afiliados até maio de 1952. De acordo com um tratado assinado por ambos os lados, um ano após a assembléia de maio de 1951, logo após o segundo processo (7 de maio de 1952), as duas partes ainda reconheciam uma à outra como membros e líderes de uma corporação única.

Existem duas corporações, sim, mas só a partir de 6 de junho de 1952, quando os irmãos Kozel, Müller e Ringelberg se reorganizaram separadamente de nossas Uniões e Campos, sem delegação, mas junto com os líderes excluídos de Denver. Foi isso que resultou na formação de uma corporação separada, a Sociedade Missionária Internacional com sede mundial na Dinamarca e posteriormente na Alemanha. Devido a essa sacudidura, o Movimento de Reforma perdeu pouco mais de dois mil membros.

Quarto período: 1955 —

Depois do cisma de maio de 1951, achávamos que a eleição de duas comissões distintas da CG, com o mesmo nome e dentro da mesma corporação, seria apenas medida temporária até a convocação de nova assembléia de delegados, com maioria legal de representantes dos membros de ambos os lados, para a escolha conjunta de apenas uma Comissão da CG, conforme exigência contida num dos princípios (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 241). Mas os líderes dos irmãos separados não pensavam assim. Resolveram: suas decisões e atitudes, embora unilaterais e baseadas em minoria, deveriam ser definitivas e irrevogáveis. Agiram independentemente do princípio: “todo o conjunto dos crentes”, através de delegados legalmente eleitos “de todas as partes” do Mundo, é a voz de Deus, a suprema autoridade sobre a Terra. (*Atos dos Apóstolos*, pág. 96; *Obreiros Evangélicos*, pág. 490).

Portanto, o impasse entre os dois partidos dependia da seguinte questão que foi muitas vezes apresentada aos líderes daqueles irmãos: Concordais com que todas as Uniões e Campos, juntos, desde o princípio da crise, por intermédio de representantes legalmente eleitos, respeitando o princípio da igualdade de direitos e deveres

(Mateus 7:12; *O Maior Discurso de Cristo*, págs. 134-137), tinham autoridade para revisar e corrigir as decisões e ações dos líderes divididos (de ambos os lados) que não puderam chegar a um acordo em 1951? Ou esperais que nós reconheçamos como autoridade final as resoluções e ações unilaterais daqueles líderes (Kozel, Müller, partidários e sucessores) que não conseguiram ver a necessidade de "trabalhar em harmonia com as decisões tomadas pelo corpo geral de crentes reunidos em concílio"? —*Atos dos Apóstolos*, pág. 199.

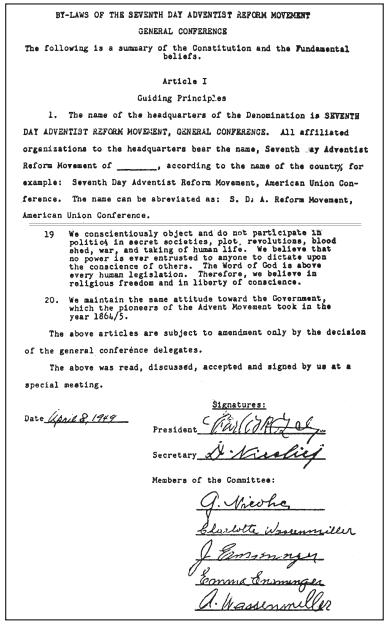
O fato de haver sido rejeitada a primeira alternativa, como se as Uniões e Campos não tivessem voz ativa na solução da crise, e tendo sido adotada a segunda opção, mantida pelos irmãos separados desde maio de 1951, é a razão por que, até agora, não houve solução para o impasse.

Entretanto, não temos permanecido indiferentes para com nossos irmãos separados. Repetidas vezes demonstramos que ainda os amamos e que estamos seriamente interessados em genuína reconciliação e reunificação baseada na verdade e em seguir o caminho ordenado pelo Senhor, a saber, através da escolha conjunta dos oficiais da CG (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 241) numa assembléia legal de delegados. A partir de 10 de outubro de 1951, repetidas vezes tornamos-lhes clara nossa posição:

A mais alta autoridade de Deus sobre a Terra — uma assembléia de representantes legalmente eleitos de todas as Uniões e Campos (de ambos os lados) — deve examinar os fatos que causaram divisão da qual ambos os lados se acusam mutuamente e retirar os "espinhos" da "ferida". Devem ser feitas correções onde quer que sejam necessárias, restaurar princípios corretos, e descartar princípios errados.

Desde a grande sacudidura (1948-1952), deplorada por uns e aplaudida por outros, tem sido nossa grande preocupação restaurar os princípios fundamentais pertencentes ao povo de Deus, tais como: a integridade moral do ministério, que por anos foi lastimavelmente negligenciada antes de 1951; a unidade da fé (se alguém defende o divórcio e o novo casamento, por exemplo, não pode ocupar cargo de liderança); a verdadeira concepção de "Conferência Geral" e da autoridade da igreja (de acordo com os *Princípios de Fé*, parte III, seção D; *Obreiros Evangélicos*, pág. 490; *Testimonies*, vol. 3, pág. 451; *Atos dos Apóstolos*, págs. 96, 199 e 200; *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 443); a regra áurea (Mateus 7:12; *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 134-137; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 414; *Esboços da Vida*

Sede da Conferência Geral dos ASD Movimento de Reforma, em Sacramento, Califórnia, EUA (1949-1969)



BY-LAWS OF THE SEVENTH DAY ADVENTIST REFORM MOVEMENT

GENERAL CONFERENCE

The following is a summary of the Constitution and the Fundamental beliefs.

Article I

Guiding Principles

1. The name of the headquarters of the Denomination is SEVENTH DAY ADVENTIST REFORM MOVEMENT, GENERAL CONFERENCE. All affiliated organizations to the headquarters bear the name, Seventh Day Adventist Reform Movement of _____, according to the name of the country for example: Seventh Day Adventist Reform Movement, American Union Conference. The name can be abreviated as: S. D. A. Reform Movement, American Union Conference.

19 We conscientiously object and do not participate in politics, in secret societies, plot, revolutions, bloodshed, war, and taking of human life. We believe that no power is ever entrusted to anyone to dictate upon the conscience of others. The Word of God is above every human legislation. Therefore, we believe in religious freedom and in liberty of conscience.

20. We maintain the same attitude toward the Government, which the pioneers of the Advent Movement took in the year 1864/5.

The above articles are subject to amendment only by the decision of the general conference delegates.

The above was read, discussed, accepted and signed by us at a special meeting.

Date April 8, 1949

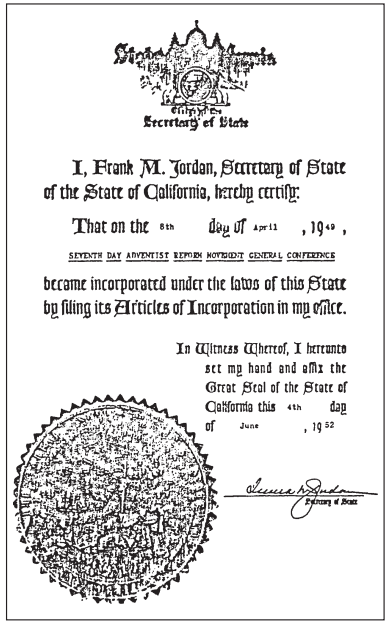
Signatures:

President

Secretary

Members of the Committee:

Constituição, Normas e Crenças Fundamentais da Conferência Geral ASD Movimento de Reforma (início da primeira página e término da última), assinada em 8 de abril de 1949



Secretary of State

I, Frank M. Jordan, Secretary of State of the State of California, hereby certify:

That on the 8th day of April, 1949,

SEVENTH DAY ADVENTIST REFORM MOVEMENT GENERAL CONFERENCE

became incorporated under the laws of this State by filing its Articles of Incorporation in my office.

In Witness Whereof, I hereunto set my hand and affix the Great Seal of the State of California this 4th day of June, 1952

Secretary of State

Certificado de registro da Conferência Geral ASD Movimento de Reforma, em 8 de abril de 1949, emitido pelo Estado da Califórnia, EUA

de Paulo, pág. 69); eliminação de todos os traços de autoritarismo ou romanismo (*Testemunhos para Ministros*, págs. 361 e 362).

Pela ajuda de Deus, obtivemos respostas específicas a estas perguntas: Possuem os delegados autoridade para excluir delegados da igreja na assembléia da CG? (*O Desejado de Todas as Nações*, págs. 441, 805 e 806; *Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 202 e 203; *Primeiros Escritos*, pág. 100). Uns poucos delegados, representando minoria de membros, possuem autoridade para formar um grupo exclusivo e organizar-se separadamente por recusar uma reorganização conjunta? (*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 241; *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 374). Quando há sério desacordo na CG, têm uns poucos líderes autoridade para recusar-se a submeter o problema à decisão da autoridade legal da igreja? Estão autorizados a deixar de ouvir a voz de todo o corpo de crentes em assembléia geral de representantes (*Atos dos Apóstolos*, págs. 96, 199 e 200; *Obreiros Evangélicos*, pág. 490) e levar a questão perante a justiça secular? (*Parábolas de Jesus*, págs. 248 e 249; *Manuscript Releases*, vol. 5, págs. 296, 413, 415 e 418; *Special Testimonies*, Série B, vol. 7, pág. 27). Eis algumas questões controvertidas que envolvem princípios e que estão incluídas na causa da divisão.

A liderança dos irmãos separados definiu também sua posição tomando como base a carta do irmão Kozel de 16 de março de 1955, em resposta ao nosso renovado apelo para a solução do impasse:

"Se eles querem paz, então só há um caminho: Devem dissolver sua Conferência Geral e suas igrejas, devem devolver para nós as propriedades que roubaram, e devolver para nossas igrejas os membros sinceros imbuídos com espírito de genuíno arrependimento. Só então, após longo período de prova, poderão ser aceitos na igreja, mas sem cargo. Evidentemente, eles não aceitarão seguir esse caminho de humilhação pelo deserto."

Essa posição tem sido adotada oficialmente pelos líderes dos irmãos separados desde o início da crise, quando ambos os lados ainda formavam denominação única, e ainda professavam pertencer à mesma corporação junto conosco (acordo assinado em 7 de maio de 1952). Embora a maioria de seus líderes em postos de responsabilidade tenham repetidas vezes confirmado essa posição, mesmo por escrito, alguns de seus líderes admitiram estar decepcionados. Eles vêem que essa atitude não tem a aprovação de Deus, que nos advertiu através de Sua serva:

"Deve o presidente da Associação Geral ser o deus do povo? ... O Senhor tem uma controvérsia com Seu povo sobre essa questão.

Por que têm abandonado o Senhor seu Deus...? Logo que um homem é colocado onde Deus deve estar... suas faculdades tornam-se não santificadas e pervertidas. Considera-se competente para julgar seus semelhantes e ilegalmente se esforça por ser um deus sobre eles... Homens salvos apenas pelo sacrifício expiatório de Cristo Jesus não têm o direito de procurar exaltar-se acima de seus semelhantes." —*Testemunhos para Ministros*, págs. 375-378.

"A nenhum homem foi designado o trabalho de ser governador de seus semelhantes." —*Idem*, pág. 495. Ler também págs. 279 e 280.

"O que me faz sentir até às próprias profundezas de meu ser, e me faz saber que suas obras não são de Deus é suporem [alguns] que têm autoridade para governar seus semelhantes. O Senhor não lhes dá mais direito de governar aos outros do que dá aos outros o de governá-los. Os que assumem o controle de seus semelhantes tomam em suas mãos finitas um trabalho que somente compete a Deus."—*Idem*, pág. 76.

O espírito que causou esse tipo de dificuldades no Movimento de Reforma não entrou em operação somente em 1951. Existia muito antes. Os líderes da União Norte-americana (irmãos Welp, Dörschler e Kramer) foram os primeiros a denunciar essa forma de "corrupção" (esse é o termo que eles usaram) em suas cartas pessoais e circulares (da segunda metade de 1948 ao início de 1952). Esse espírito estranho já estava ganhando terreno muito antes, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, quando Deus usou Sua serva para fazer soar o alarme: "A própria Associação Geral está-se corrompendo em sentimentos e princípios errôneos... O fogo comum é usado em lugar do sagrado. ... Os homens têm tirado injusta vantagem sobre aqueles que eles supõem estarem sob sua jurisdição. Determinaram coagir os indivíduos; governariam ou arruinariam. ... O poder despótico que tem sido desenvolvido, como se a posição tivesse feito dos homens deuses, me faz temer, e deveria causar temor. É maldição onde quer e por quem quer que seja exercida." —*Testimonies to Ministers*, págs. 359-361.

Desde o início da grande sacudidura, compreendemos que não éramos os únicos a lutar para livrar-nos de princípios estranhos e restaurar os princípios sagrados. E hoje (1996 — época do preparo deste livro) estamos mais esperançosos do que nunca, porque muitos irmãos separados, com os quais mantemos boas relações, garantem-nos que eles também estão fazendo a sua parte. Mais cedo ou mais tarde, os reformistas sinceros e fiéis de ambos os lados, aqueles

que possuem restaurados no coração os princípios do reino de Cristo, com todos os outros adventistas sinceros, de mentalidade reformista, e que também estão erguendo a norma, estarão unidos num só aprisco (João 10:16).

1955-1959

À medida que a Obra crescia, novos passos tinham de ser dados em favor do avanço da mensagem de reforma.

Durante a reunião da Comissão Executiva da CG em Sacramento, Califórnia, EUA, em março de 1958, foi tomada importante decisão. Em nossos futuros trimensários de Escola Sabatina, usaríamos apenas a Bíblia e o Espírito de Profecia. E esse método foi aprovado de todo o coração por nossos irmãos em geral e por muitos adventistas de mentalidade reformista que estudam nossas lições.

Outro ponto da agenda foi a necessidade de assistir às assembléias das Uniões em vários países e visitar novos campos em atenção a repetidos apelos macedônicos. Foi resolvido que A. Lavrik deveria ir à Europa a fim de dirigir as assembléias organizadoras na Alemanha, Iugoslávia e Áustria, além de atender despertamentos em outros países, particularmente Espanha e Portugal, enquanto D. Nicolici deveria ir à Nigéria, África do Sul, Índia, Filipinas e Austrália.

No início de 1958 houve uma comoção na denominação ASD devido às idéias apresentadas no livro *Questions on Doctrine* (Questões Doutrinárias). Sentindo a necessidade, imprimimos e distribuímos em larga escala um folheto intitulado *After Seventy Years* (Após Setenta Anos), o qual despertou amplo interesse e obteve reação maravilhosa por parte de muitos adventistas em diversos lugares. Isso aumentou não só os encargos dos irmãos responsáveis, mas também suas viagens.

Enquanto visitava a Nigéria, o irmão Nicolici esteve em contato permanente com a sede da CG, informando-nos sobre o desenvolvimento da Obra. E muitos de nós achávamos que havia sido iniciada uma maravilhosa obra ali. Mas o que parecia ser um grande sucesso não foi. Os homens que o irmão Nicolici pensava serem de confiança demonstraram-se indignos. Esse desapontamento nos ensinou mais uma lição: necessidade de mais prudência.

Quando o irmão Nicolici chegou à África do Sul, enfrentou uma crise. Por influência de E. Jans, os irmãos estavam divididos. Alguns dias depois recebemos, na sede da CG, notícias oficiais de que a unidade fora restaurada e o irmão Jans pedira desculpas por sua administração mal sucedida nos negócios da igreja, e pela maneira com que ele e o sogro, O. Schallge, haviam tratado os membros. O irmão Jans, que parecia haver-se reconciliado com a liderança do Movimento de Reforma, foi separado da igreja, voltando alguns anos depois.

Enquanto o irmão Nicolici estava na África do Sul, chegou um telegrama à sede da CG dizendo que ele se achava gravemente enfermo. Havia contraído malária na Nigéria e estava hospitalizado. Com coração pesaroso tivemos de comunicar essa notícia aos novos campos que esperavam ansiosamente sua visita. As Uniões foram informadas das condições de saúde do irmão Nicolici, e nossos crentes em toda parte oravam em favor da sua restauração. Com grande ansiedade os irmãos da sede da Conferência Geral esperavam dia após dia notícias adicionais. Como não viessem, telefonaram para saber como estava passando e, ao ouvirem a voz dele, ficaram certos de que se estava recuperando.

Terminada a visita à África do Sul, pôde continuar a viagem conforme havia programado. No mesmo ano, 1958, visitou a Índia, Sri Lanka e Filipinas. Essa foi a primeira vez que esses países receberam a visita de um obreiro nosso. Na Índia, a preciosa semente da verdade presente foi lançada, embora a principal colheita só tenha aparecido muitos anos mais tarde. Nas Filipinas, houve resultados imediatos.

Na Europa, o irmão Lavrik fez importantes contatos em Portugal e Espanha. Em Barcelona, Espanha, organizou um pequeno grupo de crentes reformistas. Surgiu entre nós a pergunta: "Quem haveremos de enviar aos vários novos campos em resposta à necessidade de obreiros?" Essa questão foi deixada para a assembléia seguinte da Conferência Geral de 1959.

1959–1963

Durante a assembléia da Conferência Geral de 1959, foi decidido que a Comissão Executiva ficaria responsável pela nomeação dos missionários que seriam enviados aos novos campos. Em conformidade com isso, Alex N. Macdonald aceitou o chamado para a Nigéria e João Devai apresentou-se como voluntário para Portugal.

O apelo das Filipinas tornou-se urgentíssimo. Assim, a Comissão Executiva da CG perguntou a I. W. Smith se ele trabalharia naquele pais. O casal aceitou o chamado. Fizeram quase todos os preparativos necessários para a viagem. Venderam os móveis e o carro.

As passagens foram compradas e a data da viagem foi marcada. Partiriam logo após a assembléia de Sacramento, em junho de 1960. Entretanto, durante a sessão, pediram-lhe que assumisse o Campo Norte-americano. Ele disse que aceitaria aquela responsabilidade com grande relutância, pois seu coração já estava nas Filipinas.

Assim, o envio de um missionário para as Filipinas foi adiado por mais um ano, até que John Nicolici e esposa se ofereceram para irem por dois anos.

Para desenvolver a Obra na América Central, a Comissão Executiva enviou Carmelo Palazzolo, da Argentina. Ele estabeleceu-se com a família na Cidade de Guatemala, em 1962. Antes da chegada, colportores da Argentina e Peru já haviam realizado, durante três anos, excelente trabalho de pioneirismo em vários países da América Central.

Desde a chegada do irmão Lavrik aos Estados Unidos, em 1959, para assumir novas responsabilidades, o ambiente estava tenso em Sacramento, Califórnia. O problema, que envolvia tanto a administração da Conferência Geral como a do Campo Norte-americano, originou-se numa decisão da assembléia da CG em 1959, São Paulo, Brasil, que estabelecia um plano de consolidação.

Em 1960, a Obra nos Estados Unidos foi reorganizada em base experimental, que naquele tempo era chamada "fusão".

Logo que o irmão Lavrik chegou aos EUA, a Comissão Executiva começou a trabalhar formulando um plano para a fusão do Campo Norte-americano com a Conferência Geral. A esperança dos irmãos era de que esse plano daria maior força à Obra nos Estados Unidos e de que o número de membros cresceria para benefício tanto dos interesses locais como da administração da CG.

Em seus primeiros esforços para levar avante esse plano, eles viram boas possibilidades de sucesso, já que todos haviam concordado com a idéia geral de fusão. Foi, porém, na execução do plano que começaram a surgir dificuldades.

Segundo o projeto da fusão organizatória, uma das primeiras decisões para o desenvolvimento da obra local incluía a formação de um departamento educacional e o estabelecimento de classes de instrução missionária, bem como uma escola primária. Esse empreendimento teve início no começo de 1960. O irmão Smith foi nomeado um dos professores do curso de instrução missionária que deveria ter mais de seis meses de duração.

Para efetuar o plano da fusão, a delegação da assembléia em Sacramento (junho de 1960) adotou uma forma combinada de organização e administração. Ficou resolvido que esse acordo seria mantido até a assembléia seguinte da Conferência Geral em 1963, quando seria tomada decisão final sobre o assunto. Segundo esse plano provisório, a Conferência Geral deveria assumir o Estado da Califórnia, exceto duas regiões distrito-municipais, ao passo que o restante dos Estados Unidos formaria o Campo Norte-americano. O período experimental demonstrou que o plano da fusão era inviável.

Em 1960, cartas e relatórios recebidos na sede da CG mostravam que o interesse mundial na mensagem de reforma crescia continuamente. Nossos ministros, obreiros e membros estavam preocupados em levar a mensagem aos que sentiam fome e sede de justiça.

Os irmãos da sede continuaram a manter contatos com os novos campos, dando atendimento à Obra e aos interesses despertados, mas — que lástima! — não havia missionários disponíveis para fixarem residência naquelas localidades. Outro obstáculo na época era a insuficiência de recursos financeiros para as missões estrangeiras. Nossos pastores e evangelistas nativos, apesar de fazerem o máximo que podiam em seus respectivos países, passavam por grandes dificuldades porque dispunham de pouquíssimos recursos para subsistência e transporte. A CG enviou-lhes dinheiro, bem como roupas, Bíblias e outras publicações. Numa ocasião 45 pacotes foram enviados por navio de Sacramento para o exterior. O que os irmãos dos EUA podiam fazer era apenas uma gota num balde em comparação com o que seria necessário para estabelecer solidamente a Obra naqueles países.

Foram louváveis os sacrifícios dos irmãos no Canadá, Alemanha e outras Uniões que apoiaram os novos campos missionários. Consideráveis quantias em dinheiro, roupas e brochuras foram enviadas para a África, Índia e Filipinas.

Chegamos ao fim do período administrativo com o coração grato, porque tínhamos evidências de que a mão misericordiosa de Deus estava com Seu povo.

1963-1967

Durante o período administrativo de 1963-1967, tivemos contatos mais diretos com nossos irmãos na Romênia e Bulgária, países sob severas restrições políticas. Havia grande risco de prisão e crescente perseguição. Em 1964 André Lavrik e Wilhelm Volpp visitaram a Romênia e estiveram com alguns de nossos líderes. Vários irmãos, a maioria ministros e obreiros, ainda estavam em prisões comunistas.

O relatório que esses dois visitantes trouxeram mencionava muitas dificuldades e opressão. Contudo, essas visitas clandestinas continuaram durante os anos seguintes. Nossos trimensários da Escola Sabatina, que chegavam ao nosso povo ali, contribuíam para manter os irmãos unidos.

Em 1963, a delegação da Conferência Geral aprovou a dissolução do plano da fusão e a restauração do Campo Norte-americano. A dissolução foi efetivada durante a assembléia realizada em Sacramento, de 20 a 26 de julho de 1964. Acerca desse passo administrativo, o irmão Smith redigiu a circular de 4 de agosto de 1964:

"Como a maioria de vós haveis de recordar, a Obra nos Estados Unidos tem existido, particularmente desde 1961, sob forma inusitada de organização. Parte dela achava-se sob a administração direta da Conferência Geral e a parte restante em forma de Campo. Esse experimento, como podemos chamá-lo, foi posto em prática visando aos interesses da Obra, mas dificuldades não previstas tornaram evidente que essa experiência era impraticável. Em conseqüência, após solicitações dos membros daqui (Estados Unidos), a assembléia da Conferência Geral de 1963 resolveu restaurar a forma regular de organização.

Apesar do restabelecimento da forma anterior, a tensão entre os constituintes, ou melhor, entre o líder do Campo e o presidente da CG, continuou a crescer até que a Comissão Executiva foi forçada a intervir. O resultado foi a dissolução do Campo Norte-americano em 16 de junho de 1965.

A harmonia entre o Campo e a administração da Conferência Geral só foi restabelecida quando os representantes do Campo, que se recusavam a aceitar a decisão da Comissão Executiva da CG, recorreram à delegação da Conferência Geral durante a assembléia realizada em São Paulo, Brasil, em 1967. John Nicolici, presidente do Campo, recebeu audiência e, quanto às desinteligências passadas, a questão foi solucionada.

Durante o mesmo período (1963-1967) houve uma crise na África do Sul. O líder dos irmãos de origem européia, com a maioria dos membros daquele grupo, resolveram voltar para a Igreja Adventista. Quando o irmão Smith e esposa chegaram ali, em 1964, era tarde demais: Eles nos haviam deixado. Por vários anos, contudo, o serviço abnegado que o casal Smith prestou na África do Sul foi de substancial ajuda para a União Transafricana. A pequena fábrica de produtos naturais que estabeleceram, chamada *Mission Health Foods*

Sede da Conferência Geral, em Blackwood, New Jersey, EUA (1970-1984). Veja-se a próxima página

(Alimentos Saudáveis da Missão), inicialmente se demonstrou um meio eficaz para promover a Obra naquele lugar. Posteriormente, quando a competição aumentou e ameaçou sufocar o projeto, a pequena indústria foi vendida.

1967-1971

Como a região da sede da Conferência Geral (3031 Franklin Boulevard, Sacramento, CA) estava dia após dia deteriorando-se, ela foi transferida temporariamente para Los Angeles (1969), e depois para Blackwood, New Jersey (1970), onde já havia sido comprada uma casa para esse fim.

Uma propriedade (cerca de 120 mil metros quadrados — cinco alqueires — com vários edifícios, mais duas construções que foram erigidas posteriormente), foi adquirida pelo Campo Leste-Americano na região de Franklinville, New Jersey, cerca de 32 quilômetros de Blackwood. Por alguns anos a sede funcionou ali. A princípio chegamos a pensar que essas duas propriedades satisfariam as necessidades administrativas. Poucos anos depois, entretanto, o aumento da poluição industrial e a deterioração da área determinaram a necessidade de encontrar lugar melhor.

Os obreiros transferidos durante o quadriênio 1967-1971 foram: A. N. Macdonald, da Nigéria para os EUA em 1967; Francisco Devai e família, da Argentina para os EUA em 1968; e A. C. Sas e família, do Brasil para a Austrália em 1969. A princípio o irmão Sas traba-

lhou apenas para a União Australasiana. Depois seus serviços foram requisitados para os novos campos abertos na Região Ásia-Pacífico.

1971-1975

Dois novos Campos foram abertos durante o período: Zaire (1972) e Indonésia (1973).

Em 1972, Alfons Balbach, com a família, foi transferido de São Paulo, Brasil, para Sacramento, Califórnia, onde recebeu responsabilidades ministeriais e editoriais. J. Devai e família foram transferidos de Portugal para a América do Sul, e F. Devai Papp e família foram enviados do Uruguai para Portugal, a fim de substituir J. Devai. Em 1974, Noboru Sato foi enviado do Brasil para o Japão a fim de dar início à Obra em seu país natal.

Por decisão da Comissão Executiva da CG (1972), o irmão Balbach ficou encarregado da obra editorial relacionada com *Standard Bearer* (Porta-Estandarte), revista de interesse geral. Solicitaram-lhe também que preparasse uma série de estudos para os ASD. Depois das recomendações da Comissão de Revisão de Literatura, a *Série Bom Caminho* [em português: A Mensagem de Deus ao Povo do Advento], abrangendo 13 estudos, chegou finalmente ao Departamento de Publicações no fim de 1988.

Em 1974 A. C. Sas e C. T. Stewart foram incumbidos de preparar o esboço de duas publicações: *Guia Ministerial* e *Guia para Oficiais*, respectivamente sobre os deveres dos pastores e dos oficiais de igreja. Os originais foram submetidos à apreciação da assembléia da Conferência Geral de 1975. A delegação os entregou a uma comissão especial para melhoramentos. As duas matérias foram impressas e enviadas às Uniões e Campos em 1982.

1975-1979

De 1975 até 1979 o Senhor nos ajudou a organizar a Obra em três novos campos: República Dominicana (1976), Sul da Índia (1976) e Coréia do Sul (1978).

Muitas vezes foi mencionada a necessidade de um livro que abordasse a história do Movimento de Reforma. Em novembro de 1975, pela primeira vez a Comissão Executiva da Conferência Geral resolveu dar os primeiros passos e autorizou o secretário mundial solicitar às Uniões e Campos todos os dados possíveis acerca da história deste Movimento. Uniões, Campos e indivíduos foram abordados. Pouco a pouco foram coletadas fotografias e informações. Em 1986 o irmão encarregado começou a escrever o presente livro.

Em 17 de março de 1976, a Comissão Executiva da CG discutiu a possibilidade de ser estabelecido um centro de instrução missionária na Europa. Em conformidade com isso, a União Alemã apresentou um plano que deveria atender às necessidades dos países europeus: programa de treinamento com duração de nove meses, assim dividido: três meses de instrução teórica, instrução prática e outra vez teoria. Essa obra começou em Hofheim, perto de Frankfurt, em 16 de maio de 1976. Gabrijel Popek, ministro da Iugoslávia, foi convidado a estagiar, a fim de organizar e dirigir programa similar em seu país. O plano foi realizado com êxito. Quinze jovens compuseram o corpo discente. É de lamentar que esse plano não tenha continuado.

Conforme decisão de março de 1976, a Comissão Executiva da CG enviou Daniel Dumitru para a África do Sul, onde ficou treinando colportores e testando o mercado desde o fim de julho até o fim de setembro. Esse foi o passo preparatório para o envio de colportores brasileiros. Por várias razões, a execução desse plano foi adiada até 1986, quando os primeiros destes chegaram e começaram a trabalhar com muito sucesso.

Em face das razões de nossa existência como Movimento de Reforma profetizado, em 20 de setembro de 1977, a Comissão Executiva da CG resolveu instruir nossos redatores e pregadores a pôr mais ênfase na mensagem da justiça de Cristo e apresentar mais claramente a relação existente entre a fé e a obediência.

Imediatamente antes da assembléia da Conferência Geral, foi realizado em Bushkill, Pensilvânia, EUA, de 31 de agosto a 2 de setembro de 1979, um congresso internacional de jovens.

Os seguintes obreiros foram transferidos: Pablo Briones, do Peru para o México em 1978; Milivoj Dimitrijevic, das Filipinas para a Austrália em 1979 e Francisco Devai Papp, de Portugal para a Argentina em 1979.

1979-1983

De 1975 a 1979 o *Reformation Herald Publishing Association*, nosso Departamento de Publicações, imprimiu grande quantidade de brochuras para distribuição:

- *The Great Controversy* (O Grande Conflito)
- *El Conflicto de Los Siglos* (O Grande Conflito)
- *The Desire of Ages* (O Desejado de Todas as Nações)
- *El Deseado de Todas Las Gentes* (O Desejado de Todas as Nações)

• *Health and Happiness* (*Ministry of Healing* — A Ciência do Bom Viver)
• *Steps to Christ* (O Caminho a Cristo)
• *El Camino a Cristo* (O Caminho a Cristo).

Chamados de Sri Lanka foram atendidos e um pequeno grupo de crentes reformistas foi estabelecido ali em 1980-1981.

Em 1982 o Campo Centro-americano foi reorganizado: Guatemala e El Salvador tornaram-se a Missão Guatemalteca. Honduras tornou-se Campo Missionário.

Em 1982-1983 a obra da Reforma foi estabelecida na Polinésia Francesa.

Até 1983 tínhamos apenas uma escola missionária na América do Sul, no Brasil, onde alguns estudantes de outros países recebiam instrução. Muitas vezes foi considerada a necessidade de um centro de instrução missionária para rapazes e moças dos países de fala espanhola. Com a ajuda de Deus e a assistência da Conferência Geral, tal escola foi estabelecida em Puente Piedra, perto de Lima, Peru, em 1983.

Em 1979 N. S. Brittain e família, foram transferidos da Austrália para a África do Sul, e I. W. Smith, da África do Sul para os EUA. Entre 1980 e 1981, Moisés Quiroga, do Brasil, trabalhou na Península Ibérica (Portugal e Espanha). Em 1981, Pablo Briones, não tendo obtido visto de permanência no México, foi transferido para Honduras. Em 1982, Esmeraldo Herédia foi transferido do Chile para Portugal e Jung Kum Bai, da Coréia para os Estados Unidos.

1983-1987

Até o início desse período, não tínhamos membros no Nordeste da Índia. Mas, no fim de 1983, o Senhor abriu o caminho, e a mensagem encontrou acesso àquela região.

Por esse tempo, mais um país foi alcançado pela mensagem de reforma. Wilhelm Volpp e posteriormente N. S. Brittain, visitaram o Quênia, no Leste da África, e confirmaram as almas que aguardavam nossos representantes. Em 1985 A. C. Sas visitou esse país, e considerável número de membros foram acrescentados à igreja. Em 1995, tínhamos mais de dez obreiros disseminando a mensagem ali.

Por muitos anos tínhamos interessados na Birmânia, mas não conseguíamos visto [consular] para visitá-los. Em 1985, pela primeira vez foi aberta uma porta ali, quando um ministro da Missão Norte-Indiana, que pode atravessar a fronteira sem problemas, passou

mais de dois meses com eles, batizou os que estavam preparados e organizou um grupo.

Em 1984, a sede da Conferência Geral foi transferida de Blackwood, New Jersey, para Roanoke, Virgínia.

Durante o quadriênio, os seguintes obreiros foram transferidos: Chang Chong Kyu, das Filipinas para os EUA (1983); Kim Jung Shin, da Coréia para o Japão (1984); Herinaldo Gomes, do Brasil para a Venezuela (1985) e, depois, Equador; Dorival Dumitru, do Brasil para Porto Rico (1985).

1987-1991

A Obra na Martinica e em Guadalupe, departamentos ultramarinos da França, nas Índias Ocidentais [Pequenas Antilhas], foi iniciada em 1987, quando Edgar Mariassouce, da Polinésia Francesa, aceitou o chamado para estabelecer-se na Martinica.

As Ilhas Samoa, no Oceano Pacífico, foram alcançadas pela mensagem de reforma em 1988, quando A. C. Sas batizou algumas pessoas e organizou um grupo.

Angola, no Sudoeste da África, recebeu nossa visita pela primeira vez em 1990. Um grupo de adventistas de mentalidade reformista foi batizado e organizado por Joraí Pereira da Cruz, de Portugal, em janeiro-fevereiro.

Em Moçambique, no Sudeste da África, o primeiro grupo de reformistas foi organizado por Rubens de Jesus Araújo em 1990.

Foram feitos importantes contatos na China continental, Taiwan, Gana, Malawi e Güiana Francesa. O mais promissor desses novos campos, em 1991, parecia ser a China.

A União Andina foi dissolvida em setembro de 1988, e os três países que a compunham (Equador, Colômbia e Venezuela) foram reorganizados como Campos diretamente vinculados à Conferência Geral, com a condição de que deveriam trabalhar para tornarem-se Uniões logo que fosse possível.

A União do Danúbio foi dissolvida em setembro de 1990, e os três países que a integravam foram reorganizados em dois Campos: o Campo Húngaro e o Campo Polônio-Checoslovaco.

A União Transafricana foi dissolvida em março de 1991, e os Campos que a constituíam (Botswana, Zaire, Zâmbia, Zimbabwe, Natal-Transvaal e Resda) ficaram diretamente vinculados à Conferência Geral como Campos autônomos.

Em janeiro de 1990, enquanto os irmãos W. Volpp e A. N. Macdonald visitavam Gana e Nigéria, no Leste da África, o irmão

Macdonald adoeceu. Sentindo-se melhor, resolveu prosseguir viagem, enquanto W. Volpp foi para o Quênia. Ao voltar, Macdonald piorou repentinamente e faleceu no lar de G. R. Harrison, líder na Nigéria.

Conforme resolução do Conselho da CG em 1988, foi realizado um curso missionário em Graz, Áustria, de 14 de novembro de 1989 a 20 de junho de 1990. Participaram nove estudantes de diversos países. O plano era que o seminário fosse passo preliminar no estabelecimento de uma escola missionária na Europa. Daqueles nove estudantes, quatro foram empregados na Obra.

No início de 1990, foi solucionado um problema que havia entre os irmãos romenos. Grande parte dos membros, que formavam três Associações, queixavam-se de que não tinham sido integrados, visto que não tinham representantes quando a União Romena foi reorganizada em 1984, sob circunstâncias proibitivas. Depois da revolução na Romênia, quando foi concedida liberdade religiosa ao povo, foi feito esforço especial para conciliar essas associações com a União. Pela graça de Deus, a unidade foi restabelecida em abril-maio de 1990.

De 1987 a 1991 ocorreram as seguintes transferências: N. S. Brittain, da África do Sul para a Austrália (1988); Rubens J. Araújo, do Brasil para a África do Sul (1988); A. C. Sas, da Austrália para os EUA (1989); Joraí P. da Cruz, do Brasil para Portugal (1989); Esmeraldo Herédia, de Portugal para o Chile (1989); José Angel Senior, da República Dominicana para a Espanha (1989); Emílson Motta, do Chile para a Itália (1990).

Em operação conjunta, os Campos Norte-Americanos, a União Alemã e a Conferência Geral enviaram dez mil Bíblias à Romênia em 1990. Duas mil destinavam-se aos irmãos de fala romena da Moldávia.

Nesse mesmo período administrativo, nossos colportores venderam cerca de dois milhões e quinhentos mil livros no valor de aproximadamente 12 milhões de dólares, em 22 países.

Graças às mudanças políticas ocorridas na Europa, a liberdade religiosa foi restaurada na Romênia, Rússia e Bulgária. Nesses países, nosso povo pode agora realizar reuniões e cultos aberta e legalmente. Porém, surge a pergunta: Até quando?

Bendito seja o Senhor por Seu auxílio! Temos sentido Sua mão misericordiosa conosco. A causa é dEle. Ele cuidará da Obra.

1991-1995

No início de 1991, os ASD Movimento de Reforma, com sede em Roanoke, Virgínia, EUA, e a Sociedade Missionária Internacional, com sede em Mosbach, Alemanha, designaram representantes de ambos os lados para a assim chamada Comissão de Unificação. Foi iniciado o diálogo de paz. Um plano de unificação foi adotado com base nos três acordos assinados em 1991. Mas, durante a assembléia da SMI realizada no Equador, março-abril de 1993, os adeptos da linha radical obtiveram a maioria dos votos. O plano de unificação, já aceito por ambos os Conselhos da CG, conforme os três acordos, foi rejeitado.

Realizamos o segundo congresso internacional de jovens no belo vale valdense, num lugar chamado Bobbio Pelice, perto de Torino, Itália, em agosto de 1994. Compareceram pessoas de muitas Uniões

Presidentes da Conferência Geral Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma: Otto Welp (1925-1934), Wilhelm Maas (1934-1942), Albert Müller (1942-1948), Carlos Kozel (1948-1951), Dumitru Nicolici (1951-1959), André Lavrik (1959-1963), Clyde T. Stewart (1963-1967), Francisco Devai (1967-1979), Wilhelm Volpp (1979-1983), João Moreno (1983-1991), Neville S. Brittain (1991-1995), Alfredo C. Sas (1995-)

e Campos, e mesmo de países distantes como Austrália, Brasil, Índia e Coréia.

Uma realização proeminente em 1994 foi a distribuição de dois livros polêmicos: *O Grande Conflito* (mais de 300 mil exemplares), e *A Nova Ordem Mundial* (mais de 4 milhões de exemplares), em cooperação com um ministério adventista independente de irmãos de mentalidade reformista, em mais de doze países. Os resultados foram encorajadores. Houve algumas reações negativas por parte de indivíduos intolerantes que se enraiveceram com o conteúdo desses livros. Mas a maioria das cartas recebidas vieram de pessoas que desejavam saber mais sobre a verdade e especialmente sobre a crise prestes a desabar sobre o mundo. Muitas portas foram assim abertas para estudos bíblicos.

Outro empreendimento importante durante esse período administrativo foi a construção do prédio para a sede da CG em Roanoke, Vírgina, EUA, em 1994-1995.

Obreiros transferidos durante o quadriênio 1991-1995: Chang Won Jun (Neemias), dos Estados Unidos para o Japão (1991); Herinaldo Gomes, do Equador para o Brasil (1992); Luís Araújo, do Brasil para Portugal (1994); Emilson Motta, da Itália para o Brasil (1995).

Temporariamente (1984-1995), a Conferência Geral usou alguns pequenos edifícios num lote de 10 acres obtido para a construção da sede da CG (Roanoke, Virgínia, EUA). Em frente a um desses edifícios estão os membros do Conselho da CG, eleito em 1983

Sede da Conferência Geral, em Roanoke, Virgínia, EUA, inaugurada em 1995

“Mas quem perseverar até o fim,
esse será salvo”
(Mateus 24:13).

14

Alemanha e Áustria

I. Início e primeiras experiências

No início da Primeira Guerra Mundial, sob pressão de circunstâncias políticas, conforme já mencionamos, não apenas os líderes da Obra na Alemanha, mas também Guy Dail, secretário da Divisão Européia dos ASD, e Louis R. Conradi, presidente da Divisão Européia, publicaram declarações oficiais dizendo que os adventistas alemães deveriam servir como combatentes. Da tese de Jacob Michael Platt, *The History of the Advent Movement* (A História do Movimento Adventista), págs. 256-258, citamos:

"Considerando que o governo alemão não reconhecia a posição original da igreja, os líderes adventistas alemães [L.R.] Conradi, [H.F.] Schuberth e Guy Dail enviaram uma petição ao Ministério da Guerra em Berlim, em julho de 1914, solicitando que os adventistas fossem isentos de todos os deveres militares aos Sábados. O pedido foi

recusado pelo imperador Wilhelm, que escreveu de próprio punho na margem do ofício: 'Nenhuma escusa para os adventistas.'

"Em conseqüência disso esses líderes adventistas do sétimo dia na Alemanha, vendo que não havia para seus jovens maneira de isentar-se do serviço militar e, motivados pelo crescente espírito de nacionalismo e pela propaganda política, assumiram a autoridade de informar o governo de que a igreja apoiaria o esforço militar nacional. O nacionalismo apoderou-se de tal maneira desses e de outros líderes adventistas, bem como da maioria dos leigos, que ficaram cegos aos princípios básicos da denominação. ...

"Em agosto de 1914, Conradi estipulou que, naquela emergência, os adventistas alemães podiam realizar o serviço militar, portar armas e trabalhar no Sábado.

"Schuberth enfatizou essa mesma posição numa carta enviada ao Ministério da Guerra em Berlim em 4 de agosto de 1914. ... Esse compromisso com o governo alemão era inteiramente contrário à posição histórica da denominação. ... A esmagadora maioria dos membros da igreja aceitaram a posição de Conradi e Schuberth."

Jacob Michael Platt acrescenta pormenores interessantes nas páginas 270 e 271 de sua tese:

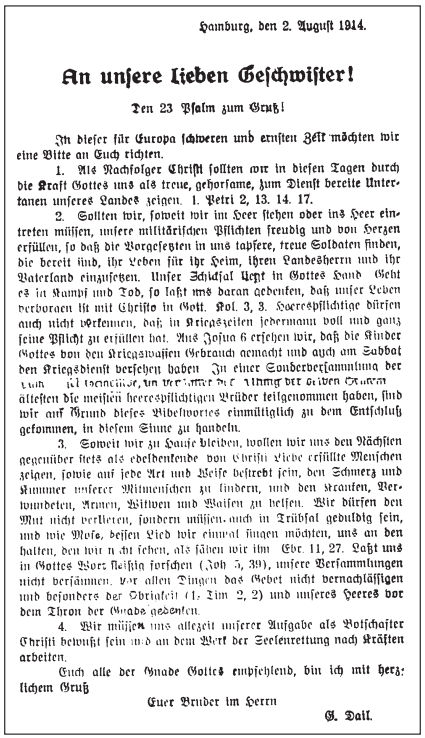
"Mais de dois mil adventistas do sétimo dia, incluindo dezenas de missionários, estiveram entre os milhões de soldados do exército alemão de 1914 a 1918. Representaram cerca de dez por cento do total de membros adventistas na Alemanha. ... Desses dois mil adventistas alemães, que participaram na guerra, 257 foram mortos em combate.

"Os soldados alemães adventistas realizaram vários tipos de tarefas no serviço militar. Por causa de suas crenças religiosas, a maioria dos recrutados durante o primeiro ano de guerra solicitaram lotação em unidades médicas. Poucos desses pedidos foram deferidos durante o alistamento quando o soldado era fisicamente apto para a combatência. O exército se esforçava para tratar a todos com igualdade e sem favoritismo. Além disso, o imperador, o governo e o exército não reconheciam a objeção de consciência. ... Muitos ministros cumpriram o dever como combatentes sem manifestar escrúpulos de consciência. A atitude dos líderes religiosos lhes havia facilitado a violação de suas convicções anteriores."

Duas semanas depois de expedir a carta circular de 2 de agosto de 1914 às igrejas, o pastor Dail falou do efeito que o recrutamento causou entre os adventistas do sétimo dia:

"Aqui na Alemanha, cerca de 2 mil irmãos nossos tiveram de unir-se ao exército. Entre eles havia número expressivo de presidentes de Associação, ministros e colportores. Os irmãos de Hamburgo, que tiveram de unir-se ao exército, fizeram uma reunião especial presidida por ambos os anciãos. Nessa ocasião, tiveram oportunidade de expressar boa vontade em cumprir fielmente, no temor de Deus, o dever como soldados para com a pátria. Na Áustria-Hungria, vários nazarenos que se recusaram a cumprir os deveres militares foram fuzilados imediatamente. Nesses países o que funciona não é o que eu gosto de fazer, mas o que tem de ser feito. Aqui é diferente da América, onde o exército só recebe voluntários." — Carta de G. Dail a W. C. White, 16 de agosto de 1914 (*O Início do Movimento de "Reforma" na Alemanha*, D. E. Robinson).

Na revista *Zions-Wächter* (órgão oficial dos ASD na Alemanha) de 21 de setembro de 1914, Conradi, presidente da Divisão Européia, explicou que, em tempo de paz, os membros da igreja tinham liberdade de consciência quando não havia coação em questões referentes ao Sábado (freqüência à escola e serviço militar). Cada um era responsável por si mesmo. Continuou ele: "Contudo, a guerra é um tempo de necessidade. ... À luz da Bíblia, deve ficar claro para todos que, em semelhante tempo de necessidade, o Senhor nos permite praticar ações que seriam puníveis em tempo de paz."



Hamburg, den 2. August 1914.

An unsere lieben Geschwister!

Den 23 Psalm zum Gruß!

In dieser für Europa schweren und ernsten Zeit möchten wir eine Bitte an Euch richten.

1. Als Nachfolger Christi sollten wir in diesen Tagen durch die Kraft Gottes uns als treue, gehorsame, zum Dienst bereite Untertanen unseres Landes zeigen. 1. Petri 2, 13. 14. 17.

2. Sollten wir, soweit wir im Heer stehen oder ins Heer eintreten müssen, unsere militärischen Pflichten freudig und von Herzen erfüllen, so daß die Vorgesetzten in uns tapfere, treue Soldaten finden, die bereit sind, ihr Leben für ihr Heim, ihren Landesherrn und ihr Vaterland einzusetzen. Unser Schicksal liegt in Gottes Hand. Gehts in Kampf und Tod, so laßt uns daran gedenken, daß unser Leben verborgen ist mit Christo in Gott. Kol. 3, 3. Heerespflichtige dürfen auch nicht verkennen, daß in Kriegszeiten jedermann voll und ganz seine Pflicht zu erfüllen hat. Aus Josua 6 ersehen wir, daß die Kinder Gottes von den Kriegswaffen Gebrauch gemacht und auch am Sabbat den Kriegsdienst versehen haben. In einer Sonderversammlung der [illegible] in der Stunde der [illegible] ältesten die meisten heerespflichtigen Brüder teilgenommen haben, sind wir auf Grund dieses Bibelwortes einmütiglich zu dem Entschluß gekommen, in diesem Sinne zu handeln.

3. Soweit wir zu Hause bleiben, wollen wir uns den Nächsten gegenüber stets als edeldenkende von Christi Liebe erfüllte Menschen zeigen, sowie auf jede Art und Weise bestrebt sein, den Schmerz und Kummer unserer Mitmenschen zu lindern, und den Kranken, Verwundeten, Armen, Witwen und Waisen zu helfen. Wir dürfen den Mut nicht verlieren, sondern müssen auch in Trübsal geduldig sein, und wie Mose, dessen Lied wir einmal singen möchten, uns an den halten, den wir nicht sehen, als sähen wir ihn. Ebr. 11, 27. Laßt uns in Gottes Wort fleißig forschen (Joh 5, 39), unsere Versammlungen nicht versäumen, vor allen Dingen das Gebet nicht vernachlässigen und besonders der Brünstigkeit (1. Tim 2, 2) und unseres Heeres vor dem Thron der Gnade gedenken.

4. Wir müssen uns allezeit unserer Aufgabe als Botschafter Christi bewußt sein und an dem Werk der Seelenrettung nach Kräften arbeiten.

Euch alle der Gnade Gottes empfehlend, bin ich mit herzlichem Gruß

Euer Bruder im Herrn

G. Dail.

Carta circular de G. Dail, de 2 de agosto de 1914

No início de 1915, o pastor Dail escreveu a Willy C. White, perguntando se havia algum conselho oportuno para a situação difícil que a igreja estava enfrentando na Guerra Mundial. Na resposta (11 de abril de 1915), W. C. White disse que não havia nenhuma declaração definida de Ellen G. White sobre a posição que o povo adventista "deve tomar para com o serviço militar nos países europeus." Não conseguimos compreender como W. C. White pôde dar essa resposta, pois conhecia a declaração definida em *Testimonies*, vol. 1. pág. 361. O conteúdo dessa carta foi conhecido por todas as igrejas adventistas da Alemanha.

Outra declaração afirmando que os adventistas estavam preparados para servir no exército, também em tempo de guerra e no Sábado, foi assinada por L. R. Conradi, presidente da Divisão, H. F. Schuberth, presidente da União, e P. Drinhaus, presidente da Associação (5 de março de 1915).

"O órgão oficial dos adventistas, *Zions-Wächter*, citou Martinho Lutero para justificar a posição adotada pela igreja na Alemanha. Lutero tinha de fato justificado o porte de armas em defesa do lar e da família. Declarara que a espada e a guerra eram instituídas por Deus para punir a injustiça e proteger os justos. Os líderes adventistas alemães ensinaram que, nas condições existentes, a participação na guerra não constituía violação do sexto mandamento, nem cumprir deveres militares no Sábado era violação do quarto mandamento, visto que a guerra era uma obra de necessidade, lícita no Sábado." —Jacob Michael Platt, *The History of the Advent Movement in Germany*, págs. 261 e 262.

Muitos adventistas na Alemanha compreenderam claramente que a mudança da "não-participação" para a "absoluta liberdade de servir" à pátria, "em todos os tempos e lugares de acordo com os ditames da convicção da consciência [de cada um]", mudou a posição da igreja para com a Lei de Deus, da lealdade para a deslealdade.

Disputa, divisão e provações

Esse compromisso trouxe discussão e divisão entre os adventistas na Alemanha. A maioria, como sabemos, aceitou a posição de combatência, mas a minoria compreendeu que um "assim diz o Estado" não pode ser posto acima de um "assim diz o Senhor".

"Não houve membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia que se recusassem a alistar-se no exército em base da consciência. Existiram vários, contudo, do grupo de adventistas reformados que recusaram alistar-se, e em alguns casos fugiram para escapar ao serviço militar. A maioria foi apreendida e levada à corte marcial." —Jacob Michael Platt, *The History of the Advent Movement in Germany*, pág. 274.

"Cerca de dois por cento dos membros. ... condenaram a posição de Conradi e recusaram-se a compactuar com ela. A persistente re-

cusa resultou na exclusão deles do rol de membros da igreja e no desenvolvimento de um movimento opositor." —*Idem*, pág. 258.

No dia seguinte à dissolução da congregação de Kray, Alemanha, a polícia invadiu vários lares desses objetores de consciência e prendeu alguns como desertores.

Quando convocados a portar armas, recusaram-se a ir além de suas convicções. Foram presos. Exemplo típico:

"Friedrich Wieck e Adolph Czukta. ... foram recrutados para as forças armadas nos primeiros dias da guerra, mas se recusaram a portar armas porque não podiam violar o [quarto e o] sexto mandamento. Ambos receberam permissão para servir sem armamento durante várias semanas até a partida para o combate. Depois, pela primeira vez, foram presos por quatorze dias porque se recusaram a tomar vacina. Foram advertidos de que, se continuassem a resistir, seriam executados por fuzilamento. Pouco antes da partida de sua unidade para a frente de batalha, desertaram e se esconderam em Berlim, de onde devolveram o uniforme para a unidade. ... Finalmente foram presos e sua posição religiosa examinada. ... Foram condenados a cinco anos de prisão, castigo que outros adventistas 'reformistas' também receberam quando se recusaram a servir no exército. Na prisão, a saúde de todos foi prejudicada por falta de agasalho e nutrição adequada. Cinco morreram logo após a liberação." —*Idem*, págs. 269 e 270.

Protestos e apelos

A. Stobbe, ancião local, escreveu o *Apelo à Última Igreja*, em maio de 1915:

"Por que, meus queridos irmãos, o povo de Deus caiu de maneira tão profunda e está-se desviando para Babilônia depois que o Senhor nos conduziu, de maneira tão maravilhosa, para fora dela (Apocalipse 14:6-12)? Desde 1844 o Senhor rejeitou a cristandade como igreja e chamou Seus filhos para saírem da Babel espiritual. Se nós, como filhos de Deus, nos sentimos na liberdade de juntar-nos a eles em tudo, então poderíamos ter permanecido em Babilônia. ... Ele deseja que os que obedecem aos Seus santos preceitos sejam um povo separado. ... Como todos sabemos, ocorreu um cisma entre os adventistas do sétimo dia quando irrompeu a guerra. Uma porção crê que pode prosseguir com Babilônia, enquanto a outra segue a tríplice mensagem e deseja permanecer fiel aos mandamentos de Deus em todas as circunstâncias. E, de acordo com a Lei de Deus e os Testemunhos, essa é a única posição correta.

"Uma decisão unânime foi tomada em muitos lugares no Sábado, 1 de agosto, segundo a qual não devíamos seguir Babilônia. O irmão Staubert (ministro ordenado) apresentou uma conferência pública em Bremen-Altstadt, no domingo, dia 2 de agosto. Durante a breve reunião de oração que se seguiu, o irmão Staubert disse, entre outras coisas, que isso seria especialmente difícil para nós, adventistas do sétimo dia, porque, como filhos de Deus, não podíamos matar, e por causa do mandamento que diz 'Lembra-te do Sábado para o santificar'. Afirmou que Deus estaria conosco se permanecêssemos fiéis a Ele e guardássemos Seus mandamentos. O autor deste apelo é ainda da mesma opinião e, com muitos outros, tem experiência em relação a isso (Apocalipse 22:14; Salmo 19:8-12). Contudo, quando a circular de G. Dail de 2 de agosto de 1914 chegou de Hamburgo, causou confusão nas igrejas, pois a santa Lei de Deus foi pisada a pés e a verdade presente colocada debaixo do alqueire (Isaías 58:12 e 13; Mateus 5:15 e 16; Isaías 40:9; 62:6 e 7). ... Se considerarmos o escrito de Hamburgo em comparação com a Lei e o Testemunho, podemos rejeitá-lo com segurança, porque não passa de preceito de homens. (A intenção pode ser boa, mas não está de acordo com a pedra de toque — a Lei e o Testemunho.) Todas as doutrinas, mesmo as que são aceitas como verdade, devem ser provadas pela Lei e pelo Testemunho. Se elas não suportarem a prova, é porque não têm iluminação. ...

Weckruf
für die letzte Gemeinde

Die drei Engelsbotschaften
Off. 14, 6-12
mit Auszügen aus Schw. White's Zeugnissen

Psalm 119, 1—21

Bitte diese Schriften an Geschwister
weiterzuverbreiten

Herausgeber:
A. Stobbe
(Sieben-Tag-Adventist — eingef. Altester)

Apelo à Última Igreja, editado por A. Stobbe (reprodução da capa em fac-símile)

"O sexto mandamento não dá aos servos de Deus permissão para transgredi-lo. No mandamento do Sábado não encontramos nenhuma cláusula isentando-nos de guardá-lo nesta situação confusa. Se considerarmos os [escritos dos] profetas, além dos Testemunhos da irmã White, não encontraremos nenhuma evidência no sentido de estarmos livres para praticar essas abominações. Ao contrário, encontramos terríveis ameaças de castigo no caso de renunciarmos ao Senhor nosso Deus, desprezarmos Sua Lei e ainda ensinarmos ou-

tros a transgredi-la, como foi feito por meio de muitas cartas circulares expedidas por diversos de nossos líderes. Lembro-me de uma em que está escrito que seria loucura não acompanhar os outros. A Palavra de Deus diz: 'Bem-aventurados os que guardam os Seus mandamentos' (Apocalipse 22:14) e aqui a circular diz que é loucura manter firme lealdade aos mandamentos agora em tempo de guerra. O líder da Associação, irmão M, diz entre outras coisas: A necessidade não conhece lei. É correto fazer exceção durante a guerra. O pastor G diz: Não devemos matar o inimigo, mas apenas feri-lo."

"As coisas têm chegado a tal ponto que os membros que não querem submeter-se a essas regras [humanas] foram excluídos. Essa é a razão por que a igreja de Kray foi dissolvida (maio de 1915) e quarenta membros não foram readmitidos na igreja. Além disso, alguns foram excluídas em Essen e Bremen. Em Bremen-Neustadt, onde temos uma igreja com cerca de 75 membros, dois foram excluídos por apenas treze votos. Três semanas depois, mais cinco foram excluídos por apenas sete votos. E os votos contrários não foram considerados."

Outro ancião local de uma igreja ASD que se levantou contra a nova posição adotada pelos adventistas na Alemanha, foi W. Richter. No fim de 1915, escreveu este protesto:

"Enquanto participarmos do parecer de nosso Salvador, quanto a viver em paz com todos os homens, propomos que seja convocada uma reunião geral, em que ambas as partes possam expressar suas opiniões. Fizemos um apelo amistoso a todas as igrejas e ministros dos ASD: Nesta importantíssima questão de fé, que surge num tempo sério como este em que estamos vivendo, apoiai, por favor, esta proposta e, de acordo com vossas possibilidades, comparecei a esta reunião, em que o bem-estar e os infortúnios da igreja de Cristo serão discutidos. Se esta proposta não for aceita pelos ministros e líderes, e se não nos derem garantia, neste tempo, para que tenhamos liberdade de consciência em questão religiosa, então igualmente viveremos à altura de nossos princípios conforme as Escrituras Sagradas, sem temer as conseqüências e as falsas acusações. Nossa oração deve ser: 'Senhor, dá-nos líderes como Moisés, que preferiu sofrer opróbrio e perseguição com o povo de Deus a andar em conformidade com o Egito.'

"Se formos arrastados perante as autoridades, ou se formos postos perante as Escolas Sabatinas para retratar-nos ou sermos excluídos, ou se formos ameaçados com suspensão da obra da colportagem, diremos com Lutero: 'Aqui permaneço. Não posso fazer outra coisa. Queira Deus ajudar-me. Amém'."

Oscar Kramer conta sua experiência

Certo dia, quando Oscar Kramer tinha onze anos de idade, viu uma multidão agitada diante de alguns cartazes, que diziam Mobilização. Viu a assinatura do imperador da Alemanha, Wilhelm.

O esperado finalmente havia chegado! A guerra desenvolvera-se rapidamente num conflito de proporções mundiais.

Alguns irmãos achavam que a última prova, a lei dominical, estava diante deles e que, a fim de manter distintas as características da igreja remanescente, deveriam guardar a santa Lei de Deus sob todas as circunstâncias e seguir as instruções do Espírito de Profecia. E isso foi o que fizeram.

A Igreja Adventista em Bremen tinha um ancião local, jovem e distinto, Wilhelm Richter. Mas ele não compareceu à igreja no Sábado seguinte à mobilização. Havia-se retirado após ter sido convocado para alistar-se nas forças armadas alemãs. Considerando que as leis alemãs não previam proteção para aqueles que, por questões de consciência, se opunham a atividades bélicas, os que se recusavam eram submetidos ao conselho de guerra e fuzilados. Ou, então, eram enviados para prisões militares desumanas só por obedecerem à Lei de Deus em vez de às leis de homens mortais. Era impossível servir no exército e guardar os mandamentos de Deus. Por isso o irmão Richter seguiu a única opção que lhe restava: fugir no silêncio da noite.

Na ausência do ancião, o pastor Staubert, falou à congregação no culto das onze horas. E que culto maravilhoso aquele! Admoestou todos a que permanecessem fiéis à Lei de Deus. A congregação parecia concordar.

Na semana seguinte houve uma seqüência de vitórias alemãs. A notícia excitou o espírito patriótico do povo e de muitos membros da igreja. Quando o pastor Staubert lhes falou no Sábado seguinte, as coisas sofreram sensível mudança, mas não para melhor. Procurando desculpar e defender o envolvimento do povo de Deus na guerra, com voz relutante, fez referência às histórias bélicas do tempo de Israel, narradas no Velho Testamento. Por um momento os membros conscienciosos, verdadeiros adventistas, ficaram horrorizados enquanto ele tentava entrincheirar-se nos textos: "Sujeitai-vos a toda autoridade humana" e "Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores" 1 Pedro 2:13; Romanos 13:1. Ele comparou nosso

tempo, em que o Israel espiritual está disperso por toda parte da Terra, ao tempo do Israel teocrático, que era tanto Igreja como nação. Havia, contudo, naquela reunião, crentes suficientemente sinceros e de coração firme que ousaram vindicar a honra de Deus. Levantaram-se protestando em voz alta contra essa perversão da verdade. Mas foram informados de que essa nova posição não fora adotada somente pelo ministro. Era, então, a nova posição de toda a União Alemã. Ora, os líderes haviam enviado uma notificação ao governo alemão em 4 de agosto de 1914.

No terceiro Sábado, quando o ministro tentou impor o novo ponto de vista à igreja de Bremen, a pregação dele causou um temporal de protestos de um grupo de irmãos. Houve muita confusão. O culto foi interrompido e a igreja ficou dividida em duas opiniões opostas.

Depois de uma semana agitada, eles se reuniram para o culto no quarto Sábado. Dessa vez, por causa das circunstâncias ameaçadoras, o presidente do campo apareceu. Ele confirmou vigorosamente o novo ponto de vista da liderança e condenou a posição dos poucos irmãos que contra ela protestavam como sendo a "rebelião de Coré".

A polícia secreta compareceu repetidas vezes e fez perguntas sobre os irmãos que haviam desertado do exército e estavam em paradeiro ignorado. Os líderes garantiram aos policiais que tratariam do caso dessas pessoas. E então aconteceu algo vergonhoso: o presidente retirou do bolso do paletó uma folha de papel e leu uma lista de nomes. O ancião Richter e a irmã Kramer estavam incluídos. Esses, disse ele, a igreja considera excluídos. Ao dizer isso, houve muito choro e profunda angústia. Todos os protestos, porém, foram em vão. Seguiram-se reuniões de oração que duraram a noite toda. Os excluídos continuaram a freqüentar os cultos da igreja, Sábado após Sábado, e a ignorar a ordem de ficarem fora. Seus dízimos e ofertas continuaram a ser fielmente enviados para a sede em Hamburgo.

Correu logo a notícia de que em quase todas as igrejas da Alemanha pessoas haviam sido excluídas pela mesma razão, e sob veementes protestos. A igreja de Coblenz foi inteiramente excluída, com o ancião e todos os demais, por se oporem à nova posição da liderança. Então os poucos fiéis souberam que a mesma coisa havia acontecido na Áustria, Hungria e Bulgária. Depois do armistício com a Romênia e a Rússia, foram informados de que, nesses países, centenas de crentes também haviam sido excluídos sem motivo a não ser

o de haverem protestado contra a aberta violação da Lei de Deus. Mesmo em países neutros, muitos membros foram excluídos da igreja por simpatizarem com os poucos fiéis.

Assim, contra sua própria vontade, uma nova Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu dentro da Igreja Adventista-mãe, e foi deixada desamparada. A minoria não tinha desejo de começar um novo movimento, mas os líderes não quiseram reconsiderar suas ações. Ao contrário, de acordo com as declarações feitas através da imprensa, encheram-se de orgulho em excluir seus irmãos. Imediatamente após a injustificável separação, o ancião Richter solicitou uma audiência, mas sua petição foi negada pelos líderes. É de lamentar que ministros tenham entregue seus próprios irmãos à prisão e à morte. O irmão Kramer diz que pelo menos vinte irmãos selaram sua posição inabalável com o próprio sangue como mártires fiéis depois de serem traídos por seus ministros. Assim, os poucos fiéis resolveram que, nessas condições, não poderiam mais continuar sustentando a liderança com dízimos e ofertas. Começaram a apoiar financeiramente aqueles que, como fiéis ministros, se opuseram à apostasia com o risco da própria vida.

Em conclusão, citamos as próprias palavras do irmão Kramer: "Essa experiência nos mostra por que há duas distintas Igrejas Adventistas do Sétimo Dia hoje." (Condensado de *The Sabbath Watchman* (A Sentinela do Sábado), janeiro de 1950.)

Organização temporária

Quando a igreja de Kray foi dissolvida em maio de 1915, os crentes excluídos, de Kray e de outros lugares próximos, e outros que se lhes juntaram voluntariamente em protesto, formaram o núcleo do movimento dissidente na Alemanha. Tiveram seu centro em Kray até o início de 1919, quando foi transferido para Würzburg, Alemanha.

Em meados de 1915, havia vários grupos de adventistas fiéis, além de membros isolados, fora da Igreja ASD na Alemanha. Uma reunião geral desses objetores de consciência foi realizada em Wermelskirchen, em agosto de 1915. Nessa reunião decidiram distribuir em larga escala o folheto *A Última Mensagem de Misericórdia a um Mundo Caído*, não apenas na Europa, mas também na América.

A segunda conferência desses crentes, posteriormente conhecidos como reformistas, foi realizada em Gelsenkirchen, em novembro de 1915. Nesse encontro, foi eleita uma comissão de sete membros para representar a minoria em protesto. Cinco obreiros foram

enviados para cuidar do rebanho disperso. Igrejas e grupos foram organizados. Foram nomeados tesoureiros para receber dízimos e ofertas. Essa organização temporária possibilitou o início da publicação de lições da Escola Sabatina, um periódico oficial intitulado *Wächter der Wahrheit* (A Sentinela da Verdade), bem como folhetos e brochuras. Os colportores começaram a trabalhar.

Os líderes da Igreja Adventista ficaram preocupados com a crescente influência do novo movimento. Fizeram repetidas advertências escritas contra esses dissidentes, tanto pelo periódico da igreja como por meio de folhetos. Numa circular de 22 de maio de 1916, G. Dail declarou que "o presente movimento apóstata" podia ser identificado com o antigo movimento iniciado pelo irmão Garmire. Em resposta a essa advertência, os irmãos separados publicaram uma *Carta Aberta a Todos os Adventistas do Sétimo Dia* em junho de 1916, assinada: Os Irmãos Excluídos. Nessa carta, eles propunham uma reunificação nas seguintes condições:

1. A antiga posição da igreja em relação ao Estado deveria ser restabelecida: separação entre igreja e Estado.
2. Ninguém deveria ser chamado traidor da pátria ou fanático por recusar-se a prestar serviço militar por motivo de convicções de consciência. Por outro lado, os que sob pressão prestaram serviço militar durante a guerra, e também no Sábado, não seriam condenados.
3. Perseguição, denúncia e perjúrio deveriam ser considerados anticristãos.

O bem-intencionado propósito desses crentes foi ignorado. Num panfleto intitulado *Esclarecimento* de julho de 1916, os líderes da igreja explicaram que os adventistas, como cidadãos leais, nada tinham a ver com aquele "movimento apóstata".

Lutando contra o engano

À medida que o assim chamado "movimento apóstata", na realidade movimento de reforma, se espalhava rapidamente, Satanás idealizou um plano para impedir o progresso da obra dos irmãos de mentalidade reformista. Introduziu entre eles pessoas com crenças errôneas, idéias fanáticas e mentes desequilibradas. Em 1915, Karl Hossfeld e Samuel Elsner, dois ex-obreiros adventistas, evadiram-se do serviço nas forças armadas e se refugiaram entre os membros da igreja de Bremen, onde receberam proteção e ajuda financeira de

alguns crentes. Rapidamente tiraram vantagem da dissensão existente na igreja acerca da questão: "Devem os adventistas tomar parte na guerra?" e começaram a disseminar suas idéias entre o povo do advento, sob o pretexto de que apenas protestavam contra a nova posição adotada pela liderança da igreja. Junto com o protesto, contudo, misturavam algumas idéias errôneas, tais como a marcação de datas. Num tratado por eles publicado sob o título *Sinais dos Tempos*, afirmaram que o fim do mundo havia começado em 1914 com o surgimento repentino da guerra. Em 1916, Hossfeld declarou que a segunda vinda de Cristo deveria ocorrer em 1918. Visto que eles se recusaram a dar ouvidos aos conselhos e advertências da comissão, os irmãos da Reforma, que rejeitaram os escritos desses dois homens, logo declararam nada ter com eles. Não conseguiram causar tanto prejuízo a nossas fileiras.

O golpe mais prejudicial que Satanás conseguiu aplicar contra nossa igreja naqueles dias, veio por intermédio de uma falsa profetisa, Gertrud Kersting, de Lippstadt, a qual professava receber visões como a irmã White. Ela declarou, em setembro de 1916, que a chuva serôdia não viria a menos que a festa dos tabernáculos fosse celebrada. Embora jamais tenha pertencido ao Movimento de Reforma, a terça parte dos membros, mais nove obreiros, caíram sob sua influência e tiveram de ser excluídos de nosso meio três meses depois.

Isso não foi tudo. Os poderes das trevas nos enviaram mais alguns falsos reformadores naquela época — tais como Herms, Stenzel, Langstaed, Fratz, Fischer, Bach, Tecklenberg, Beck, Heine, Gersonbeck, Portzek, Schamberg e outros — mas o erro foi desmascarado, e a verdade triunfou.

A guerra contra os fanáticos e apóstatas evidencia-se também através de uma circular publicada antes do fim de 1919, em que nosso povo foi advertido contra o seguinte:

1. Que é errado rejeitar a organização;
2. Que Isaías 28 é mais do que um evangelho pessoal;
3. Que não há base para a proibição de todo tipo de gravuras e fotos;
4. Que o ensino sobre o suposto "reino milenar na Terra" não está de acordo com a Bíblia;
5. Que não somos obrigados a celebrar a festa dos tabernáculos, o dia da expiação, e outras festas;
6. Que a rejeição dos escritos de Ellen G. White não está de acordo com o plano de Deus;

7. Que os pontos de vista mantidos por alguns acerca do casamento, da reforma da saúde e outros pontos não podem ser comprovados.

O grupo formado por Joseph Bach e seus partidários (1919-1920) — a Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia, Terceira Parte, Zacarias 13:8 e 9; Apocalipse 14:12 — ganhou muitos seguidores, não apenas na Alemanha, mas também em alguns países vizinhos. Essas pessoas eram conhecidas como "iconoclastas", porque, baseando-se em Êxodo 20:4, eram radicalmente contra o uso de gravuras. Julius Wolz e Willi Maas estiveram com eles no início, mas os deixaram em 1920, voltando para o Movimento de Reforma original, com sede em Würzburg, Alemanha.

Peter J. Balbierer, movido por espírito de independência, começou a criar grandes dificuldades na Alemanha no fim de 1921 e início de 1922. A maior dificuldade foi causada por Philipp Waldschmidt, líder do Associação do Norte da Alemanha. Na conferência realizada em Bebra, 1924, teve séria desavença com a liderança da União. Devido à sua rebelião, esses dois líderes (Balbierer e Waldschmidt) foram excluídos logo após a assembléia da CG realizada em Gotha, Alemanha, em 1925. Posteriormente, Balbierer voltou para o Movimento de Reforma e casou-se com uma filha de Otto Welp. Não foi, porém, readmitido no ministério. Waldschmidt continuou em sua rebelião durante alguns anos, até que seu grupo diminuiu a ponto de ficar ele sozinho.

Assim como os primeiros discípulos foram provados ao serem abandonados por muitos que uma vez foram missionários (Lucas 10:1; João 6:66; *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 392); assim como Lutero e seus companheiros foram provados quando viram Wittenberg, o próprio centro da Reforma, "cair sob o poder do fanatismo e da anarquia" (*O Grande Conflito*, págs. 186-192); assim como os adventistas foram muitas vezes provados pela presença de falsos líderes e movimentos fanáticos (*Testimonies*, vol. 1, pág. 99 e 100, 117, 122, 229, etc.); assim também esse tipo de prova veio ao Movimento de Reforma. O inimigo, mais uma vez, "passou a tentar o que havia experimentado em todos os outros movimentos de reforma — enganar e destruir o povo apresentando-lhe contrafação em lugar da verdadeira obra" (*O Grande Conflito*, pág. 186). A despeito, porém, dessas dificuldades, a obra de reforma continuou avançando de vitória em vitória.

II — Perseguição durante a Primeira Guerra Mundial

O tempo da guerra (1914-1918) foi um período de perseguição. Na verdade, bom número de adventistas objetores de consciência sofreram prisão, torturas e martírio. Em muitos casos esses crentes sinceros foram traiçoeiramente denunciados à polícia. Eis alguns exemplos:

Quando a igreja de Kray foi dissolvida, em maio de 1915, a polícia invadiu os lares dos crentes e prendeu alguns. Nessa época, o irmão Portzek, de Essen, foi denunciado às autoridades por um líder da igreja. Uma condessa belga aceitou a verdade e foi presa. Em outubro ou novembro de 1915, houve novas batidas e detenções policiais. Por instigação de dois líderes da igreja, irmãos Genz e Schick, a polícia prendeu o irmão K. Hossfeld e a irmã E. Reuss.

O irmão Hossfeld, apto para o serviço militar, foi preso por recusar porte de arma.

A irmã Reuss, obreira bíblica, foi presa na rua, em Colônia. Um irmão que por acaso assistiu à cena, opôs-se vigorosamente ao procedimento do ministro, afirmando que a atitude dele não era cristã. O ministro, porém, não deu atenção ao protesto. Para dificultar ainda mais a situação da obreira, sua própria irmã compareceu ao tribunal como testemunha contra ela.

Num de seus folhetos, os ASD tentaram justificar-se:

"Veio a guerra, e a irmã Reuss, aderindo ao movimento apóstata, começou a trabalhar zelosamente contra nós, não porque se sentisse motivada pelo Espírito de Deus a trabalhar pela salvação das almas (ela poderia, naturalmente, ter feito isso antes, porém não o fez), mas porque, movida pelo ressentimento, queria prejudicar-nos.

"Razões similares foram também a causa principal que levou muitos outros a se envolverem na separação. ...

"A senhorita Reuss e outros trabalhavam de modo sorrateiro e fanático, usando nosso nome para promover propaganda antimilitarista. As autoridades não conseguiram prender os culpados, conhecidos como ex-membros de nossa igreja. Chegou ao conhecimento da polícia que essas pessoas haviam encontrado esconderijo nos lares de nossos membros, que de fato nada sabiam sobre a situação. Por isso, como estamos no uso legítimo de nosso nome, as autoridades nos disseram que era nosso dever revelar o paradeiro dos malfeitores. A senhorita Reuss havia-se tornado um elemento muito perigoso para a igreja, e a polícia andava à procura dela. Portanto, o ministro local teve de mandar prendê-la. Houvessem essas pessoas

sido honestas, não trabalhando sob o nosso nome, e não teríamos feito nada contra elas." —*Wer sind die wahren Träger der Adventbotschaft?* (Quem São os Verdadeiros Portadores da Mensagem do Advento?), págs. 24 e 25 (1928).

Entre os que foram presos no fim de 1915 estava o irmão Hollmann. Outros, como os irmãos Richter e Geselle, foram encarcerados em 1916.

Em 1917 nosso povo sofreu batidas policiais em Hamburgo, Ulm, Stuttgart e Berlim, e alguns foram presos. Em Berlim, certa ocasião, a polícia surpreendeu os irmãos durante uma conferência pública após o pôr-do-sol. Alguém, contudo, cortou a luz e ninguém foi preso. Direta ou indiretamente os líderes adventistas sempre tentaram levantar suspeitas contra nosso povo aos olhos do mundo e das autoridades. Foi assim, por exemplo, que, antes do fim da guerra, os ASD publicaram esta declaração num jornal local, *Stuttgarter Neues Tagblatt*, de 26 de setembro de 1918:

"Em agosto deste ano apareceu na maioria dos jornais de Württemberg uma notícia sobre um relatório policial de Hechingen (Hohenzollern) segundo o qual uma senhora adventista foi presa por causa de atividades antimilitaristas.

"Isso deve ter causado, nos de fora, a impressão de que os membros da denominação religiosa dos adventistas do sétimo dia, aqui mencionados, não são cidadãos leais. Os abaixo assinados desejam aqui declarar que isso não é verdade. O fato é bem conhecido pelas autoridades.

"Como cidadãos de nosso Estado em que existe o alistamento geral, os homens jovens entre nós, desde a fundação de nossa igreja, têm cumprido os deveres militares com a aprovação de toda a denominação. No início da guerra, porém, surgiram membros individuais, a quem, faltando o espírito de solidariedade, ou possuindo esse mesmo espírito em exagero, não quiseram prestar serviço militar. Esses começaram a espalhar relutâncias pessoais de consciência dentro da denominação por meio da palavra e da literatura a fim de induzir outros a fazerem o mesmo. Foram advertidos pela igreja, mas, por causa de obstinada persistência, e porque se constituíssem ameaça à paz interna e externa, tiveram de ser excluídos. Acontece, por vezes, que as autoridades prendem tais agitadores que fazem sua obra em segredo. Ao continuarem usando nosso nome, contra o que não podemos fazer nada, a suspeita sempre recai sobre a denominação. Achamos que é nosso dever trazer isso a público para que não venhamos a ficar sob falsa suspeita. E. Gugel, ministro e presidente da denominação em Württemberg."

Quase no fim da guerra, nossos irmãos eram espreitados pelos ministros adventistas e pela polícia.

Em 11 de novembro de 1918, a conflagração chegou ao fim, mas a perseguição não cessou completamente. Ainda em agosto de 1919, dois irmãos foram condenados à morte.

Wilhelm Richter

O irmão Richter, que sobreviveu com dificuldade aos horrores da prisão, por longo tempo, escreveu um relatório em 1920, narrando sua experiência.

Após quatro meses de interrogatório em 1916, foi enviado à prisão em Spandau, para cumprir pena de cinco anos, por causa de sua fé em Cristo em conexão com a tríplice mensagem angélica. Sete dias depois foi transferido de Spandau para Fort Glatz, onde chegou na hora do início do Sábado. Na manhã seguinte, ele e outros prisioneiros foram levados ao pátio para trabalhar. Apresentou-se às autoridades da prisão e solicitou dispensa do trabalho por ser adventista e observador o Sábado. Com risos e zombarias, a petição foi negada. Quando mandaram que voltasse ao trabalho, recusou-se. Conseqüentemente, foi levado de volta para a cela. Às 10h30 teve de fazer uma caminhada com dois condenados à morte em redor do necrotério, sem poder afastar-se a não ser por dez passos. Tinha de caminhar com as mãos nas costas dos condenados. Os outros prisioneiros tinham permissão de caminhar aos pares no jardim. Richter relatou que isso, em vez de enfraquecer-lhe a fé, fortaleceu-a.

No quarto dia, à hora da caminhada, o irmão Richter teve muita alegria ao reconhecer um prisioneiro recém-chegado, irmão e companheiro que havia conhecido enquanto estivera em Guben. Eles se regozijaram em estar, como seu Senhor, no meio de assassinos. Sua fé não enfraqueceu. Permaneceram juntos ali durante três anos.

Com freqüência foram visitados por pastores que tentavam dissuadi-los de sua fé, mas sem êxito. Como o carcereiro não conseguisse impedi-los de observar o Sábado, ele os deixava varrer as folhas no domingo. Embora a intenção fosse castigá-los, para eles era prazer. A tarefa permitia sair ao ar livre e animavam-se mutuamente.

O companheiro do irmão Richter recebeu dois anos a mais de prisão por recusar-se persistentemente a trabalhar no Sábado.

Em dezembro de 1916, Richter voltou para Spandau, e o companheiro, irmão Geselle, foi mandado para Danzig. Em Spandau, Richter encontrou o irmão Hollmann, que já havia cumprido um ano de pena.

Após algum tempo os dois foram levados para a prisão de Marienburg, onde o tratamento recebido pelos adventistas objetores de consciência era horrivelmente indescritível. Como continuassem mesmo assim preferindo não quebrar a Lei de Deus, ficavam na cela solitária três, cinco e até sete dias seguidos.

Quando eles se recusavam a descascar batata no Sábado, recebiam, no jantar, apenas água morna. Tiveram de ficar no fundo de um vale, num porão em que não entrava luz nem ar fresco. Ali sofreram porque sua obediência à Lei de Deus lhes era muito preciosa.

Por pregarem a mensagem aos prisioneiros, foram privados da Bíblia. Mas a Palavra guardada na mente não lhes pôde ser confiscada.

No início de fevereiro de 1917, o irmão Hollmann foi transferido para outro lugar, e algumas semanas depois o irmão Richter foi levado para Spandau. Ali foi submetido a severo castigo devido a "conduta desordeira", que consistia na recusa em obedecer ordens humanas contrárias aos mandamentos de Deus e falar aos prisioneiros sobre o assunto da segunda vinda de Cristo.

De Spandau, o irmão Richter foi para uma colônia penal.

Enquanto viajava no trem, apresentou a mensagem a algumas pessoas. Foi repreendido e ameaçado. Disseram-lhe que se não parasse de guardar o Sábado, não viveria muito.

Num Sábado de manhã, quando três grupos de condenados foram alinhados para o trabalho, o irmão Richter apresentou-se como adventista e pediu respeitosamente para ser dispensado. Havia ali cerca de sessenta oficiais não comissionados que se haviam alinhado lado a lado com armas em punho. Esses vociferaram contra ele como leões: "Entra na fila!"

A desavença continuou por quase meia hora. O capitão havia sentenciado: Qualquer prisioneiro que se recusasse a prestar obediência, depois de três ordens, seria baionetado. Investiram contra nosso irmão, mas à distância de três metros pararam subitamente. Então o irmão lembrou mais uma vez a promessa de Deus, do Salmo 34:7. Pôde ver que o inimigo, fosse humano, fosse qualquer outro poder, deveria primeiro ultrapassar a barreira de proteção com que o Senhor circunda os Seus servos antes de poder tocar neles.

Quando cessou essa desavença, veio uma prova ainda mais severa. Os três grupos haviam partido, e dois jovens presos por furto e roubo receberam ordem para obrigar o irmão Richter a esvaziar uma fossa. Como se recusasse por ser Sábado, um dos rapazes despejou um balde de excremento na cabeça dele. Depois arrancaram-lhe o casaco e o transformaram em trapos. Derrubaram-no, ajoelharam-se sobre ele e o espancaram até sangrar. Então, foi obrigado a ficar por duas horas na área de manobras militares, sob temperatura enregelante. Enquanto permaneceu ali, puseram-lhe na cabeça um colchão de palha no qual um homem havia morrido de tifo na noite anterior. Exclamavam sarcasticamente: "Que o adventista ressuscite o morto!"

Conforme Richter conta, naquela colônia penal estava outro irmão em cujos ombros os torturadores prenderam peças de ferro para obrigá-lo a trabalhar no Sábado. Quando sucumbia sob o peso, o colega de prisão, acorrentado a ele, era obrigado a deitar-se também. Depois o separaram do outro, amarraram-no com força a um dormente da linha férrea, e o deixaram ali o resto do dia. Sob torturas insuportáveis, morreu na prisão.

Após dez dias de conflito, Richter foi novamente para Spandau. Ao chegar ali pela quarta vez, em março de 1917, viu o irmão Geselle, que fora trazido de Danzig. Veio também o irmão Hollmann. Mediante os esforços de Geselle, um jovem prisioneiro aceitou a verdade e começou a observar o Sábado. Foi demais para o inimigo que na prisão lhe roubassem presa. Por isso as autoridades decidiram fazer uma limpeza geral com os adventistas. Numa tarde de sexta-feira os quatro foram levados perante o capitão. Este se dirigiu a eles como um "bando de adventistas" e afirmou: "Nós também somos cristãos."

Disse que lhes daria prazo até o início do Sábado para desistirem da fé. Se continuassem a resistir, empregaria todos os meios para obrigá-los a desistir dessa "fé imbecil". Enumerou os métodos: camisa de força, fome, privação de leito, pés e mãos acorrentados, etc. Quando perguntados se estavam prontos, nada responderam.

No início do Sábado, o capitão entrou na cela de Richter e o golpeou com uma vara de cerejeira. Às 7:00 horas os quatro foram levados para a sala de tortura. Dois irmãos, em camisa de força, foram obrigados a deitar-se sobre a mesa, e os outros dois tiveram de permanecer por perto e ver os companheiros sendo torturados. Foram "amaciados" a ver se renunciariam a fé. Fo-

Estas páginas de frente mostram os periódicos publicados pelos reformistas nos primeiros dias da mensagem da reforma

ram também postos no "pau-de-arara". Estavam presentes nessa ocasião um capitão, dois coronéis e quatro oficiais não-comissionados. Três carrascos, que também eram prisioneiros, tiveram de ajudar. Um desses homens estava ali por roubo e falsificação de documentos. Quase sempre escolhiam criminosos cruéis para ajudá-los nas torturas.

Enquanto os torturados estavam deitados sobre a mesa, tiveram o tórax tão fortemente comprimido pelas correias com que foram amarrados, que as quatro costelas superiores quase lhes perfuraram os pulmões, impedindo-os de respirar. Um dos oficiais verificava o pulso e, se tomado de receio, mandava que afrouxassem um pouco para impedir a morte por estrangulamento.

Na segunda tortura, o irmão Richter ficou inconsciente. Ao recobrar o sentido, perguntaram se então estava disposto a desistir de sua "crença idiota" e trabalhar no Sábado. Como recusou-se, o procedimento anterior foi repetido. Desamparado, foi lançado de bruços e acorrentado. Dois bandidos saltaram, então, sobre a mesa e o chutaram, enquanto os oficiais o espancavam com punhadas e cotoveladas. A tortura continuou por quase meia hora.

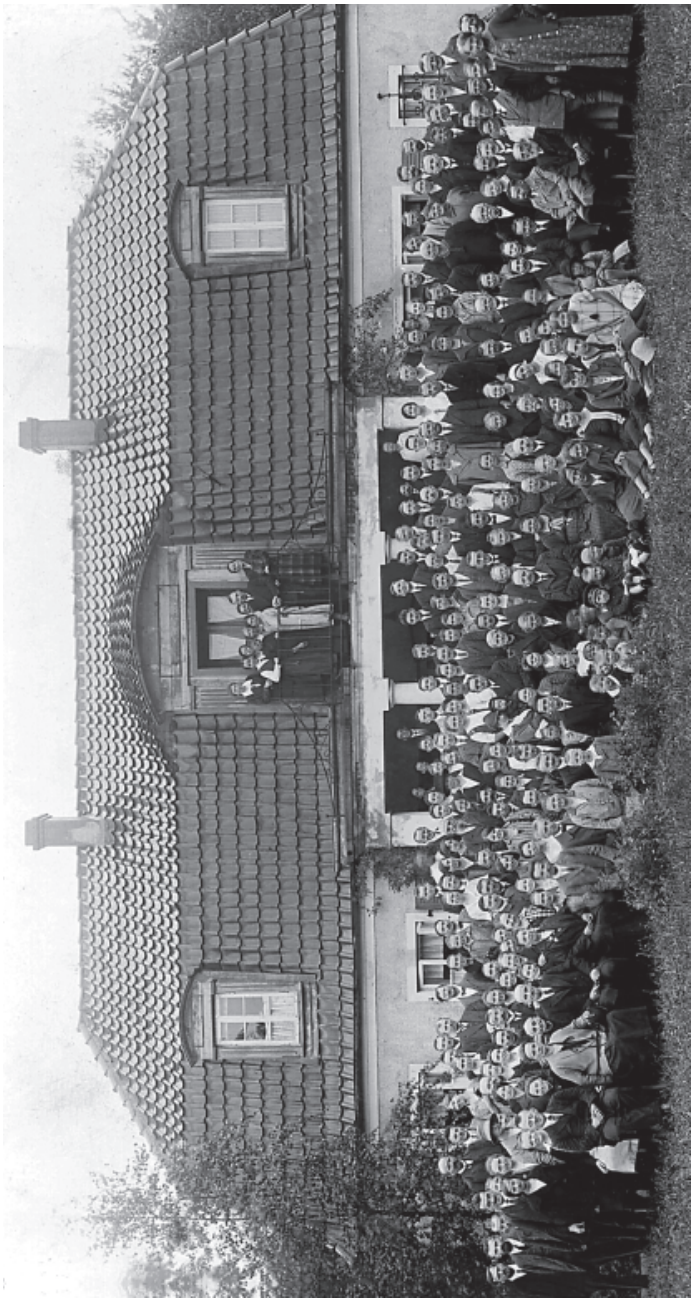
Para que os irmãos fossem obrigados a quebrar o quarto mandamento, por vários Sábados as celas foram intencionalmente encharcadas com água. Em outro Sábado ele foi chutado. Por haver-se recusado a limpar janelas no Sábado, o sargento-ajudante bateu-lhe com o molho de chaves das celas, ferindo-lhe a sexta e sétima vértebras dorsais. Em virtude dos maus-tratos recebidos, mais tarde teve de mandar remover parte da quarta costela.

Convenção ASD Movimento de Reforma (Conferência da União Alemã) com a presença de delegados da CG, em Gotha, 1925

Os quatro irmãos tiveram juntos alegrias e tristezas, até que o irmão Geselle, fiel testemunha de Deus, sucumbiu devido a torturas. O tórax foi esmagado quando o puseram sobre a mesa de tortura. Era fisicamente vigoroso. Estava com 38 anos.

Em janeiro de 1918, o irmão Richter ficou a pão e água e sem iluminação, numa cela solitária, por vinte e oito dias. Depois as crueldades foram abrandadas. Estava ferido a não mais poder. Os outros dois sobreviventes também. Os dias se arrastavam. Tudo era deprimente. A paz de Deus, porém, estava com eles. A pergunta: Como puderam suportar tanta tortura?, só tinha uma resposta: Pela graça de Deus. Muitas foram as vezes em que relembraram a maneira como as testemunhas de Deus na Idade Escura foram fortalecidas pelo Espírito do Senhor para sofrer durante dez, vinte ou trinta anos em masmorras úmidas e escuras, sendo consumidos lentamente.

Dirigindo-se àqueles que apostataram ou tornaram-se mornos, o irmão Richter chamou-lhes a atenção para Isaías 31:1-3. E suas palavras finais foram estas: "Quando os crentes nominais nos desprezam e rejeitam, devemos lembrar-nos das palavras de Jesus: 'Sereis odiados de todos por causa do Meu nome'."



Convenção dos ASD Movimento de Reforma (Conferência da União Alemã), em Isernhagen, próximo a Hannover, 1927

III —Desenvolvimentos posteriores

Antes do fim da guerra, a Igreja Adventista na Alemanha publicou uma declaração no *Berliner Lokalanzeiger* de 24 de agosto de 1918 e em outros jornais, dizendo que: (a) os adventistas haviam cumprido os deveres militares em tempo de paz; (b) o serviço militar também era aceito em tempo de guerra. Portanto, milhares de adventistas estão nas forças armadas. Muitos tombaram. Outros receberam condecorações e promoções; (c) "membros individuais. ... que deixaram de confessar abertamente às autoridades seus escrúpulos de consciência, e secretamente se evadiram do dever indo de lugar em lugar influenciando outros a adotar a mesma posição, de forma oral ou escrita, ... foram excluídos." (d) Essas pessoas, contudo, se recusaram a adotar outro título denominacional e estão trabalhando com o mesmo nome de ASD. (e) "Isso está causando confusão. É em vista da necessidade de proteção que estamos formulando este documento. Assinado por L. R. Conradi, H. F. Schuberth, G. W. Schubert." — *Die Geschichte der Sogennanten "Reformations-bewegung" der Siebenten-Tags-Adventisten* (A História do Assim-chamado "Movimento de Reforma" entre os Adventistas do Sétimo Dia), pág.17.

Toda vez que lemos uma publicação anti-reformista, pensamos nos prelados católicos narrando a história de Martinho Lutero e da Reforma Protestante. A verdade é geralmente deturpada, mas algumas das acusações feitas desmascaram os acusadores. Ver exemplo em Atos 5:28.

Ministros e obreiros bíblicos durante seminário em Isernhagen, 1927

Seminário para obreiros bíblicos, em Schwäbisch Hall, Alemanha, 1932

O fim da guerra foi o início de renovada atividade para nossos irmãos. Realizaram a primeira conferência [pós-guerra] em Erfurt, de 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 1919. De acordo com relatório de 31 de dezembro de 1918, tinham naquele tempo mil membros organizados em oitenta igrejas e grupos, nove ministros, sete obreiros bíblicos, quatro obreiros de tempo parcial, um diretor de colportagem e dezenove colportores.

A União Alemã foi organizada com sete campos com o nome de Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia — União Alemã. A segunda conferência pós-guerra de nossos irmãos na Alemanha foi realizada em Magdeburg, 27 de setembro de 1919. O nome da União recebeu pequena alteração para *Sociedade Missionária Internacional dos Adventistas do Sétimo Dia Estabelecidos Sobre a Antiga Plataforma de 1844 — União Alemã*. Foi registrado em Frankfurt, em 23 de dezembro de 1919.

No fim do ano a União Alemã publicou os *Princípios e Doutrinas Básicas dos Adventistas do Sétimo Dia Estabelecidos Sobre a Antiga Plataforma de 1844*. Quatro dos 35 pontos são:

1. Nossos membros não devem deixar os filhos freqüentar escolas públicas no Sábado;
2. Qualquer tentativa de marcação de data para a segunda vinda de Cristo é anti-bíblica;
3. Novo casamento após o divórcio é anti-bíblico;
4. Todo alimento cárneo deve ser rejeitado.

IV — Perseguição sob o regime totalitário

Sob o governo nazista na Alemanha, a liberdade religiosa foi pouco a pouco suprimida. O Movimento de Reforma logo seria proibido. Nossos irmãos, principalmente os obreiros, seriam declarados fora da lei. As propriedades seriam confiscadas pelo Estado. Por isso, enquanto ainda havia oportunidade, em 1935, as propriedades da União Alemã foram vendidas. A casa da missão em Isernhagen, perto de Hannover, e a gráfica, que havia sido nosso principal centro missionário, tiveram de ser entregues a estranhos por baixo preço. Equipamentos, móveis, arquivos e livros foram transferidos para uma casa alugada na vizinhança do antigo local da igreja. Ali os irmãos conseguiram trabalhar por apenas breve espaço de tempo. Vindo o esperado decreto da proibição, a polícia confiscou tudo o que encontrou na casa e lacrou as portas. Entretanto, recursos financeiros, documentos e literatura da União já haviam sido postos em segurança.

Por meio de uma ordem de 29 de abril de 1936, nossa igreja foi proibida de funcionar na Alemanha:

"Em base do decreto de 28/2/1933, parágrafo primeiro, assinado pelo presidente da República, para a proteção do povo e do Estado (Jornal da Lei Federal 1, pág. 83), a seita chamada 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' está dissolvida e é proibida em todo o Território Federal. Suas propriedades deverão ser confiscadas. Qualquer infração deste decreto será punida de acordo com o parágrafo quarto do decreto de 28/2/1933.

Grupo de irmãos reformistas na Áustria, em 1934

"Razões:

"Sob o disfarce de promoverem atividades religiosas, os 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma' desejam alcançar objetivos que conflitam com a ideologia do Socialismo Nacional [nazismo]. Os seguidores dessa seita recusam-se a prestar serviço militar e a fazer a continência alemã. Declaram publicamente que não têm pátria, porque são de mentalidade internacional, e consideram todos os seres humanos irmãos. Visto que a atitude da seita tende a causar confusão, sua dissolução é necessária para proteção do povo e do Estado. Assinado por R. Heydrich."

Em 12 de maio de 1936, nossa União Alemã foi declarada "dissolvida" pela polícia secreta (Gestapo).

Depois de conselho mútuo, os líderes dos ASD Movimento de Reforma resolveram entregar uma petição escrita às autoridades solicitando audiência. No segundo encontro, no gabinete de Heydrich, nossos três irmãos ouviram que toda a questão dependia de nós. Perguntaram a respeito da nossa posição com referência ao serviço militar e à saudação alemã. Nossos irmãos responderam:

— Precisamos recusar saudação que envolva confissão política.

E quanto a matar, disseram:

— Seguimos as palavras de Cristo em Mateus 5:44: "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem."

Heydrich replicou:

— Então vos recusais por todos os meios a prestar serviço militar.

Nossos irmãos responderam:

— Atemo-nos à Palavra de Deus e devemos rejeitar as exigências que se chocam contra ela.

Nossos irmãos renovaram a petição e tiveram resposta em 12 de agosto de 1936:

"A exposição contida em vosso escrito de 27 de julho de 1936 não me dá razão para suspender a proibição da seita 'Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma'. Assinado R. Heydrich."

Sob o regime de Hitler todas as nossas atividades religiosas foram proibidas. Nossos jovens foram submetidos a severas provas quando chamados a portar armas, pois não havia previsão para proteger objetores de consciência. Os pais tinham de enfrentar problemas relacionados ao Sábado com os filhos em idade escolar. Era provação sobre provação. Por dez anos, até o fim da Segunda Guerra Mundial, nossos irmãos trabalharam clandestinamente. Durante esse terrível tempo de angústia, muitos de nossos irmãos tiveram de enfrentar prisão e até morte.

A provação veio também sobre a Igreja ASD, porém eles encontraram solução fácil que nosso povo não pôde endossar.

Em circular datada de 3 de junho de 1936, por exemplo, E. Gugel, presidente de uma associação, enviou aos membros da igreja as seguintes instruções:

"Para ser lido em voz alta em todas as igrejas no Sábado 6 de junho:

"Prezados irmãos e irmãs em Cristo, em 18 de maio de 1936, as autoridades do Governo expediram decreto do qual apresentamos um trecho:

" 'O Ministro da Ciência, Educação e Instrução Nacional julga não ser mais possível manter a posição especial concedida até agora às crianças adventistas em relação ao Sábado. Em conformidade com isso, todos os regulamentos de exceção à freqüência escolar de menores adventistas aos Sábados, foram abolidos.' (Isso se refere tanto aos regulamentos de fevereiro de 1934 como aos anteriores).

"Em resposta à pergunta dirigida ao Departamento do Interior, bem como ao Departamento de Cultos Públicos, referente a fazermos nova petição, disseram-me que essa decisão era irrevogável. Devemos deixar que a Providência Divina decida se haverá num futuro próximo a possibilidade de fazermos outra petição. Faremos o possível. Considerando que, por agora, não vemos possibilidade de o regulamento ser abrandado, precisamos definir nossa atitude. Na América do Norte e na Inglaterra não há aulas em nenhuma escola aos Sábados. Portanto, essa dificuldade não existe ali. Até 1919 e 1921, respectivamente, não tivemos problemas quanto à obrigatoriedade de comparecimento às aulas no Sábado. Individualmente, irmãos nossos foram bem-sucedidos aqui e ali em obter dispensa. Alguns conseguiram isso enviando seus filhos para escolas particulares. Os mais pobres não puderam fazê-lo. Contudo, no futuro, mesmo as escolas particulares não poderão fazer exceção. Apesar disso, por 15 anos desfrutamos o privilégio que nossos irmãos e irmãs em muitos países da Europa não possuíam. Lamentavelmente, alguns entre nós não o apreciaram devidamente. Na Suíça livre as autoridades são inflexíveis nessa questão. Ainda que os pais paguem pesadas multas e de vez em quando sejam lançados na prisão, nada

obtiveram e finalmente cederam. Na Áustria, Hungria, Checoslováquia, Bulgária, etc. ... nossos irmãos e irmãs são adventistas tão bons quanto nós aqui (Deus queira!).

"Depois de termos feito tudo, realmente não creio que o Senhor considere o comparecimento de nossas crianças à escola no Sábado transgressão do quarto mandamento. Se fosse esse o caso, então teríamos de condenar todos os nossos irmãos e irmãs fora da Alemanha que, sob as leis de seu país, foram obrigados a submeter-se, o que é lamentável. Isso não devemos nem podemos fazer . ...

"Deveis entender que eu sinto pesada responsabilidade perante Deus e perante a denominação com respeito a essa difícil questão. Enviei, portanto, uma circular a todos os nossos presidentes pedindo opinião sobre o assunto, para que possam assumir essa responsabilidade comigo. A maioria respondeu que não seria sábio trazer dificuldades desnecessárias sobre a Obra tomando atitudes precipitadas por causa desse regulamento restritivo. Portanto, devemos submeter-nos à nova posição. ..."

Essa circular mostra como a fé do povo adventista foi também provada com relação ao comparecimento às escolas e à observância do Sábado. Achamos que, sob a prova, a liderança da Igreja Adventista na Alemanha deveria ter animado os crentes a cumprir os reclamos de Deus em vez de sucumbir às exigências antibíblicas do Estado. Nesse ponto, a luz por nós recebida através Espírito de Profecia diz:

"Nossos irmãos não podem esperar a aprovação de Deus enquanto põem seus filhos onde lhes seja impossível obedecer ao quarto mandamento. Devem esforçar-se para fazer com as autoridades arranjos pelos quais as crianças sejam dispensadas das aulas no sétimo dia. Falhando isso, é evidente o seu dever — obedecer aos mandamentos de Deus, custe o que custar." —*Historical Sketches of the Foreign Missions of the SDA* (Esboços Históricos das Missões Estrangeiras dos Adventistas do Sétimo Dia), pág. 216.

Quando a opressão religiosa na Alemanha alcançou o clímax, Deus interveio em favor de Seu povo. Após quase dez anos de proscrição e perseguição, nossos irmãos alemães ficaram gratos a Deus pelo fim da oposição em 1945 e pelo fato de poderem de novo respirar livremente e reunir-se em paz. Suas primeiras reuniões distritais, após a Segunda Guerra Mundial, foram realizadas em Solingen (14-15 de setembro de 1945) e em Esslingen (26-28 de outubro de 1945). No periódico *Der Adventruf* (O Chamado do Advento) de dezembro de 1946, primeira edição, relataram:

"Durante a guerra as experiências dos irmãos, de acordo com os seus testemunhos, mostram que o Senhor guiou Seu povo de maneira maravilhosa através de tempos trabalhosos. Tribulação, encarceramento e perseguição aproximaram os irmãos ainda mais uns dos outros. Louvamos nosso Senhor e Salvador por esse grande auxílio. ...

"Dez anos de opressão e perseguição ficaram para trás. O Senhor não consentiu em que Seu povo fosse aniquilado. ... Muitos irmãos perderam a vida por causa de sua fé: irmãos Hanselmann, Schmidt, Zrenner, Brugger, Blasi e muitos outros dos quais não fomos informados. Sabemos apenas que permaneceram fiéis até a morte. Muitos, irmãos e irmãs, jovens e velhos, tiveram de sofrer em campos de concentração, prisões e penitenciárias, onde padeceram torturas em mãos de carrascos."

Que terrível dia será aquele em que os homens forem chamados a prestar contas do sangue inocente que derramaram!

Narraremos a seguir algumas experiências individuais que mostram quanto nossos irmãos tiveram de sofrer, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial:

Gheorghe Panaitescu

O irmão Panaitescu trabalhava na Alemanha quando Hitler subiu ao poder em 1933. Contou-nos o que aconteceu a ele e a outros, de 1933 a 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial.

Sendo obreiro bíblico, era seu dever visitar nossas igrejas, grupos e membros isolados, com o presidente do Campo Setentrional, irmão Joseph Adamczak. Oficialmente não podiam ser missionários. Por isso viajavam como representantes de uma casa de sementes, vendendo também mudas de árvores frutíferas, hortaliças, flores, etc. Não conseguiram, porém, trabalhar por muito tempo dessa forma, pois foram delatados. Tiveram problemas sérios com as autoridades quando estas descobriram que o real propósito das viagens deles era fazer trabalho missionário em favor da igreja proscrita.

Embora nossos cultos fossem proibidos, os irmãos, de duas ou três famílias, reuniam-se aos Sábados em casas particulares. Certo Sábado tiveram excepcionalmente uma reunião maior. Quase 35 membros se congregaram na casa do irmão Adamczak, em Hannover, para celebrar a Ceia do Senhor e receber na comunhão um irmão recém-batizado. Tiveram naquele dia uma experiência que nos lembra a de Paulo, muitas vezes em perigo entre falsos irmãos. Foram delatados por uma irmã "fraca" na fé. Em resultado, todos os

que se encontravam na reunião — dois ministros, o tesoureiro da União, vários obreiros, colportores e leigos — foram intimados a comparecer em juízo, em 9 de janeiro de 1937. Todos foram julgados e condenados à prisão: os ministros e o tesoureiro da União por um ano, os obreiros bíblicos e os colportores por seis meses, e leigos, inclusive a irmã Panaitescu, por dois meses.

Nessa época o irmão Panaitescu fugiu para a Suíça e, dali, emigrou com a família para a Argentina, onde passou a desfrutar liberdade religiosa.

Johann Georg Hanselmann

O irmão Hanselmann foi um de nossos líderes fiéis. Como delegado pela Alemanha, compareceu a todas as nossas assembléias da Conferência Geral realizadas antes de ser preso e morrer.

O Movimento de Reforma na Alemanha foi declarado ilegal em abril de 1936. Sendo assim, só havia uma possibilidade de nossos irmãos estarem em harmonia com a vontade de Deus: trabalhar clandestinamente e suportar as conseqüências. Por agir assim, o irmão Hanselmann, líder do nosso Campo Alemão Oriental, foi preso em setembro de 1936.

Em 27 de janeiro de 1937, a polícia secreta do Estado expediu o seguinte comunicado a respeito do irmão Hanselmann:

"Em relação às medidas de proibição tomadas contra líderes, ministros e colportores da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma, o atual líder da Alemanha Oriental, Johannes Hanselmann, ... foi ... detido para investigação. ..."

Logo depois, foi expedido mandado de prisão em 23 de março de 1937, sob as seguintes acusações:

"Ele (Johann Hanselmann) dirigiu o carro através da Saxônia, Brandenburg, Pomerânia, Silésia e Prússia Oriental. Visitou os seguidores dessa seita, realizou estudos bíblicos, celebrou a Ceia do Senhor de acordo com o rito dessa seita proibida e recebeu dinheiro que havia sido arrecadado.

"O acusado diz também que, por princípio religioso, evita discussões seculares, e em todas as ocasiões dá livre testemunho da Palavra de Deus, conforme escrito na Bíblia."

Por esses "crimes" foi julgado e ficou preso até 2 de outubro de 1937.

Logo depois, foi preso novamente, julgado em Halle / Saale, acusado e sentenciado a dois anos de prisão, pelas seguintes "razões":

"O acusado foi anteriormente ministro da seita dos 'Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma', proibida em todo o país em 29 de abril de 1936 por decreto do principal assessor da polícia secreta. A referida seita, com sede em Isernhagen, separou-se da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a grande, em 1914, porque os adventistas, contrariamente a seus princípios de fé, permitiram a seus seguidores prestar serviço militar. Os reformistas entendiam que os adventistas não tinham autoridade para dar essa permissão aos membros. O contraste entre adventistas e reformistas aumentou depois da revolução nacional. Enquanto os seguidores da Igreja Adventista do Sétimo Dia se resguardavam, sem exceção, em sujeição ao governo nacional-socialista, faziam a saudação germânica, matriculavam os filhos em organizações nazistas e prestavam serviço militar, os adeptos do Movimento de Reforma mantiveram os antigos princípios de fé. Sob o disfarce de movimento religioso, pretendem alcançar objetivos contrários à cosmovisão do socialismo nacional. Recusam-se, portanto, a servir no exército, não adotam a saudação germânica, não apóiam as organizações nazistas, tais como NSV, RLB e WHM. São internacionalmente assim orientados, pois não reconhecem pátria e consideram todos os seres humanos irmãos.

"Os reformistas adotam o ponto de vista de que só podem obedecer à lei enquanto não contradisser a Bíblia, porque para eles importa mais obedecer a Deus que aos homens."

Findos os dois anos, o ir. Hanselmann foi novamente levado ao tribunal. Na noite anterior à última audiência, não conseguiu dormir. Estava aterrorizado. Perto do amanhecer, já muito exausto, finalmente adormeceu e sonhou que precisava atravessar escuridão espessa que lhe causou grande temor. Então ouviu uma voz que dizia: "Não temas, Johann, Eu estou contigo." Depois, despertou. Todo o temor desaparecera e sentiu-se encorajado a morrer pela fé. O relógio de bolso e alguns pertences foram enviados para a esposa. Numa carta a ela, escreveu resumidamente: "O pior ainda está para vir. Estou sendo levado para o campo de concentração de Sachsenhausen."

Em maio de 1942, a irmã Hanselmann recebeu o informe oficial de que o marido havia adoecido. Contraíra disenteria e morrera no campo de concentração. Um colega da prisão, relatou posteriormente que, por haver-se recusado a trabalhar no Sábado, o pastor Hanselmann, com as mãos amarradas para trás, foi levantado e sufocado até a morte.

Gottlieb Metzner

O irmão Metzner foi testemunha atuante em favor da mensagem de reforma. Conduziu várias almas a Cristo. Entre elas, o irmão Gustav Psyrembel, amado e corajoso batalhador da fé, um dos primeiros mártires do Movimento de Reforma. Outra alma preciosa trazida por ele para a verdade foi a irmã Kiefer, cujo marido, terrivelmente irado, invadiu a casa do irmão Metzner com um machado, para matá-lo. A irmã Kiefer foi detida num Sábado. Foi lançada na prisão, e maltratada. Contudo, nada foi capaz de impedi-la de aceitar a verdade. Depois de libertada, selou a fé com o batismo. Em resultado disso, o nosso irmão tornou a sofrer: Em 1944 foi levado para o campo de concentração de Esterwegen, perto de Osnabrück. Como tivesse família grande, e também por outros fatores que foram levados em consideração, as autoridades o libertaram depois de seis meses.

Durante a ausência dele, os quatro filhos em idade escolar eram obrigados pela polícia a freqüentar a escola. A casa era investigada, e a família constantemente multada, o que acabou onerando pesadamente a escassa renda de sua pequena fazenda.

Esses métodos não desanimaram o casal, embora nosso irmão fosse muitas vezes intimado a comparecer a interrogatório judicial. Em 1939 os filhos foram tirados com violência do lar e levados para outro lugar, a fim de receberem escolaridade. O irmão Metzner foi preso pela última vez em 19 de outubro de 1944. Na polícia secreta de Breslau, apresentaram-lhe uma declaração de renúncia de sua "fé louca". Garantiram-lhe que, assim que a assinasse, os quatro filhos receberiam permissão imediata para voltarem para casa. Um policial ali presente relatou depois que o acusado havia declarado que havia muitos anos cria na Palavra de Deus, e agora via tudo cumprir-se. Percebia também o completo colapso do totalitarismo e não podia nem devia renegar a fé, nem negar a Deus. Esse foi o último testemunho que ouvimos do irmão Metzner. Como verdadeira testemunha de Cristo, permaneceu fiel até a morte na prisão. O único filho homem do casal também foi preso, e nunca mais voltou. Apenas o coração de mãe seria capaz de suportar tragédia semelhante. Somente em 1945, quando o sistema ditatorial culpado de tamanhas crueldades veio abaixo, a Sra. Metzner pôde ter de novo em sua companhia as três filhas, através da maravilhosa direção de Deus. (Resumido e adaptado do livro *And Follow Their Faith* (Imitai-lhes a Fé), págs. 7 e 8).

Gustav Psyrembel

O irmão Metzner serviu como instrumento para que um jovem de Karlsmark, distrito de Brieg, conhecesse o Movimento de Reforma. Estava surgindo o poder totalitário estatal na Alemanha e os militares exigiam que os cidadãos tomassem posição definida em defesa da pátria. Como resultado, o jovem Gustav Psyrembel, foi convocado. Fazia pouco tempo que se havia casado, quando chegou a intimação para o alistamento. Psyrembel recusou-se a cumprir o dever militar por crer no Evangelho da paz anunciado por Cristo. Declarou em termos breves e claros que se negava a participar de treinamentos de guerra por ser atitude incompatível com o espírito pregado no Sermão da Montanha. Tinha plena certeza de que todos quantos cressem no Evangelho deveriam estar unidos numa comunidade internacional, e que era sua tarefa "buscar e salvar o que se havia perdido." Portanto, ao lado dos companheiros de fé, não podia, conscientemente, concordar com a participação na guerra sanguinolenta entre nações, nem com outras coisas referentes a ela.

Foi preso, e depois de infrutíferos esforços para mudar seu modo de pensar, foi levado perante a corte marcial em Berlim. Disseram-lhe que devia prestar contas de suas ações, não diante de um concílio de igrejas, mas da corte militar. Tentaram persuadi-lo de que todo homem deve obedecer o governo. Psyrembel corajosamente testificou que o reino de Deus não é deste mundo e, portanto, os seguidores de Cristo não podem lutar por reinos da Terra. Então apresentaram-lhe uma carta longa, escrita por um ministro adventista do sétimo dia, que recomendava a defesa da pátria como dever cristão. O jovem, de pé, perante o tribunal superior de guerra, traído por ministros da Igreja Adventista que o acusavam de ter pontos de vista errôneos, declarou firmemente que não podia servir a dois senhores.

Segundo suas convicções, somente a cristandade apostatada podia estar com a Bíblia numa das mãos e a espada na outra. Toda igreja que agisse dessa maneira não tinha a eficácia da piedade, mas apenas a aparência.

Psyrembel foi condenado à morte. Numa carta cheia de pormenores à esposa, expressou pesar ao saber que um ministro adventista, em carta dirigida ao tribunal, o havia traído e apresentado sob falsa luz sua posição. Nem essa traição o desanimou. Numa cela solitária, esperou o dia da execução da sentença. Só Deus sabe que sentimentos passaram na alma desse soldado da cruz durante aqueles dias tenebrosos. Sua última carta mostra que o Espírito do Se-

nhor havia posto seus pensamentos acima de toda privação, sofrimento e necessidade. Seus olhos estavam dirigidos para cima, para além deste mundo em conflito com Deus. Ele possuía a certeza serena de que "todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão", o que se cumpriu literalmente na História em 1945, cinco anos depois de sua morte. As cidades onde ele foi prisioneiro por causa da fé, onde a corte militar o sentenciou à morte e seu sangue foi derramado, foram destruídas por um bombardeio. E nós, mais uma vez nos lembramos de que "tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Condensado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 9, 10, 13 e 14).

Eis as últimas cartas do irmão Psyrembel à sua esposa:

Berlim, NW 40, 12 de março de 1940
Querida ...
A paz do Senhor esteja contigo.

Aproveito esta oportunidade para escrever algumas linhas, porque cada dia que surge pode ser o último para mim. ... Portanto, não devemos ceder na hora da decisão. Este é o caminho certo, a verdade. Esta obra é de Deus, e Ele não permitirá que pereça. É lamentável que muitos irmãos [na tríplice mensagem] se desviem do caminho certo, abandonem o Líder e Sua bandeira, separem-se dEle, comecem a duvidar de Seu divino amor e orientação, e O entristeçam. Algum dia eles se arrependerão amargamente e reconhecerão seu erro, mas talvez seja tarde para sempre e não haja auxílio nem salvação. Não compreendem que estão traindo os que se apegam firmemente a Deus, tornando a batalha indizivelmente mais pesada. Quando um caso semelhante ao meu chega ao tribunal de guerra, [os oficiais] dizem: "Os outros [adventistas] estão plenamente convencidos de que estão cumprindo o dever sem violar a consciência e sem violar os mandamentos de Deus. Por que você não faz o mesmo?" É muito difícil em tal caso defender a verdade, explicar nossa posição para as autoridades e dizer que não podemos agir de outro modo. Fui repreendido outra vez por causa de minha "resistência ao ensino" e minha "obstinação". Esses [crentes transigentes], especialmente os ministros, têm conseguido enganar o povo. Por meio de falsas representações da verdade, eles nos descrevem como criminosos e iludidos. Não contentes em evitar conflito e fugir das dificuldades, procuram também justificar suas ações erradas mediante declarações e exemplos irrelevantes das Escrituras. Percebi isso na longa carta de sete páginas, recebida de um ministro que usou argumentos supostamente confirmados pelos Testemunhos. Porém, nada disso nos deve abalar. A verdade continua sendo verdade, e o que é correto continua sendo correto. O futuro há de revelar de que lado está a verdade. ... Na esperança de ainda nos encontrarmos, encerro esta carta. Que o Senhor esteja com você. Receba as cordialíssimas saudações e os beijos de seu extremoso marido.

Transmita as melhores saudações a todos os que sempre pensam em mim. Seu Gustav.

Berlim, NW 40, 29 de março de 1940
Querida ...
Saudações com 2 Coríntios 4:16-18

Acabei de saber que amanhã, dia 30, às 5:00 h da manhã, serei executado. Mais uma vez tive oportunidade de fortalecer-me com a Palavra do Senhor nesta última jornada. Trouxeram um Novo Testamento para eu ler. (Mas recebi comida escassa). As porções de pão que nos dão aqui são minguadas, e, em geral, tudo é muito mais estrito do que em Plötzensee. Tenho, porém, suportado tudo com alegria e paciência, pois conheço Aquele por quem faço todas essas coisas e sei que não sou o primeiro nem o único a ser contemplado com esse quinhão. Diz o Senhor: "Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos Céus." "Levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção se aproxima." Essas promessas preciosas são o que nos mantêm empenhados nesta batalha renhida, porém maravilhosa. O Senhor prometeu Sua proteção e poder, e está pronto a concedê-los a Seus filhos quando necessitarem. Tenho experimentado isso em todos esses anos de luta. O Senhor seja louvado e exaltado! É Ele que me tem mantido sadio de corpo e alma e tem-me dado Sua alegria e Seu amor em grande medida. Ele não me deixará nesta hora extrema. Não devemos entristecer-nos, mas alegrar-nos ao considerar o privilégio de sofrer e morrer por Sua causa. "Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida." Ele prometeu e, com fé neste poder e salvação, partirei desta vida na esperança, meus queridos, de que nos veremos outra vez em Seu reino, para estarmos eternamente com Aquele que nos amou até a morte. Ali viveremos na paz e felicidade imperturbáveis e inseparáveis pelas quais tanto ansiamos na Terra. Seremos como os que sonham e dificilmente compreenderemos a felicidade que será o galardão de criaturas pecadoras e indignas como nós, que merecem castigo e morte. Que precioso privilégio é saber e crer em tudo isso. Quanto a você, querida esposa, não permita jamais que esse precioso tesou-

ro lhe seja tirado das mãos. Confie no Senhor em todas as circunstâncias da vida. Ele estará ao seu lado e nunca a deixará. Supere a dor e complete a carreira. Console-se e tenha bom ânimo.

Eu não desistiria desta fé nem por todo o mundo. Aquele que ama a Cristo jamais poderá deixá-Lo. O Senhor concederá êxito a todos os Seus filhos que se empenham em guardar os Mandamentos. Será também consolo para você saber que não serei sepultado vivo. Espero que o Senhor a sustenha. Que Ele a abençoe e guarde. Que sobre você Ele ponha Sua proteção e graça, e lhe conceda a paz! Este é meu último desejo e oração. Amém!

Uma vez mais, e pela última vez, saudações sinceras de seu querido marido. Cordiais saudações à mãe e a todos os diletos irmãos e irmãs na fé, bem como a todos os parentes tanto do meu lado quanto do seu. Gustav Psyrembel. —*And Follow Their Faith*, págs. 10-13.

Anton Brugger

Informação obtida de Esther, noiva de Anton Brugger:

Batizado em Wörthersee (perto de Klagenfurt, Áustria), em 1922, Anton foi membro ativo e animado da Igreja da Reforma.

Quando eclodiu a guerra em 1939, conseguiu fugir para a Itália. Esther o encontrou certo Sábado numa reunião da Igreja Adventista de Trieste. Brugger apresentou a Esther a verdade pregada pelo Movimento de Reforma, a qual ela transmitiu a outros. Com a ajuda de Deus, foram estabelecidos grupos reformistas em Trieste e Milão.

A Itália ainda não havia entrado na guerra. O irmão Brugger foi a Gênova, e tentou embarcar num navio para os Estados Unidos. Mas não foi isso que aconteceu. Durante curta escala em Milão, onde o irmão Müller estava instruindo um grupo na mensagem de reforma, Anton foi preso pela polícia e, depois de ser mantido sob custódia por um mês, voltou para a Áustria, então sob domínio alemão.

Na Áustria, com sinistro pressentimento, por vários meses foi padeiro. Um dia o receio se tornou realidade: Foi convocado. Tendo-se recusado a prestar serviço militar, foi levado ao tribunal em Salzburg, onde foi condenado a passar dois anos num campo de concentração.

Cumprida a pena, foi novamente recrutado. Recusando-se novamente, e dando claro testemunho da verdade presente, foi levado à corte marcial em Berlim, onde foi condenado à morte como objetor de consciência. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 40 e 41).

Transcrevemos a seguir duas cartas de Anton Brugger, escritas na prisão de Brandenburg-Gört, em 3 de fevereiro de 1943:

Minha querida e estimada mãe:

Peço-lhe que, ao receber estas linhas de meu adeus, não fique abatida, mas que seja forte e tenha bom ânimo. Recebi sua última carta amável, a qual me trouxe grande conforto. Seus esforços bem-intencionados em favor de liberdade condicional provavelmente serão inúteis. Ainda que obtivesse resultado, seria tarde demais, porque hoje é meu último dia. Sim, a situação realmente se tornou séria. Às 6h00 horas desta tarde minha sentença será executada. Ah!, querida mãe, meu coração sofre muito pela senhora, que ainda terá de passar esse terrível pesar. Embora eu deseje poupar-lhe tudo isso, não posso agir de outro modo. Tenho de obedecer a consciência. Desejaria muito fazer feliz seu coração maternal, fiel, nos dias da sua velhice, embelezar e tranqüilizar a sua vida. Mas já que este foi o decreto, não nos entristeçamos. Recebamos pacientemente das mãos de Deus esse fardo. Como sempre passando necessidade, não nos foi concedido permanecer juntos por muito tempo nesta vida. Por isso, querida mãe, conforte-se na bem-aventurada esperança de que algum dia estaremos juntos para sempre com o Senhor. Essa certeza e esperança é meu maior conforto e força nesta hora de severa provação. Sei que meu misericordioso e benevolente Senhor e Salvador Jesus Cristo, o fiel Deus que me redimiu e que tem estado conosco até agora, também me concederá força e poder para a derradeira e dolorosa caminhada. Peço-lhe encarecidamente: não se desespere. Confie no Senhor. Ele será seu conforto e auxílio. Não a abandonará. Faça tudo quanto puder para servi-Lo, a fim de que possamos ver-nos outra vez.

Peço-lhe que faça esforços especiais para lançar fora o ressentimento contra quem quer que a tenha ofendido. Refiro-me especificamente aos parentes de Saalfelden. Perdoe-lhes de todo o coração e esqueça todo o mal que fizeram. Lembre-se do que disse o Salvador. Se não lhes perdoar as ofensas, não será perdoada. Deus nos trata como nós tratamos os semelhantes.

Peça a Deus que sempre lhe conceda força para vencer, e não desfaleça na luta contra o pecado. Então o Senhor lhe dará vitória. Tenha sempre em mente que tudo está em jogo, mesmo a vida eterna, a qual só podemos obter se vencermos a nós mesmos e seguirmos o Salvador em Sua mansidão e humildade. Minha última súplica ao Senhor: que a senhora seja salva para o presente e para a eternidade. Espero que tenha recebido também minhas cartas anteriores.

Tenho mais um pedido: Quero ser sepultado no cemitério municipal de Salzburg. Quando eu estiver lá, a senhora poderá visitar

de vez em quando o meu jazigo. Para isso, precisará enviar uma petição ao departamento da polícia distrital de Brandenburg-Havel, para que enviem para Salzburg a urna de seu filho que morreu em 3 de fevereiro de 1943, na prisão de Brandenburg. Então a urna será enviada ao departamento da polícia de Salzburg com o débito das despesas, que serão pequenas. Só depois disso será permitido o funeral. Vá aos queridos Bliebergers e deixe que tomem informações na polícia de Salzburg. Façam todos os preparativos e realizem o último serviço de amor por mim. Que o Senhor abençoe grandemente a eles e a seus filhos!

Saúdo também a todos os queridos de toda parte. Que o Senhor os abençoe e guarde! Com o profundo amor de filho, saúdo-a na esperança de vê-la outra vez e a todos os nossos queridos na presença do Senhor. Beija-a o seu Anton. —*And Follow Their Faith*, págs. 48 e 49.

Minha amada Esther, estimado tesouro:

Lamentavelmente não foi possível ver-nos novamente. Ah, como desejei mais uma vez contemplar o seu lindo rosto e dirigir-lhe algumas palavras. Guardo sempre comigo sua bela fotografia. Na contracapa da minha Bíblia o seu retrato está diante de mim. Agora tome a Bíblia como lembrança minha. Espero tenha recebido minha última carta. Quando for ter com minha mãe, ela entregará estas cartas a você.

Nunca nos passou pela mente que nosso encontro em Niederroden seria o último. Eu sempre tive pressentimento de que grave e severa provação estava reservada para mim. Se não lhe disse nada, foi para não amedrontá-la. O que eu há muito receava e esperava acontecer tornou-se agora realidade. Ah!, quão alegremente eu desejaria viver para trabalhar e beneficiar os outros. Como seria bom trabalhar com você na prática do bem. Não poderia haver para mim felicidade mais completa do que essa.

Angustio-me só em pensar na tristeza de minha querida e boa mãe. Peço-lhe encarecidamente que cuide dela e a conforte. Ah!, eu sei que a você, igualmente, querida Esther, golpearei severamente. Não desfaleça, porém. Antes, console-se no Senhor. Devemos receber com paciência das mãos dEle esse triste fim. Ele sabe o motivo por que nos permitiu sobreviesse tudo isso. Não há outro caminho a escolher. Não é possível, de acordo com a minha fé, tomar parte na guerra. Eu poderia ficar livre se apenas me submetesse a obedecer sem reservas a todas as ordens do governo, mas isso não posso fazer sem conflito com a consciência. Prefiro, portanto, sofrer o castigo da morte, marcada para hoje, 3 de fevereiro de 1943, às 6 horas da tarde. Embora seja penoso, o Senhor terá misericórdia de mim e me ajudará até o fim. Já que o desejo de nosso coração de estar unidos na Terra tornou-se agora impossível por essa realidade triste, devemos confortar-nos com a preciosa esperança de rever-nos no Senhor. Confio na graça e na misericórdia do Salvador, que Ele me aceitará e graciosamente perdoará os meus pecados. Seja também fiel ao Senhor Jesus. Ame-O e sirva-O com todas as forças. Não se assombre, antes, conforte-se. Depois da vinda do Senhor ninguém poderá mais nos separar, nem a dor poderá nos acometer.

Saudações de minha parte a todos os queridos. Meu coração tem estado sempre com eles. Transmita especialmente recordações minhas a seus queridos pais e dileto irmão. ...

Eu ficaria contente em ser sepultado na terra, mas todos os executados aqui passam pelo crematório. Já solicitei à minha mãe que peça permissão para sepultar a urna com minhas cinzas em Salzburg, pois esse é o melhor lugar. Espero não ter vivido em vão.

Agora, querida, amada minha, que o Senhor abençoe a você e aos seus queridos, e a proteja e ajude misericordiosamente para que possamos ver-nos outra vez para sempre ao lado dEle em Seu glorioso reino de paz. Amo você com ternura até o fim. Adeus, querida, Auf Wiedersehen! O seu Anton. —*And Follow Their Faith*, págs. 49-51.

Arnold Seelbach

Certo dia em 1938, o irmão Seelbach, recém-liberto da prisão, caminhava meditando para a estação do trem. Fazendo uma revisão de tudo quanto havia passado, parecia-lhe sonho estar de novo em liberdade. Quantas vezes fora no campo de concentração posto junto à parede para ser fuzilado! Diariamente a vida estava em perigo. Uma vez quiseram enterrá-lo vivo, contou ele. Além disso, não fazia muito, havia sido trancado numa cela gelada, tão escura que não podia ver as mãos diante dos olhos. Sobreviveu pela graça de Deus, apenas com uma porção de pão seco e água. Quão grande a alegria quando, no nono dia, o ferrolho foi corrido e a porta aberta. O acontecimento, porém, não durou muito. Ao sair da cela horrível, que sentimento apoderou-se dele ao ver 300 prisioneiros alinhados e 350 homens da SS, Schutzstafel, guarda de elite dos nazistas, armados, junto ao portão! O comandante, de pé no meio do pátio, chamou-o pelo nome. Puseram-no sobre a mesa de tortura. Amarraram-no fortemente de pés e mãos, e a ordem do comandante teve de ser cum-

prida. Dois homens da SS, brandindo chicotes de açoitar cavalo, golpearam-no 15 vezes nas nádegas e nas costas até deixá-lo quase sem vida. Enquanto se contorcia de indescritível dor, eles o lançaram novamente na cela horrível. Sozinho, sem apoio humano, permaneceu ali sobre o pavimento frio de pedra. Nenhuma palavra de conforto lhe foi dita. Os homens da SS lhe entregaram uma corda com o lembrete de que jamais sairia vivo daquela masmorra. Permaneceu na cela escura por 21 dias.

O sofrimento parecia haver acabado. Assim pensava. Estava livre de novo. À distância, contemplava a estação ferroviária. Seria sonho? Beliscava a mão e o rosto para se certificar de que não estava dormindo. Não, não era sonho. Era realidade. Às 2 horas da madrugada chegou a casa. Reunião de família! Que alegria!

Triste é dizer, a alegria não durou. O laço de família mais uma vez foi quebrado. No dia 2 de novembro de 1938, o irmão Seelbach teve de apresentar-se novamente para cumprir exigência governamental contrária à sua convicção. Havia apenas uma coisa a fazer: permanecer leal a Deus, custasse o que custasse.

Em 24 de outubro ele deu adeus a tudo quanto lhe era mais querido. Ah! quão difícil foi, conforme conta, especialmente quando apertou a mão trêmula do pai e da mãe pela última vez. Viu seus lábios se moverem e, embora não tenha ouvido nenhum som, compreendeu o que desejavam dizer. Uma vez mais acenou à distância para o lar. Quando o veria de novo? pensou.

Obscuro e incerto era o futuro. Após longa jornada, chegou à fronteira de Luxemburgo. À frente estava o rio Sauer. Às 11h30m da noite pôs os pés na água gelada. As rochas eram muito escorregadias. A corrente era tão forte que sentiu não seria capaz de suster-se. A bagagem que levava ficou encharcada, mas ele sentiu-se feliz em poder alcançar a outra margem. Em seguida, agradeceu ao Pai celestial, que o havia ajudado a cruzar a fronteira para Luxemburgo. No dia seguinte passou, outra vez ilegalmente, para a fronteira da França. Que sensação de temor lhe sobreveio quando viu um oficial da polícia dirigindo-se para ele. Clamou a Deus por auxílio. E que sucedeu? O policial virou-se e seguiu para outra direção.

Na França o irmão Seelbach experimentou realmente a promessa de Mateus 19:29: "E todo o que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe ... por amor do Meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." Sim, ali foi recebido de maneira tão cordial que não conseguia ser grato a Deus o tanto quanto a alma pedia.

O Diabo, porém, não queria que gozasse paz e alegria. Onde quer que se estabelecesse, alguém o delatava. Mas o Senhor o ajudava de tal maneira que, poucas horas antes de a polícia chegar, ele estava num lugar diferente.

Finalmente, foi obrigado a deixar a França e fugir para a Holanda, em maio de 1939, passando por Luxemburgo e Bélgica.

Em 29 de dezembro de 1939, todos os refugiados alemães, e também o irmão Seelbach, foram confinados num campo de concentração. Em 14 de maio de 1940, passaram momentos terríveis quando os alemães se apoderaram desse campo com 350 judeus e 25 desertores. Imediatamente os desertores foram fuzilados. O irmão Seelbach também foi condenado à morte. Mas um milagre aconteceu. O Deus onipotente possibilitou-lhe a fuga.

Depois de escapar do campo de Hoek, na Holanda, em 18 de maio de 1940, ficou escondido em casas de irmãos da fé. Entretanto, o Diabo, não estava contente. Novamente uma traição. Enviaram um bilhete anônimo à polícia. Outra vez Seelbach foi caçado como fera. Assim continuou mês após mês, muitas vezes obrigado a esconder-se por dias e noites em florestas e cavernas sob frio rigoroso.

Quando as tropas inglesas lutavam para libertar a Bélgica em setembro de 1944, a tempestade desencadeou mais violentamente sobre a Holanda. Por toda parte os homens da SS rastreavam a região à procura de vítimas para abater. A fim de não cair nas mãos desses algozes, no derradeiro minuto, através da linha de fogo, nosso irmão escapou para a Bélgica em 14 de setembro de 1944. Então, contra sua expectativa, foi detido pelos ingleses. Mas o Senhor o confortou com João 13:7: "O que Eu faço, tu não o sabes agora; mas depois o entenderás." Embora a princípio ficasse triste, depois de todas essas lutas, alegrou-se, pois lhe foi permitido ser testemunha de Cristo. Com freqüência conseguia proclamar a mensagem de Deus para estes últimos dias para 300 ou 400 homens. Certa vez o auditório chegou a mais de mil pessoas quando falou sobre o tema "Que nos trará o futuro?" Muitos, chorando, levantaram as mãos, prometendo a Deus aceitar a verdade. Três começaram a guardar o Sábado quando nosso irmão ainda se encontrava ali.

No campo de internamento, o irmão Seelbach encontrou também um conhecido ministro da denominação Adventista, que, sendo soldado de Hitler, ali estava como prisioneiro de guerra. Ele cria na vitória final do "Führer", mas então decepcionado, tinha vergonha de si mesmo.

Após 15 meses de internamento, o irmão Seelbach foi convocado para uma audiência. O Diabo insistia em trabalhar contra ele, pois o oficial encarregado, que tinha autoridade para libertá-lo, não queria examinar as evidências de sua inocência. Em vista da situação, a igreja começou a orar fervorosamente em favor desse irmão. Ele também passou uma noite inteira lutando com Deus em oração. Na manhã seguinte, foi mais uma vez convocado para audiência. Cheio de fé, recorreu ao Pai celestial e suplicou ajuda. Que aconteceu? Sem dizer palavra, libertaram-no. O irmão Seelbach encerrou seu relato exclamando: "Bendito seja por toda a eternidade o nome de Jesus de Nazaré!".

Alfred Münch

Certo dia, numa campanha de colportagem, o irmão Hans Fleschutz vendeu o livro *Auf Gottes Wegen* (Nos Caminhos de Deus) a uma senhora idosa de Hassloch. Quando soube que ele era adventista, perguntou se conhecia o irmão Münch. O colportor respondeu que conhecia a esposa e os filhos dele. Ela então quis saber onde Münch se encontrava. Fleschutz contou que o irmão Münch houvera sido mártir por sua fé num campo de concentração. Ao ouvir isso, lágrimas surgiram-lhe nos olhos. Trinta anos antes o irmão Münch ministrara uma série de estudos bíblicos àquela senhora. Enquanto o irmão Fleschutz descia a rua, continuou pensando no irmão Münch, que muitos anos antes trabalhara naquela mesma rua, visitando casa após casa, e agradeceu a Deus porque tinha dado a esse querido irmão força para perseverar até a morte.

Transcrevemos a seguir uma carta da irmã Münch, de 4 de outubro de 1964, relatando o que ela e o marido sofreram sob o regime totalitário:

> Meus prezados irmãos e irmãs no Senhor!
> Paz seja com todos!
>
> Passo a relatar minha experiência aos amados crentes que travaram o combate de boa consciência, na Alemanha, durante o regime de Hitler. Em primeiro lugar, dou honras e louvores a Deus, que tão maravilhosamente nos sustentou em todos os dias dessa ardente provação. Certamente, os irmãos ouviram muitas experiências sobre nossos irmãos encarcerados durante as duas guerras mundiais, mas desejo agora falar das experiências pelas quais nós, irmãs, tivemos de passar. Era comum, no passado, pensar que, sendo mulheres, não iríamos tão facilmente para a prisão. Eis porque o golpe nos foi duplamente severo. Tornou-se mais severo ainda quando, em momento crítico, irmãos apostataram e, ao renunciarem a fé, tornaram nossa carga bem mais pesada.
>
> Em nossa vila havia uma mulher interessada na verdade, que nos visitava com freqüência, cujo marido era membro da SA (Sturmabteilung). Ele ficou tão furioso com essa visitação que denunciou o caso ao partido. Meu marido logo foi preso e levado embora, enquanto meus filhos, que tinham então dez e cinco anos, ficaram chorando de maneira tão sentida que quase partiu o meu coração. Durante quase duas semanas mal pudemos comer. A Gestapo mandou que eu fornecesse os endereços de todos os irmãos. Como eu me recusasse a colaborar, deixaram-me este recado: "Ficaremos com seu marido até que nos forneça os endereços." Isso aconteceu em novembro de 1936. Em 19 de abril de 1937, fomos julgados no tribunal especial em Mannheim. Éramos 15. Todos fomos condenados. O líder de nossa igreja e meu marido receberam a pena mais longa: sete meses. ...
>
> Nosso castigo foi a cela solitária. A guarda do Sábado e o alimento servido na prisão causaram nova luta. Não tendo trabalhado nove Sábados durante os dois meses que ali passou, meu marido ficou 26 dias em confinamento. Recebeu apenas pão e água e foi deixado numa cela mais escura com apenas um banco de madeira para dormir.
>
> Para as irmãs, eles abrandaram as circunstâncias. Por eu não trabalhar no Sábado, recebi dois dias de confinamento numa cela mais escura. Tiraram de mim o avental, sapatos, grampo de cabelo, etc. Queriam, assim, evitar possíveis tentativas de suicídio. Isso foi no Sábado e no domingo. Agora, meus queridos irmãos e irmãs, como pensam que eu me sentia? Maravilhosamente bem! A gente se acostuma a tudo. Como não fosse permitido cantar em voz alta, eu cantava baixinho: "Tenho paz em meu coração, e isso me faz feliz", e outro cântico: "Rompendo laços com todas as coisas terrenas e enchendo-me das coisas eternas, encontro aqui a bendita paz que satisfaz o anseio da alma." As lutas por que passei, apesar de cruéis e severas, foram maravilhosas. Era difícil resistir o poder das autoridades. Porém, por nada eu perderia essas experiências. Quando fui presa pela primeira vez, a supervisora xingou-me terrivelmente ao descobrir que eu pertencia aos adventistas. Disse-me que no Sábado havia trabalho a fazer, e que eu tinha de obedecer ou nunca mais voltaria para casa. Fiquei tão deprimida que palidez mortal tomou conta de mim. Fui dominada pelas lágrimas. Então

ela disse: "Mais duas de vocês estão aqui, e são as melhores pessoas da prisão". Então o Sol voltou a brilhar e meu coração se alegrou. Permaneci decidida, dizendo calmamente para mim: Eu também pertenço a esses crentes. Ela não me verá desistir do Sábado.

Semanas depois, diante da minha firmeza, a supervisora disse:

— Vocês são verdadeiros comunistas!

Respondi:

— Senhorita Böhler, desde quando os comunistas crêem em Deus?

Saiu sem responder. Desde então, nem ela nem mais ninguém me perturbou. Só aos Sábados vinha para me tirar da cela. Terminando a minha pena, embora em circunstâncias difíceis, sob vigilância policial, meu marido e eu pudemos estar juntos outra vez.

A luta recomeçou quando, no início de 1939, ele recebeu convocação para o serviço militar. Embora tenha recebido seis ordens para comparecer, ele as ignorou. Em março de 1940 foi preso novamente. A alegação foi: não respondia à saudação nazista. Depois de passar dois meses na prisão aguardando julgamento, foi levado ao campo de concentração de Dachau. Suportou tudo heroicamente. Às vezes escrevia para mim, e eu podia ler nas entrelinhas qual era o seu estado. Se escrevia, por exemplo, "espero que passe logo a severidade do inverno", eu sabia o que essas palavras queriam dizer. De Dachau ele foi transferido para o campo de concentração de Neuengamme, perto de Hamburgo. Dali escreveu cartas cheias de alegria no Senhor, pois sempre esperava reencontrar seus entes queridos. Em toda carta a principal preocupação era com os filhos. Recebi a última correspondência dele no fim de fevereiro de 1945, pouco antes de os norte-americanos marcharem contra Mannheim. Nossa esperança e a dele, de estarmos juntos, acabou quando não vieram as notícias que esperávamos. Nunca recebi informe oficial. Em 1948 fiquei sabendo, por meio de um homem que supostamente estivera com ele até o fim, que morrera de inanição. A eternidade revelará. Que o Senhor me dê forças para suportar até o fim e então experimentar a bendita promessa de 1 Tessalonicenses 4:16-18. ...

Saúdo a todos cordialmente como co-peregrina em demanda de Sião. Irmã A. Münch, Mannheim. —*And Follow Their Faith*, págs. 34-36.

A irmã Münch, que dormiu no Senhor em novembro de 1965, escreveu em sua última carta: "Deponho tudo nas mãos do grande Médico. O caminho no qual Ele nos conduz é bom. Agradeço a Ele somente, pois me tem conduzido maravilhosamente e tem cuidado de mim. Estou certa de que Ele continuará a fazer isso até o fim de

minha vida. Que Deus vos abençoe! Esse é o desejo de vossa sempre agradecida irmã Muench, que vos ama." (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 37).

Leander Zrenner

Do *Noticiário Vespertino de Munique*, de 25 de abril de 1955:

"Dezesseis anos atrás o pai de Zrenner foi executado como objetor de consciência. O filho também jamais pegará em arma de fogo!

" 'Causa da morte: Execução'. É o que está escrito no atestado de óbito do pai, que o objetor de consciência de 19 anos de idade, Werner Zrenner, recebeu. No verão de 1941, um tribunal militar condenou o pai à morte por sua recusa em prestar serviço militar. Em 9 de agosto, o assistente e soldado Leander Zrenner caiu diante de uma rajada de balas em Brandenburg / Havel. O homem, profundamente religioso, pagou com a vida sua convicção contrária ao serviço militar. Adventista devoto, declarou que nunca apontaria armas contra alguém.

"Ontem, 24 de abril de 1955, dezesseis anos depois, o filho de Zrenner compareceu à Comissão Examinadora dos Objetores de Consciência no Departamento de Serviço Seletivo, Munique 1. A exemplo do pai, ele também se recusou a portar armas. Jamais será obrigado a fazer isso. A Comissão o declarou objetor de consciência. 'A vida humana é intocável; portanto não posso conscientemente matar pessoas inocentes', declarou Werner Zrenner diante dos membros da Comissão Examinadora. 'É provável que eu tenha de suportar as conseqüências que meu pai sofreu 16 anos antes.'

"Além da mãe, três pessoas testemunharam em favor do jovem. Declararam com unanimidade que Zrenner, antes de entrar em vigor o alistamento geral, se expressara contra o porte de armas. O presidente da Comissão Examinadora, advogado Friedl Fertig, disse ontem: 'A morte violenta do pai foi a razão das conclusões do rapaz acerca dos prós e contras do dever militar.' Os membros da Comissão reconheceram a opinião de Zrenner baseada em suas convicções de consciência." —*And Follow Their Faith*, págs. 37 e 38.

Como a liberdade religiosa, o mais importante de todos os direitos humanos, foi instituída na Alemanha Ocidental após o fim da Segunda Guerra Mundial, Werner não teve a mesma condenação do pai.

Maria Maritschnig

Viúva de um alfaiate. Morto o marido, a oficina passou a ser administrada pelo irmão Ranacher. No lar da irmã Maritschnig, esse ir-

mão conheceu a verdade pregada pela Reforma, a qual aceitou de todo o coração. Sob instigação dos parentes dele, as autoridades acusaram a irmã Maritschnig de o ter induzido a aceitar a fé. Ela foi levada ao tribunal. Durante o julgamento, foi tratada com tanta aspereza que desmaiou e teve de ser carregada para fora da sala. Certos de que ela tivesse sido levada para o hospital, os crentes foram para lá. Equivocaram-se. Chegou a notícia de que havia sido transferida para Munique. Depois de torturas cruéis, foi levada para o infame campo de concentração de Auschwitz, onde faleceu. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, págs. 38 e 39).

Dr. Alfred Zeyhs

Esse irmão foi lançado na prisão e, espancado, teve graves hematomas. Recusou-se a violar a Lei de Deus. Por permanecer inflexível em sua posição, foi transferido para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde depôs a vida em 1940. A esposa e três filhos sobreviveram. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33, e de um artigo publicado na revista *Der Adventruf*, dezembro de 1946).

Willi Thaumann

O irmão Thaumann conheceu a verdade através da colportagem. Tinha uma loja de ferragens. Caráter puro e sincero, vivia à altura da verdade, sem fazer concessões. Vendo que era seu dever confessar a fé publicamente, apesar das bem-intencionadas advertências de um amigo policial, continuou fechando o comércio aos Sábados. Na porta da loja, havia uma tabuleta com o mandamento do Sábado. Por sua fidelidade ao quarto e sexto mandamentos, foi levado ao campo de concentração de Oranienburg, onde foi martirizado em 1941. (Adaptado do livro *And Follow Their Faith*, pág. 33).

Três irmãs russas

Entre os operários que foram levados à força da Rússia para a Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial, havia três jovens russas que se demonstraram heroínas da fé ao serem provadas com respeito ao quarto mandamento. "Faremos em cinco dias o trabalho que nos foi incumbido", disseram ao oficial do campo.

Realmente fizeram mais que isso. Ninguém era tão elogiado pela diligência no trabalho como aquele pequeno grupo de crentes. Satanás, porém, não estava satisfeito. Naqueles dias o lema era: "Trabalhar! Trabalhar! Trabalhar! Na guerra, temos de vencer." Os trabalhadores gritavam cheios de inveja: "Se essa gente pode ter dois dias livres, nós também exigimos os mesmos privilégios." Eles se referiam ao Sábado e domingo.

Grave crise pessoal era iminente para aquelas irmãs.

O capataz tentou apaziguar os ânimos, dizendo que elas realizavam trabalho melhor, completando as tarefas de seis dias em cinco.

— Nós também podemos fazer isso, gritaram.

Então o capataz dirigiu-se ao pequeno grupo de crentes:

— Estão vendo? Não posso fazer nada. Vocês terão de trabalhar aos Sábados também. Caso contrário, fuzilamento! Estamos em guerra, e atitude como a de vocês, é considerada sabotagem contra a nação.

Nuvens de ansiedade pairaram sobre aquelas irmãs fiéis. No Sábado seguinte o capataz ficou furioso ao surpreendê-las num estudo bíblico. Disse-lhes:

— Vocês sabem quanto as aprecio. Se dependesse de mim, seriam dispensadas no Sábado. Estimo o bom trabalho que fazem, mas vejam o tumulto entre os trabalhadores. Além disso, a impressão é de que eu protejo os judeus. Peço-lhes o favor de trabalhar.

A resposta foi:

— Não podemos pôr os mandamentos de Deus abaixo dos preceitos dos homens. Se nosso Salvador quer que morramos, estamos prontas. Ele morreu primeiro por nós.

Como não cedessem, foram castigadas. Depois tornaram a perguntar se ainda continuavam com a mesma opinião. Recusando-se a mudar de conduta, declararam firmemente que preferiam morrer a ser separadas de Cristo. Seguiu-se uma cena da Idade das Trevas: foram açoitadas impiedosamente nas costas nuas até sangrar. Quando voltaram para a cela, uma lavou as feridas da outra e louvaram a Deus que as julgou dignas de sofrerem pelo nome de Jesus.

Depois de outra semana de trabalho, nova provação, maior que a anterior. O capataz encontrou-as novamente lendo a Bíblia, conforme seu costume.

— Hoje é a última oportunidade para vocês. Não acreditam que serão fuziladas?

— Sim, sabemos. É o que prevemos. Porém, nada temos a perder deixando este mundo. Além disso, nossa consciência diz que não merecemos ser maltratadas.

As três foram alinhadas diante da metralhadora. O major começou a contagem regressiva. Vendo que as irmãs continuavam inflexíveis, sem vacilação, o major fez alto e disse: "Deixem que guardem o Sábado. Jamais vi coisa semelhante."

Depois disso, sempre que aquele homem tinha oportunidade, e não era vigiado, vinha ao culto sabático e ficava alguns instantes com as irmãs crentes. Além disso, com freqüência lhes trazia alimento extra. Elas disseram que não tinham sentimento de ódio nem vingança contra aquele homem. Ao contrário, chamaram-lhe a atenção para o amor de Deus e Suas obras maravilhosas, o plano da salvação, e a tríplice mensagem de Apocalipse 14. Só Deus sabe o que aconteceu a ele depois disso.

Muitos outros

Além desses mártires, houve muitos outros, durante a Segunda Guerra Mundial, que sofreram injustiça, perseguição e morte. Ernst Körner foi torturado até a morte no campo de concentração de Sachsenhausen em 1944. Robert Freier foi martirizado num campo de concentração em 1940. Certo irmão Hermann foi declarado morto na prisão de Breslau (1941?).Josef Blasi foi torturado até a morte no campo de concentração de Mauthausen em 1943. O irmão Ranacher foi sentenciado à morte por um tribunal militar durante a guerra. Esses também pertencem à longa lista dos heróis da fé.

Uma reportagem publicada no *Völkischer Beobachter* (Observador Popular), Áustria, deu informações adicionais sobre a perseguição cruel a que nossos irmãos foram submetidos. Diz o informe:

"Distrito de Kaernten,
"Klagenfurt, 20 de agosto de 1943
"Dez Anos Para Refletir na Penitenciária
"Adventistas no Serviço dos Oponentes
"Relatos Pessoais do *Observador Popular*

"Foram acusados perante no tribunal especial de Klagenfurt [Josef] Blasi, de 48 anos, e Maria Krall, de 48, ambos de St. Donat. Matthias Weratschik, de 37 anos, e a esposa Maria, de 28 anos, de Tiemenitz. Sob a influência da loucura adventista, os quatro recusaram-se a portar armas, citando textos da Bíblia na tentativa de levar à resistência compatriotas alistados. ... Esses queriam deixar a defesa da pátria ao cuidado do Senhor Deus. Para evitar piores calamidades, tais elementos transviados devem ao menos, durante a guerra, ser mantidos onde não possam causar dano. O tribunal especial os declarou culpados. Josef Blasi foi sentenciado a dez anos de prisão. Os outros três foram condenados apenas pelo crime de terem incorrido no parágrafo terceiro da Lei de Proteção das Defesas do Povo Alemão, porque se opuseram à lei mediante atitude antimilitarista. Assim, Maria Krall foi condenada a cinco anos. Matthias e Maria Weratschik foram condenados a dois anos na penitenciária." (Citado do livro *And Follow Their Faith,* pág. 52).

V — Após a Segunda Guerra Mundial

Nossos irmãos da Alemanha puderam realizar duas conferências em 1945, ano em que a liberdade lhes foi restaurada.

Que alegria foi para eles poderem reunir-se outra vez como irmãos e irmãs no Senhor, em liberdade, após dez anos de opressão! Somente os que são afligidos e atormentados pela tirania são capazes de avaliar a bênção da libertação. Muitos comoveram-se até às lágrimas ao ouvirem as extraordinárias experiências daqueles que haviam sofrido por causa da verdade. Eis, como exemplo, o que escreveu o irmão Hans Herbolsheimer em 7 de abril de 1947:

"Nosso misericordioso Deus teve compaixão de mim. Salvou-me da destruição. Vejo que o Senhor vindica o caso dos que sofrem sob o poder da injustiça. Louvo, portanto, o Seu nome. Todos os que me conhecem me dizem: 'É por milagre que o irmão ainda está vivo.' Sim, escapei da mão de tiranos e assassinos. Nem um fio de cabelo de minha cabeça foi chamuscado. Embora eu tenha desafiado o férreo poder do despotismo, o Senhor me salvou. Fui preso pela aterrorizante Gestapo, a polícia secreta alemã durante o regime de Hitler. Cinco vezes invadiram minha casa em 1941. Encontraram materiais que eles consideravam importantes. Após permanecer detido durante sete semanas para averiguação, fui libertado. Internaram-me, por três meses numa clínica para doentes mentais em Winnenden. Ali também a proteção de Deus esteve sobre mim. Não me fizeram nenhum mal. Muitas vezes fui detido e preso por três, cinco, dez ou quinze dias, mas, torno a dizer, o Senhor salvou minha vida. Se O temermos, o Senhor não nos tratará de acordo com nossas más ações, mas de acordo com Sua misericórdia. Ele disse: 'Minha é a vingança e a recompensa.' Por essa razão, muitos dos nossos perseguidores estão agora sendo perseguidos."

As primeiras duas conferências logo após a guerra

A. Müller, presidente da CG, que se havia refugiado na Suíça, voltou para o convívio dos irmãos da Alemanha. Eis seu relato:

"Em primeiro lugar, visitei os irmãos do sul do país. Foi grande a alegria vê-los novamente após longo tempo de opressão. Pela graça de nosso misericordioso Deus, os irmãos permaneceram firmes

nesta santa e gloriosa verdade que Ele nos deu. O Senhor permitiu que passassem por experiências dolorosas. Mas o amor pela verdade triunfou sobre prisões e campos de concentração. Muitos porta-estandartes morreram como mártires durante os horrores da perseguição. Deixaram, porém, testemunho vivo, que continua falando aos sobreviventes. O sangue dos mártires é a semente do Evangelho.

"A primeira reunião oficial a que compareci foi da Comissão da União Alemã, na casa do irmão Johann Frick, em Mannheim. Além dos membros da comissão, muitos outros irmãos estavam presentes. Sob as difíceis circunstâncias do pós-guerra, alguém diria que seria praticamente impossível realizar reuniões, mas o Senhor, em Sua misericórdia, permitiu congregarmo-nos.

"A liderança da União Alemã acha-se nas mãos do irmão Joseph Adamczak. A obra de publicações e a tesouraria estão sob a responsabilidade do irmão Otto Luft. Ambos estiveram na mesma prisão, e por algum tempo, na mesma cela. Ali receberam permissão para ler *O Grande Conflito*. Sofreram e agora que estão livres, trabalham juntos.

"Temos grande alvo para a Obra na Alemanha: promover o trabalho que Cristo comissionou a Seus seguidores, edificar o reino de Deus e educar principalmente os nossos jovens na verdade. Com esse propósito, vamos organizar um seminário de longa duração (vários meses).*

"Durante as reuniões de Sábado sentimos a presença do Espírito de Deus conosco. Houve muita alegria entre os irmãos que vieram de perto e de longe. A reunião de experiências e ações de graças trouxe conforto a todos. Ouvimos muitos relatos maravilhosos. Os irmãos que sofreram sob a tirania comprovaram que Deus existe e está presente com Seu povo tanto na paz, como em tempos de perseguição. Mais da metade dos presentes à reunião haviam passado semanas, meses e até anos na prisão. Ouvimos também sobre os que perderam a vida nos campos de concentração.

"Em 15 de setembro de 1945, tivemos uma conferência distrital em Solingen. Durante os tempos de provação, a sede da União Alemã era na casa do irmão Gustavo Birth. A conferência trouxe muita alegria a todos.

"Foi realizada outra conferência em Esslingen em 26-28 de outubro de 1945, perto de Stuttgart. Essa foi a primeira assembléia organizadora da União depois da guerra. Nessa ocasião, a União Alemã foi reorganizada. Tivemos maior número de participantes do que nas conferências de Mannheim e de Solingen. Outra vez, muitos irmãos e irmãs, jovens e velhos, que haviam sofrido em prisões e campos de concentração, contaram suas experiências. Quando a tribulação acaba, há alegria. Isso é o que todos sentimos. Continuamos agradecendo ao Senhor a alegria do livramento.

"Sobre as novas condições prevalecentes na Alemanha, podemos dizer que a Palavra do Senhor se cumpriu. 'Deus não Se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará.' Gálatas 6:7. Após doze anos de opressão, o imponente monumento da tirania e da crueldade desmoronou.

"Agora muita gente na Alemanha, especialmente a juventude, está tomando interesse na verdade. Lutaram por uma causa perdida. Muitos parecem dispostos a lutar pela causa triunfante. Vosso irmão em Cristo, A. Müller."

* Naquele tempo, as reuniões intensivas de instrução, conhecidas como seminários, duravam apenas dias ou semanas.

Outros desenvolvimentos

Na Alemanha Ocidental, logo após a restauração da liberdade religiosa, nossos irmãos retomaram a obra de publicações. *Der Adventarbeiter* (O Obreiro do Advento), que havia sido interrompido, voltou a ser publicado. Novo periódico, intitulado *Der Adventruf* (O Chamado do Advento), começou a ser editado, bem como o *Jugend-Reformer* (A Juventude Reformista). Foram preparadas publicações para a colportagem.

Em 1947, a sede da União e o departamento de publicações, foram estabelecidos em Esslingen. Já havia sido reativada a colportagem sob a liderança do irmão Wilhelm Frick. Naqueles dias, quando o povo ainda estava atemorizado pela violenta tempestade política que havia acabado de passar, houve interesse em religião, e os colportores distribuíram muita literatura.

O prédio da sede da União era grande e acomodava também uma pequena escola missionária, que iniciou atividade em 1 de maio de 1947. Eram quatro professores, e 21 estudantes. Muitos foram posteriormente nomeados obreiros bíblicos. Alguns foram ordenados ao ministério.

Uma aventura arriscada

O fim da Guerra, maio de 1945, trouxe liberdade para nossos irmãos da Alemanha Ocidental, mas não para os da Alemanha Oriental. O

país estava dividido. A parte Oriental tornou-se a DDR, abreviatura de *Deutsche Demokratische Republik* (República Democrática Alemã), que, de acordo com alguns alemães, não era república, nem democracia. Era um estado comunista sob o domínio de Moscou. Nosso povo, ali, havia passado de uma forma de opressão para outra. Não havia liberdade religiosa. Muitos fugiram para o lado ocidental do país enquanto houve oportunidade. Outros, correndo grande risco, tentaram escapar depois que o detestável Muro de Berlim foi erigido, em 1961. Bruno Sobeck, nosso ministro, foi um dos que escaparam. Ele contou como Deus o ajudou a pôr-se em liberdade.

Em 8 de outubro de 1961, embarcou num trem com destino a Berlim para ver a esposa e filhos que haviam cruzado a fronteira. Não pôde aproximar-se mais deles porque a área que separava o lado oriental do ocidental era fortemente vigiada. Eram quase 300 metros. Usando binóculos, conseguiram ver um ao outro e acenaram à distância. Foi apenas esse o privilégio que tiveram. Enquanto o irmão Sobeck estava ali, marcou um lugar onde, na vez seguinte, conseguiriam aproximar-se um pouco mais. Ao voltar a Berlim, uma semana depois, não teve acesso ao lugar marcado, pois havia sido interditado. Encontrou outro lugar que lhes permitiu verem-se melhor, embora ainda separados por cerca de 80 metros.

Quando acenou despedindo-se da família, às quatro e meia da tarde, já havia decidido encontrá-los em casa, com a ajuda de Deus, no dia seguinte, às seis da manhã.

A cerca de 130 metros da fronteira, num cemitério, nosso irmão ficou observando com o binóculo. Vigiou os movimentos das sentinelas que faziam a ronda, observou a posição dos holofotes, estudou a topografia e outros detalhes: muros, ruínas, fossos, árvores, arbustos, e procurou oportunidade para escapar. Sua primeira manobra foi pular o muro de quatro metros de altura. Do outro lado encontrou bom esconderijo entre as árvores desenraizadas. Perto dali estava um guarda. Somente pela graça de Deus não foi visto. Ali permaneceu das oito da noite até às duas da madrugada, orando e aguardando uma oportunidade. A noite estava gelada. Esperava não precisar espirrar nem tossir como faziam os guardas. Deus ouviu suas orações. De igual modo, pediu ao Senhor que lhe indicasse quando e onde exatamente devia arriscar-se na premeditada fuga através da fronteira.

Às duas horas da madrugada, pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia: "Agora, vá no rumo dos escombros das casas demolidas e avance até a árvore."

Atrás do entulho era a cerca dupla de arame farpado. A distância de uma fileira de arame para a outra, era de aproximadamente 30 cm. Chegou à árvore e, arrastando-se com dificuldade, transpôs pouco a pouco a primeira cerca. Logo depois, atravessou a segunda. Não foi fácil. Em diversos pontos, o casaco ficou em farrapos, mas o irmão Sobeck estava feliz. Havia alcançado o outro lado.

Subitamente os guardas ouviram barulho. Ele não teve tempo de correr. Fez a única coisa que podia fazer. Deitou-se imóvel como um tronco rente à cerca. Com holofotes, imediatamente foi descoberto. Ele ouviu um guarda dizer: "Ali está ele", enquanto outro gritou: "Apontar armas! Prontos para atirar!" O irmão permaneceu calmo, com a paz de Deus no coração. "Levante-se!", gritou um deles. "Mãos ao alto! Apresente-se!"

Ele se levantou, mas não ergueu as mãos. Num segundo, pulou a vala e caiu de bruços no meio dos juncos. Ficou ali por alguns minutos, calado, imóvel como uma pedra.

Um reforço policial chegou imediatamente com holofotes poderosos. A constante prece do irmão Sobeck foi: "Senhor, Tu me tens ajudado até agora. Confio em que me ajudarás até o fim." O facho dos holofotes foi dirigido para além da vala, mas os soldados não conseguiram localizar o fugitivo. Finalmente, diante de esforços inúteis, desistiram da perseguição, e voltaram para seus postos. Nosso irmão tentou afastar-se da cerca, mas acabou atolando-se no pântano. Por isso ainda teve que rastejar rente à cerca até encontrar um lugar a partir do qual pudesse afastar-se sem obstáculo. Quando sentiu que estava fora de perigo, ajoelhou-se em oração e agradeceu a Deus o maravilhoso livramento.

Grupo de nossos irmãos com alguns visitantes de além-mar, na Áustria, 1951

Às cinco e meia da manhã bateu à porta da casa de sua família, surpreendendo esposa e filhos. Antes de tudo agradeceu ao Senhor o haver operado mais um milagre em favor daqueles que O temem e guardam os Seus mandamentos.

O irmão Sobeck foi de grande auxílio para a Obra na Alemanha Ocidental.

Nosso centro missionário

Em 1968 a União estabeleceu sede em Hofheim, perto de Frankfurt. No mesmo edifício foi instalada uma pequena gráfica. Nosso periódico oficial na Alemanha intitula-se *Herold der Reformation* (Arauto da Reforma).

Como acontece em outros países, também na Alemanha e Áustria temos bom número de irmãos que precisam de cuidado. A igreja sente-se responsável para com aqueles que não têm parentes de quem depender. Por isso, durante vários anos, parte das instalações de Hofheim foram usadas como casa de repouso. Ali nossas irmãs e irmãos idosos recebiam cuidados. Depois, ao tornar-se urgente a reforma do prédio, os idosos foram acomodados nos lares dos membros da igreja, que lhes abriram hospitaleiramente o coração e a porta. "Façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gálatas 6:10). Louvamos ao Senhor ao vermos que este princípio bíblico é uma realidade em nosso meio.

Uma das coisas mais notáveis acerca de nossos irmãos da Alemanha e Áustria é estarem sempre dispostos a fazer sacrifícios para prestar ajuda onde seja mais necessária e urgente. Sua boa vontade em seguir as lições de altruísmo ensinadas por Cristo (Mateus 25:40; Lucas 10:30-37) tem contribuído para o estabelecimento e sustento de novas missões na África e na Ásia.

Convenção reformista em Esslingen, Alemanha, 1967

Sede da União Alemã, em Hofheim, próximo a Frankfurt

15

Holanda

A obra de reforma na Holanda começou em 1916, quando, numa conferência em Haia, os irmãos K. J. Stiphout e L. Vermeulen protestaram contra a evidente mudança de posição da Igreja ASD para com a Lei de Deus. Como seu protesto fosse ignorado, em 1917, com um grupo, pediram exclusão.

A obra de reforma progrediu sem impedimento até dezembro de 1920, quando E. Dörschler, principal orador da conferência de Friedensau em 21-23 de julho de 1920, causou uma dissidência. Não concordava com a forma de organização que outros pioneiros tinham em mente e que, posteriormente, foi incluída nos *Princípios de Fé*, de 1925. Por isso organizou seu próprio grupo, cerca de 30 - 40 pessoas, sob a alegação de que era seu propósito estabelecer uma igreja apostólica (Atos 4:32, 34 e 35). Todos os dízimos e ofertas deveriam ser trazidos a ele. Todo o lucro dos colportores também deveria ser entregue a ele. Em troca, prometia garantir-lhes o sustento. Além disso, as propriedades deveriam ser postas no seu nome.

O irmão Dörschler era bom pregador e obreiro diligente, mas não conseguia trabalhar em harmonia com os outros, a menos que o obedecessem. Não queria dar satisfação de sua administração a nenhuma comissão nem delegação.

Em 1921, quando o irmão Otto Welp convocou uma reunião internacional de delegados em Würzburg, Alemanha, E. Dörschler fez o mesmo, convidando representantes para a sua conferência na Holanda. Não sabendo o que realmente sucedia, dois delegados da União do Danúbio foram à Holanda em vez de ir a Würzburg. Ao perguntarem onde estavam o irmão Otto Welp e os outros delegados, Dörschler respondeu-lhes que estavam em Würzburg e que não viriam para a Holanda. Então os dois irmãos vindos da Romênia tomaram o trem e dirigiram-se para Würzburg, a fim de participarem da primeira conferência internacional dos reformistas.

E. Dörschler morreu em 1936, e a maior parte do dinheiro que havia arrecadado, com tudo quanto teoricamente pertencia à "igreja", permaneceu com a família. Diante da insistência dos colportores, conseguiram reaver parte do dinheiro. Como era possível prever, mais tarde, um remanescente de seus seguidores uniu-se ao Movimento de Reforma organizado. Alguns voltaram para a Igreja Adventista. Outros foram para o mundo.

W. Richter, separado do Movimento de Reforma desde 1928, tentou assumir a direção e reorganizar o que havia sobrado do grupo de Dörschler, mas não obteve sucesso. O pouco que restou do grupo acabou em nada.

Por outro lado, a Obra oficial da Reforma na Holanda, ligada com o Movimento mundial, organizado, continuou a crescer.

Em 1946, quando A. Müller e E. Stark visitaram a Holanda, alegraram-se ao ver que nossos irmãos, ali, tinham boas relações com um grupo de adventistas independentes, que aceitavam o Espírito de Profecia. Os irmãos que pertenciam a essa igreja tinham mentalidade reformista. Depois de uma série de reuniões de comissão de ambos os lados, houve, no fim de 1946, fusão entre as duas igrejas (IASD Movimento de Reforma e IASD Reformada).

O irmão H. Mandemaker afirmou que a unificação foi, para todos, uma festa maravilhosa. O irmão A. Ringelberg, líder deles, declarou solenemente que a Igreja ASD Reformada estava dissolvida, e os irmãos Müller e Stark receberam os membros por voto, inte-

grando-os ao Movimento de Reforma dos Adventistas do Sétimo Dia. O irmão Mandemaker também veio daquela igreja. Todos ficaram profundamente comovidos quando, durante a cerimônia de integração, o irmão Müller leu Gênesis 37:16: "Estou procurando meus irmãos." Eles realmente se sentiram em casa quando se tornaram membros do movimento reformatório profetizado. O irmão Ringelberg, ex-ministro adventista do sétimo dia, foi reordenado nessa ocasião. O irmão Mandemaker foi ordenado em maio de 1947. Esses irmãos ficaram felizes, e a Obra continuou progredindo. Em 1947-1948, mais de cem almas foram acrescentadas à igreja. O irmão Mandemaker disse que as bênçãos recebidas nessa época são inesquecíveis.

Não é fácil precisar quantos membros tínhamos, então, na Holanda. Em 26 de agosto de 1949, o irmão Kozel escreveu: "Durante a conferência tivemos uma reunião pública com a presença de 250 pessoas."

Em seu relato, o irmão Mandemaker expressou seu grande desejo: "A alegria que experimentamos naquele tempo, no fim de 1946, eu gostaria de ver repetida mediante a reunificação com os irmãos separados." Esse também é nosso desejo. No devido tempo o Senhor unirá num só rebanho todos quantos pertencem a Ele.

16

Polônia e Checoslováquia

I — Início e primeiras experiências

Antes da Primeira Guerra Mundial, a Igreja Adventista ensinava que o cristão não podia obedecer à santa Lei de Deus e prestar serviço militar. Como os mandamentos de Deus estavam em questão, o porte de armas era prova de comunhão na Igreja ASD da Polônia. Mas, ao eclodir a guerra, ocorreu mudança significativa. Os líderes foram os primeiros a se comprometer com o Estado. Temendo perder a vida, consentiram em quebrar o Decálogo para satisfazer as exigências das potestades temporais. Tentaram, astuciosamente, forçar todos os membros a adotar a nova posição. Nem todos, porém, foram desencaminhados quando a causa de Deus foi traída. Para a minoria tornou-se evidente que havia algo errado na igreja. Ergueram-se para batalhar pela fé uma vez dada aos santos.

Os líderes denunciaram os fiéis perante as autoridades, como fanáticos e instigadores perigosos, cuja obra a polícia deveria reprimir. Mas os verdadeiros instigadores, eram os próprios acusadores, cuja oposição trouxe perseguição contra a minoria fiel. Os que permaneceram leais à verdade foram expulsos da igreja.

Ao tornar-se mais intenso o conflito entre a verdade e o erro, os líderes adventistas desejaram tornar sua nova posição mais clara perante as autoridades. Numa publicação intitulada *O Cristão e a Guerra,* traduzida de um folheto publicado pela Igreja Adventista na Alemanha, declararam em 1917:

"Em tudo quanto vimos dizendo, temos demonstrado que a Bíblia ensina que tomar parte na guerra não é transgressão do sexto mandamento, e prestar serviço militar no Sábado não é transgressão do quarto mandamento."

Visando a subverter a fé original do povo do advento, os dirigentes da igreja fizeram de tudo. Para tranqüilizar a consciência despertada dos crentes sinceros, os líderes tentaram método fraudulento após outro. Um dos argumentos mais freqüentes era: muitas vezes, no tempo do Antigo Testamento, o povo de Deus esteve envolvido em guerras. Por isso, também os adventistas do sétimo dia podem ir à guerra no tempo do Novo Testamento.

Já em 1921 havia dois grupos distintos de adventistas na Polônia: o maior, igreja-mãe, e o menor, Movimento de Reforma. Entre os primeiros a defender a verdade durante e após a guerra, estavam os irmãos Rohloff, Porada, Golanczyk, Buber, Spychala e Wozniak.

Quando os adventistas do sétimo dia do Movimento de Reforma se organizaram em Conferência Geral, em 1925, os adventistas poloneses de mentalidade reformista uniram-se a ela. O irmão Spychala tornou-se líder do Campo Polonês, sob jurisdição da União Alemã.

Quase desde o início, nossos irmãos sofreram perseguição, não apenas do Estado, mas também da Igreja Católica Romana. O sistema católico estava presente em todos os departamentos do governo. Em toda parte havia acepção de pessoas. Muitos irmãos foram demitidos do emprego por causa da religião. A consciência não era respeitada. Os padres instigavam o povo contra os crentes, especialmente colportores e obreiros bíblicos. Nas escolas públicas, as famílias reformistas e seus filhos não tinham sossego. Tornaram-se alvo de ódio e maus-tratos. Os líderes adventistas do sétimo dia, querendo manter boas relações tanto com os católicos como com as autoridades, também promoviam essas dificuldades.

Encontro campal reformista na Polônia, 1936

II — Primeiras experiências colportoreiras

Polônia

A despeito da intensa oposição da Igreja Católica e do Estado, nos primeiros dias da obra de Reforma na Polônia, colportores corajosos eram enviados de lugar em lugar. Entre os colportores atuantes de 1925-1927 estavam S. Spychala e V. Golanczyk. Fizeram experiências extraordinárias:

Stanislav Spychala e Vladislav Golanczyk começaram a distribuir nossa literatura numa vila católica, onde o padre havia advertido os paroquianos: "Não comprem nada dessas pessoas que andam de porta em porta com publicações religiosas."

No mesmo instante em que começaram a trabalhar, alguém chamou um soldado da patrulha e eles foram presos.

Na delegacia de polícia, a investigação durou das três horas da tarde às dez da noite. Os oficiais que minuciosamente os interrogaram, ouviram pela primeira vez sobre a tríplice mensagem angélica e ficaram grandemente atônitos. Embora a Igreja Adventista já existisse na Polônia havia anos, os policiais nada sabiam sobre os adventistas do sétimo dia e sua distintiva mensagem ao mundo. Na polícia, a principal questão era a autorização para vender livros. Seguiram-se perguntas e respostas:

— Quem os enviou?

— A mesma autoridade que enviou Noé com a mensagem aos antediluvianos.

— Queremos ver a permissão da polícia.

— Que autorização das autoridades romanas receberam Jesus e Seus discípulos?

Como os oficiais não conseguissem entender que os cristãos não precisam de autorização de ninguém para pregar a mensagem de salvação, pois receberam mandado da Autoridade suprema (Mateus 28:19 e 20; Marcos 16:15), passaram a zombar dos colportores:

— Vocês estão loucos!

Para os oficiais, as respostas dos colportores eram insensatas. Para os colportores, insensatas eram as perguntas dos policiais. Aqueles que são controlados por espíritos opostos, só conseguirão ver as coisas de maneiras diferentes.

Lido o relatório da investigação, os oficiais disseram:

— Por agora, podem ir. Onde vão passar a noite?

Um dos policiais, havendo simpatizado com os dois colportores, convidou-os para irem à casa dele. Tinha uma Bíblia. Fez perguntas que foram respondidas com um "Assim-diz-o-Senhor". Os irmãos entenderam que o Senhor lhes havia preparado o caminho para pregarem a mensagem àqueles que de outra maneira não poderiam ser alcançados (Mateus 10:18). Logo pediram licença e se retiraram. Era tarde, dormiram ao relento, aventura que já não era nova para eles.

No dia seguinte recomeçaram o trabalho e, como poderiam prever, a polícia confiscou as publicações e os prendeu novamente. No terceiro dia foram levados a uma cidade maior para outro interrogatório. Após alguns dias de prisão, foram levados ao magistrado do tribunal inquisitório. Repetiram-se as mesmas cenas, com as mesmas perguntas e as mesmas respostas. Outra vez foram declarados loucos. O magistrado perguntou:

— Que objeção vocês têm contra a Igreja Católica Apóstolica Romana?

O irmão Golanczyk respondeu:

—Enquanto a Igreja Católica estiver em harmonia com os mandamentos de Deus, não temos nenhuma objeção contra ela.

— Em que a Igreja Católica não concorda com os mandamentos de Deus?

— Ela alterou o quarto mandamento, mudando a guarda do Sábado para o domingo.

— Quando aconteceu isso?

O irmão Golanczyk fez valer o testemunho da História. Durante o exame os irmãos confiaram na promessa do Senhor: "Não cuideis de como, ou o que haveis de falar; porque naquela hora vos será dado o que haveis de dizer." Mateus 10:19. Foi escrito novo relatório, e os irmãos foram libertos.

Sem demora nem hesitação, o irmão Golanczyk retomou as vendas e, outra vez, foi levado ao magistrado, que perguntou:

— Diga-me: Você é contra o Estado e a Igreja?

Ele respondeu:

— É meu dever levar a mesma mensagem a todos. Deus requer a guarda de Seus mandamentos pela fé em Jesus, cuja vinda a este Mundo há-de ocorrer brevemente.

Ao ser ridicularizado pelo magistrado, o irmão disse:

— O desprezo do meritíssimo juiz não é contra mim nem contra a obra que faço. Está insultando a Deus e à Sua mensagem, e vai ser responsável pelo sangue de muitas almas.

Ao ouvir isso, o magistrado imediatamente mandou o irmão Golanczyk para a prisão, onde passou dez dias de miséria. Certo de que estava sendo punido injustamente, apelou para o tribunal superior solicitando revisão da sentença. Assim preencheu um formulário: "Golanczyk, detido sem julgamento, foi preso por pregar o reino de Deus e advertir o povo quanto ao juízo vindouro." E acrescentou Mateus 24:14: "E este Evangelho do reino será pregado no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim."

O décimo dia era sexta-feira. À uma hora da tarde, enquanto nosso irmão estava de joelhos orando fervorosamente ao Senhor, suplicando ajuda e perguntando para si mesmo quantos dias ainda haveria de passar ali, o carcereiro aproximou-se da cela e disse: "Apóstolo, você já pode voltar para casa."

Logo depois que o irmão Golanczyk foi liberto, ele e seu companheiro, irmão Spychala, continuaram colportando e novamente foram presos. Havendo-se identificado ao patrulheiro, em resposta às perguntas que lhes fez, explicaram que estavam proclamando a mensagem de Deus. "Para a cadeia", disse.

A caminho da prisão, passaram por três imagens de madeira sem se curvar. O patrulheiro observou: "Vocês dizem que são cristãos. Dizem que têm a mensagem de Deus, mas não querem reverenciar os santos. Como pode ser isso?"

O irmão Spychala pediu permissão para explicar, mas o oficial de polícia não permitiu. Eis uma atitude própria dos que pertencem aos poderes das trevas. Fazem perguntas, mas não querem ouvir a resposta. O oficial levou-os diretamente ao padre da vila e os acusou de desprezarem os santos. Ao padre, atônito, o irmão Spychala citou Jeremias 10:11: "Assim lhes direis: Os deuses que não fizeram os céus e a Terra desaparecerão da Terra e de debaixo destes céus."

O padre, não tendo argumento, ficou muito irado e começou a destratá-los. E, entre outras acusações, vociferou: "Vocês são judeus!"

Em pronta resposta, pedindo que o padre se conformasse à verdade bíblica, o irmão Golanczyk citou Mateus 23:13 e 14: "Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais aos homens o reino dos céus; pois nem vós entrais, nem aos que entrariam permitis entrar. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque devorais as casas das viúvas e sob pretexto fazeis longas orações; por isso recebereis maior condenação."

O padre ficou tão irado e confuso que estapeou o irmão três vezes no rosto. De acordo com a "justiça" prevalecente em muitas partes do Mundo, o policial, em vez de deter o agressor, com a arma, ameaçou as duas vítimas.

Os irmãos foram levados para a delegacia de uma cidade próxima, onde foram interrogados por dois oficiais, um dos quais era familiarizado com os ASD. O interrogatório durou das três da tarde às oito da noite, quando foram libertos com a observação: "Preferimos soltá-los antes que nós também sejamos enganados."

Até aí, os irmãos estavam colportando entre moradores do campo. Resolveram, então, trabalhar numa cidade próxima. Esperavam não encontrar tanto fanatismo. Logo, porém, foram novamente detidos e levados para a delegacia, onde testemunharam de Cristo. Quinze policiais, diferentes dos anteriores, ouviram atentamente a derradeira mensagem. Ficaram impressionados com a verdade presente. Após três horas, as publicações confiscadas foram devolvidas, e os irmãos libertos.

Provavelmente o leitor deseje saber se, na Polônia, naqueles primeiros dias, nossos irmãos já haviam solicitado permissão oficial para colportar. Sim, haviam, mas o pedido foi indeferido. O governo era decidida e inteiramente contrário à pregação da verdade bíblica. Nossos irmãos não tinham outra escolha a não ser ir de lugar em lugar, com a Bíblia na mão, proclamando a derradeira mensagem de advertência, dispostos a sofrer as conseqüências: perseguição dos padres e pressão das autoridades.

Checoslováquia

Na Checoslováquia, a colportagem não foi mais fácil que na Polônia. Contudo, alguns irmãos, revelando firmeza em suas convicções, iam de aldeia em aldeia, de porta em porta, levando literatura sobre a verdade presente. Um jovem chamado Anton Scholz, fez experiências interessantes:

Em fevereiro de 1924, Anton prosseguia visitando as casas de uma vila, embora não se sentisse seguro. As brochuras e revistas que vendera já haviam despertado a ira do inimigo. Em face do perigo iminente, recorreu ao Senhor em oração pedindo proteção para os livros que, cuidadosamente, havia escondido. Estando ainda de joelhos, ocorreu-lhe a certeza de que deveria tirar os livros de onde estavam e confiar no Senhor.

No dia seguinte, sexta-feira, dois policiais o surpreenderam numa casa, enquanto fazia oferta. Exigiram que apresentasse permissão oficial. A colportagem era proibida na Checoslováquia. Nenhuma autorização houvera sido expedida. O colportor explicou aos policiais que fazia o trabalho obedecendo a uma Autoridade superior (Mateus 28:19 e 20), a saber, a autoridade de Deus, e que nenhuma instituição humana deveria tentar impedi-lo. Foi preso.

No caminho para a delegacia, entraram na casa em que estava hospedado. Havia, ali, grande estoque de literatura que o patrulheiro quis confiscar. O subdelegado opôs-se. Anton ficou com os livros Aproveitou a oportunidade para lembrar ao patrulheiro que Deus não deixaria impune quem se opusesse à Sua obra.

Na delegacia, teve de responder muitas perguntas acerca da fé adventista e da obra que estava fazendo. O Senhor, de acordo com Sua promessa em Mateus 10:19, habilitou Seu servo a dar testemunho da verdade.

Terminado o registro do interrogatório, o patrulheiro tornou a insistir em que o colportor desistisse da venda e distribuição de

Reunião de irmãos reformistas na Checoslováquia, 1936

material religioso, pois era ilegal. A lei exigia que todas as publicações encontradas com o colportor fossem confiscadas. Mas o subdelegado fez sinal para que o patrulheiro parasse com a exigência. Enquanto Anton ainda orava ao Senhor em silêncio, as brochuras e revistas lhe foram devolvidas.

Noutra ocasião, em 1926, Anton havia atingido metade de uma vila muito católica, quando, subitamente, uma tempestade de oposição desabou. Um grupo de rapazes aproximou-se trazendo as publicações recolhidas das casas onde o colportor havia feito entrega. Exigiram o dinheiro e tudo o que deveria ser ainda entregue. Após longa discussão, ameaçaram queimar tudo, caso o colportor não cedesse. Eram congregados marianos fanáticos. Tudo indicava que cumpririam a ameaça. Anton replicou: "Diante do tribunal divino, vocês serão responsáveis por vocês mesmos e por todos os atos violentos contra o Evangelho puro e verdadeiro."

Falando calmamente, chamou a atenção dos rapazes para a breve vinda de Cristo. Apelou para que, em casa, lessem as publicações com espírito de oração, comparando-as com a Bíblia. Nova tempestade de imprecações. Diante da gritaria, Anton manteve-se longamente em silêncio, orando. Vendo que não cedia, continuaram ameaçando pegar à força o material impresso, para queimar. Anton seria também espancado ali mesmo. A situação era crítica. Nosso jovem continuava a orar silenciosamente, até que, inesperadamente, se cumpriu Atos 23:7: "Ora, dizendo ele isto, surgiu dissensão entre os fariseus e saduceus; e a multidão se dividiu." Não eram unânimes quanto ao que deveriam fazer com Anton e suas publicações. Foi assim que, finalmente, o deixaram.

Anton teve o ímpeto de fugir daquele lugar perigoso. Ao caminhar, sempre meditando, pensou em continuar as ofertas em outra vila. Foi, porém, fortemente impressionado com a convicção de que deveria continuar o trabalho ali mesmo e confiar inteiramente nas promessas de Deus. E o resultado? Com a ajuda do Senhor, que nunca decepcionou Seus servos, concluiu o trabalho em toda a vila com grande êxito.

III — Desenvolvimentos posteriores

O tempo mais difícil para nosso povo na Polônia foi durante a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945. Durante esses terríveis anos de prova, não houve demonstração de misericórdia para os que eram leais à verdade. Muitos irmãos foram levados aos campos de concentração por serem membros do Movimento de Reforma. A maioria dos irmãos da liderança foram presos. Havia temor de que o fim deles fosse em breve o mesmo de todos os pertencentes ao pequeno remanescente.

Em vista da situação, julgaram necessário preparar outros para continuarem a Obra. Em 1942, o irmão Raclaw Posliak foi ordenado e logo assumiu a responsabilidade sob circunstâncias difíceis.

Enfrentando feroz oposição e grandes perigos, nossos irmãos continuaram a realizar reuniões e oficiar batismos. Toda sexta-feira à noite era dedicada à oração. Sábado era dia de jejum e súplicas a Deus. O Senhor viu suas devoções e abençoou-lhes os esforços. Vários soldados ASD alemães designados para a Polônia vinham secretamente a nossas reuniões clandestinas. Líderes da Igreja ASD denunciaram nossos lugares de reuniões e, com grande veemência, nova tempestade de perseguição desencadeou sobre nosso povo.

IV — Perseguição

Quando, em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, a pregação da tríplice mensagem completava o centésimo aniversário, o Senhor permitiu que Seu povo na Polônia passasse por provas ardentes. Jovens e velhos tiveram de testificar diante das autoridades. Em resposta à pergunta se trabalhariam no Sábado, respondiam: "Importa mais obedecer a Deus que aos homens."

Certa vez seis irmãos foram levados perante magistrados e interrogados por duas horas. Pela ajuda de Deus, conseguiram dar claro testemunho em favor da fé, especialmente com respeito ao quarto mandamento. Em resultado, foram enviados para o campo de detenção de Mauthausen. Os primeiros dias de confinamento foram terríveis. Era aterrorizador contemplar vítimas sendo cruelmente martirizadas. Pais eram forçados a testemunhar o martírio dos próprios filhos e filhas. Filhos e filhas eram também forçados a testemunhar o martírio de pai e mãe. Não era possível ajudar as vítimas, nem falar-lhes mesmo que simples palavras de encorajamento. Durante três meses os seis irmãos conseguiram apenas olhar compassivamente, e com amor cristão, uns para os outros, enquanto esperavam paciente e ansiosamente o livramento, pela providência dos Céus. Entre esses, estavam Stanislav Rohloff, nosso líder na Polônia, e Vladislav Golanczyk, que fora colportor perseverante. Após três meses, foram separados um do outro. A partir daí, em diferentes campos de concentração passaram por sofrimentos desumanos até selarem a fé com a morte.

Até o fim da guerra, Bronislawa, filha do irmão Slachetka, permaneceu no campo de concentração de Ravensburg, onde não era a única da fé. Sofreu em companhia de doze irmãs. Embora vindas de diversos países, e não sabendo o mesmo idioma, encontraram conforto em permanecer juntas, orando em segredo e ajudando-se mutuamente. Nos dias mais frios de inverno, repartiam os escassos agasalhos e, quando uma estava mais faminta que a outra, faziam o mesmo com os poucos pedaços de pão. A perseguição e a tribulação as uniu grandemente. Vindo o fim da guerra, quando tiveram de despedir-se para tomar rumos diferentes, choraram e agradeceram ao Senhor porque interviera em favor delas, cumprindo a promessa de Sofonias 3:12-20:

"Mas deixarei no meio de ti um povo humilde e pobre; e eles confiarão no nome do Senhor. O remanescente de Israel não cometerá iniqüidade, nem proferirá mentira, e na sua boca não se achará língua enganosa; pois serão apascentados, e se deitarão, e não haverá quem os espante. Canta alegremente, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te, e exulta de todo o coração, ó filha de Jerusalém. O Senhor afastou os juízos que havia contra ti, lançou fora o teu inimigo; o Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti; não temerás daqui em diante mal algum. Naquele dia se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião; não se enfraqueçam as tuas mãos. O Senhor teu Deus está no meio de ti, poderoso para te salvar; Ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo. Os que em tristeza suspiram pela assembléia solene, os quais te pertenciam, eu os congregarei; esses para os quais era um opróbrio o peso que estava sobre ela. Eis que naquele tempo procederei contra todos os que te afligem; e salvarei a que coxeia, e recolherei a que foi expulsa; e deles farei um louvor e um nome em toda a terra em que têm sido envergonhados. Naquele tempo vos trarei, naquele tempo vos recolherei; porque farei de vós um nome e um louvor entre todos os povos da terra, quando eu tornar o vosso cativeiro diante dos vossos olhos, diz o Senhor."

Após essa probante circunstância, Bronislawa teve permissão de voltar para casa, para rever a mãe e o irmão mais jovem, Joseph, de 16 anos, que haviam sobrevivido a experiência dolorosa. Seu pai e irmão mais velho já não estavam entre eles. Mesmo assim, agradeceram ao Senhor, que lhes concedera graça para suportar até o fim.

Depois da guerra, o Movimento de Reforma continuou proscrito na Polônia. Com a oposição, porém, nossa igreja experimentou reavivamento.

Em 1951, ao estarem os irmãos reunidos numa conferência, o local do encontro foi cercado pela polícia, e todos os irmãos foram presos. Foram libertos pouco depois.

As prisões esporádicas continuaram. O irmão Raclaw Posliak foi preso em 1961. Devido à idade e bom comportamento, concederam-lhe suspensão da sentença com a condição de não promover organização, não realizar reuniões, nem outras atividades religiosas, tais como a Ceia do Senhor e o batismo. Após muitas batalhas, nossos irmãos obtiveram a vitória pelo poder de Deus.

V — Experiências pessoais

De um irmão bem informado sobre a história do Movimento de Reforma na Polônia, recebemos relato verbal acerca dos poloneses mártires da fé. Eles sabiam em quem criam e qual era seu dever. Portanto, "não amaram as suas vidas até a morte." Que a fé e a determinação desses mártires não seja apenas ornamento para a nossa história, mas exemplo destinado a inspirar coragem em outros que ainda serão chamados a passar por provas idênticas! Eis os nomes e experiências da maioria de nossos mártires poloneses:

Stanislav Rohloff, líder da Obra de Reforma na Polônia, no início da Primeira Guerra Mundial. Devotou os últimos anos de vida a intenso estudo da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia. Leu com diligência *O Desejado de Todas as Nações* e freqüentemente falava sobre a traição feita a Jesus. Durante a semana que antecedeu sua prisão, com cinqüenta anos de idade, pediu à esposa que preparasse para o jantar o prato predileto, como se soubesse que seria a última vez que iria saboreá-lo. Ao levantar-se da mesa, disse: "Esta foi uma refeição de execução." No dia seguinte, às nove horas da manhã, os guardas da Gestapo chegaram, revistaram a casa, confiscaram todos os livros com exceção de *O Desejado*, provavelmente porque não o encontraram. Prenderam o irmão Rohloff. A esposa não estava em casa. Assustada, sua filha perguntou:

— Aonde vai, papai?

— Vou com esses cavalheiros e logo estarei de volta.

No entanto, jamais regressou. Em 1944 a esposa recebeu notícia de que havia morrido no campo de concentração. Para a família, esse foi um golpe terrível.

Bogdan Rohloff . Logo após a prisão de Stanislav Rohloff, Bogdan, o filho de 21 anos, também foi levado pela Gestapo, por recusar-se a ir para a fábrica no Sábado. Embora trabalhasse 75 horas por semana, não se contentavam. Depois de haver sido espanca-

Mártires reformistas na Polônia: entre outros, estes três jovens entregaram suas vidas porque decidiram obedecer a Deus mais do que aos homens. Da esq. para a dir.: Günther Pietz, 18 anos, morto em 1943; Salamon Sadowsky, 24 anos, executado em 1939; Victor Pacha, 28 anos, morto em 1943

do cruelmente, perguntaram novamente se estava ou não disposto a trabalhar aos Sábados. Respondeu que não. Torturaram-no de novo e o deixaram ir. Estava tão mal que não conseguia caminhar. Arrastando-se como verme, olhou para o pai e perguntou:

— O senhor me conhece?

— Não.

— Papai, o senhor não me conhece?

O pai olhou outra vez para o jovem desfigurado e disse com espanto:

— É você, Bogdan?

Foi assim que pai e filho se encontraram no campo de concentração.

Pela contínua recusa em trabalhar no Sábado, Bogdan foi novamente açoitado quase até a morte. Enquanto esteve no pátio, meio inconsciente, o pai o animou a perseverar. Quando tornou a si, foi interrogado repetidas vezes se estava disposto a trabalhar no Sábado. Coerentemente, se recusava:

— Não cederei uma única polegada.

Bogdan foi transferido de Mauthausen para Lorraine, e, depois para Dachau. Ao terminar a guerra, vítima de sofrimentos a que fora submetido, faleceu em casa.

Tomasz Slachetka, 51 anos, trabalhava em construções. Por recusar-se a trabalhar no Sábado, foi torturado constantemente num campo de concentração. Permanecendo firme na fé, certo Sábado o submeteram a terrível provação. Foi obrigado a carregar dois sacos de areia amarrados ao corpo e perseguido com chicotadas até desmaiar. Decidido a obedecer a Deus em vez de os homens, foi transferido para o campo de Grossrosen. Continuou sofrendo torturas indescritíveis. Certo dia um policial pulou repetidamente sobre o seu tórax. Morreu diante do filho Aleksy, de 21 anos.

Pela mesma razão, Aleksy Slachetka foi levado ao mesmo campo e também foi torturado. Recusando-se a quebrar a Lei de Deus, certo Sábado foi obrigado a ficar num porão escuro, onde teve de permanecer atolado até os joelhos, numa mistura de excrementos e produtos químicos corrosivos. Não recebeu pão nem água durante quatro dias e quatro noites. Removido do porão e levado de volta para a barraca, recebeu um pedaço de pão que deu ao colega sentenciado a passar sete dias no porão de onde havia saído. Quando os outros prisioneiros observaram o procedimento de Aleksy, repartiram com ele a escassa porção de pão de que dispunham. Após alguns dias a carne começou a cair-lhe dos ossos. Gravemente enfermo, foi levado para o campo de Grossrosen e, depois, para Dachau. Morreu no caminho.

Maria Slachetka, esposa do irmão Tomasz Slachetka, foi levada muitas vezes à delegacia para interrogatório. Foi exortada a insistir com o marido e filhos para que desistissem da idéia de guardar o Sábado. Mas ela preferia vê-los mortos a desviarem-se da verdade. Apesar de todas as importunações e ameaças, permaneceu fiel. Depois da guerra, em seu leito de morte, repetiu seu maior desejo: que seus filhos sobreviventes fossem tão fiéis a Deus quanto o marido e filho.

Victor Pacha, colportor bem-sucedido, tinha talento especial para a música. Em 1941, com 26 anos, foi convocado para o exército. Fiel aos mandamentos, prenderam-no em Breslau, onde foi repetidas vezes espancado e torturado de diversas maneiras. Por muitos dias não lhe deram comida. Depois, serviram carne de porco. Foi recusada. Clérigos católicos e protestantes tentaram dissuadi-lo. Um ministro adventista o visitou e, em vez de encorajá-lo, tentou persuadi-lo a comprometer a fé, cedendo a exigências antibíblicas dos torturadores. Todos esses esforços dos perseguidores foram inúteis. Durante dois anos Victor resistiu os poderes das trevas, enquanto era levado de prisão em prisão. Quando o transferiram para Ohls, na Silésia, Günther Pietz o visitou. Era providência divina. O oficial encarregado estava ausente. Então Victor, experiente batalhador da fé, pôde dar ao jovem Günther muitos conselhos, fortalecendo-o assim para o mesmo conflito que ele também haveria de enfrentar. Victor relatou aos irmãos muitas experiências. Sonhou certa vez, que

vários crentes estavam reunidos, ajoelhados em oração, e mencionaram o nome dele. Isso o fortaleceu para enfrentar o que estava para vir. Outra vez viu a porta da prisão abrir-se e certa mão segurava uma tira de papel na qual estava escrito o texto de Salmos 116:6: "O Senhor guarda os simples; quando me acho abatido, Ele me salva." É maravilhoso como o Senhor conforta e fortalece Seus filhos fiéis. Victor foi fuzilado no outono de 1943.

Salamon Sadowsky converteu-se na Romênia, onde passou quatro anos preso por recusar-se a portar armas e transgredir o quarto mandamento. Liberto, fugiu para a Polônia e trabalhou como operário numa fazenda. Era também colportor ativo. Durante a guerra, por ser descendente de judeus, a polícia sempre o perseguiu. Em 1942 estava trabalhando na fazenda de um adventista que, correndo risco, lhe dera emprego. Ambos foram fuzilados.

Alfons Filipczik foi morto em 1942 quando suas convicções religiosas, baseadas na Lei de Deus, não lhe permitiram portar armas nem quebrar o Sábado.

Vladislav Golanczyk, 51 anos, era carvoeiro. Tendo-se recusado a transgredir o Sábado, foi denunciado à polícia. Interrogado sobre a razão de sua recusa, disse que nada podia fazer contra a consciência. Em 1944, foi levado ao campo de concentração. Morreu vítima de torturas insuportáveis.

Günther Pietz, com 17 anos, foi preso em 1941. Quando o irmão Pietz visitou o filho pela primeira vez, o rapaz chorou amargamente. A exemplo do Salvador no Getsêmani, estava travando naquele momento a batalha mais difícil: a da decisão. Os poderes das trevas bramiam ao seu redor, mas, com oração constante e confiança em Deus, os instrumentos do Diabo recuaram. Ao receber a segunda visita de pai e mãe, estava calmo e sereno. Posteriormente escreveu-lhes dizendo que tinha grande alegria, e paz no coração.

Depois de passar algum tempo no campo de concentração de Auschwitz, foi liberto. Estava tão magro que os familiares não o reconheceram. Quando o viram, choraram. Quase um ano depois, foi convocado para o serviço militar. Havendo-se recusado a transgredir o Sábado e a portar armas, foi para o campo de concentração de Halle. Com dezoito anos, permaneceu fiel à sua convicção até receber sentença de morte por fuzilamento. Antes da execução, enviou saudação cristã ao pai, mãe, irmãzinha e a todos os crentes. Ficou para essa família cristã apenas a menina, que as autoridades também arrebataram do lar porque pai e mãe permanecerem firmes na obediência ao quarto mandamento. Não querendo a família que a

criança freqüentasse a escola no Sábado, a irmã de Günther, com apenas oito anos, foi levada a uma instituição infantil do Estado. O pai e a mãe de Günther ficaram presos até o fim da guerra.

São estas as duas últimas cartas de Günther:

Tegel, 15 de agosto de 1943
Querido papai, querida mamãe:
A paz do Senhor esteja com vocês.

Até agora estou sadio de corpo e alma. No dia 4, recebi com muita alegria a encomenda que me enviaram. Sua carta chegou um dia depois e fiquei muito feliz. E agora, queridos, não tenho notícia boa. Compareci ao tribunal em 6 de agosto. Imaginem o que foi dito ali... Em todos os momentos proferi palavras que o Senhor pôs em minha boca. Fui sentenciado à morte. E agora, querido pai e querida mãe, peço que não chorem por mim. Conservo ainda a esperança, o amor e a felicidade que tinha antes de deixar o lar. Quando a tristeza me oprime, oro como o publicano: "Senhor, tem misericórdia de mim, pecador." Quem subsistirá diante de Deus? Somente os puros de coração. Portanto, queridos, imploro que perdoem os meus erros. Não me deixo abater pelo desânimo por causa da sentença de morte. Sei que o Senhor está comigo. Jamais tive paz e descanso em meu coração como nestes últimos dias. Minha oração é que o Senhor mude o coração das autoridades.

Na última carta esqueci de escrever sobre a possibilidade de me visitarem. Primeiro devem conseguir permissão do tribunal de guerra. Mas não creio ser proveitoso percorrer tão longa distância para falar comigo por apenas alguns minutos. Meu desejo é que não mais nos separemos na Terra renovada. Por agora é tudo quanto tenho a dizer. Espero resposta. Não se preocupem, queridos. Antes da execução, comparecerei outra vez ao tribunal. Se eu não mais puder escrever, são estas as minhas últimas saudações a vocês, e à minha irmã. Saudações cristãs a todos os amados no Senhor. Que Deus fique com vocês. Amém! Günther.

Halle, 27 de setembro de 1943
Querido papai, querida mamãe:
A paz do Senhor seja com vocês.

Agradeço a carta e o cartão postal que me enviaram de Poznan. Fiquei muito feliz. Até agora estou bem, física e espiritualmente. Estou em Halle, onde vai ocorrer a minha execução. Sei que será muito triste para vocês, mas não chorem por mim. Serei bem cuida-

do. Quando nosso Salvador vier para redimir-nos teremos grande regozijo. Meu desejo, queridos, para mim, é encontrar vocês ali. Nada nos pode separar do amor de Deus. Que Ele perdoe todos os nossos pecados. Ao Senhor somente devemos exaltar e louvar.

Enviem à minha irmã saudações cordiais no Senhor. [Nota do autor: A irmãzinha estava numa instituição educacional, porque os pais não a enviavam à escola no Sábado.] Nesta última carta desejo a vocês, querido papai, querida mamãe, as mais ricas bênçãos de Deus. Permaneçam fiéis ao Senhor, pois Ele um dia nos levará ao bendito repouso, alegria e glória.

Cordiais saudações a todos os parentes e conhecidos. Eles também devem perseverar na fé. Minha saudação especialmente a Aleksy. Nossos dias de companheirismo, embora tenham sido poucos, são, para mim, motivo de grande alegria. Saudações sinceras também a Bogdan. Sim, tenho muitíssimo amor a todos os irmãos e irmãs. Isso é tudo que eu queria escrever. Saudações cordiais a vocês, meu querido papai, minha querida mamãe, e também a você, minha irmã. Uma vez mais, saudações a todos. Seu filho Günther. —*And Follow Their Faith,* págs. 28-30.

VI — Cuidados providenciais de Deus

Deus responde às orações

Em 1943, uma irmã cantora ficou gravemente enferma e foi levada para o hospital de Cracóvia. Os médicos a declararam paciente em fase terminal. Os crentes de Poznan dedicaram um Sábado de jejum e oração em favor dela, e também de outros irmãos que enfrentavam grandes dificuldades. Tendo corrido essa notícia, os crentes de outras regiões se uniram aos de Poznan em jejum e oração. A irmã enferma estava tão debilitada que não conseguia escrever. Preocupados, os parentes enviaram uma carta para Poznan perguntando sobre a condição dela. Estavam prevendo que, sem demora, poderia chegar a notícia do falecimento. Mas um milagre aconteceu. No Sábado em que os irmãos estavam jejuando e orando, a enferma teve sensível mudança para melhor. No dia seguinte, quando o médico-chefe aproximou-se do leito da nossa irmã, teve grande surpresa. Perguntou ao médico de plantão se conseguia explicar a mudança ocorrida. Dias depois ela se restabeleceu completamente.

Incapaz de atirar

O irmão Stoev, que viera da Bulgária, teve uma experiência especial com o Senhor na Checoslováquia. Em maio de 1945 irromperam re-

voluções em vários lugares do país. Numa sexta-feira saiu de Praga, a capital, onde residia, para visitar os irmãos em outro lugar e passar o Sábado com eles. Nesse dia, a revolução se alastrou em Praga. Oito dias depois, ao ser restabelecida a paz na cidade, o irmão Stoev regressou. Ficou chocado ao descobrir que alguns de seus amigos búlgaros haviam morrido. Conforme seu costume, afastou-se para o campo a fim de orar. Tendo chegado a uma pequena colina, pôs a pasta e o chapéu no chão e ajoelhou-se. Certa mulher o viu, foi depressa à delegacia de polícia e o denunciou dizendo que um alemão estava enterrando armas. Em seguida, três soldados com fuzis foram para lá. Sem serem notados, aproximaram-se e disseram: "Mãos ao alto!". Hirto, lívido, em vez de erguer as mãos, ajuntou o chapéu e a pasta. Os soldados tentaram atirar nele, mas os fuzis se recusaram a obedecer. Então o agarraram e o levaram para a delegacia para interrogá-lo. Ali tudo ficou esclarecido. Nada havendo contra aquele homem, libertaram-no. Antes de o irmão Stoev sair, um dos soldados, aproximando-se, perguntou: "Diga-me, que espécie de homem é o senhor? Tentei atirar, mas não consegui apertar o gatilho. Isto nunca me havia acontecido antes. Estou sem explicação!"

Nosso irmão disse que confiava na proteção de Deus, a quem servia fielmente.

Nenhum mal a essas pessoas...

Certa ocasião, entre 1951 e 1952, o irmão Waclaw Pawlak deveria oficiar uma cerimônia batismal numa região muito católica. Havia cinco ou seis candidatos que desejavam fazer concerto com o Senhor. Havia entre esses uma senhora que, sob influência do primeiro amor, achou que deveria contar aos vizinhos sobre seu desejo de ser batizada assim como Jesus. Rapidamente espalhando-se o rumor na vila, moradores mal-intencionados começaram a planejar o impedimento da celebração.

Pouco depois de os irmãos haverem chegado ao lar daquela senhora, a casa foi cercada pelos vizinhos. Houve gritaria e acusações de heresia. Satanás, evidentemente, tentava através da atenção pública denunciar as atividades religiosas de nossos irmãos às autoridades. Eles oraram ao Senhor suplicando auxílio. Resolveram adiar a cerimônia para as primeiras horas da manhã seguinte. Um irmão foi à porta da frente e disse aos amotinados: "Desculpem, não haverá batismo hoje." Mas os manifestantes não foram embora.

Após o culto da noite, os irmãos visitantes resolveram descansar, as mulheres na casa, e os irmãos no celeiro. Mas, em vez de reco-

lher-se para dormir, passaram as primeiras horas de joelhos, sob inúmeras pedradas que atingiam o celeiro. Finalmente, entre os agressores fanáticos, a maioria, cansando-se, foi embora. Dois ou três se esconderam e ficaram ali para espionar os movimentos. De manhã, o terreno em frente ao celeiro estava repleto de pedras.

O perigo não deteve os irmãos de levarem avante o programa. Levantaram-se antes de o Sol nascer e foram discretos para não despertar suspeita.

Entre os candidatos ao batismo havia um jovem de 17 anos, que teve de ser carregado até o rio. Estava tão doente que não conseguia caminhar. Como não tinha esperança de viver muito tempo, não quis aguardar outra oportunidade.

Quando os irmãos chegaram ao lugar da cerimônia, perceberam que, dos pastos e plantações, grande multidão se aproximava. Aqueles espiões que haviam espreitado a casa da nossa irmã, haviam sido eficientes. Esses malfeitores, armados de porretes, estavam dispostos a causar problemas. Na iminência de maior perigo, como única defesa, os crentes recorreram à oração.

Um irmão dirigiu-se aos perturbadores com este apelo: "Cavalheiros, teremos aqui uma cerimônia religiosa. Algumas pessoas serão batizadas a exemplo do batismo de Jesus. Por favor, sejam reverentes. Mostrem respeito."

Nesse momento, um desconhecido enfrentou a multidão e exclamou com autoridade: "Mal nenhum acontecerá a estas pessoas." O estranho foi obedecido. Ninguém jamais descobriu quem era!

Os irmãos cantaram e oraram. Os candidatos foram batizados e, pelo poder de Deus, os malfeitores permaneceram em ordem.

Terminada a reunião batismal, um líder agradeceu ao povo a atitude pacífica e respeitosa. Os irmãos louvaram a Deus pelo favor do grande milagre. Todos voltaram para casa em paz: nosso povo e os moradores da vila.

Milagre maior foi testemunhado: o jovem doente, embora desesperançado pelos médicos, restabeleceu-se instantaneamente e voltou para casa andando. Os membros da família ficaram tão surpresos que tinham dificuldade em crer no que viam. Louvaram a Deus por Sua misericórdia.

VI — Desenvolvimentos recentes

Imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial, os irmãos começaram a reorganizar a obra de Reforma na Polônia e a trabalhar pela conversão de almas. Algumas pessoas pensavam que iriam então desfrutar longo período de liberdade religiosa, mas isso não aconteceu. Em 1949 ou 1950 o governo promulgou uma lei exigindo que todas as entidades religiosas requeressem registro. Nesse pedido, cada grupo religioso deveria declarar suas crenças, práticas e objetivos. Isso permitiria que as autoridades tivessem visão das diferentes denominações, e aprovassem o registro somente daquelas que se comprometessem a ser submissas às exigências do Estado. Nenhuma provisão foi feita em favor daqueles que conscientemente considerassem a Bíblia, a Palavra de Deus, a mais alta autoridade em todas as coisas. Havia aqueles crentes que criam que, onde há conflito entre o "Assim diz o homem" e o "Assim diz o Senhor", a consciência devia estar livre para antes obedecer a Deus que ao homem. As igrejas que não puderam aceitar a concessão exigida pelo Estado não foram apenas rejeitadas, mas proscritas. Ficou claro para essas denominações que não podiam funcionar oficial e abertamente. Em outras palavras, ficariam restritas a existência clandestina. Sofreriam perseguição. Era essa a situação de nosso povo na Polônia.

Durante os difíceis anos de existência clandestina no pós-guerra, nossa igreja na Polônia passou por grandes sofrimentos. Porém, apesar das circunstâncias proibitivas, novas almas foram levadas ao conhecimento da verdade.

Durante muito tempo depois da Segunda Guerra Mundial, o irmão Waclaw Pawlak foi o principal ministro de nossa obra na Polô-

Encontro de reformistas na Polônia, 1952

nia. Porém, por obedecer a Deus mais que ao homem, foi preso, "por causa da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus." Terminada a penalidade, o promotor fez uma pergunta a nosso irmão, mais ou menos assim:

— Se você sabe o motivo pelo qual a sua igreja não tem permissão legal para existir, por que você e seu povo não respeitam a proibição?

O prisioneiro religioso respondeu:

— A falta não está em nós.

— Em quem está, então?

— Nos que fizeram a lei.

O promotor público entendeu nossa posição: Quando as exigências das autoridades entram em choque com os mandamentos de Deus, não devemos duvidar de que "importa antes obedecer a Deus que aos homens". *Atos 5:29*. Num caso como este, apenas os legisladores incompetentes devem ser responsabilizados por todos os problemas decorrentes, o que não traz benefício nenhum, nem para os membros da igreja, nem para o Estado.

Em 1967, o Senhor tornou possível a nossos representantes reunirem-se numa conferência na Hungria. O Campo Polonês fazia parte da União do Danúbio. Desde então, tornou-se cada vez menos difícil para os representantes de nossa Conferência Geral visitarem a Polônia.

Waclaw Pawlak (à dir.), um de nossos líderes pioneiros na Polônia, foi visitado por Francisco Devai (à esq.) em 1967

Em 1976, durante uma reunião de ações de graças realizada por nossos irmãos nas proximidades de Katovice, uma irmã idosa levantou-se. Apresentou agradecimentos ao Senhor, por várias razões, especialmente porque, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, tinha sido levada para a União Soviética, onde passou cinco anos em campos de concentração. Um visitante que por acaso estava presente perguntou a ela depois da reunião:

— Por que motivo a irmã foi levada para a União Soviética? E por que está agradecida a Deus por haver passado algum tempo em campos de concentração? A irmã não passou por muito sofrimento?

Ela explicou:

— Quando a guerra acabou, os intelectuais da Polônia foram os primeiros a ser levados para a Rússia. Meu marido estava entre eles.

— Mas por que foram obrigados a ir para a Rússia?

— Foram isolados apenas porque eram intelectuais e, como tais, eram considerados perigosos. Meu marido foi levado logo que a guerra acabou. Desde então, não ouvi notícia a respeito dele. Depois, pela mesma razão, as viúvas dos intelectuais foram levadas para a União Soviética. Eu, por acaso, estava entre elas. Foi assim que passei cinco anos em campos de trabalho forçado num país estranho e, pela graça de Deus, sobrevivi. Em todos os campos onde eu era internada, encontrava adventistas do sétimo dia reformistas, que foram muito amáveis para comigo. Como bem me lembro, um deles fora condenado a 25 anos de trabalhos forçados. Por meio desses amados irmãos cheguei ao conhecimento da verdade presente. Visto haver encontrado o caminho, a verdade e a vida nessas circunstâncias, não cesso de ser grata a Deus por essa experiência.

O visitante comoveu-se até as lágrimas ao ouvir a narrativa.

Agora nosso povo na Polônia é grato ao Senhor porque ocorreu essa mudança. A situação melhorou tanto naquele país que, conforme testemunho de alguns irmãos em 1985, mesmo os reformistas adventistas do sétimo dia são tolerados. Todos se alegram porque finalmente foi concedida liberdade religiosa. Recentemente as autoridades na Polônia tornaram-se benevolentes para com todos os cristãos. Louvado seja Deus por este importante passo para frente e para cima!

No alto, uma das primeiras conferências reformistas, em Tallin, Estônia. Embaixo, à esq., Encontro de Jovens em Tallin, 1936. À dir., o primeiro coral de reformistas na Estônia

17

Estônia

I — Início e primeiras experiências

A mensagem do advento alcançou a Estônia quando dois ministros ASD, Heinrich J. Löbsack e Gerhard Perk, visitaram Reval, mais tarde Tallinn, em 1897. Uma senhora que vivia em São Petersburgo, então capital da Rússia, lhes havia dado o endereço de parentes batistas em Reval. Os irmãos Löbsack e Perk visitaram esses crentes e outras pessoas. Alguns interessados começaram a reunir-se ocultamente em casa e num celeiro. Três mulheres aceitaram a verdade presente e foram batizadas. Ao serem essas pessoas acrescentadas ao pequeno grupo, o irmão Perk organizou a primeira igreja ASD em Reval, em 5 de setembro de 1897.

A Obra cresceu rapidamente. Durante o tempo em que D. P. Gaede trabalhou em Reval, bom número de jovens talentosos aceitaram a mensagem. Até 1902 a Obra havia-se espalhado por

toda parte do país. Igrejas haviam sido estabelecidas em várias cidades.

A revolução iniciada na Rússia em 1917 permitiu que o povo estoniano se livrasse da dominação russa. A Estônia tornou-se país independente, democrático em 24 de fevereiro de 1918, com liberdade religiosa. Nessa época havia aproximadamente mil adeptos da fé adventista. Os adventistas aproveitaram aquele breve período de liberdade religiosa concedida sob o governo estoniano independente para promover a Obra com muito sucesso. Muitas publicações foram espalhadas, conferências públicas realizadas e despertado o interesse de numerosas pessoas. Dois ministros lideravam os esforços evangelísticos em Reval: Johann Sproge e Konrad Hahn.

As tropas alemãs ocuparam a Estônia no fim de 1918 e ali permaneceram por oito meses. Durante esse tempo o povo estoniano foi privado da liberdade religiosa. Depois que os soldados alemães se retiraram do país, em 1919, os russos chegaram, mas foram expulsos. Foi assinado um tratado de paz entre a Rússia e a Estônia em 2 de fevereiro de 1920. A Estônia permaneceu como república independente até 1940.

O Movimento de Reforma na Estônia começou em 1919, quando a Igreja Adventista se dividiu em dois grupos. A respeito da divisão, lemos na *Enciclopédia Adventista do Sétimo Dia*, vol. 10, "União das Repúblicas Socialistas Soviéticas", Países Bálticos (1918-1940), Estônia:

"A obra não prosseguiu sem dificuldades. Quando pressões externas desapareceram, dificuldades internas, causadas por diferenças entre os líderes, resultaram em divisão na igreja."

O início da discordância entre Johann Sproge e Konrad Hahn foi assim descrito pela irmã Pauline Unt:

"Como não possuíamos nenhum livro da irmã White em nosso idioma, o povo adventista solicitou que alguns fossem publicados em estoniano, começando com *Experiências e Visões* . Mas o irmão Sproge, líder da Obra na Estônia e países vizinhos, opôs-se dizendo que a tradução e a impressão seria dispendiosa, não haveria muitos leitores, pois o número de membros era pequeno e que, enfim, não precisávamos desses livros. Enquanto o irmão Sproge estava em viagem a outros países, o irmão Hahn providenciou a tradução e impressão do *Experiências e Visões*. Não havia dinheiro suficiente na tesouraria da igreja, mas um irmão vendeu sua fazenda e ofereceu o dinheiro como empréstimo. Com o livro pronto, o povo ficou muito feliz. Todos queriam adquirir um exemplar. Algumas pessoas o leram de capa a capa, dia e noite, e de uma só vez. Esse, porém, foi o início da dificuldade. Logo que o irmão Sproge descobriu o que acontecera em sua ausência, aborreceu-se grandemente e contendeu com o irmão Hahn.

"Depois houve outro problema que foi a causa real da separação. Recebemos publicações da Alemanha mostrando como os adventistas haviam agido durante a guerra. Vimos claramente que eles haviam tomado parte ativa entre os combatentes. Alguns criam que os que haviam morrido como heróis no campo de batalha, lutando em favor da pátria, iriam ressuscitar entre os justos na segunda vinda de Cristo. Além disso, lemos que a Conferência Geral havia dado ao povo adventista na Alemanha e em outros países liberdade para fazer o que fizeram, e que os líderes adventistas na Europa eram declarados *fiéis* apesar de terem envolvido os membros da igreja no combate.

"A igreja de Reval protestou contra esse grave comprometimento de princípios. O irmão Sproge, que justificava a atitude da liderança adventista, não conseguindo convencer os membros de Reval, declarou dissolvida a igreja. Saindo da reunião, disse: 'Os que querem ser adventistas sigam-me, por favor.'

Konrad Hahn, o primeiro dos líderes pioneiros da Obra de Reforma na Estônia

"Oito membros se levantaram e o seguiram. Mais de duzentos permaneceram com Hahn. Então, Sproge alugou uma sala para as suas reuniões. Foi apoiado oficialmente pela liderança ASD. Hahn fez o que pôde para restaurar a unidade, porém, sem êxito."

O caminho estava, então, preparado para nossos representantes da Alemanha auxiliarem os reformistas estonianos. Sobre essa questão, citamos de um artigo publicado no *Der Adventarbeiter* (O Obreiro do Advento) de fevereiro de 1930:

"Em 1919 conseguimos realizar a primeira conferência do Movimento de Reforma em nosso país. O misericordioso Deus nos acompanhou de perto concedendo-nos bênçãos especiais. Naquela ocasião, foram nomeados oficiais da igreja. Obreiros foram enviados ao campo."

A irmã Unt continua o relato:

"Em 1920, os representantes que a Conferência Geral prometera enviar à Estônia, finalmente chegaram. Foi realizada uma reunião com a presença de ambas as igrejas. Os líderes adventistas, porém, não permitiram que o irmão Hahn falasse. Disseram que o caso dos líderes que haviam enviado ou estimulado os homens adventistas a tomar parte na Guerra já havia sido discutido. Seus pecados eram coisa do passado. Já haviam sido perdoados. O irmão Hahn e seus companheiros deveriam reconciliar-se com eles independentemente dos acontecimentos."

Sobre isto, acrescentamos informação da Enciclopédia Adventista:

"Na primeira assembléia de Associação realizada após a guerra em 1920, a que compareceram L. H. Christian e Aarne Rintala, a igreja foi em grande parte reunificada."

Os que compreenderam o verdadeiro significado do envolvimento oficial da Igreja ASD na política mundana e nos empreendimentos de guerra, não viam possibilidade de reconciliação e reunificação incondicional com a Igreja Adventista-Mãe.

O irmão Hahn estava com a saúde precária e morreu logo após a visita do irmão Christian.

A irmã Unt continua:

"Os irmãos da Conferência Geral da IASD permitiram que Johann Sproge e seus adeptos fizessem muitas coisas em descordo com os princípios. A igreja acabou unindo-se com o mundo. A separação continuou por vários anos sem problemas de maior gravidade, até que, mais ou menos em 1936, nosso governo promulgou uma lei que exigia o registro de todos os grupos religiosos.

"Eduard Ney, líder da IASD naquela época, apressou-se a registrar sua igreja ao mesmo tempo em que acusou gravemente o Movimento de Reforma às autoridades. Essas acusações foram publicadas nos jornais. Diziam que nossos homens não tomam parte no exército, que não adotamos porte de armas, que nossas crianças não freqüentam as escolas aos Sábados, que pela abstenção do uso de alimentos cárneos estávamos enfraquecendo a raça estoniana. Em resumo, ao rebaixar-nos como povo imprestável, o irmão Ney tentou ganhar prestígio para sua igreja diante do governo e do povo estoniano. Sendo Reval cidade pequena, com cerca de 150 mil habitantes, todos ficaram informados da diferença entre as duas denominações adventistas. Mas não apenas isso. Instigados pelas denúncias do irmão Ney, muitos se indignaram contra nós. Quando Wilhelm Korpmann, nosso líder, requereu o registro da igreja, a petição foi rejeitada. As autoridades disseram que não tínhamos permissão para pregar na Estônia. Em no máximo um mês a nossa denominação deveria ser considerada extinta na Estônia."

Pela graça de Deus, porém, continuamos e continuaremos a existir.

II — Experiência pessoal

Resumimos a seguir a experiência pessoal de Wilhelm Korpmann narrada por ele em 1930:

Durante a guerra entre a Estônia e a Rússia em 1919, todos os jovens foram convocados para o serviço militar. O irmão Korpmann também teve de apresentar-se. Sem dizer nada, examinaram os papéis dele. Após alguns momentos, disseram que estava incorporado. Não houve exame médico para determinar se ele era apto ou não. A última palavra das autoridades militares era que ele deveria comparecer a determinado lugar no dia seguinte.

Começaram as duras provas de sua vida religiosa. E essa era a melhor escola para ele, porque possuía experiências maravilhosas e preciosas em defender a verdade e a fé. Ali obteve o verdadeiro conhecimento do amor de Deus e da Sua paciência para com os homens pecadores e ímpios, porque foi obrigado a testemunhar diariamente terríveis blasfêmias, expressões de incredulidade e diferentes tipos de impiedade. Muitas vezes perguntou a si mesmo: Até quando continuará o mundo nesse estado?

Durante várias semanas ameaçaram-no. Tentaram forçá-lo a transgredir os mandamentos de Deus, principalmente o Sábado. Disseram que o castigo iminente seria de quatro anos de prisão e possivelmente até sentença de morte. Ali teve a oportunidade de dar testemunho da verdade. O Espírito de Deus tocou o coração de alguns homens entre as autoridades. Foi obrigado a permanecer circunscrito às muralhas do quartel, onde havia centenas de jovens e velhos. Para esses também testemunhou da verdade. Diariamente multidões o rodeavam com muitas perguntas. Pôde ver como o Espírito de Deus atua e como escarnecedores e ateus ficam emudecidos. Dia após dia, alegremente, agradecia a Deus a Sua ajuda.

„Sinu Jumal on kuningas.“
Jes. 52, 7.

„Seo kinni tunnistus, pane käsuõpetus pitseriga kinni minu õppijate seas.“
Jes. 8, 16.

Minge temast wälja minu rahwas

Hingamispäewa Wahimees

Nr. 4. Aprill 1932. VIII aastakäik

Kogemusi kõigest maailmast.

Kiri Wenemaalt.

Palun need read w. Korpmannile saata.

Armas wend Korpmann!

Terwituseks Jumala rohket õnnistust. Ebr. 10, 35—39.

Olen Sulle wana aasta sees weel kirjutanud, ei ole mingit wastust saanud. Ka lubasid Sa w. Frangile kirjutada; palun kui Sa temale kirjutad, siis saada minu aadressil, ma isiklikult annan kirjad temale edasi.

Kuidas läheb Jumala töö Teie juures? Meil on lugu wäga kurb, meie igatsew soow on see, et Jumal oma rahwast pea wabastaks, nagu 126. laulus kirjutatud seisab. Meie wennad on jälle uuesti kolmeks aastaks kinni mõistetud. Ka ei saa meie ei õppetükke ega mingisugust muud kirjandust endi seisukorras siin, meie lugu on nõndasama kui peaksime kaljudes a koobastes end peitma ja warjama endi wastaste eest. Waenlane, saatan rüüab Jumala tööd siin täieste ära kaodata.

Sinu wähem wend tões

J. W.

Armsad wennad ja õed Kristuse sees! Täpelpannes Wenemaa wendade ja õdede raskust ja wõrreldes endi seisukorda nende omaga, peaksime Issandale ustawad olema, teda rõõmuga teenima, aega kalliks pidama ja endi wabadust hindama, usinad olles tema töös, et see lühendatud ja lõpetatud saaks tema Püha Waimu läbi — hilise wihma saatel.

Ka on üks meie suurimatest kohustest iga päew Jumala töö eest palwetada ja tema riigi töötegijate eest, kes peawad wastutust ja koormat kandma, samuti ka kõikide wendade-õdede eest üle terwe maailma, aga iseäranis Wenemaa wendade-õdede pärast, kel palju kannatada tuleb ja kes suurte raskuste ja arakstegewate olude all peawad wõitlema ja Issanda tööd edendama.

Ühtegi päewa ei pea meie mööda minna laskma, ilma et meie wendi õdesid, kes Wenemaal ja mujal maades Issanda tõe pärast kannatawad, palwes Issanda ette ei kanna, et Issand pea oma rahwa wabastamiseks ilmuks ja kurjuse siin ma peal lõpetaks!

O noticiário da nossa igreja na Estônia foi publicado desde 1925

Certo dia as autoridades o informaram de que seria mandado para a frente de batalha com outros soldados no Sábado seguinte. Deram-lhe uniforme e tudo o mais de que necessitava, exceto fuzil. Sua partida parecia certa. Isso fez com que muitos indagassem a si mesmos o que ele iria fazer sem fuzil. A ele e aos outros parecia que seria sentenciado à morte.

Ao aproximar-se o Sábado em que o irmão Korpmann deveria ir para o campo de batalha, ele contou que, devido à consciência religiosa baseada na Palavra de Deus, não poderia viajar no dia do Senhor. Por esse testemunho, foi imediatamente lançado na prisão, mas agradeceu ao Senhor. Ali encontrou muitos que foram presos por crimes diversos, pessoas que se revolviam na lama de sua própria impiedade, sem fé e sem Deus. A eles pôde falar da verdade e, como resultado, alguns se voltaram para o Senhor. Teve de passar por dificuldades e lutas maiores que as que havia enfrentado antes. As autoridades procuravam coagi-lo com mais intensidade para forçá-lo à combatência e violação do Sábado. Usaram de violência a fim de obrigá-lo a quebrar os mandamentos. Naquelas horas Deus ficou bem perto e lhe deu coragem e força.

Ali, naquelas condições, o irmão Korpmann passou vários meses enfrentando interrogatórios enquanto esperava o veredito. Repetiam-lhe todo dia que mão humana alguma conseguiria libertá-lo da prisão. Diziam que só lhe restava prisão prolongada ou pena de morte. Ele deixou o assunto nas mãos de Deus. Orou a fim de que Deus lhe desse força e robustecesse a fé para exaltar a verdade, permanecendo fiel na obediência a ela. No momento mais crítico, o Senhor veio em auxílio de Seu servo e o resgatou. O líder da União Estoniana, K. Hahn, enviou ofício ao Ministério da Guerra pedindo a libertação do irmão Korpmann. As muitas orações da igreja não foram em vão. O irmão Korpmann foi liberto. Quão grande foi a

alegria dele e de todos os irmãos quando viram mais uma vez que Deus responde a orações e opera milagres. (Condensado de *Der Adventarbeiter*, fevereiro de 1930).

III — Enfrentando uma crise

Aproximando-se o fim de 1931, os irmãos da Estônia enfrentaram uma crise quando obreiros ASD envidaram especiais esforços a fim de reaver para a Igreja Adventista bom número de reformistas. Em resposta a um pedido de ajuda, o irmão Otto Welp viajou da Alemanha para Reval em janeiro de 1932. A polêmica parecia inevitável.

Antes da entrevista, o irmão Welp realizou um culto de oração com nossos irmãos. Apresentaram o assunto ao Senhor, que lhes deu sabedoria para indicar, em sua verdadeira luz, tudo quanto se relacionava com a causa da separação. O debate começou na manhã do dia 6 de janeiro. Compareceram os seguintes representantes da IASD: o presidente da União, vindo de Riga, Letônia; o presidente do Campo Estoniano; cinco ou seis ministros e membros da comissão. Do nosso lado, tínhamos os líderes na Estônia, alguns obreiros e a comissão do Campo.

Durante a reunião, nossos irmãos apresentaram apenas questões fundamentais relacionadas com os princípios vigentes antes de 1914 e que o Movimento de Reforma ainda representa. Evidentemente, eles não gostaram disso. Era seu objetivo conseguir apenas reconciliação pessoal, como se alguns irmãos houvessem estado em discórdia e devessem então entender-se. A reconciliação que eles pretendiam nada tinha a ver com princípios, nem com a Lei de Deus nem com a Palavra de Deus. O que eles queriam nada tinha a ver com a base sobre a qual repousa o Movimento de Reforma. Pareciam ignorar que a separação era resultado da violação dos princípios da tríplice mensagem.

Quando nossos representantes falaram sobre esses princípios, deixaram claro que a apostasia vinha crescendo desde 1914. Todas as explicações dos líderes adventistas foram idênticas à última resposta apresentada pelo presidente da CG, pastor A. G. Daniells, em Friedensau, em 1920: “Cremos no quarto mandamento agora da mesma forma que antes críamos. Não podemos, porém, concordar com a interpretação dos senhores.” Também mencionaram aos nossos irmãos a decisão do Conselho da Divisão Européia em Gland, Suíça, em 2 de janeiro de 1923: “Reverenciamos a Lei de Deus contida no Decálogo conforme apresentada nos ensinos de Cristo e

exemplificada em Sua vida. ... [Mas] damos a cada membro de nossa igreja, em todas as épocas e lugares, liberdade absoluta para servir seu país de acordo com os ditames da consciência e convicção." Mais uma vez ficou claro que a União Báltica havia adotado a mesma posição da liderança das outras Uniões Européias e da Conferência Geral.

O confronto da posição original defendida pelo Movimento de Reforma quanto aos princípios da verdade e a nova posição assumida pela Igreja ASD, mostrou que o adventismo do passado era irreconciliável com o adventismo moderno. Só poderia haver reunificação entre os dois grupos se a liderança adventista se retratasse de seus erros e mostrasse arrependimento.

Somente a verdade, o amor de Cristo e Seu sangue podem reconciliar e reunificar o povo de Deus. O erro não pode uni-los. Deus e Seus servos não podem estar em comunhão com aqueles que toleram a iniqüidade (Salmo 94:20).

No fim da discussão, nosso povo foi chamado de fanático, fariseu, etc. Todos os irmãos reformistas presentes no debate puderam ver quão grande era a apostasia.

Após a discussão, mais de duzentos irmãos estiveram no lugar do encontro à noite, a fim de saber o resultado do debate. Então o irmão Welp explicou aos irmãos, mais uma vez, as verdadeiras causas da divisão. Todos viram claramente que a igreja de Laodicéia havia ido longe demais na direção errada e que o Senhor estava reunindo um remanescente em Seu aprisco. (Condensado de *Der Adventarbeiter*, fevereiro de 1932.)

18

Hungria

I — Início e primeiras experiências

A posição de combatência adotada pela IASD no início da Primeira Guerra Mundial motivou crise também entre os crentes adventistas na Hungria. Desde o fim de 1914 ou início de 1915, houve muita agitação em torno de a questão do porte de armas ser ou não coerente com a Lei de Deus. Os crentes na tríplice mensagem angélica ficaram divididos quanto a esta questão fundamental. A minoria entendeu que a mudança adotada pela igreja, de *não-participação* para *combatência*, ou *liberdade de consciência* para tomar parte no combate, sim, a minoria entendeu que essa mudança afeta a Lei de Deus e, portanto, altera a posição da igreja diante de Deus. Essa minoria reconheceu que o perigo contra o qual o Espírito de Profecia havia advertido, tornara-se, então, fato consumado:

"Neste tempo, a igreja deve usar suas lindas vestes 'Cristo, Justiça Nossa'. Existem claras e decididas distinções a ser restauradas e apre-

sentadas ao mundo por meio do exemplo, ao exaltar os mandamentos de Deus e a fé em Jesus. A beleza da santidade deve aparecer em seu brilho original em contraste com a deformidade e trevas dos infiéis, que se revoltaram contra a Lei de Deus. Reconhecemos assim a Deus e à Sua Lei, fundamento de Seu governo no Céu e em Seu domínio terrestre. A autoridade divina deve ser mantida distinta e clara perante o mundo. Não deverão ser reconhecidas leis que confrontem as de Jeová. Se em desafio às divinas disposições fosse permitido ao mundo influenciar nossas decisões ou ações, seria frustrado o desígnio divino. Especioso como seja o pretexto, se a igreja vacilar neste ponto está contra ela escrita nos livros dos Céus a negação dos mais sagrados encargos e traição ao reino de Cristo." —*Testemunhos para Ministros*, págs. 16 e 17.

Protestos públicos da parte de indivíduos e grupos ocasionaram exclusões e conseqüente separação.

Na tentativa de convencer os membros em favor da nova posição adotada pela igreja na Hungria, os líderes ASD naquele país publicaram o seguinte:

"As coisas que estão ocorrendo em nosso meio revelam-nos a necessidade de expressar uma vez mais nossa posição com respeito ao serviço militar e à participação na guerra. ...

Irmã Konz Rosa Lambru com o irmão A. C. Sas (1995). Ela nasceu em 1901, aceitou a fé adventista em 1914 e foi excluída da Igreja ASD em 1916, juntamente com Ilona Farkas (depois Ilona F. Sas, mãe do irmão Sas) e outros por protestarem contra a nova posição da denominação. Ainda clara em sua mente, contou ao irmão Sas a experiência por que ela e outros crentes adventistas passaram durante a Primeira Guerra Mundial

"O Deus Todo-Poderoso tem empregado a guerra em todos os tempos como instrumento de punição. Ver Jeremias 25:14-31. Quando o Senhor delineou as regras relativas à guerra, deu também a explicação correta do sexto mandamento.

"Devemos entender que, embora esse mandamento ainda hoje proíba o homicídio, o massacre de seres humanos, etc., entre cidadãos, causado por ódios pessoais, o mandamento não se aplica à guerra. Podemos ver isso também numa experiência de Davi, mencionada em 1 Reis 2:5.

"João Batista não condenou o serviço militar, mas aconselhou que os deveres deveriam ser cumpridos fielmente (Lucas 3:14). Não podemos aqui aplicar as palavras: 'Porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão', pois o que elas proíbem é a defesa das coisas religiosas pela espada.

"Confessamos que não podemos entender a Palavra de Deus de outro modo. Está claro que as autoridades são ordenadas por Deus para que, com a ajuda de armas, possam manter a ordem e a verdade, e manter a paz no país. Ao contrário, os crentes não teriam paz. Se transferirmos essa responsabilidade para os que não crêem na Palavra de Deus, estaremos subvertendo a ordem divina. Se aceitarmos as bênçãos da ordem comum, devemos escusar-nos de tomar parte na responsabilidade? Isso não é comportamento cristão. Aquele que deseja desfrutar privilégios, também deve estar pronto para cumprir deveres. Foi isso o que Cristo quis dizer ao declarar: 'Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.'

"Subentende-se que, a despeito desta declaração, damos a todos completa liberdade de consciência, e respeitamos a convicção e posição de todos os outros, mas condenamos resolutamente o comportamento provocativo de certos agitadores que tentam impingir seu ponto de vista a outros, pondo assim em risco não somente o interesse do país mas também a causa de Deus. (Assinam) As Comissões das Uniões da Alemanha Ocidental e Oriental, da União Centro-européia e da União do Danúbio da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Hamburgo, 15 de novembro de 1917." —*Utolso Uzenet* (Publicação ASD em húngaro).

Os crentes húngaros de mentalidade reformista não sabiam que Deus havia predito uma reforma entre o povo adventista, nem cogitavam em outra organização. Muitos criam que o fim da guerra estava próximo, e encontravam-se muito preocupados com a preparação para a segunda vinda de Cristo. Embora poucos em número,

Conferência reformista em Budapeste, Hungria, 1930

Grupo de crentes reformistas com visitantes da Alemanha, em Mako, Hungria, 1932

tachados de falsos profetas e perseguidos pela Igreja Adventista e pelo mundo, compraziam-se grandemente na verdade.

Em 1916, eles receberam a visita de um jovem, Dumitru Nicolici, que havia passado por experiência semelhante. Grande foi seu regozijo quando souberam que as mesmas provas que enfrentaram haviam vindo também à igreja adventista local onde aquele jovem tinha sido membro, na Romênia. O grupo a que ele pertencia também havia sido excluído da comunhão por haver permanecido firme na observância aos mandamentos de Deus em todas as circunstâncias, mesmo em tempo de guerra. Nicolici declarou: "A igreja fala contra nós; rebaixa-nos como um grupinho. Os líderes nos rejeitam. Mas Deus não nos desamparou."

Falando sobre os vários grupos de excluídos, contou que, em muitos casos, onde os homens haviam sido lançados na prisão, as esposas saíram a pregar a mensagem. O Senhor estava rapidamente aumentando o número dos que permaneciam na defesa da verdade. Ao ouvir essas palavras, aqueles irmãos ficaram grandemente encorajados.

Em 1918, cerca de duzentos adventistas não-conformistas, que objetavam contra a apostasia em relação à Lei de Deus, permaneceram como grupo separado na Hungria. Os efeitos da guerra, porém, determinaram mudanças territoriais. A Hungria teve de ceder parte de seu território para a Romênia, com 170 crentes. O remanescente foi reduzido ainda mais, quando uma porção da Hungria com pequeno grupo de crentes se tornou parte da Sérvia, e outra foi cedida à Checoslováquia. Em resultado, aquele grupo de duzentas pessoas ficou reduzido a quinze. Até 1930, contudo, esse rebanho pequeno, mas ativo, havia crescido para 137 membros. Finalmente, o Movimento de Reforma foi estabelecido na reduzida Hungria, e nossos opositores tiveram razões suficientes para admitir que a zombaria deles tinha sido em vão.

Entre os homens mais ativos que trabalharam para o progresso da mensagem de Reforma na Hungria em seus primórdios, estavam Sandor Freiberger, Mihai Anulo, Constantin Ursan e Lajos Pogany.

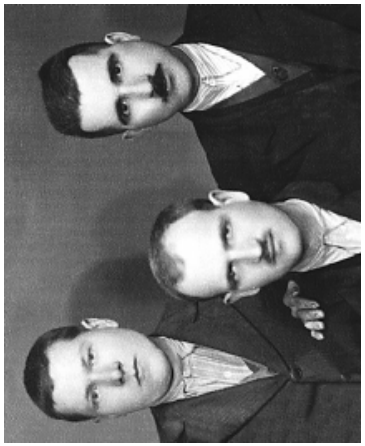
Durante ambas as Guerras Mundiais, a incompatibilidade entre o *Assim diz o Estado* e o *Assim diz o Senhor* tornou alguns húngaros mártires da fé. Entre os que depuseram a vida por amor à verdade durante a Segunda Guerra Mundial, achavam-se os seguintes: Janos Sari, Bertalan Toth, Gyorgy Kovacs, Mihaly Gaal, Jozsef Toth.

Gheorghe Panaitescu escreveu sobre o irmão Gaal: "Mihaly Gaal era tesoureiro da Obra na Hungria. Por algum tempo, ele e eu fomos companheiros na colportagem. Tendo sido fiel à Lei de Deus, durante a Segunda Guerra Mundial, foi sentenciado à morte."

II — Biografias e experiências pessoais

Janos Bokor

Embora Janos Bokor (1892-1966) fosse conhecedor da fé adventista, serviu como soldado húngaro durante a Primeira Guerra Mundial. Muitos, obrigados a trabalhar em áreas infestadas pela malária, foram infectados. Bokor foi um desses. A doença quase o matou. Aliás, foi considerado morto. Seu corpo foi colocado entre outros corpos, para ser sepultado. Ao despertar, recorreu a Deus em oração:



Acima: Conferência reformista em Budapeste, Hungria, 1934

À dir.: Janos Bokor e esposa. Bokor foi um líder pioneiro entre os primeiros reformistas na Hungria

Mais à dir.: Mártires reformistas na Hungria. Da esq. para a dir., Bertalan Toth, Gyorgy Kovacs, Janos Sari. Esses foram alguns de nossos irmãos húngaros que morreram como heróis da fé durante a Segunda Guerra Mundial

"Senhor, sê misericordioso para comigo. Deixa-me voltar são e salvo para casa. Se atenderes o meu pedido, eu Te servirei de todo o meu coração." A prece foi atendida e ele se converteu.

Seus pais pertenciam à IASD. O lar deles, numa aldeia perto de Tirgu-Mures, era um local de reuniões da região. A crise que sobreveio ao mundo, principalmente à Europa, foi grande prova para a igreja. A mobilização iniciada em favor da defesa do país exigia submissão incondicional. Foram poucos os que tiveram coragem de recusar-se ao chamado com base na objeção de consciência. Todos sabiam que a recusa resultaria em castigos severos e até em morte. Os líderes adventistas já se haviam deslocado para a frente de batalha a fim de defender a pátria com armas mesmo no Sábado. Os Bokor, contudo, faziam parte do pequeno grupo de crentes, na Igreja Adventista, cuja convicção era de que Deus e Sua Palavra são a autoridade suprema. Não era possível quebrar os mandamentos de Deus e ainda agradar-Lhe.

O ministro da igreja que freqüentavam disse que todos deveriam tomar parte na guerra e lutar em defesa do país, mesmo no Sábado. Mas os membros da igreja local não aceitaram o conselho. A irmã Bokor apelou repetidamente ao marido, Janos, para que permanecesse fiel a Deus em todas as circunstâncias. Mas ele só tomou decisão depois daquela experiência com o Senhor. Todos os membros eram contrários ao conselho dado pelo pastor. Assim, ele excluiu o grupo inteiro. Isso motivou crise entre os adventistas.

Aquele grupo de crentes, que chamaremos de *o grupo dos Bokor*, teve a fé provada em alto grau, mas o Senhor não os desamparou.

Um jovem adventista, que ouvira falar dos irmãos de mentalidade reformista e obtivera o endereço deles, visitou-os. Contou a eles que pertencia a um grupo de adventistas em Budapeste, que estava passando por provações semelhantes. Disse que, embora a maioria houvera cedido, havia alguns que se recusavam a seguir a recomendação dos líderes e permaneciam firmes na verdade. Com essa visita, o *grupo dos Bokor* ficou grandemente confortado.

Aquele jovem disse-lhes que comer carne, mesmo de animais limpos, não estava em harmonia com a vontade de Deus. Após muito estudo e oração, tomaram a decisão de excluir do regime toda espécie de carne. Naquela época os livros do Espírito de Profecia eram escassamente conhecidos entre os ASD. A Bíblia foi o fundamento sobre o qual apoiaram sua posição quanto à reforma de saúde.

Os romenos assumiram o controle do território onde os Bokor viviam. Na Romênia, Janos Bokor trabalhou para o Senhor durante muitos anos até ser transferido para a Hungria em maio de 1941. (Ver relato separado sobre Janos Bokor no próximo capítulo, *Romênia*.)

Entre 1941 e 1942, foi iniciado um movimento para unir as igrejas cristãs numa só organização. O Concílio Nacional das Igrejas na Hungria absorveu nove denominações, incluindo a IASD. Os reformistas ASD recusaram-se a participar dessa união. Imediatamente a recusa resultou em mais perseguição. Em 1942, Janos Bokor, Lajos Pogany, Gyorgy Szasz e outros foram presos e submetidos a grandes sofrimentos. O irmão Bokor foi torturado com choque elétrico. Esse era o meio empregado pela polícia para extorquir informações sobre a igreja, tais como nomes e paradeiros dos líderes, numero de membros, registros, finanças, etc. Coberto de hematomas no corpo todo, o irmão Bokor foi liberto em 1945. Embora com a saúde precária, continuou servindo ao Senhor de todo o coração, sendo ministro fiel até o falecimento em 1966.

Lajos Pogany

Nasceu em 1 de fevereiro de 1896. O pai falecera com 36 anos. A mãe teve de lutar para criar cinco filhos. Um deles morreu jovem. Ela foi membro da Igreja Reformada, denominação protestante na Hungria. Recebeu educação cristã que transmitiu aos filhos, fazendo o melhor que pôde para criá-los no temor do Senhor.

Com 14 anos, Lajos tornou-se aprendiz de ferreiro. Duas semanas depois de haver iniciado o trabalho, não usando óculos de proteção, teve o olho esquerdo atingido por uma fagulha.

A mãe de Lajos ficou muito triste, e ele também. A princípio não conseguia entender por que Deus havia permitido que aquilo acontecesse. Ora, ele era temente a Deus. Só mais tarde entendeu. Sua deficiência visual transformou-se em bênção. Acabou encontrando conforto na resposta de Deus a Paulo. Além disso, a cegueira parcial foi a causa da isenção do serviço militar. A despeito da deficiência, Lajos aprendeu com perfeição o ofício, tornando-se o empregado mais conceituado da oficina. O patrão o apreciava tanto que, quando precisou ausentar-se por um ano, para servir no exército, confiou a Lajos a administração da empresa.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a família Pogany interessou-se na mensagem do advento mediante a leitura de livros com-

Lajos Pogany e esposa. Lajos é também conhecido como um dos líderes pioneiros na Hungria

prados de colportores adventistas. Com exceção do irmão mais velho, que estava na frente de batalha, toda a família (mãe e filhos) aceitaram a fé adventista e foram batizados.

Ficaram grandemente decepcionados, porém, quando descobriram que a liderança e a maioria da igreja na Hungria havia adotado a posição de combatentes. Então resolveram assistir às reuniões dos poucos fiéis que ainda mantinham a norma. Por esse motivo foram excluídos da comunhão da IASD.

Naqueles dias, os verdadeiros defensores da fé adventista, conhecidos como *adventistas reformistas*, eram missionários muito ativos e intrépidos. Saíam de dois em dois levando literatura de porta em porta. Os Pogany, naturalmente, também participaram desse trabalho. Os reformistas sentiam que a mão de Deus estava com eles e não podiam agir de outro modo a não ser defendendo a verdade e dela testificando.

Permanecendo acordado até tarde, Lajos sentiu grande alegria ao estudar a Bíblia e os Testemunhos e ao ministrar estudos bíblicos.

Com mais de 20 anos de idade, Lajos foi ordenado ao ministério. Em 1926 casou-se com Agnes Fulop, obreira bíblica.

Durante a Segunda Guerra Mundial, como já mencionamos, os reformistas passaram por grandes provações na Hungria. Em 1942 vários ministros e obreiros, incluindo Lajos, foram presos em Seged. Dia após dia, contudo, sentiam que a mão misericordiosa de Deus estava com eles. Chegaram a ter permissão de receber diariamente comida que uma das irmãs lhes trazia.

Quando compareceram perante o tribunal para a sentença que certamente receberiam, o promotor público não os acusou de nenhum crime, nem de nenhum mau procedimento. Ao contrário, proferiu um discurso em defesa deles. Explicou por que, quando e como

o Movimento Adventista se havia iniciado, o que os adventistas criam, e a razão pela qual tinha havido um conflito e sacudidura na Igreja Adventista durante a Primeira Guerra Mundial. Esclareceu que, enquanto muitos haviam portado armas de guerra com o consentimento da liderança da igreja, uns poucos fiéis haviam permanecido firmes na defesa dos Dez Mandamentos, e essa era a única razão por que esses homens estavam sendo trazidos ao tribunal. Acrescentou, ainda, que, a não ser por causa da guerra, o governo jamais teria problema com essas pessoas, pois estavam entre os cidadãos mais respeitáveis do país. A despeito do discurso favorável, foram levados para campos de concentração. Lajos e outros irmãos foram confinados num lugar reservado para presos políticos.

No fim da Guerra, em 1945, os prisioneiros objetores de consciência foram libertos. Lajos se alegrou em voltar para casa e encontrar com vida esposa e filhos.

Logo que foram libertos, Lajos, outros ministros e obreiros sobreviventes continuaram o bem-aventurado trabalho de salvar almas. Não foi, porém, sem dificuldades e provas que cumpriram o sagrado dever. Mesmo depois de a paz haver sido restaurada, nossos irmãos tiveram de passar por grandes sofrimentos devido à fé. Nos anos cinqüenta, alguns foram condenados a passar de oito a dez anos na prisão.

Após haver dedicado mais de cinqüenta anos ao ministério, Lajos Pogany repousou no Senhor em 27 de junho de 1982. A esposa descansou em 1984. Deixaram três filhos e duas filhas. O mais velho, também chamado Lajos, seguiu os passos do pai: "Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar." João 9:4.

Pogany Lajosne (quando solteira, Agnes Fulop)

Agnes morava na Transilvânia. Em 1912, com 14 anos, ouviu pela primeira vez uma clara exposição da verdade conforme ensinada pelos ASD. Em agosto de 1914 começou a guardar o Sábado. Disse que se lembrava com nitidez de que a lição da Escola Sabatina estudada pelos adventistas, era sobre Romanos 13. Com a lição veio este apelo: deveria haver cultos de oração pela vitória das forças armadas alemãs. Era evidente que se delineava uma crise diante do grupo a cujas reuniões Agnes assistia.

Às vezes esse grupo de crentes ia aos cultos sabáticos em Marosvasarhely, que os romenos chamam Tirgu Mures. Certa vez, na hora do almoço, resolveram visitar os soldados adventistas no

acampamento. Com uniformes sujos, esses soldados adventistas haviam acabado de chegar de trabalho físico, ou treinamento militar. Isto causou surpresa a Agnes. Maior surpresa teve em seguida, quando os viu servindo-se da mesma comida dos demais.

Agnes conta que os soldados adventistas mais idosos logo foram enviados para a frente de batalha, onde tentaram pregar aos outros soldados o Evangelho e os Dez Mandamentos. Então, alguns não-adventistas comentaram: "Colega, se você prega a guarda dos Dez Mandamentos, então o que está fazendo aqui no campo de batalha com armas na mão?"

Essa pergunta despertou a consciência de dois daqueles adventistas. Pouco depois, ambos foram gravemente feridos. Ao saírem do hospital, receberam permissão de ir para casa. Começaram a anunciar que a Igreja Adventista havia abandonado os princípios. Estava, portanto, em apostasia. Para provar, apresentaram antigos trimensários da Escola Sabatina e outros escritos que mostravam que os ASD, no passado, criam na estrita obediência aos mandamentos de Deus. Não demorou muito e alguns adventistas fiéis que participavam da mesma convicção, uniram-se a eles. Realizavam reuniões nas proximidades de Tirgu-Mures. Agnes juntou-se a eles.

Um dos irmãos desse grupo foi convocado e, havendo-se recusado a alistar-se, foi levado à força para a frente de batalha, onde morreu. Antes, havia dito à esposa que em Kolozsvar (Cluj) havia dois adventistas que criam exatamente como esses adventistas de mentalidade reformista: nenhuma participação em atos de guerra e derramamento de sangue, fiel observância do Sábado, etc. Ela os procurou e, logo depois, eles começaram a enviar para o grupo de Tirgu-Mures a revista *Orallo* (Sentinela), publicada pelos irmãos reformistas. Foi através dessa revista que conheceram as características do povo de Deus:

1. Guardam os mandamentos de Deus.
2. Têm o testemunho de Jesus.
3. São perseguidos.

Certo Sábado os membros daquele grupo foram convidados a tomar parte na celebração da Ceia do Senhor, na igreja de Mezoepanit, onde eram membros. No sermão o ministro disse que chegara o tempo em que muitos apostatariam da fé. No fim, acrescentou: "Os que crêem que não devem portar armas nem prestar serviço militar no Sábado, fiquem de pé." Cerca de dez membros que assim criam,

levantaram-se. Então, o ministro declarou: "Todos quantos mostraram por este gesto a sua posição, estão excluídos da comunhão da igreja e, portanto, não têm o direito de tomar parte da Ceia do Senhor."

No verão de 1917 um irmão de Budapeste visitou o grupo de Tirgu-Mures, que então se compunha de quase oitenta membros. Estavam numa fazenda próxima. Entre outros assuntos, a respeito dos quais eles não haviam sido instruídos antes, apresentou-lhes os Testemunhos da irmã White e a mensagem de saúde.

Embora a literatura fosse escassa, logo saíram a colportar de dois em dois. Como resultado, o número de almas que professavam a mensagem de Reforma continuou crescendo. Entre esses crentes havia tão forte zelo pela verdade que, para eles, nenhum sacrifício parecia grande.

Em Ploesti, Romênia, em 1921, foi realizada uma conferência de irmãos húngaros e romenos. Agnes e a irmã fizeram 480 quilômetros a pé, dedicando-se em todo o percurso à colportagem missionária. Outros, vindos de diversas direções, fizeram o mesmo. Passaram várias semanas viajando. Em Brasov, onde os reformistas tinham uma casa de reunião, os visitantes de Tirgu-Mures se encontraram com outros grupos que também faziam caminhada missionária para a conferência em Ploesti.

Dali, enviaram missionários para todas as direções. Agnes foi para a Hungria, onde continuou a trabalhar por vários anos, até casar-se com Lajos Pogany, primeiro ministro reformista naquele país. Então o nome dela, conforme o costume húngaro, tornou-se Pogany Lajosne. Ela cooperou com ele de todo o coração no ministério de salvar almas até que descansou no Senhor em 1982.

Gergely Szasz (posteriormente grafado Sas)

Em 13 de fevereiro de 1913, Gergely foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Quando a guerra eclodiu na Europa, em 1914, foi convocado para as forças armadas. Entretanto, adoeceu, e foi temporariamente para casa.

Alguns irmãos da área onde ele vivia eram objetores de consciência: recusavam-se a tomar parte no serviço militar. Quando Gergely voltou do campo de batalha, uniu-se a eles. Os que permaneceram fiéis à Lei de Deus, opondo-se à posição de combatência adotada pelos líderes, foram excluídos da IASD.

Durante esses dias, em que as reuniões religiosas eram proibidas naquela parte da Hungria, Gergely realizou obra missionária entre os poucos fiéis que mais tarde integraram o núcleo do Movimento de Reforma. Por causa das proibições, realizavam seus cultos em lugares isolados, principalmente à noite, e a portas fechadas.

Certo Sábado, antes do alvorecer, dirigiram-se a uma fazenda para assistir à Escola Sabatina e ao culto divino. Alguém, provavelmente um vizinho, notou a presença deles e os delatou à polícia.

Após a Escola Sabatina, quando Gergely estava dirigindo o culto, chegaram dois soldados. Sem saber o que estava acontecendo os irmãos ficaram atônitos. Os soldados perguntaram:

— Quem é Gergely Szasz?

— Sou eu.

— Não sabe que é ilegal promover reuniões?

A congregação ficou em silêncio. Então disseram ao povo:

— Sigam-nos!

Os irmãos, cerca de vinte, depois de andarem durante horas, chegaram à cidade. Um dos soldados caminhava à frente do grupo e outro atrás.

Entre os irmãos havia dois homens, Imre e Janos, que cantavam e se regozijavam durante todo o percurso até a cidade. Gergely os advertiu para que não se comportassem assim, mas eles responderam:

— Estamos contentes porque hoje estamos sofrendo por amor a Cristo.

Os irmãos falavam húngaro, e os soldados conheciam apenas o idioma romeno. Isso aconteceu num lugar que no passado pertencera à Hungria, mas na época havia sido ocupado pelos romenos.

Foram levados ao tribunal e deixados num pátio murado. Após alguns minutos, um soldado saiu e apontou para os irmãos que haviam estado cantando. Um oficial mandou buscar Janos.

— É verdade que vocês não trabalham no dia de hoje?

— É verdade.

— Mas eu ordeno que limpe o pátio agora mesmo.

— Não o farei, pois hoje é o dia do Senhor.

— Dê-lhe 25 chicotadas

(Vinte e cinco chicotadas era o castigo mais brando no exército romeno).

Janos suportou as 25 chicotadas sem abrir a boca. Depois, voltando-se para o oficial, disse:

— Muito obrigado.

O oficial, grandemente irado, ordenou que lhe fossem dadas outras 25 chicotadas. Quando lhe aplicaram a terceira, ele começou a sangrar e a gritar. Porém, não se mostrou para com ele misericórdia alguma. Ao ser-lhe aplicada a qüinquagésima, ele estava desmaiado.

Em seguida, o oficial mandou buscar Imre e ordenou-lhe que lavasse o sanitário. Ele se recusou a fazê-lo, porque aquele dia era Sábado. Então puseram a vassoura nas mãos dele e, segurando-as, começaram a varrer o assoalho. "Veja, você está trabalhando. Continue varrendo", disseram.

Logo que lhe soltaram as mãos, ele deixou cair a vassoura.

Então o agarraram pelo cabelo e bateram seu rosto contra o vaso sanitário. O rosto ficou muito ferido e sangrando. Lançaram-no fora chutando-lhe o estômago. Os irmãos que ali estavam limparam-lhe o sangue com um pano.

Todos estavam na expectativa do que aconteceria em seguida. Durante várias horas recitaram versos bíblicos e dirigiram ferventes orações a Deus, animando-se mutuamente a permanecerem fiéis e a suportarem as provas que houvessem de sobrevir.

Finalmente o oficial saiu e chamou Gergely Sas e dois outros nomes. Os demais irmãos foram para casa à tardinha.

O oficial perguntou a Gergely:

— É verdade que você não faz o sinal da cruz?

— É verdade.

— Mas estou mandando que você se persigne agora mesmo.

— Não faço.

Então o oficial, enfurecido, o esmurrou no rosto, quebrando-lhe o osso nasal. Os que chegaram a conhecer o irmão Sas, pai, se lembram de que tinha nariz achatado.

A seguir, o oficial mandou que os três homens fossem postos em celas individuais tão baixas que não podiam ficar de pé, e tão estreitas que não podiam ajoelhar nem sentar-se. Eles ficaram ali, meio ajoelhados, meio em pé, sem alimento nem água, durante três dias e três noites. Gergely ficou gravemente enfermo.

Após três dias de encarceramento nessas condições desumanas, foram para casa. Estavam fracos, famintos, extenuados, as pernas endurecidas. Pareciam ébrios. Com dificuldade conseguiam andar.

A caminho de casa, arrastando-se pela estrada, ficaram surpresos ao ver, no chão, uma grande panqueca. Após terem-na repartido, com o coração grato, sentiram-se fortalecidos para continuar viagem.

Muitos irmãos sofreram prisões durante a guerra. Gergely Sas várias vezes foi preso. Duas vezes foi condenado à morte. Mas o Senhor, que o livrou maravilhosamente, estava reservando um plano para ele e sua família.

Somos gratos a Deus pelos fiéis pioneiros do Movimento de Reforma, que sobreviveram em meio a dificuldades, sacrifícios e perseguições. O sangue de muitos mártires foi derramado na Hungria.

Ilona Farkas Szasz (posteriormente grafado Sas)

A experiência da irmã Sas, transcrita abaixo, também nos dá uma idéia das dificuldades que nossos irmãos tiveram de enfrentar naqueles primeiros dias. Nós a chamaremos pelo seu primeiro nome, Ilona, Helena em português.

Em agosto de 1914, início da Primeira Guerra Mundial, não havia adventistas em sua vizinhança. Ela não tinha ouvido nem mesmo da existência de observadores do Sábado. Contudo, logo após o início da guerra, alguns adventistas chegaram à região onde vivia e convidaram os vizinhos a comparecerem às reuniões. A família Farkas também foi convidada. Nas conferências os adventistas enfatizavam a proximidade do fim do mundo com base em Mateus 24. Três membros da família aceitaram a mensagem: a mãe, o irmão e Ilona.

No mesmo ano começaram a guardar o Sábado do quarto mandamento. Todos os Sábados percorriam grande distância até o local das reuniões. Como ainda nem todos eram membros, os irmãos nada disseram sobre as dificuldades que estavam enfrentando na igreja.

Em 1915 houve muita dissensão entre os irmãos. Mas eles foram cautelosos em não revelar essas dificuldades aos interessados. Por esta razão, os Farkas não sabiam por que havia tantas discussões na igreja. A contenda era porque nem todos concordavam em ir à guerra e transgredir os mandamentos.

No início de 1916, o pastor Murbach, ministro alemão, foi oficiar as ordenanças, acontecimento que todos esperavam ansiosamente.

Antes que os emblemas do sofrimento e morte do Salvador fossem distribuídos, o pastor proferiu o sermão, ao fim do qual declarou: "Os que estão do lado do irmão Kutasi, fiquem de pé."

O irmão Kutasi replicou: "Do meu lado, não. Do lado do Senhor e do lado da verdade que costumamos defender."

Quase metade da igreja se levantou. O ministro disse que não celebraria a Ceia do Senhor. Comentando Romanos 13, disse que os que se recusavam a portar armas estavam errados. Também decla-

rou que as autoridades da Terra são estabelecidas por Deus e todos devem obedecê-las. Mas os irmãos de mentalidade reformista disseram que o Sábado é santo, deve ser observado, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra. A discussão foi demorada, tornando-se cada vez mais acalorada. Então, os que defendiam os mandamentos de Deus saíram da reunião. Houve sacudidura.

Os Farkas resolveram então reunir-se com irmãos de outro lugar. Entristeceram-se muito pelo que estava acontecendo. No fim da reunião Ilona disse: "Agora não tomaremos a Ceia do Senhor nunca mais."

O irmão Kutasi consolou-a: "Não chore, minha querida irmã. O Senhor cuidará de Seus filhos. Ele enviará outro ministro para celebrar as ordenanças."

Ilona conhecia pessoalmente muitos irmãos fiéis. Damakos Szikszai era um deles. Por haver-se recusado a portar armas, foi levado à força para o campo de batalha. Contou numa carta que estava sendo torturado com uma arma amarrada às costas. Após alguns dias veio a notícia de que havia falecido. Os irmãos deduziram que fora torturado até à morte. Janos Szabo foi espancado tão brutalmente, que também não resistiu. Dois outros crentes conhecidos de Ilona estavam entre os que, depois de deixarem a igreja-mãe, foram presos, acorrentados e torturados.

Naquela época, onde a família Farkas vivia, os debates principais eram sobre a Lei de Deus e sua relação para com o serviço militar e a guerra.

Conforme predito em *Primeiros Escritos*, pág. 45, logo começaram a aparecer também falsas reformas. Isso foi para os crentes reformistas indicação de que deveria existir a reforma verdadeira. Os perigos que eles tiveram de enfrentar, da parte de reformadores espúrios, forçaram-nos a estudar mais profundamente a verdade representada pelo Movimento de Reforma e, em resultado, ficaram mais firmemente estabelecidos em suas convicções.

Os princípios fundamentais então adotados pelos irmãos reformistas eram os mandamentos da Lei de Deus e o Testemunho de Jesus Cristo. À medida que proclamavam a tríplice mensagem, sentiram que o poderoso anjo de Apocalipse 18, que devia encher a Terra com a sua glória, tinha vindo ajudar na proclamação dessa mensagem. *(Primeiros Escritos,* pág. 277).

Em suas primeiras experiências os irmãos nem sempre tiveram dias de júbilo. Por vezes o coração se enchia de tristeza, quando al-

guns daqueles que haviam conhecido o caminho da verdade desviavam-se dele e começavam a difamar os sinceros por não os seguirem em sua rota de ziguezague. Muitos ainda continuam a seguir hoje a mesma direção. Não compreendem quão alto foi o preço do estabelecimento do Movimento de Reforma. Este Movimento foi estabelecido à custa de *escárnios e açoites*, e ainda *cadeias, prisões e martírios*. As almas vacilantes que abandonaram o Movimento de Reforma e juntaram-se a alguns grupos independentes ou voltaram para a Igreja Adventista, acabaram muitas vezes perdendo toda a sua experiência religiosa. Temos visto muitos casos desse tipo desde o princípio.

A irmã Ilona encerrou sua experiência com o seguinte apelo:

"À medida que a batalha se tornar mais feroz, a fé dos filhos de Deus será posta à prova, individualmente e de maneira inesperada. Portanto, devemos pensar no tempo solene em que estamos vivendo e examinar-nos profundamente a nós mesmos. Convertamo-nos inteiramente a Deus, buscando-O por meio de jejum e oração, para que Ele nos mostre misericórdia e nos fortaleça para o tempo vindouro de provas."

III — Uma das primeiras conferências

Pela conferência descrita a seguir, o leitor verá com que zelo os irmãos freqüentavam nossas reuniões naqueles dias, apesar de as condições serem as mais proibitivas.

Logo após a assembléia da Conferência Geral em Gotha, Alemanha, em 1925, realizou-se uma conferência em Kistelek, Hungria, com a presença de Otto Welp, presidente da CG. Satanás, por intermédio dos padres locais, tentou, com a ajuda da polícia, impedir aquele encontro, perturbando a reunião, por causa da suspeita que havia sido levantada contra nosso povo. Assim, tivemos a oportunidade de testificar do Senhor perante as autoridades. Depois de darmos testemunho, recebemos permissão para continuar nossas reuniões com a condição de que oficiais da polícia estariam presentes para observar o que se passava.

Havia oito candidatos prontos para fazer concerto com o Senhor. Quando os irmãos estavam prestes a sair para o lugar onde se realizaria o batismo, muitos amigos da verdade e muita gente da região manifestaram desejo de acompanhá-los e assistir à cerimônia. A multidão era tão grande que o batismo previsto para a tarde foi proibido pela polícia. A cerimônia batismal foi realizada por volta de meia-noite.

Na tarde de Sábado, ao iniciar o culto da Ceia do Senhor, o irmão Welp apresentou um estudo bíblico baseado nas bodas do Cordeiro, lendo Apocalipse 19:6-10, 17-21. Após a cerimônia, um guarda da segurança chegou com outro oficial. Alegaram haver encontrado provas contra o pastor em seu estudo. Ele havia lido sobre o fim que teriam os reis, os comandantes e os poderosos. A interferência dos policiais, porém, deu aos irmãos oportunidade para explicarem que todos quantos não seguem a verdade perecerão, conforme descrito em Apocalipse 19:17-21.

A polícia havia resolvido que crianças e adolescentes abaixo de dezoito anos não teriam permissão para assistir às reuniões. Sempre que alguns juvenis ousavam intrometer-se entre os irmãos, os policiais os expulsavam. Isso encheu os juvenis de tristeza e indignação. Um rapazinho de dezesseis anos chorou amargamente. Quando o irmão Welp lhe perguntou por que estava tão triste, respondeu: "Porque tenho grande desejo de ouvir a Palavra de Deus." Por várias vezes havia sido expulso das reuniões. Quem dera que nossas crianças e jovens em toda parte mostrassem hoje, pelo Salvador e pela verdade, o mesmo zelo e amor testemunhados na Hungria, naqueles primeiros dias! (Condensado e adaptado de *Sabbat-Wächter*, junho de 1925).

IV — Experiência na Colportagem

Em 1932, um colportor dirigiu-se a uma aldeia à margem do Danúbio, para trabalhar. Ao chegar a noite, tentou encontrar um cômodo para dormir. Bateu em muitas portas, mas sem êxito. Ninguém queria dar-lhe hospedagem. Na última casa, o proprietário demonstrou ser homem muito cruel e impiedoso.

Já era tarde da noite, e o pobre colportor foi deixado na rua, ao relento. Que fazer? Não havia outra opção a não ser ir para o campo. Sendo época de colheita, com um feixe de trigo improvisou uma cama. Lembrou-se das palavras de Jesus: "As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos; mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça." Mateus 8:20.

Ali, a céu aberto, abriu o coração a Deus. Em fervente oração pediu ao Senhor que perdoasse o povo a recusa da hospitalidade. De manhã, ao despertar, agradeceu ao Senhor a proteção e auxílio.

Subitamente ficou alarmado ao ver o que tinha acontecido ao proprietário da última casa em que batera. Quando vinha do campo com um carregamento de trigo, a carroça tombou e ele ficou debaixo da carga. O colportor correu ao lugar do acidente a fim de ajudar

o desventurado fazendeiro. Retirou rapidamente os feixes de sobre ele e o arrastou. Aquele carroceiro precisava de cuidados urgentes. O colportor correu até o rio e, no chapéu, trouxe água para revigorar o acidentado. Por pouco não morrera sufocado.

Ao recobrar o sentido, reconheceu quem o auxiliava. Viu que era o colportor que na véspera havia escorraçado. Profundamente envergonhado, pediu desculpas e agradeceu a amorável ajuda. Então o fazendeiro perguntou o que o colportor desejava fazer na aldeia. A resposta foi: "Eu distribuo publicações com a mensagem para o tempo presente."

O fazendeiro convidou-o para sua casa e deu-lhe de comer. Comprou um exemplar de cada literatura que o colportor vendia com pronta entrega. A seguir, acompanhou-o à Prefeitura. Sendo membro do Conselho, foi-lhe fácil obter permissão para nosso irmão trabalhar no povoado. Na Câmara o fazendeiro contou a experiência por que havia passado naquela manhã. Disse que, por seu procedimento anticristão, quase havia perdido a vida, e que Deus usara o forasteiro para salvá-lo. E acrescentou: "É homem de bom caráter. Deve sem dúvida estar empenhado numa boa obra."

O ministro protestante, que também estava presente, enviou um menino para conduzir o colportor a todos os lares protestantes. Quando o povo da aldeia soube que o visitante obtivera permissão legal, compraram-lhe toda a literatura. Depois de passar por todos os lares protestantes, despediu o garoto e começou a visitar outras famílias. Sua obra naquela aldeia foi grandemente abençoada. (Condensado de *Sabbat-Wächter*, dezembro de 1932.)

V — Provas durante a Segunda Guerra Mundial

A exemplo do que ocorreu em outros países envolvidos na guerra, na Hungria nosso povo também passou por ardentes provas durante os anos de hostilidade. Eis uma experiência de partir o coração a respeito de um fiel irmão, Jozsef Toth, cuja severa prova começou em 1942.

O irmão Toth, nascido em 1902, conheceu a fé do advento por meio de um colportor evangelista adventista em 1932. Depois da conversão, a mãe e a esposa seguiram-lhe o exemplo. Quando começou a freqüentar a Igreja Adventista, contou aos irmãos um sonho interessante que tivera. Sonhou com três pássaros que voavam e cantavam com voz humana: "Afastem-se, afastem-se do pecado. O pecado é como veneno: Matará a todos os que dele se aproximarem." Os pássaros pousaram no chão e imediatamente se transfor-

maram em homens. Isso, evidentemente, só podia acontecer em sonho, mas serviu para aproximá-lo ainda mais do Senhor. O interessante da história foi que o irmão aprendeu o hino do sonho, tanto a letra como a melodia. Os irmãos então disseram: "Irmão, cante o hino." Verificaram que era do hinário e bem conhecido. A experiência foi contada pela esposa dele.

Depois disso teve outro sonho interessante que o levou a entender os princípios da reforma da saúde. Aconteceu enquanto, mesmo sendo adventista, ainda comia carne. Não muito depois, ele, a família e outros irmãos da igreja local uniram-se ao Movimento de Reforma.

Em maio de 1942 o irmão Toth foi convocado para o exército. Explicou que era objetor de consciência, e o comandante ajeitou para ele, por algum tempo, a questão da guarda do Sábado e do porte de armas. Foi mandado para um hospital veterinário, para tomar conta de cavalos feridos, e, após três meses, recebeu permissão para visitar a família.

Certa noite foi preso com outros ASD reformistas. Amarraram-no a um poste onde foi cruelmente espancado. Quando desmaiou, jogaram-lhe água fria.

No início de 1943 o irmão Toth foi sentenciado a passar três anos no campo de trabalho forçado onde havia mina de cobre. Dezoito irmãos receberam a mesma condenação. Contudo, antes de serem levados, receberam proposta tentadora: ficariam livres se desistissem da fé reformista e se unissem aos Discípulos Húngaros da Bíblia. Eles não aceitaram.

Quando chegaram à mina de cobre, explicaram ao encarregado que estavam dispostos a obedecer fielmente a todas as ordens e fazer qualquer tipo de trabalho durante a semana, exceto no Sábado. O homem ficou irado e retrucou:

— O chefe aqui sou eu. Sou eu quem vai dizer o que fazer e quando fazer.

Os irmãos responderam:

— Deus ordena em Sua Lei: "Lembra-te do dia do Sábado para o santificar", e nós queremos obedecer a Ele. Portanto, não trabalharemos no Sábado.

Furioso, o homem mandou que aqueles irmãos fossem executados por fuzilamento. Eles foram alinhados contra a parede. O pelotão de fuzilamento estava pronto para cumprir a ordem. O homem voltou-se para os irmãos e dirigiu o último apelo. Deveriam renunciar a fé e viveriam. Foi em vão.

Sede do Campo Húngaro, em Mogyorod, próximo a Budapeste, inaugurada em 1995

Então mandou que o pelotão se preparasse para atirar. Apontaram armas. Ele contou: "Um, dois, três...", mas na hora de dizer *fogo* não conseguiu pronunciar a palavra. Ela não lhe saiu da boca. Finalmente, desistiu. Chamou os irmãos ao escritório e contou que realmente estava resolvido a executá-los. Por alguma razão inexplicável fora impedido de pronunciar *fogo*. Admirado da fé que demonstravam, disse: "Vocês virtualmente morreram pela fé que professam."

Depois dessa experiência, o encarregado permitiu que os irmãos guardassem o Sábado no campo de trabalho forçado. Chegou a providenciar um local onde se reuniam todo Sábado para adorar a Deus. Havia até um guarda que os protegia e evitava qualquer perturbação durante as reuniões. Não muito depois deu permissão para que outros irmãos viessem visitá-los e assistir com eles. A celebração da Santa Ceia também foi permitida.

Quase no fim da Segunda Guerra Mundial, Jozsef Toth com alguns daqueles dezoito irmãos foram presos pelo exército russo e levados para a Rússia. De lá jamais voltaram. Só Deus sabe o fim que tiveram.

19

Romênia

I — Início e primeiras experiências

Conforme já foi mencionado, em 1914, quando a hostilidade iniciou na Europa, os líderes da União Romena da IASD incentivaram os membros a tomar parte na guerra. Em resultado, houve dissensão na igreja e a minoria insatisfeita foi excluída.

Mediante o trabalho de Ion Gorun, havia um grupo de crentes romenos que aceitaram a verdade quando eram prisioneiros, num campo de concentração da Rússia. Logo após a guerra esses irmãos voltaram para a Romênia. Com outros adventistas sinceros, haviam alcançado clara compreensão da verdade presente, especialmente no que diz respeito à questão da combatência à luz da Lei de Deus.

Sentiram que deviam alcançar padrão mais elevado com respeito à reforma de saúde. Por isso foram desprezados como fanáticos pelos líderes adventistas, que haviam adotado posição liberal durante a guerra. Esses fiéis, dispersos em diversos lugares, passaram por experiência idêntica. Sua fidelidade à verdade, como se encontra na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia, provocou perseguição da parte da denominação ASD e, finalmente, exclusão.

Em poucos meses os irmãos se reuniram e entraram em contato com vários da liderança do grupo remanescente: Dumitru Nicolici, Ion Gorun, Ghita Manea, Mihai Streza, Sandor Freiberger, Nita Salaoru, Janos Bokor, Ilie Vasilescu, Gavrila Nasui, Florea Popa, Dinu Dumitru e outros. Esses haviam demonstrado firmeza ao lado da verdade. Durante a guerra, Dinu Dumitru, recusara-se a quebrar a Lei de Deus. Foi condenado a vinte anos de trabalho forçado em minas de sal. Quando a guerra acabou, recebeu anistia. Esses irmãos formaram o núcleo do que mais tarde se tornou conhecido como Movimento de Reforma na Romênia.

Ao compreenderem esses crentes que não receberiam apoio da Conferência Geral dos ASD, começaram a pregar a obediência à verdade presente em todas as circunstâncias, de modo especial os mandamentos de Deus. Muitos foram presos. Em muitos casos, enquanto o marido estava na prisão, a esposa continuava a proclamar a mensagem.

Em 1919, os irmãos romenos souberam que não eram os únicos a permanecer leais a Deus em meio a provas e perseguições, enquanto a guerra se alastrava pela Europa. Foram informados de que outros grupos de fiéis também haviam sofrido pela verdade em outros países. Logo que obtiveram o endereço dos reformistas na Alemanha, trataram de encontrá-los. Regozijaram-se muito ao notar que, em dezesseis países, o Espírito de Deus havia guiado Seu povo em tempo de prova.

Durante o encontro de 1919, decidiram realizar obra especial em favor do povo adventista: levar-lhes a mensagem convocando-os a voltarem-se para as verdades fundamentais da tríplice mensagem, principalmente a guarda dos mandamentos de Deus.

Em resposta a convite da Alemanha, os crentes romenos enviaram dois representantes ao encontro internacional preliminar dos reformistas na Suíça.

Outra conferência de crentes reformistas ocorreu na Romênia em 1920. Ali decidiram apelar aos líderes da IASD para que corrigissem as ações que trouxeram confusão, conflito e separação. Quando

os pastores A. G. Daniells e L. H. Christian, da Conferência Geral, visitaram a IASD na Romênia, em julho, D. Nicolici entregou-lhes pessoalmente o apelo mencionado, datado de 10 de julho de 1920:

"Prezado irmão Daniells:

"A paz do Senhor esteja com o irmão." Romanos 1:5-7.

"Há muito aguardamos oportunidade para falar-lhe acerca de nossa esperança. O irmão está ciente do que aconteceu entre o povo adventista aqui na Europa. A posição adotada é contrária aos princípios estabelecidos na América do Norte em 1865. Essa grande apostasia ocasionou separação, pois a maioria adota a participação na guerra e em derramamento de sangue. Essa maioria continua excluindo os que desejam defender a Lei de Deus e exaltá-la acima da autoridade humana. O sacrifício da minoria é considerado erro, e os fiéis são perseguidos como hereges e enganadores. Esse pecado deve ser chamado pelo verdadeiro nome. Não se trata apenas de falha humana. É rebelião contra a autoridade de Deus. A menos que esse insulto seja retirado, Ele não derramará a bênção da chuva serôdia. Desejamos proceder como está escrito em Jeremias 5:5. 'Irei aos grandes, e falarei com eles; porque eles sabem o caminho do Senhor, e a justiça do seu Deus.' Vamos aos líderes da Obra para falar com eles. E agora o prezado irmão tomará providência para falar conosco, dizendo-nos como essa pedra de tropeço pode ser removida, a fim de que a unidade possa ser restaurada? Estamos prontos para confessar todos os nossos erros. Esperamos ver a mesma boa vontade do seu lado. Confiando em que o Senhor há de abençoar essa medida, ficaremos aguardando sua resposta. Seu irmão em Cristo, D. Nicolici."

O apelo dos irmãos reformistas foi ignorado. Foi deixado sem resposta. A presença deles não era bem-vinda à assembléia da União, em Bucareste, e mandaram que saíssem. A maioria dos ministros e obreiros já haviam sido doutrinados na arte de apresentar justificativa quanto à apostasia. Estavam cheios de ódio e acusações contra nosso povo, agora mais de quinhentos membros. Durante essa mesma assembléia, o irmão Christian insuflou ainda mais preconceito nos irmãos adventistas dizendo:

"Existem alguns que defendem a idéia de que, caso se submetam às autoridades e continuem a comer alimentos cárneos, não poderão receber a chuva serôdia nem ser salvos. Essa é idéia errônea."

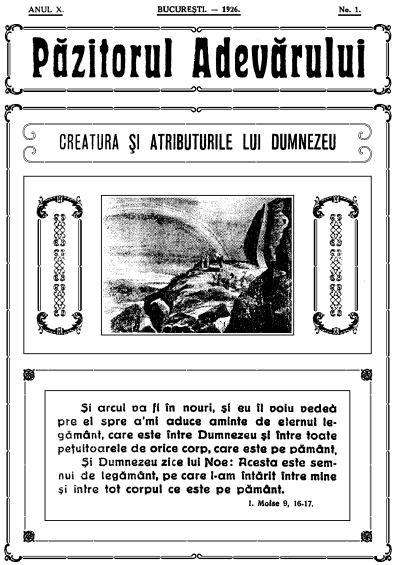
Nossos crentes chegaram à convicção de que a obra de reforma por eles levada avante baseava-se na profecia. Também compreenderam que a união com a maioria só seria possível se os males que haviam furtivamente penetrado na igreja fossem confessados e abandonados, e se a fé e prática originais, baseadas na Lei e no Testemunho, fossem restauradas. Tudo indicava, porém, que a correção necessária jamais viria, pois a igreja tinha ido longe demais na direção errada. Essa foi a razão pela qual, naqueles dias, cada vez mais aumentava a necessidade de organização entre os reformistas.

II — Desenvolvimentos posteriores

No fim de 1920, os crentes excluídos que participavam das mesmas convicções e haviam passado pelas mesmas experiências, realizaram uma reunião geral na casa da família Bokor, num pequeno povoado próximo de Tirgu-Mures, Romênia Central. Embora os reformistas não tivessem rejeitado a possibilidade de reconciliação e reunificação com a Igreja Adventista, foi considerada necessária pelo menos a organização provisória. Providências foram tomadas. Os grupos da Romênia formaram uma organização unificada que, apesar das imperfeições humanas, demonstrou-se grande bênção.

Quando surgiu oportunidade para a primeira conferência internacional de reformistas, em Würzburg, Alemanha, em 1921, os crentes romenos decidiram enviar quatro representantes. A caminho da Alemanha, dois deles, Nicolici e outro irmão, foram detidos na Hungria e presos por nove dias. Os outros dois, Mihaly Anulo e Sandor Freiberger, assistiram ao encontro.

Desde os primeiros dias de atividade, os irmãos romenos enfatizavam a importância do preparo de publicações e da colportagem. Em 1916 começaram a publicar um periódico denominacional *Pazitorul Adevarului* (A Sentinela da Verdade). Em 1921, deram início à publicação de outra revista, *Solul Misionar* (Mensageiro Missionário), e lições da Escola Sabatina. Ghita Manea era o gerente do depar-

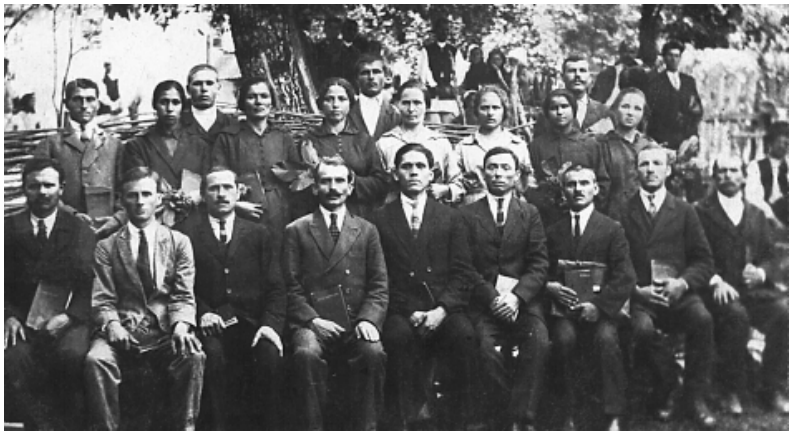

ANUL X. BUCUREŞTI. — 1926. No. 1.

Păzitorul Adevărului

CREATURA ŞI ATRIBUTURILE LUI DUMNEZEU

Şi arcul va fi în nouri, şi eu îl voiu vedea pre el spre a'mi aduce aminte de eternul legământ, care este între Dumnezeu şi între toate peţitoarele de orice corp, care este pe pământ.
Şi Dumnezeu zice lui Noe: Acesta este semnul de legământ, pe care l-am întărit între mine şi între tot corpul ce este pe pământ.
I. Moise 9, 16-17.

Publicação de nosso periódico da igreja romena, Pazitorul Adevarului *(A Sentinela da Verdade), iniciada em 1916*



Ministros e obreiros durante um seminário em Tirgu-Mures, 1924

tamento de publicações e Mihai Streza o editor. Além disso, no mesmo ano, por intermédio de Petru Turturica, resolveram começar a tradução dos Testemunhos de Ellen G. White, o que contribuiu grandemente para o desenvolvimento da Obra na Romênia. Somente em 1923, imprimiram 103.500 exemplares de vários livros do Espírito de Profecia, incluindo nove mil em russo e cinco mil em búlgaro. Em 1922-1923, foi feito acordo para ampliar a União do Danúbio, que desde então passou a abranger a Romênia com 639 membros, Checoslováquia com 43, Hungria com 49, e Iugoslávia com 71. Na União atuavam 8 ministros, 4 pastores ordenados, 7 obreiros bíblicos e 15 colportores.

Quanto às publicações, nossos irmãos romenos tiveram de aprender lições de alguns erros. Compreenderam, por exemplo, que a melhor solução era não deixar um só redator para o periódico denominacional. Se sua obra editorial não fosse diretamente supervisionada por uma comissão competente, toda a União poderia sofrer censura. Eis um exemplo: Na edição de fevereiro de 1924, o redator do Pazitorul Adevarului, em nome da comissão, porém, por iniciativa particular, publicou esta advertência:

"Os jovens militares recebidos como membros em nossas igrejas, que desertam do serviço militar ilegalmente, permanecendo escondidos em lugares ermos, serão imediatamente excluídos, a menos que se arrependam e regularizem sua situação diante das leis do país."

Embora o redator tenha explicado posteriormente à comissão que, através dessa nota, pretendia apenas comunicar a nossos jo-

Conferência reformista em Tirgu-Mures, Romênia, 1924

Conferência em Dridif, 1926. Nosso primeiro presidente da CG, Otto Welp, é visto no meio da segunda fileira, entre M. Streza (esq.) e D. Nicolici (dir.)

vens que não deveriam fugir como covardes, mas deveriam apresentar-se diante das autoridades militares e sofrer como objetores de consciência, a comissão não aprovou a publicação.

Mais: essa publicação objetável foi levada à apreciação da delegação da CG em 1925 e, conforme resolução 8, rejeitada.

Assim, os irmãos romenos fizeram as correções necessárias, declarando, na lição da Escola Sabatina do terceiro trimestre de 1927, que essa nota fora anulada.

Em 1936 a União Romena foi organizada em associações. Em 1938, havia, na União, 2.600 membros, 17 ministros e 24 anciãos locais.

Antes da Segunda Guerra Mundial, muitos irmãos deixaram a Romênia a fim de promover a mensagem de Reforma em outros países: André Lavrik e Paulo Tuleu foram para o Brasil, Z. Lungoff

foi para a Bulgária, E. Laicovschi, N. Dumitru e G. Panaitescu. Este ultimo, depois de trabalhar por algum tempo na Alemanha foi para a Argentina. D. Nicolici foi para a Austrália.

III — Em perigo constante

A seguinte experiência dará ao leitor uma idéia de como era a vida do nosso povo na Romênia nos primeiros anos da obra de Reforma.

Em 1924 alguns de nossos crentes búlgaros participaram de uma conferência em Oradea Mare, na Romênia. Ao chegaram à cidade, perceberam que estavam com esta dificuldade: não acharam o papel com o endereço. Não sabiam para onde ir. Depois de orar, resolveram que, na manhã de Sábado, iriam para o parque mais próximo na esperança de encontrar adventistas. Como esperavam, viram pessoas com a Bíblia na mão. Dirigiram-se a esses e perguntaram se sabiam onde estava sendo realizada a conferência dos adventistas reformistas. Como não falavam o mesmo idioma, não conseguiram entender-se. Os visitantes disseram:

— Bíblia?

A palavra Bíblia é a mesma em quase todas as línguas. A resposta veio em húngaro:

Nosso primeiro grupo de crentes em Bucareste, 1927. Os pais de Daniel Dumitru, que estavam entre os pioneiros da obra da Reforma na Argentina, podem ser vistos neste grupo. Nicolae Dumitru é o terceiro da direita para a esquerda, na fileira do meio. Próximo dele, à esquerda, está M. Streza, um de nossos líderes pioneiros na Romênia. Maria Dumitru é a segunda da direita para a esquerda, na primeira fileira

Nossa igreja em Lugoj, 1933

Nossa igreja em Bucareste, 1933

— Sim, Bíblia.

— Sábado?

Eles disseram:

— Sim, Sábado.

— Adventistas?

— Sim, adventistas.

Através de mímica, nossos irmãos compreenderam: os adventistas acenavam indicando que os seguissem. Nossos irmãos foram

levados à igreja deles, e apresentados ao pastor, que falava alemão. Então puderam entender-se. Nossos irmãos lhe perguntaram se podia dizer onde os reformistas estavam realizando sua conferência. O pastor disse: "Ah! os reformistas estão tendo uma conferência? Nada sabemos. Só sabemos onde costumavam reunir-se até alguns anos atrás."

O pastor foi amável em mandar dois jovens com os visitantes até o antigo lugar da conferência. Outra vez era ali que os reformistas estavam reunidos. Foram levados a um vinhedo, perto da cidade, onde havia uma casa grande. Enquanto os recém-chegados estavam sendo apresentados aos irmãos, uma irmã entrou subitamente pela porta dos fundos e disse: "A polícia está aqui."

Do lado de fora, como sentinelas, geralmente havia três ou quatro jovens prontos para alertar, e os de dentro já sabiam o que fazer em caso de perigo.

A primeira tarefa dos agentes da polícia foi investigar a casa. Isso deu aos irmãos oportunidade para escapar em segurança. Na parte de trás da casa havia um cômodo grande com apenas uma janela. Por ali, mais de quarenta pessoas desapareceram. O irmão Otto Welp, que era pesado, teve dificuldade, mas também conseguiu sair. Os irmãos se esconderam em diversos lugares na plantação de uvas. Finalmente os policiais perguntaram à irmã, dona da casa:

Um padre ortodoxo entre nossos irmãos romenos, tomando sua firme decisão pela Verdade Presente (1934)

— Onde estão eles?

— Estavam aqui. Agora não sei.

Os oficiais da polícia saíram insultando. Gritavam com raiva: "Saiam, ou vamos começar a atirar!" Os irmãos, ajoelhados, suplicavam ao Senhor que os protegesse. Quando a polícia começou a atirar para cima, alguns líderes locais apareceram e foram presos. Logo que os soldados foram embora, os irmãos voltaram para a casa grande, e fizeram novos planos. Já sabiam de um lugar mais seguro aonde deveriam ir para continuar as reuniões.

Delegados durante a Conferência da União, em Dridif, 1935

Encontro de irmãos romenos, em Sibiu, 1939

Tarde da noite foram para a estação ferroviária, seguindo um irmão que os conduziu com um lampião. Tinham sido advertidos a não conversar uns com os outros. Deveriam entrar no trem e desembarcar em silêncio. Assim, durante a viagem, não proferiram palavra.

Andaram muito em campo aberto sem trilho, seguindo o irmão que os guiava com o lampião. Era tarde da noite. Estava escuro. Fazia muito frio. Estava chovendo. Finalmente, em pequenos grupos, chegaram a uma casa bonita e aquecida. Os que haviam sido presos chegaram mais tarde. Todos estavam preocupados porque ainda faltava o conferencista, irmão Dumitru Nicolici. Os irmãos passaram o resto da noite ajoelhados, suplicando ao Senhor que o protegesse. Não sabiam se ele estava livre ou não. De manhã muito cedo, uma das sentinelas notou alguém vindo ao longe, no campo. Era o irmão Nicolici. De coração alegre, agradeceram ao Senhor o haver trazido Seu servo em segurança. Iniciaram novamente as reuniões com resultados abençoados.

Muitos ministros adventistas agiam como informantes da polícia. Os irmãos estavam preparados para a surpresa desagradável pela qual haviam acabado de passar. Porém, os que tinham vindo da Bulgária estavam surpresos. Lá, nosso povo tinha liberdade religiosa, o mais importante de todos os direitos humanos. Portanto, não conseguiam entender por que nossos irmãos deviam sofrer perseguição na Romênia. Raciocinavam: A Idade Média já passou. Vivemos no século XX, o século das luzes. A civilização e a liberdade religiosa caminham juntas. Por que, então, perseguição religiosa na Romênia?

IV — Perseguições

A Romênia permanecerá na História como o país que se destacou pela intolerância religiosa principalmente contra os adventistas reformistas.

1924-1939

De 1924 a 1936 a obra de Reforma na Romênia cresceu rapidamente. As perseguições não eram tão rigorosas, embora sempre tenham existido. Eis um exemplo típico, citado no jornal Oradea Mare, em 12 de maio de 1924:

"A reunião secreta, realizada no vinhedo de Goerondas Oldal em Oradea Mare, foi desfeita. Os líderes foram levados ao tribunal.

A polícia municipal de Oradea Mare foi notificada de que uma seita nova estava em atividade, fazendo propaganda sem permissão. É contrária aos interesses do Estado. Não é reconhecida pelas autoridades. Separou-se da outra denominação adventista.

"O nome adventista equivale a sabatista. Nisso os adventistas distinguem-se dos outros cristãos. Não celebram o domingo como dia de repouso, mas o Sábado.

"Essa seita, que se separou dos outros adventistas, também difere deles porque seus adeptos não comem carne. Na alimentação, empregam leite e ovos, mas não tiram a vida de animais. Fazem propaganda contra a participação na guerra. São, portanto, contra os interesses do Estado. Não podem ser tolerados. Em seus cultos pregam contra a participação no serviço militar. O Estado não pode reconhecer seus princípios, pois se acham em conflito com as leis. Trata-se de gente fanática. Com grande ousadia teimam em continuar essa obra. O número de seus partidários está crescendo constantemente. Sem permissão, continuam reunindo-se. Os líderes, há muito perseguidos pela polícia, foram finalmente encontrados Sábado passado. Estavam reunidos num vinhedo, na casa de uma nova família adventista do sétimo dia. Foram presos durante a pregação. Livros e folhetos foram confiscados. Os líderes foram julgados no tribunal da VI Região Militar em Cluj.

"O motivo da prisão foi a falta do alvará para realizar reuniões. O tribunal militar proíbe reuniões secretas em Oradea Mare. A cidade de fronteiriça é área de segurança nacional. Portanto, mesmo os adventistas legalmente reconhecidos pelo Estado, devem obter permissão para reunir-se."

Referindo-se a esse acontecimento, P. P. Paulini, presidente da União Romena da denominação Adventista, em 25 de setembro de 1924, escreveu esta carta sobre os irmãos reformistas:

"Em [maio] 1924 Otto Welp veio à Romênia a fim de realizar um encontro de obreiros [em Oradea Mare]. De sete a onze obreiros compareceram. A polícia de segurança, que está perseguindo esses recrutas por toda parte, prendeu quase todos. Alguns conseguiram fugir. Como desertores, tiveram de desaparecer como covardes desprezíveis. Ao contrário, também teriam sido presos. Era Sábado. Foram levados ao tribunal militar de Cluj. Para surpresa nossa, contudo, não foram legalmente processados... Em vez disso, foram libertos. ...

"Esses homens são tão inescrupulosos e irrazoáveis que mesmo as pessoas mais ignorantes os consideram criadores de problemas,

perturbadores da paz. As autoridades os procuram. Por isso fogem para as montanhas e aldeias, onde não podem ser vistos, ouvidos nem controlados. Isso impede a proclamação da derradeira mensagem na Romênia. O adventismo não pode ser representado por fugitivos procurados pela polícia. Homens livres, honestos, corajosos e escolhidos por Deus devem ser nomeados para essa obra. Tais indivíduos, porém, não podem ser encontrados no movimento apóstata. Quanto às declarações desses réprobos, apenas um por cento, ou quase nada, deve ser levado em consideração. ...

"Informem, por gentileza, a todos os nossos queridos irmãos que o movimento apóstata está liquidado tanto na Romênia como em outros países. Faz tempo que a marcha fúnebre que os conduz para o lugar de descanso foi tocada para eles."

A carta de Paulini foi publicada na Alemanha, pelos ASD, na forma de folheto. Isso mostra que, da parte dos líderes da Igreja Adventista-Mãe, nossos irmãos só podiam esperar ódio e difamação, e aplauso pela perseguição que estavam sofrendo. Também mostra que os líderes não repudiaram sua posição errada à luz da Lei de Deus, e seu comprometimento anterior com os poderes das trevas, posição e comprometimento assumidos de 1914 a 1918. P. P. Paulini, que havia comparecido à reunião em Gland, na Suíça, de 27 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923, continuou, determinado como nunca, em atitude inescusável, atitude que o suposto arrependimento e confissão deveriam ter corrigido. Sob liderança de Paulini e patrocínio da União Romena, em 1924, foi publicado:

"Tomar parte no serviço militar e na guerra não equivale a fazer concerto com o mundo nem apoiar Babilônia. Participar da guerra não passa de simples dever civil. Quanto ao serviço militar, nossos jovens cumprirão o dever no Sábado." — P. P. Paulini, *Profeti Falsi si Profetii False* (Falsos Profetas e Falsas Profecias), págs. 39-41.

"Caso sejam encontrados aqueles que se recusem a fazer juramento, portar armas e prestar serviço militar, [é oportuno saber que] esses homens pertencem a outra seita ou não pertencem a nenhuma. Interpretam a Bíblia segundo compreensão pessoal." —*Acte si Memorii* (Atos e Memoriais), pág. 18.

Por meio de publicações dessa natureza, os líderes ASD procuraram influenciar as autoridades contra nosso povo, criando para os reformistas ambiente de intolerância. Alguém calculou que todas as condenações sofridas por nossos irmãos na Romênia de 1924 a 1938 chegam a pelo menos duzentos anos de prisão. De 1937 a 1939, as perseguições se tornaram cada vez mais implacáveis.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, quando o Movimento de Reforma na Romênia possuía quase cinco mil membros, muitos de nossos jovens tiveram de passar por grandes dificuldades devido à recusa em quebrar os mandamentos de Deus ao serem convocados para o serviço militar. A lealdade para com a Lei de Deus foi punida com prisões de seis a vinte anos. Viajar no interesse da Obra tornou-se cada vez mais difícil. As autoridades vigiavam nossos ministros, obreiros e anciãos locais, e as detenções se tornavam cada vez mais freqüentes.

1939-1945

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, sobreveio a nossos irmãos nova série de tribulações indescritíveis. Centenas de crentes reformistas foram presos e torturados. Não foram poucos os que morreram nas mãos de torturadores. Janos Bokor relatou:

"As terríveis experiências da Primeira Guerra Mundial foram grandemente intensificadas e repetidas em maior escala durante a Segunda Guerra. Nosso povo teve de enfrentar severas provas e dificuldades. A IASD tornou a revelar seu caráter, de maneira mais decidida que antes, ao confirmar posição de combatência. Os líderes tornaram-se traidores dos irmãos. Centenas de crentes foram presos e torturados. Muitos morreram, vítimas das crueldades da perseguição por causa da fé. A crença inabalável de nossos irmãos não se enfraqueceu em face das dificuldades quase indescritíveis pelas quais tiveram de passar. Ao contrário, quanto mais feroz a perseguição, mais forte se tornava a fé."

Ao irromper a Segunda Guerra Mundial, nosso povo na Romênia foi proibido de realizar reuniões. A proibição também incluía cultos em casa. Não tínhamos templos. Só igrejas domiciliares. Quando dois ou três irmãos se encontravam para ler a Bíblia e orar juntos, havia perigo de serem presos. A Ceia do Senhor, batismos e casamentos eram realizados à noite, em lugares ocultos, com risco de detenção e instauração de processo. Não era permitida publicação e distribuição de revistas, livros religiosos e lições da Escola Sabatina. Nossos jovens, quando chamados a portar armas, padeciam sofrimentos inenarráveis. Não apenas os homens, mas também mulheres com crianças pequenas recebiam condenação de seis anos de prisão ou mais.

Heróis da fé na Romênia: ferozmente perseguidos, injustamente condenados e cruelmente torturados em prisões e campos de concentração por causa de suas convicções religiosas, estes irmãos guardaram uma consciência livre perante Deus e os homens

Em muitos casos, cumpriram-se com os irmãos romenos durante os conturbados anos da Segunda Guerra Mundial as palavras de Zacarias 2:8, que diz: "Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória, ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho."

Em 1943, dez homens e duas mulheres, membros da nossa igreja, foram transferidos da prisão de Cernovtsi para a de Plasta. Logo no primeiro Sábado após a chegada tiveram a fé severamente provada quando receberam ordem para, com pás, abrir caminho na neve do pátio da prisão. Como se recusassem a quebrar o quarto mandamento da Lei de Deus, os doze foram açoitados com varas.

Domingo, os dez homens foram levados para trabalho no campo. As duas irmãs tiveram de esfregar o chão. Um irmão disse ao guarda que o havia açoitado: "Deus não deixará você impune."

O homem sorriu zombeteiramente. Dois meses depois, quando os irmãos saíram para trabalhar no campo, veio uma esquadrilha de bombardeiros norte-americanos e alvejaram as refinarias de petróleo de Plasta. Para proteger o lugar, havia grandes balões cativos na atmosfera. Tratava-se de balões presos à terra por meio de cabos de aço. Um dos bombardeiros, carregado, colidiu com um desses cabos e espatifou-se contra a prisão. As palavras proferidas por nosso irmão tiveram cumprimento literal. Aquele guarda estava entre os mortos.

Noutra ocasião, 25 guardadores do Sábado (12 reformistas e 13 adventistas) foram transferidos da prisão de Cernovtsi para a prisão de Dorogoi. Desde o início, quando ainda estavam em Cernovtsi, nossos irmãos testificavam para os irmãos adventistas que o cristão tinha o solene dever de guardar todos os mandamentos de Deus, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra. Um colega de prisão, ministro adventista, opôs-se a nossos irmãos apresentando exemplos do Antigo Testamento. Disse que, se Abraão e Moisés realizaram operações militares, guerreando contra certas tribos e nações, deveria ser plenamente correto fazermos o mesmo. Resultado: seis dos treze adventistas aceitaram a mensagem de reforma. Nosso grupo de prisioneiros em Dorogoi aumentou de doze para dezoito. Foram fotografados juntamente com o carcereiro (foto central, página 308).

Finalmente desconsideraram a posição religiosa dos dezoito irmãos. Passaram a tolerá-los quanto à observância do Sábado. Durante o inverno, porém, começaram a ter problemas na sexta-feira.

Heróis da fé na Romênia: ferozmente perseguidos, injustamente condenados e cruelmente torturados em prisões e campos de concentração por causa de suas convicções religiosas, estes irmãos guardaram uma consciência livre perante Deus e os homens

O novo carcereiro não entendia por que eles se recusavam a trabalhar depois do pôr-do-Sol. Por isso foram espancados. Mas o carcereiro cruel, não aquele da foto, foi punido quando um galho grande, coberto de gelo e neve, desprendeu-se de uma árvore que havia no pátio e caiu sobre ele. Foi levado ao hospital. Nossos irmãos nunca mais o viram.

Sob dificuldades insuportáveis a que foram submetidos, alguns desses dezoito cederam. Os que permaneceram firmes foram finalmente chamados perante um promotor público, o qual exigiu que eles assinassem declaração prometendo ir para a frente de batalha. "Se vocês não assinarem este compromisso, serão fuzilados ou condenados a 25 anos de reclusão."

Os irmãos se recusaram a assinar a declaração. Dez dias depois receberam o veredito do tribunal militar: "A sentença anterior permanece. Pela lei, ninguém pode ser condenado duas vezes pelo mesmo crime." Em 1942 eles haviam sido condenados a cinco anos de prisão. Entretanto, foram libertos em 28 de março de 1944.

Entre os irmãos romenos, houve alguns casos de livramento miraculoso que se tornaram histórias bem conhecidas. Em determinada prisão, por exemplo, havia alguns irmãos que as autoridades comunistas queriam que morressem por inanição. Por longo tempo não lhes deram nada para comer nem beber. Contudo, pela providência de Deus, sobreviveram. Os carcereiros e oficiais ficaram surpresos. Jamais souberam como esses prisioneiros haviam conseguido sobreviver. Na antigüidade, corvos trouxeram alimento para Elias. Durante a Segunda Guerra, milagre semelhante aconteceu. Ratos transportavam alimento da despensa da prisão para a cela em que se achavam nossos irmãos. A água da chuva era recolhida nas goteiras do teto. Essa foi a maneira pela qual, em resposta às orações, o Senhor estendeu Sua misericordiosa mão para eles.

Durante a Segunda Guerra Mundial, alguns de nossos irmãos foram postos na mesma cela com presos políticos de idéias comunistas. Ion Buzdugan e Gheorghe Gheorghiu Dej, por exemplo, foram colegas de prisão. Enquanto em cadeias, o Sr. Dej não morreu de inanição porque nossos irmãos não o esqueceram. Quando era trazido alimento para o irmão Buzdugan, vinha porção dupla. O Sr. Dej e outros presos políticos prometeram dar liberdade religiosa ao nosso povo. Depois que o comunismo tomou o governo, em 1945, alguns desses homens assumiram o poder. O Sr. Dej tornou-se um dos principais líderes da Romênia comunista. Logo, porém, esses líde-

res comunistas agiram à semelhança do copeiro-mór egípcio que se esqueceu do que havia prometido a José (Gênesis 40:23).

1945-1950

Depois da Guerra, nosso povo na Romênia teve alguns anos de liberdade religiosa. Durante esse tempo, compraram ou construíram casas de oração em vários lugares. Incansavelmente, Petru Turturica traduziu livros do Espírito de Profecia. Nossos irmãos chegaram a imprimir: Testemunhos para a Igreja, vols. 1-6; a série O Conflito dos Séculos; Primeiros Escritos; e Parábolas de Jesus. O número de colportores efetivos era 125. A colportagem desenvolveu-se até 1948. Então foi interditada.

Durante aqueles anos as autoridades exigiram que fossem feitas algumas mudanças nos artigos de registro de nossa igreja. Objetaram especialmente contra nossa posição acerca do quarto e sexto mandamentos. Esse assunto foi discutido numa reunião de líderes e delegados realizada em Ploesti. Um representante do Ministério de Negócios Religiosos estava presente. O que as autoridades queriam realmente era ver o Movimento de Reforma integrado à IASD. Desse modo, pensavam, a obra da Reforma viria automaticamente a ficar sob o controle do Concílio Nacional das Igrejas Protestantes que era controlado pelo governo. Nossos irmãos, líderes e delegados, rejeitaram as mudanças propostas. Como resultado, o registro da União Romena foi cancelado. Foram proibidas todas as nossas atividades religiosas.

Finalmente, foi promulgado contra nossa igreja um decreto destinado a exterminar completamente nosso povo. Não havia permissão para duas pessoas se encontrarem para ler a Bíblia, nem para orar juntas. Com freqüência os lares de nosso povo eram invadidos pela polícia, e a literatura religiosa confiscada. Quem fosse encontrado desatendendo as proibições era punido com multa e prisão. Muitos irmãos nossos foram cruelmente punidos como perturbadores da ordem social. Prendiam primeiro os líderes e depois os membros, tanto homens como mulheres. Todos eram tratados como criminosos políticos.

1951-1957

Esse período foi muito difícil. Os lugares de culto de nosso povo foram desapropriados. A impressão do periódico denominacional e a distribuição de literatura religiosa foram proibidas. Havia constantes prisões coletivas. Os irmãos da liderança eram sempre o primeiro alvo da polícia secreta, cujos planos cruéis, às vezes, eram neutralizados de maneira providencial. Eis um exemplo inesquecível:

Um de nossos ministros foi intimado a comparecer em juízo perante a Securitate, polícia secreta. Após várias horas de interrogatório, exigiram que relatasse com detalhes todas as atividades de nossa igreja. Quando ele esclareceu que apenas podia dar relatório de si mesmo, e não de outros, disseram que deveria voltar no dia seguinte com o relatório, ou enfrentar as conseqüências. Seria preso e a família deportada para uma região de condições precárias. O pastor passou a noite em oração, buscando a orientação do Senhor. Chegou, finalmente, à conclusão de que não deveria ceder. Deixaria tudo nas mãos de Deus. Isso lhe trouxe paz à alma. De manhã explicou a situação à esposa, que ficou muito angustiada. Despediu-se dela e da filha. Saiu plenamente preparado para enfrentar sentença de prisão. Na delegacia esperou das oito da manhã até meio-dia. Quando perguntou sobre o oficial que o havia intimado, disseram-lhe que voltasse na manhã seguinte, pois o homem, por alguma razão desconhecida, não se apresentara naquele dia. Na manhã seguinte, quando o irmão voltou, a delegacia estava em alvoroço. Acabara de chegar a informação de que aquele oficial havia morrido num acidente de automóvel.

Durante esse período terrível, muitos entre nosso povo sentiram a miraculosa mão divina.

1957-1964

Em 1957 as autoridades comunistas da Romênia adotaram programa especial destinado a exterminar completamente todos quantos fossem considerados inimigos do Estado. Naquele ano terrível, estando nossos irmãos reformistas no início da lista, foi iniciada contra eles campanha cruel com prisões coletivas.

De 1957 a 1964 estiveram presos cerca de 120 ministros, obreiros, anciãos e outros oficiais da igreja. Por duas maneiras, o objetivo do regime comunista era eliminar da Romênia o Movimento de Reforma. Esperavam que nossos irmãos capitulassem aceitando concessão diabólica. Exigiam que prováveis traidores cooperassem com a polícia secreta como informantes contra os membros. Ou, então, seriam submetidos a processo de extermínio por vários métodos diabólicos elaborados pelas autoridades. Alguns daqueles que foram condenados a muitos anos de prisão tornaram-se fracos e desanimados sob o efeito de tortura, fome e doença, e finalmente cederam à

pressão. Alguns, contra a vontade, se tornaram informantes. Compreendendo as circunstâncias, nenhum dos sobreviventes fiéis guardou rancor contra eles.

As gerações posteriores jamais terão idéia de quanto nossos irmãos romenos sofreram, e do martírio heróico suportado por alguns deles em prisões comunistas em Jilava, Gherla, Aiud, Sighet, Pitesti, Suceava, Fagaras, e em campos de trabalho forçado, tais como Balta Brailei, Salcia, Gradina, Stoienesti, Grindul, Periprava, Luciu Gheorgheni. Alguns dos sobreviventes dizem que sentiram eles mesmos o que os fiéis remanescentes experimentarão durante o futuro tempo de angústia. Para que o leitor tenha idéia mais clara do que aconteceu nesses horrendos lugares de tortura, apresentamos alguns pormenores:

Em Luciu Gheorgheni, um dos campos de trabalho forçado, dezesseis irmãos, entre eles Ion Buzdugan, Corneliu Mihail, Ion Tetu, Petru Siclovan, Marin Ciurea e Oprea Alecu, foram mantidos numa cela minúscula durante cinco meses. Como não havia espaço suficiente para todos dormirem, tiveram de estabelecer turnos. Enquanto oito se acomodavam no piso, os outros ficavam de pé. Durante os cinco meses permaneceram com os pulsos algemados e os pés acorrentados. Não receberam água para lavar-se. A cada três ou quatro dias, davam-lhes algo impróprio para comer. Quando se queixavam ao diretor da prisão, recebiam apenas resposta irônica misturada com riso sádico: "Ah, a gente se esqueceu de vocês."

Aqueles torturadores, possuídos por espírito diabólico, jamais se esqueceram de tirar nossos irmãos da cela, quase toda noite, para aplicar-lhes 25 chicotadas em seus corpos nus.

Noutro campo nossos irmãos foram obrigados a trabalhar como escravos na construção de um canal. Ali estiveram submetidos a processo de extermínio por inanição sistemática. Pela graça de Deus, sobreviveram. Os administradores da prisão ficaram surpresos ao ver como esses odiados reformistas conseguiam realizar, dia após dia, o volume de tarefas que lhes fora designado, apesar de não haverem recebido alimento por vários dias. Nossos irmãos encontraram soluções para enfrentar a situação de emergência. Quando não estavam sendo observados por um ou dois minutos, enquanto transportavam pedras, areia ou argamassa no carrinho de mão, aproveitavam cada breve oportunidade para arrancar algumas raízes comestíveis e colher ervas silvestres. Escondiam-nas rapidamente nos bolsos e as comiam ali mesmo, ou, quando as circunstâncias não

lhes permitiam, comiam depois. Às vezes tinham de contentar-se em comer folhas de árvores e não dispunham de outra coisa para beber a não ser água contaminada do Danúbio. Foi assim que sobreviveram. Alguns foram acometidos de febre tifóide e outra doença semelhante à cólera. Outros sobreviventes ainda hoje sofrem os efeitos desses horrores.

Enquanto esses 120 irmãos estavam sendo torturados nas prisões e nos campos de trabalho forçado, as famílias enfrentavam grande sofrimento por intimidação, ameaça, importunações, falsos informes e outros expedientes diabólicos. Como a concessão de empregos era controlada pelo governo, sempre que se candidatassem, as portas estavam fechadas para eles. Nosso povo permanecia sob tácita sentença de extermínio. Embora continuassem a passar por grande necessidade e aflição, sobreviveram ao confiar nAquele que disse: "A Minha graça te basta." 2 Coríntios 12:9.

A lei exigia que meninos e meninas freqüentassem a escola aos Sábados. Em caso de recusa, os pais eram punidos com multa e prisão. As crianças eram ridicularizadas pelos colegas de classe e professores. Alguns pais, ao voltar da cadeia, tinham surpresa chocante: outras pessoas estavam morando em sua casa. Moradia e objetos domésticos haviam sido confiscados.

Um dos crentes, colega de prisão de alguns intelectuais, ouviu-os fazer comentários favoráveis acerca de nossos irmãos: "Embora não compartilhemos a crença deles, somos obrigados a admirar suas convicções, comportamento e firmeza."

Através do exemplo digno, esses irmãos deixaram atrás de si um rastro de luz. Esses heróis da fé deixaram para a nova geração de reformistas precioso relicário cheio de exemplos encorajadores que jamais serão esquecidos.

Certo Sábado de inverno Ion Buzdugan foi punido cruelmente porque se recusou a trabalhar no dia do Senhor. Foi levado para fora da prisão, para campo aberto, e, embora estivesse soprando um vento de enregelar os ossos, recebeu ordem para tirar a roupa da cintura para cima e levantar os braços. O soldado que estava com ele, mesmo vestido com sobretudo, conseguiu suportar o frio por apenas poucos minutos. Correu para a barraca. Nosso irmão, ficando sozinho, vestiu-se rapidamente e voltou para a cela.

Dinu Dumitru, após ser preso em 1957, com 84 anos, foi lançado num cubículo úmido. Após seis meses, o gorro e o sobretudo de pele de ovelha ficaram mofados e quebradiços. O rosto estava esverdeado. Dali foi transferido para outra prisão, de onde foi liberto com 88

anos. Apesar das dificuldades, voltou para casa com saúde e lúcido. Morreu em 1967, com 94 anos.

Certo irmão contraiu tuberculose na prisão. Em estado grave, foi levado para o hospital do presídio. A comida de cada dia era porco, setecentos gramas de pão, um pouco de leite e doce. Como não tocasse na comida com porco, castigaram-no: a ração diária foi drasticamente reduzida na esperança de que mudasse de idéia e começasse a comer de tudo que viesse. Nosso irmão teve de conformar-se com dieta escassa: cem gramas de pão e um pouco de mingau de fubá. Quando os doentes de tuberculose foram submetidos ao raio-X, e cuidadosamente examinados, foi constatado que nosso irmão, conhecido por sua tuberculose crônica, estava completamente curado. O médico que o acompanhava não pôde crer no que seus olhos viam. Solicitou segunda radiografia. De novo obteve o mesmo resultado. Vladimir Streinul, crítico literário, que se encontrava internado no mesmo hospital, voltou-se para o diretor da prisão e disse: "Comandante, até hoje fui ateu, mas agora não preciso ver outro milagre para crer em Deus. Este crente, que por anos vinha sofrendo de tuberculose, não recebeu nenhum tratamento. Ao contrário, foi submetido a dieta escassa, destinada a matá-lo de inanição, e ainda assim recuperou-se completamente, conforme repetidos exames de raios X. Isso é para mim prova de que Deus existe."

Daquele dia em diante, nosso irmão recebeu alimento suficiente e foi tratado como ser humano. Depois de cinco anos na prisão, foi liberto com saúde.

Certo Sábado, um guarda atiçou o cachorro contra alguns irmãos que se recusavam a quebrar o quarto mandamento. O cão feroz arremeteu-se contra eles, mas logo tornou-se dócil, não lhes fazendo mal. No mesmo Sábado aquele cão foi incitado a atacar outros prisioneiros que se recusavam a trabalhar, não por motivo religioso, mas por obstinação. O grande animal saltou sobre eles derrubando-os e fazendo-os mudar de idéia. Nossos irmãos viram, mais uma vez, que a mão misericordiosa da Providência ainda estava pronta a intervir miraculosamente em seu favor.

Por recusarem-se a obedecer os homens mais que a Deus, certo dia alguns irmãos foram obrigados a ficar quase completamente despidos. Em seguida foram deixados numa cela muito fria. Porém, não se deixaram abater, nem protestaram. Começaram a cantar em coro. Vários guardas ficaram enfurecidos. Outros admiraram-lhes o espírito de resignação e paciência.

Noutro Sábado, um irmão foi açoitado na sola dos pés descalços. Como não cedesse, foi levado perante o comandante que, supunha-se, iria persuadi-lo a desistir da fé. Nosso irmão esperava repreensão. Em vez disso, ouviu apenas palavras de estímulo. Disse-lhe o oficial superior: "Senhor, aconselho-o a permanecer firme em sua convicção religiosa, preferindo morrer a abandoná-la." Essas palavras lhe pareceram vindas do Céu.

Um jovem, ao ser convocado para o serviço militar, recusou-se a quebrar a Lei de Deus, principalmente o quarto mandamento. Por isso foi levado perante um oficial que exigiu o motivo da recusa. O depoimento do jovem foi tão lógico e impressionante que o oficial o procurou pouco depois e disse: "O caminho que você escolheu, é o caminho certo. Conserve a fé. Siga em frente." Depois o oficial lhe deu um abraço de aprovação e encorajamento.

Algumas vezes nossos irmãos passaram por experiências que nos trazem à memória *Education*, págs. 304 e 305: "Não compreenderemos o quanto devemos aos cuidados e interposição dos anjos antes que sejam percebidas as providências de Deus à luz da eternidade. Seres celestiais têm tomado parte ativa nos negócios dos homens. Eles têm aparecido em vestes resplandecentes como o relâmpago. Têm vindo como homens, no aspecto de viajantes. Têm aceitado hospitalidade nos lares humanos, agido como guias de viajantes nas trevas da noite. Têm obstado aos intentos do espoliador e desviado os golpes do destruidor." Virá o dia em que os redimidos saberão certamente que, em alguns casos em que julgavam haver recebido ajuda de seres humanos, realmente receberam o auxílio de anjos celestiais.

Nem todos os guardas foram instrumentos de Satanás. Certo irmão conta de um carcereiro que o tratava com estima e cortesia. Ajudou-o de diversas maneiras. Chegava a informá-lo secretamente se o alimento que lhe traziam era lícito ou não.

Numa ocasião vários irmãos idosos foram detidos e presos por algum tempo. Um dos policiais que havia tomado parte na operação ficou tão profundamente impressionado com o comportamento de nossos irmãos que, convencido de que eram cristãos autênticos, julgou que poderiam mostrar-lhe o caminho da vida eterna. Antes que nossos irmãos fossem libertos, um deles foi convidado para ir à casa daquele policial para ministrar estudos bíblicos. Cinco anos depois, aquele homem, não mais policial, e esposa, foram batizados e recebidos na comunhão de nossa igreja por aquele mesmo irmão, que era ancião local.

Conforme vimos, durante o tenebroso período de 1957 a 1964, cerca de 120 ministros e oficiais de igreja estavam presos. Desses, 22 não saíram com vida. Alguns sobreviventes foram libertos entre 1962 e 1963. Beneficiados por anistia geral, os demais ficaram livres em 1964. Entre os heróis que, após sofrimentos e torturas insuportáveis foram sepultados coletivamente, até a manhã da ressurreição, não podemos esquecer estes: Ion Nitescu, Marin Ardeias, Sandu Florea, Alexandru Misca, Vasile Zecianu, Stan Uta, Dumitru Cacaliceanu, Gheorghe Cojocaru, Ion Carlan, Tica Popa e outros.

Richard Wurmbrand, ministro luterano, conta que esteve preso com muitos adventistas, tanto da denominação oficial, reconhecida pelo governo, como da igreja subterrânea, o Movimento de Reforma. Diz Wurmbrand: "Na prisão, eram açoitados até sangrar, porque se recusavam a trabalhar no Sábado. Na cadeia quase não comiam, temendo que houvesse carne de porco no alimento. Quando recebiam uma fatia de pão por dia, davam o dízimo: renunciavam essa porção em favor dos idosos, doentes ou mais fracos."

Muitas páginas poderiam ser escritas para descrever os sofrimentos pelos quais passou nosso povo na Romênia durante esse terrível período. Em face da cruel perseguição movida pelas autoridades comunistas, que tentavam destruir nossa igreja naquele país, aos nossos irmãos não faltou coragem moral para permanecer firmes na fé. Homens de posição elevada disseram a nossos irmãos: "Vamos fazer vocês todos irem parar na cadeia. Vocês serão moídos por torturas até que não sobre nem um só reformista neste país." O policial-chefe da investigação declarou a um irmão preso em 1959: "Daqui a dez anos, não restará um só reformista na Romênia." Essas predições não se concretizaram. Aquele que foi poderoso para estabelecer Sua igreja na Terra é também poderoso para preservá-la.

1964-1989

Em 1964, ainda em condições adversas, houve contatos entre os irmãos da CG e os crentes romenos. Os irmãos André Lavrik e Wilhelm Volpp começaram a visitá-los e entrevistaram alguns líderes. A perseguição cruel, as muitas dificuldades continuavam. No início do ano, alguns irmãos, principalmente ministros e obreiros, ainda estavam presos.

Mais tarde, no mesmo ano, todos os irmãos presos que haviam sobrevivido à dura prova foram libertos. Contudo, atividades religiosas ainda eram proibidas. Um irmão que visitou a Romênia em 1966 escreveu: "A situação parece estar piorando. As reuniões de nossos irmãos são proibidas. Nem mesmo duas famílias podem reunir-se legalmente." Mas nossos irmãos não desfaleceram. Permaneceram unidos na verdade. Sabiam que o Senhor estava com eles, e que a Ele pertenciam. Levaram, porém, vários anos para se recuperarem do tempo de prova por que passaram.

Em 1969, alguns ministros, obreiros e leigos, de maneira tímida e reservada a princípio, tiveram coragem e zelo renovados: começaram a restabelecer contato uns com os outros, visitando famílias e grupos dos quais estavam separados havia cerca de dez a quinze anos. Cautelosamente, pouco a pouco, os irmãos reformistas se reorganizaram em grupos, igrejas e campos. Entretanto, as prisões continuaram.

De Richard Wurmbrand, que passou muitos anos em prisões romenas por causa da fé, recebemos, em carta de 12 de julho de 1974, esta informação:

"Conforme relatos recentes, treze adventistas reformistas ainda estão em prisões romenas. Tentam obrigá-los a trabalhar no Sábado, mas recusam-se a obedecer os homens. Então recebem trinta açoites. Acorrentados nos pés, chegam arrastar quase 18 quilos. Os cravos das correntes causam ferimentos nos pés. Introduzem 32 pessoas numa cela cuja capacidade máxima é dezesseis. A metade deita-se no piso e dorme enquanto os outros ficam de pé para não perturbar os que estão deitados. A cada duas horas se revezam. No inverno são postos sob duchas frias. Por isso, os irmãos Zecianu e Simescu, dois adventistas reformistas, morreram na prisão. O irmão Sirbu foi condenado a cinco anos. Foi impiedosamente espancado e está muito doente. O irmão Buzdugan foi condenado a treze anos de prisão. ... De sete famílias, os filhos foram arrebatados porque os pais os educavam na fé. Esses pais foram condenados a três anos."

Apesar de todas as proibições, as reuniões clandestinas continuaram. Os membros não deixaram de receber assistência pastoral. Foram adotados procedimentos organizacionais. A Escola Sabatina foi restaurada. Inicialmente, os irmãos utilizavam os trimensários antigos que ainda mantinham. Depois, com prudência, começaram a receber novas lições fornecidas pela Conferência Geral. Esse foi método importante para unir na fé e consolidar nosso povo.

Introduzir novos trimensários da Escola Sabatina não foi tarefa simples. Às vezes para fugir ao controle alfandegário, as lições tinham de ser datilografadas num pedaço de tecido que era costurado na parte interna das costas de uma camisa, como se fosse forro. Assim um portador a vestia e atravessava a fronteira.

Multiplicar as lições era outra tarefa arriscada. O acesso a fotocopiadoras clandestinas teria facilitado o trabalho. Havia, porém o risco de serem processados, no caso de serem descobertos, e isso tornava o método ainda mais perigoso. Muitas vezes jovens e idosos tiveram de empreender a tarefa prolongada e fatigante de copiar lições a mão, uma por uma. Mesmo assim era perigoso. Os envolvidos nesse trabalho às vezes eram reconhecidos pela letra. O castigo mais suave era pesada multa. Pouco a pouco a igreja adquiriu máquinas datilográficas antigas. Essas ofereciam grande vantagem, mas não sem riscos e dificuldades. Fitas, papel e carbono só podiam ser obtidos de maneira clandestina.

Em 1984 foi promulgada lei que proibia máquinas de escrever em mãos de particulares. As que eram utilizadas por instituições tinham de ser registradas por autoridades. No formulário de registro era preciso constar as especificações da máquina, caracteres do teclado e o exato propósito para o qual seria usada.

Certo dia, dois policiais invadiram a casa de uma irmã que ocultava máquina usada para trabalhos clandestinos da Escola Sabatina. As lições estavam sobre a mesa, ao lado da máquina. Quando os policiais chegaram, apenas a mãe dessa irmã estava em casa. Imediatamente abriram porta após outra, e examinaram cuidadosamente armários e gavetas. Procuraram por toda parte, mesmo debaixo dos colchões, enquanto a anciã orava continuamente para que o Senhor cegasse aqueles homens. A oração foi atendida. Não entraram no gabinete onde a máquina e as lições estavam expostas.

A polícia secreta mantinha estrita vigilância sobre nossos irmãos, tentando cessar as atividades deles. Não conseguiram. A mão de Deus está com os que O amam e guardam Seus mandamentos. Sempre trabalhando na clandestinidade, já que leis injustas não lhes permitiam atuar abertamente, nossos irmãos finalmente reorganizaram a União em 1984.

Por lei, a família que hospedasse alguém de outro país, tinha obrigação de informar a polícia. Os movimentos dos estrangeiros eram cuidadosamente vigiados. Em 1985, depois que alguns irmãos da CG haviam estado na Romênia, as casas que os haviam acolhido foram revistadas. Membros desses lares foram interrogados. Os livros religiosos foram confiscados juntamente com o dinheiro que não haviam declarado antes do interrogatório. Como não houvessem obedecido a ordem de prestar informações à polícia, foram multados.

Durante esse período sombrio, 1964-1989, uma das exigências impostas aos nossos irmãos era o comparecimento freqüente a interrogatórios. Uma carta que dissesse: "Neste momento não temos, na Romênia, nenhum irmão na cadeia", ter-nos-ia trazido muita alegria. Porém, nunca recebemos notícia assim.

Por lei, todas as crianças eram obrigadas a freqüentar escola no Sábado. Em alguns lugares as autoridades educacionais eram tolerantes. Em outros, inflexíveis. Então, as crianças tiravam notas baixas. Os pais quase sempre eram multados e submetidos a novos interrogatórios. Pela graça de Deus, apesar desses obstáculos, a obra da Reforma na Romênia progrediu.

As páginas ensangüentadas da história do governo romeno anterior, que não respeitava direitos humanos, são grave censura ao século XX. A revolução de dezembro de 1989 trouxe grande mudança. Assim, atualmente, nossos irmãos se acham muito felizes e gratos ao Senhor. Sob o novo governo, podem desfrutar liberdade religiosa.

V — Biografias e primeiras experiências pessoais

Dumitru Nicolici

Obtivemos da irmã Ganca Nicolici uma fita gravada, com a biografia do marido. Eis o resumo:

Dumitru, um dos seis filhos de Maria e Florin Nicolici, nasceu em 22 de outubro de 1896, em Hodak, pequena aldeia dos Montes Cárpatos, na Romênia. Dedicada à fé ortodoxa grega, a mãe costumava levar os filhos à igreja aos domingos. O jovem Dumitru amava a Deus e desejava conhecê-Lo melhor. Quando ouvia o sacerdote ler o Novo Testamento, que Dumitru chamava de O Livrinho, desejava ter um exemplar. Tendo ouvido falar sobre um pequeno grupo de crentes cristãos, visitou-os durante o culto de oração. A forma do culto — leitura da Bíblia, cânticos e preces — cativou-o. Esse foi o início de sua conversão. Aquelas pessoas deram-lhe um exemplar do Novo Testamento. Prezou O Livrinho mais que qualquer outra coisa. A verdade se lhe tornava cada vez mais clara, à medida que o lia. Com dezessete anos, já havia compreendido que o Sábado, e não o domingo, era o verdadeiro dia do Senhor. Certa ocasião discutiu com o sacerdote, humilhando-o grandemente na presença de espectadores. Furioso porque não conseguiu contradizer a verdade, o sacerdote o esbofeteou. Dumitru manteve-se calmo e deixou o sacerdote afastar-se. Então, a certa distância, o retirante gritou:

— Você sabe o que também está escrito em seu livro? "Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra."

Dumitru respondeu:

— Na próxima vez.

Estando no primeiro amor, na ânsia de repartir o conhecimento da verdade com outros, muitas vezes teve de enfrentar injustiças. Seus irmãos e irmãs opuseram-se às novas idéias, de tal modo que ameaçaram pô-lo fora de casa e, pior, tomar-lhe a Bíblia. Essa intolerância da família forçou-o a deixar o lar.

Logo depois, em 1913, fez amizade com um grupo de adventistas do sétimo dia num povoado vizinho. Ali foi batizado.

Certo dia Dumitru visitou os pais e apresentou mais uma vez aos parentes a verdade presente que ele havia aceitado. Como ortodoxos devotos, haviam erigido pequeno relicário com crucifixo, no pátio que dava para a rua. Dumitru não suportou a manifestação de idolatria. Levantou-se de manhã bem cedo, antes de todos e, com um machado, despedaçou o ídolo, repetindo as palavras de Gideão: "Se ele é deus, por si mesmo contenda". Depois, foi embora. Isso trouxe mais problemas.

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, sobreveio grande prova aos observadores dos mandamentos. O grupo ao qual Dumitru pertencia teve de fazer algumas decisões. Embora os líderes da igreja incentivassem os membros a aceitar a convocação militar e a tomar parte na guerra, dezessete daquele grupo, e entre eles Dumitru, decidiram seguir a posição adotada pelos pioneiros do Movimento Adventista: não participação.

Naqueles dias estava sendo estudada uma lição da Escola Sabatina baseada em Romanos capítulo treze. Alguns líderes explicaram, com relação à lição, que os membros da igreja deveriam sujeitar-se às autoridades bem como cumprir seus deveres militares, mesmo no Sábado. Então, veio a grande prova. Os poucos que faziam objeções à nova posição da igreja foram perseguidos e denunciados. Dumitru narra sua experiência:

"Em resultado de nossa recusa em portar armas e trabalhar no Sábado, dezessete de nós fomos excluídos da IASD. Eu estava entre eles. Depois, cada um de nós foi provado individualmente."

Dumitru passou aproximadamente dois anos na prisão porque se recusava a prestar juramento, a ir para a frente de batalha e trabalhar no sétimo dia da semana. Sábado após Sábado era açoitado e ameaçado de morte. Muitas vezes puseram-lhe a baioneta na garganta. Vociferavam: "Obedeça, ou vai morrer!". Ele, porém, confiou em Deus. Jamais renunciou a verdade. Seu amigo mais íntimo, Ghita Manea, foi colega de prisão.

Enquanto Dumitru estava na prisão, Ion, seu irmão chegou da frente de batalha. Fazia pouco tempo que era adventista do sétimo dia. Certa ocasião, ao se alinharem para revista, um reconheceu o outro. Ion presenciou o espancamento de Dumitru, por ser objetor de consciência. Ion não suportou muito tempo. Resolveu também tornar-se objetor de consciência, e participar do mesmo quinhão do seu irmão mais velho, sofrendo pela verdade. Ambos passaram por grandes sofrimentos. Logo que Ion saiu da prisão, foi batizado no Movimento de Reforma. Permaneceu fiel até o fim.

A comida na prisão era escassa e sem gosto. Às vezes os crentes passavam dias sem nada para comer a não ser alguns pedaços de pão seco e cebola crua. Entretanto, jamais comprometeram a fé servindo-se de alimento impróprio. Apesar dos sofrimentos, a saúde de ambos foi resguardada, mas o ouvido de Dumitru foi afetado pelas muitas pancadas. Ele orou fervorosamente a Deus e fez este voto: se sobrevivesse, dedicaria o resto de seus dias à Obra do Senhor.

Deste ponto em diante, chamaremos Dumitru de irmão Nicolici. Em 1916, após a guerra foi liberto da prisão e iniciou ministério autosustentável de cântico e pregação em seu país. Não demorou e grupos organizados de reformistas foram surgindo em diferentes partes da Romênia. Descobriram que em diversos países havia muitos outros adventistas fiéis que haviam permanecido leais aos mandamentos de Deus. O irmão Nicolici informou:

"Enquanto a guerra estava em andamento, nós, na Romênia, nada sabíamos sobre as provas que haviam sobrevindo aos que permaneceram em defesa da verdade em outras partes da Europa. Quando a guerra acabou, ouvimos falar das experiências de crentes fiéis na Alemanha e outros países. Em 1919, foi confirmada a existência de grupos de adventistas excluídos em dezesseis países europeus. Muitos outros, evidentemente, uniram-se aos excluídos quando perceberam que os líderes haviam traído e perseguido os antigos irmãos que permaneceram fiéis à verdade.

"Em 1920, quatro irmãos da Conferência Geral chegaram à Europa com o propósito de promover reconciliação e sanar a contenda e separação. Em julho desse mesmo ano, foi realizada, em Friedensau, na Alemanha, reunião entre os líderes adventistas e os representantes da minoria excluída. Não houve acordo. A reunião foi di-

rigida pelos próprios líderes adventistas que haviam comprometido os princípios e estavam profundamente envolvidos no problema. Esses líderes europeus tentaram convencer os irmãos da Conferência Geral de que a contenda com os grupos excluídos, de reformistas, não se referia à combatência e violação do quarto mandamento [estimuladas nas declarações oficiais emitidas pela liderança]. Segundo esses líderes, a contenda referia-se, sim, à validade de certos sonhos, visões e predições. Desse modo, foram grosseiramente malinterpretados os verdadeiros motivos dos irmãos da Reforma. Continuou não havendo acordo.

"Naquela reunião, nossos irmãos foram informados de que poderiam apresentar por escrito reclamações e petições à delegação da CG, que estaria reunida em maio de 1922, em San Francisco, EUA, mas não poderiam enviar delegados à assembléia. Como a proposta não agradou nossos irmãos, estes decidiram enviar dois representantes com um apelo escrito. Os dois foram, mas voltaram sem ser recebidos.

"Até 1925, os reformistas continuaram o trabalho de acordo com a melhor compreensão que possuíam. Os muitos grupos, espalhados em dezesseis países, ainda não estavam completamente unidos em suas crenças. Por isso, como Conferência Geral, não assumimos responsabilidade pelo que foi ensinado e praticado por esses grupos de professos reformistas, nem por indivíduos a eles relacionados antes de nossa organização em julho de 1925.

"Nossa União se tornou a segunda mais forte na Europa. O desenvolvimento da Obra na Romênia foi devido, especialmente, à tradução e publicação dos livros do Espírito de Profecia. Já em 1921 começamos a sentir a necessidade de pôr os Testemunhos nas mãos de nosso povo. Para nós, isto é dever sagrado. O Senhor abençoou nosso trabalho. Contudo, conseguimos dar esse passo importante sob forte oposição. Em 1923 e 1924, tivemos de enfrentar dois processos judiciais. A IASD, na Romênia, levou-nos a juízo porque havíamos incluído muitos cânticos do Hinário Adventista em nosso hinário. Depois, a própria Conferência Geral da IASD abriu processo contra nós, porque estávamos traduzindo e publicando os livros de Ellen G. White. No segundo caso, a sentença foi favorável a nós. Ficamos livres para entregar ao nosso povo os livros do Espírito de Profecia.

"Apesar de toda a oposição, a obra de Reforma prosseguiu. Da Romênia, ela foi-se espalhando para outros países. Grupos de crentes foram contatados na Checoslováquia, Hungria, Iugoslávia e Bulgária."

Enquanto o irmão Nicolici colportava com outro jovem, Ghita Manea, auxiliou-o na preparação de um hinário para uso de nossos irmãos na Romênia. Alguns dos hinos inseridos naquele hinário expressavam a experiência deles mesmos, bem como a de outros irmãos. Esse hinário ainda é fonte de encorajamento para os crentes na Romênia.

Em 1921, Nicolici recebeu dos irmãos da Reforma a primeira credencial e tornou-se membro da Comissão Internacional. A partir daí, quando não encontrado pregando, dirigindo reuniões, escrevendo cartas, era porque estava preparando artigos, estudando ou orando.

Em 1923 o irmão Nicolici foi enviado para a Bulgária, onde enfrentou muita oposição da parte dos líderes adventistas. Dois colportores da Romênia já estavam trabalhando ali. O irmão Ivan Todorov, que falava romeno, os convidou para sua casa, pois queria saber qual o motivo da controvérsia. Tendo compreendido a importância da mensagem de Reforma, organizou uma série de reuniões e notificou os membros da igreja da cidade de Sofia e arredores. O pastor da igreja também foi convidado, mas se recusou a comparecer. Havia alguns, porém, que estavam dispostos a ouvir, e o Espírito Santo os convenceu.

No início dos estudos o secretário da Igreja Adventista na Bulgária também parecia estar muito interessado. Quando seus superiores notaram isso, enviaram-no à Alemanha para um período de treinamento especial. Ali, dissuadiram-no, e ele se tornou nosso acérrimo inimigo. Certo dia, depois da volta para a Bulgária, disse a um dos irmãos com quem se encontrou na rua: "Por que segue esse homem chamado Nicolici? Ele é espírita. É do Diabo. Nicolici deve tê-lo hipnotizado." O secretário fez as observações mais depreciativas sobre o Movimento de Reforma. Nosso irmão discordou dele. Na tarde daquele mesmo dia esse homem foi acometido de febre alta. A língua e a garganta ficaram inchadas. Cerca de meia-noite, morreu. Essa experiência fez com que as pessoas passassem a pensar bem antes de proferir palavras de juízo apressado.

Em resultado das longas noites de estudo, a esposa do irmão Todorov ficou doente. O ministro e os pastores da igreja a visitaram.

— Por que está enferma? Certamente, esse homem, Nicolici, a hipnotizou. Ele é espírita. A senhora permitiu que ele entrasse na sua casa e agora terá de sofrer.

A irmã, que não aceitou essas observações absurdas, disse:

— Irmãos, não sei quem ele é, mas uma coisa sei. Eu era cega e agora vejo. Dou glória a Deus por esta luz preciosa da Reforma.

Os Todorov tinham duas filhas. Uma delas, Ganca, foi enviada à Alemanha em 1924, no interesse da Obra, para estudar o idioma.

No ano seguinte, Ganca e Dumitru contraíram núpcias. Quatro dias depois ele teve de ir a Gotha, na Alemanha, a fim de participar da primeira assembléia representativa da Conferência Geral. Depois da assembléia, a irmã Ganca Nicolici ficou ansiosamente à espera do regresso do marido, mas ele demorou. Ela não teve notícia. Dumitru teve de assistir a uma conferência na Iugoslávia. Quando pregava numa noite de sexta-feira, a polícia prendeu os líderes e alguns obreiros. Entre os detidos estavam Dumitru Nicolici e Otto Welp. Foram algemados e levados à delegacia. No caminho, o irmão Nicolici entregou a ela um envelope a um dos espectadores e pediu que ele o pusesse no correio. Enquanto isso acontecia na Iugoslávia, a irmã Ganca Nicolici, na Bulgária, orava dia e noite, esperando que o marido voltasse. Certo Sábado, em vez de ir à reunião, resolveu ficar em casa para dedicar-se inteiramente à oração. Esperou ansiosamente o carteiro. Quando o carteiro passou, entregou a ela o envelope. Ela sentiu o coração bater aceleradamente: era do marido. A notícia lacônica era: "Estou a caminho da prisão. Teu marido, Dumitru." Sabendo onde ele estava, apressou-se em ir à igreja, dar a notícia aos irmãos, que se ajoelharam e pediram a Deus que protegesse Nicolici e Welp, e os trouxesse sãos e salvos. Doze dias depois, o irmão Nicolici chegou pálido, magro, desfigurado, com as marcas das algemas. Que alegria, principalmente para a esposa, tê-lo de volta!

Logo planejaram iniciar o trabalho na Grécia. Em nossa igreja, na Romênia, havia uma família que falava grego. Aceitou o chamado e estabeleceu-se em Corinto. Foi assim que, em 1926, o irmão Nicolici teve de ir à Grécia. Novamente, por muitos dias, a irmã Ganca ficou sem notícia. Preocupada, recorreu ao Senhor. Como era seu costume, pediu que protegesse o marido e que ela não ficasse sem notícia. Quando, outra vez, chegou a carta ansiosamente esperada, soube da perigosa viagem durante a qual o Senhor misericordiosamente o tinha protegido com os outros passageiros. O navio, sacudido pela tempestade, quase havia submergido. O mar estava tão agitado, que, passageiros e tripulantes, pensaram que iriam perecer. Na Grécia, depois de animar e confirmar os novos crentes, Dumitru voltou enriquecido pelas novas experiências com o Senhor.

Em 1930, os Nicolici foram transferidos de Sofia, Bulgária, para Bucareste, Romênia. O irmão Dumitru foi incumbido de trabalhar nos países balcânicos. Na Romênia, ao realizar reuniões e conferências, com freqüência era preso. Muitas vezes, com a ajuda de Deus, escapou, milagrosamente.

Em 1938, foi transferido para a Austrália, onde sua permanência foi proveitosa. Estabeleceu pelo menos uma igreja em cada Estado. O mesmo aconteceu na Nova Zelândia. A obra de saúde e o trabalho de publicações foram organizados. A Escola Missionária começou a funcionar.

Quando a família Nicolici pensou que a Austrália seria seu último domicílio, foi transferida para os Estados Unidos da América. Em 1948, o irmão Nicolici recebeu novos encargos nos EUA e no Canadá. Depois, novas circunstâncias exigiram ajuda em vários países, e ele fez muitas viagens.

O irmão Nicolici era determinado. Para ele as coisas ou eram certas, ou erradas. Não lhe parecia haver meio termo. Às vezes não foi compreendido. Tinha visão. Tinha perspicácia. Extraía das Escrituras a verdade para o seu tempo. Se alguma vez sentiu-e desapontado, foi porque durante sua existência a terra não foi iluminada com a gloria de Deus. (Apocalipse 18:1). O irmão Nicolici faleceu em 5 de fevereiro de 1981, em Moriah Heights, perto de Sacramento, Califórnia, EUA.

Ion Gorun

Crente adventista desde 1906, foi levado à força para a frente de batalha durante a Primeira Guerra Mundial. Tendo recusado portar armas e quebrar os mandamentos, foi condenado à morte. Mostrando intrépida determinação, foi forçado a se deitar no chão, enquanto uma parelha de cavalos, puxando um canhão, foi impelida a passar por cima dele. Mas os cavalos se recusaram a obedecer às ordens e não o pisotearam. Suas orações foram ouvidas e, pela graça de Deus, sobreviveu. Logo depois, foi levado pelos russos, como prisioneiro. A mão de Deus o estava conduzindo para que pudesse fazer trabalho especial entre outros prisioneiros de guerra.

No campo de concentração, abrindo a Bíblia, pregou aos colegas de prisão. Alguns deles, como Constantin Mihu, Ion Urs, Petru Vant, Ion Rosca e outros, converteram-se e começaram a guardar o Sábado. Ao serem libertos, começaram a assistir às reuniões numa igreja ASD sendo batizados pouco depois. Quando a guerra com a Austro-Hungria e Alemanha terminou, voltaram para a Romênia, onde se

uniram ao Movimento de Reforma e tomaram parte ativa na divulgação da mensagem.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o irmão Gorun fez uma experiência que lhe custou a vida. Haviam sido feitos preparativos para o batismo de 18 crentes em Maramures, à noite, no mês de novembro. Estava escuro. Fazia frio. A água, das montanhas, estava muito gelada. Depois que o último candidato foi batizado, o irmão Gorun, molhado e tremendo, teve de caminhar até a casa de um irmão, onde trocou a roupa. Para fugir da polícia, que o procurava, teve de permanecer ali até a noite seguinte, embora não se sentisse bem. Depois, na escuridão da noite, caminhou para casa com muita febre. Logo depois morreu com 62 anos.

Ion Urs

Durante a Primeira Guerra Mundial, o jovem Ion Urs, convocado para o exército austro-húngaro, foi enviado para a frente de batalha russa. Logo foi preso e levado para a Sibéria com outros prisioneiros romenos. Dali foi transferido para Volgograd, perto do Rio Volga. No campo de concentração foi um dos que aceitaram Cristo pelo trabalho de Ion Gorun. Ao ser libertado, permaneceu ainda naquela região, onde, com os companheiros crentes, começou a freqüentar as reuniões dos Adventistas do Sétimo Dia. Depois, Ion e outros seis candidatos romenos foram batizados no Rio Volga. Pouco tempo depois, a Revolução Comunista de 1917 propiciou a volta de prisioneiros de guerra para seus lugares de origem.

Regressando à Romênia, Ion trouxe a nova fé. A novidade causou surpresa para a família e todo o povoado. O padre da aldeia advertiu as pessoas dizendo que, por se recusar a fazer o sinal da cruz, Ion tinha voltado contaminado com idéias comunistas. Foi preso, levado perante as autoridades, interrogado e espancado.

Devido ao espírito de intolerância prevalecente na Romênia, a fim de garantir para si liberdade religiosa, planejou ir para os EUA. Porém, duas coisas o detiveram: pesou-lhe o pensamento de que seus familiares não teriam oportunidade de ouvir a verdade, porque outros não teriam acesso a eles. Foi, também, influenciado pelo conselho de um irmão adventista que o fez ver que Satanás está presente em toda parte, não havendo nenhum lugar na Terra em que estivesse livre de provas e tentações.

Mudando-se da aldeia nativa, juntou-se aos irmãos Ion Gorun, Mihai Streza e outros, em Dridif, onde aceitou a mensagem de Reforma. Ali organizou a obra missionária e a colportagem. Tornou-se

ele mesmo colportor. A intolerância e a falta de recursos financeiros faziam com que esse não fosse trabalho fácil. Muitas vezes teve de caminhar longas distâncias, porque não tinha dinheiro para a passagem. Entretanto, a convicção da verdade e o amor de Cristo o motivavam. Casou-se em 1928. A esposa, Maria, cheia de zelo missionário, sempre ia com ele de um lugar a outro. Isso, porém, não era fácil. Certo dia foram surpreendidos por chuva pesada. Maria, acometida de pneumonia, morreu poucos dias depois. Ion tornou a casar em 1930. A segunda esposa, Aurélia, também lhe foi de grande ajuda.

Logo depois, Ion Urs foi ordenado ministro, e a União forneceu a ele e companheiros uma bicicleta. Naqueles dias, eles não podiam ter mais que isso como meio de transporte. Cada um, em seu veículo, chegava a pedalar de cinco a seis mil quilômetros por ano.

Certa ocasião, em 1936, o irmão Urs foi preso e severamente espancado por três policiais. Nisso veio outro soldado que, interrompendo a fúria dos outros três, gritou: "Que lei autoriza vocês a fazerem isso?"

O irmão Urs foi liberto, mas precisou convalescer durante seis semanas.

Prisão e tortura passaram a ser parte da rotina de nossos ministros e obreiros na Romênia. Em 1957, por exemplo, o irmão Urs, outros ministros e obreiros bíblicos foram presos. Às duas da madrugada a Securitate veio, investigou a casa e confiscou os Testemunhos. Os agentes da Securitate lhe disseram: "Se nos der uma declaração escrita transferindo-se como membro para a Igreja ASD, nós o deixaremos ficar em casa."

Como se recusasse a aceitar a proposta, foi condenado a nove anos de prisão. Não teve o privilégio de ser visitado por ninguém. Não recebia suprimentos alimentares. Durante mais de sete anos a família nada soube dele. Ele nada soube da família.

Depois que foi libertado, a Securitate não lhe deu trégua. Era espreitado constantemente.

Fisicamente, o irmão Urs parecia mais resistente que os demais. Embora tivesse de passar pelos mesmos sofrimentos que os companheiros, suportou mais tempo. Morreu em 1981, com 87 anos. Serviu como ministro de Cristo durante 51 anos. Até o fim apegou-se à bendita esperança da ressurreição, na vinda de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Gheorghe Panaitescu

O irmão Panaitescu foi um dos pioneiros da obra da Reforma na Romênia.

Quando a Romênia declarou guerra à Austro-Hungria e seus aliados, em 1916, Gheorghe ingressou no exército. Como adventista, sabia que grandes provas lhe estavam reservadas. Orava continuamente a Deus suplicando poder para manter-se inabalável. Durante os primeiros seis dias, não teve dificuldade. Contudo, na tarde de sexta-feira tentou explicar aos oficiais de sua companhia a razão pela qual não podia trabalhar no dia seguinte. Não o atenderam. Na manhã de Sábado, o comandante quis falar com ele. Gheorghe explicou a verdade sobre o quarto mandamento, pedindo respeitosamente que considerasse suas convicções religiosas. Porém, não teve êxito. Desde o início, era conhecida a falta de vontade do comandante e de outros oficiais. Inicialmente, por meios brandos e, depois, drásticos, tentaram persuadi-lo a renunciar os princípios religiosos e obedecer as ordens militares:

— Rapaz, aqui é impossível seguir suas convicções religiosas. O soldado na ativa não pode dizer não. Deve sempre dizer sim. Quando o oficial lhe dá ordem, o soldado deve obedecer. Você precisa atravessar o fogo, pular na água, voar.

— Reconheço os direitos do Estado. Estou disposto a obedecer as ordens dos oficiais. Mas, em primeiro lugar, devo reconhecer a autoridade superior de Deus, o Criador e Mantenedor de todas as coisas, (Eclesiastes 5:8, 1 Crônicas 29:11 e Mateus 28:18), o qual deu aos homens seis dias para fazer toda a sua obra, mas reservou um dia para Si. Prometo obedecer seis dias por semana aos oficiais. Estou disposto a trabalhar também à noite, mas devo dedicar o Sábado a Deus.

Ao ouvirem isso, antes de deixá-lo na cadeia, castigaram-no de várias maneiras. Ali, dois oficiais ainda tentaram convencê-lo a ceder. A discussão demorou a tarde inteira. O Senhor lhe deu sabedoria para falar palavras corretas. O anjo do Senhor estava com ele (Salmo 34:6 e 7).

Naquele mesmo Sábado, à tardinha, libertaram Gheorghe e o levaram a várias salas do quartel. Os oficiais superiores o interrogaram sobre sua fé e o provaram de diversos modos, esperando que finalmente se rendesse.

No Sábado seguinte, o regimento inteiro sabia que entre eles havia um soldado que não faria trabalho nenhum no Sábado. A partir daquele momento, muitos soldados cercavam Gheorghe em suas horas de folga e lhe faziam perguntas referentes à verdade.

Nem todos os militares, porém, mostraram espírito de tolerância. Certo domingo, um oficial, espancando-o, o derrubou e depois o

pisou repetidamente. Que o Senhor não considere esse crime. Não sabia o que estava fazendo. A posição adotada por Gheorghe em relação à verdade foi considerada grande novidade, porque até aquele tempo, disseram eles, nenhum adventista na ativa havia tentado guardar o Sábado. Mencionando alguns nomes, disseram a Gheorghe:

"Há bom número de soldados adventistas aqui. Alguns são da sua região. Todos estão sempre dispostos a obedecer sem as exceções que você exige."

Contaram a Gheorghe que alguns deles haviam sido promovidos por terem sido obedientes. Gheorghe não quis falar sobre a separação que havia entre o povo adventista. Nem desejava revelar que estava do lado da minoria que decidira antes obedecer a Deus que aos homens. Disse apenas isto: "Não me compete julgar ninguém. Todos são responsáveis por seus atos perante Deus."

Certo dia um oficial perguntou a Gheorghe: "Que tipo de sujeito é você? Judeu? Turco?" Gheorghe respondeu: "Não sou judeu nem turco. Como os senhores, sou cidadão romeno. Sou cristão romeno que resolveu antes obedecer a Deus que aos homens."

Depois, um capitão falou a ele: "Onde você achou essas idéias?" "Nas Escrituras Sagradas", disse Gheorghe.

Então o capitão perguntou se estava disposto a pegar no fuzil, a fazer os exercícios que os outros soldados estavam fazendo, e se estava disposto a defender o país. As respostas coerentes de Gheorghe o enfureceram. Quando o Sábado chegou, o superior pegou um cassetete e bateu tanto em Gheorghe, que nosso irmão não pôde sentar-se durante semanas. Que o Senhor o perdoe. Embora Gheorghe tenha sofrido, agradeceu a Deus a força concedida para suportar tortura e dor.

Depois que o Movimento de Reforma foi organizado na Romênia, muitos jovens foram provados e sofreram no mesmo Regimento 32 de Ploesti, ao qual Gheorghe pertencera. Certa vez, vários reformistas foram condenados pelo tribunal militar a passar até sete anos na prisão. Em resultado do bom comportamento deles, ganharam a confiança e o respeito dos oficiais. Receberam ocupações de responsabilidade. Considerando que esses homens eram realmente honestos e dignos de confiança, um oficial disse a um deles: "Quero que me faça um pequeno favor. Aqui está (e mencionou certa quantia em dinheiro)... Leve isto para este endereço... Entregue isto à minha mãe. Sei que você não vai fugir, mas voltará para cumprir a pena."

Aquele homem não desapontou o oficial. Os outros prisioneiros reformistas também se demonstraram dignos de confiança, cooperadores no cumprimento do dever. Seu comportamento cristão foi sermão poderoso.

No começo dos anos de 1920 houve mudança na atitude das autoridades para com os crentes reformistas. Elas se tornaram mais indulgentes, embora por pouco tempo. Nossos irmãos não apenas tinham liberdade de guardar o Sábado na prisão, mas até receberam sala especial para celebrarem culto. Tiveram permissão para receber visita dos ministros. Pela influência de nossos jovens, um soldado batista aceitou a verdade. Nesse breve período de tolerância religiosa, ali mesmo foi batizado e recebido na comunhão.

Certo dia um ministro adventista visitou os prisioneiros. Um oficial quis saber o que ele queria.

— Quero falar com esses soldados condenados à prisão por causa de sua recusa em obedecer às ordens militares.

— E quem é o senhor?

— Sou ministro adventista. Quero persuadir esses fanáticos, mostrando-lhes quão errados estão.

— O senhor está equivocado. O senhor não é adventista. Esses prisioneiros que estão dispostos a sofrer por causa da fé, esses, sim, são verdadeiros adventistas.

O ministro tentou defender-se, dizendo que durante a guerra tinha lutado como herói, e que, por haver defendido corajosamente a Romênia, havia recebido medalhas de guerra, as quais tinha orgulho em exibir.

O oficial lhe disse: "O senhor não tem permissão para entrar no quartel para perturbar esses homens. Eles estão sendo bem cuidados. Estão satisfeitos com a situação deles aqui. Digo-lhe isto: O senhor não é adventista. É um hipócrita."

Eis agora um esclarecimento oportuno: de acordo com o relato do irmão Georghe Panaitescu, ele aceitou o Movimento de Reforma em 1918, quando, com um grupo inteiro, conheceu a mensagem. No outono de 1918 o Senhor enviou dois mensageiros da Reforma a Posesti. Os pregadores saíram de lugar em lugar, visitando primeiramente os anciãos das igrejas. Logo receberam o ancião N. Goicea. A partir de então, o irmão Goicea passou por uma mudança. Seus sermões e advertências passaram a ser acompanhados de zelo e convicção diferentes dos que havia revelado em tempos anteriores. Com a ajuda de Deus procurou levar toda a igreja, composta de trinta membros, a seguir o caminho certo. Parecia que toda a igreja iria

reerguer-se. Foi um tempo de auto-exame e conversão genuína. O primeiro amor parecia estar voltando àquelas fileiras. Aqueles irmãos, e alguns que moravam afastados, reuniam-se várias vezes por semana para buscar o Senhor até depois de meia-noite. Regozijavam-se em ver em seu meio despertado o interesse nos princípios da verdade.

Porém, pouco tempo depois, surgiu operação contrária. Esses irmãos foram visitados por ministros da denominação principal. Fazia muito tempo que os irmãos não os viam. Era propósito deles manter a luz do Céu distante desses crentes.

Certo Sábado, enquanto estudavam a lição, dois ministros entraram na reunião. Quando a Escola Sabatina terminou, um deles deu início ao culto. No sermão, advertiu os irmãos contra os lobos que se estavam infiltrando no rebanho. Tentando descrever os irmãos do Movimento de Reforma como fanáticos, quis provar que comer carne estava de acordo com a vontade de Deus e que os cristãos deviam obedecer às autoridades em tudo. A discussão com os irmãos teve, porém, efeito inesperado sobre ele. No Sábado seguinte, para surpresa dos irmãos, ele os visitou novamente. Dessa vez, porém, veio por iniciativa própria. Parecia bastante mudado. Contou-lhes que depois de ter estado com eles, teve longa conversa com o presidente e o secretário da União Romena dos ASD, respectivamente Petru P. Paulini e Stefan Demetrescu, sobre as dificuldades existentes, ou ainda, a apostasia da igreja e a necessidade de reforma. Não viu nada nesses líderes a não ser resoluta oposição aos apelos. Afirmou ainda que, não podendo continuar trabalhando contra a própria consciência, devolveu a credencial.

À medida que lhes contava suas primeiras experiências, os irmãos o ouviram com atenção. Admitiu que, até sua última discussão com eles, desconhecia a gravidade da situação. Como ministro adventista, havia ido para a frente de batalha e tinha sido prisioneiro dos alemães. Antes disso, havia estudado num seminário ortodoxo. Quisera tornar-se padre. Depois freqüentou o colégio missionário adventista em Friedensau, na Alemanha.

Aquele ministro, Petru Turturica, uniu-se ao Movimento de Reforma, pela primeira vez, em 1918. Mas, devido a alguns desentendimentos, voltou para a denominação principal. Depois, não satisfeito com essa decisão, percebendo que se havia equivocado, voltou para o Movimento de Reforma, onde empregou seus talentos por muitos anos juntamente com a esposa.

Além de cumprir deveres ministeriais por longo período, traduziu os livros de Ellen G. White para o romeno. Esse trabalho foi grande bênção para nossos irmãos. Participou do convívio com os que "experimentaram escárnios e açoites, e ainda cadeias e prisões." Embora outra vez tenha deixado o Movimento de Reforma, em 1957, continuou a cooperar com nossos irmãos. Faleceu em 1985, em idade de muito avançada.

Voltemos à experiência do irmão Panaitescu na denominação principal: Em abril de 1919, a Igreja Adventista na Romênia convocou os ministros, obreiros, anciãos locais e colportores para uma reunião especial em Rancezi. Os anciãos da igreja de Posesti, aproximadamente trinta membros, e da igreja vizinha de Rancezi, cerca de setenta membros, respectivamente N. Goicea e N. Salaoru, compareceram. O presidente e o secretário da União dirigiram a reunião. Seu objetivo principal era convencer os irmãos, especialmente os que se inclinavam para o Movimento de Reforma, de que os reformistas estavam errados e os líderes adventistas, certos. Mas o Senhor pôs as palavras certas na boca desses dois anciãos, e o resultado da reunião não foi o que o presidente e o secretário esperavam. No fim da reunião os irmãos que permaneceram firmes na verdade encontravam-se mais convictos que antes.

Em maio de 1919 todos os membros do distrito de Posesti e Rancezi foram convidados para uma conferência local em Rancezi. Mais de cem membros se reuniram. Depois do discurso de abertura, no qual o presidente da União anunciou que iam celebrar a Santa Ceia com os irmãos, ele disse: "Quando Jesus tomou a última ceia com os discípulos, Judas estava entre eles. E há algumas pessoas como ele em nosso meio. Por isso, ficaríamos muito gratos se os que não concordam conosco se privassem de tomar parte na ordenança." Pediu que ficassem de pé todos quantos desejassem participar da cerimônia. Para sua surpresa, apenas a metade da assistência se levantou.

À tarde, foi anunciada a exclusão dos dissidentes. O secretário da União, com uma lista de nomes, fez chamada. Pediu a cada um que ficasse de pé e declarasse sua posição. Alguns disseram: "Estou satisfeito com nossa posição." Os nomes dos que deram essa resposta, ou outra semelhante, foram mantidos na lista de membros da igreja. Outros, porém, disseram: "Confessamos que durante a guerra transgredimos a santa Lei de Deus, especialmente o quarto e sexto mandamentos, e estamos decididos a nunca mais fazer isso. Protestamos contra essa violação de princípios, e, onde quer que haja

desvio dos mandamentos de Deus, desejamos ver mudança para melhor. Além disso, com relação à reforma da saúde e ao matrimônio, é nosso propósito alcançar a perfeição que o Senhor exige de nós. Fazemos da Lei de Deus e dos Testemunhos as diretrizes de nossa vida. Não queremos deixar a igreja."

Essa foi a essência da resposta apresentada pelos irmãos de mentalidade reformista. Esses foram excluídos imediatamente depois de manifestarem sua posição. Houve muitos outros irmãos que, apesar de testemunharem a apostasia, não estavam seguros do que Deus queria que fizessem. Disseram que precisavam de tempo a fim de considerar o assunto mais profundamente. Muitas lágrimas foram derramadas. Mesmo os ministros que fizeram a exclusão dos irmãos de mentalidade reformista comoveram-se até às lágrimas. Um deles disse na oração final: "Senhor, Tu conheces todas as coisas. Se estes irmãos excluídos são Teu povo, então por favor ajuda-nos para que nos unamos a eles. E se nós devemos continuar a ser Teu povo, então, por favor, ajuda estas almas a voltarem."

Ghita Manea

Jovem culto, aceitou a mensagem de reforma durante a Primeira Guerra Mundial. Foi responsável pela nossa obra de publicações antes de Mihai Streza. Foi ele que preparou nosso hinário em romeno. Sua consciência religiosa lhe ditava que, onde há conflito entre o Assim diz o Senhor e o Assim diz o Estado, ele precisava obedecer a Deus e não aos homens. Por isso foi condenado à prisão. Na cadeia, teve a saúde abalada devido aos sofrimentos e crueldades a que foi submetido. Liberto, passou pouco tempo com o sucessor na obra de publicações, ajudando-o a dar início a esse trabalho. Morreu em 1925.

Mihai Streza

Ainda na juventude, graduou-se em Direito. Aceitou a mensagem de reforma em 1921. Por causa de sua fé, foi rejeitado pelos pais ricos que pertenciam à Igreja Ortodoxa. Recebeu a incumbência de dirigir o departamento de publicações, onde foi assistido pelo irmão Ghita Manea. Manea e Streza venderam parte de suas terras — cerca de 50.000m2 de cada um. Usaram o dinheiro para comprar a primeira propriedade do Movimento de Reforma na Romênia, a casa da sede da União Romena, em Bucareste, onde a obra de publicações teve seu humilde começo. A educação de Streza o qualificou para ser o redator do periódico

Pazitorul Adevarului (Sentinela da Verdade) até 1944. Desde 1925 participou de várias assembléias da Conferência Geral. Prestava assistência à Obra em outros países: Bulgária, Hungria e Iugoslávia.

O irmão Streza comparecia com freqüência aos tribunais a fim de pleitear em favor de irmãos acusados de exercer atividades religiosas ilegais. Muitas vezes foi bem-sucedido em libertá-los ou em reduzir-lhes a pena. Também precisou defender-se. Seus argumentos persuasivos quase sempre o favoreceram, e escapou da condenação. Mas, como a perseguição religiosa era terrível realidade na Romênia, também passou algum tempo na prisão. Enquanto preso, a saúde ficou grandemente abalada. O irmão Streza, um de nossos destacados líderes, morreu em 1956.

Vasile Nagy

Foi um de nossos principais pioneiros. Ministro ordenado, foi preso várias vezes. Ao todo, passou dezessete anos na prisão, onde por fim contraiu tuberculose. Com a saúde debilitada, foi libertado antes de completar a última pena. Continuou em liberdade vigiada. Não podia sair de casa livremente. Mesmo assim, foi presidente da União até que faleceu, em 1984 (?).

Gheorghe Sas

O irmão Sas tinha sido ministro batista por quase trinta anos. Não resistindo à influência do Espírito Santo, seus olhos foram abertos, não só para o Sábado, mas também para toda a verdade (João 16:13). Finalmente se uniu ao Movimento de Reforma durante a Segunda Guerra Mundial. Mediante sua posição firme em relação à verdade, padeceu perseguição, prisão e tortura "por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus." Sua recusa em quebrar a Lei trouxe sobre ele grande prova. Durante a guerra foi posto num campo de concentração. Ao todo, passou aproximadamente quinze anos em reclusão. Foi obreiro muito diligente e bem-sucedido ganhador de almas. Como ministro da Reforma, conduziu muitas pessoas a Cristo e organizou vários grupos e igrejas. O irmão Sas faleceu em 1978 ou 1979 (?).

Janos Bokor

Até 1918, o irmão Bokor e família nada sabiam sobre a sacudidura entre o povo adventista em outras partes da Europa. Sabiam muito bem que a liderança havia adotado atitude de combatência, animando os membros a irem para a frente de batalha e a lutarem também no Sábado. O que os Bokor e outros irmãos daquela região não sabiam, era o que havia acontecido com os objetores de consciência. Supunham que devia haver fiéis em todos os países envolvidos, e que aqueles que decidiram ser leais a Deus e guardar Seus mandamentos também estavam dispostos a sofrer e até mesmo morrer pela fé. Os Bokor, e outros irmãos, esperavam conhecer esses fiéis.

No início de 1919, ouviram falar dos irmãos da Alemanha e de outros países. Souberam como minorias aqui e ali foram excluídas e perseguidas porque protestaram contra a posição de combatência adotada pelos líderes. Essa notícia lhes serviu de bênção. Trouxe coragem adicional para os Bokor e os grupos com quem estavam associados. Apesar das dificuldades, principalmente perseguição que tiveram de enfrentar, tinham grande amor para com Deus e uns para com os outros. Sentiam que grande poder os acompanhava. Esse foi o motivo por que não retrocederam diante das ameaças de prisão e morte.

No início de 1920, Janos percebeu que era, já, tempo de também assumir responsabilidade na Obra do Senhor. Assim, pois, começou a dar testemunho da verdade a outros.

Nessa época, acreditavam ainda que a liderança faria confissão genuína, corrigindo a situação anormal, vindicando mais uma vez a Lei de Deus, desprezada e, assim, sanaria a separação. Reconciliação e unidade entre os crentes do Advento ainda eram sua esperança e objetivo. Mas, para decepção deles, nada disso aconteceu. Os dirigentes tinham-se afastado demais na direção errada. Continuavam pervertendo a verdade até chegarem a crer que de fato estavam certos e que os objetores de consciência, errados. Ensinavam que só haveria unidade novamente se os irmãos da Reforma se dispusessem a reconhecer seus "erros" e fossem rebatizados para serem aceitos na igreja. Caso contrário, as pessoas de mentalidade reformista se perderiam.

Alguns irmãos sugeriram que deviam ter pelo menos uma organização temporária para manter os crentes dentro do círculo da fé adventista e proteger os grupos contra os elementos fanáticos e desordenados que estavam surgindo. Naquele mesmo ano, os grupos de reformistas da Romênia reuniram-se através de seus representantes. Formaram uma organização em comum, que contribuiu para o sucesso de nossa obra.

A Família Tuleu

Paulo Tuleu, um dos mais antigos ministros no Brasil, começou a experiência cristã ligado à obra da Reforma, na Romênia.

Seus pais eram membros da Igreja Ortodoxa em Chisineu-Cris, Romênia. Ana Tuleu, a mãe, mulher muito religiosa, interessou-se pelos ensinos dos batistas em 1908. Para dissuadi-la de unir-se à Igreja Batista, o marido empregou o seguinte argumento: "Se você quer tornar-se crente batista para seguir a Bíblia, e a Bíblia somente, está errada. Nem mesmo os batistas são estritos seguidores das Escrituras. Por exemplo: a Lei de Deus exige a guarda do Sábado. Os batistas observam o domingo."

A irmã Ana estudou a Palavra do Senhor e verificou que o marido tinha razão. Mas, em vez de ficar na Igreja Ortodoxa, como ele esperava, ela se tornou, por si mesma, observadora do Sábado.

Em 1909, um colportor bateu à porta dos Tuleu. A irmã perguntou:

— Que dia da semana o senhor guarda?

— O sétimo dia, o Sábado.

— Então somos irmãos em Cristo.

— Além do senhor, há outros cristãos observadores do Sábado?

— Sim.

Em seguida, o colportor explicou à irmã Ana como chegar à Igreja Adventista mais próxima em Socodor.

Dois meses depois, ela foi batizada e tornou-se membro.

Em 1916, quando a Romênia entrou na guerra, tornou-se fato conhecido que a igreja havia adotado atitude de combatência. A irmã Ana era uma das poucas pessoas que discordaram. Um dia pediu explicação. O ancião da igreja respondeu:

— Isso não lhe interessa. As mulheres não têm nada que ver com esse assunto. É uma questão que envolve somente os homens.

— Mas tenho que saber, porque pertenço ao mesmo corpo. Se for verdade, não desejarei mais tomar a Ceia do Senhor com eles.

Durante aproximadamente um mês, continuou protestando Sábado após Sábado. Finalmente foi excluída e proibida de entrar no local das reuniões. Com a irmã Ana, outra irmã também foi excluída por protestar contra a apostasia aberta. A princípio elas pensavam que haviam sido as únicas a serem expulsas da igreja.

Em 1918 essas duas irmãs foram encontradas por um obreiro da Reforma. Esse irmão lhes disse que elas não eram as únicas. Muitos outros haviam passado pela mesma experiência. Logo depois, no mesmo ano, as duas irmãs se tornaram membros do Movimento de Reforma.

Em 1923, depois de assistir a um debate entre um ancião adventista e um obreiro reformista, o irmão João Tuleu também se uniu ao Movimento de Reforma.

Paulo, filho do casal, nasceu em Chisineu-Cris, em 1918. Foi batizado em 1932. Como colportor, no inverno de 1932, foi posto na prisão, onde teve que dormir no chão de cimento, sem nada para se agasalhar. Ficou doente. Depois de duas semanas na cadeia, foi levado para casa. Seguindo o conselho de irmãos experientes, submeteu-se a cura de uva e, pela graça de Deus, recuperou-se em pouco tempo.

Em 1936 Paulo Tuleu foi para a Suíça. Freqüentou nossa Escola Missionária, com o plano de trabalhar em campo novo. Em 1937 imigrou para o Brasil, terra de liberdade religiosa.

VI — A obra de publicações

Desde o início de nossa obra na Romênia, foram feitos grandes sacrifícios para termos os escritos da irmã White traduzidos e impressos. Os crentes tiveram o alimento espiritual que o Senhor concedeu para estes últimos dias. Foram publicados em tempo recorde: *Patriarcas* e *Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos*, *O Grande Conflito*, *Primeiros Escritos*, *A Ciência do Bom Viver*, *Parábolas de Jesus*, *Temperança*, *Reflexões sobre o Sermão da Montanha* e *Testemunhos para a Igreja* Volume 1. Todos esses, bem como *Daniel e Apocalipse*, de Uriah Smith, foram traduzidos pelo irmão Petru Turturica. A União Romena da Igreja ASD, porém, recebeu autorização e instruções da Conferência Geral, Takoma Park, para sustar esse trabalho. Em 25 de setembro de 1924, P. P. Paulini, presidente da União Romena, queixou-se da obra que nosso povo estava fazendo:

"Esses elementos inescrupulosos ... têm quase todos os livros da irmã White traduzidos em linguagem horrível. Agora reivindicam arrogantemente serem editores desses escritos. Mas na Romênia temos lei que protege os direitos autorais e vai condenar judicialmente esses plagiadores. Recebemos uma procuração com plenos poderes da Conferência Geral, assinada pelos irmãos Spicer e White, filho da irmã White, e agora estamos prontos para levar esses vis trapaceiros a atinarem com a realidade."

Quando *O Grande Conflito* estava para ser editado, a União Romena dos ASD moveu uma ação judicial contra os reformistas. Nos-

sos irmãos se dirigiram aos líderes da União e lhes deram a garantia de que a impressão dos livros do Espírito de Profecia seria sustada imediatamente se os líderes adventistas se dispusessem a assumir aquela obra. O irmão D. Nicolici escreveu:

"Lamentávamos que o nome do Senhor estivesse sendo exposto ao opróbrio pela publicidade inevitável que se seguiria. Caso os líderes da Igreja ASD estivessem dispostos a publicar todos os livros do Espírito de Profecia, estávamos prontos para adquiri-los da mesma forma como comprávamos a Bíblia nas livrarias. Nosso apelo foi rejeitado. Então resolvemos defender a nossa causa. Assim como os reformadores do passado, sentíamos grande preocupação em comunicar a luz a outros. Por isso, ameaçados com prisão e prevendo os danos que seriam causados pelo processo legal movido contra nós, com jejum e oração pusemos nosso fardo na mão do Senhor.

"A princípio os líderes ASD obtiveram aparente vantagem quando conseguiram, através de decisão judicial, confiscar e lacrar todos os volumes de *O Grande Conflito* encontrados em nossa casa da missão. Essa decisão devia vigorar até que o processo estivesse terminado."

No segundo semestre de 1926, antes de a decisão final ser dada pelo tribunal, um irmão que durante dezoito anos havia sido ministro adventista enviou uma carta circular aos ASD na Romênia:

"Amada família no Senhor:

"Em Mateus 10:21, lemos: 'Um irmão entregará à morte a seu irmão'. E o mesmo Evangelho 24:10, diz: 'Trair-se-ão uns aos outros.'

"Estas palavras, pronunciadas naqueles dias, estão-se cumprindo de novo, entre o povo de Deus. Os líderes dos senhores, que muitas vezes acusaram os irmãos do Movimento de Reforma diante das autoridades, em cujas mãos muitos foram castigados, continuam a fazer o mesmo. Já fomos levados ao tribunal. Já fomos multados... Acabam de empregar outra lei contra nós. Exigem que lhes entreguemos os Testemunhos da irmã White, que publicamos, e paguemos uma indenização de $.....

"Sábado 27 de agosto de 1926, o irmão Pleska veio... com dois policiais, dois oficiais de justiça e um consultor legal. Em nossa gráfica, confiscaram os exemplares restantes de *O Grande Conflito*. Confiscaram também outros cinqüenta exemplares que estavam para ser encadernados...

"Em nome dos 1.500 membros na Romênia, protestamos como irmãos e irmãs no Senhor... Portanto, não se tornem co-obreiros desses líderes. Não permitam que milhares de dólares em dízimos e ofertas sejam dispendidos com advogados, de forma que irmãos sejam arrastados para os tribunais... Venham, os irmãos e os seus líderes, e arrazoemos. À luz da Palavra de Deus ('À Lei e ao Testemunho!' Isaías 8:20) provem-nos onde estamos errados...

"Queridos irmãos e irmãs: Os seus ministros estão sempre dizendo-lhes que não há fundos suficientes na tesouraria para enviar missionários para o Exterior e que há grande aperto e necessidade na Obra de Deus. Dízimos e ofertas estão sendo desperdiçados com advogados e demandas judiciais contra nós, seus irmãos, para que não tenhamos a possibilidade de ter os Testemunhos da irmã White...

"Meus irmãos: mantenham olhos bem abertos. Deus está disposto a enviar luz gloriosa a Seu povo, mas os líderes estão-se interpondo entre os senhores e a luz, para que ela não brilhe... Por que continuam sendo impedidos de falar conosco? Por que não temos permissão para ir à casa dos senhores?... Por que consentem que a consciência seja controlada de tal modo?...

"Ergam-se, senhores! Ergam-se irmãos! A salvação está em jogo. Chamem-nos diante dos líderes, para que possamos mostrar a verdade. Assinado,

D. Constantinescu."

Depois de dois anos de procedimentos legais, o Senhor concedeu a vitória a nosso povo. Obtivemos então o direito de publicar os livros do Espírito de Profecia na Romênia. E não só pusemos esses livros nas mãos de nosso povo, mas também fornecemos muitos exemplares para os membros, oficiais e ministros da Igreja ASD.

Embora enfrentando grandes dificuldades, tais como perseguição por um lado e falta de fundos por outro, nossos irmãos romenos conseguiram imprimir livros, brochuras e revistas para colportagem, que não era permitida por lei. Os colportores não conseguiam viver da venda de livros, nem a União dispunha de capital suficiente para pagar-lhes salários com regularidade. Conseqüentemente eram, de vez em quando, auxiliados com pequeno subsídio. Outra dificuldade era a falta de transporte. Apenas alguns podiam comprar bicicleta. A maioria tinha de percorrer a pé centenas de quilômetros, levando grande quantidade de literatura. Precisavam ser muito cuidadosos. Não deviam oferecer as publicações abertamente. O trabalho que faziam era proibido. A polícia sempre os vigiava. Apesar dos impedimentos que tiveram de enfrentar, o sacrifício não foi em vão: Muitos sinceros foram levados ao pé da cruz por meio da colportagem.

VII — Experiências pessoais mais recentes

Ganca Nicolici

Em 1963 a irmã Ganca e a filha Esther visitaram a Romênia. No dia seguinte ao da chegada ao país, apresentaram-se às autoridades. O chefe de polícia as tranqüilizou. Conversou com elas durante quase uma hora. Então quis saber por que o Sr. Nicolici não tinha vindo. A informação que, de Hamburgo, as autoridades haviam recebido por escrito, era de que todos viriam. O chefe estava inteiramente informado da chegada deles. Prometeu ir, no dia seguinte, Sábado, à casa em que a irmã Ganca e a filha estavam hospedadas. Esse Sábado, era plano das visitantes passarem tranqüilamente com a família e os parentes do irmão Nicolici, membros do Movimento de Reforma. Porém, de manhã, muito cedo, os irmãos começaram a chegar de todos os lugares, desejosos de se reunirem com as visitantes. Os irmãos haviam sido advertidos de que não viessem, pois não haveria nenhuma reunião. O chefe de polícia havia prometido estar lá. Mas os irmãos vieram assim mesmo. Eles disseram: "Teremos reunião hoje. O Senhor há de conduzir o chefe de polícia para outro trabalho que exija a presença dele em outro lugar."

A irmã Ganca maravilhou-se da fé e coragem daqueles irmãos. Não ousou dizer palavra para os desencorajar. Depois de orarem fervorosamente suplicando proteção divina, iniciaram a reunião. Mais de cem pessoas compareceram. O Senhor os abençoou com Sua presença e enviou Seus anjos para os proteger.

Durante a Escola Sabatina a irmã Ganca notou que os irmãos estavam estudando trimensário muito antigo: 1946. Desde 1948 nossa igreja encontrava-se proscrita na Romênia. Nosso povo não tinha permissão para imprimir periódicos, nem celebrar reuniões, nem mesmo para ter existência legal. Por isso estavam contentes por terem, pelo menos, alguns trimensários antigos, ocultos. Havia o perigo constante de confisco durante as investigações policiais. Toda literatura religiosa precisava ser bem escondida.

Um irmão da liderança contou à irmã Ganca que, naquela época, havia aproximadamente 120 irmãos em prisões. Eram ministros, obreiros bíblicos e colportores. Não tinham permissão para ser visitados. Ninguém sabia onde estavam nem se ainda estavam vivos. Quando alguém deles morria, a família só ficava sabendo meses ou anos depois. A pena variava de sete a vinte anos. Quando alguém era libertado da prisão, não dizia muita coisa com receio de ser mandado de volta para lá. Preferia citar versos

bíblicos que prediziam o sofrimento pelo qual os seguidores de Cristo teriam de passar.

A irmã Ganca informou que, apesar da perseguição, os crentes na Romênia permanecem firmes na fé e fiéis no cumprimento do dever. O Senhor tem dado medida especial de sabedoria aos responsáveis pelo rebanho.

À tarde elas visitaram um grupo de crentes em outra cidade, onde conheceram a esposa e familiares de um de nossos líderes. Já fazia sete anos que ele estava na prisão. Com prudência, elas os confortaram na verdade.

Terminada reunião realizada em outro lugar, disse um dos líderes: "Irmã Ganca, diga aos irmãos que nós, na Romênia, permanecemos firmes nos princípios estabelecidos no início do Movimento de Reforma. Apesar da opressão e perseguição que nos sobreveio, nossa fé no Senhor continua. Queira saudar os irmãos com Atos 14:22."

Enquanto a irmã Ganca e filha viajavam de trem para a fronteira da Iugoslávia, tiveram a oportunidade de conversar com alguns passageiros. Falaram sobre Deus, a criação, etc.

A irmã Ganca informou: "Os jovens romenos são completamente diferentes da geração que conhecemos antes da Segunda Guerra Mundial. Falam contra a existência de Deus e pensam que podem provar suas idéias à luz da ciência moderna. Fiquei triste quando notei que não sabiam o que estavam falando."

Uma senhora que escutava a conversa, aprovou as explicações da irmã Ganca com cuidadoso menear afirmativo da cabeça. Quando o trem chegou a uma cidade onde as duas visitantes da América do Norte esperariam durante onze horas a conexão ferroviária, aquela senhora as convidou a passar a noite em casa. Devido à insistência, elas aceitaram o convite amável. Logo que entraram, fechou a porta e convidou a se ajoelharem e agradecer a Deus a proteção. Embora não de nossa fé, ela também era cristã. Disse-lhes: "As leis anti-religiosas na Romênia são tão rígidas que, se duas pessoas são encontradas orando juntas, são detidas e condenadas a anos na prisão. Só é permitido adorar em conjunto nas igrejas oficialmente reconhecidas. Mesmo assim, apenas por tempo determinado. Ninguém tem o direito de propagar convicções e converter outros para sua fé."

Quando as visitantes chegaram à fronteira iugoslava, tiveram dificuldade na verificação do passaporte. Elas haviam excedido a licença de cinco dias que lhes fora concedida. O oficial disse: "Temos de prendê-las, e enviá-las de novo a Bucareste."

A irmã Ganca respirou profundamente. Tentou explicar que, por duas razões a falta não estava com elas: (1) Devido à celebração nacional, todos os escritórios estavam fechados e (2) As conexões ferroviárias eram muito deficientes. Entregou-lhes os passaportes e disse: "Desta vez podem ir. Não façam isso outra vez."

Ela agradeceu e sussurrou uma prece agradecendo a Deus. Aliviadas, cruzaram a fronteira.

Ion Anton

Certo dia, em 1987, o irmão Anton deu um telefonema. Quando atenderam, disse laconicamente: "O pão será entregue com o Salmo 14:4". A seguir, desligou. Fazia muito tempo que os crentes mais distantes não recebiam visita nem tomavam a Ceia de Senhor. O irmão Anton, ministro ordenado, era responsável pela assistência espiritual dos membros de nossa igreja, a qual, naqueles dias, funcionava clandestinamente devido à terrível opressão. Havia tempo o irmão Anton pretendia visitar esse grupo. Entretanto, cada vez que planejava estar com aqueles irmãos para quem ele havia telefonado, algum imprevisto o impedia. Nesse dia entendeu que não mais podia haver adiamento.

Os crentes moravam no outro lado do Rio Danúbio. A travessia era feita por balsa. Os preparativos foram feitos e, no dia marcado pela mensagem cifrada — dia 14 do mês 4 —, o irmão Anton e família prepararam o automóvel para a viagem.

Quando saíram de casa, tudo estava indo bem. Porém, no meio da viagem, houve um estrondo. O carro desviou-se para um lado. Controlando o veículo cuidadosamente, o irmão Anton parou para examiná-lo. Um dos pneus, tendo estourado, transformou-se em fragmentos inaproveitáveis. Que fazer? Estavam longe de casa e não conheciam ninguém nesse lugar. O irmão Anton dispôs-se a comprar outro, mas não havia comércio de pneus naquela região. Enquanto as horas passavam, foram feitas várias tentativas, mas as perspectivas eram desanimadoras. Ninguém podia ajudá-lo. Ninguém tinha pneu de reserva na medida apropriada para o carro dele. Ninguém indicava quem pudesse vender a ele um pneu sobressalente. Finalmente, à tardinha, encontraram um homem que lhe vendeu o estepe do próprio carro.

O irmão Anton fez a troca, mas, então, era tarde para continuar a viagem. A única possibilidade era regressar.

De volta, ao descerem do carro, uma vizinha que se encontrava na rua os viu e, imediatamente, entrou depressa na casa dela, gritando. Os Anton não entenderam. Nunca antes aquela mulher havia-se comportado de modo tão esquisito, imprevisto, intempestivo. Eles a conheciam bem. Eram bons vizinhos. Estranhando aquele procedimento, entraram recolhendo as malas de viagem.

Logo escutaram uma batida na porta. Anton foi ver quem era. Lá estava um policial. "Onde esteve andando? Que o senhor foi fazer? Com quem se encontrou? A que hora voltou?" Perguntas e mais perguntas. Naquele tempo isso era comum na Romênia. Então foi revelado o aspecto sinistro que até esse momento os Anton desconheciam.

Os irmãos que, conforme programa, deveriam ser visitados, conhecendo o horário da balsa, esperaram o pastor no tempo previsto. Contudo, tendo ocorrido grave acidente, a balsa virou e afundou. Não houve sobreviventes, nem tripulantes, nem passageiros. Os irmãos, consternados, ao receberem a notícia, chegaram à conclusão de que o irmão Anton e família estavam entre as vítimas. Também a vizinha, supersticiosa, havia tomado conhecimento da tragédia e, ao vê-los chegar de volta à casa, pensou que se tratasse de uma aparição: seriam os espíritos dos mortos que haviam regressado?

Depois de tudo esclarecido, os Anton ajoelharam-se agradecidos ao Senhor onipotente que lhes havia conservado a vida. Por que motivo o pneu do carro havia estourado? Muitas coisas acontecem, não acidental, mas providencialmente, porque a mão misericordiosa de Deus faz com que circunstâncias adversas concorram para o bem dos Seus escolhidos.

Em outra ocasião o irmão Anton foi chamado para enfrentar um problema referente a má administração financeira. Quando pensamos que entre os apóstolos de Cristo estava Judas, que não era tesoureiro fiel (João 12:6), não devemos ficar surpresos ao vermos tais coisas acontecerem hoje. Certa quantia de dinheiro havia sido confiada a uma comissão para propósito específico. Parte desse dinheiro desapareceu. Durante a investigação, na presença do irmão Anton, cada membro da comissão declarou, sob juramento, que era inocente. No fim da investigação infrutífera, o irmão Anton orou para que Deus protegesse e abençoasse os honestos que haviam dito a verdade, nada mais que a verdade, e que castigasse o culpado.

Logo depois, dois membros dessa comissão sofreram acidente de carro. Um morreu, e outro ficou inválido. Logo que o sobrevivente pôde andar, com lágrimas confessou ao irmão Anton que em realidade os dois haviam subtraído o dinheiro que faltava. Mais uma vez ficou claro que, de acordo com Gálatas 6:7, ninguém deve tentar zombar de Deus.

VIII — Apelo em favor da liberdade religiosa na Romênia

Em 18 de fevereiro de 1986, este apelo foi enviado ao presidente da República Socialista da Romênia:

Excelentíssimo Senhor Nicolae Ceausescu,
Presidente da República Socialista da Romênia
Bucareste, Romênia

Digníssimo senhor Presidente:

Muitos cristãos romenos que residem nos EUA e em outros países ocidentais nos relatam os grandes sofrimentos por que ainda estão passando alguns grupos de crentes cristãos na Romênia, particularmente os que não pertencem a nenhuma das catorze crenças religiosas oficialmente reconhecidas pelo Governo. Ficamos consternados ao ouvir, repetidamente, que os Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma ainda estão sofrendo restrições religiosas muito severas.

De acordo com o Monitorul Oficial, Nº 53, de 5 de março de 1947, o Movimento de Reforma fora registrado na Romênia. Porém, conforme decisão 636, o registro foi cancelado e a organização dissolvida pelo Conselho do Gabinete em 1951. Assim, o mais importante de todos os direitos humanos, que é a liberdade religiosa, lhe foi tirado, e até hoje os membros são perseguidos. Reúnem-se para ler a Bíblia e orar. Crêem que é dever guardar os mandamentos de Deus. Um dos mandamentos exige cessação completa de todas as atividades seculares no sétimo dia da semana. Freqüentemente são, por isso, condenados a pagar multas pesadas. Alguns são levados à prisão por serem fiéis à sua convicção religiosa. Esse, por exemplo, é o caso de Iliescu e Florea. Por força do auto 2083/1985, a polícia de Necresti, Distrito de Teleorman, os levou ao tribunal de Rosiorii de Vede e, mediante o decreto 153/1970, acusou-os de parasitismo. Embora tenham dado provas, com evidências documentadas, de que diariamente se dedicavam com denodo à laboriosidade, foram condenados a seis meses de prisão.

Os artigos 17 e 30 da Constituição da Romênia prometem liberdade religiosa ao cidadão.

Em 1972, Vossa Excelência, Presidente Ceausescu, declarou num discurso: "O que propomos hoje é aquilo em que eu acredito: garantir que as pessoas que participam de uma ou outra convicção possam prestar culto religioso sem impedimento."

O Diário Oficial de N? 146, de 20 de novembro de 1974, contém o Decreto N? 212, Artigo 18, assinado por Vossa Excelência, que defende o acordo internacional sobre direitos humanos, e determina: "Que cada pessoa tenha direito à liberdade de pensamento, de consciência, e de religião: Esse direito inclui a liberdade de seguir uma religião ou confissão religiosa individualmente ou em coletividade, e de mantê-la como assunto pessoal ou professá-la em público, etc. Que não seja exercida restrição ou compulsão que venha a ferir a liberdade religiosa de qualquer crente que queira seguir uma ou outra confissão segundo sua escolha." Vossa Excelência, Presidente Ceausescu, também se comprometeu a apoiar o acordo assinado em 1975 em Helsinki, o qual assegura liberdade de consciência e religião. E, em um dos discursos de Vossa Excelência apareceu o apelo: "Todas as nações que assinaram o documento de Helsinki em 1975, intensifiquem esforços e ações para concretizar o acordo o mais breve possível."

Apesar dessas boas promessas e compromissos, e conforme informações de viajantes que visitam a Romênia, freqüentemente os reformistas e outros grupos religiosos ainda são vítimas de perseguição cruel, considerada legal. Isso se choca frontalmente com a Constituição, pois algumas das leis estatais tornam ilegal a livre prática da religião.

Alguns dos cristãos romenos dizem que diferentes leis, acrescentadas ao código penal, virtualmente cancelam a liberdade religiosa garantida pela Constituição.

Em resultado, muitos reformistas romenos foram e ainda são perseguidos por motivo das suas convicções, não só porque a Constituição é ignorada, mas também porque algumas leis do Estado são mal aplicadas por autoridades arbitrárias. Embora nós no Ocidente há muito tenhamos estado atentos ao problema, não quisemos agitar o assunto em público, na imprensa internacional, para não trazer sanções sobre a Romênia. Esperávamos que a situação algum dia melhorasse.

Digníssimo Presidente Ceausescu: podemos garantir a Vossa Excelência que, como em todos os outros países, os reformistas na Romênia são cidadãos pacíficos, obedientes à lei, bons vizinhos, trabalhadores, diligentes. Seguem elevados princípios morais. Não constituem ameaça, seja para o Governo, seja para a sociedade. Estão orando por Vossa Excelência.

Por isso, em nome dos milhares de cristãos romenos, fazemos este apelo também em favor dos reformistas. Assim, pedimos que, por gentileza, seja reconsiderada a possibilidade de conceder novamente ao Movimento de Reforma o reconhecimento oficial. O Go-

verno de Vossa Excelência nada perderá. Ao contrário, certamente ganhará prestígio ao usar de tolerância. Eles, solidários conosco, ainda esperam que a promessa de liberdade religiosa, muitas vezes repetida, se torne realidade.

Em nome desses crentes, desejamos a Vossa Excelência muitos anos de vida com saúde, e porção especial da sabedoria divina, para que o Governo da Romênia seja caracterizado por tolerância religiosa, justiça, paz e prosperidade, para o bem-estar de todos.

Ficamos na expectativa de receber resposta a nosso apelo.

Desde já agradecemos a amável atenção.

Atenciosamente,

João Moreno, presidente

A resposta veio, não do presidente Ceausescu, mas de Deus, em dezembro de 1989, quando o povo romeno, denodadamente se revoltou contra a tirania insuportável. Sob o novo governo, foi restabelecido o mais importante de todos os direitos humanos: a liberdade religiosa.

IX – Desenvolvimentos recentes

Marco importante foi alcançado na Romênia em 1984, apesar das circunstâncias proibitivas: reorganização da União Romena, que passou a ser representada por delegados das Associações. Estava presente o irmão Daniel Dumitru, da Conferência Geral. Já havia ocorrido tentativa semelhante dez anos antes, quando o irmão Paulo Tuleu estivera com os irmãos romenos. Muitos grupos foram visitados e instruídos a enviar representantes a uma reunião especial. Contudo, devido a restrições e controle severo, muitos não se arriscaram a ir. A reorganização parcial foi conseguida durante a visita do irmão Tuleu em 1974. Com as dificuldades resultantes de leis rígidas, mesmo a reorganização de 1984 não foi completa. Não incluía todas as Associações. Reorganização ampla foi conseguida em 1990.

Em harmonia com o desenvolvimento da Obra, foram ordenados dez ministros e dezessete anciãos. Durante os primeiros cinco anos, após a liberação, em janeiro desse ano, foram também nomeados trinta obreiros bíblicos.

Desde que a liberdade religiosa foi restabelecida, os irmãos romenos têm dedicado muita atenção a três áreas para a expansão da mensagem de Reforma: construção de igrejas, ministério de publicações e obra educacional, para preparação de novos obreiros. E, novamente, a Obra tem sido abençoada com rápido crescimento.

No final de 1995 a clínica em Breaza ainda estava em construção. Esta foto foi tirada na fase do acabamento

Esq.: Edifício da Escola Missionária em Fagaras (quase pronto para a inauguração, final de 1992). Dir.: Sede da União, em Fagaras

Até o fim de 1994, a União havia concluído a construção de vinte e seis templos. No começo de 1995, vinte e cinco outros estavam em obras.

De janeiro de 1990 a dezembro de l994, os irmãos imprimiram quase setenta mil exemplares dos livros do Espírito de Profecia: *Testemunhos para a Igreja* (volumes 1-9), *Patriarcas e Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos*, *O Grande Conflito*, *Comentários Bíblicos* (Ellen G. White), *Conselhos sobre o Regime Alimentar*, *Mensagens aos Jovens*, *Evangelismo*, *Obreiros Evangélicos*, *Testemunhos para Ministros*, *Primeiros Escritos*, *Reflexões sobre o Sermão da Montanha*, *A Ciência do Bom Viver*, e *Esboços Biográficos*. Também imprimiram vários livros sobre saúde e quase 2.300.000 brochuras e tratados para a colportagem.

Em 1994, em cooperação com um ministério adventista independente, foram distribuídos, em noventa cidades, 26 mil exemplares de *O Grande Conflito* e 300 mil de *A Nova Ordem Mundial.* Em Timisoara, um menino de aproximadamente dez anos aproximou-se dos obreiros encarregados da distribuição e perguntou se podia ajudá-los. Embora nunca o tivessem visto antes, consentiram. Com entusiasmo o menino começou a gritar: "Jesus voltará dentro em breve! Estou distribuindo gratuitamente uma brochura que ajuda o povo na preparação para a Sua vinda." Em duas horas distribuiu quase mil e quinhentos exemplares de *A Nova Ordem Mundial*.

A sede da União foi estabelecida em Fagaras. Em março de 1993 foi inaugurada uma escola missionária equipada para acolher também estudantes de países vizinhos. As aulas começaram com trinta alunos.

20

Iugoslávia

I - Início e primeiras experiências

Em 1918, fim da Primeira Guerra Mundial, houve grande comoção na Igreja Adventista na Iugoslávia. A liderança havia incentivado os membros a irem para o campo de batalha. Era impossível participar na guerra sem transgredir a Lei de Deus. Esse afastamento da verdade provocou protesto da parte da minoria, liderada por Paja Krajnjan, Rada e Tima Maletin, e Zivan A. Janac.

Os não-conformistas começaram a visitar as igrejas adventistas em 1919 e ali encontraram cerca de quatrocentos membros com mentalidade reformista. Já haviam começado uma reforma. Muitos descrentes se converteram em pouco tempo. Porém, no início, esses irmãos não tinham ministro ordenado. Procuraram Milan Ostojic, pastor que vivia nos Estados Unidos. Informado do que acontecia na Iugoslávia, Ostojic assumiu a liderança da obra de Reforma.

Encontro de reformistas em Zrepaja, Iugoslávia, 1924

Os outros quatro irmãos, que haviam assumido a liderança a princípio, continuaram a trabalhar infatigavelmente pela conversão de almas. Através da Bíblia e do Espírito de Profecia, conseguiam apresentar evidência em favor da obra de Reforma. Em agosto de 1920 cem pessoas estavam preparadas para o batismo.

Em novembro de 1920 os crentes da Reforma reuniram-se para uma conferência em Curug. Foram proferidos sermões sobre a reforma de Esdras e Neemias. Foi comparada a obra no passado com a dos nossos dias. Estavam sinceramente convencidos de que este Movimento tem base na Bíblia e nos Testemunhos.

Contudo, como tem acontecido com toda verdadeira reforma através dos séculos, sobrevieram desapontamentos. A filha de Ostojic, tesoureira do grupo, trouxe desonra sobre eles. Além disso, muitos daqueles crentes não aceitaram de todo o coração as instruções referentes à reforma de saúde. A questão principal era comer carne. Quando Ostojic viu que a maioria era favorável ao carnivorismo, não apresentou coisa nenhuma sobre a reforma de saúde nos Testemunhos. Além disso, conhecia escassamente os escritos de Ellen G. White. Essas pessoas, embora insatisfeitas e sempre criticando os líderes da Igreja Adventista, não estavam preparadas para uma reforma genuína e completa. Indivíduos com espírito de crítica, não são necessariamente verdadeiros reformadores.

Encontro de irmãos reformistas em Belgrado, 1930

Ostojic tomou posição ao lado dos superficiais. Em dezembro de 1921, numa conferência realizada em Sajkas, Ostojic declarou:

"Prezados irmãos e irmãs: a irmã White não diz que não devemos comer carne. Diz apenas que não devemos comer carne de porco." Depois dessa reunião, Janac e um irmão romeno que falava alemão, foi visitar Ostojic. Este possuía alguns Testemunhos em alemão, e também falava esse idioma. No encontro, de várias horas, leram e traduziram muitas afirmações claras do Espírito de Profecia sobre a reforma de saúde. Quando o irmão romeno foi embora, Ostojic perguntou a Janac:

— Por que o irmão trouxe aqui esse homem?

— Eu queria descobrir a verdade. O irmão disse na conferência que a irmã White não ensina, em seus livros, que não devemos comer carne. Porém, o que esse irmão leu mostra exatamente o contrário. O irmão não conhece o conteúdo dos livros que tem. Agora sei onde está a verdadeira reforma.

Ocorreu uma divisão.

Em agosto de 1922, os irmãos que decidiram seguir a reforma verdadeira realizaram uma conferência em Vladimirovac. Otto Welp, da Alemanha, e Dumitru Nicolici, da Romênia, estavam presentes.

Depois que os reformistas iugoslavos foram oficialmente recebidos no Movimento de Reforma, começaram a recolher ofertas para imprimir seu primeiro periódico, com o qual foram ativos em levar

a mensagem de reforma aos membros da Igreja ASD. Como na época não dispunham de recursos para imprimir trimensários da Escola Sabatina, cada grupo recebia um exemplar das lições traduzidas. Localmente, os irmãos tinham de multiplicar os trimensários da melhor maneira que podiam, às próprias expensas.

Foi realizada outra conferência em agosto de 1923. A colportagem teve início humilde. Os irmãos imprimiam e distribuíam trimensários da Escola Sabatina, Salmos, outras passagens da Bíblia e dos Testemunhos. Nesse encontro decidiram traduzir e imprimir o livro Temperança Cristã.

Muitos integrantes do grupo de Ostojic estavam presentes nessa reunião. Queriam unir-se ao Movimento de Reforma, desde que cada qual tivesse liberdade para decidir a questão da carne como alimento. Cerca de duzentas pessoas foram postas à prova sem serem incluídas entre os membros do Movimento de Reforma. Logo depois esses indivíduos tomaram rumos diferentes.

Na conferência de agosto de 1924, relatórios mostraram que a colportagem era promissora. Os irmãos S. Popov e I. Doza foram designados obreiros bíblicos. A igreja na Iugoslávia foi organizada como União.

A conferência de agosto de 1925 foi dispersada pelas autoridades. Contudo, antes que a polícia chegasse, os delegados conseguiram realizar várias reuniões de negócios e fazer algum trabalho. Mais dois irmãos foram escolhidos para serem obreiros: S. Momirovic e M. Maric.

Em 1926, o irmão Rada Kovacevic, recém-chegado da América do Norte, começou a trabalhar perto de Lipik, Pakrac e Daruvar. Em quase dois anos de trabalho, cem novos membros foram trazidos para a verdade.

Os reformistas na Iugoslávia estavam expandindo as atividades. Os líderes da Igreja Adventista não ficaram satisfeitos. Procuraram tomar medidas decisivas para interromper o nosso progresso. Em 1925 distribuíram entre o povo adventista um livro no qual tentavam mostrar os motivos pelos quais julgavam-se estar em posição correta, e os irmãos de mentalidade reformista, errados. No prefácio, escreveram:

BIBLIJSKI
STRAŽAR ISTINE
SVETSKI MIR ILI ARMAGEDON?
Наше Доба
КРАЈ СВЕТА

Primeira página de dois periódicos publicados pelos primeiros reformistas na Iugoslávia

"Tem sido espalhadas publicações portadoras de conceitos inteiramente errados a respeito da Igreja Adventista do Sétimo Dia, seus princípios de fé, e principalmente sobre a sua atitude para com o serviço militar em face da autoridade do Estado. Por esta razão, estamos entregando ao público este livro, *Adventizam* (Adventismo). Aqui explicamos todas as nossas crenças autênticas, conforme aceitas pelos adventistas iugoslavos. Assim, esperamos neutralizar tais conceitos errados referentes ao adventismo.

"E essas concepções errôneas ocorrem porque alguns não têm conhecimento suficiente da nossa doutrina, ou talvez porque, em 1920, uns poucos ASD na região de Pancevo desenvolveram idéias erradas sobre prestar juramento, serviço militar, matrimônio, etc. Este livro explica detalhadamente como a posição da igreja tem permanecido imutável. Aqueles que discordaram desta posição, foram excluídos.

"Esse movimento apostatado existe até hoje [1925]. É a Sociedade Missionária Internacional dos ASD, cujo nome foi alterado com o acréscimo *Movimento de Reforma*. No meio dos adventistas iugoslavos começaram a circular opiniões, segundo as quais os pontos de vista deles [dos adventistas] são idênticos aos dos apóstatas. Porém, a igreja decididamente condenou a posição desses apóstatas e confirmou seu veredito mediante a exclusão deles."

O mesmo livro, páginas 53 e 54, explica:

"De acordo com a norma bíblica 'Dai a César o que é de César', os cristãos adventistas cumprem seus deveres, incluindo os deveres militares. Servem conscienciosamente no exército, com armas, tanto em tempo de paz como de guerra. Na Primeira Guerra Mundial muitos cristãos adventistas destacaram-se no campo de batalha. Foram condecorados com as mais honoríficas medalhas bélicas e militares."

Essa declaração, bem como similares depois da guerra, a exemplo do que houve na Romênia, Rússia e Alemanha, é uma das muitas evidências de que a assim chamada confissão e correção feitas em Gland, na Suíça, 27 de dezembro de 1922 a 2 de janeiro de 1923, não passou de zombaria, farsa destinada a apaziguar os que protestavam sinceramente. O verdadeiro propósito da decisão tomada em

Gland era sancionar oficialmente a nova atitude abertamente defendida no encontro de Friedensau de 21 a 23 de julho de 1920. A decisão autocontraditória diz claramente: "Damos absoluta liberdade a cada membro de nossa igreja para servir seu país em todos os tempos e lugares, de acordo com os ditames de sua convicção e consciência pessoais." Essa decisão deu aos líderes adventistas na Iugoslávia liberdade para fazer o que estavam fazendo, conforme explica o livro *Adventismo*. As declarações de condescendências e atos abertamente praticados pela Igreja Adventista durante esses anos, após a reunião em Gland, demonstram que o encontro nada corrigiu. Apenas confirmou a nova posição: completa liberdade de participação em atos de guerra.

A publicação do livro *Adventismo* visava a encher a mente do povo adventista de preconceito e gerar oposição geral contra os crentes de mentalidade reformista. Adventistas, protestantes e católicos açularam as autoridades. Os fogos da perseguição foram de novo acesos contra nossos irmãos. As reuniões eram interrompidas, a literatura confiscada, muitos crentes maltratados pela polícia e lançados na prisão. Contudo, a oposição não foi capaz de deter a Obra de Deus.

O Diabo, vendo que mais e mais pessoas aceitavam a mensagem de reforma, tentou usar outra arma. Introduziu o fanatismo. Alguns começaram a pregar que em poucos anos Cristo viria. Então venderam propriedades, doaram parte do dinheiro para a igreja e gastaram o restante. Ao pararem de trabalhar, enfraqueceram-se física e espiritualmente. Outros, em 1927, começaram a pregar que o Movimento de Reforma havia apostatado, porque a igreja estampava gravuras de anjos e de Jesus nas publicações. Defendiam pontos de vista extremistas quanto ao segundo mandamento. Acerca da mensagem de saúde, condenavam o uso de chucrute, pão feito com fermento, etc. Pretendiam ter vida santa. Não seriam destruídos na vinda de Cristo. Esse grupo, que se tornou conhecido como A Terça Parte, existiu por vários anos. Alguns abandonaram a fé e foram para o mundo. Outros se juntaram à Igreja ASD. Outros voltaram para o Movimento de Reforma. Outros ainda continuaram a defender suas idéias.

A passagem dos anos de 1920 para os de 1930 foram tempo de perseguição religiosa. Poucos foram os irmãos que não cumpriram pena em prisão.

Caso fosse possível, era desejo do nosso povo realizar uma conferência todo ano, evidentemente em lugar oculto. Em 1929, a maioria dos nossos irmãos achava difícil ter uma reunião naquele ano. Empregando o rigor das autoridades, de todos os modos Satanás trabalhava furiosamente contra eles. A situação era muito perigosa.

Encontro de reformistas em Novi Sad, 1935

Porém, no último instante, por fé e firme confiança em Deus, sentiram-se encorajados a enfrentar o perigo. Reuniram-se, apesar da seca na região. Era plano realizar a assembléia em sigilo. Desejavam muito que chovesse durante a conferência. A chuva garantiria proteção, mantendo os traidores e inimigos à distância. Logo que a reunião foi iniciada em nome do Senhor, começou a chover. Durante a assembléia, a chuva continuou cada vez mais forte. Compreenderam que Deus havia atendido as orações protegendo-os. Devido à chuva os opositores e a polícia foram impedidos de tomar conhecimento da conferência.

Que reunião abençoada aquela! Agradecidos pelas bênçãos recebidas, os irmãos mostraram grande disposição em fazer sacrifícios. Em resposta ao apelo por donativos em favor da obra de publicações, a oferta possibilitou a impressão do livro Experiências e Visões.

Naqueles dias felizes, o zelo missionário entre os membros era forte. Apenas em 1929, quando a obra de Reforma estava no início, foram acrescentados oitenta membros à igreja.

De 1936 a 1939, Satanás fez esforços especiais para interromper o progresso da Obra mediante lamentável discordância entre alguns

líderes. Em resultado, 107 membros e cinco obreiros bíblicos deixaram a nossa igreja.

Apesar da oposição sofrida por parte de elementos fanáticos, desordenados e rebeldes declarados, o Senhor abençoou nosso povo na Iugoslávia com muitas vitórias. A obra de Reforma fez constante progresso.

II - Experiências pessoais

Otto Welp

Em agosto de 1925 foi realizada uma conferência em Petrovoselo, com a presença de cerca de cem irmãos. Estavam presentes muitos amigos da verdade. Entre eles, alguns da Igreja ASD e alguns Nazarenos. No início do Sábado havia aproximadamente duzentas pessoas na reunião. Naquela pequena localidade o evento despertou suspeita. Entre os moradores da vizinhança houve grande repercussão. Até a noite de sexta-feira tudo transcorreu bem sob as bênçãos especiais de Deus. Em seu estudo bíblico, D. Nicolici chamou a atenção para a seriedade do tempo e nossos deveres solenes como cristãos. No fim da conferência, quando era cantado o hino "Ó, Cristãos, Despertai", um destacamento policial chegou de repente. A reunião foi dissolvida, e os irmãos O. Welp, D. Nicolici e outros sete irmãos foram presos. Levados à delegacia, lhes confiscaram bagagens, documentos, dinheiro e literatura. Em seguida foram postos em masmorra nauseante. Não havia luz. O ar era abafado. Passaram a noite inteira em fervorosa oração. Assim também fizeram os irmãos reunidos num local próximo. De manhã foram interrogados. Satanás estava muito irado. Usou o carcereiro para os tentar a transgredir o Sábado. Com brutalidade, mandou que trabalhassem. Foram forçados a ir para o pátio onde deveriam serrar madeira. Apesar dos maus tratos, ameaças com baionetas, tapas no rosto, o Senhor lhes deu força para permanecer firmes. Nossos irmãos se recusaram a fazer o que era contrário à consciência. Foram deixados num curral, sempre vigiados.

Enquanto isso, a polícia perseguiu os outros e prendeu 35 durante um culto. Foram cruelmente espancados, insultados verbalmente e amontoados num estábulo. A Bíblia foi-lhes retirada das mãos com violência. Proferindo blasfêmias, os soldados lançaram os exemplares num monte de lixo a um canto. Naquele mesmo Sábado, às cinco da tarde, disseram-lhes que seriam levados para outra cidade, para interrogatório. Como se fossem criminosos, os irmãos

Conferência da União (delegados e visitantes) em Belgrado, 1935

Welp e Nicolici, considerados líderes, foram acorrentados um ao outro. Outros dois foram igualmente ligados como parelha. Finalmente, com uma corrente maior, os quatro foram acorrentados.

Depois de três horas a pé, chegaram à outra cidade. Com rudeza, o chefe de polícia tentou extorquir dos irmãos alguma declaração que ele pudesse usar para denunciá-los como promotores de insurreição. Mas todos deram bom testemunho do Senhor. Então, foram levados para a prisão principal. Domingo de manhã foram conduzidos cruzando a cidade até outro edifício, onde foram de novo interrogados. Os irmãos foram liberados, com exceção de Welp, Nicolici e outros três, por serem considerados líderes principais da suposta insurreição.

Na noite de domingo para segunda, foram transferidos para Novi Sad e postos na prisão principal que, como os lugares anteriores, era ambiente sórdido, cheio de piolhos. Alguns dormiram no chão limpo, sem nada para cobrir. Esses foram dias e noites de oração e comunhão íntima com o Salvador.

O Senhor foi misericordioso para com eles ao influenciar o coração do juiz, que não viu no comportamento e nas ações dos presos nenhum delito político. O juiz conduziu os trâmites com tanta prudência que tudo foi resolvido com rapidez. No dia seguinte, o promotor lhes disse que a acusação fora suspensa por falta de provas. Estavam livres.

Mas Satanás não estava contente. Sob nova acusação, os irmãos ficaram retidos por mais cinco dias. Finalmente, em 25 de agosto,

depois de terem jejuado e orado muitas vezes, foram informados de que seriam libertados. Entregues à polícia para os procedimentos finais, em vez de serem libertos, ainda foram deixados na prisão. Após doze dias, o Senhor, por fim, abriu as portas. Os irmãos Welp e Nicolici foram expulsos do país. Outros três foram para casa escoltados.

Em quase todos esses lugares onde os presos religiosos foram mantidos, os irmãos lhes forneceram alimento.

(Adaptado de artigo publicado no *Sabbat-Wächter*, outubro de 1925)

Blanka Milanovich

A irmã Blanka Milanovich relatou sua experiência em 1990.

Em 1933, quando trabalhavam para o governo, Bogdan e Blanka Milanovich aceitaram a verdade. Tiveram dificuldade com a guarda do Sábado.

No início da Segunda Guerra Mundial, morando em Nis, Blanka diariamente espalhava as boas novas sobre Cristo e Seu grande amor.

Por ser descendente de israelitas, quando os judeus começaram a ser perseguidos, sentiu medo. Ao mesmo tempo, ficava triste por não ter oportunidade para falar de Cristo ao seu povo.

Certo dia apareceu a polícia para tirar Blanka de sua casa. Disseram: "Se você e o seu marido quiserem conversar em particular, sairemos e terão privacidade." Responderam aos agentes da polícia que não tinham nada para conversar. Queriam apenas orar. Blanka orou em voz alta, enquanto o marido e os policiais choravam. Foi levada à delegacia, onde ficou detida temporariamente. Bogdan tinha possibilidade de pedir a libertação dela. Embora fosse judia, de acordo com a lei, tinha o direito de viver, pois o marido não era judeu. Porém, então, Bogdan e Blanka não conheciam bem a lei que protegia os judeus.

Ambos passaram muito tempo em oração e jejum para que Deus livrasse Blanka do fim que aparentemente a aguardava. Ele redigiu um requerimento em que solicitou a libertação da esposa, mas foi inútil, provavelmente porque os dizeres não fossem exatos.

Certa manhã foi permitido a Bogdan que a visitasse. Ele a olhou pesaroso, sem dizer palavra. Estava com os lábios roxos. Ela o confortou, dizendo que não ficasse triste. Se ele não se afligisse, ela se sentiria melhor.

No dia seguinte ela foi levada para o pátio externo onde estavam muitos judeus que seriam levados para um campo de concentração. De pé, na fila de chamada, vários judeus começaram a escarnecer, dizendo: "Por que você está aqui também com a gente? Onde está o seu Jesus? Por que Ele não a ajuda?" Ela ficou calada, lamentando por eles, porque não tinham esperança.

No campo, cada judeu sobrevivente recebeu um pouco de palha para improvisar uma cama no chão de cimento. Aproximava-se o inverno. O leitor bem pode imaginar como eram aquelas acomodações. Pior ainda, a comida. Tudo era contaminado com gordura e carne de porco. Certo dia tentaram enganar nossa irmã, dizendo: "Vá pegar seu prato. Não há nada imundo hoje." Ela recebeu sua porção e levou-a ao fogão. Orava enquanto a sopa era aquecida. Ao abrir os olhos viu gordura boiando na sopa. Sem dizer nada, levantou-se e devolveu o prato cheio para a cozinha. Os cozinheiros não mostraram clemência. No eram permitidas exceções. Vociferaram: "Você vai morrer de fome!" Posteriormente afirmou que naquele momento pensara assim: "Que eu morra, enquanto me sinto preparada". Sempre orava fervorosamente a Deus para não transgredir o Sábado nem as leis da saúde.

Certo dia, quatro judeus, um médico, um agrônomo, um advogado e um juiz, aproximaram-se de nossa irmã para conversar sobre Jesus. Outros se uniram a eles e escutaram a conversa. Um dos antigos colegas de escola disse a ela: "Você deveria sentir vergonha. Se o rabino Jacob Levi, seu pai, ressuscitasse, ele cuspiria na sua cara. Você está defendendo um bastardo." Blanka disse que o coração se lhe confrangeu. Realmente amava a Jesus. Naquele momento lembrou-se da oração dEle: "Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." O juiz pareceu ponderado. Defendeu Jesus contra as observações injuriosas. Enquanto a irmã chorava, ele disse: "Morreremos como as pessoas mais miseráveis da Terra. Blanka, não chore. Você não morrerá como nós. Todo transgressor tem um defensor no julgamento. Enquanto você tem o Defensor, nós não temos nenhum. Temos rejeitado o melhor Advogado que já existiu entre as nações. Não temos Jesus."

Os homens judeus e os guerrilheiros comunistas foram levados naquela mesma noite para as montanhas, onde foram fuzilados. Nossa irmã orou, suplicando misericórdia: "Senhor, Tu determinaste um dia de julgamento. Não me deixes perecer hoje". Pegou a Bíblia, e abrindo-a três vezes como que ao acaso, apareceu Oséias 9:6-17. Era a profecia sobre o sofrimento pelo qual o povo judeu estivera passando. Ao abri-la a quarta vez, foi confortada pelas palavras do profeta, no capítulo 6.

Não querendo ser testemunhas do massacre, os habitantes de Nis haviam fugido para o mato. Já haviam sido cavadas sepulturas para seis mil mulheres e crianças que ainda se encontravam no campo de concentração. Os prisioneiros esperaram mais quinze dias. Então, à noite, os soldados começaram a transportá-los em trens de carga para outro lugar chamado Samiste Zemun, onde as mulheres e crianças seriam mortas.

Todas as noites um oficial entrava no quartel e anunciava, pelo alto-falante, o nome de cem pessoas. Eram removidas em furgões. Depois de percorrerem poucos quilômetros, todos eram mortos no próprio veículo, que funcionava como câmara de gás ambulante.

Certo Sábado, nossa irmã recebeu ordem para trabalhar. Quando se recusou, as mulheres judias vociferaram: "Por que você não vai? Todas nós trabalhamos. Para servir de exemplo, você vai ser enforcada."

Com a ajuda de Deus, permaneceu firme. Não trabalhou no Sábado. As outras continuavam gritando: "Por sua causa todas vamos ser castigadas. Por que você quer ser mais esperta? Está dificultando a situação para nós todas."

No campo de concentração, Blanka Milanovich viu coisas terríveis. A dor e a tristeza faziam com que muitos cantassem canções tristes. Enquanto alguns cantavam, outros choravam. Algumas moças judias choravam amargamente: "Será que tenho culpa de haver nascido judia?"

Uma sexta-feira, ao aproximar-se o Sábado, Blanka procurou um lugar isolado e tranqüilo onde orou como nunca antes. Ela pediu ao Senhor que a livrasse. Na oração, disse: "Eles Te rejeitaram. Sou degradada diante desse povo por causa de minha fé em Cristo. Sou estrangeira entre meu próprio povo. Perdoa-me. Ajuda-me! Quero ser boa testemunha Tua." Enquanto estava orando, o oficial chamou os nomes do grupo seguinte. Mais cem mulheres iriam ser exterminadas.

Quando o seu nome foi chamado, ela gritou: "Ela não está aqui. Morreu." Todas ficaram caladas e nossa irmã escapou. Ela admite que, aos olhos de Deus, cometeu um erro.

Muitas prisioneiras enganaram-se. Algumas mulheres explicaram: "Vamos trabalhar na Alemanha." Nossa irmã disse: "Podem ir. Meus ossos vão ficar aqui."

Até aquele momento, não sabiam que as pessoas que eram retiradas do campo eram exterminadas imediatamente.

No campo correu a notícia de que as casadas com não-judeus tinham direito de viver, desde que o marido se empenhasse em libertar a esposa. Enquanto o irmão Milanovich procurava saber se a esposa ainda estava com vida, para localizá-la, Deus tornou possível que ela lhe enviasse um pequeno bilhete com informações. Depressa ele a procurou no campo levando os documentos necessários. Orava continuamente e fazia confissões diante de Deus. Ansioso, esperou durante duas horas com grande aflição.

No campo, Blanka também orava e fazia confissões a Deus. Nem imaginava que o marido estava à sua espera. Deplorava não ter tido fé suficiente quando seu nome fora chamado. Porém, já sentia que o Senhor a havia perdoado. Três judias perguntaram: "Ainda acredita em Jesus? Não vê que o Céu fechou os ouvidos para você? Deus não a atende. O chão é duro. Em redor há arame eletrificado e soldados com armas. E o seu Jesus, onde está? Por que não vem ajudar você?

Essas perguntas lhe foram contundentes. Sob grande opressão de alma e lábios tremendo, disse: "Confio em Jesus. Mesmo que não me salve agora, há de me receber no dia do juízo." Afastando-se das outras e acocorada a um canto, orou a Deus em amarga angústia: "Perdoa-me, Senhor. Perdoa-me."

A fé e as orações de nossa irmã não foram em vão. Ainda se encontrava de joelhos, quando foi chamada ao escritório. O comandante disse: "Você já pode ir embora."

Aquelas que havia pouco zombavam dela, gritaram: "Jesus em quem você crê, realmente a ajudou. Suas preces foram ouvidas. Ore por nós também."

Com lágrimas, nossa irmã disse adeus às colegas de prisão. Todas foram exterminadas. Naquele campo, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo, nossa irmã foi a única que sobreviveu.

Depois da guerra, visitou aquele campo, então transformado em museu. Contou aos guardas como havia escapado de lá. Mostrou a mesma Bíblia daquele tempo. Eles pediram: "Deixe essa Bíblia conosco, por favor." Assim deixou preciosa recordação naquele museu. Sua esperança era de que alguns empregados apontassem para a Bíblia e contassem a história de uma judia que tivera fé em Jesus, o Messias prometido.

III - Durante e após a Segunda Guerra Mundial

Na Iugoslávia, em 1940, quando a guerra se alastrava na Europa Ocidental, os irmãos ainda conseguiram realizar uma assembléia da

Tomo Voncina

Blanka Milanovich

Petar Lausevich

União. Havia cerca de 350 membros. No início de 1941 o país foi invadido. Pouco depois a União perdeu dois ministros: o irmão S. Momirovic foi levado para um campo de concentração e o irmão Z. A. Janac desapareceu. Correu, depois, a notícia de que eles haviam sido mortos. Durante esse tempo difícil, o irmão Tomo Voncina era o único ministro ativo do Movimento de Reforma na Iugoslávia. Devido à ocupação do país por exércitos estrangeiros e guerra interna, nosso povo enfrentou grandes sofrimentos. Estavam dispersos como ovelhas que não têm pastor. Comunicações mútuas ficaram bastante restritas. Muitos irmãos eram presos ou levados a campos de concentração. Outros eram obrigados a viver no exílio. Pela graça de Deus, dos que permaneceram fiéis e sobreviveram, cada um encontrou seu próprio caminho. Durante os anos da guerra, havia pequenos grupos de irmãos em alguns lugares.

Dispersos como estavam, não podiam comunicar-se. Era quase impossível mudar de um lugar para outro. A destruição assolava cidades, vilas e aldeias. Muitas pessoas morriam em toda parte. O irmão Voncina perguntava: "Que faço? Desisto da responsabilidade e me empenho em qualquer outra atividade enquanto espero tempos melhores? Deixo o rebanho disperso à mercê do inimigo?"

Cheio de pesar, abriu a Bíblia e leu: "Dize aos filhos de Israel que marchem." Êxodo 14:15. Esse texto encheu-lhe a alma.

No poder da Palavra, nosso irmão foi de cidade em cidade, de vila em vila, de povoado em povoado, de casa em casa, procurando ovelhas dispersas. Muitas vezes tentou entrar em contato com os líderes da nossa Conferência Geral, mas não obteve sucesso. Finalmente uma mensagem dele chegou ao irmão A. Müller, que estava em Basiléia, Suíça. Müller encorajou o irmão Voncina a continuar trabalhando pela salvação de almas e lhe enviou trimensários da Escola Sabatina. O casal Voncina os traduziu. Embora tivessem uma

Conferência da União (delegados e visitantes) em Belgrado, 1974

duplicadora Gestetner, nem sempre era fácil obter papel. Apesar da escassez, conseguiram fazer cópias das lições, que nossos irmãos receberam em toda parte. O avanço da Obra ia-se tornando cada vez mais difícil. Perigos crescentes os circundavam. O Diabo empregou todos os meios para destruí-los. O irmão Voncina foi detido, posto na prisão, espancado. Certa ocasião foi até condenado à morte.

Durante uma revolta, alguns presos políticos, sigilosamente, planejaram matar o chefe dos carcereiros. Apesar do sigilo, correu a notícia de que em algum lugar, por ali, havia armas escondidas. As autoridades fizeram investigação rigorosa. Nenhuma arma foi encontrada. Os prisioneiros continuaram insistindo em que nada sabiam sobre armas de fogo entre eles. Finalmente, os presos de uma ala que era observada com suspeita receberam ordem para se alinhar e marchar. Foi-lhes anunciado que seriam fuzilados. Ao atravessarem o pátio, o irmão Voncina, no fim da fila, viu algo que nenhum preso,

Assembléia reformista no novo templo dedicado, em Stara Pazova (próximo a Belgrado), 1980

nem os soldados com baionetas, viram: uma galinha ciscando um monte de lixo. Quando olhou mais uma vez, viu uma arma que acabara de surgir, ao serem esgaravatados aqueles detritos. Imediatamente informou as autoridades a respeito do que vira. Os guardas ficaram surpresos quando ouviram falar em galináceo. Disseram que ali nunca antes houvera essas aves. E, então, não encontraram galinha nenhuma. Mesmo assim, em busca de eventuais armas, revolveram o lixo. A procura não foi inútil. As armas foram encontradas. Como resultado, o chefe da guarda tornou-se ainda mais simpático ao irmão Voncina. O Senhor o usou para defender nossos irmãos. O chefe declarou que os reformistas não eram culpados mas apenas objetores de consciência na questão de portar armas. Assim, não deviam ser perturbados.

Nesse tempo de provas e tentações, quando todos foram testados, houve sacudidura. Enquanto muitos deixaram nossas fileiras, outros se juntaram à nossa igreja. Apesar da perseguição por que tiveram de passar, o Senhor abençoou o trabalho e foram bem-sucedidos na conversão de almas. Um desses a quem o irmão Voncina batizou foi o Dr. Emmerich Kanyo, que aceitou o chamado para trabalhar primeiro na Áustria e posteriormente na América do Sul.

Quando a guerra terminou em 1945, nosso povo pôde encontrar-se em Rit, uma pequena vila perto de Belgrado. As muitas experiências maravilhosas relatadas quando se reuniram pela primeira vez depois da tempestade da perseguição, serviram para assegurar-lhes que a mão misericordiosa de Deus estava com Seu povo.

No mesmo ano, foi restabelecida a organização. Foram retomadas as atividades das igrejas. Publicações, atividade missionária e colportagem foram reiniciadas. Mais de cem colportores foram recrutados. Durante quase dois anos, com a ajuda de Deus, puderam trabalhar sem oposição. Tiveram muito êxito.

Em 1948 os irmãos iugoslavos começaram a entrar em contato com o nosso povo em outros países. Todos se encheram de gratidão a Deus quando relatórios mostraram como o Senhor havia dirigido e fortalecido Seus filhos para suportarem a prova.

Em cada crise que nosso povo na Iugoslávia teve de enfrentar, o Senhor lhes concedeu sabedoria para discernir entre o certo e o errado. A cada ataque tornavam-se mais fortes. Em 1951-1952 havia novecentos membros no país. Esses irmãos assumiram a posição decidida de enaltecer as normas da Bíblia e do Espírito de Profecia conforme ensinadas pelo Movimento de Reforma desde o princípio de sua existência. Isto foi vigoroso testemunho em favor da verdade.

IV - Desenvolvimentos recentes

Depois da Segunda Guerra Mundial, muitos irmãos iugoslavos emigraram, aumentando o número de membros e ajudando a promover a mensagem de Reforma em outros países: Austrália, Canadá, Alemanha e Estados Unidos da América.

A União Iugoslava estabeleceu a sede em Belgrado. Inaugurou muitos templos e casas de oração em diferentes lugares do país. Realização importante creditada a nossos irmãos é a tradução e publicação dos livros da irmã Ellen G. White. O órgão oficial da igreja é o *Glasnik Reformacije* (Arauto da Reforma).

Sede da União, em Belgrado

A guerra civil começada em 1991 afetou nossa igreja de diversos modos. A comunicação entre os irmãos de várias repúblicas do país que compunham a Iugoslávia, ficou difícil. Devido à guerra, as fronteiras foram fechadas. Apesar dos obstáculos, ainda continuou existindo a União. Quando queriam realizar conferência conjunta, precisavam ir a outro país. Os trimensários da Escola Sabatina e o periódico *Glasnik* tinham de ser impressos separadamente. De cinco templos, a guerra destruiu alguns e danificou outros. Vítimas inocentes do conflito, três irmãos nossos perderam a vida. Apesar de tudo, sob sofrimento, nossos irmãos viram, mais que nunca antes, a mão de Deus com eles e a necessidade de unirem-se e olhar mais resolutamente para Jesus, o Autor e Consumador da fé.

21

Bulgária

I — Início e primeiras experiências

O afastamento dos marcos antigos durante a Primeira Guerra Mundial por parte da Igreja Adventista, teve repercussão também na Bulgária. Numerosos membros tomaram parte na guerra como combatentes. Apenas alguns permaneceram leais à Lei de Deus. Havia ainda outro problema: sob a crise econômica motivada pela guerra, as exigências do quarto mandamento foram negligenciadas. Durante aqueles anos, o pão foi racionado. Só podia ser comprada a porção diária com cartões de racionamento. Os que não compravam no Sábado ficavam sem ser abastecidos. Cada cartão era datado e válido somente para o dia especificado. Alguns permaneceram firmes e se recusaram a violar o Sábado. Assim, surgiram duas classes na Igreja Adventista: a maioria disposta a fazer concessões quanto à fé. A minoria determinada a permanecer fiel aos princípios da Bíblia.

No fim da guerra, alguns irmãos voltaram condecorados da frente de batalha. Ao serem interrogados, não vacilavam em dizer:

— Recebemos condecorações porque lutamos corajosamente.

— Com o quê?

— Com armas, naturalmente.

O desacordo entre os dois grupos era inevitável.

Em 1920, a Conferência Geral dos ASD

enviou dois representantes: os pastores L. H. Christian e A. G. Irwin, para visitar os irmãos da Bulgária e ver se a harmonia entre os dois grupos poderia ser restabelecida. Entretanto, não conseguiram a unificação. A separação se tornou maior após essa visita.

Poucos fiéis tentaram ganhar a vida procurando trabalho na Romênia, país vizinho. Lá, conheceram alguns irmãos que também tinham permanecido leais à *fé que uma vez foi entregue aos santos*. Assim, quando os crentes búlgaros de mentalidade reformista voltaram ao seu país, levaram as boas novas de que na Romênia também havia crentes de mentalidade semelhante à deles. Esses crentes dos dois países começaram a planejar uma reunião conjunta. Um escritor relata quando e como foi o evento:

"A primeira providência para a organização da Igreja Adventista da Reforma [na Bulgária] foi tomada em 1923. A conferência anual dos Adventistas do Sétimo Dia estava prestes para ser realizada na capital, Sofia. Representantes de várias partes do país foram convocados. Um grupo de delegados de Shoumen, sob liderança de Georgi Kiriakov, hospedou-se na casa de Ivan Todorov. Na mesma ocasião chegaram dois reformistas romenos. A separação, já de âmbito internacional na denominação adventista, tornou-se o tema da conversação. Os visitantes romenos apelaram aos crentes búlgaros para que abandonassem a Igreja Adventista na Bulgária e estabelecessem a Igreja da Reforma.

"Essas discussões em Sofia não tiveram imediatamente os resultados esperados. Entretanto, serviram para despertar a atenção de alguns, que começaram a meditar detidamente nos ensinos da Igreja Adventista e a ter dúvidas com respeito às suas novas práticas. Os crentes adventistas passaram a refletir sobre as questões referentes à separação internacional na denominação.

"É bem provável que os delegados de Shoumen revelaram certa tendência quanto a revisar os conceitos adventistas que tinham até então. Ora, pouco tempo depois, foram visitados por Dumitru Nicolici, um dos líderes dos reformistas romenos." — N. Mizov, *Os Adventistas Neste País*, pág. 76.

O irmão Nicolici atendeu o interesse surgido entre os crentes do Advento em Shoumen e em outros lugares da Bulgária. Os primeiros entre os poucos a aceitar a mensagem de reforma foram: Georgi Kiriakov, que era o pastor da Igreja ASD de Shoumen; Deshka, a esposa; e Kalushka, irmã dele. Mais tarde, também outros se interessaram pela mensagem. Logo foram organizadas reuniões do grupo reformista na casa da família Kiriakov.

Um sacerdote ortodoxo convertido à Verdade Presente, na Bulgária, 1930

Comissão líder da obra da Reforma na Bulgária, 1932

Certa noite Kalushka teve um sonho interessante: no porão da casa apareceu uma fonte de água pura e cristalina. A água cobriu o piso do porão. Alcançou os tornozelos. Então, chamou o irmão para ver o fenômeno. Provaram da água e notaram que era boa. O irmão Kiriakov sugeriu que outros também experimentassem a bênção que haviam acabado de receber. Pediu uma picareta para cavar um sulco através do qual a água pudesse fluir para campo aberto e beneficiar outras pessoas. Ela tinha a certeza de que o sonho era um chamado do Senhor: o irmão Kiriakov deveria levar a bendita mensagem de reforma a outros.

Além de Dumitru Nicolici, Ivan Oprev e Ivan Kavalenko, da Bessarábia, também estavam entre os pioneiros que levaram a mensagem de reforma para a Bulgária.

Gradualmente a mensagem se expandiu de lugar em lugar. Igrejas e grupos foram estabelecidos: Shoumen, em 1924; Gabrovo, em 1924; Sofia, em 1925; Plovdiv, em 1926 e Sandrovo, em 1930.

Em realidade, as primeiras igrejas da Reforma entre os adventistas búlgaros foram organizadas em Toutrakan e Silistra, em 1923, mas essas cidades foram cedidas à Romênia depois da Guerra.

Em 1925, a Igreja da Reforma na Bulgária foi registrada como organização beneficente, com o nome *Sentinelas da Verdade*. Pouco

depois, a obra de publicações foi organizada sob a mesma designação. O irmão Nicolici vendeu a propriedade particular, herança da família. Empregou o dinheiro na compra de uma impressora, que levou para a Bulgária, e que passou a fazer parte do equipamento gráfico de Ratcho Popov, amigo do Movimento de Reforma, que pôs a gráfica à disposição da Obra. Zahary Lungov também fez sacrifícios especiais. Vendeu uma propriedade na Romênia e doou o dinheiro para a obra de publicações na Bulgária. Depois tornou-se um de nossos principais ministros.

Dois outros jovens que logo se empenharam na obra missionária, mais tarde ordenados ao ministério, e que atuaram com empenho na nossa denominação, foram Kostadin Kanev e Evstati Velichkov.

A obra de publicações cresceu rapidamente. Vários livros do Espírito de Profecia foram traduzidos. Outros livros, folhetos e revistas foram preparados para a colportagem, a qual desenvolveu-se grandemente e contribuiu para a promoção da mensagem de reforma em todo o país.

Em 1933, para satisfazer a necessidade urgente de um lugar próprio para a sede, os irmãos construíram um edifício de dois andares em Sofia. Parte do prédio era usada como sala de culto.

Nosso povo na Bulgária passou por grandes sofrimentos durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso a Obra foi fortemente afetada pela crise que envolveu os líderes da CG em 1951-1952. Em 1964, as autoridades proibiram o funcionamento da nossa denominação, que passou a existir clandestinamente. A vida religiosa dos nossos irmãos não estagnou. Com receio dos informantes e da polícia, celebravam as reuniões secretamente, a portas fechadas. As lições da Escola Sabatina eram traduzidas com regularidade e supridas aos irmãos. Também foram traduzidos alguns materiais do Espírito de Profecia. Apesar das dificuldades, foi possível alguma comunicação entre alguns irmãos da nossa CG e nosso povo na Bulgária. Havia proibição, mas mesmo assim começaram a publicar uma revista clandestina: *A Voz da Reforma*, que, depois de algumas edições, foi interrompida pela polícia. Mais tarde, houve nova tentativa, mas o resultado foi o mesmo. Batidas policiais e investigações domésticas eram freqüentes. Toda literatura religiosa era confiscada. Por causa do Sábado, crianças eram expulsas das escolas, pais condenados a pagar multas, e funcionários despedidos do emprego. Alguns foram presos porque, sempre que havia conflito entre o "Assim diz o Senhor" e o "Assim diz o Estado", decidiam obedecer a Deus.

Graças à misericórdia de Deus, que propiciou mudança na situação política do país em 1990, nossa igreja na Bulgária atualmente é registrada. Desde 1991, nossos irmãos exercem atividades religiosas aberta e oficialmente. Realizam campanhas evangelísticas e seminários. Também publicam regularmente uma nova revista: *O Mensageiro da Reforma*.

Os reformistas búlgaros são gratos ao Senhor, que sempre lhes prestou ajuda em tempo de necessidade. Confiam em que a mão misericordiosa de Deus os guiará e protegerá até o fim.

II — Primeiras conferências

Durante a conferência realizada em Sofia, em 1929, os irmãos da Bulgária tiveram razões especiais para regozijo quando sete novos membros foram recebidos na comunhão. Alguns desses crentes, vindos da organização adventista principal, haviam estado no Movimento de Reforma antes. Regressaram para a Igreja Adventista, pois esperavam que, conforme prometido, uma reforma geral fosse efetivada na denominação. Depois de um ano, passaram pela triste experiência de perceber que nenhuma providência estava sendo tomada para as correções necessárias. Ao contrário, viram que a vida espiritual da igreja continuava deteriorando-se cada vez mais. Finalmente, após vários anos de lutas espirituais, chegaram à conclusão de que tinham de escolher entre duas possibilidades: fazer ouvidos moucos à voz da consciência, que continuamente os acusava, ou, se de fato quisessem estar em paz com Deus, voltar ao Movimento de Reforma. Em sua experiência, o amor pela verdade foi mais forte que todos os outros interesses. Deixaram que a verdade prevalecesse. Em profunda humildade e amargamente arrependidos, com lágrimas, voltaram ao aprisco de Cristo, o pequeno remanescente fiel. Confessaram que, ao adotar aquela atitude, haviam cometido grande pecado lutando contra a obra de Reforma.

Na conferência realizada no ano anterior, esses irmãos estavam entre outros adventistas que, em sua falta de visão, entregaram nossos irmãos às autoridades. E então, pela graça de Cristo, obtiveram a certeza de que Deus lhes havia perdoado. Louvado seja o Senhor, que ajuda os crentes arrependidos! (Adaptado de *Der Adventarbeiter*, janeiro de 1930.)

Na conferência de 1931, nosso povo pôde ver como Satanás estava irado. Em 2 de outubro, noite de sexta-feira, depois do sermão, apareceu um grupo de malfeitores que tentou dispersar os crentes.

Seminário para ministros e obreiros, em Sófia, 1927

Sessão de delegados da conferência da União Danubiana, em Sófia, 1928

Forçaram entrada com a intenção de espancar os irmãos. Queriam apoderar-se de algum visitante estrangeiro, particularmente o irmão Nicolici, que conheciam bem. Devido à grande tranqüilidade e paciência de nosso povo, e principalmente pela proteção dos anjos, os malfeitores não puderam realizar seu intento. Nosso Deus, em misericórdia, salvou Seus servos, que saíram dali incólumes.

Sem dar importância às zombarias e ameaças dos agentes de Satanás, os irmãos tiveram um Sábado agradável. Entretanto, logo que o dia terminou, aqueles ímpios voltaram. Mais de vinte homens armados estavam determinados a levar dali o irmão Nicolici. Mas

Conferência e seminário bíblico em Sófia, 1930

Deus estendeu a mão salvadora em favor de Seus servos. Embora o irmão Nicolici estivesse ali o tempo todo, os homens o procuraram em todos lugares e não o puderam achar. Sem outra opção e não havendo possibilidade humana para fugir, ele estava disposto a entregar-se àquele bando infame. Mas o Senhor os havia tornado fisicamente cegos. O irmão Nicolici passou pelo meio daqueles indivíduos e saiu livre. Então a polícia o protegeu e dispersou os desordeiros.

Domingo os irmãos tiveram uma reunião feliz. À noite, quando havia mais visitantes que nas vezes anteriores, esses desordeiros apareceram novamente. Os irmãos, porém, continuaram pregando a Palavra de Deus com regozijo e suplicando proteção. Aqueles homens não perturbaram nem feriram os crentes. (Adaptado de *Der Adventarbeiter*, janeiro de 1932.)

III — Biografias e experiências pessoais

Zahary Lungov

Zahary nasceu em Sfintesti, província de Teleorman, Romênia, em 26 de maio de 1904. Em 15 de agosto de 1921, com 17 anos, tendo aceitado a Cristo, de acordo com a fé do Advento, foi batizado pelo irmão Ghita Manea. Em 1922 e 1923, foi colportor na Romênia.

Numa conferência em 1923, Zahary revelou o desejo de emigrar, caso os irmãos da liderança julgassem que ele podia prestar auxílio em outro país. Naqueles primeiros dias, o envio de missionários para o campo mundial era a principal preocupação em todas as assembléias. Disse que, se pudesse escolher, trabalharia na Alemanha. Mas o

irmão Zivan Janac, líder da Obra na Iugoslávia, propôs que ele se mudasse para lá e trabalhasse entre os adventistas romenos na Iugoslávia. Zahary vendeu os seus pertences, tirou passaporte e foi para o país vizinho, a fim de trabalhar na área de Banat, onde havia muitos adventistas romenos. Desde o princípio, o Senhor abençoou o trabalho desse irmão. Não tardou muito, porém, foi preso e expulso do país.

De volta à Romênia, Zahary não perdeu a esperança de trabalhar para o Senhor em outro país. Assim, no fim de 1924, Dumitru Nicolici e Ghita Manea aconselharam-no a ir para a Bulgária. Embora o nome de família revelasse que era de origem búlgara, conhecia escassamente o idioma. Não era fácil, no país dos antepassados, oferecer de casa em casa publicações com a verdade presente. Como sabemos, o colportor deve ser capaz de responder perguntas e explicar inteligentemente a mensagem. Entretanto, começou a colportar no começo de 1925 e Deus abençoou os esforços dele.

Em 1929, Zahary, que de agora em diante vamos chamar de Lungov, havia adquirido fluência no idioma búlgaro. Foi chamado para ser obreiro bíblico.

Depois que o irmão Nicolici deixou a Bulgária em 1930, o irmão Lungov teve de assumir a principal responsabilidade da Obra. Em 1931 foi ordenado ao ministério, e recebeu oficialmente o encargo da Obra naquele país. Em 1934 casou. Durante vários anos a esposa foi de grande auxílio nas responsabilidades.

No tempo da guerra, também na Bulgária nosso povo foi submetido a muito sofrimento. Muitos irmãos foram presos e torturados. Sofia, a capital, foi terrivelmente bombardeada. Algumas bombas caíram perto do irmão Lungov na rua e outras, perto da casa da missão, onde estava a família.

Uma casa próxima foi destruída. Quatro outras foram parcialmente demolidas. Pela graça de Deus, a casa da missão foi apenas superficialmente danificada. Mesmo assim, alguns crentes morreram no bombardeio. O irmão Lungov disse que esperava revê-los na manhã da ressurreição.

Ao terminar a guerra, apesar dos obstáculos que nosso povo teve de enfrentar, a Obra foi reorganizada e continuou a progredir. O Pós-Guerra não foi fácil. De acordo com o irmão Lungov, os reformistas da Bulgária passaram novamente por grandes provas. Mas o Senhor os ajudou. Tinham, em 1947, duzentos e vinte membros, oitenta interessados, três ministros e quatro obreiros bíblicos.

O irmão Lungov faleceu em 1956.

Boris Malakov (pseudônimo)

Em 1947, quando Boris foi convocado para servir nas forças armadas, enfrentou grandes provações. Por haver-se recusado a portar armas, foi levado a um oficial que exigiu a razão da recusa. O interrogatório durou a noite inteira. Até às primeiras horas da manhã ele testemunhou da verdade. Quando o Sábado chegou, teve longa conversa com outro oficial. Dois meses depois teve de comparecer ao tribunal militar. Para resumir longa história, foi preso. Com exceção da Bíblia, que ficou escondida numa das meias, foi despojado de todos os pertences: relógio, óculos, dinheiro, roupas, etc.

Durante três meses na prisão militar, conseguiu sobreviver somente pela graça de Deus. A comida era preparada com gordura de porco. Continuou dependendo apenas de pequena porção de pão e, de vez em quando, um pouco de geléia e água. Sempre, à uma e meia da manhã, dois soldados vinham despertá-lo para ser levado ao primeiro-tenente. Por recusar-se a quebrar a Lei de Deus, recebia continuamente chicotadas no corpo nu. Deus, porém, lhe deu forças para suportar essas torturas sem gritar, sem gemer nem chorar.

De dia, Boris tinha de trabalhar arduamente com marreta, quebrando um metro cúbico de pedra. Todos os dias, às nove da manhã, o primeiro-tenente aproximava-se com sorriso sarcástico e fazia sempre a mesma pergunta: "Seu Deus o ajudou ontem à noite?" A resposta era sempre a mesma: "Creio que Ele me ajudará."

Boris dormia no chão de cimento numa cela minúscula de três metros de comprimento por um e vinte de largura. As mãos sangravam. O corpo estava sempre com hematomas e vergões. Sempre faminto, fraco, doente, com escorbuto e distúrbios estomacais, tinha íntima comunhão com Deus.

Certa vez, às dez da noite, com o tempo escuro e frio, recebeu uma pá e ordem para subir num caminhão do exército, com vários oficias e soldados armados. Chegando ao lugar em que sua fé seria provada ao máximo, mandaram que cavasse a própria sepultura. Enquanto obedecia a ordem, orava por si e pela família: pai, mãe, e irmã.

Estando a escavação quase pronta, de repente Boris começou a cantar em voz alta: "Castelo forte é nosso Deus". Os oficiais e soldados ficaram surpresos. O primeiro-tenente ficou confuso. Aproximou-se do jovem crente e gritou: "Camaradas, o sujeito está completamente louco. Não é hoje que vamos acabar com ele." O grupo voltou ao quartel e nosso jovem irmão voltou à cela.

À uma e meia da madrugada, como sempre, dois soldados vieram despertá-lo para levá-lo ao primeiro-tenente. Ao aproximarem-se do escritório, Boris e os dois soldados, ficaram igualmente chocados ao ler o aviso na parede. Não acreditando no que lia, nosso irmão aplicou novamente toda a acuidade visual para certificar-se de estar lendo corretamente. Aquele primeiro-tenente acabara de ser assassinado.

Embora todas as atividades de nossa igreja tenham sido proibidas na Bulgária, os irmãos ainda encontravam meios de realizar encontros (foto de 1982)

Dois dias depois, Boris foi novamente chamado, porém, no expediente diurno. Outro oficial mandou que assinasse uma declaração afirmando que nunca havia sido espancado nem maltratado. Boris respondeu: "Isso é impossível. Aquele que me diz: 'Não matarás', e 'Amarás ao teu próximo como a ti mesmo', também diz 'Não dirás falso testemunho'." A partir daquele dia, foi-lhe concedida liberdade para viver de acordo com a fé. Boris acreditou que Deus o ajudaria, e Ele o ajudou.

22

Rússia

I — Início e primeiras experiências

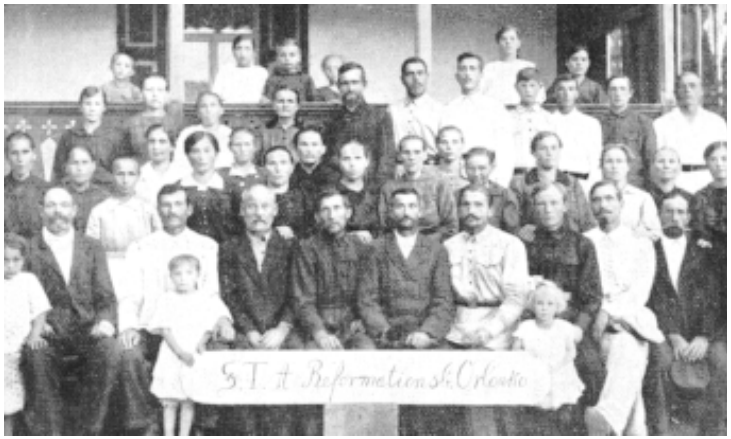
Ao ser deflagrada a Primeira Guerra Mundial, a liderança da Igreja ASD, com sede em Kiev, enviou comunicado ao governo russo, dizendo que os jovens adventistas iriam para a batalha e permaneceriam leais ao Czar, imperador russo. Enviaram também carta circular às igrejas e aos membros individualmente, instruindo-os a agir como filhos fiéis ao país. A matéria foi publicada no periódico *Utrennaja Zviezda*, Nº 45, 1914, sob o título *A Guerra e os Adventistas de Kiev*.

Os adventistas russos fizeram cultos de oração pedindo a Deus que desse vitória ao exército russo. Foram informados de que os

adventistas alemães estavam fazendo o mesmo em favor do exército alemão. No campo de batalha, havia adventistas de ambos os exércitos oponentes, obedecendo comando de seus respectivos oficiais. Conforme ambos os lados declararam, fizeram assim "para a honra e glória de Deus". Havia, porém, alguns adventistas na Rússia, como também em outros países, que começaram a considerar algumas questões sérias: "Tal procedimento realmente honra a Deus? Está Ele dividido, de forma que ambos os lados, opondo-se um ao outro, possam esperar que responda às orações? Se o verdadeiro povo de Deus 'segue o Cordeiro aonde quer que vá', será que Ele os leva para a frente de batalha a fim de se matarem entre si?"

Essa questão trouxe divisão entre o povo adventista na Rússia. A minoria compreendeu que era seu dever diante de Deus agir como Cristo teria agido. Ele disse: "O Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las." Lucas 9:56. Ele nos deixou exemplo, para que possamos "seguir os Seus passos" 1 Pedro 2:21. "Aquele que diz que está nEle também deve andar como Ele andou" 1 João 2:6. Para os irmãos ficou claro que, indo para o campo de batalha, não estariam seguindo o Cordeiro para onde quer que fosse. Assim, recusaram-se a tomar parte nas batalhas. Qual foi, porém, o resultado de tal atitude? No início da guerra, aproximadamente setenta adventistas foram para a cadeia ou para campos de concentração.

Em 1924, durante a quinta assembléia representativa dos adventistas na Rússia, foram tomadas resoluções que permitiam que



Grupo de reformistas em Orlovko, 1926

seus membros portassem armas e servissem o Estado em todos os tempos. Na Assembléia seguinte, celebrada em 1928, a decisão anterior foi não apenas confirmada: exigiu-se dos membros que servissem o Estado nas forças armadas, "de acordo com as regras estabelecidas para todos os cidadãos". Essas duas decisões agravaram a situação e alargaram a brecha existente entre os dois partidos.

Enquanto ocorria essa reviravolta entre os adventistas, chegaram notícias da Alemanha e Romênia segundo as quais estava havendo entre os membros da igreja um movimento de reforma. Mais irmãos queriam conhecer tudo sobre a questão e, cada vez, mais irmãos ainda. Principalmente os ex-menonitas estavam muito interessados nos verdadeiros acontecimentos, porque também eles eram conhecidos como objetores de consciência. Durante a quinta assembléia plenária, organizadora, da União, realizada em Moscou de 16 a 23 de agosto de 1924, surgiu esta questão: deveriam os adventistas na Rússia aceitar a mensagem de reforma? O presidente da União, irmão H. J. Löbsack, disse: "Não. Nós não nos uniremos a nenhuma ramificação*."

Mas a solução do problema não era tão simples. O interesse continuou crescendo em virtude das publicações do movimento reformista, vindas da Alemanha e, como os principais líderes se opunham, setenta anciãos, obreiros, ministros e muitos membros, de 1926 a 1928, deixaram a denominação adventista.

Em 1925, a mensagem de reforma já havia sido recebida pela igreja de Alexandropol. A partir de então a luz foi disseminada em todas as direções. O irmão H. Unrau, ministro da Igreja ASD e esposa, trabalhavam ativamente na denominação quando as nossas publicações chegaram às mãos deles. Entenderam as razões por que o Movimento de Reforma havia surgido. À luz da Lei e do Testemunho, era evidente que ocorrera afastamento em relação aos marcos antigos da tríplice mensagem. A mensagem abalou o povo adventista em Alexandropol e arredores. Muitas igrejas e grupos foram organizados.

No verão de 1926, os adventistas realizaram uma convenção em Orlovko. O irmão e a irmã Unrau explicaram sua posição em harmonia com a Bíblia e o Espírito de Profecia. Os líderes fizeram o

*** Nota dos tradutores —** No uso da palavra "ramificação" Löbsack não foi feliz nem exato. Por outro lado, ainda não se configurava movimento organizado, separado. Era ainda a fase pré-embrionária, algo como que ebulição dentro do mesmo vasilhame (a IASD), que estava ocorrendo entre os membros, zelosos pela manutenção da firmeza para com os princípios.

possível para justificar a posição da Conferência Geral. Descreveram os fiéis observadores dos mandamentos como desordeiros. Entretanto, o irmão Unrau fez este apelo: "Quantos estão dispostos a tomar firme posição ao lado dos verdadeiros porta-estandartes que exaltam a Lei de Deus?" Expressando firme decisão, mais da metade dos membros se levantou.

O irmão Unrau foi expulso da igreja através da resolução que dizia:

"Heinrich Unrau está excluído por adotar atitude contrária às resoluções da Igreja ASD. Não mais podemos ser responsáveis por sua opinião acerca do sexto mandamento. A conduta dele só traz dificuldade e prejuízo."

No mesmo dia em que essa decisão chegou às mãos das autoridades, o irmão Unrau foi intimado a comparecer diante da polícia secreta. Perguntaram-lhe:

— Então o senhor não mais é adventista do sétimo dia?

— Sim, ainda sou adventista.

— Então por que discorda dos ASD em assuntos religiosos, principalmente quanto ao sexto mandamento?

Ele deu testemunho claro em favor da verdade. Em resultado, até que o caso fosse decidido pelas autoridades, proibiram-no de celebrar reuniões. Embora consciente da gravidade da situação, o irmão Unrau continuou a empenhar-se na Obra do Senhor. Seus esforços foram abençoados. Ele e companheiros persistiram em ora-

Grupo de reformistas junto com visitantes da Alemanha em Alexandrovo (Tereblo), Ucrânia, 1932

ção e dia após dia o Senhor acrescentou novos conversos ao seu número.

Depois de excluídos, os poucos fiéis se organizaram. O relatório sobre a organização, dizia:

"Desde nossa reunião de comissão ocorrida em agosto de 1926, a obra de Reforma na Rússia passou por nove meses de penosas lutas e muitas adversidades. De acordo com Apocalipse 12:17, nos últimos dias, a verdadeira igreja — arena em que têm sido travadas as mais renhidas batalhas — deve enfrentar constantemente os ataques do inimigo...

"Nesse conflito, a mais importante arma, para nós, é a Palavra de Deus... Temos sido atacados, caluniados, feridos de todos os lados, e somente a Palavra escrita tem sido o nosso amparo firme (Isaías 35:4)...

"Temos a satisfação de relatar que, até o fim de 1926, passamos a ser 271 membros. Confiando no Senhor, esperamos que brevemente esse número venha a ser o dobro...

"Numa série de reuniões, conseguimos, com a ajuda de Deus, traçar planos para o avanço da Obra em nosso país. Estes irmãos foram escolhidos para assumir responsabilidades:

"Ministros ordenados: G. Ostwald e H. Unrau

"Anciãos distritais ordenados: H. Frank e R. Betker

"Obreiro bíblico: D. Regier

"Auxiliar de obreiro bíblico: G. Gomanenko

"Tesoureiro: Fr. Regier

"Incapazes de vislumbrar a grande seara em nosso país, pensamos no conselho de nosso amado Mestre em Mateus 9:37 e 38, que diz: '...A seara é realmente grande, mas poucos são os ceifeiros. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara.'

"Em nome da Comissão do Campo, H. Unrau". (Traduzido do *Sabbat-Wächter*, junho de 1927.)

Inicialmente, os irmãos russos mantinham correspondência com os reformistas alemães, de quem recebiam publicações. Depois, devido à perseguição religiosa, esses contatos foram interrompidos.

Somente em um ano, os irmãos Ostwald, Unrau e coobreiros, conseguiram organizar sessenta igrejas e grupos. Mas não tardou muito, a tempestade da perseguição se desencadeou contra os reformistas. Em 1927, durante uma inspeção policial na casa em que morava, o irmão Unrau e três obreiros foram presos. Literatura e máquinas datilográficas foram confiscadas. O irmão Ostwald foi preso logo depois. Ambos morreram na prisão. A liderança da Obra passou ao irmão P. Manjura, que também morreu na prisão.

Posteriormente, os irmãos designaram novo líder: o irmão V. Shelkov, recém-libertado da prisão. Esse irmão tinha idéias pessoais. Recusava-se a atender o conselho dos co-obreiros. Pontos de vista peculiares, atitude auto-suficiente e espírito autoritário de Shelkov, causaram, finalmente, divisão na igreja.

II — Os Adventistas testificam

O pastor Alf Lohne, líder adventista bem conhecido, dá informação tendenciosa sobre o início do Movimento de Reforma na Rússia:

"Dois crentes em Leningrado, E. Remmer e C. Nitevich, entraram em contato com Heinrich Spanknöbel, líder reformista na Alemanha. Esse enviou a eles publicações promocionais que logo alcançaram regiões distantes de Leningrado. Em 1926 G. Zirat, presidente da União Ucraniana, escreveu a W.A. Spicer: 'Os assim chamados reformistas têm perturbado algumas igrejas no Turquestão. Citam declarações dos Testemunhos, que só estão disponíveis em inglês. Com elas pretendem provar que, [pouco] antes de sua morte, a irmã White declarou que os líderes da Conferência Geral estavam apostatados, rejeitados. Compilaram um livro inteiro de citações dos Testemunhos e o enviaram da Alemanha para cá. O irmão conhece esse movimento. Aqui é algo novo e cria espírito de contenda.' (24-11-1926).

"Dois anos depois, em Moscou, o congresso adventista votou uma advertência contra 'uma organização que saiu de nós, segundo mencionado em Atos 20:30 e 1 João 2:19. Por isso, recomendamos a todos os nossos membros: separem-se dos falsos reformistas que, erroneamente, chamam a si mesmos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma. Estão desencaminhados por falsas concepções de vida piedosa. Promovem divisão entre o rebanho de Cristo.'

"Essa atitude mostra que o congresso em Moscou, em 1928, não causou o movimento de ramificação na Rússia. Ele já existia como organização quando o congresso foi convocado. [Observação do autor: Jamais afirmamos que o Movimento de Reforma teve origem na conferência realizada pelos adventistas em Moscou, em 1928.]

"Esses reformistas que, a exemplo de seus correspondentes alemães, consideravam apostatada a Igreja Adventista oficial, atuavam primeiro sob a liderança de G. Ostwald. Em 1936 mudaram o nome para *Centro Plenário da União dos Adventistas da Reforma*. Exerciam a liderança P. A. Manjura e V. A. Shelkov. Durante os tempos difíceis que caracterizaram o início dos anos de 1930, muitos ministros da Igreja Adventista oficial, e também os reformistas, sofreram severa-

mente. Alguns perderam a vida. O líder reformista V. A. Shelkov passou por grandes sofrimentos em prisões e campos de trabalho forçado. Passou treze anos exilado em Karaganda, na Ásia Central, e nos Urais, na Sibéria. G. Ostwald morreu na prisão. Shelkov sobreviveu. Libertado..., assumiu a presidência do movimento. Mudou o nome deste para *Adventistas do Sétimo Dia Verdadeiros e Livres*. Esse nome continua até agora.

"Em seus escritos, Shelkov reflete a influência de acontecimentos da época da Primeira Guerra Mundial. Ele se refere a declarações de líderes [1914] que chama de falsos adventistas, e faz um paralelo com a Declaração feita na Rússia em 1924. É também característica a correspondência de um pastor reformista enviada aos parentes nos Estados Unidos, na qual declara: 'os adventistas apostataram em 1914, primeiro na Alemanha, através dos irmãos da liderança.' Depois afirma que seus parentes adventistas na América são parte de Babilônia: 'Vocês e muitos outros da igreja adventista estão apostatados, porque não têm melhor conhecimento.' Essa atitude corresponde a declarações que, em discussões pessoais, ouvi de alguns membros da Reforma na URSS." — Alf Lohne, *Os Adventistas na Rússia*, págs. 107-109.

De um artigo publicado pelos adventistas no inverno de 1979, em *La Sierra Today*, citamos:

"O cisma atual na igreja russa não se concretizou até o Quinto Congresso Plenário da União dos Adventistas do Sétimo Dia, em 1924. Os líderes da Igreja Adventista principal, russa, perceberam que, para levar outros à salvação, os adventistas tinham que aprender a se integrar na sociedade soviética. Emitiram, pois, declaração expressando pleno apoio ao novo governo:

" 'Estamos convencidos de que Deus, em Sua providência, dispôs o coração de nosso inesquecível V. I. Lênin e companheiros mais íntimos e lhes deu sabedoria para organizar com eficiência o único aparato governamental progressista e moderno do mundo. Nós, delegados do Quinto Congresso Plenário da União dos Adventistas do Sétimo Dia, expressamos ao governo da URSS... nossa gratidão e apoio sincero por todas as liberdades conquistadas.'

"Um grupo independente, liderado por G. Ostwald, tomou posição diametralmente oposta à da igreja organizada. Recusaram-se a aceitar o que denominaram ateísmo estatal forçado. Negaram-se a registrar suas congregações conforme exigência da lei soviética. Assim, até agora o [Movimento] existe de maneira ilegal. Os adventistas da Reforma proíbem seus filhos de unir-se a organizações juvenis do Estado, tais como a dos Jovens Comunistas. Negam-se a prestar serviço militar. Nada os faz trabalhar, nem freqüentar escola no Sábado. Ambas são exigências da União Soviética."

Os líderes ASD admitem que os adventistas na Rússia estão divididos. Isto é o que Alf Lohne relatou quanto à visita que fez à Rússia com o pastor Neal C. Wilson, em 1981:

"Nosso programa incluiu reunião com os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia soviética. Esses representavam diferentes facções na igreja... A separação que, através dos anos, alargou a grave ruptura existente entre grupos de crentes na União Soviética não se baseia em questões doutrinárias. Envolve apenas pontos secundários. A principal diferença está em atitudes para com a organização e administração, principalmente quanto à cooperação para com as autoridades... Durante essa visita do pastor Wilson foram construídas mais pontes sobre o abismo da separação." — *Adventist Review*, 15 de outubro de 1981.

III — Relatórios e cartas

Transcrevemos a seguir trechos de cartas e relatórios recebidos na sede da CG, Alemanha, nos primeiros dias da obra de Reforma na Rússia:

De Heinrich Unrau

"Apesar dos maiores esforços envidados para impedir a vinda da Reforma para nosso país, alguns raios de luz chegaram até nós. De vez em quando, por meios indiretos, recebemos notícias da atuação do Espírito de Deus em diversos países. Sempre que inquiríamos sobre o assunto, recebíamos resposta tranqüilizadora: depois de terse dividido em quatro, dezesseis, dezoito, e até em quarenta grupos independentes que haviam seguido direções divergentes, o Movimento de Reforma havia praticamente desaparecido. Mas agradecemos a Deus o panorama diferente que se apresenta hoje. 'Pelo Senhor foi feito isso, e é maravilhoso aos nossos olhos.' Mateus 21:42. Era da vontade de Deus que não mais permanecêssemos em trevas. Nosso ardente desejo foi realizado quando a mensagem de reforma chegou também para nós. O Senhor abriu nossos olhos... e nos mostrou a maravilhosa harmonia existente nas profecias para nossos dias...

"O Espírito de Deus atuou como o martelo sobre a cunha, rompendo dificuldades e obstáculos. A Reforma fez progressos, lenta-

mente, mas com firmeza, chegando até nós na Rússia. Em dezembro de 1925 recebemos os primeiros exemplares do *Sabbat-Wächter* (Sentinela do Sábado) dos nossos irmãos na Rússia Meridional. Quando os primeiros e escassos exemplares foram ansiosa e sofregamente lidos e estudados, de Hannover recebemos mais material impresso, que iluminou progressivamente a questão.

Nas matérias de que essas revistas tratavam, identificamos a nossa antiga e amada mensagem que, no tempo devido, serviu como alimento espiritual. A apostasia do povo do advento, que se afastou dos princípios originais da verdade, diante de nós tornou-se cada vez mais clara. Assim, percebemos a necessidade de inteira reforma na proclamação da verdade como ela é. Embora previssemos que essas circunstâncias viriam a nos envolver nas maiores dificuldades, tomamos decisão.

"Sendo mal interpretados por nossos irmãos da liderança, mais que antes procuramos o Senhor em oração. Nessas horas difíceis somente de Deus recebemos auxílio para tomar posição ao lado da verdade. Sentimos sobre nós a responsabilidade para com as igrejas ao nosso redor, com quem temos obrigação moral em relação à mensagem proclamada pelo quarto anjo. Romanos 1:14-16. Em pouco tempo o Senhor nos deu diletos amigos e fiéis seguidores desta verdade, amigos que havia muito deploravam a condição lamentável da igreja no período de Laodicéia. Anunciamos os princípios do Movimento de Reforma a um grupo de irmãos russos e a várias igrejas alemãs fora da cidade. De modo maravilhoso o Senhor abençoou o trabalho. Logo surgiu poderoso reavivamento por toda parte... Foram inesquecíveis as horas agradáveis que passamos juntos sob influência do Espírito Santo durante aqueles poucos meses. O primeiro amor foi revitalizado entre nós. Não tardou muito, porém, nossa obra pacífica foi interrompida. O Senhor sabia quão fracos ainda estávamos e que tempestades eram necessárias para fortalecer nosso caráter.

"Conforme decisão prévia, nossa assembléia do Campo na Ásia Central deveria ser realizada em Alexandropol, nosso campo de trabalho, de 15 a 18 de abril de 1926. O líder do Campo, irmão A, chegou em 18 de março para fazer os preparativos. Depois de algumas discussões, mostrou-se completamente despreparado. Então, ao ver o grande reavivamento e o espírito de oração nas reuniões, sentiu a atuação do Espírito Santo. Em várias igrejas onde estive com ele, confessou abertamente ser seguidor do Movimento de Reforma. Por

essa razão, houve alegria adicional nas igrejas, mas essa alegria logo se tornou amargo desapontamento. Certo ministro itinerante levou vívido relato do progresso da Reforma a Moscou. Nuvens escuras, tempestuosas, pairaram sobre nós...

"Uma semana antes da conferência, o presidente e vice-presidente da União, irmãos Z e W chegaram. Imediatamente foram à igreja de Orlov, até então considerada igreja-modelo. O irmão A, minha esposa e eu, estávamos presentes. Houve forte debate. Iniciou-se a cirandagem. *A visão do conflito entre a luz e as trevas* começou a ser desvendada. O primeiro a permitir que a bandeira do Príncipe Emanuel arrastasse no pó foi o irmão A. Ansiosos víamos que, ora um lado, ora outro, parecia prevalecer. Algumas vezes tínhamos a impressão de que o último vestígio de distinção entre a reforma falsa e a verdadeira fosse desaparecer. Eram estas as freqüentes declarações que confundiam a mente de muitos: 'Precisamos de reforma. A igreja deve ser reavivada. Tudo o que os irmãos fizeram está correto, mas não deve haver divisão.' Contudo, as muitas contradições que descobrimos nas exposições, confirmaram cada vez mais que a Igreja ASD não desejava reforma genuína. Quando o irmão A ainda professava ser seguidor da Reforma, recebeu carta do irmão H. J. L., de Moscou, com a expressão típica de Laodicéia: 'Não será tolerada perturbação durante o V Congresso Plenário da União.' Nas discussões em Orlov, porém, admitiram que a 'Declaração' (feita durante o congresso) continha erros que prometeram corrigir em 1927. Repetidas vezes foram mencionadas a decisão de Gland (2 de janeiro de 1923) e as resoluções da Comissão da Conferência Geral [dos ASD] de 6 a 13 de outubro de 1925. Essas resoluções nos mostraram claramente as conseqüências do grande perigo de rejeitar as oportunas advertências da profetisa. Dificilmente encontraremos tempo no qual a auto-confiança do Israel antigo tenha sido reproduzida tão de perto, pelo Israel moderno, como aconteceu em nossos dias: 'Somos a semente de Abraão. Somos a sétima igreja.'.

"No calor da batalha em nossa região, quando cada indivíduo teve de tomar decisão, vimos rostos pálidos que revelavam conflito interior. Alcançada a vitória, a paz voltou ao coração. Os irmãos regozijaram-se no Senhor como nunca antes. Nossa alegria aumentou depois que expressamos a queixa de Elias,'Somente eu fiquei'. Repetiu-se conosco a experiência do profeta. Vimos que, de acordo com Apocalipse 14:4, o Senhor havia deixado para Si cerca de oitenta pessoas dispostas a seguir o 'Cordeiro para onde quer que vá'. Em-

bora a separação da Igreja ASD tenha sido dolorosa a nós, todos recebemos, por nossa fidelidade múltipla, recompensa de nosso Deus e Pai (Efésios 1:3).

"Que Deus, em Sua misericórdia, empregue a nossa experiência para animar muitos a tomarem decisão semelhante à nossa. Embora saibamos que o inimigo porá obstáculos e dificuldades como barreira diante de nós, não temeremos. Vamos esperar do Senhor, no futuro, com plena confiança, coisas maiores que estas. 'Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle o sim; porquanto também por Ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.' 2 Coríntios 1:20." (Traduzido do *Sabbat-Wächter*, agosto de 1926.)

Do irmão F. S.

"Desde o dia em que recebi publicações reformistas, comecei a enfrentar oposição. Mas Deus ouviu as minhas preces e as de todos nós. Quando os crentes de Orlov tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma, em abril último, os líderes da organização principal saíram em todas as direções para, por todos os meios, impedir que a luz alcançasse as pessoas. Ainda continuamos como igreja única, embora estivéssemos convictos da verdade da reforma...

"Depois que, com base na Bíblia e nos Testemunhos, os irmãos compreenderam que, por direito legítimo, o Movimento de Reforma veio à existência durante a guerra, a agressão dos inimigos foi debilitada. Então vários membros pediram ajuda aos líderes para lutarem contra a luz. Um antigo ministro chegou.

"Ele só nos visitou uma vez. Depois de ser informado sobre nossa convicção, convocou uma reunião e disse: 'Hoje todos testificarão de sua fidelidade a Deus como Elias no passado testemunhou contra os sacerdotes de Baal. Os que estão dispostos a permanecer leais à antiga organização, por favor, ponham-se de pé.' Dos trinta e dois membros, apenas oito se levantaram. Então o ministro disse: 'Os outros não estão excluídos, mas não pertencem mais à igreja antiga.' Somos gratos a Deus por nos haver concedido luz e mostrado a apostasia, embora a separação seja dolorosa para nós. Comovemo-nos até às lágrimas quando pensamos na falta de visão de leigos e ministros... Aqui, a quarenta e oito quilômetros de Orlov, somos um pequeno grupo de vinte membros. Agradecemos a Deus a luz que temos, mas algo nos aflige: não temos nenhum livro da irmã White...

"Sirvam de encorajamento estas linhas, que dirigimos aos irmãos como testemunho do progresso da obra de Reforma na Rússia. Sabemos que o inimigo renovará continuamente os ataques, mas Deus, nosso Senhor, pelo Seu grande poder, nos fará suficientemente fortes para resistir a esses assaltos.

"Saudações cordiais de todos os irmãos no Movimento de Reforma em I. ... (Ásia)." (Traduzido do *Sabbat-Wächter*, novembro de 1926.)

Da irmã K. K.

"Aqui, nossa atividade missionária na bendita mensagem existe há apenas alguns anos. Neste curto período, o Senhor realizou trabalho maravilhoso. A Igreja ASD tem usado este forte argumento: 'O que os irmãos fizeram na Alemanha não importa. O importante é que nós não formulemos resoluções semelhantes.' Nos diversos lugares alcançados pela luz da mensagem de reforma, os adventistas foram bem-sucedidos em obscurecer a linha demarcatória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Assim, muitos se deixaram levar por aquele argumento...

"Do irmão R, ministro ordenado, transcreverei, a seguir, palavra por palavra, alguns trechos de uma carta impregnada do espírito de Roma:

" 'Prezado irmão M: Onde quer que os reformistas atuem, há confusão. Esse foi o caso aqui, também. Os líderes estão na prisão, e os seguidores, intimados a comparecer ao tribunal. Eu mesmo fui interrogado muitas vezes por causa deles. Quem sabe o que ainda está por vir! Está correndo um processo. Portanto, queridos irmãos, aceitem minha advertência: deixem a Reforma de lado. Por que trariam os irmãos sobre si perseguição gratuita, contrariamente à vontade de Deus? Se, contudo, não estiverem dispostos a abandonar essas opiniões e quiserem continuar nos ensinos da Reforma, então é nosso dever excluí-los da igreja de Deus, bem como informar as autoridades, para que o governo não nos condene por causa dos irmãos. (assinado) R...'

"Nessa carta, bem como em muitas outras, podemos ver que o espírito de Roma não está adormecido (Apocalipse 12:17)...

"Por outro lado, porém, em quase todo lugar para onde nossos irmãos se dirigiram, foram acolhidos com lágrimas de alegria. Um irmão escreve:

" 'Prezada irmã: Palavras são insuficientes para descrever as horas felizes que passamos com o irmão B quando o reencontramos. À noite, a portas fechadas e com cobertores vedando as janelas, celebramos a Ceia do Senhor. Ninguém proferiu abertamente o Nome sagrado, por temor dos nossos antigos irmãos judeus. As reuniões

aqui e em toda esta região foram proibidas. Existe ameaça de multas pesadas... Os irmãos'."

De outros irmãos

"Prezados irmãos: Somos muito gratos a Deus e aos irmãos, que continuam a nos animar mediante suas cartas. Já faz um ano que fomos excluídos da denominação principal... Fizeram repetidas tentativas para nos arrebatar a fé e a coragem. Chegaram a nos dizer com sarcasmo: 'Vocês ficarão sozinhos. Os outros reformistas já voltaram. Até na Alemanha tudo se fragmentou. Os reformistas não têm nenhuma organização. Daqui a um ano vocês não mais existirão.' Essa profecia nos deixou muito tristes. Mas, de repente, recebemos uma carta circular que nos revelou exatamente o oposto. Depois chegaram as preciosas lições da Escola Sabatina e uma carta anunciando que logo receberíamos a visita de um irmão. Nossa alegria foi indescritível."

Para honra de Deus, transcrevemos trechos de mais uma carta:

"Prezada irmã: Saúdo-a com Jeremias 15:19-21. É meu desejo informar que hoje todos aceitamos esta mensagem preciosa... Não imagina como doeu-me o coração quando li sua carta. É triste saber que há algum tempo nossos irmãos estão sofrendo por amor a Cristo e a Lei de Deus. Não sabíamos disso. É evidente que foi pela misericordiosa vontade de Deus que nos foi revelada, de modo mais claro, a apostasia entre o povo do advento.

"Inesperadamente recebemos a visita do irmão R, obreiro, que veio do Cáucaso. Apresentou um estudo bíblico em G... O ancião da igreja foi ao prefeito da aldeia e informou que o irmão R é contra o governo. A reunião tinha sido realizada na casa do sogro do ancião. Quando percebeu que, pela acusação, pusera o sogro em dificuldade, voltou depressa às autoridades e retirou a queixa. Explicou que não era seu costume delatar os irmãos. Declarou que seu líder, irmão S, o instigou a delatar. Se algum reformista chegasse, não importando quem fosse, era dever dele denunciar imediatamente. Essa instrução perversa, acompanhada de ação correspondente, foi um dos sermões de eficiência nunca antes alcançada para que fossem abertos os nossos olhos.

"Assim estamos firmemente convencidos de que, em realidade, nossos amados irmãos são vítimas de calúnia. Estamos plenamente de acordo quanto a não devermos dar nem mais um passo com eles (Isaías 30:2)...

"Nossa alegria estará completa quando, como o irmão diz, vier um irmão e organizar nosso grupo a fim de sermos recebidos entre os que verdadeiramente estão batalhando pela Lei e o Testemunho... Seus irmãos... na Sibéria." (Traduzido de *Der Adventarbeiter*, janeiro de 1929.)

Cartas semelhantes continuaram chegando de todas as partes da Rússia. Ao mesmo tempo que ocorria aquele grande despertamento, havia forte opressão sob a ira de Satanás (Apocalipse 12:17). Um irmão após outro perdia a liberdade, pronto para sofrer pelo Senhor (Filipenses 1:29).

Não é de admirar que nossos antigos irmãos estivessem, vez após vez, predizendo nossa ruína também na Rússia. Ignoravam que as testemunhas fiéis, que depunham a vida inteiramente no altar de Deus, eram grãos de trigo que produziriam preciosos frutos por toda parte.

Desde outubro de 1927 a quantidade de grupos e o número de membros, de modo geral, foi multiplicada por dois, e mais ainda, em dois anos. "Isso é resultado dos feitos do Senhor". Através da mensagem de reforma foi lançada a base para o estabelecimento de inúmeras igrejas em que testemunhas destemidas se levantaram para defender a verdade.

IV — Biografias e experiências pessoais

Kathryn Unrau

Depois que o marido, Heinrich Unrau, foi preso, em 1927, a irmã Kathryn Unrau foi a Moscou. Conversou com I. A. Janzen, o cunhado, secretário da Igreja ASD. Ele ainda não podia acreditar que os líderes da Igreja Adventista haviam-se tornado informantes e traidores. Estavam denunciando à polícia os obreiros do Movimento de Reforma. Um dia, porém, teve a prova. O irmão Löbsack, presidente, e o irmão Janzen, secretário, estavam no escritório quando o telefone tocou. O irmão Löbsack atendeu, e Janzen o ouviu citar os nomes de todos os ministros que haviam deixado a igreja. Quando Löbsack desligou, Janzen perguntou quem era. Respondeu:

— A polícia secreta.

— O que o irmão fez? Forneceu o nome de nossos irmãos à polícia?

— Sim. Para nos proteger, devemos revelar os nomes dos reformistas.

O irmão Janzen ficou tão desgostoso que, em seguida, saindo do escritório, disse: "Se é isso o que vocês fazem, vou-me unir a eles." Deixou a Igreja ASD e se tornou reformista.

Tendo obtido, no escritório da União, nomes e endereços, a polícia começou a prender os líderes da Reforma um a um. A situação era terrível. Logo os irmãos não puderam mais exercer atividades religiosas. Tanto quanto era possível, as irmãs continuaram o trabalho missionário. Nas casas dos crentes, máquinas de escrever, lições da Escola Sabatina, revistas da Semana de Oração e outros impressos, foram confiscados. Não sendo permitido ter nada com que pudessem preparar material religioso, para ocultar da polícia, os irmãos fizeram no porão um buraco no qual puseram a máquina de datilografia. O castigo por violar a proibição era prisão.

Naquela época a irmã Kathryn estava empenhando todos os esforços para conseguir a liberdade do marido e de outros obreiros. Mas as tentativas foram inúteis. Certa noite ela teve um sonho: um homem aproximou-se e exibiu um documento no qual ela pôde ler: "Heinrich Unrau, condenado a três anos de exílio." O homem disse: "Os seus esforços serão inúteis."

Quando Kathryn encontrou o marido, relatou o sonho. Ambos perceberam que Heinrich logo teria de passar pela experiência de João (Apocalipse 1:9). Seis meses depois, enfrentou o documento com as mesmas palavras que ela havia lido no sonho, e foi exilado.

Voltando para a região em que ela morava, durante algum tempo Kathryn dedicou-se a atividades religiosas. Ajudou o irmão Janzen, então encarregado da Obra por breve período. No fim de 1928, Janzen teve a mesma condenação do irmão Unrau.

Em resultado da decisão tomada em assembléia da delegação, de 12 a 19 de maio 1928, a Igreja Adventista na Rússia assinou esta declaração:

"Com base nos ensinos das Sagradas Escrituras (Antigo e Novo Testamentos: 1 Samuel 8:10-12; 10:25; Lucas 20:25; Romanos 13:1-6 e Tito 3:1), as autoridades são instituídas por Deus para proteger os fiéis e castigar os ímpios. Considerando a declaração da Quinta Assembléia Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, em que nossa relação com o governo soviético foi claramente apresentada em 1924, esta Sexta Assembléia dos Adventistas do Sétimo Dia, decide e declara que os ASD devem dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Significa que devem servir o Estado no exército e realizar todas as formas de serviço, de acordo com a regra estabelecida para todos os cidadãos.

"Esta assembléia considera falsos mestres todos os que ensinam de modo contrário a essa decisão, tentando fazer com que não sejam cumpridos os deveres para com o Estado. Os que assim procedem, agem contrariamente às Escrituras Sagradas. Separam-se da igreja unida de Deus, ficando fora da organização Adventista do Sétimo Dia.

"Chamamos a atenção de nossos membros para o seguinte: o perigo de nossa igreja não vem de outras denominações nem crenças, mas de certa organização que se separou de nós, conforme Atos 20:30 e 1 João 2:19. Portanto, recomendamos a todos os nossos membros: Separem-se dos falsos reformistas que equivocadamente se chamam Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma. Eles se desencaminham com idéias religiosas errôneas e causam divisão no aprisco de Cristo.

"O apóstolo Paulo aconselhou os crentes a estarem prevenidos contra esses (Romanos 16:17; Gálatas 5:7-9).

"Devemos tomar posição contra esse ensino corrupto, para que saibam que não são nossos irmãos, mas ramos que foram cortados da oliveira de Deus. Vamos romper todo relacionamento e fraternidade com eles, para que se sintam envergonhados e encontrem arrependimento (2 Tessalonicenses 3:14)."

Quando Reimer, irmão da irmã Unrau, líder da Associação Ucraniana, leu essa declaração, ficou tão desgostoso que protestou abertamente. Aconselhou os crentes a obedecer antes aos mandamentos de Deus, que as exigências do Estado. A igreja em que era líder, em Kiev, tinha boa freqüência aos Sábados. Mas ele foi traído. Dois anciãos o denunciaram à polícia. Disseram às autoridades o que ele havia declarado. Isso era comum na Rússia. Os informantes eram elogiados, promovidos e protegidos. Quando pessoas são humilhadas sob opressão tirânica, alguns são tentados a aproveitar-se das circunstâncias delatando os outros. Isso ocorreu em todas as igrejas. Os adventistas não foram exceção à regra.

O irmão Reimer foi levado a julgamento. Os dois filhos, bons adventistas, estavam presentes. Depois de ouvir os pastores da igreja testemunharem contra seu líder, deixaram a Igreja ASD para sempre. Um deles uniu-se ao Movimento de Reforma. Condenado ao exílio, o irmão Reimer foi levado para uma ilha perto do Alasca, e ali faleceu.

No outono de 1929 uma irmã idosa procurou a irmã Kathryn e a aconselhou a fugir sem demora. Na casa de um comissário onde ela trabalhava como empregada doméstica havia sido expedida autorização para prender a irmã Kathryn naquele mesmo dia às dez da noite. A polícia chegou na hora determinada, mas a irmã Kathryn

havia fugido com a filhinha. Seguira a recomendação do Senhor em Mateus 10:23. Elas não haviam tido repouso regular noturno durante muito tempo. De dia a irmã Kathryn precisava trabalhar, cuidando das necessidades comuns da vida. À noite precisavam esconder-se da polícia e informantes, em celeiros, abrigos e cavernas. Entretanto, com outros irmãos que tiveram de enfrentar as mesmas aflições, ela se regozijava e agradecia ao Senhor o achá-la digna de sofrer por causa de Seu nome.

Chegou o tempo em que não mais era seguro continuar naquela região. Com a criança viajou para Moscou, onde também a perseguição assolava. Alguns irmãos, entre os quais o irmão Prok, ancião da igreja, estavam em colônias penais.

A irmã Kathryn testemunhou sobre ele, declarando que foi um dos que "não amaram a vida até a morte." Embora repetidas vezes insistissem para que abandonasse a fé, permaneceu firme até perecer na colônia penal. No leito do qual já não se levantava, nas últimas horas de vida, permitiram que a filha o visitasse. Quase não podia falar, mas o rosto brilhava de alegria. Indicou uma carta que estava escondida. Havia escrito à família e à igreja. A carta não registrava nenhuma queixa. Apenas expressões de confiança e fé no Senhor, louvor e gratidão a Ele, como é próprio do mártir cristão. Alguns versos mais belos da Bíblia referentes às promessas de Deus foram incluídos na carta: 1 João 4:19; Hebreus 13:8; Apocalipse 22:20. Nas últimas linhas, exortou a igreja e os membros da família a perseverarem até o fim, para que pudessem participar da herança prometida no reino glorioso de Cristo.

Após alguns dias, a irmã Kathryn percebeu que a polícia a estava perseguindo. Assim, sem mais demora, pôs-se a caminho da Sibéria com a criança. Antes de chegarem ao Norte da Rússia, encontraram abrigo na cabana de madeira de uma irmã na fé. Permaneceram ali vários meses. Visitaram aqueles que se dispuseram a receber estudos bíblicos. Antes da primavera de 1930, oito pessoas estavam preparadas para o batismo. Mais uma vez perceberam que o Senhor as estava conduzindo e respondendo as orações.

Certo dia a irmã Kathryn foi repentinamente impressionada por sentimento de ansiedade e perigo. Com a irmã K ajoelhou-se em oração, mas ainda havia aquele sentimento. Continuou orando, pedindo que Deus mostrasse para onde deveria ir e quando partir. Dois dias depois, um homem que nunca havia visto a procurou. Conforme notou na conversa, tratava-se de agente secreto. Ela agradeceu

ao Senhor. Compreendeu que aquela visita era advertência para fugir imediatamente. Passou a noite inteira arrumando a bagagem. Na manhã seguinte, enquanto ainda arrumava as malas, um carro parou em frente à cabana. Dois homens se apresentaram com autorização para revistar a casa. A irmã Kathryn ficou paralisada de medo! Havia deixado expostos os objetos de valor e documentos importantes. Percebeu que poderia ser presa ali mesmo. Além de confiscarem os livros e revistas, queriam levá-la para a delegacia. Então, um dos agentes disse ao outro que a deixasse em paz. Nossa irmã agradeceu ao Senhor o novo livramento. Quando os dois homens foram embora, Erika, a menina, aproximou-se. Estava agitada e disse: "Mamãe, segure minhas mãos. Eu estou tremendo." E acrescentou: "Fiquei com medo de que pudessem achar os documentos. Eu os escondi nesta caixa." Apesar de haverem examinado tudo, os agentes não abriram aquela caixa. Era outra evidência de que o Senhor havia obscurecido os olhos dos policiais.

Naquela mesma noite a irmã Kathryn e filha viajaram de trem com destino ao Norte. Após cinco dias, chegaram a pequeno porto marítimo, onde embarcaram no navio que as levou para um lugar distante na Sibéria. Ali enfrentaram grandes sofrimentos até que a irmã Kathryn conseguiu emprego num hospital. Procurava o marido, mas não pôde encontrá-lo. Certo dia o encontrou inesperadamente, quando ele foi ao hospital para ser consultado. Erika descobriu como encontrar o pai regularmente: atravessava uma cerca de arame farpado. O tio também estava lá.

A irmã Kathryn diz que as condições terríveis e apavorantes vistas e experimentadas ali, tiraram-lhe o desejo de viver. Entretanto, ela e a menina ficaram ali durante três anos.

Finalmente, o Senhor abriu uma porta para eles. Conseguiram sair e foram para o Sul. Continuamente suspiravam desejando liberdade religiosa. Queriam poder proclamar a tríplice mensagem sem perseguição. Mas esse desejo não se concretizou. Em novembro de 1937, o irmão Unrau foi separado definitivamente da esposa e filha. Nunca mais ouviram notícias dele.

André Cecan

André nasceu em 20 de outubro de 1908, em Rujnitsa, perto de Soroki, cidade da Moldávia. Predominava a religião ortodoxa, única seita conhecida no povoado. A vida de todos era controlada pelos padres. Constantemente advertiam os habitantes a respeito da vinda do anticristo.

Tendo crescido naquele ambiente, André era seguidor fiel da religião ortodoxa. Na casa dos pais, a guarda do domingo era estritamente observada. Durante a Quaresma não era servida carne como alimento. Até ovos e laticínios eram evitados. Quadros de *santos* o impressionavam. Costumava contar que, quando entrava na igreja, tremia de medo das imagens. Admitiu que, se não fosse pela infinita bondade do Senhor, teria continuado a servir falsos deuses o resto da vida.

Por providência do nosso Deus misericordioso, grande mudança ocorreu entre o povo com a chegada de duas colportoras em 1924. O trabalho delas abalou a vila. A maioria das pessoas pensou que o anticristo predito realmente havia chegado. Os padres, tomando providências para dificultar a distribuição de qualquer tipo de literatura sobre a verdade presente, foram violentos. As duas colportoras deixaram o povoado, mas a semente permaneceu no coração de alguns sinceros.

Durante a breve permanência das duas senhoras, aos que aceitaram a verdade ensinaram um hino que os ajudou a mantê-los na fé.

O trabalho das duas colportoras não foi inútil. Com o despertamento ocorrido, mais uma vez a parábola da semente de mostarda cumpriu-se milagrosamente. Mas o Diabo não estava dormindo. Os inimigos da verdade, alarmados, enfurecidos, fizeram tudo para suprimir a semente preciosa que já estava germinando. Para frustrar os planos de Satanás, o Senhor enviou missionários da Reforma. Eles confirmaram os crentes na verdade e os ajudaram a enfrentar a oposição dos sacerdortes.

Os padres haviam organizado grupos missionários que iam de um lugar para outro, promovendo reuniões e ministrando estudos bíblicos. Queriam influenciar as pessoas contra o quarto mandamento. Estava crescendo o número dos observadores do Sábado. Todos eram convidados. Em Rujnitsa havia aproximadamente vinte interessados na verdade.

Certo dia, André e outros assistiram a uma dessas reuniões. Houve longa explicação sobre doutrinas da Igreja Ortodoxa. Um dos pontos foi adoração de imagens. O padre perguntou: "Com que autoridade vocês, sabatistas, destroem ídolos?" Os que aceitaram a verdade, realmente destruíram as imagens. A pergunta do padre era acusação baseada em fatos. Como os irmãos eram simples lavradores, o padre acreditava que ninguém teria coragem de responder. Porém, Alexei Tehun, jovem de vinte anos, levantou-se prontamente. Abriu a Bíblia e, em voz alta, leu o segundo mandamento da Lei de Deus. Isso o padre não esperava. Houve tumulto. Alguns diziam que os observadores do Sábado tinham razão. Outros gritavam: "Eles estão errados!" O padre, não conseguindo acalmar a multidão, exigiu a intervenção de um agente de polícia, que estava ali. Finalmente o silêncio foi restabelecido, mas a pergunta do padre ficou sem esclarecimento.

O clérigo explicou que, em homenagem à ressurreição de Cristo, a observância do domingo era tradição antiga que, durante muitos séculos, havia sido respeitada pelos cristãos. Perguntou: "Por que os sabatistas profanam o domingo cristão e honram o Sábado judeu?"

Então Alexei leu o quarto mandamento. Ocorreu outro tumulto. Outra vez o policial precisou intervir.

O padre explicou terceiro ponto: batismo infantil. Leu em Marcos 10:14: "Deixai vir a Mim as crianças, e não as impeçais, porque de tais é o reino de Deus." Depois perguntou: "Por que vocês, sabatistas, pregam contra o batismo de crianças?"

Alexei leu Marcos 16:16: "Quem crer e for batizado será salvo." Em seguida, perguntou ao padre: "O recém-nascido pode crer? Também mostrou que os que vinham procurar João, para ser batizados no Jordão, eram adultos. Acrescentou ainda que Jesus nos deixou exemplo: Ele próprio foi batizado com trinta anos. Mais tumulto. Fim da reunião.

O padre, vendo que não conseguia conter o entusiasmo daquele pequeno grupo de crentes e o interesse que eles estavam despertando em toda a vizinhança, começou a assistir às reuniões de nosso povo, realizadas na casa do pai de Alexei Tehun, o jovem que lhe respondera as perguntas. As intenções malévolas do padre foram descobertas em certa manhã de Sábado, quando, repentinamente o local da reunião foi cercado por agentes policiais. Um guarda entrou na sala e prendeu homens, mulheres e crianças. Obrigou-os a irem a pé, à delegacia, que ficava a cinco quilômetros dali.

Já estavam a caminho, quando um jovem chegou atrasado e encontrou vazio o lugar de reunião. Um vizinho informou que fazia pouco a polícia havia levado presos os crentes. Correu para alcançá-los e identificar-se com eles. Um policial disse: "Está bem! Se você quiser juntar-se ao grupo, considere-se preso também." E assim aconteceu. Enquanto andavam, o jovem, sempre que possível, sussurrava palavras de ânimo para aqueles de quem conseguia se aproximar.

Chegando o delegado, ficou surpreso ao ver o grupo de homens, mulheres e crianças. Informado do que ocorrera, disse que haviam agido contrariamente à lei, promovendo reuniões clandestinas. Anotou o nome dos detidos e permitiu que as mulheres e crianças fossem para casa. Os homens foram encaminhados à autoridade maior. O magistrado informou que não poderiam realizar reuniões sem a devida autorização escrita da polícia. Então os irmãos solicitaram a autorização e a obtiveram. Depois voltaram para casa em paz.

Certo Sábado, os crentes de Rujnitsa receberam a visita de um jovem missionário russo. Depois do estudo bíblico, a família Cecan o convidou para o almoço. Estavam estudando a doutrina adventista, mas ainda não conheciam a mensagem da reforma de saúde. Comiam carnes imundas. Gentilmente o visitante recusou-se a participar do almoço. André insistiu. O jovem explicou o motivo da recusa. Finalmente, apresentou a resposta bíblica de Isaías 66:17: "Os que... comem carne de porco..., esses serão consumidos... diz o Senhor." Compreendendo o assunto, desde aquele dia puseram em prática a reforma da higiene alimentar.

O grupo, entretanto, ficou dividido quanto à questão das carnes limpas. Deveriam ou não ser utilizadas como alimento? Foi nesse instante que os membros da família Cecan tomaram conhecimento da existência de duas igrejas ASD. A visita que estavam recebendo era de membros do remanescente que se havia separado da denominação principal.

Os crentes de Rujnitsa também descobriram que as duas colportoras que os haviam visitado eram do Movimento de Reforma. Apreciaram a coragem, determinação e intrepidez daquelas senhoras diante da ameaça de prisão e morte.

O irmão e a irmã Cecan aceitaram a mensagem e entregaram seu caminho ao Senhor. André e alguns de seus irmãos tomaram a mesma decisão. Então, o irmão Cecan, pai, sugeriu que, devido à intolerância e perigos predominantes no país, seria melhor emigrarem. Assim, em 1926, mudaram-se para o Brasil.

Eis mais alguns dados históricos sobre Alexei Tehun. Ele havia constituído família quando foi convocado para o exército. Enfrentou grande provação por recusar-se a transgredir o Sábado e portar armas. Embora lhe tenham infligido toda espécie de castigos, não retrocedeu. A petição para ter o Sábado livre foi finalmente concedida. Porém, durante dez anos, o mantiveram em prisão militar, em regime de trabalho forçado.

Cumprida a pena, Alexei ainda se recusava a mudar de atitude. Foi novamente submetido a julgamento. O comandante do quartel onde Alexei tinha estado preso fazia parte do corpo de jurados. Pediram-lhe que testemunhasse a respeito do réu. No depoimento, o comandante afirmou que, nos dez anos, Alexei sempre mostrara bom comportamento. Era trabalhador. Nunca manifestara nenhuma idéia subversiva quanto à pátria. O juiz pediu ao comandante que registrasse a sentença: "Alexei Tehun sofre de mania religiosa incurável. Está definitivamente absolvido como cidadão inofensivo, porém inútil à pátria." A sentença proposta foi aceita e assinada. Alexei foi libertado.

Tendo voltado a viver com a família, Alexei podia viajar por toda parte sem perseguições. Prestou grande ajuda à Obra de Deus naquela região.

O irmão de Alexei também teve de enfrentar provações ao ser convocado para o exército. Ficou inabalável na fidelidade para com a Lei de Deus. Estava em prisão militar quando a família recebeu notícias dele pela última vez. Só Deus sabe o que de fato aconteceu àquele jovem. As autoridades militares afirmaram que desapareceu, mas não forneceram nenhuma informação concreta que removesse suspeitas de familiares e amigos.

Quando André Cecan visitou a Rússia, ouviu a respeito de experiências dos irmãos na Moldávia. Contaram-lhe que, em 1940, quando o território foi cedido à Rússia, havia, em diversos lugares, alguns irmãos da Reforma presos em razão da fé. Pela influência deles, um dos colegas de prisão, Terente Sherkov, aceitou a verdade. Cumpria pena por ações e idéias políticas. Ao ser liberto, foi batizado em nossa igreja e tornou-se missionário zeloso. Depois foi ordenado ao ministério.

Os irmãos não tinham autorização para reunir-se. Nenhuma atividade religiosa era permitida. As reuniões eram secretas. Sherkov, altamente instruído e capaz, pensou que poderia legalizar a condição do nosso povo. Ortodoxos, católicos, luteranos, batistas, pentecostais, adventistas do sétimo dia e outras denominações tinham o privilégio da liberdade religiosa. Podiam celebrar reuniões sem serem perturbados. Sherkov pensou: "Por que nosso povo não pode ter o mesmo privilégio?" Porém, não considerou aspectos fundamentais: as exigências do Estado quanto ao serviço militar e à freqüência escolar no Sábado. Estas eram sérias questões de consciência.

Terente informou aos irmãos que iria encaminhar petição ao Ministério de Assuntos Religiosos em Moscou. Haveria de solicitar, para nossa igreja, a mesma condição concedida às denominações oficialmente reconhecidas. Os irmãos tentaram por todos os meios dissuadi-lo. Ele, porém, não quis atendê-los. Agiu independentemente do conselho de irmãos experientes. Essa atitude causou séria divisão na nossa igreja.

Certo dia Terente foi a Moscou. Levou a petição escrita e um exemplar dos *Princípios de Fé*. Apresentou-os aos oficiais do Ministério de Assuntos Religiosos. Foi atendido de maneira amável. Foram-lhe feitas muitas perguntas. Pediram nomes e endereços de nossos ministros, obreiros, tesoureiros, e membros. A entrevista de oito dias foi registrada. Finalmente, disseram que, antes de dar resposta, iriam estudar a petição: "No devido tempo, o senhor vai receber notícias."

Depois de algumas semanas, houve repentina inspeção policial entre o nosso povo. Os irmãos da liderança foram presos. O dinheiro foi confiscado. A pena mais longa coube a Terente.

V — Perseguições

Em novembro de 1917, depois que os comunistas assumiram o governo e proclamaram a ditadura do proletariado, procuraram mudar o espírito do povo russo. Para alcançar os objetivos propostos pela Revolução, tentaram aniquilar a religião, que comparavam ao ópio, droga destruidora da mente. Não aprovavam a crença em Deus, freqüência à igreja, culto, leitura da Bíblia, cânticos e orações. A maioria dos templos foi transformada em edifícios públicos. Muitos clérigos foram mortos ou levados para campos de trabalho forçado.

Tornando-se a perseguição religiosa cada vez mais cruel e sanguinária, o Movimento de Reforma foi a vítima principal. O leitor é convidado a considerar os exemplos que se seguem, para compreender o sofrimento por que nosso povo passou na Rússia comunista.

Em 1924, quando Stalin assumiu o poder, o governo adotou várias medidas para liquidar os que eram considerados inimigos do Estado. Eram postos na lista religiosos que não abandonassem a fé, quando a isso eram obrigados para satisfazer às exigências do Estado.

Houve a cooperação dos líderes das igrejas que se venderam para atuar como agentes do Estado, embora continuassem na liderança da igreja. As autoridades comunistas fizeram várias tentativas para fazer desaparecer toda espécie de religião. Até certo ponto, obtiveram êxito.

As igrejas registradas eram instrumentos do Estado. Desde 1927 essas denominações recebiam instruções para fornecer à polícia listas de membros não dispostos a sacrificar princípios para se adaptarem às exigências antibíblicas do governo. Assim, os líderes dispostos a obedecer antes aos homens que a Deus, consentiram em ser agentes secretos da polícia. Tornaram-se informantes, traidores dos irmãos. É triste dizer que os líderes da denominação adventista principal não foram exceção. Muitos membros fiéis, adventistas de mentalidade reformista, foram presos. Tornaram-se mártires.

A perseguição religiosa alcançou grau máximo em 1937 e 1938. Nossos irmãos e demais cristãos que se recusavam a abandonar a fé quando forçados a satisfazer as exigências estatais antibíblicas, eram espionados. Para cada crente havia pelo menos um espião no bairro. Naqueles dias terríveis, nossos obreiros e muitos membros estavam presos, sob acusação de serem espiões anti-soviéticos. A versão do governo era: "trabalham para os imperialistas". Oficialmente ninguém jamais foi preso por motivo religioso. Os oficiais sempre arranjavam pretexto para fazerem valer a acusação: "crimes contra o Estado." Era empregada terminologia enganosa para dar a impressão de que não havia prisioneiro religioso na Rússia. Ao recusarem-se a portar armas por motivo religioso, por exemplo, os objetores de consciência eram acusados de antimilitarismo, como se estivessem a enfraquecer o sistema de defesa do país. Os que eram firmes quanto à guarda do Sábado, eram acusados de vadiagem, como se quisessem enfraquecer a economia do país. Quando dois ou três crentes eram encontrados reunidos para ler a Bíblia e orar, eram acusados de pôr em perigo a ordem pública. As reuniões deles eram consideradas clandestinas. Motivos religiosos eram completamente ignorados ou mal interpretados. Sempre eram classificados como crimes políticos.

Os prisioneiros religiosos tiveram de enfrentar tantos sofrimentos que, antecipadamente, duvidavam de que sobreviveriam. H. Unrau, G. Ostwald e P. Manjura foram os primeiros a morrer como mártires em prisões comunistas ou campos de trabalho forçado. Mas a morte desses heróis não foi o fim da Obra de Deus na Rússia. Descansaram do trabalho. Outros irmãos deram prosseguimento à obra deles.

Pouco antes da Segunda Guerra Mundial, o furor da perseguição foi atenuado. Entretanto, voltou a intensificar-se depois da guerra. Os irmãos viviam em temor constante, pois estavam sob contínua vigilância. Muitas vezes eram investigados por ordem policial. Ter

literatura cristã era considerado grande crime, sujeito à pena de até vinte e cinco anos de prisão. Reuniões religiosas em residências, no mato ou em outro lugar secreto, também eram consideradas grave delito contra o Estado. Eram toleradas apenas reuniões promovidas por denominações registradas, desde que em templos autorizados. Poucas haviam recebido permissão oficial. Somente as que se comprometiam a sacrificar o dever para com Deus. Sempre que houvesse conflito, deviam tornar supremas as exigências do Estado. Por esse motivo o Movimento de Reforma não foi reconhecido oficialmente.

Os que eram encontrados em reuniões religiosas não autorizadas, geralmente eram condenados e levados para campos de trabalho forçado. A maioria desses eram na Sibéria. Ali viviam e sofriam em completo isolamento, longe de familiares e amigos. Formalmente, era permitido escrever à família de vez em quando. Mas, na maioria dos casos, as cartas eram interceptadas pela censura. Qualquer palavra sobre Deus, por exemplo, era motivo suficiente para uma carta ser destinada ao fogo. Para os exilados na Sibéria havia somente um raio de luz e esperança: confiar em Deus e em Sua providência.

As prisões não surpreendiam nossos irmãos. Faziam parte da vida. Na verdade, já contavam com isso. Quando eram libertados, já se preparavam para a qualquer momento voltar para a prisão.

Apesar do medo constante de serem surpreendidos por inspeção policial ou traídos por informantes, continuavam promovendo reuniões clandestinas. Para sua segurança, mudavam-se de um lugar para outro com a maior freqüência possível. Isso igualmente, era parte da vida. Ao se dirigirem para um local de reunião, era necessária toda a prudência. Chegavam um a um. Sabiam que poderia ser grande erro chegarem dois ou três juntos, mesmo à noite. No fim da reunião, seguiam o mesmo procedimento. Saíam um a um.

A literatura ficava cuidadosamente escondida nas paredes das casas, em sacolas plásticas, em recipientes enterrados no quintal, ou em outros lugares secretos. Quando alguém era encontrado com publicações religiosas em casa, as conseqüências eram sérias, mesmo que não houvesse nenhuma palavra sobre política nem referência ao Estado. O material era confiscado e os proprietários, presos. Mas se a literatura apresentasse uma única declaração que sugerisse idéia política, interpretada como ofensiva ao Estado, a punição era quase pior que pena de morte.

Numa inspeção na casa de nossos irmãos a polícia encontrou uma brochura antiga com afirmação perigosa. Sob o título *O Conflito Vindouro e o Tempo de Prova* havia uma sentença que dizia: "Quanto à perseguição contra cristãos, fascismo e comunismo são a mesma coisa." A publicação não havia sido impressa na Rússia. Tinha vindo da Romênia. Mesmo assim, os irmãos com quem o material estava, foram acusados de crime político e condenados a 25 anos de prisão.

Quando alguém era detido para investigação, ficava na cela solitária. Às vezes o indivíduo tinha de ficar ali durante meses sem ver amigos nem parentes. Na cela havia cama e banco. O prisioneiro tinha permissão para dormir somente de costas. Havia luz forte sempre acesa. Durante o dia, podia sentar-se no banco ou caminhar de uma parede até a outra. Não era permitido deitar-se para dormir. Um guarda vigiava o prisioneiro através de uma fenda na porta. Precisava certificar-se de que tudo estava sendo obedecido conforme o regulamento. Às dez da noite o prisioneiro ouvia a ordem: "Hora de descansar". Era acordado às seis da manhã. Muitos irmãos passaram por essa experiência terrível. Oleg W. Zvetkov foi um deles. Muitas vezes acontecia de o prisioneiro esperar ansiosamente a ordem de dormir, mas era convocado por um oficial. Quase sempre o interrogatório prosseguia a noite inteira. Ao terminar a investigação, era mandado de volta à cela. Em seguida, já ouvia a ordem: "Hora de levantar". Freqüentemente essa experiência penosa era repetida por dias e semanas. Somente quem passou por essa forma de tortura sabe o que significa estar com sono e não poder dormir. A única oportunidade para pequeno cochilo era quando se sentavam no banco por alguns minutos e notavam que o guarda que fazia a ronda havia acabado de passar.

Mas essa não era a única tortura imposta aos irmãos. Durante a investigação, sempre vinham estas e outras perguntas dia após dia: "A quem conhece? Com quem se encontrou? Onde estava?" O propósito era obrigá-los a tornarem-se traidores e pôr os irmãos em dificuldade. Se a resposta fosse: "Não conheço ninguém, não me encontrei com ninguém, não estive em lugar nenhum", os oficiais riam cinicamente e diziam que os prisioneiros estavam tentando enganá-los. Então eram castigados pelo que as autoridades chamavam de tentativa de engano. Alguns prisioneiros religiosos encontravam solução no exemplo de Cristo. Conforme Lucas 23:9, ficavam em silêncio. Depois souberam que, por lei, tinham o direito de ficar calados.

Antes de os irmãos serem levados a julgamento, recebiam indiciação na qual podiam ler e reler as acusações contra eles. Depois, enquanto esperavam o julgamento, como o leitor pode imaginar, recorriam de todo o coração a Deus, única fonte de ajuda.

Naqueles dias tenebrosos havia leis vigentes. Mesmo assim os juízes proferiam sentenças arbitrárias. Sem provas suficientes, condenavam nossos irmãos. Certa ocasião o júri ficou convencido de que nove acusados eram inocentes. Contudo, o juiz pronunciou o veredicto: "Vinte e cinco anos de prisão." Então, um dos nove levantou-se e disse: "Ninguém jamais conseguirá forçar-nos a desistir da verdade. Cremos em Deus e confiamos nEle. Podem amarrar nossas mãos, mas não nossa consciência. Relevaremos a injustiça da sentença. Perdoaremos os que nos acusaram. Continuaremos a amá-los ainda assim, pois não sabem o que estão fazendo."

Sete anos depois, esses irmãos foram libertados e reabilitados. Não havendo renunciado a fé, depois de certo tempo foram de novo levados ao tribunal. Recebeu-os a mesma secretária que estivera presente no julgamento deles. Ela disse: "Lembramo-nos bem do processo em que vocês estiveram envolvidos sete anos atrás. Admiramos a coragem, firmeza e elevado padrão moral de vocês." A única resposta, foi: "Toda a honra seja dada a Deus." Alguns jurados e juízes ficaram grandemente impressionados com o espírito e conduta daqueles irmãos.

Ficaram aliviados ao receberem a sentença esperada. Deixaram as celas lúgubres e foram para um campo de trabalho forçado. Mas o alívio foi apenas momentâneo. A recusa em trabalhar no Sábado era considerada infração contra o regulamento do campo e ato de sabotagem. Assim, foram acusados de crime adicional contra o Estado. Novas complicações. Mais punição. Os decididos a obedecer antes a Deus que aos homens, foram confinados em cela minúscula. Recebiam para o dia apenas água e trezentos gramas de pão. Essa foi a experiência do irmão Zvetkov e outros irmãos. Conseguiram sobreviver depondo o futuro inteiramente nas mãos de Deus.

Demorou muito para as autoridades do campo compreenderem que, fossem quais fossem os meios empregados para forçar a consciência dos irmãos, não conseguiriam fazê-los mudar de idéia. Por outro lado, os irmãos conquistavam a simpatia de alguns oficiais quando mostravam que, à exceção dos Sábados, eram sempre diligentes. Sendo colaboradores, estavam dispostos a realizar trabalhos voluntários. Finalmente, num lugar, obtiveram permissão para santificar o Sábado sem transtornos.

A reforma de saúde foi outro princípio no qual os irmãos foram severamente provados. Não podiam comer de tudo o que era servido. Pior: não havia meio de saber se a comida preparada era limpa ou imunda. A consciência deles era freqüentemente torturada com a questão: "Aos olhos de Deus, seria melhor comer ou morrer de fome?" Só pela graça do Senhor um reformista podia sobreviver num campo de trabalho comunista.

Os oficiais perguntavam muitas vezes: "Por que vocês não comem isso ou aquilo?" Os irmãos precisavam dar respostas satisfatórias, baseadas no bom senso, em harmonia com suas convicções. A oração era a chave que abria a porta para a câmara da sabedoria divina. Quando indagados, apresentavam explicações sábias. Precisavam ser equilibrados, evitando frouxidão ou fanatismo.

Havia um irmão que não comia nada proveniente da cozinha. Alegava que as panelas em que a comida havia sido preparada estavam contaminadas, pois nelas cozinhavam carne: "Quem sabe que tipo de carne?!" Dizia que, embora as panelas tivessem sido lavadas, ele tinha dúvidas. Recusava-se a comer pão da panificadora do campo. Suspeitava que os vasilhames fossem untados com gordura de porco. Aquele irmão morreu de inanição. A idéia que propagava sobre reforma de saúde não era "cheiro de vida para vida, mas de morte para morte". Esse incidente, no qual houve zelo sem entendimento, não beneficiou espiritualmente os funcionários do campo de trabalho.

Além da observância do Sábado e a reforma da saúde, havia outra questão séria. Os administradores sempre faziam o possível para conseguir pelo menos um espião entre os prisioneiros. Quando os irmãos viam um colega de prisão recebendo tratamento melhor, imediatamente suspeitavam de que era um *stukatch*, isto é, informante. A obrigação era delatar os outros prisioneiros. Tinha que informar regularmente a um dos oficiais o que os outros estavam falando ou fazendo. Evidentemente o verdadeiro cristão jamais concordaria em aceitar encargo tão infame. Porém, entre os presos políticos, que não conheciam a verdade, isso era comum. Embora o delator fosse agraciado com privilégios concedidos pela administração, a vida do informante corria grande perigo. Os companheiros ficavam atentos a alguma oportunidade para livrar-se dele.

Nos campos de trabalho forçado, o maior conforto e alegria para o crente era ter uma Bíblia. Era difícil demais adquirir uma. Mais difícil ainda era escondê-la. As celas eram minuciosamente inspecionadas. Quando acontecia de encontrarem um exemplar, era

confiscado, e o proprietário severamente castigado. À noite, quando os prisioneiros deixavam o trabalho externo e voltavam para as celas, eram cuidadosamente revistados. Porém, apesar de toda as providências, alguns crentes conseguiam o Livro Sagrado. Os cristãos que viviam nas redondezas procuravam oportunidade para fazê-lo chegar aos prisioneiros religiosos. Quando, por estarem ocupados com algo que lhes distraísse a atenção, os guardas não os vigiavam, essa era a boa oportunidade. Um crente jogava uma Bíblia por cima da cerca. Deus os auxiliava a escondê-la.

Na cozinha conseguiam caixas de papelão. Os suprimentos de óleo em garrafas vinham em caixas de paredes espessas. Esse material servia de esconderijo seguro para a preciosa Bíblia. Certo dia, no campo em que estava o irmão Zvetkov, alguns crentes tinham conseguido um exemplar. Voltando à cela, fizeram cavidades no fundo e nas paredes laterais espessas da caixa e ali puseram porções do Livro que, infelizmente, precisou ser assim dividido.

Ocultaram o tesouro pondo de novo sobre o fundo e os lados camadas de papelão que haviam sido removidas. Toda vez que precisavam ler ou copiar passagens, tinham que rasgar novamente uma ou duas paredes. A caixa ficava sempre cheia de objetos de várias naturezas: pratos, panos, sabão, etc. Quando os guardas inspecionavam as celas, espalhavam no chão o conteúdo da caixa. Examinavam tudo, mas não prestavam atenção à estrutura da caixa. Sempre que o guarda tocava nela, os prisioneiros religiosos ficavam sobressaltados a ponto de sentirem batidas cardíacas aceleradas. Quando o guarda chutava a caixa para um lado, sentiam-se aliviados e, mentalmente, oravam: "Agradecemos-Te, Senhor, o Teu auxílio." Graças à mão misericordiosa de Deus que sempre esteve com eles, a Bíblia, oásis com fontes de água viva no deserto espiritual de um país ateísta, acompanhava os prisioneiros religiosos de campo em campo.

Enquanto o irmão Zvetkov esteve em prisões comunistas e campos de trabalho forçado, observou que, quando um criminoso era posto na prisão, tornava-se ainda mais criminoso. O cristão, ao contrário, tornava-se mais cristão. O contraste entre as duas classes produziu admiração em algumas autoridades. Quando o Senhor permite que Seu povo enfrente perseguição religiosa, também lhe dá força para sobreviver (1 Coríntios 10:13). São confortados quando, de maneira especial, vêem milagres semelhantes aos que aconteceram em Babilônia e em Filipos (Daniel 3:14-28; Atos 16:23-34). O irmão Zvetkov passou mais de dezesseis anos em prisões comunistas e campos de trabalho forçado. Ao relatar-nos sua experiência pessoal, disse: "Irmãos, conservemos os olhos fixos em Jesus, o Autor e Consumador de nossa fé. Ele não nos decepcionará." "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Romanos 8:31.

VI — Experiências pessoais recentes

Boris e Olga Manovsky (pseudônimos)

A vida foi difícil para os reformistas na Rússia comunista. A experiência da família Manowsky nos dá idéia do que muitos crentes da Reforma foram chamados a suportar como bons soldados de Cristo Jesus.

Olga conta que, em 1943, os Manovsky, dois filhos, uma família de dez pessoas e três outros irmãos, reuniam-se em sua vila. Os três irmãos haviam sido condenados a dois anos de prisão. Após um ano, porém, pela misericórdia do Senhor, foram libertados. Entretanto, não tinham permissão de entrar em casa.

Certo dia, naquele mesmo ano, Boris e Olga foram presos. Sob o cano de uma arma de fogo, foram expulsos do porão de uma casa onde viviam. Estavam sob ameaça de execução. Olga contou que esta não teria sido a angústia mais severa. O sofrimento a que foram submetidos foi muito pior. Tiveram que deixar seu povoado e ir para outro lugar, onde permaneceram até 1946. Ali a família sobreviveu principalmente de ervas silvestres cruas. Embora Olga estivesse grávida, não a tratavam com a devida atenção. Finalmente, obtiveram permissão para voltar. Motivo de regozijo? Não! A casa deles havia sido demolida. Não havia nada para comer. Por misericórdia divina conseguiram um quarto alugado.

No ano seguinte Boris foi preso, deixando Olga com três crianças de cinco anos, três e um.

Em 1949, Olga, os filhos e outro membro da família foram presos e condenados ao exílio. Permaneceram numa estação ferroviária durante três dias e três noites. Não dispunham de um único centavo. Os familiares lhes trouxeram algum dinheiro. A seguir viajaram durante três semanas em vagões de gado. A viagem terminou no meio do mato.

Logo duas de suas crianças chegaram à idade escolar. Olga teve de passar por novas provações referentes ao quarto mandamento. As crianças eram perseguidas. Eram mandadas de volta para casa

porque não freqüentavam aulas aos Sábados. Os funcionários da escola as açoitavam e as obrigavam a ir nuas para casa. Apesar dessas dificuldades, as crianças nunca cederam quanto a transgredir o dia do Senhor. No inverno, às sextas-feiras, saíam mais cedo. O Sol se punha às três da tarde, enquanto as aulas continuavam até tarde da noite. Com temperaturas de aproximadamente vinte e cinco graus centígrados abaixo de zero, os filhos de Olga assistiam às aulas de manhã. Depois andavam três quilômetros até a casa.

Por se recusarem a trabalhar no Sábado, certa ocasião a família Manovsky, então constituída por oito membros, não recebeu pão durante três dias. Acomodavam-se como podiam num pequeno quarto de banhos. Depois, sempre em virtude do quarto mandamento, foram novamente privados de alimento por duas semanas. Providencialmente, dispunham de dez quilos de centeio, que foi triturado em moinho manual. Fizeram broas. Assim conseguiram sobreviver por duas semanas. Terminada a provisão, dirigiram-se às autoridades do campo. Olga implorou que fuzilassem a família inteira. Sendo mãe, não conseguia suportar ver os filhos a perecer de fome.

Para trabalharem numa serraria, os Manovsky foram levados para outro lugar. Viajaram de carroça. No Sábado foram convocados para o trabalho. Os encarregados disseram que, se não trabalhassem, teriam grande dificuldade. Os funcionários temiam que os trabalhadores da indústria inteira entrassem em greve por causa desses crentes. Boris e Olga afirmaram que, embora as autoridades ameaçassem levá-los para a Sibéria, "lugar onde estão os ursos brancos", não trabalhariam no santo dia do Senhor.

Depois, a família foi levada para outra aldeia. Ali, tinham que andar a pé, dez quilômetros mata adentro para derrubar árvores durante o inverno. No verão deveriam rachar a lenha que estava cortada. Outra ordem que receberam era fabricar tijolos. O trabalho era realizado por tarefa. Aos domingos trabalhavam para compensar o Sábado. Ali a situação deles era muito melhor em alguns aspectos. Porém, havia ainda o problema da freqüência escolar. Pouco depois, os pais receberam intimação do juiz. A experiência penosa continuou durante sete anos em que sofreram fome, frio, trabalho pesado e ameaças.

Boris foi preso novamente. Ao sair da prisão, em 1955, tiveram mais problemas devido às crianças em idade escolar. Três anos depois, foi preso outra vez. O julgamento ocorreu a portas fechadas. A sentença foi de vinte e cinco anos de prisão, mais cinco de exílio e cinco de perda de todos os direitos, totalizando trinta e cinco anos. A pena deveria ter início em junho de 1958.

Depois que Boris foi sentenciado, Olga foi convocada ao tribunal. Disseram-lhe que, se não deixasse as crianças irem à escola no Sábado, receberia castigo idêntico ao do marido. Ela perderia o direito sobre as crianças, que seriam enviadas para uma instituição estatal. Olga disse que podiam fazer conforme diziam, mas, com a ajuda de Deus, não permitiria que isso ocorresse. De junho a setembro, início do ano letivo, as autoridades não lhe deram paz. Insistiam constantemente em que desse consentimento, mas a única resposta era "Não!"

No primeiro Sábado de setembro de 1958, Olga foi convocada pela administração escolar. Perguntaram por que não deixava as crianças freqüentarem a escola no Sábado. Ela perguntou: "Porque vocês maltratam meus filhos? Vou-me queixar às autoridades superiores. Direi que vocês os estão maltratando." Olga mostrou que tinha determinação.

As autoridades não levaram as crianças, conforme haviam ameaçado. Porém, Olga teve de enfrentar muitas dificuldades até que terminassem o curso. Posteriormente, foi promulgada nova lei. As famílias de cinco ou mais filhos estavam livres de algumas exigências. Olga estava com seis filhos. Ficou livre em 1960, quando a pena de exílio perpétuo foi suspensa. Voltou para Chernovtsi. Enviou apelos escritos às autoridades de Moscou tentando obter a libertação do marido. O pai de Boris, funcionário do governo, também escreveu às autoridades. A pena de Boris foi reduzida de trinta e cinco para vinte e cinco anos. O pai escreveu novamente e conseguiu outra redução de dois anos. Finalmente, Boris foi libertado e voltou para casa em 1964.

Olga afirmou que é impossível descrever aquelas experiências probantes que a família teve de passar. Não odiavam os torturadores. Oravam suplicando o perdão de Deus para eles. Tendo passado o sofrimento, exclamaram: "Que o nome de Deus seja glorificado!"

Vasili Glugovsky (pseudônimo)

Vasili pertencia ao grupo de quatorze jovens adventistas de um povoado. Foram convocados para o exército em 1944. Todos professavam a mesma fé. Entraram em desacordo quanto à questão da guerra. Sete estavam decididos a ir para a frente de batalha. Em obediência ao sexto mandamento, os demais decidiram não portar armas.

Vasili estava entre esses. Por essa decisão, foram levados ao tribunal e condenados a dez anos de prisão.

Quando o pastor Afanasi Miriuka soube do problema, falou com eles. Percebendo que todos os seus esforços tinham sido inúteis, disse: "Temos entre nós sete idiotas que se recusam a portar armas e lutar. Preferem ir para a prisão e sofrer." O ministro defendeu firmemente a posição adotada pela Igreja ASD.

Vasili ainda não era batizado na Igreja Adventista. Nada sabia sobre o Movimento de Reforma. Aceitara de coração a fé adventista.

Quando Vasili voltou para casa, o mesmo pastor que o visitara na prisão disse a ele que, se quisesse ser batizado, precisava assinar uma declaração repudiando a atitude anterior de recusar-se a portar armas e ir à guerra. Se não estivesse disposto a admitir que havia agido incorretamente, disse o ministro, não poderia tornar-se membro da Igreja ASD. Embora Vasili nunca houvesse mudado de posição, posteriormente abriram exceção e ele foi batizado na Igreja Adventista.

Pouco depois, Vasili ouviu a respeito do Movimento de Reforma. Desejou saber exatamente o que havia causado a divisão. Tendo ouvido todos os argumentos de ambos os lados e satisfeita a consciência, dois anos depois decidiu unir-se ao Movimento de Reforma.

O amor de Cristo o constrangeu a dedicar-se à obra missionária, proibida por lei. Entendia que, também nos dias dos apóstolos, havia proibições humanas (Atos 5:28 e 29). Estas não o deteriam. Deveria obedecer antes ao "Assim diz o Senhor", que ao "Assim diz o Estado". Deveria estar preparado para sofrer as conseqüências. Apesar de toda a prudência, não pôde escapar à observação. Olhos atentos de informantes da polícia o seguiam constantemente. Chegou o dia em que foi acusado de empenhar-se em atividades missionárias. Foi condenado a cinco anos de prisão e cinco de exílio. Apesar da sentença, passou apenas um ano na prisão e recebeu anistia. Durante toda a sua experiência religiosa, foi alvo de três condenações que totalizaram vinte e dois anos de prisão. Entretanto, cumpriu apenas nove. Conforme testemunho de Vasili, somente pela graça de Deus era possível a um reformista sobreviver cumprindo pena de longa duração na Rússia comunista.

Sendo membro do Movimento de Reforma, enquanto Vasili batalhava pela fé que uma vez para sempre fora entregue aos santos, ouviu notícias a respeito do que havia acontecido àquele ministro que havia tentado dissuadi-lo de recusar-se a ser combatente. Havia abandonado a fé. Tornara-se ateu. Certa ocasião, como conferencista incrédulo, estava pregando para vasto auditório. Disse: "Finalmente compreendi que não havia base para minha crença. Não há nenhuma verdade no cristianismo. Deus não existe." Então, para tornar mais impressionantes as declarações blasfemas, jogou a Bíblia no chão, pisou em cima, e gritou: "Se Deus existisse, haveria de castigar-me agora mesmo." Alguns instantes depois, os ouvintes perceberam nele algo de anormal. Era visível que se sentia mal. Empalideceu, o nariz começou a sangrar e morreu sem terminar a conferência. A platéia viu exatamente o oposto do que aquele ministro apóstata tentou provar.

Conferência da União (delegados e visitantes estrangeiros), em Chernovtsy, Ucrânia, 1990

Oleg W. Zvetkov

Em setembro de 1991, durante a assembléia da Conferência Geral na Alemanha, o irmão Zvetkov narrou a seguinte experiência:

Certa ocasião, durante perseguições religiosas na Rússia, Oleg foi preso e posto numa cela onde se achavam infratores que fumavam, brigavam, proferiam palavrões e praticavam outras impropriedades. O lugar era imundo e fétido. Era quase impossível respirar. Começou a falar aos colegas:

— Companheiros! As autoridades pensam que somos criminosos vis, mas não somos tão maus como imaginam. Temos algo bom. Precisamos mostrar que somos cidadãos decentes, honestos.

Todos olharam para ele com espanto. Um dos detentos aventurou-se a perguntar:

— Como vamos mudar a opinião deles a nosso respeito?

— Não é muito difícil. Temos que mudar nosso ambiente aqui.

— Como podemos fazer isso?

— Pediremos que nos tragam vassoura, pano, e balde com água. Limparemos a cela.

Assim foi feito. O chão foi varrido e lavado. A cela estava limpa, em ordem. Tendo formado uma "comissão de restauração", os presos estavam prontos para a segunda fase. Oleg sugeriu:

— Deveríamos estabelecer proibição contra o vício de fumar. Pessoas limpas e sadias, que tenham senso de respeito próprio, e especialmente criteriosas quanto à saúde, não fumam.

Todos concordaram. Depois de haver sido alcançada essa segunda vitória, Oleg propôs:

— Ainda precisamos alcançar algo muito importante: aqui não deve haver blasfêmias. Pessoas decentes e honestas não empregam palavras obscenas. Se quisermos respeitar a nós mesmos e granjear o respeito dos outros, devemos empregar somente linguagem pura.

Proposta aceita. Vitória alcançada. Passo a passo o comportamento dos prisioneiros mudou. Para surpresa dos guardas e das autoridades da prisão todo o ambiente foi renovado.

Os novos prisioneiros também eram obrigados a adaptar-se àquela reforma. Quando chegava um fumante, todos o repreendiam decididamente dizendo: "Onde você pensa que está? Somos asseados e nos preocupamos com a saúde. Aqui é proibido fumar." Logo que um prisioneiro recém-chegado abria a boca para praguejar, os outros o interrompiam decididamente: "Este não é lugar para blasfêmias. Você está entre pessoas honestas, decentes. Queremos ser respeitados."

Pouco a pouco, à medida que a mão orientadora de Deus abria oportunidades, Oleg pregava o Evangelho aos colegas. Ouviam atentamente a exposição da verdade presente. Tornaram-se homens transformados pela graça de Deus. Quando Oleg foi libertado, aqueles homens ficaram tristes pela saída dele. Oleg também ficou triste em ter que deixá-los.

Depois da dolorosa separação, nada mais soube a respeito dos colegas de prisão. Sempre os mencionava em suas orações. Conforme relato, estava convicto de que pelo menos alguns permaneceriam firmes na decisão de seguir ao Senhor.

As autoridades da prisão haviam feito comentário que chegou ao conhecimento de Oleg: "Com nossos métodos temo-nos esforçado durante muito tempo para mudar esses elementos. Porém, não obtivemos sucesso. Esse crente usou apenas a influência cristã que, em pouco tempo, transformou esses homens."

Toda a honra e glória sejam dadas a Deus! O Espírito Santo ainda trabalha para transformar corações humanos.

VII — Desenvolvimentos mais recentes

Principalmente de 1947 em diante, a obra de Reforma na Rússia passou por grandes dificuldades internas. Enquanto alguns irmãos eram muito negligentes quanto aos princípios, outros eram muito rígidos. Outros ainda revelavam tendência para o extremismo, além de idéias novas e perigosas.

V. Shelkov e os membros da família acolheram falsas teorias, que foram aceitas por muitos crentes simplórios que os seguiam. Shelkov formou nova organização sob o nome de *Adventistas do Sétimo Dia Verdadeiros e Livres*. Passou a dirigir seus seguidores com punho férreo. Esse método demonstrou ser grande obstáculo ao progresso da Obra de Deus. Entre os ensinos enganosos, seus seguidores defendiam este: Shelkov era profeta de Deus. (Ver artigo "Regozijo no Senhor", na revista da *Semana de Oração* de 1972). Aceitavam o Espírito de Profecia somente até onde lhes era conveniente. A atitude para com as autoridades era desafiadora a ponto de publicarem, com equipamento gráfico clandestino, brochuras hostis ao governo. Como essas publicações foram erroneamente atribuídas ao Movimento de Reforma, já que a polícia não conseguia distinguir facilmente entre um grupo e outro, nosso povo foi muitas vezes perseguido, não só por causa da fé, mas também devido às más ações de outros. Além disso, a Igreja ASD freqüentemente acusava nossa igreja de sustentar certos ensinos, atitudes e ações de pessoas que nada tinham com a nossa igreja.

Apesar de todas as dificuldades criadas pelo inimigo, a mensagem de reforma consolidou-se em muitos lugares. Mas o trabalho não progrediu sem perseguição. Muitos ministros e obreiros foram levados à prisão ou a campos de trabalho forçado. Alguns foram para a Sibéria. Após a morte dos pioneiros da Reforma, os sucessores tiveram de enfrentar provas semelhantes. Entre eles mencionamos T. Kozlov, P. Mangul, Z. Pavlioglo, P. Tereletsky, T. Telman, I. Pernyak, O. Klevchuk, V. Melnichuk. Nossos membros foram, de modo geral, severamente provados quando a polícia os perseguia e

Nossa igreja em Alexandrovka, Ucrânia. De cima para baixo — Foto 1: Casa que pertenceu a uma família reformista e que foi destruída (1982?) pelas autoridades como uma forma de punição, porque os pais não deixaram seus filhos freqüentar a escola pública no Sábado. Foto 2: Após a restauração da liberdade religiosa (o mais importante dos direitos humanos), os irmãos começaram a edificar um templo (março de 1990) onde a velha casa se localizava. Foto 3: A igreja (a primeira propriedade reformista na União Soviética) foi inaugurada em 27 de outubro de 1990

quando, separados do lar e dos filhos, eram levados para lugares distantes. Foi, porém, deste modo que, depois da Segunda Guerra Mundial, a verdade encontrou acesso à região dos Urais e Sibéria.

Devido à antiga "cortina de ferro", a União Russa esteve por muito tempo isolada da Conferência Geral. Embora visitas do exterior fossem muito arriscadas, de vez em quando o Senhor tornou possível enviar-lhes visitantes estrangeiros. De 1969 a 1989, estes levaram ânimo a nossos irmãos russos: A. Cecan, J. Ignatov, E. Laicovschi, L. Pogany, M. Juhas, B. Bosanac, W. Volpp, R. Ludwig.

Em 1990, Deus mudou a situação de maneira inesperada. Que Seu nome seja louvado para sempre por essa mudança maravilhosa! Nosso povo começou a contemplar no horizonte dos tempos proféticos o amanhecer de nova era, quando lhes foi concedido, oficialmente, o mais importante de todos os direitos humanos: liberdade religiosa. Em 1991, a União Leste Europeia pôde, pela primeira vez, enviar delegados à nossa assembléia da Conferência Geral. Que alegria! Porém, sabemos que a liberdade de consciência não continuará muito tempo.

VIII — Campanhas evangelísticas

Desde o início dos anos de 1990, após a concessão da liberdade religiosa na região que

antigamente denominava-se União Soviética, foram realizadas campanhas evangelísticas bem-sucedidas em diversos lugares. Pela descrição de duas dessas campanhas na Ucrânia, o leitor terá idéia de como era feito o trabalho e de como, apesar dos obstáculos a serem enfrentados, a mão do Senhor estava presente abrindo portas e vencendo toda a oposição.

Em 29 de março de 1994 alguns irmãos viajaram de Chernovtsi para Vinnitsa levando muita literatura nos carros. O coral de Chernovtsi foi com eles. Nosso povo em Vinnitsa ultimou a preparação para o evento da melhor maneira possível. Distribuíram dez mil convites, afixaram cartazes e anunciaram as reuniões por meio do rádio. Também proveram gentilmente acomodações para os visitantes de Chernovtsi. Contudo, na chegada deles, surgiu problema inesperado. As eleições políticas, que estavam ocorrendo naquela ocasião, tornaram indisponível o centro social da comunidade. Mas os irmãos encontraram salão apropriado na base militar. Quando chegaram ao local para instalar o equipamento, foram detidos na porta. Disseram: "O oficial responsável por assuntos religiosos quer conversar com o Sr. Rudolf Ludwig ."

Sede da União

Sede da União, em Chernovtsy, Ucrânia, inaugurada em 1996

O irmão Ludwig, secretário regional, estava com os nossos irmãos. Assim, o grupo de sete pessoas surpreendeu o oficial quando entraram subitamente no escritório dele.

O oficial olhou para eles cuidadosamente, com olhos perscrutadores, mas amigáveis. Depois de pedir os documentos do irmão Ludwig, começou a interrogá-lo: "Em que lugares já fez preleções? O que está planejando apresentar aqui?" Houve ainda outras perguntas.

Depois de ouvir pacientemente nossos irmãos, demonstrou receio de que as palestras pudessem causar problemas a outras igrejas. Informou que precisavam de permissão especial de Kiev, capital da Ucrânia.

As circunstâncias eram desalentadoras. O horário comercial estava quase no fim. A primeira reunião estava para começar. Era tarde demais para cumprir essa nova exigência. Porém, o Senhor estava atuando em favor dos nossos irmãos.

Confidencialmente, o oficial contou a nossos representantes, que havia recebido um telefonema dos líderes ASD. Estavam receosos de competição. E continuou perguntando: "Qual a diferença entre a Igreja ASD e o Movimento de Reforma?" Os irmãos explicaram que não tinham a intenção de criar controvérsia. Com o irmão Ludwig estava o intérprete que, na juventude, houvera sido membro de nossa igreja. Era recém reintegrado ao Movimento de Reforma. Esse irmão explicou que ele mesmo era ministro adventista e seria o tradutor. Depois de examinar os documentos pessoais do tradutor, o oficial olhou seriamente para ele e disse: "Então você é um viracasaca, não é?"

Era surpreendente ver quão bem informado o oficial estava. Finalmente, leu alguns parágrafos num livro de regulamentos e concedeu aos irmãos a permissão necessária. Posteriormente souberam que os membros de nosso coral e outros irmãos estavam orando continuamente por eles enquanto eram entrevistados pelo oficial de assuntos religiosos.

Na primeira reunião apareceram apenas duzentos visitantes. Na segunda noite havia mais, e na terceira conferência o salão ficou quase repleto.

Entre a segunda e a terceira reuniões, os irmãos distribuíram convites na cidade inteira. Um repórter, que também assistiu à última reunião, prometeu apoiar a obra de reforma publicando artigos e fotos.

Vários adventistas, entre eles quatro ministros, estiveram presentes. No próprio salão de reuniões, um deles gritou: "Vocês são destruidores!" Para o tradutor, vociferou: "Filho pródigo!" E antes de sair, ameaçou nosso povo: "Em vinte e quatro horas vocês não mais porão os pés aqui. Fora! Fora vocês e a sua reforma!

O motivo da manifestação era: um dos ministros havia recentemente tomado posição ao nosso lado. Ficaram tão enfurecidos que ameaçaram destruir os veículos dos irmãos da Reforma. Não houve reação da parte de nossos irmãos. Confiaram no Senhor, e Ele os protegeu.

No fim das reuniões, houve um apelo para inscrição no curso bíblico. À saída, a literatura reformista foi recebida com grande entusiasmo. Atrás da porta de saída, no saguão, colportores ASD estavam vendendo suas publicações. Nosso povo não fez objeção.

Ao serem contados os formulários de inscrição, nossos irmãos verificaram que cento e trinta e seis pessoas os haviam preenchido solicitando estudos bíblicos. Uma senhora que se inscreveu, havia passado anos procurando uma igreja fiel à verdade conforme ensinada nas Escrituras. Com lágrimas de alegria, disse que finalmente havia encontrado essa igreja. Foi organizada obra de acompanhamento sistemático para esses inscritos.

De Vinnitsa, nossos irmãos dirigiram-se para Sn'atyn, pequeno povoado perto de Chernovtsi, onde haveria outra campanha evangelística. Uma família adventista de mentalidade reformista havia voltado a residir naquele lugar. Durante o longo tempo em que estiveram ausentes, vivendo noutra região, aceitaram a tríplice mensagem. Procuraram a Igreja ASD quando, em 1994, chamou-lhes a atenção um convite para as reuniões reformistas, afixado na parada do ônibus. Assistiram a essas reuniões, examinaram as diferenças entre as duas organizações e tomaram posição. O irmão Timchuck, professor de música, tornou-se diretor do nosso coral de Chernovtsi. A esposa, médica que havia atuado numa clínica em Sn'atyn, tornou-se muito ativa na obra da igreja. Os dois filhos do casal, ex-oficial do exército e ex-estudante da academia militar, também aceitaram a mensagem de Reforma. Foram batizados com os pais.

A família Thimchuk, com a ajuda de outros irmãos, fez preparativos para uma série de palestras em Sn'atyn em abril de 1994. Na primeira reunião havia apenas alguns visitantes. A assistência na segunda noite foi mais desanimadora que na primeira. Em seu desapontamento, os irmãos começaram a pensar em cancelar o restante da série de conferências. Mas, após o início da reunião, chegaram cerca de cinqüenta visitantes. Na terceira palestra, havia mais de cem. O coral cantou com o máximo empenho. O auditório demonstrou apreciação. Cinqüenta e seis pessoas pediram estudos bíblicos. Dez foram inscritas no curso postal. Os interessados faziam muitas perguntas e recebiam nossa literatura com entusiasmo.

Imediatamente um obreiro bíblico foi enviado para aquela cidade a fim de ajudar os irmãos a prestarem assistência aos novos interessados.

23

Itália

I — Início e primeiros desenvolvimentos

Em 1926, pela primeira vez, a mensagem de Reforma foi levada para a Itália por meio de C. Kozel e F. Horwath. Porém, devido à falta de assistência, o trabalho não prosperou.

O reforço necessário chegou em 1939, quando Albert Müller e Lúcia Lüscher, da Suíça, levaram a mensagem para Milão e Turim. O colportor austríaco, Anton Brugger, começou a trabalhar em Turim. Sobre o desenvolvimento da Obra de 1939 em diante, Daniele Campodonico nos forneceu o seguinte relatório:

Naquele ano, a Igreja Adventista na Itália tinha oitocentos e quarenta e cinco membros... Certo Sábado, após o culto divino, os irmãos adventistas estavam saindo da igreja em Milão, quando alguns foram abordados pela irmã Lúcia. Ela disse que também era adventista. Perguntaram:

— Se a irmã é adventista, por que não vem à igreja?

— Pertenço a um grupo separado.

Aqueles adventistas ficaram curiosos. Nada

sabiam, nem tinham ouvido falar a respeito de uma organização adventista separada. Ela perguntou se queriam saber como e por que o Movimento de Reforma tinha vindo à existência. Vendo que mostraram interesse, ela os visitou com o irmão Müller. Ele explicou como, em outros países, a minoria havia sido excluída da igreja por haver-se oposto ao envolvimento direto na Primeira Guerra Mundial. O irmão Müller apresentou vários documentos mostrando como os adventistas alemães estavam agindo sob o governo de Hitler. Esses crentes adventistas italianos pensavam que outros também poderiam estar interessados em conhecer os fatos. Conversaram com seus irmãos e com o pastor. Depois de haverem considerado as evidências, os irmãos perguntaram:

— Por que não apresentam este assunto na igreja?

O pastor tentou encerrar o assunto com uma negação categórica:

— Tudo isso é mentira!

— Como o irmão pode dizer que tudo é mentira se nós vimos as provas documentadas? É possível convidar esses dois irmãos da Reforma que podem provar essas coisas.

— Não! Não os queremos aqui!

Um de nossos primeiros grupos de irmãos por ocasião do início da obra da Reforma na Itália (Trieste, por volta de 1932)

— Por que não? O irmão nos ensinou repetidas vezes que a verdade não teme a ninguém!

Apesar da oposição da parte dos outros irmãos, esses interessados passaram a receber estudos. Cada Sábado eram visitados por dois irmãos da Reforma. O pastor, vendo que não conseguia resolver a situação, convidou outros líderes para o ajudarem. Foram categóricos com os interessados na Reforma: — Ou vocês concordam conosco, ou deixam a igreja.

— Estamos onde devemos estar. Não queremos sair.

Aqueles interessados continuaram a explicar aos outros os acontecimentos da Primei-

Grupo de reformistas em Trieste, 1951

ra Guerra Mundial. Insistiram em que os dois irmãos da Reforma deveriam ter oportunidade para apresentar aqueles assuntos diante da igreja. O pastor os ameaçou:

— Se vocês permitirem que esses dois freqüentem sua casa, não mais aceitaremos vocês entre nós. E se os trouxerem à igreja, chamaremos a polícia.

— Então os senhores são iguais aos líderes das demais denominações: quando contrariados, apelam para os poderes seculares.

A situação atingiu o ponto máximo quando cerca de vinte membros separaram-se da Igreja Adventista e uniram-se ao Movimento de Reforma. Assim foi o início da nossa obra em Milão.

Nossas atividades em Trieste foram assim iniciadas: O irmão Brugger estava ministrando estudos bíblicos a alguns adventistas. Pouco depois eles deixaram de ir à igreja. O irmão Romano era um deles. Notando sua ausência, alguns irmãos foram visitá-lo. Os interessados explicaram que, à luz dos Testemunhos e dos fatos, a Igreja Adventista estava em apostasia. A separação havia-se tornado inevitável. Por isso os irmãos foram proibidos de os visitar. L. Beer, presidente da União Italiana, foi a Trieste, a fim de convencer todos a permanecerem na igreja. Porém, não foi bem sucedido. Cerca de quinze irmãos deixaram a Igreja Adventista e tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma. Contudo, o irmão Romano foi confundido pelos líderes. Na presença de dois de nossos irmãos, ele

Batismo no Rio Po, próximo a Turim, 1985

queimou os Testemunhos de Ellen G. White e voltou para a Igreja Adventista. Os outros irmãos interessados ficaram fortalecidos em sua convicção.

A Segunda Guerra Mundial havia começado. A Itália também entrou na guerra. Os reformistas eram proscritos e perseguidos por toda parte. Na primavera de 1940, o irmão Brugger fugiu da Áustria para a Itália à procura de refúgio em Milão. Certo Sábado, pouco mais de três semanas após a chegada dele, não foi à igreja. Uma irmã aparentemente interessada, tesoureira da Igreja Adventista, que sabia o motivo pelo qual o irmão Brugger estava em Milão, também

não foi. Preocupados, os irmãos foram ver o que havia acontecido. À porta da casa em que estava o irmão Brugger, souberam que dois oficiais de justiça o levaram preso.

Após o Sábado, procurando mais informações, os irmãos souberam que Brugger já havia sido levado para a Alemanha. Também informaram que ele havia sido denunciado por alguém que morava no mesmo quarteirão em que se abrigava.

Quase no fim da guerra, certo Sábado, como de costume, os irmãos estavam no culto em Milão. De repente, perto da estação ferroviária, a sirene foi acionada. Bombas começaram a cair ao redor do lugar de reunião. O dirigente da Escola Sabatina leu Salmo 91:7. Animou os irmãos a confiarem inteiramente no Senhor. Terminado o bombardeio aéreo às onze da manhã, os irmãos abriram a porta. Ao redor havia apenas fogo e destruição. O único edifício que não fora danificado era a casa deles. Tiveram evidência de que a mão protetora de Deus estivera sobre eles. Apesar dos perigos, continuaram a adorar a Deus naquela casa, sem interrupção, durante os dias finais da guerra.

II — Experiências pessoais

Em 1926, durante a visita dos irmãos Kozel e Horwath, houve debates com ministros da Igreja ASD. Vários crentes adventistas entenderam a verdade e declararam sua posição, embora os ministros tentassem por todos os meios impedi-los.

Certa manhã de Sábado, os irmãos visitantes foram assistir ao culto na Igreja Adventista. Pouco mais de dez minutos após a chegada deles, de repente, foram chamados à porta. Três representantes das autoridades os aguardavam: um agente da polícia secreta, um oficial de justiça e um policial do Estado. Disseram que tinham o dever de investigar suas atividades.

Os irmãos Kozel e Horwath afirmaram que estavam agindo de boa consciência. Disseram que estavam dispostos a pôr os livros e documentos sobre a mesa da sala de entrada do salão de reuniões. O irmão Kozel apresentou o passaporte. Retirou da pasta algumas publicações. Durante alguns minutos os oficiais examinaram esses materiais. Leram algumas porções aqui e ali. Pediram que o irmão Horwath mostrasse o passaporte. Com um aperto de mão, pediram desculpas e, cortesmente, despediram-se dos visitantes.

No Sábado seguinte os irmãos Kozel e Horwath conseguiram, pela primeira vez, reunir algumas pessoas. O irmão Horwath permaneceu na Itália a fim de confirmá-las na verdade e atender novos

interessados. Três semanas depois, o irmão Kozel voltou à Itália para auxiliar o irmão Horwath.

Os poderes das trevas empregaram todos os recursos para recuperar os recém agregados ao Movimento de Reforma. No início, os irmãos tiveram que lutar contra esta declaração: "O cristão leva duas espadas — a das autoridades (poderes da Terra) e a do Céu." Mais tarde, o líder do campo tentou persuadir aqueles crentes a abandonarem a decisão que haviam tomado. Empregavam este argumento: "Sempre fui contrário à guerra e jamais tomei parte nela... Tudo foi corrigido agora... Não iremos mais à frente de batalha...Em nosso meio os irmãos podem viver à altura das suas convicções... Voltem para nós." Aquele dirigente empregou toda a eloqüência para convencer as pessoas. Apelou para que fizessem compromisso. Tudo foi inútil! Os irmãos que haviam sido recebidos na Reforma permaneceram firmes.

Os irmãos Kozel e Horwath ainda tiveram debate de sete horas com o líder do Campo quando foram testemunhas de representações indescritíveis, falsas, e perversões da verdade e dos fatos. A tentativa dos ministros para confundir as almas fracassou completamente. (Adaptado de *Sabbat-Wächter*, fevereiro de 1927.)

24

França

A controvérsia que houve na Alemanha, no início da Primeira Guerra Mundial, a respeito da questão se os adventistas deveriam manter a posição original (nenhuma participação) ou adotar a nova posição (combatência), estendeu-se praticamente sobre toda a Alemanha, chegando à região de Alsácia-Lorraine, perto da fronteira da França. Depois da guerra, essa área foi cedida à França. Os interessados que tínhamos ali receberam assistência da Alemanha.

Em 1927, havia cerca de quarenta membros distribuídos nestas cidades e vilas: Strasbourg, Mulhouse, Colmar e Metz. Os líderes da Igreja Adventista sentiam-se perturbados com as atividades dos irmãos da Reforma. Com freqüência eram visitados pelos irmãos Albert Müller, Alfred Münch e outros. Tentando interromper ou, pelo menos, dificultar nosso trabalho, um ministro adventista delatou o irmão Müller à polícia. A acusação apresentada contra nossos irmãos

Em cima: Conferência reformista em Bourges, França, nos anos setenta
Embaixo: Conferência reformista em Vierzon, França, 1977

baseava-se na mesma questão antiga, invocada freqüentemente contra o povo de Deus: "Existe espalhado e disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumprem as leis do rei, pelo que não convém ao rei tolerá-lo." Ester 3:8. Como resultado, o irmão Müller foi expulso da França. Desde então, foi proibido de visitá-la. Antes de deixar o país, o irmão Müller confiou a um irmão local a responsabilidade da Obra. Posteriormente, outros irmãos da Alemanha passaram a visitar, de vez em quando, nosso povo na França.

Nossos irmãos empenharam-se com muita ênfase na obra de publicações. Graças a esses esforços, muita literatura foi preparada e distribuída.

Em cima: Nos anos setenta nosso povo na França começou a realizar suas assembléias gerais em seu próprio centro de conferências (foto), em St. Vert, próximo a Clairmont-Ferrant
Embaixo: Reformistas (membros e amigos) durante encontro em St. Vert, em 1990

O processo político que se desenvolvia na Alemanha também foi impedimento à Obra na França. Antes do fim da Segunda Guerra Mundial, a maioria dos membros que tínhamos no início dos anos de 1930 saiu da igreja. Alguns haviam abandonado a fé, indo para o mundo. Outros haviam voltado para a Igreja Adventista. Outros haviam falecido. Em Strasbourg, entre os poucos remanescentes, estava uma irmã idosa, que havia acumulado quantia significativa de dízimos e ofertas. Entregou-a, então, aos encarregados da Obra.

Em 1995, quando os últimos capítulos deste livro estavam sendo escritos, como sobrevivente entre os pioneiros na França, tínhamos apenas o irmão Alfred Kube e esposa. Dele obtivemos a informação que acabamos de relatar.

No sudeste da França, depois da Segunda Guerra, por muito tempo tivemos pequeno grupo de crentes. Entre eles havia dois colportores que distribuíram muitos milhares de brochuras e folhetos. Nossa obra missionária na França nunca foi restringida por lei. Nossos irmãos nunca tiveram dificuldade em relação ao governo. Contudo, devido ao espírito originado na Revolução Francesa, para grande parte da população, a religião não passava de formalidade inútil. Essa é uma das razões por que tem havido tão pouco interesse pelas coisas de Deus entre o povo francês.

Apesar da falta de interesse quase generalizada, temos tido algum sucesso quanto à conversão de almas. Por meio de nossa ligação com um grupo de adventistas independentes, a mensagem de reforma chegou ao conhecimento do povo adventista em diversas regiões da França. Posteriormente um médico aceitou a mensagem e deu início à obra de saúde conforme escritos do Espírito de Profecia. Por intermédio dele muitas pessoas se familiarizam com a verdade presente. Alguns desses uniram-se ao Movimento de Reforma. Embora o médico não tenha permanecido conosco, colhemos bons resultados de seu trabalho. Além disso, por intermédio de um irmão naturopata, muitos ouviram nossa mensagem. Alguns tornaram-se membros de nossa igreja.

Em 1978 foi comprado um prédio grande em St. Vert, perto de Clermont-Ferrand. Nesse local nosso povo realiza encontros duas vezes por ano. Muitas pessoas foram batizadas no pequeno lago daquela propriedade.

O crescimento de nosso grupo em Paris tornou necessária a aquisição de um lugar de reunião mais apropriado. Para esse fim, em 1989, foi adquirida uma propriedade em Savigny, subúrbio de Paris, onde temos uma igreja.

Os irmãos franceses enfatizam a obra de educação. Consideram profundamente as instruções contidas nos Testemunhos. Com freqüência estudam maneiras de concretizar essas instruções. Alguns já decidiram adotar o sistema de escola doméstica para as crianças.

A mensagem de reforma estendeu-se a alguns dos departamentos de além-mar. Assim, nossos irmãos enviam publicações em francês para a Polinésia Francesa, Martinica, Guadalupe, Guiana Francesa, Congo e outras regiões do Mundo.

25

Península Ibérica (Portugal e Espanha)

Portugal

Durante a assembléia da delegação da Conferência Geral de 1959, São Paulo, Brasil, foi decidido que alguém deveria atender os interessados em Portugal e Espanha. Já haviam sido estabelecidos contatos postais entre a União Brasileira e diversos indivíduos nos dois países ibéricos.

Em 9 de outubro de 1960, quando João Devai chegou a Lisboa com a esposa e o irmão dele, Francisco Devai Papp, André Lavrik os aguardava no porto. Falou-lhes sobre algumas pessoas interessadas e lhes deu lista de nomes e endereços. Os dois irmãos visitaram esses crentes. Por intermédio deles puderam encontrar outros. Ficaram contentes ao encontrar com adventistas amigos algumas de nossas publicações enviadas do Brasil.

João Devai, com sua esposa e seu irmão (Francisco Devai Papp), chegando a Lisboa, Portugal, 1960, para desenvolver a Obra na Península Ibérica

Os dois irmãos Devai não foram os primeiros reformistas a pisar em solo ibérico. Outros já haviam trabalhado ali antes deles. Souberam que Alfred Kube, da França, Fernando Duran, da Espanha, e Silverius Eggarter, da Áustria, haviam colportado em Lisboa. Além desses, Alfred Rieck, da Alemanha, havia trabalhado em Portugal de 1937 a 1960, quando faleceu. Mas o irmão Rieck teve sério desentendimento com os irmãos Kozel e Müller, durante e depois da assembléia da Conferência Geral de 1948. Deixou de ser membro do Movimento de Reforma. Quando a família Devai chegou a Portugal, encontrou alguns crentes dispersos, como ovelhas sem pastor.

Em seu novo campo de trabalho, o primeiro alvo foi procurar as ovelhas perdidas da casa de Israel. Encontraram alguns amigos sinceros que, depois, se tornaram firmes cooperadores. Tiveram, porém, que resolver alguns problemas seculares antes de se dedicarem inteiramente ao trabalho espiritual. Precisavam alugar, em Lisboa, uma casa apropriada em área conveniente. Depois deviam conseguir visto de residência. Isso não era muito fácil. Para se tornarem residentes, precisavam provar que estavam empregados, que a renda era suficiente. Não sabiam como solucionar o problema. Foram aconselhados a registrar a associação publicadora como propriedade deles, e trabalhar como autônomos na venda de livros. Assim conseguiram, pela graça de Deus, legalizar a questão da residência em Portugal. Começaram a colportar. Esse trabalho não foi apenas

prazeroso, mas também necessário. Naqueles dias, era a única fonte de renda. O provérbio "Todos os começos são difíceis" descreve perfeitamente a experiência deles.

Durante os primeiros três meses em Lisboa, nas reuniões da Escola Sabatina havia apenas três membros: João Devai, a esposa e o irmão dele. O grupo cresceu quando se uniu a eles um casal de adventistas e dois filhos, que estavam recebendo do Brasil nossa revista denominacional, Observador da Verdade. Souberam, por meio da revista, que os dois irmãos Devai haviam sido designados para Portugal como missionários. Ao chegarem os dois obreiros, não tinham o endereço do casal de interessados, nem os interessados o endereço dos obreiros. Três meses depois, foi realmente prazer para os Devai conhecer a família Silva, que passou a freqüentar aquela pequena Escola Sabatina. Em novembro de 1961 Joaquim Martins da Silva e esposa foram os primeiros que João Devai recebeu na comunhão da igreja em Portugal. Ajudados por esses irmãos, continuaram trabalhando com outras famílias e indivíduos. Estabeleceram mais contatos missionários.

Enquanto estavam trabalhando na cidade do Porto, conheceram Amadeu Coelho da Rocha, que se tornou um de nossos fiéis coobreiros. Por meio de seu trabalho, tanto no Porto como na Ilha da Madeira, novos interessados foram levados ao conhecimento da verdade.

Em novembro de 1965 o irmão Lavrik visitou Portugal. Na ocasião batizou duas pessoas. O grupo crescia lentamente.

Em novembro de 1970, para atender necessidades crescentes da Obra, os irmãos tiveram que alugar um apartamento para as reuniões em Lisboa, na Rua Neves Ferreira, número oito. Ali conseguiam acomodar até quarenta pessoas.

Nossa clínica de saúde, Oásis Lusitano, em Brejos do Azeitão, próximo a Lisboa, inaugurada em 1994

Em cima: Grupo de irmãos que formavam o núcleo de nossa igreja em Lisboa. A. Lavrik, terceiro da esq. para a dir., é visto com eles (1965)
Meio: Batismo em Trafaria, 1967
Embaixo: Encontro no Seixal, Portugal, com a presença de visitantes estrangeiros, 1984

Entre 1970 e 1972, vários grupos de irmãos, cerca de quarenta ao todo, os quais, no passado haviam estado sob liderança do irmão Rieck, tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma. As reuniões passaram a ser realizadas não somente em Lisboa, mas também em alguns subúrbios: Algés, Almada, Seixal, Montijo. Os doze anos de trabalho dos dois irmãos Devai, entre sofrimentos e lutas, não foram em vão.

Ilha da Madeira

Na Ilha da Madeira, pertencente a Portugal, havia alguns interessados, resultado do trabalho do irmão Manuel da Nóbrega. Embora ele nunca tenha sido membro do Movimento de Reforma, aceitou a mensagem, levando-a a outros. Quando os Devai chegaram pela primeira vez à Ilha, foram recebidos por alguns que conheciam a nossa mensagem. Quando Francisco Devai, da Conferência Geral, em 1970, visitou a ilha, batizou cinco pessoas.

Espanha

Em Barcelona havia um grupo de nove membros organizados pelo irmão Lavrik em 1958. Sob liderança de Fernando Duran, reuniam-se a portas fechadas na loja de produtos naturais dele. Não havia liberdade religiosa no país. Através de seu comércio, o irmão Duran conseguiu encontrar interessados na verdade. Em julho de 1962, quatro pessoas foram acrescentadas à igreja. Nossos irmãos tiveram de agir com muita prudência. O batismo ocorreu num lugar retirado, às quatro e meia da madrugada.

Grupo de reformistas em Barcelona, Espanha, 1962

Logo que a liberdade religiosa foi oficialmente estabelecida na Espanha, os irmãos puderam registrar nossa obra. Abriram um salão para os cultos em Barcelona.

Para atender as necessidades crescentes na Espanha, José Artimidoro Linares, do Peru, chegou em julho de 1966. Por mais de um ano ele foi de grande ajuda para nossos irmãos espanhóis. Por razões de saúde, teve de voltar ao Peru.

No dia 8 de novembro de 1966, a visita do irmão Lavrik foi útil na organização do Campo Ibérico: Portugal e Espanha.

A fim de substituir o irmão Linares, outro obreiro do Peru foi enviado à Espanha. Afonso Narro e esposa estabeleceram residência em Barcelona, em 1977. Ali permaneceram até 1983.

Tendo surgido novos interessados entre os adventistas de mentalidade reformista em Málaga, Sul do país, a Comissão da Conferência Geral enviou José Angel Senior e esposa em 1989. No mesmo ano, um lugar de adoração foi dedicado ao Senhor em Málaga. Em 1990 foi organizada a colportagem. Houve resultado positivo com novos conversos.

Em 1992 o Campo Ibérico foi reorganizado. A Missão Espanhola, com sede em Málaga, foi separada do Campo Português, ficando diretamente ligada à Conferência Geral.

Portugal e Espanha são duas *nações católicas da Europa*. De acordo com Ellen G. White, em *Profetas e Reis*, págs. 188 e 189, ali "Deus tem em reserva um firmamento de escolhidos que brilharão em meio às trevas, revelando claramente ao mundo apóstata o poder transformador da obediência à Sua Lei."

26

Estados Unidos e Canadá

I — Início e primeiros desenvolvimentos

Todos os oficiais da Conferência Geral e muitos líderes da Igreja ASD na América do Norte souberam a respeito da divisão ocorrida na Europa. Porém, tentaram ocultar ao povo os verdadeiros fatos. Repetidas vezes disseram, em muitos lugares, que estavam receosos de que a Obra na Europa estivesse fragmentada. Porém, descobriram que não houve divisão nenhuma, nenhum fragmento se apartou, nada se perdeu, e que tudo estava em união. É política infeliz tentar ocultar os raios do Sol ao meio-dia. Como a falsidade não pode manter-se por muito tempo, logo foram conhecidos os verdadeiros acontecimentos, quando cada vez mais pessoas começaram a ouvir a respeito da divisão e do Movimento de Reforma na Europa.

Este pequeno grupo de crentes, vindos de diferentes Estados do país, representa o começo da obra da Reforma nos Estados Unidos. Foto tirada numa das primeiras conferências da Missão Americana (Takoma Park, Washington, DC, 1927)

Nos Estados Unidos e Canadá, nossa revista *Wächter der Wahrheit* (Observador da Verdade) abriu caminho para a mensagem de Reforma. Um dos que começaram a receber essa revista foi o Dr. Jacob H. Miller, obreiro adventista da Associação do Michigan Oriental. Em 22 de abril de 1920, escreveu ao irmão Otto Welp:

"De alguém tenho recebido o Wächter der Wahrheit. Tenho-o lido com grande interesse. No dia 1º de janeiro de 1919, o número especial intitulado *Apostasia entre o Povo Adventista* foi algo que, de modo especial, nos abriu os olhos."

Durante reunião de obreiros na União dos Lagos, o Dr. Miller foi repreendido por não trabalhar em harmonia com a organização Adventista do Sétimo Dia. (*Lake Union Herald*, 19 de março de 1921). Pediram-lhe que não se envolvesse com a divisão na Europa nem escrevesse para lá. O pastor P. E. Brodersen, então superintendente do Bureau of Home Missions, disse: "O irmão Miller deve desligar-se da facção na Alemanha e de quaisquer dos seus simpatizantes na América." O pastor William Guthrie, então presidente da União dos Lagos, acrescentou: "Sim, ele [o irmão Miller] precisa cortar ligações com essas pessoas da Europa." Como o irmão Miller não aprovasse opiniões e métodos adotados pelos líderes, foi demitido do trabalho na Igreja Adventista. Contra ele foram formuladas muitas acusações.

Ao serem tomadas providências para livrar dos "obreiros indesejáveis" a Associação do Michigan Oriental, envolveram também a irmã Theresa Fetzer, que estava ao lado do irmão Miller.

Depois que Miller foi demitido da Obra, dirigiu-se a diversos lugares nos Estados Unidos e Canadá, onde pregou a mensagem de

reforma. Embora não tenha permanecido no Movimento, estabeleceu muitos contatos e abriu muitas portas para os missionários reformistas vindos da Europa.

Em maio de 1922, conforme explicamos noutro capítulo, Otto Welp e Heinrich Spanknöbel foram enviados à assembléia da Conferência Geral, em São Francisco, Califórnia, com um apelo da parte da minoria excluída. Em vão os dois representantes tentaram obter audiência. Aos líderes adventistas parecia mais importante alcançar cargos mais elevados. Os jornais de San Francisco revelaram a situação política prevalecente durante a assembléia da Conferência Geral. Um dos diários informava:

"Adventistas em acirrado debate mudam de líder. William A. Spicer, Secretário da Conferência Geral, nomeado para a presidência.

"Ontem, depois de uma luta que abalou a organização mundial dos Adventistas do Sétimo Dia até os alicerces e ameaçou ruptura nas fileiras de seus obreiros, foi alcançado acordo entre os dois oficiais principais. O resultado foi a adoção unânime do relatório da comissão de nomeação indicando William A. Spicer para a presidência e remoção do presidente Arthur G. Daniells para o cargo de secretário geral, função exercida por Spicer durante vinte anos.

"Porém, o acordo só foi alcançado após muita crítica ferina e amarga denúncia da 'política suja' que o presidente Daniells e alguns de seus partidários disseram ter sido praticada por meses na campanha destinada a efetuar a substituição de presidentes." — *San Francisco Chronicle*, 23 de maio de 1922.

Depois da eleição, os delegados tomaram o seguinte voto, publicado no *Boletim da Conferência:*

"Considerando que, conforme evidências inconfundíveis, certo número comparativamente pequeno tem estado a exercer influência maléfica, empregando métodos políticos para minar a influência e destruir a reputação de nossos honrados oficiais, pela graça de Deus ficou resolvido que estamos completamente arrependidos de todas essas coisas profanas."

Quando os delegados da Reforma viram que os líderes da Conferência Geral não lhes concederiam audiência, decidiram dirigir apelo geral ao povo adventista. O folheto intitulado *Jesus Chora por Seu Povo* foi distribuído entre os que estavam presentes à assembléia da Conferência Geral dos ASD em 1922.

Os primeiros obreiros permanentes da Reforma foram da Alemanha para os EUA em 1923. Num dos seus relatórios, C. Kozel diz:

"Em 1923 o irmão W. Welp e depois o irmão A. Dörschler emigraram para os EUA às próprias expensas. Em 1925, o irmão P.

Rasmussen [da Dinamarca] foi enviado pela Conferência Geral para os EUA a fim de examinar o trabalho do irmão Carl Spanknöbel. Nessa ocasião, esse irmão foi suspenso da função de obreiro e líder da Obra na América do Norte, pelo irmão Rasmussen. Apesar da punição, deve ser dito em seu favor que não se revoltou contra o Movimento de Reforma. O irmão Rasmussen ordenou para a Obra os irmãos W. Welp e A. Dörschler. Posteriormente, o irmão O. Welp, o pai, então presidente da Conferência Geral, os confirmou como obreiros e líderes do Movimento de Reforma nos EUA."

Segundo informações obtidas da revista *Sabbath Watchman* (Sentinela do Sábado), os nomes de A. W. Dörschler, W. O. Welp e O. Kramer são mencionados com freqüencia entre os primeiros obreiros da Reforma que foram de além-mar para dedicar tempo e esforços na América.

Numa carta de 21 de janeiro de 1946, o irmão Kramer assim resumiu sua experiência com relação ao começo do trabalho nos EUA:

"Em 1925 vim para a América a fim de ajudar na Obra em regime de sustento próprio. Primeiro estive com Carl Spanknöbel até que ele abandonou a verdade. Depois recebi o encargo de cuidar da igreja em Detroit. O Senhor abençoou nosso trabalho. Pude trabalhar ombro a ombro com os irmãos todos esses anos. Embora eu não estivesse empenhado ativamente na Obra antes de dezembro de 1944, dediquei todo o meu tempo trabalhando para edificar a causa da Reforma."

Quando os reformistas começaram a trabalhar nos EUA, estabeleceram a sede em Detroit, Michigan.

A União Norte-americana dos ASD reformistas, com sede em Trenton, New Jersey, foi registrada em 9 de fevereiro de 1927.

The *Sabbath Watchman*, órgão oficial da União Norte-americana, começou a ser impresso em 1926. Era publicado em Kalamazoo, Michigan. Depois, em 1945, a obra de publicações foi transferida para Denver, Colorado.

Nos artigos publicados no *Sabbath Watchman*, podemos ver que, em resultado de alguns anos de trabalho, começaram a aparecer igrejas e grupos de reformistas em muitos lugares da América do Norte: Detroit e Kalamazoo, no Michigan; Baltimore, em Maryland; Shattuck, em Oklahoma; Jackson Center, em Ohio; Saint Louis, no Missouri; Lehr, em Dakota do Norte; Hamilton, no Canadá; etc.

Dificuldades na Obra

A obra de Reforma na América do Norte teve que enfrentar os mais sérios obstáculos. De uma carta circular de 12 de abril de 1949, publicada pelos líderes da União Norte-americana, citamos:

"O navio da Reforma na América do Norte tem sido freqüentemente ameaçado de naufrágio espiritual devido aos ataques de falsos irmãos que tentaram impor idéias pessoais em nossas fileiras."

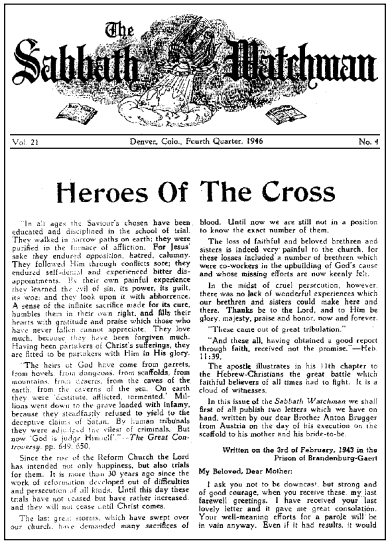
Um dos maiores impedimentos ao progresso da Obra nos EUA e Canadá foi a discordância entre os líderes da União Norte-americana e três sucessivos presidentes da Conferência Geral.

Na Assembléia Geral de julho de 1948 a divergência foi apresentada à delegação para que fosse obtida a solução. Porém, a decisão dos delegados não foi favorável aos líderes da União Norte-americana.

Reorganização

A delegação da Assembléia da CG de julho de 1948 decidiu que a Obra nos Estados Unidos precisava ser reorganizada. A decisão dizia:

"Foram tomadas providências para que [D. Nicolici] se encarregue do trabalho e convoque uma conferência a fim de que a Obra seja organizada apropriadamente. O presidente da Conferência Geral [C. Kozel] deverá ajudar o irmão Nicolici no que diz respeito a essa reorganização."


The Sabbath Watchman

Vol. 21 Denver, Colo., Fourth Quarter, 1946 No. 4

Heroes Of The Cross

"In all ages the Saviour's chosen have been educated and disciplined in the school of toil. They walked in sorrow paths on earth; they were purified in the furnace of affliction. For Jesus' sake they endured opposition, hatred, calumny. They followed Him through conflicts sore; they endured self-denial and experienced bitter disappointments. By their own painful experience they learned the evil of sin, its power, its guilt, its woe; and they look upon it with abhorrence. A sense of the infinite sacrifice made for its cure, humbles them in their own sight, and fills their hearts with gratitude and praise which those who have never fallen cannot appreciate. They love much, because they have been forgiven much. Having been partakers of Christ's sufferings, they are fitted to be partakers with Him in His glory.

"The heirs of God have come from garrets, from hovels, from dungeons, from scaffolds, from mountains, from caverns, from the caves of the earth, from the caverns of the sea. On earth they were destitute, afflicted, tormented. Mid lions were driven to the grave loaded with infamy, because they steadfastly refused to yield to the deceptive claims of Satan. By human tribunals they were adjudged the vilest of criminals. But now God is judge Himself."—*The Great Controversy*, pp. 649, 650.

Since the rise of the Reform Church the Lord has intended not only happiness, but also trials for them. It is more than 30 years ago since the work of reformation developed out of difficulties and persecution of all kinds. Until this day these trials have not ceased but have rather increased and they will not cease until Christ comes.

"The last great storms, which have swept over our church, have demanded many sacrifices of blood. Until now we are still not in a position to know the exact number of them.

The loss of faithful and beloved brethren and sisters is indeed very painful to the church, for these losses included a number of brethren which were co-workers in the upbuilding of God's cause and whose missing efforts are now keenly felt.

In the midst of cruel persecution, however, there was no lack of wonderful experiences which our brethren and sisters could make here and there. Thanks be to the Lord, and to Him be glory, majesty, praise and honor, now and forever.

"These came out of great tribulation."

"And these all, having obtained a good report through faith, received not the promise. —Heb 11:39.

The apostle illustrates in his 11th chapter to the Hebrew-Christians the great battle which faithful believers of all times had to fight. It is a cloud of witnesses.

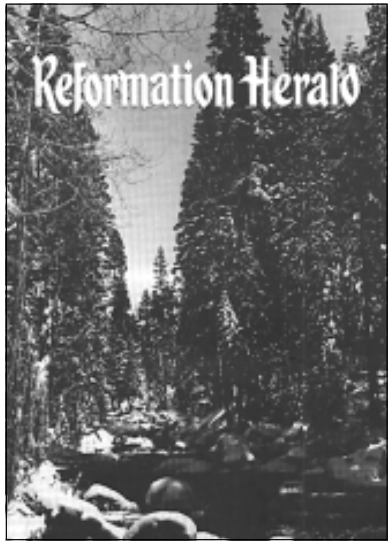
In this issue of the *Sabbath Watchman* we shall first of all publish two letters which we have on hand, written by our dear Brother Anton Brugger from Austria on the day of his execution on the scaffold to his mother and his bride-to-be.

Written on the 3rd of February, 1943 in the Prison of Brandenburg-Gaerd

My Beloved, Dear Mother:

I ask you not to be downcast but strong and of good courage, when you receive these, my last farewell greetings. I have received your last lovely letter and it gave me great consolation. Your well-meaning efforts for a parole will be in vain anyway. Even if it had results, it would

***The Sabbath Watchman**, publicado desde 1926, foi o primeiro periódico lançado pelos reformistas nos Estados Unidos*



***The Reformation Herald**, iniciado em 1950, tem acesso a muitos lares de crentes na Tríplice Mensagem*

Grupo de reformistas, Los Angeles, Califórnia, 1970

Na Assembléia da CG, de 1948, A. Rieck era secretário cessante. O presidente da União Alemã, J. Adamczak era presidente de mesa dessa assembléia. Em 1950, ambos publicaram boletins nos quais afirmaram que essa Assembléia estivera sob forte influência de C. Kozel e A. Müller, os quais se tornaram respectivamente presidente e vice-presidente da CG.

Houve quem afirmasse que algumas das decisões de 1948 foram expressões pessoais desses dois líderes. Julgavam ter autoridade para substituir diretamente um presidente de União sem consultar os delegados nem a Comissão (Ver Testemunhos Seletos, vol. 3, págs. 240 e 241). A União Norte-americana, obviamente, não concordou. Conseqüência: houve crise.

Conforme carta circular de 28 de março de 1949, expedida pelo irmão Nicolici, nesse mês foram realizadas duas conferências:

"Primeiramente, desejamos agradecer a Deus que, após as nuvens e a tempestade, preparou um arco-íris e um dia ensolarado para Seu povo. Participamos do banquete espiritual apresentado nas conferências realizadas em St. Louis e em Roseburg. A conferência na região oriental, em St. Louis, Missouri, lançou os fundamentos da reorganização nos Estados Unidos da América. Na conferência ocidental, em Roseburg, Oregon, foi completada a estrutura."

A família Nicolici mudou-se da Austrália para os EUA em novembro de 1949. O irmão Nicolici desempenhou deveres administrativos até 1966, quando foi aposentado. Antes da jubilação, havia feito inúmeras viagens por todo o Mundo a serviço da Obra.

Uma de nossas igrejas em Los Angeles, Califórnia, 1985

Outros obreiros também foram transferidos para os Estados Unidos. A região norte-americana [Estados Unidos e Canadá] foi subdividida em mais campos. A partir do início dos anos de 1990, foi dedicada maior atenção à necessidade de obreiros qualificados para atender exigências locais específicas.

Em 1974 começou a funcionar a escola missionária em nossa propriedade, Moriah Hights, perto de Sacramento, Califórnia. Por falta de alunos foram interrompidas as atividades durante alguns anos. Em 1º de abril de 1993 foram retomadas as aulas. Como a escola não dispunha de instalações próprias, diversos campos ofereceram as suas. O primeiro período letivo (abril-junho) foi em Denver, Colorado. Depois a escola mudou-se para Shohola, Pennsylvania, enquanto ainda era estudado o possível lugar definitivo. Inicialmente, o curso era de pequena duração: três meses de teoria na escola alternados com três meses de prática no campo. Assim foi desde abril de 1993 até maio de 1995.

A Obra estava-se expandindo lentamente na América do Norte e, assim, a Conferência Geral tinha possibilidade de estender cada vez mais ajuda a nossas missões estrangeiras.

27

Brasil

I — Início e desenvolvimentos posteriores

O primeiro obreiro bíblico reformista a chegar ao Brasil foi André Lavrik. Logo após sua chegada, em dezembro de 1924, começou a trabalhar para o Senhor.

Antes do fim de 1927, um grupo de adventistas de mentalidade reformista foi organizado em Nova Europa, Estado de São Paulo. Em novembro do mesmo ano, foi realizada pequena reunião de reformistas, em Vila Anastácio, subúrbio da capital paulista. Essa foi a nossa primeira conferência no Brasil. Cerca de vinte pessoas estavam presentes. Era 5 de novembro de 1927. Carlos Kozel, que dirigiu a conferência, celebrou o batismo dos dois primeiros reformistas: André Cecan e o pai. Foi organizado em São Paulo pequeno grupo de nove membros.

Informou-nos o irmão Cecan: "Naqueles dias, não tínhamos ministro no Brasil. Os leigos lideravam nossas reuniões. Porém, ha-

O primeiro grupo de reformistas organizado no Brasil (Nova Europa, SP, 1927)

via a séria barreira do idioma. Alguns falavam romeno e húngaro. Outros, só húngaro. Alguns falavam russo e romeno. Outros, só russo. Alguns, apenas alemão. Quando um irmão era convidado a apresentar um estudo, o máximo que conseguia era anunciar os textos bíblicos, um após outro. Mesmo assim, nem sempre era compreendido por todos. Às vezes era preciso escrever os versículos no quadro-negro. E, na reunião, todos examinavam as passagens, na própria Bíblia. Ao ser anunciado o hino, todos cantavam, cada qual em seu próprio idioma.

Uma das primeiras conferências reformistas no Brasil (segunda em São Paulo, terceira no Brasil, 1928)

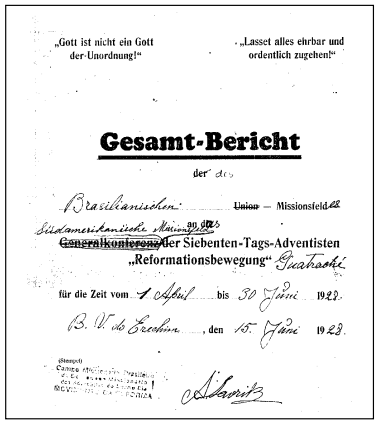
Conferência reformista em Boa Vista do Erechim, RS, 1930, quando a Obra no Brasil foi reorganizada como Campo

"Em nosso primeiro congresso, em São Paulo, novembro de 1927, o irmão Kozel falou em alemão. Não tínhamos intérprete. Foi convidada uma senhora húngara, não pertencente à fé, para traduzir do alemão para o húngaro. Depois era feita a tradução para o romeno, e do romeno para o russo.

"Embora não pudéssemos nos entender facilmente um ao outro, sentíamos que estávamos unidos pelo poder inquebrantável do amor de Cristo no coração. Ninguém se aborrecia com as barreiras da comunicação. Ninguém tinha pressa em ir para casa. Todos participávamos do sentimento dos três discípulos no monte da transfiguração: '*Bom é estarmos aqui*.' Mateus 17:4. Em nosso primeiro amor, muitas vezes derramamos lágrimas de alegria. Esses primeiros dias são inesquecíveis."

Em fevereiro de 1928 foi realizada a segunda conferência no Brasil, em Boa Vista do Erechim, Estado do Rio Grande do Sul. Bom grupo de ASD com mentalidade reformista havia aceitado a mensagem de reforma naquela região. A. Lavrik foi, então, ordenado ao ministério e a Obra foi organizada. Um relatório assinado pelo irmão Lavrik mostra que, em 1° de julho de 1928, tínhamos no Brasil quarenta e dois membros.

Depois dessa conferência, o irmão Lavrik recebeu várias cartas de interessados solicitando estudos. Assim, empreendeu longa via-



„Gott ist nicht ein Gott der Unordnung!“ „Lasset alles ehrbar und ordentlich zugehen!“

Gesamt-Bericht

der des

Brasilianischen ~~Union~~ — Missionsfeld

an das

Südamerikanische Missionsfeld

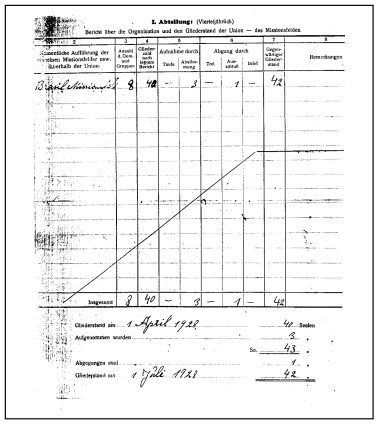
~~Generalkonferenz~~ der Siebenten-Tags-Adventisten „Reformationsbewegung“ Guatraché

für die Zeit vom 1 April bis 30 Juni 1928.

B. V. do Erechim, den 15. Juni 1928.

(Stempel)

A. Lavrik



I. Abteilung: (Vierteljährlich)

Bericht über die Organisation und den Gliederstand der Union — des Missionsfeldes

1	2	3	4	5		6		7	8
Namentliche Aufführung der einzelnen Missionsfelder usw. innerhalb der Union	Anzahl d. Gem. und Gruppen	Gliederstand nach letztem Bericht	Aufnahme durch		Abgang durch			Gegenwärtiger Gliederstand	Bemerkungen
			Taufe	Abnahme	Tod	Ausschluß	Inhalt		
Brasil Missionsfeld	8	40	—	3	—	1	—	42	
Insgesamt	8	40	—	3	—	1	—	42	

Gliederstand am 1 April 1928 40 Seelen

Aufgenommen wurden 3

Sa. 43

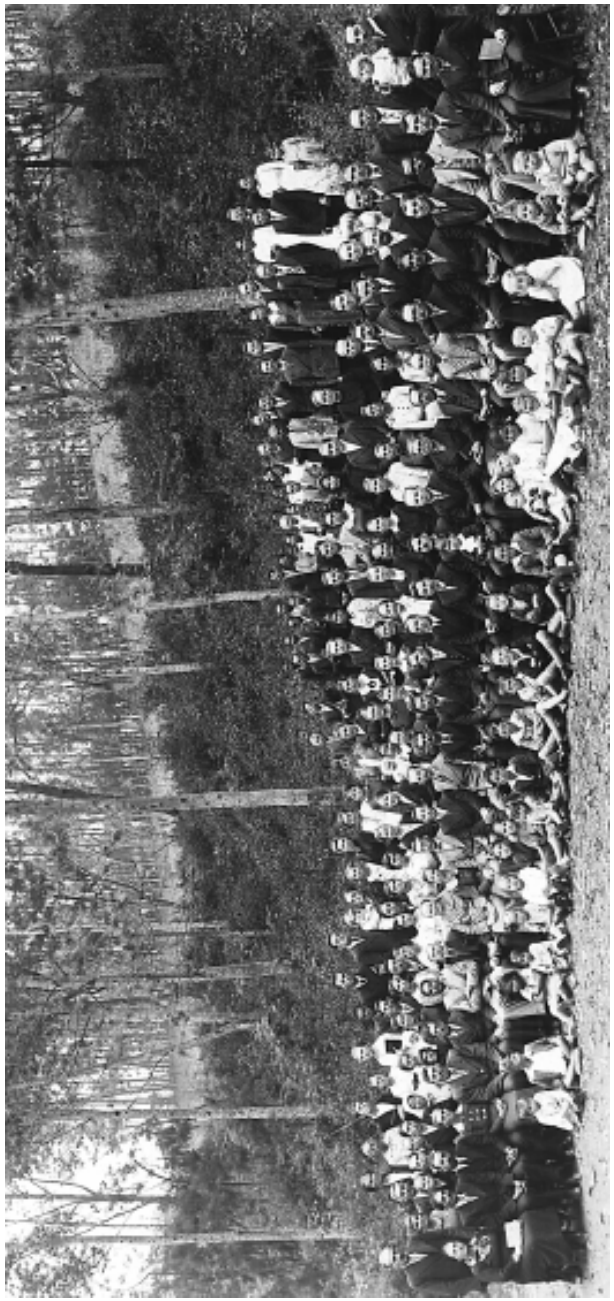
Abgegangen sind 1

Gliederstand am 1 Juli 1928 42

Um dos primeiros relatórios apresentados pela Missão Brasileira ao Campo Sul-Americano, em 1928. Havia 42 membros no Brasil

gem missionária. Em alguns lugares encontrou muita oposição. Os líderes adventistas haviam advertido os membros dizendo que os reformistas eram perigosos. Com a ajuda de Deus, o irmão Lavrik conseguiu dar testemunho da verdade, tanto verbalmente como por meio de publicações. Várias pessoas tomaram posição ao lado da verdade. Foram persuadidas pela Bíblia e pelo Testemunho de que esta obra reformatória é de Deus. Esses irmãos, tendo já visto a apostasia, reconheceram a absoluta necessidade de reforma.

Conferência em São Paulo, 1933. O edifício atrás, inaugurado em 1931, é uma das primeiras capelas reformistas construídas no Brasil (Lapa, São Paulo)

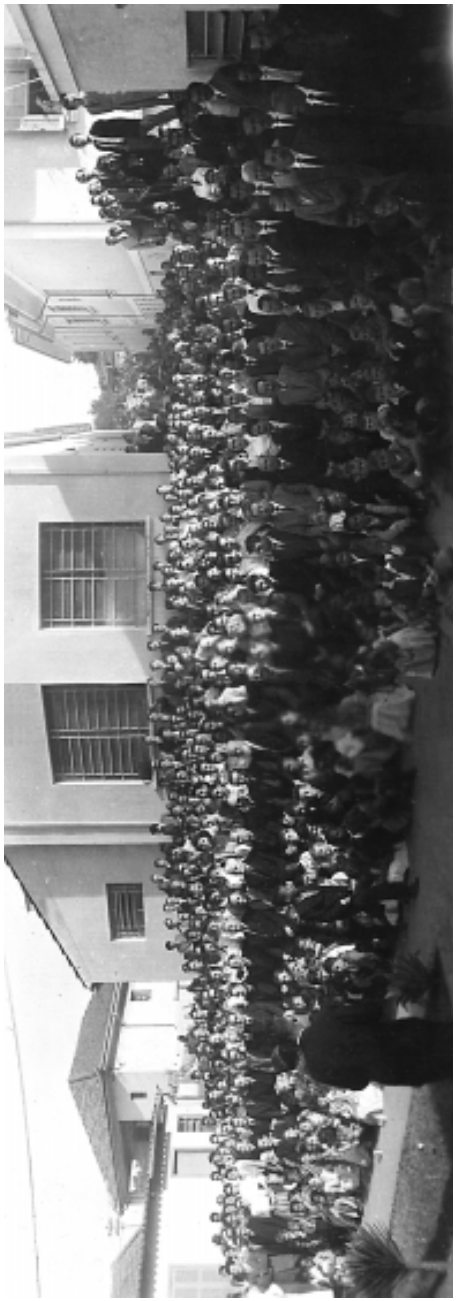


Conferência reformista, Lapa, São Paulo, 1938

Batismo em São Paulo (52 almas), 1951

Delegados da conferência da União, Vila Matilde, São Paulo, 1952.
O edifício à direita alojava nossa tipografia desde 1952

Conferência ocorrida no salão localizado na parte posterior da propriedade de Vila Matilde, durante uma visita dos delegados da CG (1955)



Conferência realizada durante a assembléia de delegados da CG de 1959, em Vila Matilde, São Paulo.
Os edifícios que aparecem numa das fotos anteriores (Conferência da União, 1952)
podem ser vistos a partir do pátio: o templo e escritórios adjacentes à direita,
e a tipografia, com as duas grandes janelas, à esquerda

O Senhor concedeu ao irmão Lavrik muita alegria na Obra. Sempre encontrava interessados por onde quer que andasse. Portanto, foi iniciado o movimento reformatório em vários lugares. Durante aquela viagem, foram recebidas na comunhão doze pessoas. Houve considerável número de estudos com interessados, alguns dos quais se tornaram depois decididos reformistas.

No mesmo ano houve outra reunião geral em São Paulo, com a presença do irmão Kozel. Falou sobre a importância de iniciarmos a obra de colportagem. Os que conheciam bem o irmão Kozel sabiam que a colportagem era assunto ao qual ele atribuía importância especial. A idéia, muito boa, foi aceita. Entretanto, os livros precisavam ser escritos e os colportores tinham de ser treinados.

Tendo aumentado o número de membros, a Obra foi organizada como Associação em 31 de janeiro de 1930, data de uma conferência realizada em Boa Vista do Erechim. A sede foi estabelecida em São Paulo. A Associação Brasileira tornou-se União em 1942.

Conforme revelam relatórios apresentados nas conferências, nosso número de membros continuou crescendo constantemente: 1938, 243 membros; 1940, 309; 1946, 519.

Em novembro de 1949, o irmão Lavrik descreveu com júbilo o progresso da Obra:

"No Brasil, pela graça de Deus, estamos prosseguindo. Temos mais de setecentos membros e cerca de trezentos interessados. Num lugar, recentemente, mais de trinta adventistas uniram-se a nós. Cerca de cinqüenta pessoas estão trabalhando com êxito na colportagem. Estamos construindo templos em cinco lugares. Em São Paulo estamos equipando uma pequena clínica de saúde, onde serão ministrados tratamentos naturais... Três igrejas foram organizadas. Estamos planejando organizar a quarta. Nosso alvo é estabelecer trabalho firme em todas as grandes cidades... Pela graça do Senhor, em breve teremos, também, escola missionária... Louvado seja Deus por Seu auxílio."

Nossa obra de publicações

Nossas primeiras publicações em português apareceram em 1928 e 1929. Um folheto e uma brochura constituíram o início humilde e pequeno de nossa literatura. O irmão André Cecan, com vinte anos, foi nosso primeiro colportor. Pouco depois, o irmão Jorge Devai Júnior uniu-se a ele. Os colportores vendiam Bíblias que eram entregues com as brochuras e os folhetos.

A publicação de nossas lições da Escola Sabatina em Português foi iniciada em 1930. O primeiro periódico de nossa igreja no Brasil,

Atalaia da Verdade, começou a circular no fim do ano de 1930. Em janeiro de 1940 o título foi mudado para *Observador do Sabbado.* Ainda não completamente satisfeitos com o novo título, em 1942, os irmãos o substituíram para *Observador da Verdade*.

Foi dedicado muito empenho à colportagem. Logo foi iniciada a tradução de livros. O primeiro, *Que Nos Trará o Futuro?*, foi editado em 1932. Um livro de saúde, em 1933. Dois outros foram publicados pouco depois. Um grupo de quatro colportores foi organizado em 1933: André Cecan, Desidério Devai, José Devai e Estêvão Portik.

Eis uma estatística que pode dar ao leitor idéia de como a colportagem no Brasil foi crescendo lentamente, mas com firmeza: de setembro de 1938 a novembro de 1940, pouco mais de dois anos, cerca de vinte e cinco colportores venderam mais de dez mil livros. Em 1986, setecentos colportores venderam mais de seiscentos mil livros. Só Deus sabe quanto tempo mais poderemos continuar nesse trabalho.

Igrejas e pequenas instituições

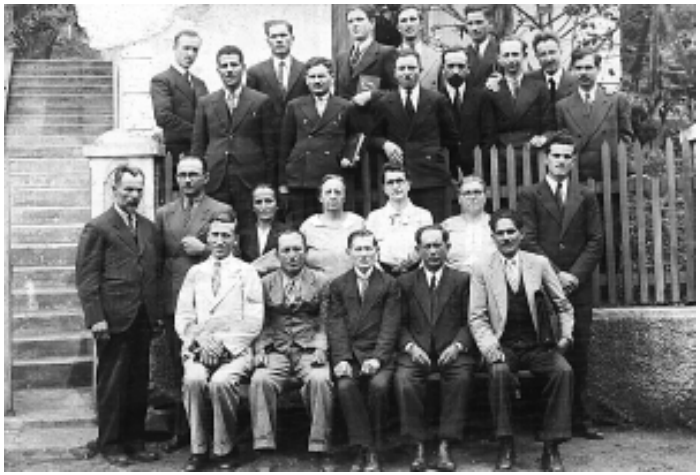
Em 1929, com muito sacrifício foi construída a primeira igreja no bairro da Lapa, em São Paulo, Capital. Foi inaugurada em 1931. A segunda, em 1936, Lavras, Estado do Rio Grande do Sul. Terceira em Cedro, 1936, Estado de São Paulo. Quarta, em 1943, em São Paulo, Capital. Esta, na Rua Tobias Barreto, 809, Belenzinho, foi construída com certo número de compartimentos e instalações para diversas atividades.

Primeiro grupo de colportores reformistas no Brasil (organizado em 1933)

Em 1995 tínhamos 169 igrejas, 47 casas de oração e 43 salões alugados.

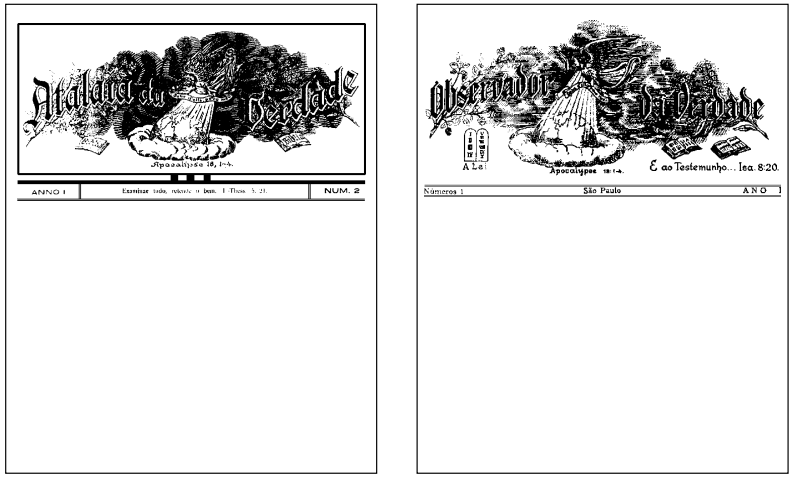
Em 1950, no mesmo lugar onde a quarta igreja foi erguida, teve início uma oficina gráfica, e uma pequena clínica.

O projeto de Vila Matilde, São Paulo, teve importância especial para o desenvolvimento da Obra no Brasil. Desde 1948 as reuniões da igreja



Seminário para obreiros bíblicos e colportores, na Lapa, São Paulo, 1938

local eram realizadas na casa de um irmão. O lugar se tornou pequeno devido à assistência crescente. Os irmãos começaram a procurar um terreno para a construção do templo. Providencialmente, encontraram uma propriedade grande com dois edifícios. Ali havia funcionado uma pequena fábrica de vidro. O mais antigo dos prédios foi demolido e o mais novo adaptado para servir temporariamente como salão de reuniões.



Nossos primeiros periódicos denominacionais no Brasil

Grupo de colportores reunidos em Brasília, Brasil (conferência e seminário, 1979)

À dir., dois de nossos colportores preparando-se para realizar a entrega de livros numa das cidades do Estado de São Paulo (1978); mais à dir., alguns dos livros vendidos por nossos colportores no Brasil

Conferência realizada em nosso quarto templo no Brasil, segundo em São Paulo (Belém), 1944. Este edifício, inaugurado em 1943, inclui escritórios nos fundos, onde a sede da União Sul-Brasileira esteve localizada até 1994

Alguns de nossos templos no Brasil:
Acima e à esq.: Itaporã, Estado do Mato Grosso do Sul
Acima e à dir.: Londrina, Estado do Paraná
Embaixo e à esq.: Campo Grande, Estado do Mato Grosso do Sul
Embaixo e à dir.: Florianópolis, Estado de Santa Catarina

A União, responsável pelo projeto, construiu a igreja e uma residência. A inauguração ocorreu em 1951. Um grande galpão industrial foi acrescentado ao já existente para atender o ministério da página impressa. No fim do mesmo ano, foi estabelecida em Vila Matilde uma gráfica, à qual foi incorporada a oficina de encadernação. Em 1985, uma editora de proporções bem maiores foi estabelecida em Itaquaquecetuba, Estado São Paulo, para atender à crescente demanda da obra de publicações.

Começo da obra de publicações em Vila Matilde, São Paulo, 1952

A nova editora (Itaquaquecetuba, SP), inaugurada em 1985

Outro prédio de dois pavimentos foi erguido nos fundos da propriedade de Vila Matilde. Ali, em 1954, foi inaugurada a Escola Missionária. Os irmãos João Moreno, Alfredo Carlos Sas, Juracy José Barrozo, Daniel Dumitru, Benjamin Burec, Ary Gonçalves da Silva, Moisés Quiroga, Artimidoro Linares, Vicente de Oliveira, Waschington Luiz Bueno, Antônio Rivas, Felipe Garcia, e outros estavam entre os primeiros estudantes. Em 1974 a escola foi transferida para Brasília e em 1981 para Curitiba.

Uma escola missionária foi iniciada nos prédios da Vila Matilde, São Paulo, com 21 estudantes, em 1954

Em 1974 a escola missionária foi transferida de São Paulo para Brasília. João Moreno (fileira da frente, à dir.) e Juracy J. Barrozo (segunda fileira, à dir.) eram os professores

Irmãos visitantes em frente à nossa propriedade principal em Brasília, a capital do Brasil (1975), onde a escola missionária estava localizada

A obra educacional no Brasil, com escolas paroquiais, não havia iniciado até 1965. A primeira foi inaugurada em Vila Matilde. Por várias razões, como falta de experiência, administração adequada, professores qualificados, e mesmo de alunos, esse pequeno início prosseguiu somente até 1971. Porém, o plano de promover a obra educacional não foi abandonado. Com muitas orações e preparação criteriosa, foi dado novo início com a inauguração da Escola Isaac Newton, em dezembro de 1986, Artur Alvim, São Paulo. O projeto obteve sucesso. A escola iniciou as atividades com seis classes, oito

De Brasília a escola missionária foi para Botiatuva, próximo a Curitiba, PR, 1981

Formatura na Escola Bíblica Radiopostal, Vila Matilde (1974). Atrás estão os membros de um dos corais de São Paulo

professores e trezentos e sessenta alunos, sob direção do irmão Edgar Carlos Luup. O edifício da escola precisou ser ampliado após alguns anos. No início de 1996 havia vinte salas de aula, quarenta professores e mil, cento e cinqüenta alunos. Conforme as leis do país, as classes foram assim organizadas:

Jardim da Infância: dois anos.

Ensino Fundamental: nove anos.

Segundo Grau: três ou quatro anos.

Escola Isaac Newton, Artur Alvim, São Paulo, inaugurada em dezembro de 1986

Professores e funcionários da Escola Isaac Newton, 1987. À esquerda está Edgard Carlos Luup, o diretor

Até 1996 já haviam sido estabelecidas escolas paroquiais em seis outras localidades, sob liderança do irmão Luup.

Tendo sido ampliadas as instalações na Vila Matilde, a fim de atender as necessidades crescentes da Obra, um dos edifícios foi designado para o programa radiofônico. O projeto teve início em 1964, na forma ilustrada pela parábola do grão de mostarda. A Esco-

Nossa casa de repouso, antigo edifício, Louveira, SP

Casa de repouso, novas instalações (ainda em construção, em 1995)

la Bíblica Radiopostal "A Verdade Presente" foi acrescentada em 1974. No início de 1996 havia cinco mil alunos inscritos. Não podemos nos orgulhar dessas cifras ao pensarmos na população do Mundo que cresce em proporção alarmante: cerca de duzentos mil por dia. Mas Aquele que apreciou o sacrifício da viúva pobre não exige de nós mais do que podemos dar. Ele certamente há de abençoar nossas *duas moedas*. Lucas 21:1-4. O livro *Parábolas de Jesus*, pág. 397, diz: "Não é a soma do trabalho que executamos, nem os resultados visíveis, mas o espírito com que o fazemos, é que o torna valioso para Deus." Embora pequena porcentagem dos alunos inscritos se

A clínica naturista com 41 leitos em Botiatuva (próximo a Curitiba), PR

O templo próximo ao hospital, onde os pacientes, em sua maioria não-conhecedores da Tríplice Mensagem, têm a oportunidade de ouvir a Palavra de Deus

una à igreja, nossos irmãos brasileiros estão convencidos de que seus esforços não são inúteis. Há boas razões para crer que pelo menos alguns desse alunos estarão no reino da glória.

Em 1953, o asilo para idosos foi construído em Louveira, Estado de São Paulo.

Em 1980, um sanatório de tratamentos naturopáticos com 41 leitos foi estabelecido em Botiatuva, perto de Curitiba, Estado do Paraná.

II — Superando dificuldades e crises

Relatórios disponíveis mostram que o início da obra de Reforma no Brasil foi com muitas lutas. Eis um exemplo:

O pastor G. W. Schubert, representante da Conferência Geral da Igreja ASD, enviado dos Estados Unidos, começou uma obra de oposição. Empregou informações incorretas, deturpações e calúnias, a fim de paralisar a obra de Reforma. Visitou principalmente os crentes de fala alemã que se haviam despertado para a mensagem. Divulgou grande quantidade de folhetos publicados, em seus dias, na Alemanha: *Laodicéia — Babilônia e os reformistas entre si.* Seus esforços não ficaram sem efeito. Em Nova Europa, Estado de São Paulo, todos os interessados na Reforma se uniram a ele. Apenas uma irmã continuou no Movimento de Reforma.

Quando os irmãos Kozel e Lavrik souberam do ocorrido, foram imediatamente para lá. A primeira providência tomada foi procurar um irmão da liderança. Perguntaram se lhes dariam permissão para falar na reunião no Sábado seguinte. O pedido foi recusado. Um telegrama solicitando auxílio foi enviado imediatamente à liderança adventista em São Paulo, a um dia de viagem de Nova Europa. Mediante a influência do pastor Schubert, alguns irmãos estavam com tantas suspeitas que decidiram não mais ouvir os reformistas. Mas, enquanto o homem propõe, Deus dispõe. Kozel e Lavrik deram testemunho da verdade, para a honra e glória de Deus.

No Sábado de manhã visitaram o ancião da igreja, proprietário de uma fazenda que ficava a uma hora e meia de Nova Europa. Vários irmãos estavam reunidos na casa dele para a Escola Sabatina. Houve permissão para que nossos dois obreiros tomassem parte na lição e no culto. Alguns estiveram atentos para a atuação do Espírito Santo. Na prece, o ancião local deu testemunho favorável ao Movimento de Reforma.

Então, os dois obreiros reformistas se apressaram em visitar os irmãos um a um. Nosso Pai celestial abrandou corações que haviam estado empedernidos. Todos queriam presenciar o debate que haveria após a chegada dos líderes de São Paulo. O presidente da Associação e o intérprete chegaram quarta-feira à noite. Naquela mesma noite, numa reunião, decidiram que convidariam os dois obreiros da Reforma, Kozel e Lavrik, para um debate público a ser realizado no dia seguinte às dez da manhã.

Quinta-feira, na hora marcada, o presidente da Associação proferiu um discurso de duas horas e meia contra o Movimento de Reforma. Obstinadamente recusou-se ao debate. Nossos dois obreiros

não tiveram permissão para falar. Então, o ancião da igreja levantou-se, deu testemunho em favor da mensagem de reforma e insistiu que era justo deixar os dois reformistas dizerem algo. Naquela tarde, de acordo com petição unânime, os dois irmãos receberam permissão para dar testemunho da Obra do Senhor. Entretanto, não houve debate.

No Sábado seguinte, Kozel e Lavrik foram convidados para as reuniões deles em Nova Europa. Nossos irmãos esperaram durante muitas horas, mas não lhes foi permitido falar. A fim de ocultar a apostasia da liderança adventista, o presidente da Associação apresentou longo discurso no qual mencionou os pecados de Davi e de Moisés. Concluiu a palestra com a seguinte observação: "Em continuação teremos ainda um estudo bíblico, somente para os membros da igreja. Os que estão decididos pelo Movimento de Reforma, por favor, deixem-nos agora, calmamente, sem nos perturbar e sem falar."

O ancião da igreja e três irmãs levantaram-se e saíram com nossos dois obreiros. No domingo à noite, houve reunião na casa do dirigente. Cinco pessoas foram recebidas em nossa igreja. Então os irmãos Kozel e Lavrik voltaram imediatamente para São Paulo onde seria realizada uma conferência. Era novembro de 1927.

Conforme Gálatas 4:19, essa experiência mostra as lutas dos primeiros grupos de reformistas estabelecidos no Brasil. (Adaptado de *Sabbat-Wächter*, 1º de fevereiro de 1928.)

III — Biografias e experiências pessoais

André Lavrik

André Lavrik nasceu em 2 de setembro de 1902, na cidade de Kolenkoutsy, Bessarábia. Esse distrito foi cedido à Rússia pelos turcos em 1812. Depois foi anexado à Romênia em 1918 e novamente incorporado à Rússia em 1940, quando se tornou parte da República Socialista Soviética da Moldávia. Era o filho mais jovem da família Lavrik, que professava a fé ortodoxa. Quando a mensagem do advento chegou à região em que os Lavrik habitavam, ele, a mãe e dois irmãos dele a aceitaram e se tornaram parte de um grupo de crentes adventistas. Pouco depois, chegaram os missionários do Movimento de Reforma. A maioria daquela congregação adventista aceitou a mensagem com alegria. Entre 1919 e 1920, André, a mãe e dois irmãos tomaram posição ao lado da mensagem pregada por esses missionários.

Enquanto estava na Europa, de 1922 a 1924, o irmão Lavrik foi colportor, auxiliar de obreiro e obreiro bíblico. Movido por forte espírito missionário, conduziu almas a Cristo na Bessarábia, Romênia e, por breve período, na Checoslováquia.

Depois de ter sofrido perseguição e prisão por amor à verdade, no fim de 1924, decidiu mudar para o Brasil. Chegando a São Paulo, enfrentou muitas provações. Sem dinheiro, sem amigos, sem nenhum endereço e sem conhecer o idioma, foi-lhe penoso começar a vida em país estrangeiro. O Brasil convalescia de uma guerra interna. Era difícil encontrar emprego. Mas, depondo inteira confiança no Senhor, suportou a prova. Conseguiu trabalho, e em pouco tempo pagou o empréstimo feito no país de origem, destinado à viagem de navio para o Brasil.

O irmão Lavrik não sabia que alguns adventistas húngaros de mentalidade reformista, da família Devai, haviam chegado a São Paulo antes, e estavam suplicando a Deus o envio de alguém que os ajudasse a iniciar a Obra. Logo que descobriu o endereço dessa família, foi procurá-la. A princípio foi difícil entenderem-se devido à barreira do idioma.

Em 1926 chegou nova ajuda — a família Cecan. Depois do batismo, o jovem André Cecan tornou-se o braço direito do irmão Lavrik. Naquela época eram insignificantes as entradas de dízimos e ofertas. Para sustentarem-se, precisavam trabalhar em ocupações seculares. O irmão Lavrik era sapateiro. Preferia, porém, dizer: "Sou apenas remendão". O jovem Cecan era construtor, mas preferia considerar-se "meia colher". Do seu ganho, sempre conseguiam economizar algum dinheiro para transporte a serviço da Obra. Tendo já estabelecido contatos em vários lugares, as viagens missionárias se tornaram necessidade.

Havia já interessados em Nova Europa, no Estado de São Paulo; Bom Retiro, em Santa Catarina; e Boa Vista do Erechim, no Rio Grande do Sul. Em Erechim havia muito trabalho. Considerável grupo de adventistas alemães aceitaram a mensagem de reforma. Para atender os interessados, o irmão Lavrik se mudou para Erechim. Em 20 de fevereiro de 1928, durante pequena conferência naquela cidade, foi ordenado ao ministério. Casou-se com Selma Schelske em 6 de maio de 1931. Com o alvo de estabelecer o início da colportagem, o irmão Lavrik, quando dispunha de alguma folga, estendia o expediente até tarde da noite, traduzindo publicações do alemão para o português. A declaração: "Todo começo é difícil", também foi realidade com respeito a esse projeto. Inicialmente, a irmã Selma levava, a pé, à agência do correio, a literatura para os colportores. Que mudança desses primeiros dias para os nossos, quando grandes caminhões transportam os livros da editora para os depósitos, de onde são distribuídos!

O irmão Lavrik serviu a Obra no Brasil até 1959. Naquele ano foi com a família para os EUA, onde assumiu nova responsabilidade. Foi presidente da Conferência Geral. Em 1963, foi eleito secretário regional para a Europa.

Enquanto visitava nosso povo na Alemanha Oriental num dia de inverno rigoroso, em dezembro de 1966, o irmão Lavrik percebeu que estava com problema cardíaco. Embora não pudesse dar continuidade ao serviço ativo, a mente estava sempre na Obra. Passou os últimos dias perto da sede da Conferência Geral. Quase diariamente ia visitá-la para perguntar sobre o progresso da Obra em todo o Mundo. Demonstrava interesse em cada União, Campo e Missão. Muitas vezes mencionava nomes de ministros, obreiros, colportores e membros leigos. Perguntava como estavam passando. Para ele a maior alegria era saber que, aqui e ali, havia novos conversos à verdade. Sempre falava com o novo presidente da Conferência Geral, animando-o a olhar para cima e depor inteira confiança no Senhor. Dizia: "Com o auxílio divino, todas as dificuldades serão vencidas e a Obra de Deus triunfará."

O irmão Lavrik dormiu no Senhor em 5 de outubro de 1976. Foi sepultado em Vineland, New Jersey, EUA. Deixou esposa e quatro filhos. A irmã Selma foi de grande ajuda ao esposo na Obra. Foi constante fonte de encorajamento para muitos irmãos e irmãs. Faleceu em 1992.

André Cecan

Em 1926, com 18 anos, André Cecan imigrou com pai e mãe para o Brasil. Em 1927 fez concerto com o Senhor e foi batizado. Em 1929, com o irmão Jorge Devai Júnior, ia de porta em porta, vendendo Bíblias e pequenas publicações. Estavam em Vitória, Estado do Espírito Santo, quando foram subitamente acometidos de grave problema de saúde: febre alta, fraqueza, prostração, desordens intestinais e manchas vermelho-escuras no corpo. O diagnóstico atestava tifo. Além de enfermos, estavam sem dinheiro. Entretanto, com o auxílio de Deus, recuperaram a saúde apenas com tratamentos naturais.

Em resposta a um apelo para a colportagem, em 1933, quatro jovens se apresentaram. Cecan foi um deles.

Eram uns poucos estrangeiros, sem experiência, sem saber falar português corretamente. Sempre havia os que zombavam deles. O irmão Cecan disse que se lembrava da ocasião em que, convidado para uma festa de casamento, um ministro adventista tentou ridicularizá-lo diante dos demais. Ao saber que era vegetariano, o ministro zombou:

"Vegetariano? Diga-lhe que se não voltar a comer carne, vai acabar morrendo de tuberculose."

Pouco depois, o nome daquele defensor incondicional do carnivorismo, apareceu no obituário da Revista Adventista: Morreu tuberculoso.

Em 1936 o irmão Lavrik viajou para o Sul. Visitou Cecan, na colportagem. Da parte da Associação levou esta notícia: "Desidério vai para Recife, Pernambuco, e o irmão, para o Rio de Janeiro. Faz dois anos que você trabalha no Rio Grande do Sul. Agora o Rio de Janeiro o espera. Farei tudo o que puder para ajudá-lo a estabelecer a Obra na Capital Federal. Sente-se preparado para aceitar o chamado? Quero saber. Temos ali pessoas que precisam ser confirmadas na verdade. Necessitam de ajuda urgente." A resposta foi: "Eis-me aqui. Envia-me a mim."

André Cecan tentou convencer outros jovens a ir com ele. O irmão mais novo, Ivan, com apenas quinze anos, estava entre os que se dispuseram a ir. Viajando de São Paulo para o Rio, foram colportando de cidade em cidade. Ivan vendia uma de nossas primeiras publicações: *Por que está abalada a Terra em toda parte?* Encontrou um cavalheiro que, depois de ouvi-lo, perguntou:

— Diga, meu rapaz: Você é adventista?

— Sim, mas do Movimento de Reforma.

— Reforma? Que é isso? Uma igreja? Onde, quando, por que, como surgiu essa igreja? Vocês também têm pastores?

Perguntas e mais perguntas.

Meio acanhado, Ivan respondeu o melhor que pôde. Então o homem, que estava a cavalo, disse:

— Muito bem, meu rapaz, estou contente em ouvir isso.

Fustigando a montaria, o homem regressou à fazenda dele em Volta Redonda, perto da cidade do Rio de Janeiro. Disse à família:

— Existe outra Igreja Adventista. O Movimento de Reforma. De agora em diante vou guardar os dízimos e as ofertas até que possamos saber mais sobre esse Movimento. Alguém há de vir dar explicações para nós.

Esse crente, irmão Felipe Teixeira, também falou a outros sobre a existência do Movimento de Reforma. Quando Lavrik e Cecan o visitaram, encontraram um grupo inteiro que desejava ouvi-los.

Enquanto os visitantes estiveram ali, foram convidados a assistir a uma reunião adventista. O pregador, genro de Felipe Teixeira, tinha forte preconceito contra o Movimento de Reforma. No sermão, baseado em Mateus capítulo 7, falou sobre as duas casas: uma construída sobre a rocha e outra sobre a areia. Pretendia confirmar os crentes na Igreja ASD.

Lavrik e Cecan estudaram com aqueles irmãos. Quase todos tomaram posição ao lado da Reforma. O pregador, Adriano Simões Pereira, tornou-se nosso obreiro. Atuou por muitos anos em favor da salvação de almas. Trabalhou até o falecimento, em 1960.

Vinte e duas pessoas compunham nosso primeiro grupo no Estado do Rio. Foi organizado em Nilópolis. Mais tarde os irmãos encontraram lugar melhor em Osvaldo Cruz. Depois foram para Engenho de Dentro, onde permaneceram até construírem o primeiro templo, de 1948 a 1949, em Cascadura, Capital Federal. A igreja de Cascadura foi o centro da Obra em três Estados: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. Em 1949 já havia grupos em Belo Horizonte, Minas Gerais; Vitória, Espírito Santo; e vários outros lugares fluminenses.

A exemplo do que aconteceu em todas as outras partes da vinha, no primeiro campo em que o irmão Cecan atuou, o progresso foi resultado de trabalho infatigável, muito sacrifício próprio, lutas constantes, coragem inflexível, orações incessantes e inteira confiança no potente braço do Senhor. Havia não apenas júbilo e alegria. Havia também decepções e lágrimas.

Na ausência do irmão Cecan, o pastor adventista, e os que se opunham à nossa mensagem, começaram a demolir o que havia sido edificado. O resultado foi: um grupo inteiro de irmãos voltou à denominação principal. O líder adventista prometia efetivar a reforma dentro da igreja. Disse enfaticamente àqueles crentes de mentalidade reformista, que precisava da ajuda deles. Garantiu-lhes que daria pleno apoio a seus esforços para reformar a conduta religiosa da igreja. A carta que escreveram ao irmão Cecan o entristeceu muito. Ele, porém, continuou a escrever a eles e a adverti-los. Um ano depois, soube que a tentativa daqueles irmãos que procuravam promover reforma dentro da igreja, havia fracassado. O apoio prometido pelo pastor nunca lhes fora concedido. Aqueles que deveriam ter dado exemplo positivo haviam feito o oposto. Esses irmãos, amargamente decepcionados, queriam um estudo com o nosso líder na presença do líder deles. Quando o pastor chegou, enviaram um telegrama ao irmão Cecan, que imediatamente atendeu o chamado.

Durante as reuniões do Sábado o pastor empregou seus últimos recursos pedindo que Cecan se retirasse. Foi obedecido. Mas os interessados não estavam mais dispostos a tolerar as artimanhas do pastor. Assim, logo que o nosso irmão saiu, eles o seguiram e foram para a casa de um dos interessados. Receberam estudos sobre o assunto da apostasia e da reforma. Ficaram convencidos da verdade apresentada pelo nosso Movimento. Alguns que eram contrários à mensagem, finalmente a compreenderam e a aceitaram.

Depois da transferência para os Estados da região Sul, em 1952, onde o irmão Cecan assumiu responsabilidades ministeriais por muitos anos, ainda continuou prestando assistência voluntária aos nossos irmãos do Rio de Janeiro. Verdadeiramente, ele podia dizer: "O amor de Cristo nos constrange."

O nosso biografado faleceu com 85 anos, em 1993.

Paulo Tuleu

Em 1937, depois de ter passado vários meses em nossa escola missionária na Suíça, Paulo Tuleu mudou para o Brasil. Três meses depois da chegada ao país livre, ingressou na colportagem.

Seu desempenho contribuiu para o início da Obra no Estado de Goiás. Uma família reformista havia mudado para Goiânia, mais tarde Capital do Estado. Percebendo que havia boas perspectivas na região, escreveram ao irmão Lavrik pedindo que fossem enviados colportores. Prometeram alojá-los em casa. Atendendo o apelo, no fim de 1941, Tuleu e outro colportor apresentaram-se como voluntários.

Passavam grande parte do tempo trabalhando na zona rural, onde enfrentavam condições árduas: longas distâncias em caminhos estreitos, difíceis, na selva, muitas vezes sem pontes. Concluíram que um cavalo seria muito útil. O animal adquirido provou ser cooperador eficiente. Transportava livros, brochuras, folhetos, e a maior parte da bagagem. Instintivamente os conduzia às casas em lugares cobertos de vegetação, sem vestígios de caminho, onde ninguém podia imaginar que existissem habitantes.

Certo dia chegaram a Trindade, lugar muito católico. Nas dependências da igreja, tiveram longo debate com dois padres, na presença de grande multidão. Os dois sacerdotes usaram tradução católica da Bíblia. Mas não puderam refutar a clara apresentação da verdade presente. Quando os dois colportores estavam apresentando provas de como a Igreja de Roma havia mudado a Lei de Deus, os padres se ausentaram e pediram que o sacristão fosse falar com eles.

Visivelmente embriagado, pediu que os visitantes fizessem a gentileza de se retirarem. Alguns daqueles ouvintes ficaram impressionados com a exposição da verdade. Em resultado, os dois colportores foram convidados a ministrar estudos para um grupo de metodistas. Queriam ouvir falar, principalmente, sobre a segunda vinda de Cristo. Depois de o assunto haver sido esclarecido, nossos irmãos falaram também sobre a Lei de Deus e o Sábado. Alguns compreenderam a verdade e se dispuseram a observar o Sábado do Senhor. No fim dos estudos, o representante deles disse que não sabia refutar a apresentação.

Estava ocorrendo no Estado um surto de malária. Quando trabalhava sozinho perto de Itaberaí, o irmão Tuleu contraiu a doença. O companheiro, que colportava em outro lugar, não soube que ele estava enfermo. Ao voltar, depois de quase vinte dias, encontrou-o muito debilitado. Chegou a pensar que o doente não resistiria. Tuleu pediu que o ajudasse com tratamentos naturais. O irmão foi dedicado e solícito. Depois de cada tratamento, ajoelhava-se em súplica fervorosa. Quando o irmão Tuleu se sentiu suficientemente recuperado, foram a cavalo, para a estação ferroviária. Queria ir sem demora a São Paulo, para dar continuidade aos tratamentos.

Antes de tomarem o trem, resolveram visitar um fazendeiro observador do Sábado. Havia, por si mesmo, encontrado na Bíblia a verdade do quarto mandamento. Logo que os dois colportores se apresentaram como adventistas do sétimo dia, ficou tão contente que se apressou em avisar os familiares: "Eu não disse? Não somos no Mundo os únicos observadores do quarto mandamento. Existem outros irmãos que também observam o Sábado bíblico. Dois deles estão bem aqui." Tendo passado um Sábado abençoado com aquela família, explicaram pontos fundamentais da verdade presente, incluindo a maneira correta de obedecer o quarto mandamento do Decálogo.

Os colportores continuaram a viagem. O irmão Souza, companheiro de colportagem, foi com o irmão Tuleu até a estação ferroviária. Ele viajou para São Paulo, e o irmão Souza continuou ainda em Goiás durante um ano.

Quem olhar no mapa desse Estado, verificará que dentro das suas fronteiras encontram-se os limites do Distrito Federal e, nele, Brasília, atualmente Capital Federal. Desde aquele pequeno começo, a Obra tem progredido nessa região. Temos ali, atualmente, igrejas, grupos e membros isolados em muitos lugares. Porém, não nos esqueçamos de que o início foi muito difícil. No passado, nossos pioneiros demonstraram espírito de sacrifício, algo raro em nossos dias.

Em 1945 o irmão Tuleu foi ordenado ao ministério, pelo irmão Lavrik e, desde então, cumpriu deveres ministeriais em diversos campos no Brasil: São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Goiás. Também se dedicou à Obra no Uruguai, Chile, República Dominicana, e em alguns países europeus.

O irmão Tuleu manifestou gratidão ao Senhor, que constantemente o manteve na fé todos os dias da vida, concedendo-lhe o privilégio de trabalhar pela salvação de almas. Orava para que Deus lhe concedesse forças para continuar batalhando pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.

Desidério Devai

Desidério Devai nasceu em 30 de dezembro de 1914, em Kolozsvar, região da Hungria que, no fim da Primeira Guerra Mundial, foi cedida à Romênia. A família Devai chegou a São Paulo pouco antes do irmão Lavrik. Desidério tinha apenas doze anos quando, em 1927, a Obra foi organizada em São Paulo. Alguns anos depois foi batizado e começou a colportar.

Na colportagem, Desidério teve muitas experiências maravilhosas. Certo dia, ao bater de porta em porta, chegou à casa de um sacristão fanático. Jamais compraria livro não católico. Ao contrário, tentaria persuadir o protestante a aceitar o catolicismo romano. Começaram a conversar e um tentava convencer o outro. O sacristão disse: "Venha. Vou-lhe mostrar o interior de nossa igreja."

Desidério o seguiu. Antes de entrar, notou que havia um pára-raios no topo da igreja. Depois de considerações gerais sobre os santos da Igreja Católica, o sacristão começou a mostrar os quadros e a explicar a missão de cada santo. O jovem colportor ouviu, sem dizer palavra. De repente perguntou: "E este santo, o que faz?" "Este nos protege contra os raios."

Então Desidério fez a embaraçosa pergunta: "Se vocês acreditam que têm a proteção deste santo, por que puseram pára-raios na torre do templo?"

Confuso, o pobre sacristão nem soube o que dizer.

Noutra ocasião em que Desidério visitou aquela cidade, procurou o sacristão. Não era mais católico romano. Estava estudando a Bíblia e freqüentava uma igreja protestante.

Para dar assistência a um novo grupo do Nordeste do Brasil, em 1940 Desidério foi transferido para o Estado de Pernambuco.

Na Capital, Recife, desde 1930 havia crise na Igreja Adventista. Um pastor licenciado, e aproximadamente sessenta membros, haviam-se separado da igreja. Escreveu para o irmão Lavrik e informou que ele e outros que com ele estavam pretendiam unir-se ao Movimento de Reforma. Quando chegou a Recife, o irmão Lavrik percebeu que somente seis daqueles irmãos estavam realmente preparados para tomar posição ao lado da Reforma. Nem mesmo o pastor poderia ser recebido, pois não acreditava no Espírito de Profecia. Em 1932, quando visitaram novamente aquele grupo, três pessoas foram acrescentadas à igreja. Devido à falta de assistência, pois não dispúnhamos de obreiro, somente alguns daqueles irmãos mantiveram ligação com o Movimento de Reforma. Porém, em 1940 havia novas perspectivas.

Nesse ano, Desidério foi para Pernambuco. Começou a trabalhar, mas encontrou obstáculos. Logo após a chegada, contraiu malária. Era de constituição física resistente. Fez tratamentos naturais e restabeleceu-se em pouco tempo.

Em 1944 já havia visitado muitos lugares. Encontrou significativo número de adventistas. Quatro grupos foram organizados. Alguns irmãos ingressaram na colportagem. Cada vez mais pessoas conheceram a mensagem.

Em 1946, a visita dos irmãos André Lavrik e Ascendino F. Braga trouxe grande encorajamento ao povo daquela região. Vinte e quatro pessoas foram acrescentadas à igreja.

Durante essa visita Desidério foi ordenado ao ministério. Em 1959 foi transferido para o Sul do Brasil. De 1966 a 1976 trabalhou nos países andinos: Peru, Equador, Colômbia e Venezuela. Foi obreiro laborioso, sempre disposto a grandes sacrifícios e a sofrimentos em favor da salvação de almas. Desidério Devai faleceu em 1983.

Ascendino Ferreira Braga

Ascendino Braga nasceu em 20 de abril de 1898. Foi o segundo de uma família de quinze filhos. Eram fazendeiros. Decidiu deixar a fazenda e mudar-se para a cidade de Santos a fim de freqüentar a escola. Tornou-se agrimensor e passou os primeiros anos da juventude medindo terras.

Com trinta e dois anos revelou a um padre o desejo de obter uma Bíblia. O padre tentou dissuadi-lo: "É um livro de difícil compreensão. Somente homens santos são qualificados para entendê-lo."

Ascendino objetou: "Se eles já são santos, por que ainda precisam da Bíblia?"

Um de seus filhos conta que 22 de julho de 1931 é data da qual ele jamais se esqueceu. Estava pensando seriamente a respeito da

salvação, quando teve uma visão repentina. Parecia que o Céu estava-se abrindo, e viu uma Bíblia aberta. Em cima da Bíblia, com letras de fogo, leu a inscrição: "Jesus Cristo é o único caminho." Do campo que estava arando, voltou imediatamente para casa, e ao tio contou o ocorrido. O tio, que morava na fazenda, com quem Ascendino já havia conversado antes sobre assuntos religiosos, deu a ele um livro adventista. Poucos dias depois Ascendino adquiriu uma Bíblia. Ao ler com ansiedade esses livros, convenceu-se da verdade e logo tomou posição. Na sexta-feira chamou os tios, primos e demais que trabalhavam para ele, e disse: "De agora em diante, na minha propriedade, ninguém mais vai trabalhar no Sábado. É o dia do Senhor. Ele o santificou para nosso repouso, para que tenhamos oportunidade de considerar as Suas obras e estudar Sua Palavra." Desde aquele dia, a cada Sábado, cerca de quinze pessoas ouviam atentamente a Palavra de Deus.

Ascendino desconhecia a existência da Igreja Adventista e do Movimento de Reforma. Entretanto, sentia grande responsabilidade espiritual por aquelas pessoas. Suplicava a Deus que lhe mostrasse o que deveria fazer. O Senhor atendeu suas orações, permitindo que encontrasse os seguidores de Cristo (Ler Atos 2:47; 8:31; 9:3-10; 10:21 e 22).

Certo domingo, enquanto Ascendino, perto de casa, media um pedaço de terra, um homem aproximou-se e, com sotaque estrangeiro, perguntou: "Por que o senhor trabalha no domingo?" A resposta imediata foi: "O primeiro dia da semana é de trabalho. De acordo com a Bíblia, ontem foi o dia do Senhor. Leia em Êxodo capítulo vinte e compreenderá que o Sábado foi instituído por Deus como dia de repouso." O homem que se aproximara era reformista, húngaro, recém-chegado da Europa. Tratava-se de Jorge Devai, pai, parente de Francisco Devai que, mais tarde, por três quadriênios, ocupou a presidência da CG.

Relutando, Ascendino aceitou o convite daquele irmão e, com a família Devai, começou a estudar as lições da Escola Sabatina. A princípio, achava que os cristãos podiam servir ao Senhor sem pertencer a uma igreja. Porém, logo mudou o modo de pensar quando percebeu que realmente estava sendo preparado para tornar-se membro.

Naquela época Ascendino estava convalescendo de uma enfermidade que quase o levou à sepultura. Um médico havia declarado que ele era terminal. Teria apenas três meses de vida. Outro, afirmando que Ascendino não viveria mais que um mês, admitiu: "Tentei todos os medicamentos que poderia recomendar para seu caso. Não há nada mais que eu possa prescrever." Muito debilitado e já sem esperança de viver, chamou um sobrinho. Queria ditar o testamento. Depois, Ascendino compreendeu que o Senhor estava usando essas circunstâncias em benefício dele que, de modo sincero, procurava a verdade. Atendendo sugestão de alguém, foi levado a um naturopata que lhe deu o conselho certo: "Jogue fora os remédios de farmácia. Mude o regime alimentar. Elimine todos os tipos de carne, gordura e frituras. Durante algum tempo, tome alimentos crus, especialmente sucos frescos de frutas e legumes." Ele seguiu o conselho do terapeuta, e recuperou a saúde e o vigor.

Assim, quando recebeu estudos bíblicos ministrados pelos Devai, não teve dificuldade para entender a mensagem da reforma de saúde. Disse: "Também sou vegetariano. Lendo a Bíblia, entendi a vantagem do vegetarianismo. Esse assunto é esclarecido na experiência de Daniel e seus companheiros. Também abandonei as bebidas alcoólicas." Não pode haver dúvida de que a própria experiência abriu portas para que ele aceitasse a mensagem sem reserva.

Em 19 de março de 1932, Ascendino, tios e primos foram batizados no Movimento de Reforma.

Em 1941, casou com Diná, uma das filhas do irmão Felipe Teixeira. Tiveram três filhos.

Ascendino Braga tornou-se o braço direito de André Lavrik. Juntos fizeram muitas viagens no Brasil, visitaram famílias e grupos, organizaram igrejas e supervisionaram a construção de templos. Ascendino participou ativamente na administração da União Brasileira e na obra de publicações, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, quando estrangeiros eram impedidos de ocupar posição de liderança nas instituições. Até o fim da vida, foi um dos membros mais decididos do Movimento de Reforma no Brasil. Quase à morte, entendia claramente a mensagem "Cristo, Justiça Nossa". Manifestava regozijo como integrante do povo de Deus, que se está preparando para a chuva serôdia e segunda vinda de Cristo. Descansou no Senhor em 29 de agosto de l989. Esperamos reencontrá-lo na manhã da ressurreição.

IV — Editora parcialmente destruída pelo fogo

Às vezes Deus permite que sobrevenham infortúnios ao povo e à Obra, e disso não estávamos isentos.

Em 6 de março de 1962, por volta de uma hora da madrugada, nossa editora em São Paulo incendiou-se. As chamas subiram ao

depósito onde eram armazenados papel, papelão, livros, camas, colchões e outros materiais.

Antes que o zelador despertasse com o crepitar do fogo, as chamas já haviam avançado. Com alguns extintores, lutou valorosamente, enquanto a esposa e outros se esforçavam para ajudá-lo.

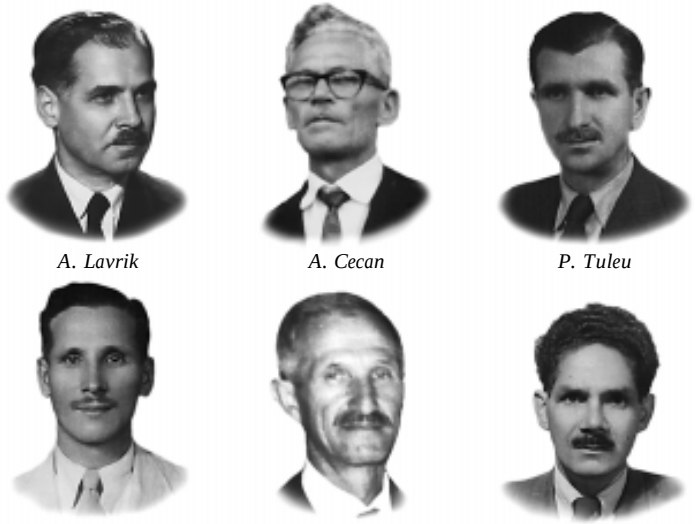
O fogo logo chegou a uma pilha de colchões e, dali alcançou o telhado, que desmoronou com violento estrondo, assustando a vizinhança.

Estranhos queriam entrar no prédio sob pretexto de ajudar a deter o fogo que já ameaçava atingir outros edifícios. As labaredas já haviam começado a lamber as paredes internas do escritório. A polícia chegou quando dois estranhos já haviam invadido o departamento da Redação, apoderando-se da máquina de escrever.

Antes que as chamas fossem detidas, o telhado da panificadora de nosso departamento industrial, também desmoronou.

Os bombeiros tiveram que lutar arduamente durante várias horas. Já era dia quando foram embora.

O escritório do redator, arquivos, biblioteca, expedição (com muitos milhares de livros em estoque), depósito de livros inacabados e gráfica foram salvos do desastre.



A. Lavrik *A. Cecan* *P. Tuleu*

D. Devai *G. Devai, Jr.* *A. Braga*

Alguns de nossos pioneiros no Brasil

Vários repórteres apareceram. A notícia triste logo foi publicada nos jornais e transmitida pelo rádio.

Quando os funcionários da editora chegaram de manhã, viram a cena da destruição. Irmãos e irmãs choraram. Havia lágrimas de tristeza entre os que testemunharam e entre os que souberam do ocorrido.

À noite, quando o editor — autor deste livro — regressou de viagem, notando o que havia acontecido, passou a noite em claro, em profunda tristeza, como também fizeram muitos outros.

O prejuízo foi avaliado em aproximadamente cem mil dólares naquela época. Surgiram várias suposições sobre as causas. Entretanto, jamais foi descoberto o verdadeiro motivo do acidente.

Em São Paulo, o segundo Sábado após o desastre foi dia de jejum e oração. Os irmãos agradeceram ao Senhor que houvera impedido maiores perdas. Imploraram auxílio para que fizessem exame de coração, para descobrir por que fora permitida essa experiência probante. Pediram que o Senhor os ajudasse a recuperar o prejuízo material. Meditando em Hebreus 12:5-13, lembraram-se da destruição das duas instituições ASD em 1902, nos dias da irmã White. A experiência de Jó também foi lembrada.

Nenhum irmão pensou em desânimo. O sentimento geral era de que o inimigo poderia destruir propriedades, mas não a fé. Imediatamente foi iniciada uma lista com promessas de doações. Foi arrecadada considerável quantia em dinheiro para o conserto do prédio. Concluída a restauração, os irmãos tiveram novo ânimo. Eram ouvidas, novamente, as vozes dos funcionários de nossa editora em melodias de louvor.

V — Experiências de colportores

O braço direito da mensagem

Com freqüência chegam à nossa editora no Brasil cartas de pessoas que recuperaram a saúde através de nossos livros. Em alguns casos, conselhos sábios de colportores capazes, têm desempenhado função especial. Eis uma experiência interessante:

Certo dia um colportor ofereceu nossos livros a um casal cujo filho estava gravemente enfermo. Os médicos haviam diagnosticado espru, enfermidade celíaca (doença da cavidade intestinal), caracterizada pela má absorção, particularmente dos glútens. A mãe afirmava que o menino não tolerava comida nenhuma. No hospital, havia recebido alimentação intravenosa. Nada, nem água, parava no estômago. Os médicos haviam feito o melhor, mas não consegui-

ram ajudá-lo. A criança foi levada para morrer em casa. Foi então que o colportor bateu à porta daquela família.

Quando a mãe descreveu os sintomas da doença, o colportor lembrou-se de caso semelhante, mencionado num de nossos livros. Um menino com o mesmo problema havia sido curado com banana. Sabemos que maçã pode promover os mesmos resultados positivos.

A mãe estranhou quando foi mencionada banana. Disse: "Nem água o menino consegue manter no estômago... como poderá comer banana? O colportor insistiu: "Primeiro dia, duas bananas amassadas em cada refeição. Segundo dia, três. Terceiro, quatro. Do quarto ao décimo quinto dia, cinco em cada refeição. Então regredir na mesma proporção: quatro, três, duas, sempre amassadas. Preferir dieta isenta de glúten e gorduras."

Depois, acrescentou:

"O senhor e a senhora têm fé em Deus? Os médicos desenganaram o garoto? Ministrem o tratamento recomendado no livro e orem ao Senhor suplicando que os auxilie.

O colportor orou com a família e saiu. Poucos meses depois foi ver o que havia acontecido ao menino. Ao aproximar-se, ouviu alguém cantando. Pensou: "Bom sinal." Logo que a mãe o viu, abraçou-o e chorou de alegria, dizendo:

— O senhor é um anjo enviado por Deus! Meu filho está completamente curado.

— Posso vê-lo?

— Ele... está lá fora... brincando.

O garoto irradiava aparência sadia, indicação de que estava completamente restabelecido. Desse modo, por intermédio de nossos colportores na venda de livros de saúde, incontáveis pessoas e famílias têm sido abençoadas.

Conversões

Com os livros de saúde os colportores distribuem livros que contêm a verdade presente. Por meio de nossa literatura muitas pessoas têm chegado ao conhecimento da tríplice mensagem de Apocalipse 14. Dos que a aceitam, alguns ingressam na Igreja Adventista, e outros no Movimento de Reforma. O diretor de colportagem da União Sul Brasileira contou uma experiência inesquecível num curso, no Brasil. Repetiu a mesma experiência com o restante da história na assembléia da Conferência Geral na Romênia em 1995:

Lendo os livros e pesquisando as Escrituras, uma senhora convenceu-se de que carne e gordura de porco deveriam ser eliminadas

da cozinha. O marido concordou. Ela continuou a ler a Bíblia e nossos livros. Logo tornou-se guardadora do Sábado. Certa sexta-feira disse ao marido, oficial do exército:

— Você precisa saber que, no Sábado, não mais vou cozinhar. Preparei o alimento hoje.

— De maneira nenhuma! Você me pediu que comprasse óleo em lugar de gordura. Eu concordei. Agora quer que eu coma alimento preparado no dia anterior. Isso não!

— Não estou perguntando. Estou informando.

— Então pode escolher entre a minha companhia e a sua nova religião.

— Mas quero guardar o Sábado.

— Se no Sábado não vai preparar comida para mim, vou abandonar você.

— Eu quero viver com você. Mas quero também guardar o Sábado.

As circunstâncias foram-se agravando, até quase ocorrer a separação. Ela não podia suportar o pensamento de desfazer a família, principalmente quando pensava no filho de dez anos. Entretanto, manteve-se firme na convicção.

Certo Sábado, quando o marido chegou à casa, embora fosse dia frio, ela serviu comida fria. Infelizmente pensava que não poderia nem mesmo aquecer o alimento. Ele ficou tão irritado que jogou a comida pela janela e berrou:

— Agora chega de brincadeira!

Pelo olhar determinado, o marido não demonstrava nenhuma esperança. Contudo, a senhora continuou orando. No Sábado seguinte ele jogou fora a comida, pratos, panelas, travessas e talheres. Ela continuou orando e imaginando o que aconteceria no outro Sábado. Ele não jogou fora a comida e pediu:

— Dê-me algumas frutas.

A senhora continuou a orar. Depois de alguns meses, ele a surpreendeu quando disse de maneira decidida:

— Cheguei à conclusão de que o Sábado é o santo dia do Senhor, mas no quartel não é possível guardá-lo. Eu pedi baixa.

Enquanto aguardava a dispensa, começou a pôr em prática os assuntos que se tornaram claros, como a guarda do Sábado e a reforma de saúde.

Embora o colportor que lhe vendera os livros estivesse trabalhando em outra região, aquela senhora, que sabia o nome dele, conseguiu encontrá-lo. Apresentou-lhe o marido, que após algum tem-

po foi batizado e tornou-se colportor de sucesso durante seis anos. Depois, adoeceu gravemente e faleceu. Então aquela senhora abandonou a fé. Voltou para o mundo. Na opinião do diretor de colportagem que narrou a história durante o curso, esse foi o trágico fim daquela experiência. Assim mesmo, todo colportor deve ter em mente as palavras registradas em Eclesiastes 11:6, que dizem: "De manhã semeia a tua semente, e à tarde não retenhas a tua mão, pois tu não sabes qual das duas s prosperará, se esta, se aquela, ou se ambas serão igualmente boas."

Naquele curso de colportagem havia um homem que ouvia atentamente a narração. Perguntou: "Qual era o nome daquela senhora?"

O diretor lembrava somente o nome do marido.

O homem, ouvinte atento, foi à frente e, com lágrimas, contou a continuação da história:

"Essa mulher era minha mãe. Eu tinha dez anos quando aceitou a fé. O que sei a respeito da verdade aprendi com ela. Depois que me tornei adulto, abandonei a fé."

Isso tinha ocorrido trinta anos antes. Durante esse tempo esse homem havia constituído família. Embora tivesse perdido o contato com nosso povo, sempre dizia à esposa e filhos: "Deus tem na Terra uma igreja verdadeira."

Quando a filha completou quinze anos, ele perguntou o que desejava ganhar no aniversário. A resposta foi:

"Papai, quero que me leve à igreja de Deus."

Na cidade grande onde residiam, não foi fácil encontrar o endereço de nossa igreja. Quando ele obteve a certeza de que realmente havia encontrado o Movimento de Reforma, anunciou aos familiares. No Sábado seguinte foi à igreja com esposa e filhos. Passaram a freqüentar nossas reuniões.

Durante o curso de colportagem em que foram apresentados os pormenores dessa história, a menina estava com dezesseis anos e preparava-se para o batismo. O pai ouviu atentamente. Começou a chorar. Depois acrescentou detalhes à dramática narrativa: ele seguira a trajetória do pai, mas também já havia renunciado a carreira militar.

Quando o diretor repetiu essa experiência na assembléia da Conferência Geral em 1995, aquele homem e seus genros haviam ingressado na colportagem. O leitor pode perguntar: "Que, finalmente, aconteceu à mãe?"

O filho havia explicado naquele curso de colportagem: "Após a morte de meu pai, minha mãe abandonou a igreja. Casou novamente e agora, com meu padrasto, freqüenta a classe batismal."

Os semblantes sorridentes dos delegados expressavam louvores a Deus pela misericórdia para com aqueles que são chamados para serem salvos. Mais uma vez ficou evidente que nossos colportores não trabalham em vão.

VI — Desenvolvimentos recentes

Em novembro de 1986, numa conferência realizada em Brasília, a Obra no Brasil foi dividida em duas Uniões: a União Sul-brasileira, com sede em São Paulo, e a União Norte-brasileira, com sede em Brasília. Nove anos depois, a União Sul-brasileira transferiu a sede para Itú, a setenta e três quilômetros de São Paulo.

Atualmente o Brasil conta com número mais elevado de membros que qualquer outro pais do mundo.

28

Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Uruguai

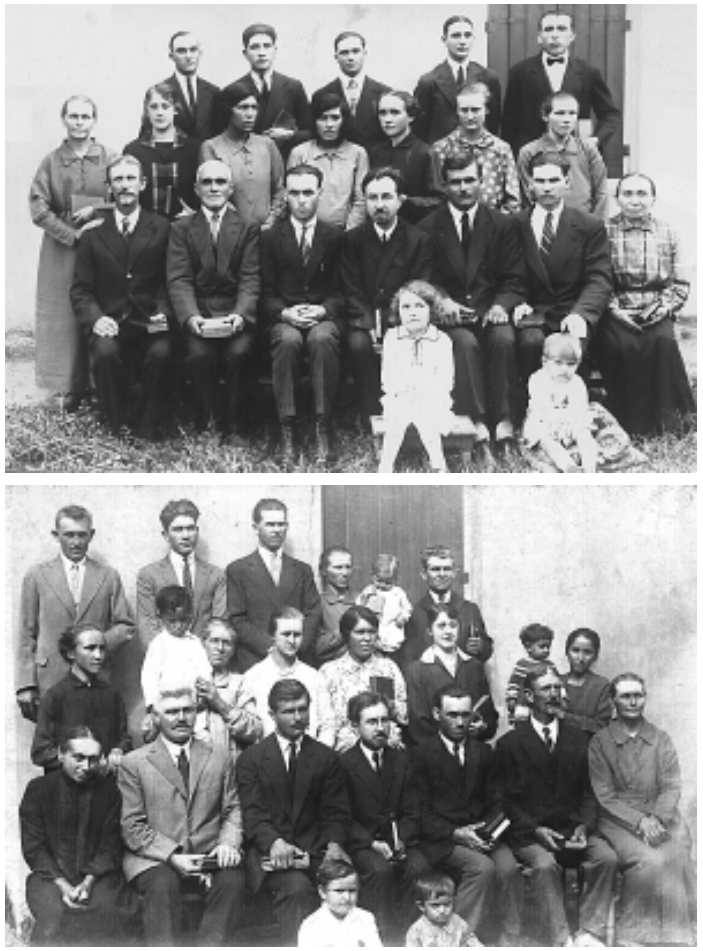
I — Início e desenvolvimentos posteriores

Argentina

Eugênio Laicovschi chegou à Argentina em 1927. Sentiu-se feliz ao encontrar irmãos da Bessarábia que haviam imigrado antes. Formaram pequeno grupo. Embora poucos em número, eram ativos na Obra do Senhor. Como não tinham organização local, enviavam dízimos, ofertas e relatórios para Isernhagen, perto de Hannover, Alemanha, centro da Obra.

Havia um pequeno grupo na Argentina. No Brasil, onde trabalhava A. Lavrik, havia outro pequeno grupo. Em resposta a repetidos apelos, a Conferência Geral decidiu enviar C. Kozel para organizar a Obra na América do Sul. Chegou à Argentina em 1927, poucos meses depois de Eugênio.

Logo passou a haver, na Argentina, dois pequenos grupos: um era em Guatrache, Sul de Buenos Aires, onde residiam os Kozel, perto de outra família reformista alemã. Outro era em Rosário, onde resi-



Em cima: Primeira conferência reformista na Argentina (San Nicolás, 1930).
Embaixo: Segunda conferência ocorrida na Argentina (San Nicolás, 1931)

diam Eugênio e demais irmãos. Em 1928 a família Kozel mudou para Rosário.

Os irmãos que moravam na Argentina eram muito pobres. Alugaram um casarão que servia de residência para os membros do pequeno grupo. O lugar de reunião era na mesma casa. Pouco depois, algumas pessoas em San Nicolás uniram-se a eles: a família Dumitru e outra família romena. Em 1929 o irmão Kozel os visitou. Depois decidiu transferir a residência para ali. Naquela propriedade foi construído nosso primeiro templo na Argentina.

A primeira conferência ocorreu em San Nicolás, em abril de 1930. Houve batismo e a colportagem foi organizada com alguns colportores estrangeiros. Eugênio Laicovschi foi designado diretor de colportagem. Não falava com fluência o idioma espanhol. Entretanto, a maior dificuldade era que quase não dispunham de livros. Além do *Was bringt uns die Zukunft?* (Que Nos Trará o Futuro?), fornecido por nossos irmãos na Alemanha, distribuíam alguns livros em espanhol: *El Camino a Cristo* (Caminho a Cristo), de Ellen G. White, *La Nueva Ciencia de Curar* (A Nova Ciência de Curar), de L. Kuhne, e outros de diferentes fontes.

Em 1936, o presidente da Conferência Geral, W. Maas, visitou a América do Sul, participou de uma assembléia no Chile e de outra na Argentina. Então foi inaugurada a igreja de San Nicolás.

Em janeiro de 1948, houve em San Nicolás, uma assembléia maior, com representantes de vários países sul-americanos. Estava presente A. Müller, então presidente da CG. Foi uma conferência da assim chamada Divisão Sul-americana, que, por basear-se apenas

Seminário para obreiros bíblicos e obreiros, San Nicolás, Argentina, 1938

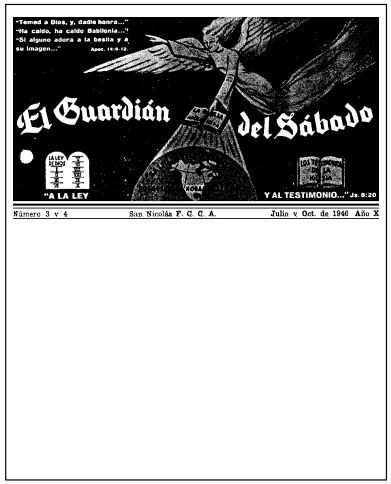
Conferência da União Meridional da América do Sul (delegados e visitantes), San Nicolás, Argentina, 1951

Conferência da Associação Argentina (delegados e visitantes), Ciudadela, Buenos Aires, 1977. A sede da União Meridional foi transferida para este edifício em 1956

Delegados presentes à conferência da Divisão Sul-Americana, San Nicolás, Argentina, 1948

em iniciativa pessoal, permaneceu em vigor até ser desaprovada em assembléia pela delegação da Conferência Geral em julho de 1948.

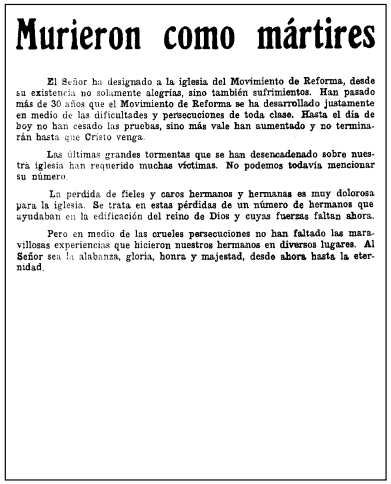
A assim chamada Divisão Sul-Americana era composta de três Uniões: a União Brasileira, a União Sul-Americana Norte e a União Sul-americana Sul. A Sul-americana Sul, composta pela Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai, surgiu em 1943. A sede permaneceu em San Nicolás até 1956, quando foi transferida para Ciudadela, subúrbio de Buenos Aires. Ali temos um centro missionário: igreja, escritórios e residência.


"Temed a Dios, y, dadle honra..."
"Ha caído, ha caído Babilonia..."
"Si alguno adora a la bestia y a su imagen..." Apoc. 14:6-12.

El Guardián del Sábado

"A LA LEY" Y AL TESTIMONIO..." Is. 8:20

Número 3 v 4 San Nicolás F. C. C. A. Julio v Oct. de 1946 Año X


Murieron como mártires

El Señor ha designado a la iglesia del Movimiento de Reforma, desde su existencia no solamente alegrías, sino también sufrimientos. Han pasado más de 30 años que el Movimiento de Reforma se ha desarrollado justamente en medio de las dificultades y persecuciones de toda clase. Hasta el día de hoy no han cesado las pruebas, sino más vale han aumentado y no terminarán hasta que Cristo venga.

Las últimas grandes tormentas que se han desencadenado sobre nuestra iglesia han requerido muchas víctimas. No podemos todavía mencionar su número.

La perdida de fieles y caros hermanos y hermanas es muy dolorosa para la iglesia. Se trata en estas pérdidas de un número de hermanos que ayudaban en la edificación del reino de Dios y cuyas fuerzas faltan ahora.

Pero en medio de las crueles persecuciones no han faltado las maravillosas experiencias que hicieron nuestros hermanos en diversos lugares. Al Señor sea la alabanza, gloria, honra y majestad, desde ahora hasta la eternidad.

A publicação de nosso periódico denominacional na Argentina, El Guardián del Sábado *(O Guardião do Sábado), teve início em 1936*

Atualmente, após décadas de lutas e progresso lento, o Movimento de Reforma, em muitas regiões desses países, tem bom número de membros e centros missionários que são sedes, igrejas e locais de reunião.

Uma pequena gráfica iniciada em Ciudadela em 1967 tem contribuído para o desenvolvimento do departamento de publicações e da colportagem.

Chile

Da Argentina C. Kozel foi para o Chile em 1930. Enfrentou muitas dificuldades. Depois das primeiras lutas, houve algumas conversões. Foi em resultado de muita oração perseverante, jejum e lágrimas que esses crentes aceitaram a verdade.

Também no Chile foram espalhadas falsas informações, deturpações e calúnias contra a obra da Reforma. Brochuras difamatórias escritas pelo pastor G. W. Schubert contra os reformistas foram traduzidas para o espanhol. As portas pareciam fechadas. Entretanto, algumas almas sinceras foram alcançadas pela mensagem. O irmão Kozel não conservou ressentimento contra os opositores. Ao contrário, seu desejo e oração eram "que o Senhor lhes perdoe os pecados e abra os olhos de todos os sinceros para que vejam a apostasia!" (Adaptado de *Der Adventarbeiter*, abril de 1931).

Em 1931, o irmão Laicovschi foi enviado para o Chile. Como a igreja não tinha dinheiro para pagar a passagem dele, foi por um ato

Conferência reformista (delegados e visitantes) em Santiago, Chile, 1958

Batismo em Concepción, Chile, 1979

de fé que Eugênio viajou. Quando chegou ao Chile dispunha, em moeda argentina, somente de um peso.

Parte desse dinheiro foi usada para passagem da estação ferroviária ao lugar onde ficaria alojado. Com os poucos centavos que restaram comprou um pão e o repartiu em aproximadamente doze fatias. Duas fatias de pão e um pouco de água por dia, foi a provisão de sobrevivência durante quase uma semana. Enquanto isso visitou alguns interessados cujos endereços havia recebido do irmão Kozel. Então, um dia depois de haver terminado a escassa provisão, uma irmã interessada o procurou e entregou o dízimo. Essa foi a primeira renda da igreja no Chile. O irmão Laicovschi nem sonhava em receber salário.

Depois desse início no Chile, no começo de 1933 o irmão Laicovschi foi transferido para o Peru.

Novo templo em Osorno, Chile, inaugurado em 1984

Na décima-sexta sessão da Conferência Geral em 1991, a delegação aprovou a mudança de categoria da Obra no Chile. A partir de janeiro de 1992 passou a ser União.

Bolívia

Em 1938 C. Kozel levou J. C. León numa viagem ao Lago Titicaca, fronteira da Bolívia com o Peru, para iniciar a evangelização entre os nativos.

Providencialmente, não encontraram o professor adventista a quem desejavam visitar primeiro. Em vez disso, encontraram um índio de quem inquiriram o caminho para a casa do professor. Ele os conduziu a um grupo de indígenas agricultores, que os convidaram a passar a noite com eles. Nossos irmãos hospedaram-se no casebre de um homem que, por muitos anos, fora intérprete de um ministro adventista. Naquela mesma noite, em pouco tempo, todos os irmãos nativos que podiam ser localizados dirigiram-se para o local de reunião. Num encontro de reavivamento especial o Senhor concedeu ricas bênçãos àquele grupo. Com lágrimas, as pessoas mostravam desejo sincero de seguir o caminho do Senhor. Era evidente a atuação do Espírito de Deus.

Depois, os irmãos Kozel e León apressaram-se em visitar outros grupos. No Sábado, apresentaram a mensagem de reforma noutra igreja onde muitos nativos haviam-se reunido. Novamente, as pessoas foram movidas pelo Espírito de Deus. Alguns mostraram-se bastante interessados. No Sábado seguinte houve confronto em outro lugar de reunião. Um professor e o pai, que era chefe distrital,

Conferência (delegados e visitantes) em Santa Cruz, Bolívia, 1982

Em cima: Seminário para missionários voluntários, Santa Cruz, Bolívia, 1978.
Embaixo: Restaurante reformista em Santa Cruz, onde a mensagem de saúde é divulgada (1991)

tentaram dificultar a apresentação da mensagem de reforma numa reunião de reavivamento. Houve contenda entre os irmãos. Finalmente, os poderes das trevas cederam e eles ouviram a mensagem.

Muitos foram profundamente impressionados. Quando voltaram para casa, consideraram seriamente o assunto. Por fim, declararam que desejavam unir-se ao Movimento de Reforma.

Nessa viagem, durante vários dias, nossos irmãos tiveram grande sofrimento, subindo e descendo montanhas. Mas o Senhor lhes concedeu experiências preciosas. Em muitos lugares encontraram e confirmaram os interessados da Igreja Adventista. (Adaptado de *Der Adventarbeiter*, janeiro de 1939.)

Em 6 de fevereiro de 1995 o Campo Boliviano foi reorganizado, tornando-se União.

Paraguai

Nesse país a obra de reforma teve início muito mais tarde que em outros da América do Sul. Nos anos de 1940 um casal húngaro, Istvan Marton e esposa, mudaram do Sul do Brasil para Villarica, no Paraguai. Em 1950, Erasmo Granda, da Argentina, colportou algum tempo na cidade de Encarnación e arredores. Encontrou certo número de interessados na verdade. Depois que o irmão Granda voltou ao seu país, Eugênio Laicovschi e Antonio Xavier passaram a atender os interessados nesse novo campo.

Entre 1965 e 1970, o irmão Laicovschi dedicou muita atenção ao desenvolvimento da Obra, principalmente em Asunción, capital federal. Foi alugado um salão para cultos. Como os irmãos paraguaios não dispunham de ministro nem de obreiro bíblico, o progresso da Obra foi difícil. Ocasionalmente, eram visitados por um pastor ou obreiro de outro país. Isso, porém, não era suficiente.

Em 1973, a Obra no Paraguai recebeu novo impulso, graças ao empenho particular de Antônio Thomé e João Devai. Eles enviaram da Argentina para Asunción dois colportores com quatrocentas coleções de livros. Esse auxílio logo foi completado pela União Brasileira. De 1975-1977 mais colportores e livros foram enviados para o Paraguai.

Os outros países da União Meridional eram Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai. Não sendo fácil para esses países promoverem a Obra no Paraguai, a qual então se havia expandido e necessitava de atenção especial, na assembléia de 1977 os delegados daquela União decidiram pedir que a União Brasileira se encarregasse desse Campo.

O Brasil enviou mais colportores, e o número de irmãos aumentou. Em Asunción, foi alugada uma casa que logo se tornou o centro das atividades no país. Tiveram êxito em levar a verdade ao povo.

A obra médico-missionária teve início em 1978, quando um irmão da Bolívia, foi convidado para trabalhar em Asunción. Ele influenciou grande número de adventistas de mentalidade reformista a tomarem posição conosco.

Os irmãos paraguaios são gratos pela assistência ministerial prestada por João Devai, Paulo Tuleu, Waschington Luís Bueno, e principalmente por Antônio Xavier, desde a época em que a União Brasileira assumiu a responsabilidade da Obra ali.

Os imóveis em Asunción são caros. Entretanto, com a ajuda especial de uma oferta de décimo-terceiro Sábado, da União Brasileira

e da família Narvaez, cuja doação foi significativa, na área central de Asunción, em 1982, adquirimos excelente propriedade: um terreno com uma casa antiga. Esta foi temporariamente, e em pequenas proporções, assim dividida: sala de reunião, clínica naturista e loja de produtos dietéticos. Em 1985, o antigo prédio foi demolido e novo edifício contruído.

Naquela época tínhamos cerca de cinqüenta crentes na capital. Em outras regiões do país havia alguns membros e interessados. O futuro parece indicar que muitas pessoas sinceras aceitarão a mensagem de salvação no Paraguai antes do fim do tempo da graça.

Uruguai

Quando a União Sul-Americana foi organizada em 1943, o Uruguai foi incluído na União recém-estabelecida, à qual pertenciam Argentina, Bolívia, Chile e Paraguai. Em 1930, a obra de reforma no Uruguai teve início com a chegada de algumas famílias russas de reformistas, vindas da Bessarábia. Nossos pioneiros foram Mihail Sersun, Timothei Ignatov, Thoma Baranov e Timothei Orlov. As famílias estabeleceram-se em diversas regiões. Os Ignatov e os Baranov decidiram fixar residência em Young.

Predominantemente, a população descende de europeus. A grande maioria professa a religião católica romana. Entretanto, os uruguaios manifestam pouco ou nenhum interesse em religião. Grande parte do povo permanece na incredulidade e ateísmo. Alguns afirmam que essa circunstância é resultado da influência humanística na educação.

Embora nossos irmãos no Uruguai nunca tenham sofrido perseguição religiosa, têm tido dificuldade para encontrar pessoas que manifestem interesse na verdade. Nossos obreiros que têm morado no Uruguai afirmam que aquele campo árido é comparável à *beira do caminho*, na parábola do semeador. Porém, temos certeza de que também nos lugares mais improdutivos a semente do Evangelho há de germinar em muitos corações famintos e sedentos da verdade.

Nossos primeiros missionários que trabalharam ativamente no Uruguai foram: Mihail Sersun, da Ucrânia, durante vários anos até 1946; Lucas Cabrera, do Chile, 1946-1951; José Artimodoro Linares, do Peru, 1952- 1957; Francisco Devai, do Brasil, 1954-1956; Paulo Tuleu, do Brasil (procedente da Romênia), 1956-1967. O irmão Devai foi líder na Argentina em 1960 e dali prestou assistência ao Uruguai. Em 1964 voltou a residir em Montevidéu, onde trabalhou até 1968. Juan Ignatov desempenhou parte ativa na Obra desde 1951, coope-

Conferência reformista em Montevidéu, Uruguai, 1978.
À dir.: Nossa clínica de saúde em Montevidéu, Uruguai. À esq.: Batismo em Taquarembo, Uruguai, 1980

rando com os obreiros efetivos. De 1951 a 1962, Carmelo Palazzolo, da Argentina, visitou regularmente aquele campo.

O testemunho de nossos irmãos pioneiros da Europa, que não vieram ao Uruguai como missionários, mas como fazendeiros, e os esforços envidados por nossos obreiros bíblicos resultaram na conversão de algumas famílias e indivíduos. Esses formaram diversos grupos que, com sacrifícios especiais, colaboraram na construção de algumas igrejas.

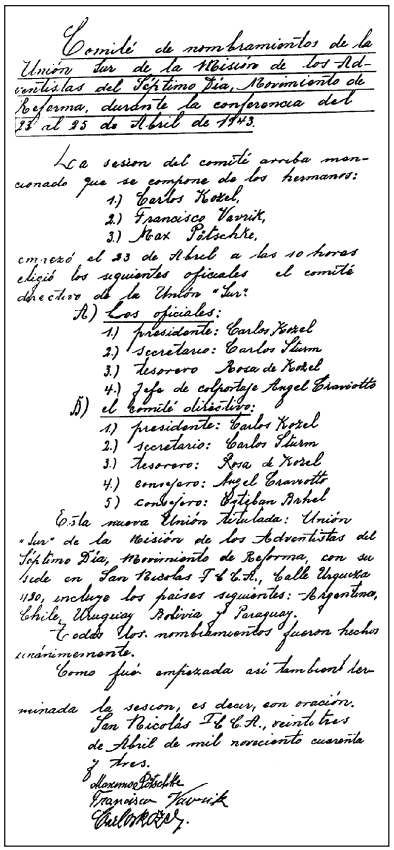
Entre os membros uruguaios que auxiliaram a promover a mensagem de Reforma em seu país, houve alguns que se destacaram por terem sido muito ativos na Obra do Senhor. A família Lima, e alguns de seus parentes, foram voluntários em dedicar grande parte do tempo em testemunhar de Cristo. Seus esforços não foram em vão. Marcos Lemos e esposa também foram de grande auxílio para a Obra. Durante muitos anos, desde 1955, o irmão Marcos trabalhou como colportor perseverante e incansável. Em 1985, precisou diminuir suas atividades e parar devido à idade avançada.

Maria Esther Pombo Gonzalez, cega desde dezesseis anos de idade, demonstrou grande zelo em favor da nobre causa que havia abraçado. A irmã Maria aceitou a mensagem de reforma pouco antes de 1950. Empenhou-se na recolta em favor da construção de uma igreja em Taquarembó, e para a aquisição de uma casa em Montevidéu, capital do país. O dinheiro arrecadado não foi suficiente. Um irmão que havia sido impressionado com o pensamento de que o fim estava próximo, vendeu algumas propriedades e completou a quantia necessária para a aquisição da casa em 1964. Essa propriedade serviu como igreja até 1988, quando foi transformada em pequena clínica naturista que passou a ser administrada pelo Dr. José Luiz Ignatov. A partir de então, aquele local tem sido o braço direito da mensagem, trazendo novos conversos à verdade presente.

A irmã Maria conseguia sozinha empreender visitação de porta em porta, de um lado para outro, na cidade. Havia ocasiões em que atravessava campos e pastos. Uma ou duas vezes chocou-se com um cavalo. Certo dia, caiu numa vala de drenagem recém-cavada. Entretanto, nunca perdeu o agudo senso de direção. Sempre sabia onde estava.

Outro detalhe interessante: aceitava a hospitalidade de pessoas amáveis e falava com elas a respeito do Evangelho. Tinha muitas amizades. Em atenção a convites, mantinha programa regular para as refeições. Na semana, conforme escala pré-determinada, para cada

refeição diária, visitava uma família por vez. Assim, sempre tinha o necessário para o desjejum, almoço e jantar, providos gratuitamente pelos amigos. Foi agraciada com memória prodigiosa. Tinha na mente a escala, os nomes e os endereços. Conforme explicamos atrás, locomovia-se de um lugar para outro sem ajuda de guia. Apesar da deficiência visual, decidiu trabalhar de casa em casa pedindo donativos destinados à construção de uma instituição para cegos em Rivera. Deu prosseguimento a esse trabalho até 1975, quando se tornou evidente que, devido à idade, não conseguiria terminar a construção. Esta foi concluída com recursos do governo. A irmã Maria foi admitida aí como uma das primeiras residentes. Em 1979, com quase noventa anos, descansou no Senhor.



Comité de nombramientos de la Unión Sur de la Misión de los Adventistas del Séptimo Día, Movimiento de Reforma, durante la conferencia del 33 al 35 de Abril de 1943.

En sesion del comité arriba mencionado que se compone de los hermanos:
1.) Carlos Kozel,
2.) Francisco Vavrik,
3.) Max Polachke,
empezó el 33 de Abril a las 10 horas eligió los siguientes oficiales el comité directivo de la Unión Sur:

A) Los oficiales:
1.) presidente: Carlos Kozel
2.) secretario: Carlos Sturm
3.) tesorero Rosa de Kozel
4.) Jefe de colportaje Angel Cravotto

B) el comité directivo:
1.) presidente: Carlos Kozel
2.) secretario: Carlos Sturm
3.) tesorero: Rosa de Kozel
4.) consejero: Angel Cravotto
5.) consejero: Esteban Babel

Esta nueva Unión titulada: Unión Sur de la Misión de los Adventistas del Séptimo Día, Movimiento de Reforma, con su sede en San Nicolas F. C. N., Calle Uruguay 130, incluye los países siguientes: Argentina, Chile, Uruguay, Bolivia y Paraguay.

Todos los nombramientos fueron hechos unánimemente.

Como fue empezada así también fue terminada la sesion, es decir, con oración.

San Nicolas F. C. N., veinte tres de Abril de mil novecientos cuarenta y tres.

El secretario
Francisco Vavrik
Carlos Kozel.

Minutas da organização da União Sul da América do Sul (Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai), com escritório central em San Nicolas, Argentina, 1943

Não há duvida de que, também no Uruguai, surgirão muitas outras testemunhas fiéis que brilharão intensamente em meio às trevas que cobrem a Terra.

II — Biografias e experiências pessoais

Karl (Carlos) Kozel

Karl Kozel nasceu na Alemanha em 20 de março de 1890. Na infância e adolescência era fraco e doentio. A família e ele mesmo não acreditavam que alcançaria idade avançada. Depois que se graduou em ciências contábeis, começou a trabalhar com sucesso para firmas comerciais importantes, tanto em seu país como no estrangeiro.

Em 1920, enquanto o mundo ainda sangrava pelas muitas feridas resultantes da Primeira Guerra Mundial, conheceu a tríplice mensagem. O batismo ocorreu em 25 de junho de 1920.

C. Kozel

Então, a fim de se dedicar ao trabalho da colportagem evangelística, renunciou sua boa posição e tudo que envolvia. De acordo com o lema: *Aquele que é salvo procura salvar a outros*, ia de casa em casa procurando ajudar os perdidos.

No primeiro amor para com a mensagem, K. Kozel ouviu a respeito da existência do Movimento de Reforma entre o povo adventista. Para ele foi dolorosa decepção descobrir que a igreja à qual pertencia se havia desviado da lealdade para com a Lei de Deus, particularmente no que diz respeito ao quarto e sexto mandamentos. A decepção foi ainda mais profunda quando soube que a igreja havia excluído muitos membros cujo propósito era permanecer fiéis ao Senhor e à Sua verdade mesmo em tempo de crise. Depois de um ano, esses acontecimentos amargos levaram o irmão Kozel a unir-se ao Movimento de Reforma.

Em 22 de setembro de 1922, o irmão Kozel uniu-se em matrimônio com a irmã Rosa. Ela o ajudou sempre, durante toda a vida.

No início de julho de 1927, o irmão e a irmã Kozel, a convite da nossa organização, foram designados como a primeira família de missionários para a América do Sul. (Esta primeira porção foi condensada de um relatório publicado pelo irmão S. Gutknecht em 1976). Ao chegarem à Argentina, o primeiro trabalho que fizeram foi procurar almas sinceras na igreja dos ASD de Guatrache. Duas vezes foi permitido que o irmão Kozel falasse publicamente a respeito da Reforma na reunião deles. Depois, não mais obteve permissão para nenhum debate. Havia o temor quanto à grande influência da verdade sustentada pela Reforma. Porém, um irmão havia já decidido ingressar nas fileiras dos reformistas.

Providencialmente, o irmão D. Iks havia recebido publicações da Alemanha. Tendo tomado posição ao lado da Reforma, foi excluído da Igreja Adventista. As orações dele foram ouvidas. Regozijou-se grandemente quando recebeu, por intermédio do irmão Kozel, a ajuda que, havia muito, esperava. Juntos, visitaram, um por um, os membros da Igreja Adventista em Guatrache. Foi trabalho difícil e extenuante. As distâncias eram longas. Logo o irmão Kozel recebeu três pessoas na comunhão da nossa igreja. Não era grande o número dos que mostravam real interesse. Para muitos, a reforma de saúde era empecilho quanto a receberem a mensagem.

Depois de iniciar o trabalho em Guatrache, os irmãos Kozel e Iks empreenderam longa viagem para visitar uma colônia de crentes adventistas germano-russos em Misiones. Porém, não chegaram em tempo de realizar trabalho bem-sucedido. O pastor G. W. Schubert e dois outros ministros haviam chegado antes deles. Já fazia dois dias que pregavam contra a Reforma. Na esperança de que houvesse debate, nossos obreiros foram à reunião, mas a porta já havia sido fechada para os reformistas. Mencionando erros pessoais de Abraão, o pastor Schubert tentou justificar a apostasia da igreja. Mesmo sem terem recebido permissão para falar, os dois irmãos da Reforma conseguiram dizer algumas palavras que denunciavam a dissimulação dos fatos.

Alguns irmãos adventistas desejaram que no dia seguinte houvesse debate, mas o pastor Schubert soube escapar à proposta, dizendo: "Um cultiva fumo, outro cria porcos. Que todos façam o que lhes apraz. Não somos servos dos homens. Não fazemos nenhuma lei. Essas pessoas [os reformistas] são legalistas." Alguns irmãos protestaram. À tarde o irmão Kozel recebeu permissão para proferir breves palavras. Porém, era interrompido sempre que apresentava fortes evidências a respeito da apostasia.

O irmão Kozel permaneceu oito dias naquela região. Pela graça de Deus, três pessoas aceitaram os princípios do Movimento de Reforma. Foram recebidas na comunhão. (Adaptado de *Sabbat-Wächter*, 1º de março de 1928).

Ao trabalhar pela salvação de almas e estabelecimento de novas igrejas, o irmão Kozel viu que era preciso desenvolver a colportagem. Ainda não existia literatura adequada. Impelido pela necessidade, começou a escrever livros. Foi assim que desenvolveu algum talento literário. Além de cumprir deveres pastorais e assumir responsabilidades na liderança, escreveu dezesseis livros que eram distribuídos pelos colportores.

Após a Segunda Guerra Mundial, numa assembléia da CG realizada na Holanda em 1948, o irmão Kozel foi eleito presidente. No fim do mandato, em maio de 1951, séria discordância na assembléia da CG trouxe divisão entre os delegados, conforme declarado em capítulo anterior. Apesar da controvérsia, o irmão Kozel permaneceu filiado à nossa corporação até maio de 1952. Ainda professava pertencer à nossa organização, isto é, à Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma, com sede em Sacramento, a qual, em 8 de abril de 1949, sob administração dele

mesmo, havia sido registrada na Califórnia, EUA. O irmão Kozel foi obreiro laborioso e estrito seguidor dos princípios da reforma de saúde. Faleceu no início de 1989.

Eugênio Laicovschi (1905-1978)

Eugênio Laicovschi uniu-se ao Movimento de Reforma em 1923, na Romênia. Ingressou imediatamente na colportagem. Mesmo antes do batismo, começou a trabalhar na Obra do Senhor.

Em 1922, apesar da menoridade, foi preso três vezes. A polícia militar romena o espancou acusando-o do *crime* de realizar trabalho missionário. Eles o surpreenderam com folhetos religiosos nos bolsos. Na prisão, quando chegou o Sábado, mandaram que limpasse os estábulos. Ante a recusa, espancaram-no tanto que um oficial, temendo pela vida do jovem, disse com voz trêmula: "Meu rapaz, se não obedecer, você morre!" Eugênio respondeu: "Ainda que me matem, não posso trabalhar hoje, pois a Lei de Deus diz que devemos santificar o Sábado." Ao ser levado de volta para a cela, sentiu agudamente as dores do terrível espancamento.

Antes de ser libertado, recebeu a visita de André Lavrik que, por amor à verdade, também havia sofrido na prisão. Contou a Eugênio que estava preparando os documentos de emigração para o Brasil. Na opinião de Eugênio, essa era a melhor decisão que André podia tomar. Ele também começou a pensar em emigrar. A mãe estava convencida de que a vocação dele era o trabalho na Obra do Senhor. Sugeriu de modo veemente que deveria mudar-se para um país livre. Ela temia que fosse morto se continuasse a promover trabalho missionário em seu país, onde a liberdade religiosa não existia.

Eugênio deixou a Romênia no fim de 1926. Chegou a Buenos Aires, Argentina, em 3 de fevereiro de 1927.

Ali trabalhou na equipe de uma companhia de manutenção da estrada de ferro. Era trabalho penoso. Entretanto, conseguiu economizar algum dinheiro. Com essas economias, fez algumas viagens e encontrou irmãos que, como ele, tinham vindo da Europa.

Em 1930, durante a primeira conferência na Argentina, Eugênio Laicovschi foi nomeado diretor de colportagem. Porém, antes de iniciar o trabalho, precisava ganhar mais dinheiro para comprar roupas decentes. Trabalhou durante algum tempo como servente e depois, pedreiro.

E. Laicovschi

Em 1931, na segunda conferência na Argentina, ficou decidido que o irmão Laicovschi deveria ir ao Chile, realizar trabalho pioneiro. Em 1933, foi transferido para o Peru, onde trabalhou até 1950. Naquele ano, o irmão Laicovschi foi chamado de volta à Argentina, onde assumiu a Obra na União Sul-Americana do Sul. Em 1963 foi transferido para o Brasil, onde dirigiu a União até 1969. Depois, serviu ao Senhor no Sul do Brasil, Uruguai e Argentina, onde a prévia experiência na Obra foi grandemente necessária. Trabalhou também na República Dominicana e Estados Unidos, principalmente em Nova Iorque e Boston. De 1975 a 1978 empenhou-se ativamente na União Sul-Americana do Norte (Peru, Equador, Colômbia e Venezuela).

Carmelo Palazzolo

Maximiano C. Palazzolo, normalmente conhecido como Carmelo Palazzolo, nasceu em Olavarria, Província de Buenos Aires, Argentina, em 3 de outubro de 1917. De família católica romana, recebeu formação católica. Em 1939, quando se preparava para ingressar no seminário como aspirante ao sacerdócio, conheceu a verdade por intermédio da colportagem. Dois anos depois, fez concerto com o Senhor. Foi batizado e uniu-se ao grupo de colportores.

Durante aproximadamente doze anos Carmelo empenhou-se na divulgação da nossa literatura, indo de porta em porta. Simultaneamente, trabalhou com dedicação, como obreiro bíblico em regime de meio período. Em 1945 casou com Genoveva Krzywicki. Em 1950 foi ordenado. Como ministro do Evangelho, trabalhou na Argentina até 1962, quando foi transferido para a Guatemala a fim de ajudar a promover a Obra na América Central. Em 1976, imigrou para os EUA, de onde continuou prestando assistência pastoral à América Central.

Quando colportava, o irmão Palazzolo fez muitas experiências interessantes. Eis, a seguir, uma de 1945:

Certo dia, em Córdoba, Argentina, planejou trabalhar em determinada área da cidade. Lá chegando, por razão desconhecida, não conseguiu descer do bonde. Teve a sensação de que estava preso ao assento. Foi parar noutra região que não estava no seu plano.

Na primeira rua, enquanto batia de porta em porta, de repente, uma senhora, vindo atendê-lo depressa, parou e o encarou durante alguns minutos, sem dizer palavra. Ele teve a impressão de que ela não fosse pessoa mentalmente equilibrada. Sentindo-se incomodado, tentou andar, mas os pés não obedeceram. Aquela senhora voltou rapidamente e entrou em casa. Ele tentou afastar-se, mas os pés

continuavam presos ao solo. A mulher reapareceu, quase ofegante. Acenou para ele e disse: “Por favor, entre. Sente-se.”

O irmão Palazzolo apresentou os livros e ela encomendou uma coleção. No dia da entrega, teve receio de ir sozinho. Levou a esposa. Percebendo que a senhora estava realmente interessada, apresentou a tríplice mensagem.

C. Palazzolo

Estava aberta nova porta para estudos bíblicos. Semanalmente o casal visitava aquela senhora e o marido para estudar a Bíblia. Eram crentes protestantes. Na sexta visita, a mulher explicou o que havia acontecido quando Palazzolo bateu à porta pela primeira vez:

“Na noite anterior, antes de o irmão chegar, tive um sonho em que o vi. Era exatamente o mesmo rosto, a mesma estatura, o mesmo terno. Sim, eu o vi chegando à nossa casa. No sonho, uma voz me disse: ‘Escute o que esse homem tem a dizer. Sua salvação depende da aceitação da mensagem que ele trará.’ Meu marido ficou impressionado quando contei o sonho. Então, quando o vi, fiquei tão surpresa que, por alguns instantes, fiquei sem fala. Pensei em meu marido, que havia acabado de sair. Quando me recobrei, tentei correr e chamá-lo para que pudesse encontrar o irmão, mas, tendo saído, já estava longe. Foi por isso que voltei quase sem fôlego.”

Carmelo continuou ministrando estudos bíblicos àquele casal. Ambos aceitaram a mensagem. O homem faleceu dois meses após a primeira visita. A irmã Maria Herédia, tendo-se preparado, logo foi batizada. A casa tornou-se lugar de reunião, e foi por muitos anos usada como casa de oração.

29

Colômbia, Equador, Peru e Venezuela

I — Início e desenvolvimentos posteriores

Peru

Nossa mensagem é baseada em Isaías 58:1 e Apocalipse 3:14-20. Chegou ao Peru em 1930. Muitos sinceros sentiam urgente necessidade de mudança. Ouviram notícia da existência do reavivamento e reforma que estavam em andamento em outros países. De modo providencial, receberam nossas publicações. Encontraram nossos irmãos através de correspondência. Quando o irmão Kozel os visitou, encontrou certo número de interessados.

Em 1933, o irmão Laicovschi os atendeu. O trabalho foi difícil. Teve de enfrentar sofrimentos aparentemente insuperáveis. A comoção política do país era grande impedimento e grave ameaça pessoal. A malária o acometeu com tal intensidade que quase pereceu.

Primeiro grupo de irmãos reformistas organizado no Peru (Lima, 1934)

Porém, aplicou remédios naturais disponíveis e depôs inteira confiança em Deus. As orações foram ouvidas. Recuperou a saúde e aumentou o conhecimento prático em tratamentos naturais. Estava mais bem preparado para ajudar a muitos.

Pobreza extrema foi outro obstáculo contra o qual o irmão Laicovschi lutou. Os dízimos e as ofertas de irmãos e amigos eram muito limitados, insuficientes para cobrir despesas de viagens. Durante algum tempo, trabalhou sem salário. Enfrentou muita oposi-

Encontro de reformistas, Ascope, Peru, 1945

À esq.: Lima, Peru — batismo, 1961; conferência da União, 1965; conferência da União, 1996. À dir.: Trujillo, Peru — coral da igreja de Trujillo, 1976; escola paroquial (aproximadamente 300 estudantes), 1980

Congresso de jovens, Trujillo, Peru, 1977

ção da Igreja Católica Romana e da Igreja Adventista. Mesmo sob circunstâncias desencorajadoras, nunca deu lugar ao desânimo. Grande paciência, inabalável confiança no Senhor e firme convicção na verdade levaram muitas pessoas sinceras a aceitar a mensagem de Reforma.

Nos primeiros anos, o irmão José Carmen León e esposa foram zelosos no trabalho missionário. À medida que a Obra no Peru se expandia, mais colaboradores ativos ajudaram na proclamação da verdade que trouxera o Movimento de Reforma à existência. Entre os que fizeram grandes sacrifícios nesse trabalho, devem ser lembrados os irmãos Manuel Rodriguez e Sérgio Ortiz. Levaram muitos ao conhecimento da verdade. As adversidades e perigos que enfrentaram na Causa do Senhor, custaram-lhes a vida.

Em 30 de março de 1934, a Obra no Peru foi organizada primeiramente como Missão. Depois, como Associação, quando o Peru se tornou parte da União Sul-Americana do Norte (Colômbia, Equador, Peru e Venezuela). Esta União foi organizada em 12 de fevereiro de 1943. A Associação Peruana foi registrada em 8 de setembro de 1953.

Em 1983, uma escola missionária foi estabelecida em Puente Piedra, perto de Lima, Peru. Em 1987, a escola foi transferida para La Esperanza, em Trujillo.

A extensão territorial, fronteiras políticas e o crescimento do número de membros nesses países exigiram novas providências organizacionais. Assim, em 1981, a Obra naquela região foi reorganizada em duas Uniões: o Peru tornou-se União. Os outros três países: Colômbia, Equador e Venezuela, formaram a União Andina.

Seminário para obreiros bíblicos e colportores, Lima, Peru, 1983

Equador

Em fevereiro de 1945 a mensagem chegou ao Equador. Mário Linares foi enviado a fim de dar início ao trabalho naquele país. Muitas experiências probantes marcaram o estabelecimento da Obra ali. Uma das maiores dificuldades era a oposição dos líderes da Igreja Adventista, que não pouparam sofrimentos ao irmão Linares. Além de tratá-lo com rudeza, o caluniaram e o denunciaram como espião. Depois de preso e investigado, foi declarado inocente. As autoridades reprovaram os acusadores.

A história mostra que mesmo as adversidades podem trazer resultados positivos. Como resultado dessa experiência, o irmão Linares conseguiu visto de residência no Equador. Obteve também isenção de taxas para estrangeiros.

Os líderes adventistas haviam advertido os membros, instruindo-os a tomarem cuidado com o reformista. Foram proibidos de recebê-lo, escutá-lo e fornecer informação que lhe possibilitasse encontrar os adventistas. Durante algum tempo, não obteve nenhum nome nem endereço.

Certa noite, tendo já o nome de uma família da qual não conhecia o endereço, enquanto caminhava numa rua escura, orou a Deus suplicando ajuda. De repente um homem se aproximou e perguntou: "O que o senhor está procurando?" Ele respondeu que procurava determinada família que morava naquelas imediações. O homem disse: "Venha comigo. Levarei o senhor à casa deles." Quando a porta

Seminário para colportores, Ambato, Equador, 1982

da casa se abriu para receber os visitantes, o estranho desapareceu. Grandemente surpresos, visitante e visitados agradeceram ao Senhor a ajuda providencial. Naquela mesma noite a família aceitou a mensagem, tomando posição ao lado do Movimento de Reforma. Depois apresentaram o irmão Linares a outras famílias de adventistas. Assim foi o início da Obra no Equador.

Como acontece a todo missionário, o irmão Linares fez algumas experiências difíceis. Certa ocasião foi assaltado. Levaram todo o dinheiro, incluindo dízimos, ofertas e certa quantia destinada à editora. Com grande angústia orou a Deus suplicando auxílio. Depois abriu um livro do Espírito de Profecia. Leu que os servos do Senhor, muitas vezes enfrentariam provações financeiras. O inimigo sempre criaria problemas dessa ordem para desanimar os obreiros. Teve esperança e energia revigoradas. Sentindo-se grandemente encorajado, trabalhou com diligência na colportagem para repor o dinheiro perdido no roubo. Deus abençoou os esforços e Linares foi bem sucedido. Em pouco tempo conseguiu recuperar o prejuízo. Quando estava prestes a ajustar contas, revelou aos irmãos o infortúnio que lhe sobreviera.

A mensagem de reforma no Equador avançava rapidamente. Houve suficiente interesse em realizar uma conferência antes do fim do ano. Era outubro de 1945.

Depois da sacudidura dos anos de 1951 e 1952, embora os pastores do Peru tenham prestado alguma assistência aos equatorianos, por falta de obreiros a Obra naquele país não pôde ser atendida durante anos. A ajuda necessária foi enviada somente no fim dos anos

Batismo em Banos, Equador, 1985

de 1960, quando o irmão Francisco Devai Papp, regressando de Portugal, aceitou o chamado para trabalhar no Equador.

A União Equatoriana foi organizada em 1990. A Obra naquele país está-se desenvolvendo lenta mas firmemente.

Colômbia

A mensagem de reforma chegou à Colômbia em 1939, quando o irmão Kozel começou a trabalhar em Bogotá, capital federal.

Depois de três dias à procura de pessoas que estivessem dispostas a aceitar a luz de Apocalipse dezoito, fez experiência maravilhosa. Decidiu abordar um carteiro numa rua movimentada: "Talvez o senhor possa me ajudar." O irmão Kozel explicou o que desejava. O homem olhou demonstrando amabilidade. As pessoas na América do Sul geralmente são corteses. O carteiro pensou um instante, e disse: "Vá à agência central do correio amanhã, sexta-feira, às nove horas. Procure-me, e lhe apresentarei um carteiro adventista. Ele dará a informação que o senhor deseja."

No dia seguinte Kozel encontrou aquele irmão adventista. Em alguns minutos obteve todas as informações de que precisava. O carteiro adventista deixou imediatamente o trabalho e levou nosso missionário a outro irmão que, na opinião do carteiro, certamente aceitaria a mensagem de reforma. Assim foi.

Num dos Sábados seguintes, a maioria dos membros da igreja pediu ao irmão Kozel que lhes apresentasse a mensagem de reforma. À tarde teve a oportunidade de falar numa oficina de marcenaria. Em resultado, considerável número de pessoas aceitou a verdade. Para atender àquele despertamento, foram enviados, do Chile, um obreiro e família.

O irmão Kozel e um interessado que conhecia bem aquela região decidiram empreender perigosa viagem missionária para a qual seriam necessárias cerca de cinco semanas. Em dezesseis dias tiveram de voltar. Além disso, havia começado a estação chuvosa. Muitas montanhas e vales estendiam-se diante deles. A estrada passava por lugares isolados e insalubres. Precisaram atravessar vários rios sem ponte. A viagem só poderia ser feita com a ajuda de uma mula. Cavalos não suportam esse tipo de trabalho.

A princípio, de ônibus, percorreram grande distância. Depois compraram a mula. Na América do Sul, o irmão Kozel já havia feito numerosas viagens perigosas, suportando muitos sofrimentos. Entretanto, essa foi a mais árdua de todas. Viajaram de montanhas geladas para vales quentes e dos vales para as montanhas. À noite, em montanhas altas e

Seminário para colportores, Medelim, Colômbia, 1984

Conferência reformista em Medelim, Colômbia, 1984

frias, dormiam enrolados numa manta, no chão ao relento, ou em casebres. Nos vales quentes e abafados, dormiam em redes. Não podiam dormir no solo por causa das formigas e outros insetos. Mosquitos, que picam terrivelmente, sempre se manifestam onde faz calor. Foi assim que o irmão Kozel contraiu malária. O plano deles era chegar ao destino e voltar o mais breve possível. Com a ajuda de Deus foram bem-sucedidos. Montados na cavalgadura percorreram grande extensão da estrada. Às vezes, à tardinha, quando apeavam, mal conseguiam mudar o passo. Apesar das muitas dificuldades, a viagem foi concluída. Foi despertado o interesse pela mensagem de reforma naquela área remota.

Conferência reformista (membros e amigos) em Medelim, Colômbia, 1988

Voltando à capital, o irmão Kozel ficou feliz em saudar o obreiro que viera do Chile e poder introduzi-lo no trabalho. (Adaptado de *Der Adventarbeiter*, de 1940).

Em 1947, enquanto o irmão J. C. León trabalhava na Colômbia, por pouco escapou da morte. O leitor poderá conhecer a história na seção *Biografias e experiências pessoais*. A fim de proteger os novos interessados contra algumas influências fanáticas, ele voltou àquele país em 1948. Informou: "Na Colômbia, estávamos enfrentando nova forma de fanatismo surgida entre nosso povo. Alguns que se diziam profetas, pretendendo haver recebido revelações, tiveram de ser rechaçados." Um ano depois, escreveu sobre os desenvolvimentos posteriores da Obra: "Na Colômbia, num lugar chamado Aurora, acabamos de construir uma igreja e um centro missionário."

Em 1950, a Associação Colombiana passou por uma crise. O governo estava nas mãos de católicos intolerantes. Nossos irmãos sofreram perseguição. A polícia dinamitou nossa igreja em Aurora. Um irmão e a esposa, que moravam perto do templo, foram gravemente maltratados pelos militares. Um dos filhos foi morto. Uma jovem que trabalhava para a família sofreu abuso dos policiais. Ela não pertencia à nossa igreja. Antes disso, já ocorrera assassinato de um ou dois irmãos naquela região. Relatórios autênticos confirmaram que aquela perseguição da parte das autoridades era promovida pela Igreja Católica. Procuravam o irmão León para o matar, mas não o encontraram.

Depois da crise que sobreveio ao Movimento de Reforma em 1951 e 1952, a Colômbia não recebeu assistência até 1969, quando C. Palazzolo e D. Devai foram enviados para cuidar dos interesses da Obra naquele país. Em fevereiro de 1970, A. Balbach e D. Devai estiveram na Colômbia. Realizaram reuniões abençoadas em Bucaramanga. Dezessete pessoas foram recebidas na comunhão da igreja. Em Ibague receberam mais três pessoas. Então, depois de algumas reuniões e estudos em Medellin, vinte pessoas foram agregadas ao aprisco. Antes de os irmãos Devai e Balbach deixarem a Colômbia, cerca de sessenta irmãos já haviam tomado posição ao nosso lado, para batalhar pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.

Na Colômbia, D. Devai e A. Balbach encontraram irmãos atenciosos e amáveis que lhes forneceram relatos importantes. Um irmão lhes disse que havia recebido alguns de nossos boletins da CG e os lera e relera cuidadosamente. O pastor, ao descobrir que esse irmão tinha nossos boletins, exigiu que os entregasse imediatamente a ele, acrescentando: "Ajoelhe-se e peça perdão. Caso contrário, será excluído da igreja." O irmão recusou-se a obedecer à ordem arbitrária do pastor. Por esse *pecado* foi excluído. Outros irmãos informaram detalhes a respeito das frustrações pelas quais passaram ao tomarem conhecimento da atitude de seus antigos líderes. Outros revelaram que, em sua decepção, estavam prontos para renunciar todo o interesse na Reforma. Disseram que, caso não lhes ajudássemos, iriam unir-se à Igreja ASD ou iriam para o mundo.

Alguns perguntaram aos visitantes: "Por que os irmãos não vieram mais cedo?" Manifestaram gratidão a Deus que finalmente

Batismo em Medelim, Colômbia, 1988

lhes respondera as orações, possibilitando a ida de alguns de nossos obreiros à Colômbia.

O novo interesse despertado também ficou evidente pelas muitas cartas recebidas de irmãos colombianos depois da visita dos irmãos Devai e Balbach. Numa carta de 2 de junho de 1970, um jovem escreveu:

"Sou grato ao mencionar algumas das grandes coisas que Deus fez por nós... Portanto, nosso coração está cheio de alegria e gratidão a Ele. Meu pai e minha mãe são também solidários para com os meus sentimentos. Somos gratos ao Senhor porque Ele abençoou Sua Obra nesta região... Estamos surpresos com o êxito e progresso do trabalho... Existem aqui muitos que ouviram a verdade genuína e querem ser recebidos na comunhão da igreja. Desejam desempenhar parte mais ativa no trabalho do Senhor. Ainda há muito mais pessoas que estão sedentas da verdade... Portanto, é preciso que nos seja enviado um obreiro efetivo."

Em 1995, quando escrevíamos este capítulo, soubemos que, pela graça de Deus, tínhamos igrejas e grupos espalhados em muitos lugares. Essas eram boas perspectivas para, em futuro próximo, a reorganização do Campo Colombiano como União.

Venezuela

A obra de reforma na Venezuela teve início em 1938. O começo foi difícil e o desenvolvimento, lento.

Em 24 de março de 1949, o irmão José Carmen León escreveu de Caracas:

"Faz um mês que estou neste país. Quanto ao desenvolvimento da Obra, as perspectivas são boas. Começamos a organização de nossa Missão em Caracas com quinze pessoas."

Esses irmãos, vindos da Igreja ASD, após algumas visitas e estudos, começaram a promover reuniões separadas, em nome da Reforma, na casa do irmão Antônio Aponte. O irmão León voltou à Colômbia e uma senhora muito missionária, irmã Rita de Reyna, permaneceu em Caracas, capital, para cuidar do pequeno grupo de novos membros e atender os interessados.

À medida que novos conversos pouco a pouco aceitavam a mensagem de reforma, a Obra continuava a desenvolver-se. Pouco depois, nossos irmãos venezuelanos construíram pequena igreja em Caracas.

Por volta de 1951 tudo parecia estar seguindo o curso normal, quando houve crise provocada por uma carta imprudente enviada

pelo irmão León à irmã Reyna, na qual, sem o conhecimento dos irmãos, ele a instruiu a transferir todo o dinheiro do Campo Venezuelano para a Colômbia. Essa carta foi interceptada pelos irmãos, que deixaram de confiar no irmão León e na irmã Reyna.

A crise agravou-se quando receberam notícias sobre a discordância e separação entre os irmãos da CG em maio 1951. Houve sacudidura, e o progresso da Obra foi grandemente dificultado. Porém, um grupo fiel permaneceu firme, mesmo sem liderança, até 1954, quando o irmão Laicovschi os visitou, levando-lhes novo ânimo.

Quando os irmãos venezuelanos tiveram todas as evidências de que precisavam, em 7 de agosto de 1954 decidiram continuar unidos à nossa organização da CG. Declararam:

"Fica resolvido que nós, membros da igreja de Caracas, reconhecemos a organização da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma, legalmente organizada e registrada no Estado da Califórnia, EUA, [8 de abril de 1949], com seus estatutos e com sede em Sacramento, Califórnia, atualmente sob liderança do irmão D. Nicolici."

Duas semanas depois, o Campo Venezuelano foi assim organizado: Miguel Ángel Corro, líder do Campo; Manuel Cruz, secretário; Pastor Maurera, tesoureiro; e mais dois membros da Comissão.

O irmão Corro foi conselheiro sábio e líder competente. Sua morte, no início de 1956, representou grande perda para a igreja na Venezuela.

Seminário para colportores em Caracas, Venezuela, 1984

Encontro de obreiros em El Piñal, Venezuela, 1986

O Campo foi reorganizado em 12 de maio de 1956, quando Mário Linares ali esteve para a assembléia. Foi decidido que o Campo Venezuelano fosse registrado sob o nome *Asociación Venezolana de los ASD Movimiento de Reforma*, com sede em Caracas. A inscrição foi feita em 22 de julho de 1956. O número de membros continuou crescendo lentamente, apesar da falta de obreiros.

José Romero, do Peru, chegou ao país em 1975, e Herinaldo Gomes, do Brasil, em 1985. Ambos deram novo impulso ao trabalho.

Hoje temos igrejas e grupos em vários lugares, e uma equipe de colportores que vão de cidade em cidade levando a mensagem para estes últimos dias. Pela graça de Deus, a Obra na Venezuela está remindo o tempo que não foi usado eficazmente em seus primórdios.

II — Biografias e experiências pessoais

Eugênio Laicovschi

O irmão Laicovschi chegou a El Callao, Peru, em 1933. Em moeda peruana, tinha apenas quarenta centavos de um sol. Essa quantia era suficiente apenas para chegar a Lima, capital. Havia recebido uma lista de endereços. Logo que chegou, começou a ir de lugar em lugar, visitando as pessoas da lista. O primeiro local de reunião em Lima foi a casa de Amador Perez, um dos principais patrocinadores da Obra naqueles primeiros dias. O irmão Laicovschi hospedou-se na casa dele.

Em 1934, foi realizada a primeira conferência em Lima. O irmão Laicovschi foi ordenado ao ministério.

Enquanto atendia alguns interessados na zona rural, contraiu uma infecção que lhe afetou ambos os olhos. O estado de saúde agravou-se de tal modo que havia o risco de perder completamente a visão. Um fazendeiro se condoeu da situação e o levou para Lima em seu pequeno avião.

Os cirurgiões queriam imediatamente extirpar um olho. Estava deslocado e com hemorragia. Quanto ao outro, decidiram esperar, mas não pareciam ter grandes esperanças.

E. Laicovschi

O irmão Laicovschi não conseguia ler. Por isso pediu que alguns irmãos procurassem nos livros de naturopatia um tratamento natural para o seu caso. Seguiu as indicações dadas e, pela ajuda de Deus, o olho que os médicos queriam remover recolheu-se à órbita, embora tivesse perdido a função. O outro olho melhorou. Essa experiência contribuiu para que o irmão Eugênio encontrasse conforto nas palavras de Paulo em 2 Coríntios 12:9, que diz: "A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Por isso, de boa vontade antes me gloriarei nas minhas fraquezas, a fim de que repouse sobre mim o poder de Cristo."

Enquanto trabalhava no Peru, em áreas afetadas pela malária, o irmão Laicovschi também contraiu a moléstia. Passou os últimos anos de sua vida nos países da União Sul-Americana do Norte (Peru, Equador, Colômbia e Venezuela). Certa noite de sexta-feira, em Lima, ele e outro irmão saíram para uma visita. Iriam orar por uma pessoa doente. Proferiram palavras de encorajamento àquela pessoa e deram algumas orientações a respeito de tratamentos naturais. Ao voltarem para casa, tudo parecia estar bem com o irmão Laicovschi. Sábado de manhã começou a sentir-se mal. Compreendeu que não seria possível assistir ao culto na igreja. Pediu a outro irmão que fizesse a pregação da segunda hora, a que estivera encarregado. Alguns dias depois, em 20 de julho de 1978, desceu ao descanso até a ressurreição.

Mário Linares

Mário César Linares León, o mais velho de cinco filhos, nasceu em Contumazá, Cajamarca, Peru, em 25 de novembro de 1916. O pai e a mãe eram adventistas. Ele nasceu e cresceu na fé adventista. Com

cinco anos aprendeu a ler na Bíblia. Desde a infância tinha o costume de orar. Mostrava notável inclinação para as coisas de Deus. A mãe falava sempre a respeito do trabalho dos colportores e obreiros bíblicos. Nas orações, revelava ardente desejo de que ele se tornasse missionário e que, por intermédio de seu trabalho, muitos fossem salvos. Certo dia um colportor chegou à casa deles e contou algumas experiências a respeito do ministério da página impressa. Mário prestava toda a atenção. Ficou tão emocionado que tomou a decisão de servir ao Senhor como pescador de homens.

Embora Mário soubesse que as circunstâncias não permitiriam que freqüentasse um seminário de teologia, reconheceu a necessidade de receber alguma instrução para o trabalho. A arte de pregar sermões de maneira eficaz foi uma das áreas à qual dedicou meticulosa atenção. Pensava que aprenderia algo dos bons pregadores. Em seu programa improvisado de treinamento, tentava imitá-los. Certo dia, desapareceu de casa. A mãe ficou preocupada. A irmã o encontrou num lugar retirado, em cima de uma grande pedra, pregando às árvores.

Em 1933, quando a obra de Reforma teve início no Peru, Mário e a mãe estavam entre os primeiros adventistas que se uniram ao Movimento de Reforma. Foi batizado em 1936.

Tomou grande interesse pela colportagem. Estava convencido de que essa obra é acompanhada de bênção tríplice: (a) Proporciona luz às pessoas que estão perecendo nas trevas, (b) Abre muitas portas para estudos bíblicos e conduz pessoas a Cristo. (c) É importante fonte de renda para a igreja. O colportor também é beneficiado de duas maneiras: (1) O campo de colportagem é excelente escola para rapazes e moças. (2) A educação recebida nessa escola prepara individuos para assumir maiores responsabilidades e enfrentar os problemas da vida. Em muitos países, os bons colportores podem facilmente alcançar ambos os propósitos.

M. Linares

Em conformidade com sua convicção e desejo, Mário ingressou na colportagem em 1939. Desde o início foi bem-sucedido. Foi, também, missionário de êxito. Durante oito anos trabalhou de porta em porta, de vila em vila, de cidade em cidade, em seu país natal. Distribuía livros, brochuras e revistas contendo a verdade presente. Sob grandes sofri-

mentos, no Peru, muitas vezes precisou atravessar selvas perigosas e desertos intransitáveis. Porém, nunca murmurou. Depois, durante dois anos, serviu ao Senhor como colportor pioneiro no Equador. Através do ministério da literatura muitos conheceram a verdade.

Mário teve muitas experiências maravilhosas. Certo dia entrou no escritório de uma companhia importante e procurou o gerente geral. O gerente era conhecido pela severidade em não admitir em sua empresa nenhuma espécie de recoltista nem vendedor. Exatamente naquele dia parecia irritado. O jovem colportor orou secretamente e o Senhor lhe deu a necessária presença de espírito para aquela circunstância. O gerente olhou firme para Mário e, apontando o dedo, disse com determinação:

"Ninguna palabra! (Não diga nada!)". Mário obedeceu. Não abriu a boca. Em vez disso, abriu o prospecto e mostrou ao homem os livros que estava vendendo. O homem gostou da literatura e perguntou: "Quanto custam estes livros?"

Mário tirou a caneta do bolso, escreveu o preço numa tira de papel e mostrou ao gerente. Ele disse: "Quero comprar estes livros. Posso encomendar uma coleção?" Nosso colportor ofereceu-lhe a caneta e, sem dizer uma só palavra, mostrou-lhe onde deveria assinar o nome no prospecto. "Quando vai trazer os livros?" Mário escreveu a data da entrega. Depois, sempre calado, ofereceu os livros aos empregados. Quando terminou, o gerente perguntou: "Homem, o que há com você? Por que não fala?" O jovem explicou: "Quando entrei, o senhor mandou que eu ficasse calado. Obedeci." O homem sorriu. Naquele escritório, Mário vendeu vinte e quatro coleções naquele dia. Era mais do que normalmente teria vendido numa semana inteira, batendo de porta em porta. Agradeceu a Deus a tranqüilidade e a presença de espírito que lhe foram concedidas.

Em janeiro de 1948 Mário Linares assistiu a uma conferência da assim chamada Divisão Sul-americana em San Nicolás, Argentina, quando foi ordenado ao ministério. Naquele mesmo ano casou com a irmã Célia Popp, da Argentina.

Em 1950 o irmão Linares foi encarregado da liderança da Obra na União Sul-Americana do Norte. A sede da União era em Lima, Peru. A responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros parecia minar-lhe a saúde devido a muitos fatores: grande extensão territorial da União, falta de recursos, escassez de auxiliares qualificados, e crise que afetara grandemente o Movimento de Reforma naquela região. Porém, continuou lutando como valoroso soldado que nunca abandona o posto do dever.

A colportagem não era o único grande alvo missionário do irmão Linares. Promoveu também a área educacional. Dava especial importância ao estabelecimento de escolas paroquiais. Nossa primeira escola primária em Lima foi estabelecida por ele. Temos, atualmente, várias, no Peru. A experiência mostrou a ele e aos colegas de trabalho que, por intermédio das crianças que freqüentam as escolas, em muitos casos a mensagem de salvação pode ser levada à família. Crendo que o Senhor desejava também empregar as crianças cristãs para finalizar a Obra, organizou a Sociedade Missionária Juvenil.

Até o fim da vida, o irmão Linares permaneceu firme na fé em Cristo e na verdade presente. Descansou no Senhor em abril de 1966.

José C. León

Em 1947, enquanto J. C. León trabalhava na Colômbia, fez uma experiência difícil em que se defrontou com a morte. O padre de certa localidade preparou uma armadilha. Somente pela ajuda de Deus o irmão não foi apanhado. Na rua principal da cidade, algumas pessoas foram açuladas contra ele e começaram a gritar: "Protestante! Protestante!" Quase imediatamente foi reunida a multidão furiosa. O padre, esgueirando-se, estava desejoso de ver aquelas pessoas agredirem o irmão León. Para escapar, ele tentou entrar na prefeitura, mas um homem o deteve com uma pancada no ombro esquerdo, enquanto o padre obstruiu o caminho. O irmão León adquiriu coragem. Pela ajuda de Deus, conseguiu entrar por uma porta do outro lado do edifício. Dirigiu-se diretamente ao prefeito. Este saiu do gabinete e perguntou ao padre o que estava acontecendo. O sacerdote disse que, na vila estritamente católica, León não era bem-vindo. Portanto, deveria receber ordem para interromper as atividades protestantes e retirar-se imediatamente. Sem dúvida, as pessoas o matariam, acrescentou. Então, o prefeito disse a León que, devido à denúncia, ele deveria deixar a vila antes que acontecesse algo mais grave. A multidão na rua, em frente à prefeitura, havia aumentado. Quase todos estavam contra ele. Apenas alguns mostravam-se favoráveis. Naquele momento difícil, o irmão León disse ao prefeito: "Por favor, dê-me ordem escrita e assinada. Preciso mostrá-la às autoridades superiores e perguntar se a liberdade de consciência, tão valiosa e pela qual multidões morreram, foi abolida neste país."

Em resposta, o prefeito declarou que a liberdade ainda existia, mas não podia assumir a responsabilidade, nem oferecer a nosso irmão a proteção necessária. Não era possível deter aquela multidão

de católicos fanáticos. Repetidas vezes declarou: "Não lhe ofereço nenhuma garantia". O padre sorria hipocritamente, enquanto o irmão León estava em oração silenciosa. Sabia que, naquele momento, sua vida estava completamente nas mãos do Senhor. Não podia esperar nenhum auxílio humano. Estando nosso irmão ainda no edifício, disse ao prefeito: "Senhor, permita-me fazer uma pergunta: O que faria se eu reunisse meu povo com o propósito de apedrejar o médico? Haveria de defendê-lo a todo custo. Se necessário, até morreria com ele. Bem, neste momento deve defender-me de modo idêntico. Enviarei um telegrama à polícia federal. Não sairei daqui antes de obter resposta de Bogotá." Assim, pediu licença e subiu os degraus em direção à sala de telegrafia, mas o operador estava contra ele. Parecia que todos os esforços do irmão León seriam inúteis.

Então, o prefeito chamou dois policiais armados que, com o padre, acompanharam o irmão León até a casa de um dos interessados. Antes, porém, de sair, León disse ao prefeito: "Senhor, quem pode acreditar que os santos estão prontos para matar e que a religião de Cristo é contra todas as coisas boas? Sou pregador de Cristo e não prejudico ninguém. A doutrina cristã ensina que devemos amar-nos uns aos outros."

Quando León, os dois policiais, o padre e a multidão chegaram ao lugar onde moravam os irmãos interessados, o padre começou a tentar dissuadi-lo de realizar reuniões. A resposta foi: "Não temo o que me possam fazer os homens, pois, quando estou em angústia, Deus é minha ajuda. Os homens nada podem fazer senão matar o corpo."

O padre ameaçou instigar a multidão a linchar o irmão León, que então disse: "Depois que o ato for cometido, os mortos não sabem de nada. Neste momento estou interessado em sua salvação e na destas pessoas. Se o doutor deseja que falemos, vamos começar com uma oração."

Assim, o padre e o irmão León ajoelharam-se e os outros, com eles. O padre começou com uma repetitiva *Ave Maria*, e o irmão León orou ao Senhor, nosso Salvador. Ao se levantarem da prece, as circunstâncias pareciam mudadas.

Durante três noites falaram à multidão sobre vários assuntos. O irmão León pôde apresentar a verdade destemidamente e Deus o protegeu de modo maravilhoso. Muitas pessoas vieram de grande distância para ouvi-lo e defendê-lo. Muitos pensaram que ele jamais sairia vivo da vila. Pela graça de Deus, tudo foi diferente. (Adaptado de *El Guardian del Sabado*, julho-outubro de 1947.)

Marcelino León

Manuel Marcelino León Casavalente estava com cerca de trinta anos quando, como católico, interessou-se pela verdade. Era fazendeiro. Morava na propriedade rural em Payjan, perto de Trujillo, Peru. Em 1946, encontrava-se acamado, desenganado pelos médicos.

Naqueles dias difíceis, dois de nossos colportores foram pela primeira vez à casa dele. O Senhor lhes deu sabedoria, pondo em sua boca palavras de esperança e encorajamento. Disseram: "Há um Médico. Ele é capaz de curar todas as doenças do corpo e da alma." Marcelino ficou desejoso de saber mais sobre o Médico. Os colportores acrescentaram: "O nome dEle é Jesus Cristo." Naquele homem reviveu a esperança de restabelecimento. Parecia que o problema de saúde do visitado, por providência divina, o havia preparado para que se despertasse pela verdade. Comprou os livros, e imediatamente pôs em prática os conselhos de saúde que lhe foram transmitidos. Durante duas semanas, submeteu-se a regime alimentar especial, que incluía suco de quarenta laranjas diariamente. No fim dessa primeira fase de tratamento, conseguiu levantar-se e dar alguns passos. Grandemente encorajado, seguiu a instrução recebida. Continuou no mesmo regime durante mais duas semanas. Foi bem-sucedido. Ele sua e família demonstraram gratidão a Deus. O que as complicadas prescrições médicas com drogas farmacêuticas não puderam fazer, foi obtido pelos remédios simples providos por Deus nos produtos da Natureza.

M. León

Convencido de que o Senhor tinha mais bênçãos para ele e família, Marcelino disse aos dois colportores que gostaria de receber mais estudos bíblicos. Em 1947 foi batizado e em 1948 ordenado ao ministério.

Pouco depois, sobreveio uma calamidade à sua família: a esposa faleceu em 1949, deixando-o com três filhos. Em 1951 casou-se novamente.

Muitas vezes no trabalho de ministro, o irmão León teve que passar grandes dificuldades. Havia muitos grupos e membros isolados no Peru e Bolívia. Recursos para cobrir salários e despesas de viagem eram muito escassos. Por isso, durante os primeiros dez anos de ministério, trabalhou apenas parte do tempo, sem salário. Em regime de tempo integral atuou na então Associação Peruana por cerca de quinze anos. Após o Peru ter-se tornado União, em 1981, os

outros três países da antiga União Sul-Americana do Norte se organizaram separadamente, para formar a União Andina: Colômbia, Equador e Venezuela. O irmão León estabeleceu a sede em Ambato, no Equador, onde atuou, durante vários anos, como presidente da União.

Foi aposentado em 1988. Voltou à sua propriedade em Payján, Peru. Continuou a trabalhar voluntariamente no serviço ministerial. Viajou pregando e ministrando estudos bíblicos.

Durante os anos em que esteve no ministério, o irmão León teve algumas experiências interessantes. Certa ocasião, por volta de 1983, estava num ônibus com destino ao Lago Agrio, nas selvas do Equador, onde havia sido marcada uma conferência. Os irmãos o aguardavam. Num posto de fiscalização, um policial mandou que todos os estrangeiros descessem. Deveriam apresentar documentos no serviço de imigração. Sendo cidadão peruano, o irmão León teve que passar por investigação rigorosa. Assim como atualmente, naqueles dias já havia disputa de fronteira entre o Equador e o Peru. León foi obrigado a pegar a bagagem pessoal e, num jipe, sob escolta, foi levado ao escritório central, a aproximadamente trinta quilômetros dali. Dando início ao interrogatório, o oficial encarregado perguntou:

— Já foi soldado?

— Sim.

— Que patente alcançou?

— Segundo sargento.

— Sabe manusear armas?

— Sim, sei. E tenho uma. É espada de dois gumes.

— Está com ela?

Mostrando a Bíblia, o irmão León informou:

— Esta é a arma do cristão.

Então explicou que trabalho fazia.

Depois de o haver escutado, o oficial disse que estava liberado. O irmão León disse:

— Desculpe, como posso ir embora? Fui desviado de minha rota, perdi o ônibus, e não tenho carro. Além disso, há pessoas à minha espera na estação rodoviária. Preciso dirigir uma conferência.

O oficial maior considerou a questão e mandou que dois soldados o pusessem num jipe e o levassem para onde ele tinha que ir. No caminho, teve oportunidade de testemunhar para os soldados.

30

América Central

Apelos macedônicos vindos da América Central deram origem a considerável troca de correspondência. Indicavam a urgente necessidade de ampliar o lugar de nossa tenda. A fim de atender novos interessados, foi planejado enviar para lá colportores e pelo menos um ministro. Esse plano foi confirmado pela delegação da CG na assembléia de 1959. O irmão Carmelo Palazzolo, preocupado com a Obra naquela região, aceitou o chamado.

Antes mesmo da sessão de delegados de 1959, dois colportores, Daniel Dumitru e Felipe Garcia já estavam distribuindo nossas publicações e estabelecendo contatos nesse novo campo. Ambos eram originários da Argentina, com experiência adquirida no Brasil. Chegaram ao Panamá em 6 de fevereiro de 1959. Dali viajaram para Costa Rica, Nicarágua, Honduras, El Salvador, chegando à Guatemala em 26 de maio de 1959.

O trabalho de porta em porta realizado por eles, e os contatos prévios mediante correspondência, produziram frutos. Várias famílias da Guatemala e Honduras tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma. Em El Salvador alguns interessados abriram as portas para estudos bíblicos.

Os irmãos Dumitru e Garcia solicitaram ajuda, e outros colportores provenientes do Peru uniram-se a eles.

Guatemala

A princípio a Guatemala parecia ser campo missionário próspero. Mas a dura realidade provou o contrário. Onde existe desassossego político, o progresso da Obra é impedido. Apesar de abnegados esforços, em meio a perigos constantes, apenas pequeno número de crentes aceitou a mensagem de Reforma. A maioria dos primeiros convertidos não era de reformistas genuínos.

O irmão Palazzolo chegou com a família à Cidade da Guatemala em 14 de março de 1962, e ali estabeleceu residência. Encontrou mais trabalho nos países vizinhos que na Guatemala.

Logo após a chegada, o irmão Palazzolo adquiriu um terreno na capital. Assim que conseguiu dinheiro, com ajuda dos irmãos, começou a construir um centro missionário: igreja, escritórios, salas para depósito, dormitórios para obreiros e outras dependências, destinadas a ser a sede da Obra na América Central.

Por meio das cartas do irmão Palazzolo podemos ter idéia das lutas que teve de enfrentar no início da Obra nesse campo missionário. Escreveu:

Nossos primeiros contatos na Guatemala. À esq. está Mario Linares, do Peru, que visitava a América Central em busca de novos interessados (1960/1961)

Encontro de reformistas, Cidade de Guatemala, 1979. Este edifício possui, nos fundos, instalações onde a sede do Campo Centro-Americano estava instalada

"Minha primeira preocupação era visitar todos os interessados. Precisava também solicitar visto de residência. Aqueles que tinham vindo da Igreja ASD e haviam sido batizados anteriormente, não permaneceram muito tempo conosco. Alguns perderam o interesse por religião e foram para o mundo. Outros uniram-se a um movimento independente. Entretanto, nosso pequeno grupo remanescente, com sete adultos e seis crianças, congrega-se desde a nossa chegada. Ainda não temos local definitivo para as reuniões. Há pouco alugamos uma casa com aposento extra, que será usado temporariamente para os cultos. Tive oportunidade de colportar, e em pouco tempo encontrei cinco novos interessados em receber estudos bíblicos" (Carta de 13 de abril de 1962).

Alguns meses depois, a família Palazzolo teve alguma esperança:

"Entre adultos e crianças, Sábado passado estiveram presentes vinte e uma pessoas" (Carta de 1º de agosto de 1962).

O Campo Missionário da América Central, com sede na cidade da Guatemala, foi registrado pelos nossos colportores em 1959. A casa da Missão foi inaugurada em 1965.

Não há motivo para nos vangloriarmos. O crescimento do número de membros na Guatemala tem sido lento. Porém, o Senhor tem acrescentado à igreja, ano após ano, os que hão de ser salvos. Em 1978, o irmão Palazzolo escreveu:

"Na Guatemala, cerca de vinte e cinco pessoas e o líder tomaram decisão ao lado do Movimento de Reforma. Estão à minha espera. Devo passar seis a oito dias com eles instruindo-os antes de serem recebidos na comunhão da igreja e, então, organizados" (Carta de 26 de dezembro de 1978).

El Salvador

Conforme cartas do irmão Palazzolo, em El Salvador os resultados iniciais também não foram animadores. Escreveu:

"Durante a primeira quinzena de junho de 1962, passei seis dias em El Salvador. Em Santa Ana, encontrei pequeno grupo de cerca de quinze observadores do Sábado. Não vêm da Igreja ASD. Passei o Sábado com eles. Ficaram contentes. Em resultado dos estudos, três pessoas, incluindo o líder do grupo, aceitaram nossa mensagem. Noutro lugar realizei reuniões com mais de trinta observadores do Sábado. Seis crentes tomaram posição ao nosso lado. Os demais esperam minha próxima visita para estudos adicionais. Porém, o líder do grupo opôs-se de tal modo que, quando fui convidado a falar, retirou-se" (Carta de 25 de julho de 1962).

O número de membros cresceu de modo lento, mas firme. Em 1978 escreveu:

"Em El Salvador há muito interesse na mensagem de Reforma. Num outro lugar, cerca de quarenta pessoas se reúnem todos os Sábados. Há urgente necessidade de templo. Noutra região houve novo despertamento. Logo que voltar para casa, com a permissão do Senhor, hei de estar com os irmãos desse novo grupo" (Carta de 26 de dezembro de 1978).

Honduras

O campo missionário mais promissor da América Central foi Honduras. Ali, por meio da colportagem, a mensagem de Reforma chegou em 1961. Os colportores, provenientes da Argentina e do Peru, estabeleceram-se na capital, Tegucigalpa. Começaram a estabelecer contatos. As primeiras reuniões da Escola Sabatina foram realizadas em 1962, nas casas dos interessados, em Tegucigalpa e La Ceiba Atlântida.

Eis, a seguir, trechos de algumas cartas do irmão Palazzolo que, conforme ilustrado na parábola da semente de mostarda, demonstram como o trabalho, a princípio pequeno, começou a desenvolver-se: "Este mês visitei La Ceiba. Ali, doze adventistas uniram-se às nossas fileiras. Um desses novos reformistas é uma irmã que esteve na Igreja ASD desde 1935. Outra, desde 1918. As duas exercem muita influência entre os irmãos adventistas" (25 de julho de 1962).

"Há pouco recebi boas notícias de La Ceiba. Outros irmãos ASD estão interessados em estudar a mensagem de Reforma. Sábado passado havia vinte e três pessoas presentes. Solicitaram minha visita novamente, para o mais breve possível" (1º de agosto de 1962).

Em cima: Seminário para colportores, Tegucigalpa, Honduras, 1981.
Embaixo: C. Palazzolo viajando através das selvas de Honduras

"A irmã R, que tem estado na mensagem do Advento desde 1918, está aqui, visitando a cidade da Guatemala. Diz que mais de trinta pessoas, em La Ceiba, estão interessadas em nossa mensagem. Esperam minha visita" (4 de novembro de 1962).

Devido a problemas de saúde, o irmão Palazzolo teve que adiar a segunda viagem a La Ceiba. Primeiro a esposa ficou gravemente enferma. Teve febre durante oito dias. Passou seis noites sem dormir. Com respeito a essa circunstância com a esposa e com ele próprio, escreveu: "O inimigo está tentando dificultar nosso trabalho. Nossa confiança, porém, está no Senhor e somente nEle. Nas orações, por favor, lembrem-se de nós". Os cuidados exigidos pelo estado de saúde da irmã Genoveva acabaram afetando a do marido.

Quando ela já estava quase recuperada, ele adoeceu. Escreveu para a sede da CG:

"Preciso de suas orações. Estou esgotado. Faz muitos dias que tenho tido pouco repouso. Atendendo minha esposa, tive que passar muitas noites sem dormir. Somente nestas últimas noites consegui descansar. Orem também em favor da minha saúde."

Deus foi misericordioso para com ambos. No início de dezembro de 1962, o irmão Palazzolo pôde viajar novamente.

Suas repetidas visitas a Honduras trouxeram bons resultados. Conforme representada pelo profetizado Movimento de Reforma, a luz da verdade presente foi acesa em muitos lugares.

Em 1970, alguns membros e amigos compraram um terreno e, com grande sacrifício, começaram a erguer nossa primeira igreja em Miraflores, Tegucigalpa. Muitos amigos ajudaram com doações. Os irmãos trabalharam todos os domingos e feriados até que o edifício foi concluído. Os relatórios enviados periodicamente pelo irmão Palazzolo nos dão idéia do progresso da Obra.

Em 1975, treze anos depois de sua ida para a América Central, escreveu que, em Las Pilas, uma igreja estava sendo construída. No Sábado, 26 de abril de 1975, tiveram a assistência de cento e cinco pessoas. Não havia acomodações para todos.

Em dezembro de 1978, quase três anos depois, ele informou que, em Tocoa, os irmãos já haviam adquirido uma propriedade para a construção da igreja. "Pela graça de Deus, em Orica, todos os irmãos tomaram firme posição ao lado da verdade." Fazia pouco tempo que seis novos membros foram acrescentados à igreja em Las Pilas. Em La Ceiba um terreno havia sido doado para a construção de uma igreja. Em Masica, um irmão doou uma propriedade, na qual já havia alguns materiais de construção. Em San Pedro Sula outras seis pessoas foram batizadas em dezembro de 1978. Em Tegucigalpa havia muitos interessados.

Em 9 de janeiro de 1980, escreveu:

"Em Honduras, mais de vinte pessoas estão sendo preparadas para o batismo. Noutro lugar, vinte e duas pessoas despertaram para a mensagem de Reforma. Onde os obreiros e ministros para atender o crescente interesse?"

Honduras tem sido abençoado com estabilidade política. O número de membros tem revelado crescimento constante e satisfatório. Temos bom número de igrejas, grupos e famílias em muitos lugares. Em 1982 tornou-se Campo autônomo, ligado diretamente à Conferência Geral.

31

México

Em 1965, um irmão influente na Igreja ASD ouviu notícias a respeito de um grupo de adventistas pertencentes a uma organização separada. Esse povo se reunia a oitenta quilômetros da capital. Um Sábado esse irmão e outro membro da igreja visitaram o grupo separado. Em resultado do primeiro encontro, foram tomadas providências para que houvesse estudos bíblicos na cidade do México. O irmão Felipe Martinez que nos transmitiu as informações contidas neste capítulo, estava entre os que foram convidados a assistir aos estudos.

Para ele, a princípio, foi difícil entender por que a Reforma, baseada na verdade presente e no Espírito de Profecia, exigia divisão na igreja. Por isso, com zelo e interesse renovados, começou a estudar os livros da irmã White. O propósito não era receber luz adicional. Queria refutar os reformistas. Contudo, enquanto estudava por si mesmo e com essas pessoas, pouco a pouco o Espírito de Deus

Nossa primeira conferência (membros e amigos) no México (Tepoztlan, 1970)

atuava no coração, abatendo o orgulho e o preconceito denominacional. Finalmente, compreendeu que era seu dever e privilégio aceitar a mensagem de reforma.

Na igreja em que era ancião, o irmão Martinez começou a pregar as verdades defendidas pela Reforma. Falava do púlpito e nas casas dos crentes. Levava apenas a Bíblia e os livros do Espírito de Profecia. Pouco depois, os líderes perceberam que a mensagem que pregava era perigosa. Tentaram impedi-lo.

Começou, então, a desenvolver-se uma crise não apenas para ele, mas para todos os que estavam sinceramente interessados numa obra de reforma. Sofreram forte oposição da parte dos líderes e do presidente da União. Este realizou várias reuniões na igreja tentando neutralizar a mensagem de reforma e embalar o povo em segurança falsa. Depois, para tratar do caso, convocou uma reunião de comissão, com a presença de aproximadamente quinze ministros e obreiros. Em resposta às perguntas deles, o irmão Martinez disse que, ao ser batizado, prometeu ser fiel a Deus, conforme a luz divina recebida por intermédio de Sua Palavra. Era seu dever e privilégio considerar toda a verdade, incluindo a reforma de saúde, contida na tríplice mensagem. O resultado daquela reunião foi que, apesar das convicções baseadas inteiramente na Bíblia e no Espírito de Profecia, o irmão Martinez acabou sendo excluído da igreja. O Sábado seguinte foi o último em que assistiu ao culto da igreja onde havia nascido e crescido. O caso foi levado perante a igreja com o pedido de exclusão. Então, compreendeu os motivos da separação ocorrida

na Primeira Guerra Mundial. Os que atendem ao conselho da Testemunha fiel e verdadeira, conforme Apocalipse 3:18-20, e erguem a norma, proclamando a verdade de maneira direta, suspirando e gemendo em altos brados, não serão tolerados pela igreja-mãe (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 335 e 336; Idem¸ vol. 2, págs. 64-66).

Depois da exclusão, o irmão Martinez continuou trabalhando com zelo e dedicação para promover a mensagem de reforma (Isaías 58; Apocalipse 3:14-20). Estava convicto de que, por intermédio dessa mensagem, Deus deseja preparar almas para a breve volta de Cristo.

Pouco mais que um ano depois de ele e outros se haverem unido ao grupo de reformistas, os irmãos perceberam que havia algo errado com os líderes. Não tendo sido compreendidos pelos dirigentes locais, escreveram para a Conferência Geral, na Alemanha. A resposta que receberam do presidente não resolveu o problema. Ao contrário, agravou-o ainda mais.

Naqueles dias, conheceram um casal idoso da América Central, irmão Lázaro Dueñas e esposa. Eram cristãos genuínos. Por intermédio desse casal, os irmãos souberam que em seu país também havia problemas semelhantes aos do México. Também informaram que havia ocorrido uma divisão no Movimento de Reforma em 1951-1952. Então, esses irmãos descobriram que, além do grupo ao qual se haviam unido, Sociedade Missionária Internacional, com sede na Alemanha, havia os ASD Movimento de Reforma, com sede da Conferência Geral em Sacramento, Califórnia, EUA, registrada desde

Encontro de reformistas na Cidade do México, 1981

1949. Decepcionados, porém, não desanimados, oraram ao Senhor em busca de maior orientação.

Depois de muitas orações, concluíram que, embora ambos os grupos professassem os mesmos Princípios de Fé, conforme publicados, não mantinham a mesma posição na aplicação prática da verdade. Outra séria diferença que começaram a ver entre a liderança dos dois grupos era o problema mencionado em Mateus 18:1, que diz: "Quem é o maior no reino dos céus?" O irmão Martinez pensou que seria bom convidar alguns dos irmãos mexicanos desapontados para conhecerem, pessoalmente, os representantes dos ASD Movimento de Reforma, com sede nos EUA. Conseguiram o endereço do irmão Carmelo Palazzolo, Guatemala. Planejaram viajar para lá, não apenas a fim de descobrir toda a verdade sobre a separação, mas também para propor um plano de reconciliação entre ambas as facções. O plano serviria para que os dois partidos fossem postos à prova e diagnosticada a verdadeira causa do problema. Decidiram sugerir a realização de uma assembléia conjunta da Conferência Geral. Os dois presidentes da CG deveriam depor o cargo e fazer o possível para que os delegados de ambos os lados resolvessem as dificuldades. No espírito de Cristo, deveriam escolher um só presidente e uma só Comissão Executiva, numa eleição conjunta. Para os irmãos do México, a aceitação ou a rejeição desse plano de paz os habilitaria a discernir os espíritos (Mateus 18:1 e 20:25; comparar com Mateus 7:12 e 23:8). Se ambos os lados concordassem com o plano, então a unidade seria restabelecida e eles louvariam a Deus pelos resultados. Se os irmãos da liderança de apenas um dos partidos aceitassem a proposta dos irmãos mexicanos, eles saberiam que esses eram guiados pelo princípio cristão da eqüidade. Humildemente haveriam de tomar posição ao lado deles.

O irmão Martinez apresentou a proposta ao irmão Dueñas, que estava enfermo. Este, erguendo a mão, disse:

"Não foi carne nem sangue que lhes revelaram isso, mas Meu Pai que está no Céu" . Recomendo que sigam esse plano, pois está de acordo com a vontade de Deus." João (17:21).

O estado de saúde do irmão Dueñas foi piorando cada vez mais. Era evidente que não viveria muito tempo. Já não conseguia falar quando pediu que chamassem o irmão Martinez. A ansiedade que se estampava no semblante do irmão Dueñas, revelava o fardo da sua alma. O irmão Martinez conseguiu ainda comunicar-se com ele, obtendo respostas com gestos afirmativos ou negativos. Dueñas estava preocupado com a separação, com os problemas que causaram

as dificuldades já mencionadas e com o futuro da igreja. O irmão Martinez disse: "Irmão Dueñas, de acordo com o plano, nossa firme decisão, pela graça de Deus, é trabalhar em favor da reunificação."

Ao ouvir essas palavras, chorou de alegria. Com as mãos unidas, fazendo grande esforço, conseguiu dizer: "Amém!" No semblante, era visível a paz que então sentia. Dias depois o irmão Dueñas dormiu no Senhor. Esperamos revê-lo na ressurreição.

De acordo com o irmão Martinez, os crentes mexicanos receberam duas respostas diferentes: Uma, da parte da liderança na Alemanha, negativa. Outra, dos Estados Unidos, positiva.

Já haviam sido estabelecidos contatos com a Conferência Geral do Movimento de Reforma, com sede nos EUA. No início de 1969, em vez de empreenderem a viagem à Guatemala, conforme os irmãos haviam planejado, receberam a visita do irmão F. Devai. Apresentou-se expressando condolências à viúva do irmão Dueñas. Os irmãos ficaram felizes em receber alguém que podia fornecer todas as informações de que precisavam. A primeira reunião com o irmão Devai estendeu-se até três da madrugada.

Então, com o irmão Devai, visitaram grupos de crentes em vários lugares do país. Aproximadamente sessenta pessoas tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma com sede nos EUA. Terminada a viagem, organizaram a Obra sob o nome de Missão Asteca. Dois irmãos foram ordenados anciãos locais. A fim de manter a propriedade e estabelecer a colportagem, organizaram e registraram a Sociedad Mexicana de Publicaciones "Hogar y Salud".

A princípio, as reuniões na capital eram realizadas na casa de um irmão. Foi armada uma tenda que os protegia da chuva e do Sol abrasador. Acomodava regularmente cinqüenta ouvintes, incluindo crianças.

Em janeiro de 1970, mais de cem pessoas haviam tomado posição ao nosso lado. Além desses, aproximadamente vinte não membros compareciam regularmente aos domingos.

Nossa primeira conferência no México foi realizada em Tepoztlán, de 9 a 11 de janeiro de 1970. Estavam presentes os irmãos C. Palazzolo, F. Devai, B. Burec e A. Balbach. Nossos irmãos mexicanos estavam espalhados em muitas regiões do país. Eram pobres e todos acreditavam que muitos não compareceriam. Entretanto, cerca de sessenta adultos e vinte crianças estiveram presentes. Durante aquela abençoada reunião, alguns foram batizados e outros recebidos por voto.

Conferência em Valle Ceylan, 1985

Durante o encontro em Tepoztlán, alguns comoveram-se até às lágrimas, quando um dos presentes transmitiu saudações de um grupo de irmãos que moravam a certa distância da capital. Contou que alguns daqueles irmãos desejavam ter comparecido. Haviam economizado algum dinheiro para a viagem, mas não puderam ir porque não tinham sapatos.

Depois da conferência em Tepoztlán, os visitantes da CG foram a uma vila chamada Hueyapan, perto do Monte Popocatepetl. Ali, um grupo de mais de vinte adventistas os esperavam no fim de semana. Naquela região o Senhor preparou também uma vitória para honra de Seu nome.

Para impedir que nossos irmãos realizassem reuniões com esses adventistas, um ministro chegou sexta-feira. Sábado, chegaram

muitos membros que haviam sido especialmente convidados pelo ministro. Era evidente o propósito dele: queria ocupar todo o tempo com o seu programa anti-reformista. Porém, Deus ajudou nossos irmãos. Eles adotaram atitude sábia. Com exceção do culto de recepção do Sábado e a Escola Sabatina, entregaram a direção das demais reuniões a nossos irmãos da CG. Estes aproveitaram a oportunidade e apresentaram a mensagem de reforma.

Domingo, por volta das dez horas da manhã, o ministro apresentou um sermão contra o Movimento de Reforma. Baseou-se no capítulo *A Igreja Remanescente Não É Babilônia*, do livro Testemunhos para Ministros, págs. 32-62. Depois, os irmãos adventistas interessados pediram que um irmão reformista refutasse aquele sermão cheio de acusações. Assim, os visitantes da CG tiveram mais uma oportunidade para apresentar a verdade sob nosso ponto de vista. Aqueles irmãos conheceram o que jamais ouviram antes.

Em resultado desses estudos, com exceção de três ou quatro pessoas, aquele grupo de adventistas interessados foi confirmado ao lado do Movimento de Reforma.

Alguns de nossos amigos adventistas testemunharam que, mesmo antes da chegada de nossos primeiros missionários ao México, sabiam da nossa existência em outros países. Esperavam que um dia chegássemos ali. Depois que a Obra no México foi estabelecida, os irmãos D. Dumitru e W. Volpp levaram encorajamento aos nossos irmãos mexicanos. O irmão Dumitru organizou os departamentos de colportagem e obra missionária. Depois, a partir de 1988, o irmão José Romero, um de nossos secretários regionais, prestou assistência à região.

Terminando a narrativa, o irmão Felipe Martinez acrescentou: "Para honra e glória de Deus, e com alegria no coração, posso dizer que o povo remanescente de Deus, conhecido como os adventistas da Reforma, também em meu país está mantendo erguida a bandeira da verdade presente."

32

República Dominicana

No início dos anos de 1970, vários adventistas da República Dominicana, que moravam em Boston, no Estado de Massachusetts, EUA, por intermédio de Francisca de Bonilla, ouviram notícias a respeito da mensagem de reforma. Manifestaram sincero interesse pelo Movimento. A fim de prepará-los para o ingresso na igreja, entre 1972 e 1973, Daniel Dumitru e Eugênio Laicovschi passaram algum tempo com eles. Alguns, de maneira zelosa, por meio de correspondência, começaram a apresentar a mensagem de reforma aos parentes na República Dominicana. Eram: Carlos Sanchez e esposa, Isabel de Sanchez e Altagracia Senior, viúva do irmão Domenech. Obtendo resposta favorável, o irmão Sanchez concluiu que precisava ir para a República Dominicana, a fim de atender o novo despertamento. Pouco depois, com o mesmo propósito, a irmã Altagracia regressou ao seu país de origem.

Mediante o trabalho desses irmãos, muitas pessoas sinceras estavam sendo preparadas para unir-se ao Movimento de Reforma.

Nosso primeiro grupo de crentes na República Dominicana (Herrera, Santo Domingo, 1976)

Em julho de 1976, quando o irmão Paulo Tuleu recebeu um chamado telefônico do escritório da Conferência Geral, F. Devai disse: "Alguns interessados na República Dominicana esperam ansiosos a nossa visita. Querem saber mais sobre o Movimento de Reforma. Achamos que o irmão deve ir para lá, prestar assistência."

No dia seguinte, o irmão Paulo, que estava no Canadá, foi para Los Angeles a fim de preparar-se para a nova viagem.

A princípio, a solicitação de visto não foi atendida. Porém, o irmão Tuleu não desanimou. Orou ao Senhor e decidiu procurar pessoalmente o cônsul. Este, finalmente concordou em conceder visto de turista.

Logo que chegou a Santo Domingo, capital, tomou conhecimento da condição espiritual naquela região. Sentindo grande preocupação pelo povo que tão ansiosamente buscava a verdade, orou: "Senhor, Tu és o Sumo Pastor do rebanho. Tu sabes que algumas dessas pessoas estão buscando sinceramente a verdade. Portanto, ajuda-nos para que Teu nome seja glorificado. Que essas almas possam ver a luz, e Tua vontade vindicada." Depôs inteira confiança no Senhor e esperou nas Suas promessas.

Um dia depois da chegada, na presença de quase vinte pessoas, teve debate com um ministro da Igreja Adventista. A discussão continuou no dia seguinte. Alguns começaram a tirar conclusões e expressaram convicção em favor da Reforma. Cinco assistentes, inclu-

indo o ancião da igreja e um diácono, tomaram posição ao nosso lado. Houve ainda terceira reunião que serviu para confirmar aqueles irmãos.

Luís R. Calcano, em cuja casa foram ministrados os estudos, ali mesmo, improvisou um lugar de reunião, com púlpito e alguns bancos. No segundo Sábado após a chegada do irmão Tuleu, entre adultos e crianças, havia, na Escola Sabatina, mais de vinte pessoas.

O recém chegado disse ao ministro adventista: "Pastor, o Movimento de Reforma assentará suas bases também neste país. Alguns de seus irmãos estão seriamente preocupados com a apostasia. Aguardam a mensagem que chame o pecado por seu verdadeiro nome. Esses, virtualmente, pertencem ao Movimento de Reforma. O pastor não os poderá deter. A grande maioria, alheia ao espírito de reforma, vai, é claro, permanecer na sua igreja."

Baseando-se em sua experiência e raciocinando da causa para o efeito, o irmão Tuleu percebeu que aqueles irmãos estavam suficientemente preparados para receber a mensagem de reforma. Alguns pessoas tomariam firme posição ao lado da verdade.

Na capital, teve oportunidade de apresentar a muitos irmãos adventistas as razões da existência do Movimento de Reforma. Em resultado, nosso grupo cresceu rapidamente.

O hino sobre os 144 mil selados, que o irmão Tuleu ensinou a eles, contribuiu para que houvesse muitos estudos bíblicos. Então, alguns irmãos desejavam saber a verdade sobre a mensagem do selamento. Cada vez mais pessoas começaram a comparecer às nossas reuniões.

Certo dia vários pastores bateram à porta do irmão Calcano. Ele não estava em casa. Falaram com a esposa, difamando o Movimento de Reforma. Depois de ouvi-los por aproximadamente uma hora, ela os interrompeu: "Durante dezesseis anos estive na Igreja Adventista. Ocupei vários cargos e fiz o melhor que pude para viver à altura dos ensinamentos da igreja. Porém, nunca recebi instruções corretas e suficientes sobre vários pontos importantes como reforma de saúde, reforma do vestuário, correta observância do Sábado, mensagem do selamento, educação dos filhos no temor do Senhor, e outros assuntos vitais. Em pouco tempo os irmãos da Reforma me ensinaram isso e muitas outras coisas. Agora os senhores querem levar-me de volta para a apostasia?! Jamais permitirei que isso ocorra! Por favor, não percam tempo comigo!"

Esses ministros, vendo que não obtiveram êxito em interromper o progresso da mensagem de reforma na República Dominicana,

recorreram ao mesmo estratagema desprezível empregado por outros antes deles: "Quando os homens percebem que não podem sustentar sua posição diante das Escrituras, muitos decidem mantê-la a todo o custo. Com espírito malévolo, não poupam ataques violentos ao caráter e motivos dos que permanecem em defesa da verdade impopular. É o mesmo estratagema que tem sido adotado em todos os tempos." —*The Great Controversy*, pág. 458. Entre outras calúnias, inventaram e espalharam: "O pastor da Reforma veio para a República Dominicana com passaporte falso". Porém, a calúnia logo foi desmascarada. O marido de uma das irmãs, a qual fazia pouco se havia unido a nós, era oficial do exército, e advogado. Não era adventista. Ao ouvir sobre esse documento, falou com o pastor responsável pelo boato. Ambos foram visitar o irmão Tuleu. Até que lhe pedissem que apresentasse o passaporte, este não sabia o que estava acontecendo. Tendo-o examinado, o advogado descobriu que o nosso irmão tinha sido vítima de calúnia. O ministro pediu desculpas e prometeu não mais falar sobre o assunto.

Uma das irmãs enviou carta ao ancião de uma igreja da zona rural. Contou sobre sua nova experiência com a Reforma. Eis o que o ancião respondeu: "Por favor, peça ao pastor do Movimento de Reforma que venha o mais cedo possível explicar-nos essas coisas." O irmão Tuleu foi visitá-lo sem demora. Pôde estudar com alguns sinceros. Depois de vários estudos bíblicos, o ancião, um diácono e respectivas famílias, decidiram unir-se a nossas fileiras.

Oito anos depois, ao regressar à República Dominicana, Paulo Tuleu encontrou, na chegada, uma congregação cantando o hino dos 144 mil. Agradeceu ao Senhor. Seus esforços não foram em vão.

33

África Meridional

A nova posição adotada pela Igreja ASD na Primeira Guerra Mundial foi mantida em segredo. Os adventistas africanos não foram informados quanto ao ocorrido na Europa. Deus, porém, cuja misericórdia dura para sempre, não Se esqueceu desses crentes. Permitiu que soubessem da verdade.

Em 1926 um adventista que trabalhava num escritório da igreja na Rodésia, atual Zimbábue, por acaso encontrou pequena brochu-

ra distribuída pelos irmãos da Europa. Esse funcionário, T. T. Ndhlovu, leu a brochura e ficou tão interessado que escreveu imediatamente para a Alemanha, solicitando maiores informações sobre o Movimento de Reforma. Quando obteve pleno conhecimento a respeito do que havia ocorrido na Europa, viu nesses fatos o cumprimento das seguintes palavras proféticas:

"Os homens empregarão todos os meios para tornarem menos destacada a diferença entre os Adventistas do Sétimo Dia e os observadores do primeiro dia da semana. Foi-me apresentado um grupo com o nome de adventistas do sétimo dia, o qual estava aconselhando que a bandeira ou sinal que nos torna povo distinto, não devia ser salientada de maneira tão chocante. Pretendiam que esse não era o melhor método para assegurar êxito às nossas instituições." —*Testimonies*, vol. 6, pág. 144 (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 422).

Logo que o irmão Ndhlovu tomou posição ao lado do Movimento de Reforma, passou a distribuir publicações recebidas da Europa. Reuniu alguns irmãos que compreenderam os assuntos em questão. Pouco depois, seus antigos irmãos começaram a chamá-lo de herege. Porém, os esforços para detê-lo foram tardios.

Durante a assembléia da Conferência Geral de 1931, E. Frick, da Alemanha, foi designado para trabalhar na África. Infelizmente, logo após a chegada, pôs a Obra em risco. Desconhecendo as leis locais, permaneceu durante a noite na casa de alguns crentes africanos. Imediatamente, os líderes adventistas o denunciaram, e foi deportado.

Esses dirigentes tentaram de todas as maneiras impedir que os irmãos ouvissem os reformistas. Proibiam que os recebessem e, quanto à literatura que divulgavam, deveria ser queimada. Muitos crentes africanos não eram alfabetizados; outros tinham educação precária. Nem sempre entendiam facilmente as questões. Apesar de tudo, sempre havia alguns sinceros que se alegravam em tomar posição ao lado da verdade.

Botsuana

Certo dia, no início dos anos de 1930, enquanto T. T. Ndhlovu viajava de trem, de Bulawayo, Rodésia, para Johannesburg, África do Sul, conversou com o jovem Peter Maseko. O irmão Ndhlovu conduziu a conversa para assuntos espirituais. Teve oportunidade de expor a verdade presente. O jovem interessou-se pela mensagem. Combinaram que haveriam de encontrar-se novamente, ou escreveriam um para o outro. Logo que chegou à aldeia nativa, Makeleng, a noroeste de Francistown, norte de Botsuana, Peter começou a guardar o santo Sábado. Passou a viver conforme a luz que então brilhava em seu caminho. A mudança de conduta fez com que aquele jovem incorresse no desagrado do povo. As pessoas ignoravam completamente o significado de adventismo e adventistas.

Conferência de reformistas em Alexandra Township, próximo a Johannesburgo, África do Sul, 1944

Num feriado de Ano Novo, os habitantes da aldeia promoveram reunião informal para comemorar. Como de costume, foi servida muita bebida alcoólica. Embriagados, os aldeões começaram a reclamar devido à ausência de Peter. Resolveram "dar-lhe uma lição". Com o consentimento do sub-chefe da aldeia, pegaram o rapaz e o amarraram de braços e pernas numa árvore conhecida por *ndaba*. De acordo com o costume tribal, as sentenças e ações judiciais eram proferidas debaixo dessa árvore. Evidentemente, planejavam espancá-lo no fim da festa.

Quando a esposa de Peter viu o que os homens estavam fazendo, disse a Adão, o filho mais velho: "Vá correndo à outra aldeia, o mais rápido que puder, e conte ao chefe o que está acontecendo. Peça que, a fim de evitar uma calamidade, envie imediatamente alguns de seus homens armados."

Os homens chegaram em tempo de impedir que os aldeões revoltados realizassem seu mau intento. Porém, enquanto esperava a chegada do grande chefe, Peter permaneceu amarrado à árvore.

Enquanto isso, o castigo a que esteve exposto foi, provavelmente, pior que o espancamento: apareceram formigas grandes, que o picaram dolorosamente, sem misericórdia.

Então chegou o chefe supremo. O traje peculiar indicava sua autoridade. Tomou assento debaixo da árvore de julgamento, exa-

Nosso centro de convenções em Winterveld, Bophuthatswana, África do Sul (foto de 1982)

minou o caso e proferiu o veredito: Peter estava livre. O sub-chefe foi condenado a pagar multa ao grande chefe: duas vacas. Todos os que haviam maltratado Peter foram obrigados a pagar ao grande chefe multa menor: cada um, uma vaca.

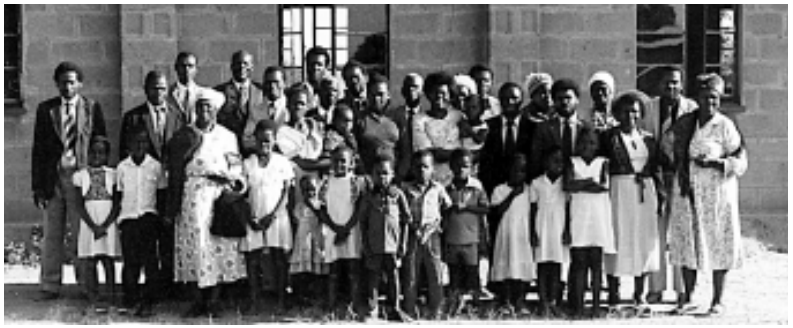
Peter Maseko e esposa aceitaram a verdade e foram batizados. Pregaram a mensagem a outros e formaram alguns grupos de crentes. Depois, o irmão Maseko foi ordenado e, durante muitos anos, serviu como ministro entre nosso povo em Botsuana.

Rodésia do Sul, atual Zimbábue

O Campo da Rodésia foi organizado logo após a assembléia da Conferência Geral de 1931. As duas Rodésias, Norte e Sul, foram organizadas em conjunto, como Campo. Posteriormente foram reorganizadas sob o nome de Associação Trans-Zambezi. Foram ordenados ministros e anciãos de igreja em diversos lugares. Foram nomeados obreiros bíblicos. Eis alguns dos primeiros auxiliares na Obra: G. L. Maboho, S. M. Velaphi, P. Hamaluba, C. M. Ncube, J. N. Ncube. O trabalho progrediu com rapidez. Atualmente a Rodésia do Norte chama-se Zâmbia, e a Rodésia do Sul, Zimbábue.

Transvaal, África do Sul

Embora a Obra tenha começado primeiramente na Rodésia do Sul, somente em outubro de 1944 a mensagem começou a desenvolver-se no Sul do Continente Africano. Naquele ano os adventistas pre-



Grupo de irmãos reformistas, Bulawayo, Zimbábue (foto de 1985)

garam muitos sermões atrativos a respeito da obra de Jesus como nosso Sumo Sacerdote no Santuário Celestial. Até certo ponto, repetiu-se a experiência de 1844. Com lágrimas, muitos começaram a examinar o coração. Sentiam que logo o Senhor começaria a derramar Seu Espírito Santo, na chuva serôdia. Na verdade Ele estava atuando na preparação das pessoas para a recepção da mensagem de reforma.

Certo Sábado, um irmão e um interessado visitaram a Igreja Adventista no distrito de Alexandra. Depois do culto, todos queriam saber quem eram os visitantes. Muitos os convidaram para irem à casa deles. Foram ministrados estudos em diversos lugares e muitos crentes responderam ao apelo por reavivamento e reforma.

Pouco antes dessa visita, um adventista chamado Ntuli teve um sonho estranho e notável que relatou ao pastor da igreja de Alexandra: "Sonhei que muitos de nós estávamos caminhando. Notamos uma luz brilhante no Leste. Todos ficamos olhando a luz e nos esforçamos para chegar ao lugar onde ela parecia estar. Enquanto avançávamos, olhei para trás. Vi que muitos andavam devagar e finalmente desapareceram na escuridão." E, dirigindo-se a Nkosi,

Batismo próximo a Bulawayo, Zimbábue, 1970

ancião da igreja, continuou: "Mesmo o senhor foi deixado para trás. Prosseguimos acompanhando a luz. Embora já não fôssemos tantos, como no princípio, não ficamos desanimados."

Quando a mensagem de reavivamento e reforma chegou, o irmão Ntuli e muitos outros a aceitaram. Em resultado, foram estabelecidos vários grupos da Reforma em Alexandra, Orlando, Randfontein e Sophiatown. Até 1945 a Obra havia progredido, e era necessário organizar os novos membros. No distrito de Alexandra, foi realizada uma assembléia com aproximadamente cem pessoas. Nomeada uma comissão, obreiros foram enviados para dar início ao trabalho em outros lugares. Apesar da oposição, a Obra prosseguiu. Como sempre, os líderes adventistas espalharam boatos sobre o Movimento de Reforma. Também usaram o costumeiro argumento católico de que a verdadeira reforma ocorrerá dentro da igreja. Muitos sinceros aceitaram a mensagem de reforma.

No mesmo ano a verdade presente foi apresentada para a Igreja Adventista em Nigel, Sul de Johannesburg. Parecia que quase toda a igreja estava decidida a tomar posição ao nosso lado. Porém, os líderes planejaram neutralizar os esforços de nossos obreiros. Organizaram uma reunião com o acordo de que eles falariam no Sábado de manhã e nossos obreiros falariam à tarde. Durante quase o dia inteiro, os dirigentes adventistas criticaram e ridicularizaram o Movimento de Reforma. Não deram oportunidade para nossos irmãos se defenderem. Deus operou a Seu próprio modo em defesa da verdade. De repente, de maneira inexplicável, um dos que se opunham à Reforma, começou a falar em favor dos reformistas. O ocorrido faz-nos lembrar a experiência de Balaão (Números 23:11 e 12). Posteriormente, o ancião da igreja e parentes tomaram posição ao lado do Movimento de Reforma.

Em 1948 E. Jans e o sogro, O. Schallge, e respectivas famílias, emigraram da Holanda para a África do Sul. Com resultados satisfatórios, começaram a trabalhar na área de Potchefstoom. Em seguida foi planejado o estabelecimento da Obra de modo mais efetivo. E. Jans ficou encarregado do trabalho entre os europeus, e J. Tsotsetsi, entre os africanos.

Crise na Obra

Entre 1948 e 1949, T. T. Ndhlovu começou a ensinar idéias contrárias ao ponto de vista defendido por nossos pioneiros. Devido a uma dificuldade familiar pessoal, introduziu o ensino da organização adventista, apoiando o divórcio e novo casamento. Assim, em 1950,

para restabelecer a ordem, A. Müller, vice-presidente da CG, e S. Eggarter foram enviados da Europa à África do Sul. Ao chegarem, encontraram basicamente dois grupos. Müller ouviu a ambos e, influenciado por Ndhlovu, finalmente chegou à lamentável conclusão de que, para a parte inocente, é correto aceitar o divórcio e o novo casamento. Além disso, Müller não se deu ao trabalho de investigar acusações mais graves apresentadas contra Ndhlovu. Então Müller o autorizou a excluir Jans e todos quantos se opunham à nova posição defendida por Ndhlovu. Os crentes excluídos apelaram para C. Kozel, presidente da CG, mas ele nada fez para corrigir a situação.

Com o objetivo de tentar restabelecer a ordem e a unidade entre os irmãos, em 1952 D. Nicolici foi enviado à África. Houve reunião no distrito de Alexandra no dia 11 de novembro. Todos tiveram liberdade de expressão. Ficaram felizes em saber que nossa posição original referente à instituição do matrimônio, conforme apresentada em nossos Princípios de Fé, de 1925, ponto 18, sim, que essa posição foi mantida por nossos líderes e delegados, em 1951. Todos compreenderam que a nova posição defendida por Ndhlovu e seus partidários é errada. Nestes termos os irmãos testemunharam sobre a obra do irmão Nicolici na África:

"Desde a chegada, o irmão Nicolici tem estado muito ocupado em estabelecer contato com irmãos e grupos separados. O resultado desses esforços foi grande vitória. O poder da oração de Cristo em João 17:21 teve grande efeito. O Espírito de Deus moveu todos os crentes a buscar a Deus em oração. Foi removida a montanha de dificuldades que separava os crentes uns dos outros. O amor de Cristo promoveu reconciliação e unidade entre os irmãos. Uma das nossas maiores alegrias é saber que Deus curou as feridas de Sua igreja na África." —Carta Circular de 11 de novembro de 1952.

A restauração da unidade entre os irmãos possibilitou a reorganização dos Campos em base mais sólida. Deus ouviu as confissões e orações de Seu povo quando se aproximaram dEle e se reconsagraram à Sua Obra.

A chegada de I. W. Smith e esposa em 1964 e a de N. S. Brittain e família em 1979, promoveram nova estabilidade à Obra na África do Sul. Surgiram novos campos e aumentou o número de membros.

Zâmbia

Em 1970, I. W. Smith e G. Koopedi visitaram Mansa, na província Norte de Zâmbia. Encontraram novo grupo de crentes que se havia separado da Igreja ASD.

A colheita de 1970 foi resultado da semente lançada antes por nosso falecido irmão Heslop, da Austrália. Ele havia enviado literatura e mantivera correspondência regular com alguns irmãos interessados. Depois do falecimento de Heslop, outros irmãos da União Australiana conservaram o interesse pela Reforma em Zâmbia. Em 1969 Smith e Koopedi encontraram um desses irmãos. Vendo que havia muitos interessados, designaram um antigo ministro que os visitasse, o irmão G. L. Maboho, residente em Zâmbia. Os relatórios deveriam ser enviados à sede na África do Sul.

Quando chegaram os primeiros relatórios acompanhados de fotografias que mostravam o número dos que desejavam unir-se à nossa igreja, Smith e Koopedi resolveram que, sem demora, visitariam Mansa.

Ministros, obreiros e oficiais da igreja durante um seminário realizado em Ndola, Zâmbia, 1985

Em 1º de setembro de 1970, manhã de terça-feira, deixaram Pretória. Esperavam chegar a Mansa quinta à noite, ainda em tempo de prepararem-se para o Sábado. Porém, ao chegarem a Lusaka, verificaram que, para chegar à região norte de Zâmbia, precisariam de visto para atravessar o Congo. O trajeto era de sessenta e quatro quilômetros. A única alternativa era fazer longa volta de oitocentos quilômetros por estradas precárias. No dia seguinte, o irmão Smith conseguiu visto de trânsito. Porém, o irmão Koopedi, não. O passaporte não incluía o Congo. Em vez de empreenderem esse desvio longo, árduo, combinaram que o irmão Smith viajaria de carro diretamente para Mansa. Na manhã seguinte, o irmão Koopedi tomaria um avião sem escala no Congo.

O irmão Maboho, veterano, ministro africano, tinha ido à frente, a fim de ultimar os preparativos para a visita. Havia cento e vinte pessoas, incluindo crianças, que se haviam reunido e esperavam ansiosamente os visitantes. O irmão Smith chegou a Mansa e passou um Sábado feliz com os crentes. Koopedi não conseguiu passagem antes de segunda-feira.

Houve cerimônia batismal. Vinte e cinco pessoas foram recebidas na comunhão da nossa igreja. Outros ainda necessitavam de preparo adicional. Embora tivessem pertencido à Igreja ASD, e alguns tivessem sido obreiros ativos, todos pediram rebatismo.

Em Mufulira, 1972, um grupo ainda maior de adventistas independentes aceitaram a mensagem de Reforma. Porém, o que parecia ser o começo de uma grande obra naquela região, não trouxe os resultados esperados. Muitos abandonaram a mensagem. Porém, podemos dar graças a Deus por Sua promessa de que os fiéis que se identificarem com a tríplice mensagem estarão entre os 144 mil .

Alguns de nossos irmãos de Zâmbia tiveram experiências interessantes. Eis uma delas:

Nos anos de 1980, Katongo Nalitumba, professor de escola primária e filho de um de nossos ministros, foi enviado pelas autoridades para reabrir uma escola perto de Mapeka, área predominantemente católica na Zâmbia Central. Começou ali trabalho bem-sucedido, não apenas como professor, mas também como missionário. Sábado, ensinava às crianças cânticos cristãos e leitura da Bíblia. Percebendo que os filhos estavam recebendo educação cristã, muitas mães gostaram da iniciativa. Os pais, entretanto, ficaram aborrecidos, porque estando as crianças e as mães na Escola Sabatina, não havia ninguém que cuidasse das cabras. Queixaram-se ao padre. Este

pediu que as autoridades interrompessem a atividade de Katongo. Ele foi chamado ao boma, tribunal, no idioma local. O padre e o professor foram convocados. Quando o chefe do distrito tomou assento no boma, o padre foi o primeiro que apresentou queixa. Disse que o professor estava perturbando a paz. Em seguida o professor defendeu-se. Com a Bíblia aberta, explicou o trabalho que realizava. Aprumando-se por alguns instantes na cadeira, o chefe, inteiramente compenetrado, disse: "Não sou apto para julgar a Obra de Deus. Caso encerrado."

Zaire (Congo)

Em outubro de 1972, os irmãos Smith e Koopedi visitaram um grupo de adventistas independentes no Zaire, hoje novamente chamado Congo. O encontro foi previamente combinado por meio de correspondência.

Em Lubumbashi, antiga Elizabethville, capital da província de Katanga, Smith e Koopedi receberam as fraternas boas-vindas dos crentes que, durante um dia inteiro haviam esperado a chegada deles.

Os visitantes ficaram admirados quando souberam que esses adventistas, mesmo sem ter tido ligação com o Exterior, nem recebido assistência, durante doze anos não deixaram de reunir-se. Os líderes do grupo haviam sido ativos colaboradores leigos na Igreja ASD. Quando ocorreu a separação, continuaram a trabalhar ativamente sob o nome de Igreja Unida do Sétimo Dia.

Apesar de haverem trabalhado incansavelmente durante longo tempo, nunca tiraram sustento das ofertas do povo. Realizaram trabalho voluntário. Estabeleceram pequenas atividades comerciais para cobrir despesas familiares e financiar a Obra. O povo naquela região é muito pobre. É quase impossível encontrar emprego com salário razoável sem ter que trabalhar no Sábado. Também no Zaire os ASD adotaram posição débil a respeito da observância do quarto mandamento. Conforme relatos, boa porção dos membros trabalhava abertamente no santo dia. Entretanto, alguns não concordaram com esse liberalismo excessivo. Preferiram passar grandes sofrimentos a desobedecer a Deus. Essa foi uma das causas principais da separação.

Desde o princípio suplicavam a Deus que lhes permitisse encontrar Seu verdadeiro povo que, certamente, existiria em outros países. Foi quando a Obra teve início em Mansa, Zâmbia, que pela primeira vez aqueles irmãos ouviram falar sobre a existência do Movimento de Reforma. Imediatamente começaram a escrever para a nossa sede na África do Sul.

Organizando a Obra de Reforma no Congo (Lubumbashi, 1972)

A reunião previamente combinada ocorreu Sábado 21 de outubro, quando os delegados que representavam os membros estiveram reunidos. Os dois dias que se seguiram foram ocupados em efetivar a esperada filiação. Dezesseis irmãos, incluindo os que passaram a assumir cargos, foram recebidos por voto. No fim da sessão dos delegados, um dos líderes falou em nome dos demais: "Os irmãos ouviram nosso apelo macedônico e vieram ajudar-nos. Agora, tudo o que até este momento pertencia à Igreja Unida do Sétimo Dia passa às mãos dos representantes do Movimento de Reforma."

A transição ocorreu com naturalidade. Os mesmos líderes foram agraciados com a plena confiança dos delegados. Os que haviam sido ordenados deveriam continuar recebendo por voto, na comunhão da igreja, aqueles que estivessem preparados.

Segunda-feira, 23 de outubro, os irmãos foram ver uma propriedade que os católicos doaram à nossa missão. Embora o leitor possa estranhar, eis a verdade: tudo ocorreu sem comprometimento da nossa doutrina. Tratava-se de um templo solidamente construído, com paredes de alvenaria, chão de cimento e telhado de zinco. Ha-

Grupo de crentes reformistas, Lubumbashi, Congo, 1980

via pequeno prédio escolar de estrutura semelhante, duas casas pequenas e um pedaço de terra com um riacho.

Somos gratos ao Senhor porque também no Zaire existem almas preciosas que estão sendo preparadas para herdar o reino de Deus.

34

Nigéria

Os primeiros contatos foram por meio de correspondência. Foi em 1958 que recebemos a notícia do despertamento. D. Nicolici, então presidente da CG, incluiu a Nigéria em seu roteiro de viagem. Procurou dois grupos da antiga região leste do país: um no distrito de Ibibio e outro no distrito de Ibo ou Ngwa. Nicolici foi apresentado em várias congregações e encontrou muitos interessados na mensagem de reforma.

Entretanto, havia evidente necessidade de ensino doutrinário. O irmão Nicolici passou muito tempo instruindo os líderes dos grupos que afirmavam estar desejosos de aceitar nossos princípios. Precisavam compreender a questão da reforma de saúde e a proibição da poligamia. Depois daquela visita, os líderes principais deveriam estabelecer e desenvolver a Obra. D. Nicolici ordenou ao ministério alguns daqueles que haviam sido instruídos e professavam concordar com nossa posição, especialmente no que diz respeito à institui-

Crentes reformistas (membros e amigos), Umuahia, Nigéria, 1976

ção do matrimônio. O dirigente principal afirmou que era casado só com uma esposa e que o assunto estava claro para ele. Podemos dizer que a história é grande escola. Cometendo erros aprendemos valiosas lições. Quando surge novo campo na África, Ásia e outras regiões do Mundo, é mais prudente enviar, não apenas um só, mas dois irmãos, com suficiente conhecimento e experiência da conduta local do povo que vão visitar.

A Obra na Nigéria foi temporariamente organizada de acordo com os dois principais grupos de idiomas falados no país. Foi registrada junto ao governo como União Nigeriana. Desde o começo, esses crentes enfatizaram a necessidade de ajuda financeira. Portanto, foram concedidos a eles recursos, e uns poucos equipamentos para prosseguirem o trabalho.

A princípio, ao recebermos relatórios animadores, enviamos auxílio adicional. Alguns relatos individuais, entretanto, despertaram suspeita de que nem tudo estava bem. Assim, o irmão Alex N. Macdonald foi enviado à Nigéria para averiguar o que realmente estava acontecendo. Chegou em 14 de novembro de 1961. Estabeleceu-se em Ikot Ekpene, onde permaneceu vários anos.

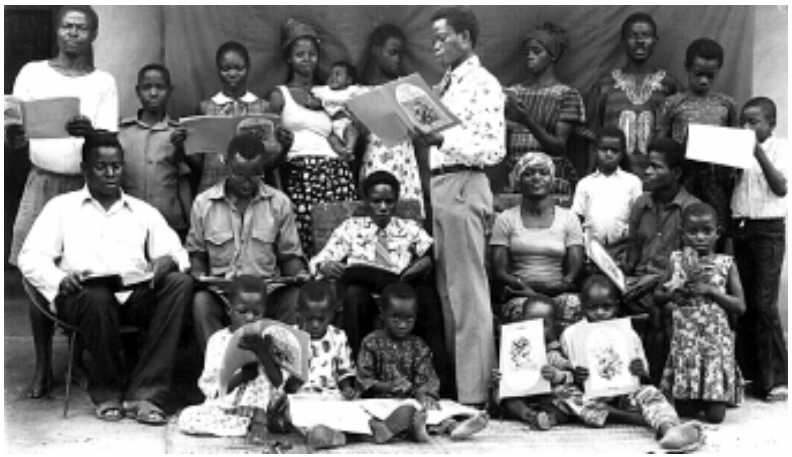
Macdonald verificou que, em realidade, somente alguns estavam vivendo à altura dos princípios, particularmente com respeito à reforma de saúde e padrões morais. A maioria dos líderes não havia mantido os votos solenes. Logo no início, não revelaram esses assuntos a Macdonald. Só depois de algum tempo conquistou a confiança e tornou-se familiarizado com as reais condições prevalecentes. A Obra precisou ser reestruturada e reiniciada.

No começo de 1963, A. Lavrik visitou a Nigéria e testemunhou os problemas contra os quais lutava o irmão Macdonald. Com ele havia pequeno remanescente. Lavrik preparou relatório para a delegação da assembléia que se reuniria na Alemanha, meses depois, naquele mesmo ano.

Em março de 1963, Earl Karn e família chegaram para auxiliar o irmão Macdonald. Era missionário economicamente independente. O irmão Karn realizou excelente trabalho. Enquanto esteve na região de Ibibio, o irmão Macdonald pôde passar mais tempo na área de Ibo, onde ficava a sede dos adventistas. O irmão Macdonald estabeleceu-se em Omoba, para onde, posteriormente, a família Karn também se mudou. Ali tiveram que enfrentar sofrimentos e lutas contra a malária e outras doenças tropicais.

Em Omoba havia pequeno grupo que professava estar de acordo com os princípios. Porém, haviam sido instruídos por um ministro a serem dissimulados. Ele os havia orientado a continuarem comendo peixe e não revelarem isso aos homens brancos. Sendo descoberta a verdade, foi aplicada a disciplina.

Depois que o Egito contribuiu com vultosa quantia em dinheiro destinada ao estabelecimento do islamismo em todo o país, a situação política na Nigéria se tornou instável. Devido ao perigo iminente, em março de 1967, a família Karn voltou para os EUA, em tempo de escapar às dificuldades da guerra civil. O irmão Macdonald saiu do país alguns meses depois, quando foi chamado para assistir a uma assembléia da delegação da CG em São Paulo, Brasil. Pela gra-



Crentes reformistas (membros e amigos) estudando a Verdade Presente, Omoku, Nigéria, 1976

ça de Deus, conseguiu passar incólume pelas forças armadas antagônicas.

O país estava sob leis militares muito estritas. Somente no fim de 1970 o irmão Macdonald pôde voltar à Nigéria e ver quantos de nossos membros haviam sobrevivido aos difíceis anos da guerra. Um obreiro havia sido prisioneiro do exército e foi fuzilado sem julgamento. Vários haviam sucumbido de doença e fome. Três leigos morreram quando tentavam encontrar comida para a família que perecia de fome. Um obreiro transformou a igreja em abrigo temporário para os refugiados. Outro havia sido levado às autoridades militares. Ao ser interrogado por que não havia fugido, disse aos soldados que a esposa estava doente e com febre alta. Depois de confirmarem a informação, o deixaram livre, sem lhe tomarem o facão, como normalmente faziam.

Após a assembléia da CG de 1975, o irmão Macdonald voltou à Nigéria em companhia de I. W. Smith. As circunstâncias já estavam quase normalizadas. F. Devai visitara os crentes daquele país em 1974. Depois o irmão Macdonald fez várias viagens breves àquela parte da vinha. Em janeiro de 1990, esteve ali pela última vez com W. Volpp.

Ambos estavam regressando de Gana quando o irmão Volpp percebeu que Macdonald não se sentia bem. Logo depois Macdonald afirmou que se sentia melhor e conseguiria viajar. Seu plano era visitar a Nigéria. O irmão Volpp o deixou e dirigiu-se a outros países africanos. Entretanto, o irmão Macdonald não melhorou. Em 1º de fevereiro de 1990, ao voltar de uma viagem local, faleceu subitamente na casa de G. R. Harrison. Não sabemos ao certo a verdadeira causa da morte, mas temos razões para acreditar que tenha sido febre amarela. Desceu ao descanso entre o povo que lhe havia conquistado o coração.

Em 1993, dois de nossos ministros da África do Sul fizeram nova visita à Nigéria. Lamentavelmente verificaram que a maioria do nosso povo naquele país não mais satisfazia as normas defendidas pelo Movimento de Reforma. Nessa circunstância, foi recomendado que não mais fosse reconhecida a Missão Nigeriana. Contudo, há pequeno remanescente que, pela graça de Deus, está fazendo o possível para seguir a verdade. Esses não são ignorados.

Também na Nigéria, Deus tem filhos fiéis que não têm dobrado os joelhos a Baal. "Quando as trevas cobrirem a Terra", esses escolhidos se manifestarão "revelando claramente ao Mundo apóstata o poder transformador da obediência à Sua Lei." —*Profetas e Reis*, pág. 189.

35

Quênia

Quando, no fim dos anos de 1970, a Nova Teologia estava sendo divulgada na África, a comoção doutrinária entre os adventistas causou divisão em vários lugares. Havia um grupo de irmãos separados. Eles receberam algumas de nossas publicações. Escreveram para a sede da Conferência Geral solicitando maiores informações sobre a doutrina do Movimento de Reforma. Os irmãos da CG chegaram à conclusão de que era necessário visitá-los.

Em 1982, depois de assistir à assembléia da União Sul-Africana, W. Volpp, na volta para a Alemanha, fez escala em Nairóbi, no Quênia. Encontrou dois irmãos daquele grupo. Declararam que estavam plenamente de acordo com nossos princípios de fé. Essa primeira visita preparou o caminho para outras.

Durante a assembléia da CG realizada em Puslinch, Canadá, em 1983, foram tomadas providências para que N. S. Brittain visitasse o Quênia. Porém, na África do Sul, onde o irmão Brittain residia naquela

Irmãos reformistas (membros e amigos) em conferência na cidade de Bunyore, Quênia, durante uma visita de A. C. Sas em 1985. A casa ao fundo é sua capela

época, devido às restrições políticas, não era fácil conseguir visto, que somente foi obtido no início de 1984. Entretanto, isso não era suficiente.

Logo que chegou ao aeroporto de Nairóbi, numa terça-feira, os agentes da imigração o detiveram porque morava na África do Sul. Teve que preencher formulários solicitando licença especial. Durante três dias ficou aguardado que a petição fosse atendida. Mas não foi. Esperou até sexta-feira e, não havendo resposta, procurou a embaixada de seu país natal, Austrália. Para sua decepção, disseram que nada poderiam fazer durante o fim de semana. Ele teria que esperar até segunda-feira.

Enquanto permanecia na sala internacional do aeroporto, como ali havia muitas pessoas, o irmão Brittain teve oportunidade de dar estudos bíblicos a batistas, católicos, mórmons e muçulmanos.

Na segunda-feira, novamente foi entrevistado pelos agentes da imigração. Queriam informações mais detalhadas sobre ele, suas atividades e objetivo da visita ao país. Depois disseram: "Volte amanhã. Até então, sem mais tardar, terá resposta."

Esperou até terça-feira, mas continuou sem resposta. Quarta-feira: Nada ainda. Quinta-feira novamente procurou a embaixada. Apelou às autoridades da imigração. Deram vários telefonemas e, em poucos minutos, recebeu a solução final. Disseram: "Saia do país no próximo vôo!" Depois de nove dias de espera paciente no aeroporto, que decepção!

Mas o irmão Brittain não desanimou. Outra vez mostrou aos agentes o visto obtido. Ele tinha permissão para desembarcar em

Nairóbi, onde se encontrava. Insistiu em que o governo do Quênia respeitasse o visto. Seguiram-se novas ligações telefônicas. E o milagre esperado aconteceu. A primeira decisão foi modificada. Finalmente, foi concedida a permissão de entrada no país.

Ao deixar o aeroporto, o irmão Brittain procurou imediatamente alguns dos irmãos e contou o que havia acontecido. Fizeram preparativos e logo estavam num ônibus viajando para um lugar perto da fronteira oeste do país. Ali vive a maioria de nossos irmãos.

A chegada dos visitantes foi motivo de grande alegria. Sem demora, começaram os preparativos para uma reunião geral durante o fim de semana. Enviaram mensageiros para convidar o povo. Alguns tiveram de caminhar até vinte e cinco quilômetros. Para chegar ao lugar da reunião, um irmão de quase oitenta anos andava descalço, cerca de doze quilômetros cada dia.

Depois do fim de semana, muitos estudos foram ministrados aos que podiam vir diariamente após o trabalho. Era animador ver que muitos faziam esforços especiais para comparecer à exposição de nossos Princípios de Fé.

Na sexta-feira seguinte, o irmão Brittain e vários crentes foram para outro lugar onde um grupo de irmãos os aguardava. Sábado à tarde, após a profissão de fé, setes pessoas foram aprovadas para o batismo.

Quando iniciaram a viagem de volta, parecia que tudo estava bem. Entretanto, o motorista do ônibus, embriagado, havia-se esquecido de abastecer o veículo. O inevitável aconteceu. Depois de terem percorrido doze quilômetros, o combustível acabou. Estavam em plena selva, longe de posto de gasolina. Foram obrigados a percorrer, a pé, os quatorze quilômetros restantes.

Caminhar à luz do dia não era grande problema. Porém, já estava escurecendo quando tiveram que atravessar um rio sobre uma pinguela. Não dispunham de lamparina nem lanterna. O leitor há de compreender por que viajar em certas regiões é constante convite à oração.

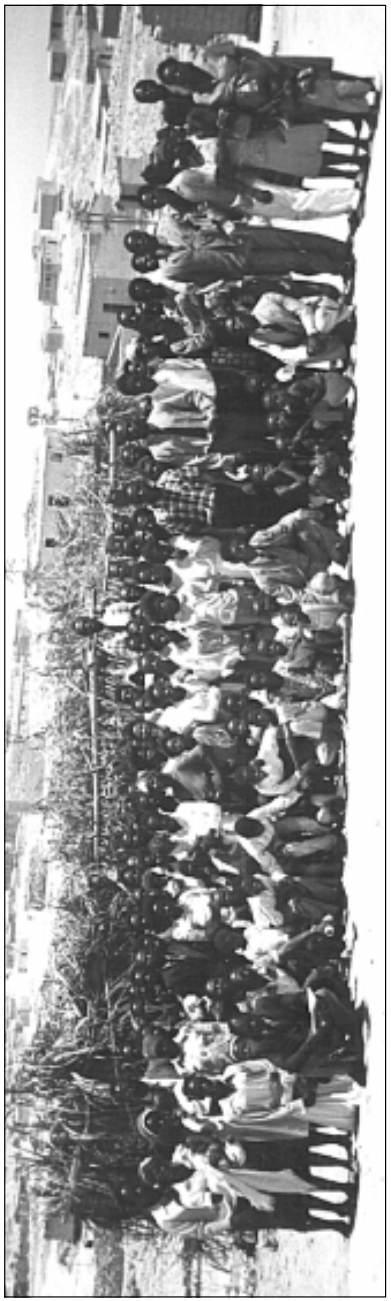
Na manhã do domingo, para oficiar o batismo dos sete primeiros reformistas quenianos, Brittain e um grupo de irmãos andaram cerca de três quilômetros em direção ao rio. À tarde, o irmão dirigente foi ordenado ancião da igreja. Foi estabelecida organização provisória. Assim veio à existência a Missão Queniana.

Em 1985, A. C. Sas batizou cinqüenta e seis pessoas naquele país. Posteriormente, W. Volpp dedicou tempo e esforços para, com a ajuda

Batismo em Bunyore, 29 almas, 1985. O irmão com a cana na mão, de 79 anos de idade, caminhou 11 ou 12 quilômetros todos os dias a fim de participar dos estudos antes do batismo

da União Alemã, promover o progresso da Missão Queniana. Volpp pôs em risco a própria saúde. Havia o surto da malária.

Também no Quênia Deus tem pessoas sinceras que não dobraram os joelhos a Baal. À medida que fizermos sacrifícios para encontrar esses fiéis, sob influência do Espírito Santo eles se unirão ao remanescente enquanto a porta da graça está aberta.



Primeira conferência dos crentes reformistas ocorrida em Angola (Lobito, 1991)

Delegados para a segunda conferência ocorrida em Angola (1992)

Comissão da Missão Angolana dos ASD Movimento de Reforma, eleita em 1991

36

Angola

Quando Rubens Araújo chegou à África do Sul, em 1988, tinha plano de visitar Angola. Porém, a pergunta para a qual não encontrou resposta imediata foi: como chegar lá? Devido às circunstâncias políticas, era difícil ir da África do Sul para Angola.

Desde 1986 recebíamos cartas de um grupo de crentes separados da Igreja ASD. O principal motivo da separação havia sido o elevado grau de mundanismo tolerado na igreja, principalmente a transgressão aberta do Sábado. Aquela experiência apenas confirmou o exemplo histórico. Também na história da Reforma através dos séculos, repetidas vezes foi constatada a mesma relação de causa e efeito: apostasia aberta, reação, protestos, separação. Por gentileza, leitor, examine, *O Grande Conflito,* pág. 45.

Em 11 de julho de 1984, Moisés Valente, ancião local, e dezesseis membros, foram excluídos da igreja por defender idéias reformistas. Sendo proibidos de entrar nos cultos adventistas, passaram a reunir-se como grupo isolado. Isso, porém, não era fácil. Não podiam congregar-se abertamente, porque, de um lado eram perseguidos pelas autoridades comunistas. De outro, denunciados pelos líderes adventistas. Assim, eram obrigados a promover reuniões clandestinas em cavernas.

Em 1986, Martinho Ngola visitou Portugal e entrou em contato com o Movimento de Reforma. Depois começaram a escrever para Portugal e Brasil, bem como para a sede da CG, em Roanoke, Virgínia, EUA, de onde receberam publicações.

Cópias de algumas cartas desses irmãos achavam-se em poder de Rubens Araújo. Sempre que ocasionalmente as relia, o desejo de visitá-los tornava-se cada vez mais intenso. Em 1989, fez preparativos especiais para ir àquele país. Já havia encontrado caminho através de Moçambique. Porém, chegando a Maputo, capital, não pôde prosseguir. Teve que voltar à África do Sul. Entretanto, ele já havia enviado telegrama aos crentes em Angola informando data e detalhes da chegada a Luanda, capital. Assim que o telegrama foi recebido, um irmão viajou quase duzentos quilômetros para encontrar-se com nosso ministro no aeroporto. Porém, o visitante esperado tão ansiosamente não chegou.

Araújo tinha grande desejo de estar em Angola. E o anseio dos angolanos, de receber visita do ministro do Movimento de Reforma, parecia ainda maior. Algo incomum aconteceu: o irmão que havia ido ao aeroporto receber nosso ministro não voltou imediatamente para casa. Depois da chegada do avião, percebendo que o ministro não viera, construiu uma barraca nas proximidades do aeroporto e continuou esperando. Sempre que um avião vindo de Moçambique estava para chegar, ele ia ao aeroporto. Assim fez durante seis meses consecutivos. Enquanto isso, é claro, realizava algumas tarefas ocasionais que lhe garantiam o sustento.

Devido aos obstáculos encontrados pelo irmão Araújo, outra opção teve que ser considerada. Em janeiro de 1990, Joraí Pereira da Cruz foi enviado de Portugal para Angola. Procurou alguns interessados em três lugares: Lobito, Benguela e Huambo. As circunstâncias eram difíceis: O país estava sob governo comunista. Havia guerra civil. Grande pobreza imperava por toda parte. O surto de doenças, como malária e cólera, estava fora de controle. O irmão Joraí passou cerca de quarenta horas ministrando estudos e instruções aos irmãos. Trinta e duas pessoas foram batizadas e a Obra foi organizada. Depois disso, um dos irmãos que fora ordenado como ancião batizou muitos outros.

Joraí Pereira da Cruz, partindo de Portugal, visitou Angola ainda outras vezes. João Batista G. Lima, do Brasil, também passou algum tempo com os irmãos angolanos. Entre nossos membros havia um médico, Dr. Bernabé Catende, que sempre mostrou boa vontade e espírito abnegado para ajudar, entre nosso povo, aqueles que estavam com problemas de saúde. Que o Senhor abençoe Sua Obra em Angola!

37

Moçambique

Em 1989, quando tentava visitar Angola via Moçambique, subitamente o irmão Araújo foi detido. Quando o avião em que ele estava aterrissou em Maputo, capital, o aeroporto foi cercado por forças militares. Ao desembarcar, viu uma grande faixa que dizia "Boas-vindas aos representantes do Quinto Congresso Comunista".

Os agentes da imigração examinaram o passaporte e viram que vinha da África do Sul. E, para maior dificuldade, perceberam que tratava-se de um ministro do Evangelho da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma. Manifestaram pronta reação negativa: "O senhor não é bem-vindo, principalmente neste momento."

Alguns policiais aproximaram-se e começaram a interrogá-lo: "Que veio fazer?" Explicou que ia para a Angola. Disseram: "O senhor não pode ficar aqui. O avião para Angola partiu hoje de manhã. Não haverá outro vôo antes da semana que vem."

Grupo de crentes (a maioria deles interessados) durante encontro em Chimboa, Moçambique, 1995

Enquanto a circunstância ficava cada vez mais difícil, um dos policiais, pelo rádio amador, comunicou-se com um funcionário superior. O irmão Araújo conseguiu ouvir a resposta: "Ponha esse homem no primeiro avião. Ele não pode permanecer em Moçambique nem mais dez minutos!" Outro funcionário perguntou:

—Onde está sua passagem? O senhor tem que sair imediatamente.

—Minha passagem é para Angola.

—Tem que sair imediatamente!

Um avião já se dirigia para a pista, pronto para decolar. Os funcionários mandaram que aquele avião parasse e, antes que o irmão Araújo tivesse tempo de proferir uma só palavra, já havia sido empurrado com a bagagem para dentro da aeronave. A porta foi fechada e o avião decolou. Logo que passou aquele turbilhão, começou a conversar com o passageiro ao lado:

"A que horas chegaremos a Johannesburg?" O homem respondeu: "Lamento, mas este avião não está indo para a África do Sul."

O irmão Araújo ficou frustrado. Pensou que o Diabo causara esses incidentes. É possível que ele tenha comandado os acontecimentos. Porém, como freqüentemente costuma acontecer, Deus fez com que os planos do Maligno concorressem para o bem da Obra que havia confiado a Seus servos. O irmão Araújo perguntou: "Para onde estamos indo?" "Para a capital da Suazilândia."

Então o irmão contou ao companheiro de viagem o que havia acontecido, e como ele havia sido empurrado com a bagagem para dentro do avião. A resposta foi: "Deve agradecer a Deus. Viu aquele outro avião que estava no aeroporto? Se o senhor tivesse chegado dois ou três minutos mais tarde, teria perdido este vôo e agora esta-

ria no outro avião que o levaria para Moscou ou Leningrado. Depois, sua família talvez nunca mais recebesse notícia. Portanto, agradeça a Deus."

O homem foi bastante amável para com o irmão Araújo. Contou-lhe que era industrial na Suazilândia e garantiu que seria bem-vindo como seu hóspede pessoal.

Quando o avião chegou à capital, surgiu outro problema: o irmão Araújo não tinha visto para a Suazilândia. Os agentes da imigração perguntaram: "Como o senhor chegou aqui sem visto?" Ele contou a história. Os agentes disseram apenas: "Sentimos muito, mas teremos que enviá-lo para outro país."

Então, o industrial, companheiro de viagem, interveio. Identificando-se, prometeu responsabilizar-se por ele. Os agentes da imigração finalmente cederam, mas disseram ao nosso irmão: "Amanhã cedo, às sete horas, o senhor deve apresentar-se aqui, ou então mandaremos a polícia procurá-lo."

O irmão Araújo foi ao aeroporto na manhã seguinte e obteve visto de turista para a Suazilândia. Não tendo desistido de voltar a Moçambique, telefonou para a embaixada brasileira em Maputo. Enviaram-lhe passaporte novo com instruções para encontrar-se com um funcionário que abriria caminho.

Enquanto esteve na Suazilândia, teve resposta para a pergunta: "Por que Deus permitiu que todas essas coisas me acontecessem?"

Obreiros bíblicos durante seminário em Maputo, Moçambique, 1995

Naquele pequeno reino ao Sul da África, encontrou algumas pessoas da Igreja ASD, a quem pôde apresentar a mensagem de reforma.

Onze dias depois, quando voltou para Maputo, Moçambique, enquanto aguardava o visto para Angola, documento que jamais lhe foi concedido, o irmão Araújo encontrou vários adventistas que o apresentaram a outros crentes adventistas. Portanto, durante vinte e um dias, pôde apresentar a mensagem de reforma. Quatro desses irmãos aceitaram nossa mensagem. Começaram a trabalhar com tal zelo que nosso irmão confessou jamais ter visto igual. Chegaram a obter entrevista com o presidente da República de Moçambique. Haviam solicitado apenas cinqüenta minutos, mas a visita durou mais de uma hora. Durante o encontro, ofereceram uma coleção de nossos livros de saúde, outras publicações nossas, e uma Bíblia. A entrevista foi publicada na primeira página de muitos jornais. Se quiséssemos fazer divulgação dessa envergadura, teríamos que gastar uma fortuna. Entretanto, por providência especial de Deus, nosso nome apareceu nos jornais e foi transmitido, durante uma semana inteira, em cadeia nacional, pelas estações de rádio e televisão.

Depois de um ano de trabalho, aquele pequeno núcleo de quatro membros passou a ser treze grupos organizados em Moçambique. A primeira conferência foi realizada em 1991 com a presença de mais de cento e cinqüenta irmãos adventistas de todo o país.

ÁSIA, AUSTRÁLIA E AS ILHAS DO PACÍFICO

38

Austrália

I — Início e primeiras experiências

Ministro ordenado, D. Nicolici e família chegaram à Austrália em 20 de outubro de 1938.

As primeiras reuniões de Sábado ocorreram num parque. Apenas a família participava. Fixaram residência num subúrbio de Sydney, em Nova Gales do Sul. A casa deles era freqüentemente visitada por pessoas que mostravam interesse na verdade. Depois, foi adquirida uma casa humilde, que se tornou o primeiro lugar de reunião do pequeno grupo de crentes da Reforma.

Os primeiros encontros dos reformistas na Austrália foram realizados nesta casa (17 Old Canterbury Rd, Lewisham, Sydney). A primeira literatura publicada no nome do Movimento de Reforma na Austrália traz este endereço

Antes de dar início às atividades missionárias, consultando a lista telefônica, o irmão Nicolici descobriu a União Adventista em Wahroonga. Disseram-lhe que fosse à igreja de Stanmore.

Na primeira visita, ele e esposa foram convidados a tomar parte na Ceia do Senhor. Recusaram-se esclarecendo que não eram membros da Igreja ASD. "Pertencemos à minoria de adventistas da Reforma."

Em 2 de março de 1939, o irmão Nicolici enviou carta solicitando uma entrevista com os líderes da União. Após longa demora nosso irmão e o pastor E. B. Rudge, presidente da União, tiveram um encontro de meia hora. Este disse que Nicolici escrevesse uma carta. O caso seria considerado na reunião seguinte do Conselho da União. Esta ocorreu em setembro de 1939. A entrevista foi impedida. Em 10 de setembro, nosso irmão dirigiu outra carta ao Conselho. Não obteve resposta.

Em 6 de outubro de 1939, quando solicitou o privilégio de apresentar o caso dos irmãos minoritários na Europa, a Comissão Executiva de Wahroonga informou que ele não tinha permissão para expressar suas opiniões perante os delegados. Então, começou a apresentar abertamente os fatos aos membros da igreja.

Muitos foram informados a respeito dos problemas nos quais a igreja se havia envolvido com relação à guerra. Começaram a fazer sérias perguntas. Os líderes perceberam que não podiam mais esconder nem negar fatos. Teve início, então, uma campanha para promover preconceito na mente dos membros. A intenção era fazer com que não ouvissem a mensagem de reforma. Com o objetivo evidente de despertar a atenção das autoridades, dirigiram ataques contra os reformistas. Queriam e esperavam que a polícia detivesse a obra da Reforma desde o início, expulsando seu representante. Enquanto denunciavam o ponto de vista daqueles que eram fiéis aos princípios da Bíblia e ao Espírito de Profecia, exaltavam a grandeza material da Igreja ASD. Enfatizavam sua boa vontade em cooperar com o esquema bélico.

Esta foi a primeira propriedade própria do Movimento de Reforma na Austrália (42 Prospect Road, Summer Hill, Sydney). A construção era dividida em três partes: templo e escritórios da União no térreo; gráfica e depósito de literatura no porão. Uma seção adicional de dois pavimentos foi construída na parte posterior para conferências e um centro educacional de saúde

Esses procedimentos tiveram êxito. O irmão Nicolici e esposa receberam a visita de investigadores do Departamento de Estrangeiros. A investigação durou vários dias. Finalmente, os agentes ficaram satisfeitos com a evidência apresentada. Contudo, devido às falsas informações divulgadas, durante algum tempo o irmão Nicolici ficou restringido. Podia trabalhar apenas na área limitada por alguns quilômetros de casa.

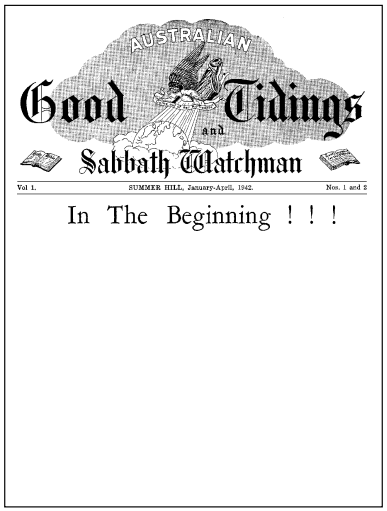
Porém, outros levaram a mensagem às almas sedentas. Aonde quer que os reformistas chegassem, aí se despertavam igrejas. Os que estavam ansiosos pela obra de reforma aceitaram a verdade presente e uniram-se na mesma fé igualmente preciosa para eles.

Alguns jovens, sendo objetores de consciência, foram postos em campos de concentração. Os membros da Igreja ASD não enfrentaram nenhum problema, porque a igreja apenas recomendava a não-combatência, mas deixava a decisão final a critério de cada indivíduo. Qualquer que fosse a atitude que o jovem adventista adotasse, a condição de membro permanecia inalterada.

Em resultado dos esforços envidados pelo irmão Nicolici e seus cooperadores australianos, foi despertado grande interesse entre milhares de adventistas. Houve preocupação da parte da liderança. Imediatamente os dirigentes tomaram medidas mais enérgicas para neutralizar ou suprimir o movimento. Deram início a uma campanha de falsas informações contra a nossa denominação. Fizeram ampla divulgação com a finalidade de manter o povo em ignorância a respeito da verdadeira condição da igreja. Os funcionários da Obra Adventista que demonstrassem interesse na nossa mensagem, eram ameaçados de demissão e os leigos, de exclusão. Outros, com lisonjeiras promessas de promoção, eram induzidos a permanecer na igreja. Foram instituídos contra-reavivamentos e contra-reformas, que resultaram em mais confusão, apostasia mais profunda e maior engano.

Como a mensagem de reforma estivesse despertando cada vez mais pessoas, tornou-se necessário estabelecer grupos e igrejas em muitos lugares. Esses foram organizados em Associações e Missões, que formaram a União.

A propriedade de Wentworthville era originariamente uma loja para consertos de revólveres. Remodelada, tornou-se nosso segundo templo nos subúrbios ocidentais de Sydney


AUSTRALIAN
Good Tidings
and
Sabbath Watchman
Vol I. SUMMER HILL, January-April, 1942. Nos. 1 and 2
In The Beginning ! ! !

The Australian Good Tidings *(Boas Novas Australianas), nosso periódico denominacional na Austrália, começou a ser publicado em 1942*

Apesar dos reveses que a Obra enfrentou na Austrália e na Nova Zelândia, a mensagem progrediu. Cremos que, quanto mais nos aproximarmos do Senhor e quanto mais sinceros provenientes das igrejas caídas e dentre os adventistas nominais aceitarem a mensagem de reforma, tanto mais veremos, no tempo determinado por Deus, o êxito final da obra do anjo de Apocalipse dezoito.

A seguir, hão de interessar ao leitor os detalhes demonstrando os passos progressivos no desenvolvimento da nossa Obra na Austrália:

Em 10 de fevereiro de 1940 surgiu a primeira igreja. Em julho foi organizada a Associação de Nova Gales do Sul.

Em agosto de 1940, teve início o preparo de obreiros. As primeiras aulas foram ministradas em Old Canterbury Road, n.º 17, Lewisham. Os primeiros estudantes foram L. Cresswell, F. L. Williams, G. W. Heslop, J. Dixon, G. R. Gray e J. Hough.

Em 1943 foi estabelecida uma escola perto de Windsor para a instrução de futuros obreiros.

O Instituto Missionário Hebron foi estabelecido em Lower Portland, à beira do Rio Colo, na Nova Gales do Sul. As aulas tiveram início em 1945. O irmão Nicolici foi o primeiro professor.

Em 1941 foi realizada a primeira reunião campal em Dandenong, Victoria. Em março de 1941, ocorreu a primeira conferência interestadual em Summer Hill, Nova Gales do Sul. No fim de junho, F. L. Williams foi enviado como ancião ordenado para a Nova Zelândia.

Em janeiro de 1942 C. Morgan foi nomeado obreiro bíblico, e I. W. Smith, ordenado ao ministério. Ambos foram para o Oeste como evangelistas. L. Eager foi ordenado ancião e enviado para o Sul como obreiro em regime de auto-sustento.

De fevereiro a julho de 1942, quatorze estudantes participaram de um curso médico-missionário. Todos demonstraram bom aproveitamento. No mesmo ano, foi realizado curso adicional de dois

meses. De 7 de fevereiro a 11 de abril de 1943 houve curso especial de estudos proféticos.

Em 1942, foi adquirida uma propriedade em Summer Hill, subúrbio de Sydney. Ali foi estabelecida a sede, um templo e uma gráfica. Esta freqüentemente precisou fazer horário extra para imprimir folhetos, opúsculos e periódicos preparados pelo movimento crescente. G. R. Gray foi o primeiro impressor. Um ano depois foi construído amplo anexo nos fundos da propriedade. Foi estabelecida uma clínica para tratamentos naturais.

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial nossa igreja atravessou uma crise que fez o povo buscar ao Senhor, com jejum e oração. Alguns de nossos jovens na Austrália e na Nova Zelândia cumpriram pena de prisão por serem objetores de consciência. A lealdade aos princípios da reforma de saúde foi causa de sofrimento e perseguição.

Como em todas as reformas anteriores, circunstâncias inesperadas nos trouxeram dificuldades. As verdadeiras reformas sempre reúnem alguns fanáticos e extremistas. Mais cedo ou mais tarde, manifestam seu espírito. Isso também ocorreu em nosso meio. Tivemos que combater apostasias e sofrer sacudiduras. Logo descobrimos que, quando Deus pede reavivamento e reforma, sempre há quatro classes de pessoas que se revelam na igreja: (1) Almas fiéis que amam a verdade e a justiça. (2) Grande parte dos professos crentes controlados pelo espírito de Laodicéia. Sendo que os princípios

Encontro de obreiros ocorrido na 42 Prospect Rd, Summer Hill, Sydney, 1944

não são importantes para eles, estão prontos a comprometê-los em toda prova. (3) Elementos descontentes. Durante algum tempo alimentam-se dos erros e apostasias denunciados pela mensagem de reforma. (4) Fanáticos e extremistas. Apoderam-se rapidamente de algumas novidades e correm à frente com suas idéias extravagantes. Como se fossem mensageiros especiais de Deus, são muito zelosos em realizar o que acreditam ser dever sagrado. Vociferam contra todos os fracassos que seus olhos críticos encontram, ou de que sua imaginação doentia suspeite. Obviamente o trabalho dessas pessoas precisa ser impedido. Quando os freios lhes são aplicados, vão embora.

Para que a igreja fique purificada dos que não pertencem a Deus, Ele está continuamente peneirando Seu povo. "A peneira está em movimento. Não digamos: 'Detém Tua mão, ó Senhor.' A igreja deve ser expurgada e expurgada será." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 100.

Durante a Segunda Guerra Mundial, em todos os Estados do Leste da Austrália, as igrejas e grupos organizados pelo Movimento de Reforma cresceram numericamente sob perseguição. No Oeste e na Nova Zelândia também houve desvios e deserções de membros não convertidos e membros fanáticos.

Na assembléia da União realizada na Escola Missionária Hebron, em 1947, surgiu um problema. Nem todos ficaram satisfeitos com os resultados dos trabalhos. Naquela circunstância delicada, tiveram que adotar medidas para proteger a igreja contra um grupo rebelde.

Conferência em Auburn, Sydney, 1980. A nova construção à direita é o templo. As antigas construções à esquerda servem para diversos propósitos, como escritórios (sede da União Australasiana), salão para conferências, gráfica e depósito

Durante a assembléia da União, realizada na Escola Missionária em 1949, relatórios animadores testemunharam considerável progresso nos vários departamentos. Cinco obreiros foram ordenados.

A maior dificuldade ocorreu no início dos anos de 1950. Para a maioria dos obreiros designados para os diferentes campos, a exemplo dos setenta discípulos de Cristo, tudo ia bem, enquanto os demônios se sujeitavam a eles (Lucas 10:17-20). Vindo, porém, a prova, aqueles que se mostravam instáveis e descontentes abandonaram a verdade que professavam amar. Alguns foram para o mundo. Outros voltaram para a Igreja Adventista. A história se repetiu. Apesar de todas as dificuldades, muitos crentes fiéis continuaram combatendo pela fé que de uma vez para sempre foi entregue aos santos.

II — Biografias e Experiências Pessoais

Clyde Thomas Stewart

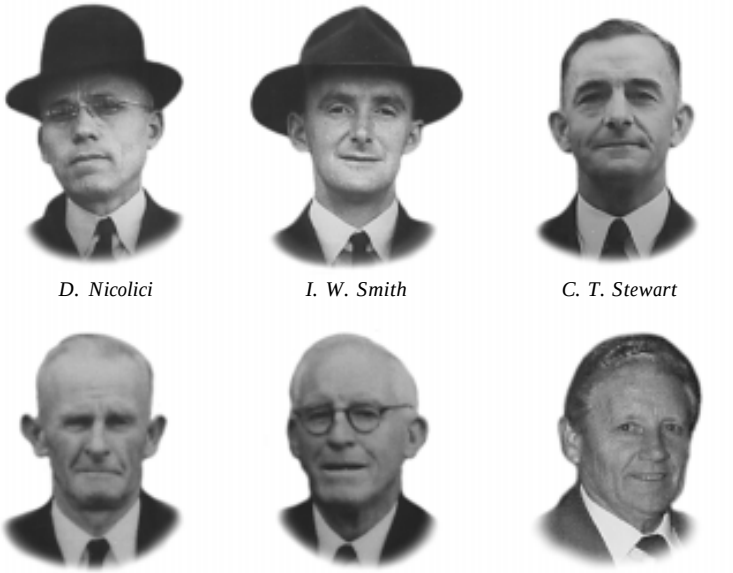
Da filha primogênita do casal Stewart, obtivemos esta informação:

Clyde nasceu em 16 de novembro de 1902, em Albury, Victoria, na extremidade sudeste da Austrália. Cresceu na estrita fé presbiteriana. Cantava nos corais da igreja.

Durante a época da Depressão, início dos anos de 1930, Clyde já havia constituído família. [Como o leitor deve saber, ocorreu crise financeira mundial com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, EUA, em 1929. Historicamente, o fenômeno foi chamado Depressão]. Os Stewart tinham três filhos. Outros dois nasceram posteriormente. Sendo simples lenhador, o pai não ganhava muito. Depois, como funcionário de manutenção, trabalhou na companhia ferroviária do Estado. A família era muito pobre. Em várias ocasiões, foram auxiliados pelos adventistas, e começaram a receber estudos bíblicos. A princípio, não foi fácil para o irmão Stewart aceitar o Sábado. A tia, que pertencia à fé adventista, deu-lhe *O Grande Conflito*. O livro exerceu grande influência, e ele compreendeu a mensagem.

Por volta de 1935, os Stewart tornaram-se membros da Igreja Adventista. Por causa do Sábado, o pai deixou o emprego na estrada de ferro e tornou-se colportor. Pouco depois, quando colportava, sofreu um acidente, em que, lamentavelmente, perdeu a perna direita.

O tio ainda não era adventista. Homem bondoso, ajudou os Stewart e os incentivou a mudarem-se para a zona rural. Entretanto, quatro anos de seca os obrigaram a abandonar o campo. Mudaram-se para outra região onde já possuíam uma propriedade, com terra boa e riacho permanente.



D. Nicolici *I. W. Smith* *C. T. Stewart*

C. P. Haynes *G. W. Heslop* *H. Weymark*

Alguns de nossos obreiros pioneiros na Austrália

Pouco depois de haverem-se estabelecido em sua propriedade, na região de Lancefield, Estado de Victoria, os Stewart se interessaram pela nossa mensagem. O casal tornou-se integrado à nossa igreja.

Em 1945 o irmão Stewart foi ordenado ancião para o Campo de Victoria. Em 1946, foi transferido para a Escola Missionária Hebron como diretor e professor. Ali, como importante fonte de renda para a escola, ajudou a desenvolver o projeto da serraria, iniciado anteriormente pelo irmão Nicolici. Mesmo sendo um dos professores, decidiu fazer um curso postal para aumentar o conhecimento de gramática e oratória.

Em 1949, o irmão Stewart e cinco outros foram ordenados ao ministério. Naquele mesmo ano tornou-se presidente da União Australasiana. Em 1951 foi delegado da assembléia da CG, como representante da Australásia. Foi eleito secretário mundial para o período 1951-1955. Em 1963, tornou-se presidente. Em 1967, na décima assembléia geral, não mais aceitou responsabilidade na liderança.

Depois de aposentado, continuou trabalhando voluntariamente. Disse alguém certa vez: “Quando o Departamento da Escola Sa-

batina precisar urgentemente de novo trimensário, chamem o irmão Stewart. Ele preparará um em poucos dias."

Em 1976 os Stewart mudaram-se para Clayfield, perto de Brisbane, Queensland. A esposa do irmão Stewart faleceu em 1978. Ele em 1992.

Ivan William Smith

Ivan, filho de ministro adventista, nasceu em 26 de fevereiro de 1919, em Wellington, Nova Zelândia. O pai, William, e a mãe, Louise Smith, foram pioneiros no estabelecimento da tríplice mensagem entre os nativos das Novas Hébridas, atualmente Vanuatu. Tratava-se de longo arquipélago localizado no sudeste do Pacífico, cerca de mil e seiscentos quilômetros a leste da Austrália. Residiam na Ilha de Malekula, onde Ivan passou grande parte da juventude. Com o pai e a mãe, participou nas viagens missionárias entre os ilhéus caçadores de cabeças. Havia duas tribos: os grandes nambas e os pequenos nambas.

Ivan freqüentou o Instituto Missionário Adventista em Avondale. Ali teve interesse especial pelo estudo da nutrição. Dois anos depois de haver terminado os estudos, uniu-se ao Movimento de Reforma e tornou-se obreiro bíblico. Seu primeiro campo foi o Oeste da Austrália, onde trabalhou durante sete anos.

Como objetor de consciência, não transgrediu a Lei de Deus com respeito ao serviço militar. Também recusou-se a prestar juramento. Quando seu pedido de isenção total foi negado, em 9 de setembro de 1942, mandaram que servisse numa unidade não-combatente. Houve nova recusa. Em resultado, foi condenado três vezes e teve que passar mais de nove meses na prisão.

Em 1942, com vinte e três anos, tendo sido ordenado ao ministério, assumiu as seguintes responsabilidades: Do Oeste da Austrália foi chamado à sede, em Sydney, onde desempenhou atividades literárias. Trabalhou na preparação de material evangelístico. Em 1954, foi chamado para Sacramento, Califórnia, EUA. Em 1955, foi eleito secretário da Conferência Geral. Simultaneamente continuou exercendo atividades ministeriais e literárias. Em 1956 casou com Ruth Kutz, que lhe foi grande auxílio no trabalho. Em 1959 foi reeleito secretário da CG. Em 1964 a família Smith foi enviada para a África do Sul. Ivan Smith assumiu a responsabilidade da União Transafricana até 1979.

Depois da morte da esposa, em julho de 1980, o irmão Smith voltou aos Estados Unidos. Ainda desempenhou responsabilidades ministeriais por vários anos. Faleceu em 1987.

Charles Peter Haynes

Em 1932, depois da Depressão, Charles trabalhava no comércio como sócio do pai e de quatro irmãos. (Conforme já explicamos anteriormente, relembramos ao benévolo leitor que Depressão é fato histórico-econômico mundial surgido em 1929). Havia mais de uma década que estavam naquele ramo de negócios. Problemas de saúde o atormentavam continuamente. Sentindo-se debilitado de corpo e mente, abandonou definitivamente o comércio.

A família do pai, vinda da Inglaterra, pertencia à Igreja Anglicana. Ainda na juventude, o pai estivera ligado ao Exército da Salvação e, finalmente, tornara-se metodista. A mãe, de ascendência escocesa, era presbiteriana, mas também freqüentava a igreja do marido. Por isso, os sete filhos receberam formação religiosa metodista. A família permaneceu unida até que, com trinta anos, o jovem Charles deixou o comércio e voltou para a fazenda. Cerca de seis meses depois que saiu de casa, a mãe ficou doente e faleceu. Então, o pai foi morar com Charles na zona rural. Juntos, cuidavam de um grande bananal em Murwillumbah, ao Norte de Nova Gales do Sul.

O irmão Haynes, voltando a morar no campo, percebeu que a saúde estava melhorando. E, eis o que é mais importante: passou a conhecer Aquele que é "o caminho, a verdade e a vida" (João 14:6). Foi instruído na mensagem que traz cura para a mente e o corpo. Tornou-se membro da Igreja ASD. Durante oito anos, dedicou parte do tempo à colportagem. Aproveitou toda oportunidade para promover o pequeno grupo iniciado naquela região.

As primeiras reuniões foram realizadas no lar de um dos irmãos, depois num salão público e, finalmente, no lugar onde construíram um templo. Naquele grupo atuou sucessivamente como secretário e depois dirigente da Escola Sabatina. Após isso, foi diácono e, finalmente, ancião ordenado.

Aquelas reuniões não foram benéficas a todos os assistentes. Alguns, incluindo o pai do irmão Haynes, a princípio opunham-se à verdade. Essa discordância entre os que aceitavam e os que rejeitavam a mensagem do advento resultou num debate entre ministros protestantes e adventistas. O irmão Haynes disse que jamais testemunhou tanta hipocrisia, mentira, amargura e perversidade como constatou entre os que tentavam defender doutrinas que são preceitos de homens (Mateus 15:9).

Os que aceitaram a mensagem do advento acreditaram ter encontrado a verdade em sua íntegra. Não sabiam que dali a poucos anos haveriam de passar novamente por experiência semelhante.

Por volta de 1939, o irmão Haynes conheceu os reformistas, que lhe forneceram literatura. Leu as publicações mas, sob preconceito, permaneceu em sua crença. Cria esperançosamente que a necessária reforma ocorreria dentro da igreja. Contudo, logo compreendeu que a maioria não estava interessada em efetivar reforma. Ao contrário, rejeitavam-na completamente e a denunciavam como sendo de origem satânica.

Na igreja em que o irmão Haynes freqüentava, havia grandes dificuldades. Houve protesto contra o rebaixamento das normas. Uma das maiores decepções foi saberem que os líderes adventistas da Austrália haviam mostrado disposição para lutar na guerra. Um dos jornais da época publicou: "Se a Austrália fosse invadida, eles [os adventistas] lutariam na defesa de seu país e de suas convicções, até o último homem. Explicação do Sr. E. B. Rudge, presidente australiano do Movimento ASD, para o jornal *Smith's.*" —*Smith's Weekly*, 25 de janeiro de 1941.

Essa reportagem, adicionada à evidência de que a igreja estava em profunda apostasia, contribuiu grandemente para fazer com que muitos adventistas adotassem a atitude correta. Separarem-se da igreja constituída era uma das questões mais difíceis para assimilarem, porém, finalmente aceitaram esta circunstância como a única saída.

Em 1942, após dois anos de estudo criterioso da Bíblia e dos livros do Espírito de Profecia, tendo em vão esperado o reavivamento e a reforma dentro da igreja, onze dos quarenta membros daquela congregação ainda procuravam defender a verdade. Compreenderam, sem dúvida, que tinham que enfrentar conseqüências. Viram, finalmente, a experiência dos reformistas da Europa em 1914-1918 repetir-se na Igreja Adventista da Austrália. Houve separação.

Embora a União Australasiana dos ASD estivesse plenamente ciente do ocorrido na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, os leigos da Austrália, em geral, nada sabiam. Era do conhecimento dos líderes que em muitos países da Europa os ASD haviam adotado posição de combatência. Em virtude de continuar fiel aos princípios, a minoria havia sido excluída. A Conferência Geral havia rejeitado todas as propostas para resolver as diferenças em harmonia com a Palavra de Deus.

Depois que aquelas onze pessoas tomaram posição, foram organizados grupos de ASD reformistas nas capitais dos Estados australianos e em algumas cidades do Interior.

Em conclusão, disse o irmão Haynes: "Percebíamos, como sentimos hoje, que nossa mais urgente necessidade é alcançar experiência mais elevada. Queira o Senhor abençoar nossos sinceros esforços!"

O irmão Haynes faleceu em 1986.

George William Heslop

Informação obtida da filha do irmão Heslop, esposa do irmão Weymark:

George nasceu em Tighe's Hill, Newcastle, Austrália, em 6 de junho de 1892. Quando jovem, trabalhou no departamento pessoal da Companhia Ferroviária de Nova Gales do Sul. Fazia o pagamento dos salários. Em 1919, foi transferido para Sydney.

Em 1928, quando faleceu uma de suas filhas gêmeas, com apenas três anos e quatro meses, George ficou inconsolável. Essa dolorosa experiência tornou seu coração mais receptivo aos assuntos espirituais. Certo dia, enquanto caminhava num parque, teve a atenção atraída para o cântico de hinos proveniente de uma grande tenda. Na plataforma, havia um enorme diagrama de Daniel 2. Foi despertada a curiosidade. Parou e ouviu a palestra. Voltou ali noite após noite. Gostou dos estudos sobre a profecia bíblica. Logo começou a freqüentar a Igreja Adventista do Sétimo Dia de Stanmore, em Sydney, onde, com a esposa, foi batizado. Tomou parte ativa na igreja e, em 1932, foi ordenado ancião.

A esposa do irmão Heslop sofria de asma. Ele pediu à Companhia da Estrada de Ferro que o transferisse para Goulburn, cidade do interior. Mudou-se para lá em 1936. Reuniu várias pessoas e organizou um grupo que foi o começo da primeira igreja adventista na região. Porém, não houve melhora no estado de saúde da esposa. Assim, pediu que a Companhia o transferisse novamente para Sydney.

Na igreja de Stanmore, que freqüentara anteriormente, exercia a função de ancião. Em 1938, a família Nicolici chegou à Austrália e apresentou a mensagem de reforma. O interesse na mensagem aumentou. Houve separação. O biografado estava entre os cinco membros da comissão constituída quando a obra da Reforma foi organizada na casa da família Nicolici, em Lewisham, Sydney, em 23 de outubro de 1939. O irmão Heslop tornou-se o primeiro ancião do Movimento de Reforma na Austrália. Durante muitos anos foi secretário da União. Em muitas ocasiões, trabalhou como tesoureiro.

Em 1948, foi enviado como delegado para representar a União Australasiana na assembléia da CG em Haia, Holanda. Sempre traba-

lhou na companhia ferroviária até aposentar-se em 1952. Entretanto, jamais deixou de envidar incansáveis esforços na Obra, atuando como ancião, visitando e ministrando estudos bíblicos. A fim de dispor de mais tempo para trabalhar voluntariamente na Obra do Senhor, antecipou a aposentadoria quando estava com sessenta anos.

Após quinze anos de devotado serviço, começou a ter dificuldade para andar da estação da estrada de ferro para o escritório da União. O coração estava fraquejando. Dias depois teve um ataque cardíaco e descansou de seus trabalhos. Era dois de janeiro de 1969.

Dumitru Nicolici

No começo de 1941, certo jovem chegou à nossa nova sede em Summer Hill. Apresentou-se como estudante do Instituto de Avondale em Cooranbong. Para surpresa de nossos irmãos, disse que tinha vindo de Wahroonga para estudar a mensagem de reforma. O irmão Nicolici o convidou: "Esteja em minha casa hoje às dezenove horas." Entretanto, os irmãos ficaram atentos quando perguntaram onde ele havia conseguido nosso novo endereço. A resposta foi: "Meu chefe é adventista do sétimo dia. Tomei informação com ele."

Perguntaram quem era o patrão. Ele disse: "Não estou autorizado a identificá-lo". O jovem não mostrou nenhum interesse no estudo. Apenas fez perguntas, principalmente sobre a atitude de nossa igreja para com a guerra. Também inquiriu sobre as razões por que nos havíamos separado da Igreja ASD. Nossos irmãos não levaram em conta os métodos sorrateiros do visitante. Embora suspeitassem, no temor do Senhor, responderam as perguntas. Para surpresa ainda maior, o patrão dele era o pastor E. B. Rudge, presidente da União Adventista, de quem obtivera o endereço e demais informações sobre nosso povo. Na verdade, o jovem era repórter do *Smith's Weekly*, jornal de Sydney. Para agradar o patrão dos Adventistas do Sétimo Dia, desvirtuou as palavras do irmão Nicolici com relação à guerra e às autoridades. Era intenção dele impedir nossa obra num tempo de grave crise, quando tudo estava em agitação no país.

Em resultado daquela visita, o artigo publicado no *Smith's Weekly*, de 18 de janeiro de 1941, dizia:

"O pastor D. Nicolici, adventista do sétimo dia da Reforma, de Sydney, não é apenas comprovado objetor de consciência. Também se empenha em propagar sua doutrina na Austrália.

"Ele saberá, porém, que a Austrália é campo desfavorável para esse tipo de empreendimento. Provavelmente fizesse melhor em seu país natal, a Romênia.

"Nicolici fala inglês com dificuldade. Chegou à Austrália em 1939 [na verdade em 1938], afirmando ser representante de um movimento minoritário de adventistas do sétimo dia estabelecido na Europa.

"Parece pessoalmente inofensivo, mas seus ensinos eqüivalem a minar os esforços de uma nação em guerra.

"O Movimento de Reforma, portanto, deve ser banido, pois pretende induzir os australianos a não lutar pela pátria. O tempo é agora. Não depois de o movimento haver crescido."

Ficou claro para os irmãos quem era o responsável pela publicação da matéria. O patrão devia estar plenamente satisfeito com o desempenho de seu empregado. Em resultado, esperava ver liquidado o Mardoqueu que não se prostrava. O principal objetivo do visitante era difamar o irmão Nicolici e desvirtuar o Movimento de Reforma diante das autoridades.

Após haver trabalhado na Austrália e Nova Zelândia por onze anos, D. Nicolici recebeu nova responsabilidade da delegação da Conferência Geral de 1948. Assim, em 24 de novembro de 1949, ele e esposa deixaram a Austrália e foram para os EUA.

III — Desenvolvimentos recentes

Pela graça de Deus a União Australasiana prosperou durante e depois dos anos de 1970. A obra de Reforma estendeu-se para os demais Estados. Ao mesmo tempo a Austrália prestou assistência a novos despertamentos na Ásia e região do Pacífico: Filipinas, Indonésia, Coréia, Índia, Japão, e Polinésia Francesa.

Em 1969, em Upper Colo, cerca de 225 quilômetros a nordeste de Sydney e a aproximadamente oitenta quilômetros da cidade histórica de Windsor, para atender as necessidades crescentes da Obra, a União adquiriu extensa propriedade de sessenta e seis alqueires, coberta de florestas. Essa fazenda, que os irmãos chamam de Elim Heights, desenvolveu-se pouco a pouco nos anos de 1970 e 1980. Foi construído um salão de conferências com acomodações para trezentas pessoas, dois dormitórios, cozinha e refeitório, amplo galpão para equipamentos, e outras instalações.

Desde o início dos anos de 1950, a Austrália tem sido exemplo digno de imitação ao seguir o lema: "*Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber*." Atos 20:35. Em conformidade com essas palavras, a União tem fornecido considerável número de oficiais para diferentes campos e departamentos de nossa missão mundial. Contribui substancialmente para as atividades da Conferência Geral.

39

Filipinas

I — Início e primeiras experiências

No fim de 1955, em resultado do conflito que se estava desenvolvendo entre duas facções na Igreja ASD, havia começado uma crise na cidade de Davao. De um lado estava a minoria que se esforçava por ser fiel e estrita em elevar as normas do adventismo histórico. Do outro, estava a maioria liberal e indiferente apoiada pelos ministros locais. Como sempre aconteceu na história da igreja, alguns foram expulsos por protestar com alarde contra a crescente apostasia.

Um deles, Fermin R. Binoya, irmão idoso, líder do protesto, numa carta de 20 de outubro de 1960, explicou como teve início a sacudidura:

"Após a guerra, muitos ministros, esposas de ministros, e membros favoritos da igreja, tornaram-se ultramodernos. O mundanismo dominou a igreja a ponto de provocar a ira de Deus. Evidentemente

Primeira conferência dos adventistas reformistas nas Filipinas, liderada por D. Nicolici em Davao City, 1959, quando a União Filipina foi organizada

alguns mantiveram a pureza da doutrina, teoricamente e na prática. Assim, a igreja foi dividida em dois grupos: os conservadores e os liberais.

"Os que eram zelosos contra as influências mundanas que estavam-se espalhando na igreja em Davao, foram advertidos pelos pastores locais para que ficassem calados, ou seriam excluídos. Esses, destemidamente, continuaram a campanha em favor da doutrina original e da pureza da igreja. Em resultado, seis foram expulsos em 1955."

Depois de excluídos, organizaram-se temporariamente e começaram a promover reuniões na casa de Teodolo Ludia.

O irmão Binoya diz que muitas vezes foi acusado como agitador, e de ser ensinador de idéias obsoletas. Depois da exclusão, empreendeu muitas visitas e viagens para contar aos membros da igreja o real motivo pelo qual aqueles irmãos estavam separados. Por onde passava, o assunto causava divisão entre o povo adventista. Muitos conservadores se puseram ao lado dos crentes fiéis.

Na igreja de Gumalang, trinta e dois quilômetros ao Norte de Davao, trinta e cinco dos cinqüenta e dois membros tomaram posição ao lado dos excluídos. Entre eles encontrava-se Leocádio Silao.

Logo que conseguiram suficiente apoio, consolidaram a organização e elegeram uma comissão diretiva. Em seguida a comissão autorizou o irmão Binoya a usar parte das entradas de dízimos e ofertas para cobrir despesas de viagem. Ele passou a visitar outros

Comissão da União Filipina, eleita em 1959

lugares a fim de informar aos irmãos o que havia acontecido. A Igreja Adventista Central de Davao expediu circulares advertindo seus membros em todas as partes a não dar ouvidos ao missionário rebelde e seus partidários. Não deveriam recebê-los. Tentaram tudo para dissuadir os irmãos de se interessarem pela igreja remanescente. Apesar das advertências dos dirigentes, muitos membros ouviram a mensagem.

Antes de providenciarem o registro oficial, esses irmãos de mentalidade reformista apelaram para a União, na cidade de Cebu, e para a Divisão em Singapura. Entretanto, não foi tomada nenhuma providência para solucionar o problema de acordo com a Bíblia e os Testemunhos. Ao contrário, os irmãos excluídos foram proibidos de empregarem o nome Adventistas do Sétimo Dia. Os ministros ameaçaram: "Se usarem nosso nome, seremos obrigados a levar o caso à justiça". Apesar das ameaças, o pequeno grupo adotou estatutos e providenciou registro, em maio de 1956, com o nome Igreja Remanescente dos Adventistas do Sétimo Dia.

Algum tempo depois de o grupo remanescente haver-se registrado, Tibúrcio de la Calzada se tornou ministro. Naquela época já

Segunda conferência de reformistas na União Filipina, liderada por A. Lavrik (Davao City, 1962)

Encontro de crentes reformistas (membros e amigos) em Bayugan, 1976

dispunham de oito obreiros voluntários no campo. O número de membros cresceu rapidamente. Em pouco tempo conseguiram estabelecer igrejas e grupos em vários lugares.

Publicações reformistas vindas dos Estados Unidos abriram portas para que esses irmãos separados pudessem encontrar o Movimento de Reforma. A primeira vez que ouviram falar de nosso Movimento foi em 1958, por intermédio de um diretor de colportagem da Igreja Adventista. Este havia recebido ou visto um de nossos tratados. Outros adventistas nas Filipinas também haviam recebido revistas ou folhetos enviados por nossos oficiais residentes nos Estados Unidos. Assim, quando esses irmãos de mentalidade reformista foram informados da existência do movimento reformatório entre os adventistas em outros países, indagaram sobre nosso endereço na América do Norte e escreveram à nossa sede em Sacramento, Califórnia, EUA.

Recebemos muitas cartas desses irmãos filipinos. Eis, de um missivista cujas iniciais são *G. G. S.*, trecho da carta de 28 de julho de 1958:

"Há quase um ano, li algo publicado pelos Adventistas do Sétimo Dia Movimento de Reforma a respeito das diferenças entre a sua organização e a Igreja Adventista. Creio que se trata da troca de correspondência entre as duas denominações. Desde aquela época, meu desejo é saber mais sobre o Movimento de Reforma. Quando me foi entregue, o folheto estava rasgado e incompleto. Tenham a gentileza de enviar-me informações adicionais sobre as diferenças entre as duas igrejas. Se possível, enviem também folhetos para serem distribuídos entre os irmãos. Quando enviarão missionários às Filipinas?"

As cartas revelaram que havia real interesse. Foram tomadas providências para que o irmão Nicolici visitasse esses irmãos e realizasse com eles uma conferência.

No fim de 1958, em resposta ao apelo dos irmãos que se haviam separado da denominação adventista principal, D. Nicolici visitou as Filipinas.

A conferência ocorreu em Davao, de 7 a 11 de janeiro de 1959. O irmão Nicolici os orientou e os ajudou a melhorar a organização já existente.

A respeito dessa conferência, os irmãos da liderança nas Filipinas escreveram o relatório de 12 de janeiro de 1959, que diz:

"Nossos delegados vieram de partes diferentes do país, examinaram as evidências e obtiveram pleno conhecimento sobre o Movimento de Reforma...

"Somos mais de mil membros..., mas como a reunião ocorreu durante a época da colheita, grande parte de nossos irmãos não pôde comparecer. Estiveram presentes apenas trezentas pessoas.

"Devido ao êxito alcançado em nossa reunião, as igrejas dos adventistas ao redor de Davao estão ficando agitadas. Os membros estão surpresos em saber que descobrimos o Movimento de Reforma, que conhecemos o pastor Nicolici, e que ele esteve em nosso congresso. Sim, ficaram pasmos ao perceber que, entre os ASD, há um movimento que procura promover reavivamento e reforma.

Encontro de crentes reformistas em Freedom Village, Ornoc City, 1978

Seminário para colportores (Antipolo, Rizal, 1986)

"Durante a conferência, dois irmãos foram ordenados anciãos de igreja. Um idoso ex-pastor ASD, que servira durante vinte e oito anos, foi ordenado pelo pastor Nicolici."

Como adventistas de mentalidade reformista, esses irmãos não hesitaram em aceitar nossos princípios, exceto um ponto que ainda não haviam compreendido: a reforma de saúde. Os líderes já haviam deixado de comer carne, mas entre o povo essa ainda era uma questão a ser decidida. Por isso, aqueles que haviam recebido cargos na conferência foram incumbidos da responsabilidade de apresentar nossos princípios de fé às igrejas e grupos.

Depois da conferência de 1959, as cartas recebidas de missionários ativos em diversas áreas informavam como a mensagem de reforma estava ganhando terreno. Eis trechos de uma carta de 25 de maio de 1959, de *S. A. C.*, um de nossos obreiros:

"Após a conferência em Davao, muitos adventistas compreenderam que a obra de reforma é internacional. Pararam de criticar-nos com o argumento de que estávamos promovendo movimento apenas local...

"Encontro-me atualmente na ilha de Bohol ministrando estudos bíblicos para os ASD. Até agora, quarenta irmãos adventistas aceitaram a mensagem de reforma. Há muito interesse, não apenas entre os ASD, mas também entre protestantes e católicos...

"A Obra de Deus não pode ser detida pelo poder humano. Nos primeiros dias deste movimento em Davao éramos alvo de muito escárnio e insultos. As trevas foram banidas. A luz da verdade, conforme representada pelo Movimento de Reforma, está avançando rapidamente. Em vez de escárnio, nossos oponentes manifestam vergonha e medo."

Sede da União, em Quezon City

Outra carta, de *L. L.*, de 7 de setembro de 1959, informa:

"Apesar de nossa falta de recursos, estamos trabalhando com todo o empenho para divulgar a mensagem de reforma. Somos mais de mil membros. Estamos organizados em vinte e quatro igrejas e grupos. Deus tem abençoado nossos esforços. Almas que estão a perecer, têm sido despertadas para o Evangelho."

A carta de *C. O.*, escrita em 30 de abril de 1960, informa:

"Acabamos de receber notícias de nosso líder do Campo de Bohol, o irmão *S. A. C.*, que visitou a ilha de Leyte. Em resultado da apresentação da mensagem de reforma à Igreja Adventista, sessenta dos oitenta membros aceitaram a verdade. Esses foram organizados no Movimento de Reforma. O templo deles passou a ser nossa propriedade."

Carta de *D. C.*, de 11 de outubro de 1960:

"Os ministros ASD estão advertindo as igrejas em toda parte contra o Movimento de Reforma. Entre outras calúnias, dizem que somos uma ramificação, que somos amaldiçoados por Deus, e que os adventistas não devem receber nossas publicações. Quando eu ainda congregava com eles, tomaram-me as publicações reformistas, rasgaram-nas e as queimaram... Porém, continuei pesquisando. Exemplares do *Reformation Herald*, que recebi de uma irmã, levaram-me ao fundamento seguro da verdade."

Para garantir o desenvolvimento da boa obra iniciada nas Filipinas, tornaram-se necessárias visitas adicionais. Em 1960, A. Lavrik

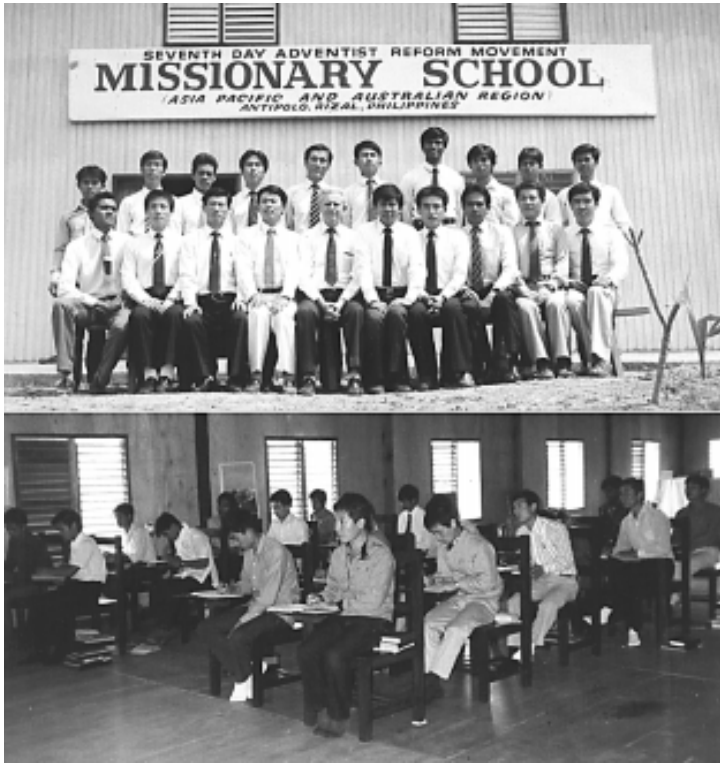
esteve ali com a finalidade de confirmar os irmãos na verdade e ajudá-los ministrando conselhos práticos referentes à administração.

II — Desenvolvimentos posteriores

Em 1961 John Nicolici e família mudaram-se de Sacramento, Califórnia, para as Filipinas. Ali permaneceram durante dois anos. Ele e esposa, LaVeta Nicolici, estiveram empenhados em instruir o povo. John Garbi esteve ajudando-os durante seis meses. Emmanuel Garbi, também conhecido por Amy Garbi, ajudou Nicolici Jr. e família, por um ano.

Os dois volumes do *Manual de Instrução Para Obreiros Leigos*, preparados por John Nicolici e esposa, foram grande ajuda para nossos obreiros e oficiais de igreja.

A segunda conferência foi realizada de 22 a 26 de janeiro de 1962.



Nossa escola missionária nas Filipinas (Antipolo, Rizal, 1986)

De 1969 a 1971, tivemos um casal de missionários do Canadá: Harold A. King e esposa, Loreen King. Enquanto ali estiveram, prepararam o manual de estudos sobre princípios e práticas de evangelismo pessoal, intitulado *Pescadores de Homens*. A publicação foi grande ajuda para nossos irmãos filipinos.

Como nossos irmãos ainda precisassem de auxílio do estrangeiro, a Conferência Geral designou Steven Barat da Austrália em 1972. Depois Milivoj Dimitrijevic, da Iugoslávia, em 1975.

Em 1986, em Paenaan, Rizal, ilha de Luzon, foi estabelecida uma escola missionária que oferecia oportunidades educacionais também a jovens de outros países da região asiática do Pacífico. Em 1990 a escola missionária foi transferida para Cabatang, Tiaong, Quezon, cerca de 145 quilômetros ao sul da região metropolitana de Manila.

40

Indonésia

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial, foi notada alarmante decadência na condição espiritual da Igreja Adventista na Indonésia. A violação aberta do quarto mandamento havia-se tornado comum, não só entre os leigos, mas também entre os líderes. Preparavam alimento no Sábado e faziam trabalho comum. Vendo que os protestos não eram considerados, mais de trezentos membros retiraram-se das seis igrejas de Minahasa, ao Norte de Célebes. Foram organizados sob liderança de C. J. Suoth, pastor da Igreja ASD.

Logo depois, outro grupo de aproximadamente cem membros, liderados pelos pastores J. Sumayku e W. Tuturong, retiraram-se das igrejas adventistas de outros lugares em Minahasa e uniram-se ao grupo que havia deixado a Igreja Adventista Central pouco antes. O grupo recém-organizado foi registrado no Departamento de Assuntos Religiosos, sob o nome de Associação Adventista da Indonésia.

Esses irmãos trabalharam com empenho. Em dez anos, eram já cerca de dois mil membros. Duas tendências, porém, se desenvolveram entre eles. Enquanto o irmão Suoth e parte dos membros cria na estrita observância do Sábado, Sumayku, Tuturong e a maioria do grupo, eram relapsos. Finalmente, revelaram que não criam nos escritos de Ellen G. White. Em 1958, a discordância entre as duas facções resultou em separação. O irmão Suoth, e trezentos membros, deixaram a Associação Adventista da Indonésia. Formaram o que inicialmente foi denominado Adventistas do Sétimo Dia em Reforma. Ao registrarem o grupo, mudaram o nome para Associação dos Adventistas do Sétimo Dia da Indonésia.

Em 1973 Steven Barat chegou ao país. Não tinha nenhum endereço para iniciar a visitação. Dirigiu-se à sede da União da Igreja ASD. Como era de esperar, o presidente não manifestou nenhum interesse na mensagem de reforma. Entretanto, um funcionário deu ao irmão Barat o endereço de um grupo de adventistas independentes. O líder desse grupo o pôs em contato com os irmãos Sumayku e Tuturong, de quem Barat teve informações sobre o irmão Suoth, que recebeu o irmão Barat. Suoth o ouviu. Convenceu-se de que a chegada dele era resposta divina às súplicas dos irmãos indonésios. Eles oravam pedindo que o Senhor lhes permitisse encontrar, em outros países, adventistas de mentalidade reformista. Finalmente,

Crentes reformistas (membros e amigos) durante conferência em Manado, Indonésia, 1977

Grupo de crentes reformistas visitados por F. Devai em Ratatotok, Indonésia, 1977

Suoth disse ao irmão Barat: "Venha comigo. Juntos visitaremos as igrejas de nossa Associação e o irmão vai apresentar o que me mostrou há pouco."

Estiveram em muitos lugares no norte de Célebes. O visitante deu explicações àqueles irmãos de mentalidade reformista sobre a origem do Movimento de Reforma.

A segunda visita aos irmãos indonésios foi em julho de 1973, por A. C. Sas. Ele fez algumas viagens com o irmão Suoth, uma das quais foi particularmente arriscada. Num barco de dez metros por três, transportando vinte passageiros e carga, velejaram durante quinze horas até uma ilha onde havia uma igreja com quinze interessados promissores. Apesar do perigo, pela fé em Deus empreenderam a viagem motivados pelo amor de Cristo que os constrangeu (2 Coríntios 5:14).

Após terem regressado, durante uma assembléia em Manado, num Sábado, a congregação, emocionada, não conteve as lágrimas quando o irmão Suoth fez uma confissão pública. Afirmou que sentia a consciência culpada por não haver instruído aqueles irmãos nos princípios da reforma de saúde. Acrescentou: "Agora compre-

endo que comer carne é pecado." Expressou o desejo de ser rebatizado. O pedido foi aceito. Ele, a esposa e um ancião local foram batizados na tarde desse Sábado. Baseando-se nos escritos de Ellen G. White, o irmão Sas explicou nosso ponto de vista com referência ao batismo e segundo batismo. No dia seguinte, quarenta e oito pessoas, incluindo alguns filhos do irmão Suoth, pediram o rebatismo. Outros expressaram o desejo de ser batizados, ou rebatizados, em seus grupos ou igrejas locais. Entre eles estava um ministro ASD, idoso, que liderava duas congregações. Domingo, depois do batismo, o irmão Suoth foi ordenado ao ministério.

Havia possibilidade de serem formadas duas Associações. A União foi organizada com sede em Manado. O irmão Suoth foi eleito presidente.

Depois da conferência, os irmãos Sas e Suoth visitaram Talaud, ilha entre Célebes do Norte e o Sul das Filipinas. Durante trinta e seis horas, viajaram numa pequena embarcação. Naquela região, em três ilhotas vizinhas, havia grupos de irmãos que não puderam comparecer à conferência em Manado. Numa dessas pequenas ilhas, em cinco dias, os dois visitantes ministraram cerca de vinte estudos para adventistas de mentalidade reformista. Irmãos que moravam em outras duas ilhas ouviram falar que Sas e Suoth estavam ali. As notícias eram transmitidas pelo rádio. Entristeceram-se ao saber que os dois não poderiam visitá-los. Naqueles dias, não havia nenhum barco que fosse da ilha principal para as outras. Cinco irmãos que moravam a trinta quilômetros da ilha principal, conseguiram um barco e foram ao encontro dos pastores. Por essa descrição o leitor verá que nenhum sacrifício é grande demais quando o amor pelas almas e pela verdade encontra meios para alcançar os objetivos.

Em 1975, na décima segunda assembléia da Conferência Geral, a União da Indonésia foi recebida por voto entre os Adventistas do Sétimo dia Movimento de Reforma.

41

Japão

Existem, no Japão, várias correntes religiosas: o xintoísmo, religião primitiva; o budismo, com doze seitas principais; e o cristianismo. Este foi introduzido por missionários espanhóis no século XVI. No século XVII, quando havia perseguição e martírios, apesar de haver sido proibida no país, a fé cristã não desapareceu. Um grupo remanescente refugiou-se em várias penínsulas e ilhas. Formaram-se, assim, as aldeias cristãs ocultas. A proibição cessou em 1873. Em 1970 havia no país mais de oitocentos mil cristãos.

Sempre tivemos interesse missionário pelo Japão. "A quem enviaremos?" Essa era a pergunta que repetíamos, e permaneceu sem resposta durante muito tempo, até que o irmão Noboru Sato, japonês de nascimento, uniu-se à nossa igreja no Brasil.

Ele e Tomino Sato, esposa, aceitaram a mensagem de reforma no início dos anos de 1960. Recém-batizado, começou a visitar compatriotas no Brasil e manter correspondência com eles. Também escrevia aos parentes e outras pessoas no Japão. Sentia-se verdadeiramente preocupado com o povo japonês. Fazia freqüentes referências à profecia segundo a qual o Senhor reuniria um remanescente das ilhas do mar (Isaías 11:11). Por isso, apelou à liderança para que enviassem alguém ao seu país natal. A quem poderíamos enviar? Em nosso meio não havia ninguém familiarizado com o idioma e a cultura do povo japonês. Tão grande era a preocupação do irmão Sato que finalmente se pôs à disposição da Obra, como pioneiro. Chegou ao Japão em 1974.

Conforme acordo, a Conferência Geral pagou a passagem e a União Alemã se responsabilizou por metade do salário. A outra metade seria recebida pela família no Brasil.

Os primeiros contatos missionários foram difíceis. Contou-nos que, muitas vezes, de manhã, junto à Natureza, suplicava ao Senhor ajuda especial a fim de que portas e caminhos fossem abertos para a mensagem de reforma.

Irmão e irmã Sato no Japão, 1984

Em 1975 A. C. Sas visitou o irmão Sato. Num pequeno quarto onde morava, em Tsurugashima, na área de Tóquio, ambos celebraram a Ceia do Senhor. Até então, nem uma única pessoa havia compreendido nossa mensagem. A. C. Sas e Noboru Sato oraram para que o Senhor preparasse oportunidades. Muitas pessoas receberam estudos bíblicos, mas não houve resultado imediato.

Em 1976, quando o irmão Sas visitou o Japão pela segunda vez, colheu os primeiros frutos. Houve batismo de cinco pessoas, o que foi considerado grande vitória. O país é árido para a semente do Evangelho. Depois, cada vez mais pessoas começaram a demonstrar interesse.

Batismo próximo a Tóquio, Japão, durante visita do irmão A. C. Sas, 1986

As reuniões eram realizadas na casa de um dos irmãos, em Tóquio. Posteriormente uma irmã comprou um apartamento que, isento de encargos de aluguel, foi cedido à igreja. Ali passaram a ser realizadas as reuniões de Sábado. Também ali eram hospedados os visitantes. Agradecemos a Deus essa provisão. Manifestamos à irmã Suda quanto apreciamos o sacrifício dela.

Noboru Sato trabalhou naquele país durante seis anos inteiros. Durante esse longo período, não viu a família, que havia ficado no Brasil. Depois, decidiu que a esposa fosse para o Japão. Assim ocorreu. A irmã Tomino permaneceu com o marido durante quatro anos. Assim, o irmão Sato passou dez anos trabalhando como pioneiro em seu país natal.

Já em idade avançada e com a saúde debilitada, houve a necessidade de ser substituído. Em 1984, foi transferido para lá um jovem coreano, Kim Jung Shim, que falava japonês. Sato e Kim trabalharam juntos por quase um ano. Então, o irmão Sato e esposa voltaram para o Brasil.

O irmão Kim, novo obreiro, trabalhou com empenho, e o Senhor abençoou seus esforços. Quando o lugar de reunião se tornou inadequado para o número de nossos irmãos em Tóquio, unindo esforços, compraram um terreno para a construção de uma igreja.

Em 1985 alguns ASD em Kochi, Sul do Japão, interessaram-se pela mensagem de reforma. Eram membros proeminentes da Igreja

Adventista: uma campeã de colportagem, a tesoureira e a secretária da igreja. Em 25 de maio de 1986, onze pessoas foram acrescentadas à igreja em Kochi. Desses irmãos, nove foram batizados, e dois recebidos.

Em 31 de maio de 1986, isenta de dívida, foi inaugurada nossa igreja em Tóquio. Nesse mesmo dia o irmão Kim foi ordenado ao ministério. No dia seguinte houve cerimônia batismal de sete pessoas.

Era necessário auxílio adicional. Um jovem irmão coreano que morava nos Estados Unidos, Chang Won Jun, conhecido em nosso meio pelo nome de Neemias, aceitou o chamado de ir com a esposa para o Japão. Porém, antes de mudarem, tiveram que estudar o idioma japonês, durante o ano de 1990. Começaram suas atividades, na área de Tóquio, em 1991.

Com a ajuda de Deus, a Obra no Japão está crescendo de modo lento, mas firme.

42

Coréia do Sul

I — Início e primeiras experiências

Em 1975 estava sendo planejada a XII Assembléia da Conferência Geral em Brasília, Brasil. Dois australianos, S. Barat, representante das Filipinas, e A. L. Barnett, da Austrália, em seu itinerário para o Brasil, decidiram visitar vários países da Ásia.

Na Coréia do Sul, devido à dificuldade de comunicação e outros problemas, pensaram que quase nada podiam fazer. Entretanto, visitaram o hospital ASD, a casa publicadora e a sede da União. Foram informados de que estava sendo realizado um seminário para ministros e obreiros. Chegando ao local, perguntaram ao presidente da União se podiam distribuir entre os participantes um folheto intitulado “Um chamado ao reavivamento e reforma”. O folheto continha os endereços da nossa Conferência Geral, União Filipina e União Australasiana.

Irmãos a caminho do aeroporto de Seul, Coréia do Sul, 1978

A permissão não foi concedida. Os irmãos saíram e, na rua, entregaram mais de cem folhetos aos ministros e obreiros que chegavam.

Barat e Barnett souberam que havia outros observadores do Sábado fora da organização principal dos adventistas, mas não conseguiram nenhum endereço.

Em dezembro de 1977, Jung Kum Bai, ministro ASD, escreveu ao nosso secretário regional para a Ásia e o Pacífico, convidando-o a visitar a Coréia do Sul. Afirmava que alguns estavam preparados para aceitar a mensagem de reforma e tomar parte na obra do anjo de Apocalipse 18. Conforme endereços encontrados no folheto, cópias dessa carta foram enviadas à União Filipina e à sede da Conferência Geral.

Em 8 de fevereiro de 1978, A. C. Sas viajou da Austrália para a Coréia.

Uma carta havia sido encaminhada a Jung Kum Bai, informando a respeito da chegada do irmão Sas a Seul. Certamente alguém iria recebê-lo.

Em 9 de fevereiro de 1978 o irmão Sas chegou ao aeroporto de Seul. Não havia ninguém à espera dele. Fixou na lapela do paletó um papel com o sobrenome Sas. Caso alguém estivesse à sua procura, poderia ser identificado. Porém, nada aconteceu. Jung Kum Bai não havia recebido a carta de A. C. Sas.

Antes dessa viagem, uma irmã da Austrália havia perguntado ao irmão Sas: "Como o irmão se sente ao viajar para um país desconhecido, cujo idioma não sabe e onde não conhece ninguém?" A resposta foi: "Só sei de uma coisa: Deus tem filhos ali, e devo encontrá-los."

Eram quase dez da noite. O irmão Sas deixou para o dia seguinte a possibilidade de encontrar os irmãos. Ao procurar um lugar para pernoitar, ficou sabendo que todos os hotéis estavam inteiramente repletos. Pediu que o recepcionista tentasse comunicação com a Associação Cristã dos Moços. Assim foi. O recepcionista disse ao irmão Sas: "O senhor tem muita sorte. Há um quarto disponível, para uma pessoa, apenas por uma noite."

Confirmada a reserva, o irmão Sas foi para o hotel da ACM. Suplicou a Deus que abrisse o caminho diante dele, ajudando-o a encontrar os irmãos. Não dispunha de outro endereço a não ser caixa postal.

Amanheceu o dia seguinte, sexta-feira, 10 de fevereiro. Como o irmão Sas não soubesse ler coreano, pediu ao recepcionista do hotel que o ajudasse a comunicar-se com a sede da União Adventista. O recepcionista descobriu que o número do telefone havia sido mudado. Não demonstrou interesse em ajudar. Porém, ante a insistência do irmão Sas, finalmente encontrou o número atualizado. A ligação foi feita imediatamente e o irmão falou com a recepcionista:

— Conhece o pastor Jung Kum Bai?
— Sim, quem é o senhor?
— Sou turista e desejo encontrar-me com o pastor Jung.
— De onde o senhor é?
— Da Austrália.

Conferência de crentes reformistas (incluindo dois casamentos) em Taijong, Coréia do Sul, 1980

— Conhece o pastor Jung?

— Só por meio de correspondência. Por favor, dê-me o endereço dele.

A jovem forneceu o endereço, mas o irmão Sas não conseguiu anotar. Então, insistiu em que ela informasse o número do telefone dele.

A moça, muito curiosa, queria descobrir quem era o irmão Sas e o que fazia na Coréia do Sul.

O irmão Sas fez a ligação, mas ninguém atendeu. Segunda chamada, ainda sem resposta. O irmão Jung estava a caminho da sede da União ASD. Logo que ali chegou, a funcionária contou que um estrangeiro da Austrália estava à sua procura. Ele voltou imediatamente para casa. Ao fazer a terceira tentativa, o irmão Sas conseguiu falar com ele. "Pastor Jung Kum Bai?"

A resposta não foi nem Sim nem Não. Só conseguiu dizer:

— O senhor... Movimento de Reforma... Austrália?

— Sim, estou no hotel da ACM, 61 andar. Espero o irmão aqui. Venha visitar-me.

Jung Kum Bai conhecia apenas poucas palavras em inglês:

— Às doze... às doze horas.

O irmão Sas agradeceu a Deus a ajuda e direção.

Por volta das onze e trinta, estava aguardando na portaria, quando, de repente, um homem entrou e perguntou sobre o senhor Sas. Aproximando-se, o irmão Sas perguntou:

— Pastor Jung Kum Bai?

— Não, o pastor Jung virá às doze horas. Pediu-me que procurasse o senhor, porque não sabe falar inglês. Meu nome é Whang Young Il.

Ao chegar Jung Kum Bai, a primeira pergunta dele foi:

— Quanto tempo vai ficar na Coréia?

— Tanto quanto necessário, porém, não mais que dois meses.

O irmão Jung quis saber o motivo da existência do Movimento de Reforma. Pensava que éramos um movimento dentro da Igreja ASD. Logo no início do diálogo foram interrompidos por um chamado telefônico na portaria. A mensagem dizia que o senhor Sas precisava desocupar o quarto imediatamente. Assim, arrumou as malas e foi para a sala de espera, enquanto os irmãos coreanos foram procurar alojamento.

Havia na Coréia um despertamento de aproximadamente trezentos adventistas, espalhados por todo o país. Eles se auto-denominavam reformistas. Estavam separados da Igreja Adventista desde 1968. Defendiam alguns pontos positivos como o Sábado, reforma de saúde e do vestuário. Entretanto, adotavam algumas idéias fanáticas, como marcação de datas. Haviam especificado uma data para a vinda de Jesus. Como o advento não ocorreu em 22 de outubro de 1971, cerca de duzentos adeptos abandonaram a fé. Alguns voltaram para a Igreja Adventista. Outros foram para o mundo. Entretanto, cem pessoas continuaram na crença. Orando e jejuando, pediram ao Senhor que lhes indicasse em que se haviam enganado. Chegaram finalmente à infeliz conclusão de que deveriam observar a lei cerimonial.

Durante os dez dias em que o irmão Sas esteve numa hospedaria em Seul, essas pessoas foram convidadas a visitá-lo. Diariamente, recebia cerca de vinte e cinco visitantes. Estudaram a questão da lei cerimonial. Enquanto alguns iam à hospedaria, outros voltavam. Por isso, os mesmos estudos eram repetidos várias vezes. Entre os sinceros que compareceram às reuniões, Satanás também enviou seus instrumentos. Alguns queriam convencer os irmãos de que não havia nenhum santuário no Céu. Um homem os manteve ocupados um dia inteiro, tentando provar que o Sábado começava de manhã e não à noite. Outro apresentou dois livros: *Falsas Doutrinas dos Adventistas e Falsas Profecias de Ellen G. White*. Os argumentos dele foram refutados. Apareceu também um homem que conhecia muito bem a Bíblia. Havia preparado sete diagramas sobre a lei cerimonial. Fixou-os na parede e tentou convencer as pessoas a respeito dessa observância. O irmão Jung estava com os Testemunhos em inglês. O assunto foi esclarecido. Com a ajuda de Deus, doze pessoas compreenderam que a lei cerimonial foi abolida. Esses irmãos decidiram unir-se ao Movimento de Reforma.

Ao serem concluídos os estudos na hospedaria, Jung disse ao irmão Sas: "Agora vamos para a Igreja Adventista. Tentaremos encontrar o Movimento da Purificação."

Era um movimento dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Viajaram para o Sul, onde encontraram alguns observadores da lei cerimonial. Estudaram um dia inteiro com dez anciãos. Visitaram igrejas e membros ASD em muitas cidades e vilas. Apresentaram a mensagem de reforma a muitos. A viagem de ida e volta durou quase um mês. A semente foi lançada e alguns resultados surgiram.

De volta a Seul, tiveram novamente reuniões com algumas pessoas. O segundo mês de visita do irmão Sas à Coréia do Sul chegava ao fim. Ele desejava organizar um grupo naquele país. Ficou feliz

Conferência (delegados mais dois visitantes estrangeiros) em Kimchun, Coréia do Sul, 1993

quando, num Sábado, quatorze pessoas que professavam aceitar os *Princípios de Fé* resolveram unir-se ao Movimento de Reforma. Entre eles achavam-se Jung Kum Bai, a esposa, e também Whang Young Il, o intérprete. Alguns dias depois os irmãos foram para o Sul. A. C. Sas recebeu por voto onze pessoas. No dia seguinte oficiou o batismo de três candidatos, em águas geladas, com temperatura de três graus abaixo de zero. Ao todo o irmão Sas batizou e recebeu trinta pessoas durante a primeira visita. Os estudos e reuniões não haviam sido inúteis.

Depois da visita do irmão Sas, Francisco Devai continuou a visitar, no país, principalmente os adventistas de mentalidade reformista. No fim de um mês de trabalho, recebeu na comunhão trinta e cinco pessoas. A Missão Sul-coreana foi organizada com sessenta e cinco membros, em 19 de abril de 1978. Temendo reação violenta da parte dos líderes da Igreja ASD, alguém sugeriu que um leigo fosse eleito para a liderar nosso grupo. O pastor Jung Kum Bai era da mesma opinião. Ele havia apoiado outro movimento, o da Purificação da Igreja. Denunciara a corrupção administrativa dos líderes e havia causado uma crise na União Coreana dos ASD. Por isso, na liderança dos adventistas havia profundos ressentimentos contra esse irmão e contra os líderes daquele movimento. Finalmente, depois de muita reflexão, Jung Kum Bai, ministro, foi eleito líder da Obra na Coréia; Whang Young Il, professor e intérprete, foi eleito secretário-tesoureiro. Outros cinco se tornaram membros da Comissão da Missão Coreana. Desses, quase todos haviam sido anciãos de longa experiência. Um conselho administrativo, composto de quatro anciãos

de igreja, foi acrescentado à Comissão. O número de oficiais de nossa Missão Coreana, inicialmente foi de onze membros. Como os ASD na Coréia tinham uma Comissão Doutrinária e outra Administrativa, nossos irmãos desejaram ser organizados de forma idêntica.

Os irmãos coreanos iniciaram imediatamente a obra de publicações. Em pouco tempo foram impressos trimensários da Escola Sabatina, folhetos para os adventistas e outros materiais. Também começaram a publicar os nove volumes dos Testemunhos Para a Igreja, em ordem decrescente. Até o fim de 1986, haviam sido publicados os volumes nove e oito.

Algo interessante ocorreu quando a gráfica onde costumavam imprimir nossa literatura foi destruída pelo fogo. Estoque de papel, máquinas, originais, tudo foi destruído. Apenas um pequeno pacote foi salvo das chamas. Ali estavam os originais do nosso trimensário da Escola Sabatina. Os editores e obreiros não ficaram em dúvida: ocorrera um milagre.

Nossos jovens em idade militar tiveram que enfrentar grandes dificuldades na Coréia do Sul. Alguns cumpriram pena de prisão por amor à verdade. A constituição do país não dispunha de nenhuma cláusula favorável aos objetores de consciência.

Os crentes reformistas coreanos são bons indivíduos, religiosos fiéis, nobres, educados.

Durante a XVI Assembléia da CG, em 1991, ficou decidido que a Missão Sul-coreana passaria a denominar-se Campo Coreano.

43

Índia

I — Início

A Índia sempre havia estado em nossos planos missionários. Somente em 1958 um de nossos representantes, D. Nicolici, conseguiu entrar no país. Procurou alguns adventistas de mentalidade reformista em Ranchi, Bihar. Embora alguns tenham tomado posição ao lado da Reforma em Ranchi, não podemos dizer que tínhamos uma Obra estabelecida e em progresso naquela região.

Desde 1966 havia também alguns reformistas em Kottayam, Kerala. Entretanto, ainda não se verificava nenhum progresso na conversão de almas.

Em 1976, enquanto S. Barat procurava nossos interessados, encontrou alguns irmãos. O resultado foi o estabelecimento da Missão Sul da Índia. A Missão Norte da Índia foi organizada em 1983. Adiante o leitor verá como o Senhor abriu as portas nesse país.

Em 1973, a necessidade de reforma entre os ASD foi abertamente manifesta no encontro que houve em Madurai, sob os auspícios da Associação de Tamilnadu. A maioria expressiva de obreiros e leigos se levantou e chamou o pecado pelo seu verdadeiro nome. Esses irmãos apresentaram um protesto escrito contra a imoralidade tolerada até mesmo no ministério, escândalos financeiros, pressa em levar candidatos não preparados e não observadores do Sábado ao batismo e o rebaixamento das normas nas instituições da igreja. Pecados declarados eram tolerados não somente pela liderança da Associação, mas também pela da União e Divisão. Uma cópia do protesto e várias cartas foram finalmente dirigidas a Associação Geral, Washington DC, EUA. Porém, tudo foi ignorado.

Depois, a liderança da União tomou medidas severas contra doze dos sessenta obreiros que haviam assinado o protesto. Esses doze foram classificados como fanáticos, e seriamente ameaçados. A prova foi severa. Havia sentimento de insegurança e terror.

Pouco depois as acusações amainaram e as vozes de protesto emudeceram. O auxílio de transporte, assistência médica, ajuda de aluguel e os salários seriam cortados. O chamado de Isaías 58:1, diz: "*Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados.*" Caso continuassem a atendê-lo, perderiam o emprego e todas as regalias. A sobrevivência estava em perigo. Retrocederam, pois, cautelosamente, para uma posição de segurança. Numa reunião campal em Sathanoor Dam, onze daqueles doze sucumbiram à pressão dos administradores. Sujeitaram a consciência uma vez esclarecida, transigiram com o erro, cederam às circunstâncias, e clamaram por misericórdia diante dos líderes.

De 1974 a 1976, quando os leigos de mentalidade reformista tomaram a dianteira, a mensagem de reforma chegou ao Sul da Índia. Esses membros propiciaram o necessário alívio àquela situação.

S. Barat, A. C. Sas e A. Balbach visitaram a região em 1976. Com a graça de Deus a obra de reforma foi devidamente organizada. Foram estabelecidos oito grupos principais. Então, nossos irmãos indianos passaram a ocupar-se com mais apelos vindos de muitos lugares.

II — Primeiras experiências

Irmão A. X. J.

Esse irmão relatou-nos a seguinte experiência: Certo Sábado, decidiu levar a mensagem de reforma aos crentes ASD que moravam num dos postos missionários do Distrito de Tanjore. Primeiro, visitou um casal, com quem recebeu o Sábado. A princípio, ambos pareciam cordiais e felizes. Entretanto, à medida que conversavam, a voz da irmã transmudou-se. Naquela casa, o irmão percebeu a presença de um espírito estranho. A senhora começou a louvar Lúcifer e condenar Jesus. O irmão ficou tão estarrecido que saiu imediatamente.

Noutro Sábado, bem cedo, foi visitar outro adventista. Ficou grandemente decepcionado ao vê-lo fumando e vendendo cigarros no pequeno quiosque que mantinha aberto, mesmo no Sábado.

Então, foi visitar outro. Convidou-o para a Escola Sabatina. O homem se desculpou explicando que ia assistir a uma conferência sobre o Bahavadh Gaetha, livro sagrado do hinduísmo. Chegou a insistir que o visitante fosse com ele. A. X. J. conta que quase não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

Antes da reunião da Escola Sabatina, decidiu visitar um advogado. Ficou pasmo ao saber que, naquele momento, o adventista se

Obreiros bíblicos e oficiais de igrejas durante seminário realizado logo em seguida à organização da Missão Sul-indiana (Pondicherry, 1976)

encontrava no tribunal. Então, foi sozinho à igreja. Ao chegar, viu três pessoas ajoelhadas: o pastor, a esposa e outra irmã. Silenciosamente, ajoelhou-se ao lado do pastor. Este, logo que percebeu a presença do irmão, começou a recriminá-lo, por estar traindo a Igreja ASD, unindo-se ao Movimento de Reforma. Humildemente, nosso irmão falou sobre as pessoas que havia pouco visitara e que não estavam na escola sabatina. O pastor retrucou: "Eles sabem o que estão fazendo."

Noutro Sábado, um dos obreiros ASD levou A. X. J. para visitar alguns membros. Entraram numa fiação de algodão e cumprimentaram os proprietários. Para eles era rotina trabalhar aos Sábados. A. X. J. os aconselhou a falar com o dono da companhia e pedir que lhes fosse concedido livre o Sábado.

O irmão concluiu que não podia mais permanecer ligado à Igreja ASD. Conforme *Testimonies*, vol. 3, pág. 265 e *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 194, permanecer nessa organização o tornaria culpado de apoiar pecado declarado.

Irmão S. Barat

Em setembro de 1976, o irmão Barat estava em Ranchi. Tentava fazer reserva de um lugar no vôo para Jakarta, Indonésia. O agente de viagens disse que só conseguiria passagem até Madras, Sul da Índia. Barat chegou a Madras sexta-feira à tarde, e ficou numa hospedaria cristã. Enquanto, no aposento, tomava uma refeição frugal, ouviu alguém cantando hinos conhecidos e o fazia de todo o coração. Era um homem que estava na capela, ao lado. Parecia ser cristão dedicado. Começando a conversar com ele, nosso irmão o convidou para entrar no quarto. Perguntou:

— Onde aprendeu esses hinos tão bonitos e significativos?

— Tenho assistido a várias reuniões cristãs. Tenho muito amor a Jesus e gosto de falar sobre Ele em toda parte.

Era um jovem de vinte e cinco anos. Havia sido criado como hindu e falava sobre Cristo. Isto deixou o irmão Barat muito contente.

Sobre esse episódio, o irmão Barat comentou: "Quando os novos conversos revelam seu zelo e amor pelo Mestre, nos fazem ficar envergonhados. No primeiro amor, falam a toda gente, e nada os consegue deter."

Então o irmão Barat mostrou ao jovem o livro *O Desejado de Todas as Nações*. Apresentou Jesus de modo mais abrangente. E continua o relato: "À medida que eu falava, notei que o coração daquele

jovem batia em uníssono com o meu." Ficou interessado em saber mais. Nosso irmão prometeu enviar-lhe um exemplar do livro. Quando o rapaz perguntou a respeito da organização religiosa a que o irmão Barat pertencia, respondeu:

— Sou adventista do sétimo dia.

— Tenho um primo que também é, mas pertence a um grau mais elevado de adventistas.

— Que significa *um grau mais elevado*?

De acordo com Apocalipse 3:18 e 19, acreditamos na necessidade de aceitar o conselho da Testemunha Fiel e Verdadeira e sair do estado laodiceano. Entretanto, não professamos pertencer a um grau mais elevado.

O rapaz explicou:

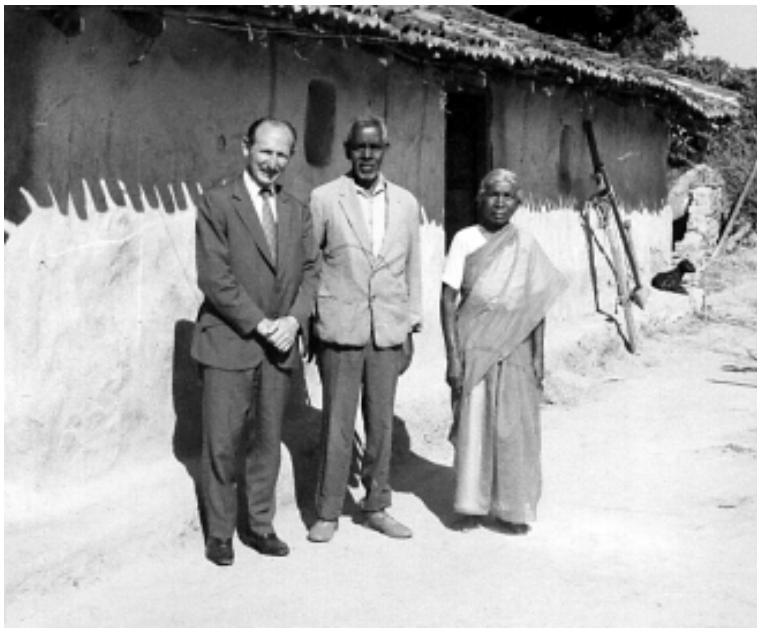
— Meu primo é um dos adventistas rigorosos.

— Cozinham no Sábado?

— Não. Fazem a preparação na sexta-feira.

— Comem carne?

— Não. Meu primo é vegetariano.



F. Devai numa visita ao irmão e à irmã Tirky (Ranchi, Bihar, Índia, 1978). O irmão Tirky, antigo ministro adventista, traduziu algo de nossa literatura para o hindustani

— Onde moram essas pessoas? Sabe o nome ou endereço de alguém? Pode apresentar-me a esses irmãos?

O rapaz foi pronto em atender a solicitação, dando ao irmão Barat o nome do primo. Porém, estando ocupado demais, não podia acompanhar o irmão Barat até Pondicherry, onde se encontravam alguns desses irmãos. Com um mapa que desenhou na hora, explicou o itinerário para a casa do primo.

Na manhã do Sábado seguinte, quando o irmão Barat chegou ao local de reunião daquele grupo de crentes, o culto divino já havia começado. Após ter-se apresentado, foi convidado para pregar. Contou, em breves palavras, como a mão orientadora do Senhor o havia guiado até ali.

Pediram que à tarde o visitante apresentasse um estudo bíblico. Baseando-se em Apocalipse capítulo sete, Barat falou sobre a obra do selamento. À noite perguntaram a que denominação pertencia. Explicou que era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia Movimento de Reforma. Para melhores esclarecimentos, apresentou alguns eslaides. Depois soube que aqueles irmãos, tendo deixado a Igreja ASD por causa da apostasia, haviam sido organizados pela Sociedade Missionária Internacional.

No dia seguinte, domingo, nosso irmão teve que dar continuidade aos estudos. Estavam desejosos de saber mais. Pediram que ficasse com eles até o fim da semana seguinte, quando os obreiros estariam com eles. O irmão Barat concordou. Chegaram sete obreiros. Sexta-feira e Sábado foram apresentados estudos importantes. Domingo, antes de meio-dia, o irmão Barat apresentou a história do Movimento de Reforma desde 1914. Ao ser concluída a exposição, pediram licença e disseram que iriam confabular entre si. Após as considerações, anunciaram que estavam decididos a unir-se à nossa igreja. Depois de terem sido instruídos nos *Princípios de Fé*, oito daqueles irmãos separados foram recebidos na comunhão. Foi estabelecida uma comissão temporária.

III — Desenvolvimentos posteriores

Algumas semanas depois, o irmão Barat voltou à Índia com A. C. Sas para dar continuidade ao trabalho recém-iniciado.

Com os irmãos de Pondicherry, planejaram a realização de uma conferência e a organização da Missão Sul da Índia. O evento foi marcado para 15 a 18 de outubro de 1976. Antes disso, Barat e Sas haviam estado em muitos lugares, celebrando reuniões e visitando os irmãos.

No dia 15 de outubro, sexta-feira, houve chuva torrencial. Não esperavam que viessem muitas pessoas à conferência. Por volta das dezesseis horas, completamente encharcados, chegaram dois irmãos. Depois desses, alguns outros. Antes do pôr-do-Sol havia cerca de setenta assistentes. Depois da conferência de três dias, cinqüenta e seis pessoas foram batizadas e a Missão Sul da Índia foi organizada.

A. Balbach chegou em 11 de novembro. Permaneceu ali por mais de um mês. Em Pondicherry, ministrou um seminário bíblico para os obreiros e oficiais de igreja. Realizou reuniões e apresentou estudos bíblicos em muitos lugares, confirmando os irmãos na verdade presente.

Após ser organizada a Missão Sul, A. X. J. promoveu a mensagem de reforma na região. Depois, tendo-se envolvido em dificuldades de ordem familiar, abandonou nossa igreja. Um irmão comentou: "Os homens podem cair ou morrer, mas o Movimento de Reforma continuará até que a Obra de Deus na Terra esteja completa."

Entre os crentes que foram recebidos, provenientes da Igreja Adventista de Pondicherry, achava-se a mãe de um ministro ASD. Ela escreveu ao filho em 1976: "Venha ao Sul conhecer o verdadeiro povo de Deus." Ele foi e encontrou o irmão S. Barat e outros. Então, de Imphal, Estado de Manipur, Nordeste, escreveu ao irmão Sas:

"Embora tenha aceitado a mensagem, ainda tenho compromisso com minha igreja durante cinco anos. Quando esse período terminar, vou unir-me ao Movimento de Reforma."

Considerando que cartas como essa, vindas de diferentes partes do Mundo, costumam chegar à nossa sede, o irmão Sas acabou não lhe dando a devida importância. Cinco anos depois, recebeu outra carta do mesmo signatário:

"Prezado irmão: Os cinco anos expiraram. Cumpri meu compromisso com a Igreja ASD. Agora estou pronto para unir-me ao Movimento de Reforma. Cento e vinte pessoas que pensam como eu, igualmente desejam tornar-se membros. Por favor, venha visitar-nos."

Vistos de turismo para o Estado de Manipur não eram expedidos. Na região havia conflito entre cristãos e hindus. Nem o irmão Sas, nem o irmão Barat puderam ir ao nordeste da Índia. Em vez disso, dois irmãos do Sul, ministro e ancião, receberam orientação para visitar os interessados de Imphal. Ao chegarem ali, enviaram telegrama à nossa sede em Auburn, Sydney, Austrália, solicitando instruções mais específicas. Em 21 de setembro de 1983, ao chegarem a Imphal, Manipur, escreveram para nós:

Grupo de crentes reformistas, membros e amigos, em Kokothamangalam, Kerala, Índia, 1978

"Saímos de casa no dia dezesseis. Viajamos cerca de seis mil e quinhentos quilômetros. Chegamos a Imphal. Encontramos o irmão D. Suresh-Kumar, ministro adventista ordenado, bem conhecido do irmão Barat."

Depois que regressaram, recebemos notícias, em carta de 16 de novembro. Eles haviam passado quarenta e sete dias visitando o Nordeste. Oito igrejas organizadas, totalizando 356 pessoas, haviam-se unido ao Movimento de Reforma. No fim de outubro, foi estabelecida a Missão do Norte.

Em 1984, por intervenção especial dos irmãos de Manipur, A. C. Sas obteve o visto para o Nordeste, não para três semanas, conforme solicitação dos irmãos, mas somente para três dias. Estava autorizado a ir apenas a dois lugares, sob intensa vigilância policial. Porém, deteriorando-se a situação e aumentando os perigos, Suresh-Kumar foi convocado pelas autoridades. Disseram os oficiais: "Lamentamos, mas a visita do senhor Sas a Manipur está cancelada."

Apesar das dificuldades políticas, Suresh-Kumar obteve permissão de viajar, e participou da assembléia da Missão Sul. Conheceu A. C. Sas e F. Devai. Naquela ocasião, novembro de 1984, foi ordenado ao ministério. A organização da Missão Norte da Índia foi confirmada.

Depois daquela conferência, durante mais de dois anos não tivemos notícia do irmão Suresh-Kumar. Não conseguíamos entender por que não recebíamos correspondência. Conforme nos explicou depois, ele também não conseguia entender por que não recebia cor-

respondência nossa. O mistério foi esclarecido em 1987, pouco antes de Suresh-Kumar viajar para o Brasil, a fim de participar da assembléia da CG. Na agência postal que recebia e enviava a correspondência dele, havia um funcionário adventista que interceptava as cartas. O funcionário foi demitido.

O estabelecimento de um centro de operações em Imphal era de importância estratégica porque dali Suresh-Kumar poderia atravessar a fronteira e dar assistência a nosso povo na Birmânia, atual Myanmar. Tudo indicava que a organização de nossa Missão do Norte, em 1983, também era resposta às orações dos irmãos birmaneses.

Nossos irmãos do Nordeste decidiram registrar a Obra com o nome Missão Norte da Índia dos ASD Movimento de Reforma. Desde o princípio, era plano estender a Obra para o Oeste e abranger o Norte do país.

IV — Como a Obra foi estabelecida em Nagaland

Durante a assembléia da delegação da CG, realizada em Voineasa, Romênia, em setembro de 1995, Suresh-Kumar apresentou esta experiência:

Nagaland, ao Norte da Índia, ainda não havia recebido a tríplice mensagem, até que ele resolveu viajar para lá. Era grande desafio, devido ao clima, muito frio no inverno e com muita chuva no verão. Havia a dificuldade do idioma e a oposição religiosa. Apesar de tudo, ele e esposa viajaram. Alugaram uma casa e deram início às atividades.

No segundo dia, um ministro os visitou e perguntou ao casal:

— Não sabem que, além do metodismo e do presbiterianismo, não é permitida nenhuma outra religião aqui?

— Não, não sabíamos.

— Mas agora sabem. Nenhuma outra denominação pode ser estabelecida nesta região.

— Fomos designados para trabalhar aqui.

— Mas estou dizendo que não podem ficar!

— Vamos esperar e ver o que acontece.

— Lembrem-se do que estou dizendo: Não podem ficar aqui!

No dia seguinte chegou outro homem com a mesma advertência. Esse foi o início da provação que nossos irmãos tiveram que enfrentar. Muitas pessoas os procuravam e ameaçavam. Mandavam que abandonassem o lugar. Certo dia, enquanto nosso irmão e esposa oravam, um homem empunhando uma arma invadiu a casa. Vociferava: "Não podem mais ficar aqui!"

Vendo que os dois continuavam orando, o invasor ficou sem saber o que fazer. Acabou indo embora.

Esses nossos missionários mudaram-se para outro lugar, mas continuaram a ter dificuldades. Pouco a pouco encontraram algumas pessoas que simpatizaram com eles. Devido às ameaças constantes que sofriam, duas ou três famílias disseram:

"Não se preocupem. Nós os protegeremos e ajudaremos."

A fim de promover a Obra e conseguir interessados na mensagem, Suresh-Kumar resolveu abrir uma escola. Certo dia, quando ele se encontrava na sua sala de diretor, a esposa deu um grito ao ver que um homem ia-se aproximando do marido. O intruso, de maneira despreocupada, começou a conversar com nosso irmão. Porém, o grito da irmã indicava perigo e, imediatamente, atraiu outras pessoas. O homem ficou confuso. Atrapalhado, apressou-se em sair. Porém, percebeu que muitas pessoas estavam chegando. Tornou a entrar. Nos movimentos rápidos que fez, o vento levantou-lhe o largo xale e foi visto que estava armado de um revólver e uma faca. A esposa, ao ver o perigo, avisou as pessoas, dizendo que o homem queria matar o marido. O estranho nada disse e Suresh-Kumar não apresentou queixa à polícia contra ele.

No dia seguinte, completamente mudado, o homem voltou à casa de nossos irmãos. Ficara impressionado porque o casal de missionários não havia apresentado queixa. Chorou e pediu perdão. Mostrou-se disposto a receber estudos bíblicos e, na região, foi a primeira pessoa a unir-se à Reforma.

Pouco depois, em abril, nosso irmão estabeleceu um programa missionário que, apesar das dificuldades, desejava levar avante. Fazia parte do plano visitar um lugar em que não é possível chegar de carro. Por isso, o irmão e esposa resolveram fazer o percurso a pé. Algumas pessoas os advertiram:

— Não devem sair hoje.

— Por que não?

— Porque o tempo não está favorável.

O casal não entendeu por que não era seguro fazer a viagem a pé pela montanha. O Sol brilhava. O céu estava claro. Haviam percorrido pouco mais de um quilômetro, quando nuvens escuras começaram a cobrir o céu. Os animais procuraram refúgio. Que fazer, então? Puseram-se a correr de volta para casa. Logo começou a cair granizo. Vendo que nada tinham para proteger-se das perigosas pedras de gelo, a irmã correu para abrigar-se debaixo de uma árvo-

re. Percebendo o perigo, o irmão correu atrás dela. Logo que a afastou com um puxão, no fragor da tempestade, a árvore desabou. Algumas pessoas de bom coração viram o que estava acontecendo e os auxiliaram. O casal de missionários foi acolhido numa casa e recebeu roupa enxuta e agasalhos. Os favorecidos ficaram felizes em sentir que tinham novos amigos.

O temporal continuou por duas horas. Quando cessou, nosso pastor e esposa regressaram, sem saber que o pior episódio de sua experiência ainda estava para vir. A casa havia sido destruída e desaparecera. Todos os seus pertences haviam sido levados pelo vento.

No dia seguinte foram procurar outra casa para alugar. Então, naquele empreendimento missionário em Nagaland, as circunstâncias tomaram outra direção. Muitas pessoas compadeceram-se deles e os ajudaram. Havia cada vez mais interessados que começaram a receber estudos bíblicos. Esses interessados passaram a devolver dízimos e ofertas. Com a ajuda de Deus, foi organizado um grupo de crentes na tríplice mensagem. Já não havia mais ameaças da parte daqueles que os queriam obstar. Suresh-Kumar assim terminou o relato: "Temos ali uma obra maravilhosa. Louvado seja Deus!"

V — Como a verdade chegou ao povo Konyak

Na serenidade da cordilheira do Himalaia, extremo Nordeste da Índia, há uma área famosa por sua beleza e tranqüilidade, que ainda não foi danificada pela influência humana. Ali, as pessoas desfrutam clima saudável, embora faça muito frio durante o inverno. Na estação chuvosa cai chuva torrencial durante dias inteiros. Nessa região é registrado o índice pluviométrico mais alto do Mundo. Há freqüentes deslizamentos. A área é conhecida como Colinas de Naga.

Numa tarde ensolarada, nos primeiros anos do ministério do irmão Suresh-Kumar, um grupo de três irmãos saiu em viagem missionária para Junapoto, cidade serrana, e arredores. Esse irmão contou que, sempre que empreendia uma viagem missionária para lugares distantes na selva, além do material de estudo, levava provisão extra de combustível, peças de reserva para o veículo, querosene para tochas de bambu e outros equipamentos.

Embora fosse época de intempéries, naquele dia o tempo estava bom. Começaram a jornada saindo de Peren, montanha mais alta da região. Haviam viajado por aproximadamente quatro horas, quando o tempo começou a mudar. Logo chegaram a um lugar onde fazia horas que chovia. Havia longa fila de veículos parados na estrada. Perguntaram sobre a causa do congestionamento. Foram informados de que havia ocorrido deslizamento cerca de seiscentos metros à frente. Nessas circunstâncias, a decisão mais acertada era voltar. Porém, para tristeza maior, souberam que havia acabado de ocorrer outro deslizamento no caminho já percorrido. Assim, ficaram presos entre dois montões de terra e pedra.

Como não havia outra opção, resolveram transpor as montanhas levando apenas alguns objetos essenciais. Tinham esperança de chegar ao destino antes que a estrada fosse desobstruída.

Quando transpuseram a primeira montanha, chegaram a um riacho bonito e sinuoso no vale. Ali tomaram a refeição e descansaram um pouco. Depois começaram a subir a segunda montanha. Seguiram um caminho estreito e escuro através da floresta densa. Escorria muita água das árvores. Era preciso fazer tremendo esforço para avançar diante das aparentes impossibilidades. Finalmente, com a graça de Deus, chegaram ao topo. Já era tarde da noite. A necessidade mais urgente era encontrar um lugar para pernoitar. Devido aos pítons e outras serpentes grandes, recearam subir em árvores. Permanecer no solo exigiria contínua vigilância contra outros animais selvagens. Precisavam ainda de abrigo contra a chuva. Finalmente, encontraram um casebre sem paredes. Manifestaram gratidão ao Senhor que lhes providenciara pelo menos aquele precário abrigo.

Os animais selvagens, geralmente são afugentados pelo clarão de fogueiras. Com tanta chuva, era impossível encontrar lenha seca. Assim, prepararam um círculo de barro ao redor do casebre, derramaram querosene e gasolina, e atearam fogo.

Para dormir tiveram que revezar-se. Enquanto um dormia, os dois outros vigiavam. De repente os dois que deviam estar vigiando desapareceram. Estando com fome, haviam saído à procura de algo para comer. Voltaram com algumas espigas de milho verde. Quando iam começar a refeição, perto do abrigo, ouviram uma voz rouca. Um homem furioso, armado de facão, encarava os irmãos. Eles pensaram que iriam ser atacados. Reuniram coragem e, através de mímica, tentaram comunicar-se em todos os idiomas que conheciam. Não conseguiram entender-se. Pensavam que o homem estava irado por haverem colhido as espigas da plantação dele. Tentaram pedir desculpas, mas não foram compreendidos.

Como o fogo estivesse diminuindo, pois o combustível estava no fim, o homem se aproximava cada vez mais. Parecia que estava apenas esperando o fogo extinguir-se. Aproximou-se e, com o facão,

fez sinal para que o seguissem. Pegaram a bagagem e acompanharam o homem, sem saber para onde estavam sendo conduzidos. Sabiam que estavam numa área habitada pelos konyaks, tribo de guerreiros selvagens. Foram levados a aldeia deles, lugar primitivo. Não havia eletricidade. Aliás, não havia nada com que o homem moderno está familiarizado.

Quando estava amanhecendo, os irmãos tiveram alguma esperança. Os aldeões trouxeram um homem que muitas vezes havia estado nas planícies. Sabia falar dois idiomas que os irmãos entendiam. Silenciosamente agradeceram a Deus a providência. Explicaram por que e como haviam chegado ali. Os espectadores ficaram surpresos quando o homem irado que os havia encontrado na cabana contou sobre o fogo que saía do solo.

Jovens e velhos, todos ficaram muito interessados em conhecer o conteúdo da bagagem que nossos irmãos transportavam. O que mais atraía a atenção era o projetor de eslaides. Queriam ver como funcionava. Os irmãos lhes disseram que somente no escuro poderiam compreender como funcionava o projetor a bateria. Os aldeões pediram que eles ficassem ali até o anoitecer. Nossos irmãos não tiveram outra alternativa. Já não mais sentiam medo, mas começaram a ficar apreensivos quando lhes trouxeram carne e uma espécie de vinho que chamam "Atarry". Mesmo tendo sido esclarecido a respeito de comer carne e beber vinho, o povo konyak não ficou contente quando os três visitantes recusaram a amável oferta. A dificuldade foi resolvida quando trouxeram algumas espigas de milho.

Chegando a noite, muitas pessoas, movidas pela curiosidade, cercaram nossos três irmãos. Ficaram surpresos e emocionados ao verem funcionar o projetor. Gostaram tanto das ilustrações, que pediram que os irmãos ficassem com eles mais um dia. Agradecendo a Deus essa nova oportunidade, os irmãos apresentaram várias seqüências de eslaides acompanhadas das explicações correspondentes: a história da criação, o amor de Deus pela humanidade, o sacrifício de Cristo em nosso favor. Aquele povo nativo ficou tão contente com a apresentação, que manifestou o desejo de ter os irmãos entre eles por mais alguns dias. Estes, porém, precisavam continuar viagem. Ainda tinham longo caminho a ser percorrido. Quando se despediram dos konyaks, muitos ficaram tristes e até choraram.

Guiados pelo intérprete que conhecia o caminho através da selva, terminaram a jornada com menos sofrimentos.

O comissário do distrito foi informado sobre a visita dos irmãos à aldeia dos konyaks. Então, com a ajuda dele, nossos irmãos fizeram segunda visita àquela tribo. Formaram uma equipe de cinco pessoas. Levaram um intérprete competente. Também levaram grande quantidade de objetos que seriam doados. Passaram uma semana inteira com o povo konyak. Depois de várias vezes terem recebido visitas, alguns decidiram tornar-se cristãos. Em 1985 foi realizado o batismo de vinte e um nativos. O Senhor atuou no coração deles. Abandonaram os banquetes canibais e também as outras carnes, como alimento. Assim tornaram-se inteiramente vegetarianos. Pelo poder de Deus, para quem todas as coisas são possíveis, ocorreu mudança milagrosa e dramática entre eles.

Depois da conversão, mudaram o nome da aldeia para Chwang, que significa "Uma luz no alto da colina".

Três crianças daquela aldeia foram enviadas a outra região para freqüentarem a escola. A fim de promover o progresso da Obra de Deus naquela parte do Mundo, depois de alguns anos, poderiam ajudar a estabelecer escolas entre seu próprio povo.

Os konyaks não têm os problemas que temos nos países ocidentais, como televisão, moda, música mundana, etc. Eles têm problemas peculiares. Exemplo: Entre nossos irmãos, a consciência determina que devem separar o dízimo para a tesouraria do Senhor. Mas aqueles nativos não sabem como fazer isso. Não usam dinheiro. Não compram nem vendem. Vivem de maneira humilde e simples, alimentando-se do que cultivam na terra. Outro problema: Não têm calendário. Ainda que o tivessem, não saberiam usá-lo. Assim, acham difícil manter registro do tempo. No passado, esse controle era feito depositando diariamente uma pedrinha num buraco. Tomar conhecimento da semana e do Sábado foi experiência nova para eles. Dali em diante aprenderam a seqüência dos dias da semana, lembrando-se do Sábado, dia do Senhor, para o santificar.

Certas doutrinas, como o santuário, os dois mil e trezentos dias, o selamento dos 144 mil, as profecias de Daniel e Apocalipse, ainda se acham além da compreensão deles. Porém, o Senhor lhes dá forças para viverem fielmente à altura da luz concedida. Cumpriu-se literalmente com a tribo dos konyaks o texto de Mateus 4:16, que diz: "E o povo que vivia em trevas viu grande luz. Sim, aos que estavam na região da sombra da morte, a estes a luz raiou."

O comissário do distrito foi informado sobre a visita dos irmãos à aldeia dos konyaks. Então, com a ajuda dele, nossos irmãos fizeram segunda visita àquela tribo. Formaram uma equipe de cinco pessoas. Levaram um intérprete competente. Também levaram grande quantidade de objetos que seriam doados. Passaram uma semana inteira com o povo konyak. Depois de várias vezes terem recebido visitas, alguns decidiram tornar-se cristãos. Em 1985 foi realizado o batismo de vinte e um nativos. O Senhor atuou no coração deles. Abandonaram os banquetes canibais e também as outras carnes, como alimento. Assim tornaram-se inteiramente vegetarianos. Pelo poder de Deus, para quem todas as coisas são possíveis, ocorreu mudança milagrosa e dramática entre eles.

Depois da conversão, mudaram o nome da aldeia para Chwang, que significa "Uma luz no alto da colina".

Três crianças daquela aldeia foram enviadas a outra região para freqüentarem a escola. A fim de promover o progresso da Obra de Deus naquela parte do Mundo, depois de alguns anos, poderiam ajudar a estabelecer escolas entre seu próprio povo.

Os konyaks não têm os problemas que temos nos países ocidentais, como televisão, moda, música mundana, etc. Eles têm problemas peculiares. Exemplo: Entre nossos irmãos, a consciência determina que devem separar o dízimo para a tesouraria do Senhor. Mas aqueles nativos não sabem como fazer isso. Não usam dinheiro. Não compram nem vendem. Vivem de maneira humilde e simples, alimentando-se do que cultivam na terra. Outro problema: Não têm calendário. Ainda que o tivessem, não saberiam usá-lo. Assim, acham difícil manter registro do tempo. No passado, esse controle era feito depositando diariamente uma pedrinha num buraco. Tomar conhecimento da semana e do Sábado foi experiência nova para eles. Dali em diante aprenderam a seqüência dos dias da semana, lembrando-se do Sábado, dia do Senhor, para o santificar.

Certas doutrinas, como o santuário, os dois mil e trezentos dias, o selamento dos 144 mil, as profecias de Daniel e Apocalipse, ainda se acham além da compreensão deles. Porém, o Senhor lhes dá forças para viverem fielmente à altura da luz concedida. Cumpriu-se literalmente com a tribo dos konyaks o texto de Mateus 4:16, que diz: "E o povo que vivia em trevas viu grande luz. Sim, aos que estavam na região da sombra da morte, a estes a luz raiou."

44

Sri Lanka

I — Início

Sri Lanka recebeu a primeira visita missionária em 1958. Quando D. Nicolici esteva na Índia, estendeu a viagem a esse país, então conhecido como Ceilão. Devido à falta de real interesse, os contatos estabelecidos não produziram resultado.

Ao serem retomadas nossas comunicações, em 1976, S. Barat chegou ao país. A. C. Sas o visitou em 1980. Ao Norte de Sri Lanka havia pequeno grupo de irmãos da Sociedade Missionária Internacional. Todos eram de etnia tâmil, povo originário do Sul da Índia. Seu obreiro havia ido às Filipinas, onde conheceu nossos irmãos e se tornou membro da nossa igreja. Levou as necessárias informações ao conhecimento do grupo de Sri Lanka. Então um membro desse grupo de crentes escreveu à nossa sede da CG. Foram tomadas providências para que nossos obreiros os visitassem.

Primeiro grupo de crentes contatados em Sri Lanka, 1980

II — Primeiras experiências

Em 12 de agosto de 1980, o irmão Sas chegou ao aeroporto de Colombo, a capital. Pensava que o irmão com quem se havia comunicado o estivesse esperando. Porém, ninguém foi recebê-lo. Então, enviou telegrama informando que, às quatorze horas do dia seguinte, o referido irmão deveria encontrar A. C. Sas em Chavakachcheri, lugarejo perto de Jaffna. O trem chegou na hora prevista, mas o irmão não estava lá. Depois de haver esperado uma hora, o irmão Sas perguntou ao agente ferroviário se conhecia um homem chamado P. Mariyathas. "Não o conheço. Pergunte ao taxista." De fato, o motorista de táxi conhecia alguém com aquele nome. Quando o irmão Sas chegou à casa, perguntou se ali morava o Sr. Mariyathas. A resposta foi afirmativa. Porém, não era adventista: "Pertenço à Assembléia de Deus. Mas há outro, de nome igual ao meu, que é adventista." Explicou o endereço ao motorista de táxi. Finalmente, A. C. Sas encontrou

Nossos primeiros três membros em Sri Lanka, batizados em 1981

quem procurava. Ambos ficaram muito felizes. Meia hora depois, chegou o telegrama do irmão Sas.

Nosso irmão permaneceu ali durante cinco dias. Apresentou ao irmão Mariyathas, esposa, e outro irmão, estudos sobre diferentes pontos da verdade presente, incluindo a história do Movimento de Reforma.

Em 1981, acompanhado de D. Dumitru, A. C. Sas voltou a Sri Lanka. Em 25 de outubro, escreveu:

"Graças a Deus estamos razoavelmente bem. Nos últimos três dias tive problemas de colite. Hoje estou um pouco melhor. Agora o irmão Dumitru está bem. Duas vezes, enquanto estivemos na Índia, ambos contraímos gripe. É quase impossível visitar esses países sem ficar enfermo.

"Estamos contentes em colher hoje os primeiros frutos de Sri Lanka: D. Dumitru batizou três pessoas e recebeu outras três na comunhão."

Em 1984 A. C. Sas visitou Sri Lanka pela terceira vez. Enfrentou circunstâncias perigosas porque a região Norte do país estava sendo sacudida por agitações políticas.

Na manhã seguinte à da chegada a Colombo, foi à estação ferroviária e perguntou sobre horários de viagens para Jaffna. O agente perguntou:

— Por que deseja ir a Jaffna?

— Tenho amigos lá e quero visitá-los.

Batismo perto de Jaffna, Sri Lanka, 1984

— Se não precisar ir la forçosamente, aconselho que não vá. É muito perigoso. Existe um trem por dia. Porém, seria melhor que não fosse.

O irmão Sas agradeceu e foi ao setor de informações turísticas, onde recebeu a mesma advertência, com a mesma ênfase. Repetiu-se idêntica circunstância na empresa de aluguel de automóveis. A senhora que o atendeu, disse: "Lamento, mas não podemos alugar carro para o Norte. Pode ir até Anuradapura, porém não mais adiante."

Percebendo a seriedade da situação, Sas enviou telegrama ao irmão Mariyathas solicitando que fosse a Colombo. Dois dias depois recebeu a resposta: "Não posso ir. O irmão deve vir."

O irmão Sas escreveu perguntando por que não poderia viajar. Seria por falta de dinheiro? Seria compromisso de trabalho? Que outra razão? Por telefone, Mariyathas disse que Sas deveria ir a Chavakachcheri porque cinco pessoas aguardavam o batismo. A congregação desejava participar da Ceia do Senhor. Sas explicou que, por ser perigoso, havia sido repetidamente advertido a não viajar. A resposta foi: "Então encontro-o em Colombo amanhã cedo."

No dia seguinte, às quatro horas da manhã, a polícia deteve Maryiathas e outro irmão que estava com ele. Perguntaram o que tinham ido fazer. Sempre agiam assim com os tâmeis que apareciam na capital. Mostrando a carta do irmão Sas, Mariyathas explicou o motivo da viagem. Só então a polícia os deixou prosseguir. Eram seis horas quando chegaram ao hotel. "Precisa vir conosco a Chavakachcheri, irmão Sas. Cinco pessoas estão preparadas para o batismo e desejamos tomar a Santa Ceia." E, emocionado, acrescentou: "Venha à minha casa, ali não há perigo."

No início o irmão Sas ficou indeciso. Depois, a fé e a confiança na providência de Deus, unidas ao senso do dever, prevaleceram sobre o temor e a dúvida. Chegaram em segurança à casa do irmão Mariyathas. A. C. Sas visitou os lares e confortou nosso povo. Dos candidatos, quatro foram batizados. Foi celebrada a Ceia. Depois de confirmar os irmãos na verdade, às seis da tarde o irmão Sas achou que era hora de partir. Um dos irmãos disse: "Não pode ir. É muito perigoso estar fora de casa. Não há ônibus agora. Todos devemos pernoitar neste casebre."

Entre membros e interessados, eram umas vinte e cinco pessoas. Havia apenas uma cama de tábuas. Mesmo para se acomodarem no chão, o espaço era insuficiente. Porém, pela graça de Deus, todos puderam descansar. Alguns fora, outros dentro. Ao irmão Sas coube o privilégio de, mesmo sem colchão, dormir na cama. Esta foi

demonstração de amabilidade da parte deles, pois era o melhor que podiam oferecer.

No dia seguinte o irmão Sas viajou de trem de Jaffna para Colombo. A caminho do aeroporto, o motorista do táxi perguntou em que lugar de Sri Lanka havia estado. Ao ouvir que o passageiro mencionou *Jaffna*, ficou admirado: "Como teve coragem de ir a um lugar tão perigoso? Tem muita sorte! Poderiam tê-lo trucidado!"

Dois dias depois da chegada à Índia, o irmão Sas leu no jornal que a delegacia de polícia de Chavakachcheri, onde estivera com os irmãos locais, havia sido bombardeada. Trinta e seis pessoas morreram naquele ato de terrorismo. Cinco dias depois leu que uma bomba havia destruído completamente o prédio do correio. Dois meses mais tarde, recebeu notícias do irmão Mariyathas. Os nossos irmãos estavam com vida. Alguns haviam sido levados para o campo de concentração, onde passavam fome. Soubemos que, alguns dias depois, foram libertados.

Apesar dos sofrimentos, nossos irmãos continuam a promover a mensagem da salvação em Sri Lanka. De acordo com Isaías 11:11, BLH, está sendo cumprida a profecia que diz: "Naquele dia, o Senhor, com a Sua mão poderosa, trará de volta para a sua terra as pessoas do Seu povo que ainda estiverem na Assíria, no Egito, em Patros, na Etiópia, em Elão, na Babilônia, em Hamate, no litoral do mar Mediterrâneo e nas ilhas." Louvado seja Deus!

45

Myanmar

Em 1959, algumas de nossas publicações haviam chegado à região Norte da Birmânia, atual Myanmar. Esses mensageiros silenciosos, como pão lançado sobre as águas, atuaram de maneira imperceptível entre alguns adventistas sinceros que estavam ansiosos para conhecer mensagem de reforma. Jang Len, de Ngamigan, em Thamu Mayo, foi o primeiro a escrever para a sede da nossa Conferência Geral. Depois, outro irmão, Joseph Suang, de Buanman, em Thuklay, também se comunicou com a sede da CG. Outros enviaram cartas. A mensagem contida em nossa literatura estava atuando entre muitos adventistas de mentalidade reformista. Pouco depois, em vários lugares, sob circunstâncias difíceis, começaram a realizar reuniões em nome da Reforma. A liberdade religiosa era restrita sob o regime comunista. Esses irmãos continuaram a congregar-se. Professavam pertencer ao Movimento de Reforma. Chegaram a organizar-se formalmente. Demorou até que alguém os visitasse, os preparasse para o batismo, e tornasse oficial a organização.

Em 1984, durante uma conferência no Sul da Índia, F. Devai e A. C. Sas mencionaram as dificuldades que haviam encontrado quando procuraram visitar aquele país. Todas as tentativas tinham sido inúteis. Conforme documentação, F. Devai

era missionário de profissão. Certa vez conseguiu passar pelo setor de imigração. Porém, recebeu permissão apenas para Rangoon, a capital. O problema ainda persistia, pois os interessados que planejava visitar, moravam ao Norte. Devido a complicações políticas, não lhe foi permitido chegar à região onde precisava.

Primeiro grupo de crentes reformistas na porção setentrional de Myanmar (foto de 1975)

Nesse mesmo ano, F. Devai e A. C. Sas pediram a D. Suresh Kumar que, se possível, visitasse Myanmar. Esperavam que de algum modo o Senhor abrisse as portas possibilitando a visita aos irmãos que os aguardavam. Suresh Kumar achava que poderia chegar a essa região, apresentando a credencial da ONU. Ao visitar outros países como Missionário da Paz, normalmente não precisava passar pelo controle de imigração.

No fim de 1984, tendo recebido três nomes e respectivos endereços enviados da Austrália, Suresh Kumar e outro irmão viajaram por terra do Nordeste da Índia para a região Norte de Myanmar. Chegando a Moreh, cidade limítrofe, o agente de imigração recusou-lhes permissão para cruzarem a fronteira. Aconselhou-os a voltar. Porém, nossos irmãos não estavam dispostos a desistir. Pediram permissão para falar com o agente superior. Apesar da longa insistência dos nossos irmãos, devido às dificuldades que teriam que enfrentar, o agente superior também os aconselhou a não irem adiante. Explicou: Missionários realizando atividades religiosas não são bem recebidos. Por fim, aquele agente demonstrou simpatia para com nossos irmãos. Concordou em ajudá-los. Designou um de seus homens para os acompanhar e auxiliar o quanto fosse necessário. Foi longo o percurso a pé. Nossos irmãos manifestaram gratidão ao Senhor que lhes havia desobstruído o caminho.

Chegando ao primeiro endereço, foram informados de que a pessoa procurada havia falecido. Depois de tantos anos, este não era motivo de surpresa. As notícias não foram animadoras. Receando que o sacrifício não trouxesse os resultados desejados, foram para o

endereço seguinte. Chegando a Ngamigan, felizmente foi fácil encontrar a casa de Jang Len, que era muito conhecido.

Suresh Kumar e o companheiro não se esqueceram de que estavam num país comunista, em que visitas religiosas eram limitadas. Todo estrangeiro era olhado com suspeita. Normalmente, num país livre, quando um irmão visita outro pela primeira vez, identificam-se imediatamente. Porém, não foi assim quando nossos irmãos chegaram à casa de Jang Len. A família pensou que os visitantes fossem comunistas, agentes do Serviço Secreto. No início, aquela família fez muitas perguntas: "Quem são os senhores? Quem os enviou aqui? Por que desejam falar com o Sr. Jang Len?"

Ao se identificarem como adventistas da Reforma vindos do Norte da Índia, essa boa gente passou a fazer outras perguntas: "Conhecem Alfons Balbach?" Receberam resposta satisfatória e com detalhes. "Conhecem Benjamin Burec?" Terminado o interrogatório, os visitantes mostraram uma carta da União Australiana. Os visitados observaram o conhecido logotipo do Movimento de Reforma e a assinatura do irmão Sas. Leram a carta e ficaram convencidos. Houve gritos de alegria!

A dona da casa anunciou em voz alta que os visitantes eram ministros do Movimento de Reforma. Com lágrimas de felicidade, Jang Len mencionou o Salmo 120:1: "Na minha angústia clamei ao Senhor, e Ele me ouviu." Depois explicou que, por muitos anos, ele e família haviam orado e esperado aquele momento:

"Finalmente, o Senhor respondeu o nosso clamor."

Uma das primeiras perguntas de Len foi:

"Quantos dias podem estar conosco? No interesse da Obra, como podemos empregar da melhor maneira seu tempo aqui?"

Os visitantes garantiram: "Nosso plano permite cinco semanas."

Seis meses depois da primeira vez, os irmãos de Myanmar foram novamente visitados. A permanência dos visitantes foi mais prolongada. Foi oficiado o batismo de vinte e três pessoas. Dois anos depois, Jang Len foi ordenado ancião e, atento à sua responsabilidade, começou a visitar os interessados com maior freqüência.

Durante a terceira visita, outras onze pessoas foram batizadas. Tendo havido crescente interesse, Joseph Suang uniu-se a Jang Len. Por intermédio do trabalho desses dois irmãos, a verdade presente foi levada a muitos.

Naquela época houve trégua da parte do governo para com a religião cristã. Agradecemos a Deus essa mudança. Entretanto, só o

Senhor sabe quanto tempo a porta permanecerá aberta para a pregação do Evangelho.

Nossa igreja em Myanmar foi registrada em 1992. No ano seguinte, estando a congregação com cinqüenta membros, foi adquirido um terreno para a construção do centro missionário.

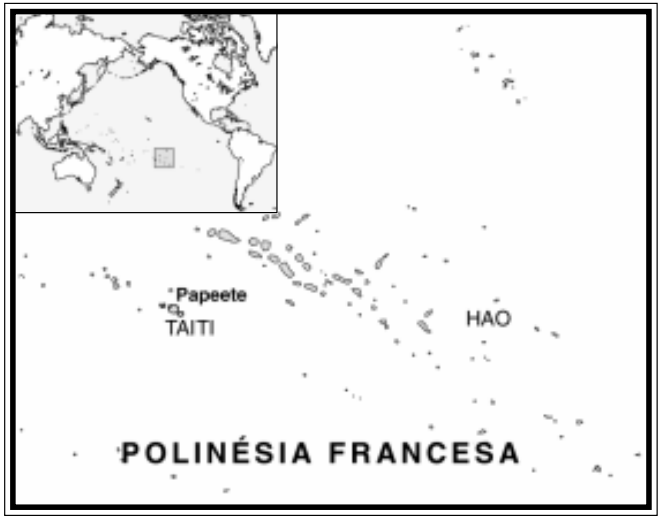
É nossa esperança que muitas pessoas sinceras em Myanmar se voltem para o Senhor e estejam entre os 144 mil.

46

Polinésia Francesa

Em 30 de dezembro de 1979, Marc Manutahi e esposa, do Taiti, estiveram em Auckland, Nova Zelândia. Na lista telefônica procuraram um templo adventista em que pudessem assistir no Sábado. Para surpresa deles, no catálogo encontraram o salão do Movimento de Reforma. Não tendo nunca ouvido falar a respeito desta denominação, movidos pela curiosidade, decidiram conhecer nossa igreja e saber quem somos. Entretanto, por engano, entraram num templo da Igreja Adventista.

Observando os assistentes, encontraram um irmão conhecido. Entreolharam-se, e o irmão Manutahi pensou: "Aquele é o contador da União Adventista. Que faz aqui? Será que se tornou reformista?" Depois, viu um velho amigo que o saudou com um gesto. Então,



Grupo de crentes reformistas (membros e amigos) em Taiti, Polinésia Francesa, 1984

marido e mulher compreenderam que não estavam no lugar para onde a curiosidade os deveria ter levado.

Terminada a reunião da Escola Sabatina, saíram e continuaram a procurar nossa igreja. Caminharam até que viram, num portão, uma placa meio coberta de trepadeiras, com a inscrição do nosso nome denominacional.

M. Vukotic deu-lhes boas-vindas. Depois do culto da segunda hora, propôs-se a levá-los de carro ao hotel. A caminho tiveram ótima oportunidade para conversar sobre nossa crença.

Depois da volta a Taiti, o casal Manutahi manteve correspondência com J. Baer, que lhes enviou algumas publicações em francês. Durante três anos, falaram continuamente a respeito da necessidade de reforma na igreja.

No começo de 1980, quando A. C. Sas esteve na Nova Zelândia, M. Vukotic contou sobre a visita dos Manutahi, da Polinésia Francesa. Sas anotou o endereço. Enviou-lhes um pacote com nossas publicações. Porém, a encomenda jamais foi entregue. Evidentemente houve interceptação. Durante dois anos não foi recebida nenhuma notícia deles.

Nesse tempo, o irmão Manutahi comunicou-se com nossos irmãos da Alemanha e da França. Recebeu publicações em francês. Ficou esclarecida para ele a nossa posição quanto à devida observância do Sábado, reforma da saúde, vestuário e outros pontos. A partir de então, passou a ensinar seus irmãos a respeito do que havia lido em nossa literatura: não cozinhar no Sábado, não freqüentar lugares de diversão mundana que, não sendo lícitos para outros dias, são menos lícitos ainda, tratando-se das horas do santo dia. Quando o culpavam de fanatismo, a explicação que dava aos líderes era: "Se os irmãos dizem que sou fanático porque ensino as pessoas a não cozinharem no Sábado, então acusam a Deus de fanatismo. Sua Palavra diz que no Sábado não deve ser preparado nenhum alimento."

Vendo que não conseguiam dissuadi-lo, um representante da Divisão Australasiana procurou negociar: "Irmão, se abandonar essas idéias fanáticas, será ordenado ao ministério." A resposta de Manutahi foi: "Em troca de um título, não sacrificarei minhas convicções baseadas na Bíblia e no Espírito de Profecia."

Durante uma semana inteira lutaram tentando convencê-lo. Depois desistiram. Passados alguns dias, em maio de 1982, comunicaram-lhe uma resolução da Missão do Taiti. Os líderes disseram: "Durante três meses o irmão vai receber regularmente o salário, sem exercer atividades na Obra. Em outras palavras, o irmão encontra-se em licença remunerada. Não faça nenhuma visita. Fique em casa. Reflita sobre sua atitude e decida se está disposto a mudar de idéia ou não." Ter que encontrar sozinho a saída para o impasse o angustiou profundamente.

O irmão Manutahi passou muito tempo em oração e chegou a jejuar três vezes por semana. No fim de um mês, o presidente o chamou e disse: "Irmão, a mesa administrativa da Missão do Taiti decidiu demiti-lo." Então, Manutahi retirou-se cheio de paz e contentamento.

No primeiro Sábado após a demissão, ficou em casa com a esposa. Estudaram nossas lições da Escola Sabatina. À tarde receberam visita de vários irmãos que queriam saber o motivo de não terem estado na igreja. Explicou:

— Irmãos, hoje decidimos não sair e estudar as lições dos ASD Movimento de Reforma. Vou contar-lhes o que aprendi...

— E qual é seu plano para o próximo Sábado?

— Ficaremos em casa.

— Então viremos visitá-los.

No segundo Sábado, aproximadamente dez irmãos visitaram os Manutahi. No terceiro, tiveram quase quarenta visitantes. E, no quarto Sábado, a casa ficou repleta com cerca de cem visitantes. Na Escola Sabatina ali realizada estudaram nossas lições.

Esses irmãos de mentalidade reformista organizaram-se, adotaram estatutos e solicitaram registro provisório para obterem permissão oficial de reunir-se.

Em julho de 1982 esses irmãos enviaram o obreiro bíblico, a esposa e o irmão dele, como representantes para encontrarem alguns de nossos líderes em Los Angeles, Califórnia. Muitos pontos doutrinários foram estudados. Depois, fotografaram nossa congregação e o templo de Los Angeles. Os irmãos taitianos aparecem entre nosso povo. Disseram que precisavam dessas fotos para mostrá-las aos adventistas do Taiti. Alguém espalhara boatos de que o Movimento de Reforma havia deixado de existir.

Antes de regressarem, os visitantes quiseram saber quando alguém poderia visitá-los. Disseram ao irmão Sas: "Existem duzentas pessoas em nosso país, aguardando sua visita." Sas respondeu: "Se vinte dessas pessoas puderem ser estabelecidas na verdade, teremos alcançado grande vitória." Os irmãos ficaram um tanto decepcionados com a resposta.

Em setembro de 1982, o irmão Sas passou três semanas no Taiti estudando com os obreiros e com o povo. No fim dos estudos, perguntou ao irmão Manutahi:

— Quais são as probabilidades? Na sua opinião, quantos desses irmãos estão preparados para o batismo?

— Conforme entendo, nenhum batismo pode ser oficiado agora. Não estamos preparados. Vou estudar os *Princípios de Fé* com os irmãos. Depois veremos quantos estão, de fato, praticando os ensinamentos e crenças do Movimento de Reforma.

Em março de 1983, quando o irmão Sas esteve novamente no Taiti, vinte e quatro pessoas foram aprovadas para o batismo. Essa foi a primeira colheita espiritual.

Infelizmente, em 1994, de diversas fontes surgiram graves queixas contra o irmão Manutahi. Foram tomadas providências imedia-

tas para resolver o problema. Porém, ele recusou-se a ser investigado. Não quis tratar sobre o assunto com os líderes da CG. Isso teve como conseqüência sua separação da nossa igreja. Então, os irmãos Edgard Mariassouce, Marcel Wanegui e outros assumiram maiores responsabilidades relacionadas à Obra nessa região.

Ao pensarmos na Polinésia Francesa, lembramo-nos da promessa do Senhor. Ele reunirá em Seu reino muitas pérolas preciosas das *ilhas do mar*. Depois da Polinésia Francesa, outras portas foram abertas na região do Pacífico-Asiático. A mensagem de reforma está avançando. A profecia está-se cumprindo. Louvado seja Deus!

APÊNDICE

47

A reforma profetizada

Trata-se da continuação da obra que teve início em 1888. Naquela ocasião, a mensagem que a Igreja ASD recebeu era de reforma porque: (1) indicava os pecados da igreja, e (2) oferecia a cura para sua condição doentia.

Em 1888 Deus pede reforma

"Em Sua grande misericórdia o Senhor enviou preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos pastores Waggoner e Jones." —*Testemunhos para Ministros*, pág. 91.

"A. T. Jones e E. J. Waggoner nos comunicaram a mensagem de Deus à igreja de Laodicéia." —*Manuscript Releases*, vol. 15, pág. 92.

"Deus fez com que surgissem homens para atenderem a necessidade deste tempo. Homens que clamarão em alta voz e não se deterão. Levantarão a voz como trombeta e anunciarão ao povo de Deus a sua transgressão e à casa de Jacó os seus pecados. Sua obra não consiste apenas em proclamar a Lei, mas também pregar a verdade para este tempo: o Senhor, justiça nossa." —*Review and Herald*, 13 de agosto de 1889.

"Ainda há uma oportunidade para remediar seu estado [mornidão da igreja], e a mensagem a Laodicéia é cheia de encorajamento. A igreja apóstata ainda pode comprar o ouro da fé e do amor. Ainda pode ter as vestes brancas da justiça de Cristo, para que não apareça a vergonha de sua nudez." —*Idem*, 28 de agosto de 1894.

"Vi que essa mensagem não realizaria sua obra em alguns poucos meses. Destinava-se a despertar o povo de Deus, revelar-lhe as apostasias e levá-lo a zeloso arrependimento, para que fossem favorecidos com a presença de Jesus e habilitados para o alto clamor do terceiro anjo." —*Testemunhos para a Igreja*, vol. 1, pág. 186.

1913: Deus torna a pedir reforma

Em 1913 o Senhor usou Sua serva para renovar o apelo por reavivamento e reforma. Foi mostrado à irmã White, em visão, que esse último chamado seria atendido por alguns. Escreveu:

"São necessários agora homens de compreensão clara. Deus está apelando para os que desejam deixar-se guiar pelo Espírito Santo num trabalho de completa reforma. Vejo uma crise diante de nós e o Senhor roga aos Seus obreiros que se ponham a postos. Cada alma deve agora colocar-se em posição de consagração a Deus, mais sincera e profunda do que nos anos passados...

"Fiquei profundamente impressionada pelas cenas que recentemente passaram diante de mim, à noite. Parecia existir um grande movimento C uma obra de reavivamento C atuando em vários lugares. Nosso povo movia-se estando a postos e respondia ao apelo de Deus." —*Testemunhos Para Ministros*, págs. 514 e 515.

O instrumento que Deus nos deu para levarmos avante a obra de reforma é a mensagem que foi apresentada na Conferência Geral em Mineápolis, Minnesota, em 1888, mensagem esta baseada em Isaías 58:1 e Apocalipse 3:14-20. Quando a igreja estava prestes a enfrentar grande crise, ou seja, a Primeira Guerra Mundial, Deus pôs essa mensagem no coração e nos lábios de homens e mulheres dispostos a atender o chamado.

A igreja deve ser advertida dos seus pecados

"Não buscaríeis mui humildemente a Deus, para poderdes dar a mensagem de Laodicéia com elocução clara e distinta? Onde estão os atalaias de Deus que vejam o perigo e dêem a advertência? Tende a certeza de que existem mensagens que virão de lábios humanos, sob a inspiração do Espírito Santo. '*Clama em alta voz, não te detenhas, ... anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados*.' " —*Testemunhos para Ministros*, pág. 296.

"Embora eles sejam chamados povo de Deus, a casa de Jacó, embora professem estar ligados a Deus em obediência e comunhão, acham-se longe dEle. Receberam privilégios e promessas maravilhosas, mas traíram seu compromisso. A mensagem deve ser-lhes transmitida sem nenhuma palavra de lisonja: '*Anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados*.' Mostrai-lhes onde estão errando. Indicai-lhes o perigo. Enquanto se orgulham de sua justiça, informai-os dos pecados que estão cometendo." —*The SDA Bible Commentary*, vol. 4, pág. 1149.

"Ninguém corra o risco de se interpor entre o povo e a mensagem do Céu. Esta mensagem [Isaías 58:1] deve alcançar o povo. Se não houvesse nenhuma voz entre eles para anunciá-la, as próprias pedras clamariam." —*Obreiros Evangélicos*, pág. 304.

"Mesmo que todos os nossos dirigentes recusem a luz e a verdade, essa porta ainda continuará aberta. O Senhor suscitará homens que darão ao povo a mensagem para este tempo." —*Testemunhos Para Ministros*, pág. 107.

O único remédio

"Nossa única razão de esperança está na justiça de Cristo a nós imputada, e naquela justiça produzida pelo Seu Espírito operando em nós e por meio de nós." —*Como Encontrar a Paz Interior*, pág. 59.

"Por Sua obediência perfeita [Cristo] tornou possível a todo homem obedecer aos mandamentos de Deus. Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele. Vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça... que é a obediência perfeita à Lei de Jeová." —*Parábolas de Jesus*, pág. 312.

"E quando os que professam ser Seus filhos receberem caráter semelhante ao de Cristo, obedecerão aos mandamentos de Deus. Então o Senhor pode contá-los com toda a confiança entre os que formarão a família do Céu. Trajados com as vestes gloriosas da justiça de Cristo, participarão do banquete do Rei." —*Idem*, pág. 315.

Nossa obra atual

Depois de citar Isaías 61:4 e 58:12, a serva do Senhor explica:

"O profeta descreve aqui um povo que, em tempo de geral abandono da verdade e da justiça, está procurando restaurar os princípios que são o fundamento do reino de Deus...

"No tempo do fim toda instituição divina deve ser restaurada. A brecha feita na Lei, quando o Sábado foi mudado pelo homem, deve ser reparada. O remanescente de Deus, em pé diante do mundo como reformadores, deve mostrar que a Lei de Deus é o fundamento de toda reforma perdurável, e que o Sábado do quarto mandamento deve permanecer como memorial da criação, lembrança constante do poder de Deus. De maneira clara e distinta devem apresentar a necessidade de obediência a todos os preceitos do Decálogo." —*Profetas e Reis*, págs. 677 e 678.

"O grande movimento reformatório deve começar pela apresentação dos princípios da Lei de Deus a pais, mães e filhos... Mostrai que a obediência à Palavra de Deus é nossa única salvaguarda contra os males que arrastam o mundo para a destruição... A religião no lar é nossa grande esperança. Ela torna brilhante a perspectiva da conversão de toda a família para a verdade de Deus." —*Testimonies*, vol. 6, pág. 119.

"Nossos deveres e obrigações se tornam mais importantes ao obtermos visão mais nítida da verdade. A luz revela e condena os erros que se ocultavam nas trevas. Ao chegar a luz, para que os homens com ela se harmonizem, a vida e o caráter devem mudar, correspondendo com essa luz. Pecados que antes eram cometidos por ignorância devido à cegueira do espírito, já não podem continuar a merecer condescendência sem que incorramos em culpa. À medida que seja concedida maior luz, os homens devem ser reformados, elevados e refinados por ela, ou ficarão mais perversos e obstinados do que antes de ela lhes ser concedida." —*Gospel Workers*, pág. 162.

"Deve haver reforma em nossas fileiras. Antes de esperarmos que o poder de Deus se manifeste de maneira acentuada para a cura dos doentes, o povo tem que alcançar padrão mais elevado." —*Medical Ministry*, pág. 16.

A obtenção de poder para curar enfermos não é o começo, mas o resultado final da obra de reforma profetizada. A primeira fase de nossa obra é arrependimento e conversão, reavivamento e reforma (*Serviço Cristão*, pág. 42). A segunda fase, isto é, o resultado, é o alto clamor sob a chuva serôdia, o refrigério pela presença do Senhor (Atos 3:19), quando o fiel remanescente terá o poder de Deus para operar milagres (*O Grande Conflito*, pág. 612). Não está longe o dia em que testemunharemos estes acontecimentos.

48

A principal questão controversa

Para nós, adventistas do sétimo dia, está claro que "tudo que antes foi escrito, para nosso ensino foi escrito". Da experiência do passado devemos aprender lições para o presente e entender que Deus nunca envia destruição sem primeiro mandar advertência. Isso é claramente ensinado na história de Nínive. Num artigo escrito por um irmão adventista, lemos:

"Deus enviou Jonas para clamar à grande capital da Assíria: 'Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida.' Talvez alguns tenham dito: Impossível! Outros podem ter raciocinado: Será que Deus usaria somente um homem para proclamar esse grande juízo, e ainda estrangeiro? Não parece difícil de crer que Ele passe por alto nosso grande sacerdócio e use esse homem que de acordo com sua própria história não passa de um fraco?

"Contudo, Nínive se arrependeu. O arrependimento foi genuíno. Deus o aceitou. Desde o rei no trono até o mais humilde escravo, todos se cobriram de saco e se prostraram na cinza. Esses foram os frutos do arrependimento. A ruína de que haviam sido ameaçados foi desviada." —*Review and Herald*, 26 de outubro de 1911.

A advertência que despertou os ninivitas nos dias de Jonas também abrangeu o povo adventista. A irmã White escreveu:

"Quando Deus fizer sobre a Terra a Sua estranha obra, quando mãos santas não mais levarem a arca, um ai repousará sobre o povo. Ah! se tu conhecesses, ao menos neste dia, o que te poderia trazer a paz! Ah! Que nosso povo, à semelhança de Nínive, se arrependa com todas as suas forças e creia de todo o coração, para que Deus desvie deles o Seu furor!" —*Testimonies*, vol. 5, págs. 77 e 78.

A destruição de Jerusalém como advertência

Como crentes na tríplice mensagem temos deixado de aprender uma lição do modo misericordioso como Deus tratou os ninivitas

nos dias de Jonas por haverem-se arrependido. Devemos, por isso, considerar como advertência para nós o modo com que Deus tratou os judeus na destruição de Jerusalém por haverem deixado de arrepender-se.

"Nos dias de Samuel, Israel achava que a presença da arca com os mandamentos de Deus garantiria para eles a vitória sobre os filisteus, independentemente de eles se arrependerem ou não de suas obras ímpias. Exatamente assim, na época de Jeremias, os judeus criam que a estrita observância dos serviços do templo, divinamente estabelecidos, os preservaria do justo castigo por sua má conduta.

"O mesmo perigo existe hoje entre os que professam ser depositários da Lei de Deus. Têm demasiada propensão para alimentar a falsa idéia de que a consideração que possuem pelos mandamentos os poupará do poder da justiça divina. Recusam-se a receber reprovação e acusam os servos de Deus de serem exageradamente zelosos em banir do acampamento o pecado. Deus, que odeia o pecado, chama os que professam guardar Sua Lei a se afastarem de toda iniqüidade. O deixar de arrepender-se e obedecer-Lhe a Palavra trará tão graves conseqüências sobre o Seu povo hoje como trouxe o mesmo pecado sobre o antigo Israel. Existe um limite além do qual o Senhor não adiará mais os Seus juízos. Para o Israel moderno, a desolação de Jerusalém permanece como advertência solene a fim de que as correções concedidas por meio dos instrumentos escolhidos de Deus não sejam impunemente desconsideradas." —*Testimonies*, vol. 4, págs. 166 e 167.

Existe hoje um paralelo em que o Israel moderno está repetindo a história do povo judeu no tempo da primeira vinda de Cristo. A serva do Senhor escreveu:

"As provas dos filhos de Israel, sua atitude pouco antes da vinda de Cristo, foram-me apresentadas repetidamente para ilustrar a posição do povo de Deus em sua experiência antes da segunda vinda de Cristo." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 406.

"Deixar de manifestar pureza e verdade na prática entristecerá o Espírito de Deus e enfraquecerá [o povo de Deus], porque o Senhor não está em seu meio para o abençoar. A corrupção interna trará as acusações divinas sobre este povo, como ocorreu com Jerusalém...

"Quando o pecado faz sua incursão entre o povo que professa estar erguendo o padrão moral da justiça, como podemos esperar que Deus dirija Seu poder em nosso favor e nos salve como um povo

que pratica a justiça?... Em vez de apenas defender por escrito e por palavra os mandamentos de Deus, devemos guardá-los a cada um, não violando conscientemente um único preceito. Se, como povo, não nos conservarmos na fé, então fraqueza e ruína hão de sobrevir a nós." —*Idem*, vol. 2, págs. 378 e 379.

"As palavras de Deus ao antigo Israel encerram solene advertência para a igreja atual e seus dirigentes...

"Permanecerão desatendidas as advertências divinas?... A conseqüência do pecado de Israel está diante de nós. Aceitará a igreja de agora a advertência?" —*Parábolas de Jesus*, pág. 306.

A questão decisiva

A mensagem da Justiça de Cristo, apresentada em 1888, e destinada a promover reavivamento e reforma entre o povo adventista, foi rejeitada. Como resultado, a condição espiritual da igreja piorou rapidamente. Logo na passagem do século, a irmã White declarou:

"Em vez de levar o mundo a prestar obediência à Lei de Deus, a igreja está-se unindo cada vez mais intimamente com o mundo na transgressão. Diariamente a igreja está-se convertendo ao mundo." —*Testimonies*, vol. 8, pág. 119.

Desse modo, quando sobreveio a crise profetizada — Primeira Guerra Mundial, 1914 a 1918 —, a igreja não estava preparada para suportar a prova. E, conforme predita (*Testimonies*, vol. 5, pág. 136; *O Grande Conflito*, pág. 608; *Testemunhos para Ministros*, pág. 265; *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, págs. 378 e 385), a apostasia começou a encontrar cumprimento literal. Segundo mencionamos repetidas vezes no decurso deste livro, os poucos que estavam decididos a permanecer fiéis à Lei de Deus e em defesa da tríplice mensagem angélica, mesmo com o risco da própria vida, foram expulsos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os líderes da Divisão Européia concluíram que, para evitar perseguição e confisco de propriedades, não havia outra atitude a não ser declarar abertamente que os adventistas do sétimo dia defenderiam a pátria com armas, mesmo no Sábado. (Recomendamos ler, no nosso livro *A Mensagem de Deus ao Povo do Advento*, o capítulo *Objeção de Consciência ou Combatência?*). Do púlpito e em publicações oficiais a verdade foi tão deturpada que defender o novo ponto de vista adotado pela denominação na Europa foi tido como virtude.

Os irmãos dirigentes da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia tentaram todos os meios que estavam ao seu alcance para

impedir que a verdadeira história a respeito do que havia transcorrido na Europa durante e depois da guerra de 1914 a 1918, fosse revelada aos membros. Depois que a apostasia havia avançado muito e já não podia ser ocultada ao povo adventista em outras regiões, a liderança divulgou boatos, tentando diminuir ou neutralizar os acontecimentos. Num desses relatos falsos, declararam que o Movimento de Reforma fora construído com base em sonhos e visões. Para fortalecer essa falsa impressão, mencionaram nomes de alguns indivíduos fanáticos que haviam sido membros da Igreja ASD e foram rejeitados por nossa organização.

Esses boatos serviram para criar preconceito contra nós por toda parte. Por outro lado, muitos membros sinceros da Igreja Adventista examinaram nosso ponto de vista em comparação com o parecer adotado pela denominação principal. Viram claramente que a Igreja Adventista-mãe havia muito tempo tinha tomado direção errada (*Testimonies*, vol. 5, pág. 217). Além das questões doutrinárias que determinaram o início da sacudidura profetizada, de 1914 a 1918, outras práticas censuráveis e ensinos errôneos penetraram na Igreja Adventista desde a Primeira Guerra Mundial (*Testimonies*, vol. 3, pág. 267; *Testemunhos para Ministros*, pág. 265 e outras referências). Essas práticas censuráveis e ensinos errôneos têm ampliado a brecha existente entre os dois grupos de adventistas.

Existe este paralelo: a discordância atual entre os adventistas liberais e os conservadores pode ser comparada à discórdia entre os cristãos liberais e os conservadores no século IV d.C., quando a maioria decidiu portar armas.

"Quando Constantino aparentemente aceitou o cristianismo, ele o fez como general pagão convertido. Depois persuadiu os cristãos a lutarem em seu exército. Dali em diante os professos cristãos tornaram-se cada vez menos conscienciosos. Quanto mais mundana a igreja se tornava, tanto mais disposta estava a unir-se ao governo na guerra." — CF. M. Wilcox, *Os Adventistas do Sétimo Dia em Tempo de Guerra*, pág. 48.

Avançando a passos largos na apostasia, a igreja mudou de atitude para com a Lei de Deus. Passou da obediência para a desobediência. A separação foi inevitável.

"Depois de longo e tenaz conflito, os poucos fiéis decidiram dissolver toda união com a igreja apóstata, caso ela ainda recusasse libertar-se da falsidade e idolatria. Viram que a separação era necessidade absoluta se desejavam obedecer à Palavra de Deus." —*O Grande Conflito*, pág. 45.

À luz dessa declaração, o leitor pode perceber facilmente estes aspectos da controvérsia: (1) Naqueles primeiros séculos a maioria liberal não conseguia ver a apostasia nem apreciava as evidências apresentadas pela minoria conservadora. Os argumentos de um grupo não serviam para o outro. Portanto, os dois partidos tiveram que tomar caminhos separados. (2) No decurso dos séculos, em toda sacudidura causada pelo abandono da verdade, nem todos os que permaneceram na igreja-mãe eram falsos cristãos. Assim, também, nem todos os que formaram a igreja remanescente eram realmente fiéis. Sempre tem havido exceções, ou pessoas deslocadas, em ambos os grupos. Hoje testemunhamos a mesma circunstância. Também nesse aspecto a história se repete.

A posição original da Igreja Adventista foi bem definida: "Somos compelidos a recusar toda participação em atos de guerra." (*Review and Herald*, 23 de maio de 1865). A posição original — *Por que os Adventistas do Sétimo Dia não Podem Empenhar-se em Atos de Guerra* — baseava-se na Bíblia (*Review and Herald*, 7 de março de 1865; *Os ASD em Tempo de Guerra*, págs. 37-39). A posição original foi endossada pelo Espírito de Profecia: "Foi-me mostrado que o povo de Deus, Seu tesouro peculiar, não pode empenhar-se nesta guerra complicada. Isso é contrário a cada princípio de sua fé. No exército é impossível, ao mesmo tempo, obedecer à verdade e às ordens dos superiores." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 361. Também a nova posição é bem definida: "Concedemos a cada membro de nossa igreja absoluta liberdade para servir a seu país, em todos os tempos e em todos os lugares, de acordo com os ditames de sua consciência e convicção pessoal." —*Review and Herald*, 6 de março de 1924 (*Os ASD em Tempo de Guerra*, pág. 347). Conforme citamos no capítulo *Objeção de Consciência ou Combatência?*, desde que a nova posição foi adotada oficialmente pela Associação Geral, as Uniões agiram em conformidade com ela. E, como aconteceu nos dias de Constantino, também acontece atualmente. Muitos não conseguem perceber o problema que pode ser assim resumido:

"Desde o início do grande conflito no Céu, o intento de Satanás tem sido subverter a Lei de Deus. Foi para realizar isso que entrou em rebelião contra o Criador. Tendo sido expulso do Céu, continuou a mesma luta na Terra. O objetivo que com perseverança tem procurado atingir é enganar os homens, levando-os a transgredir a Lei de Deus. Quer seja isso alcançado pondo de parte a Lei inteira, quer seja rejeitando um de seus preceitos, o resultado será finalmente o mesmo. Aquele que tropeçar 'em um só ponto', manifesta desprezo pela Lei toda. Sua influência e exemplo estão do lado da transgressão. Torna-se 'culpado de todos'. Tiago 2:10." —*The Great Controversy*, pág. 582.

"Sua autoridade [de Deus] deve ser mantida distinta e clara perante o mundo. Não devem ser reconhecidas leis nenhumas que entrem em conflito com as de Jeová. Se, em desafio às disposições divinas, fosse permitido ao mundo influenciar nossas decisões ou ações, estaria frustrado o desígnio divino. Por mais especioso que seja o pretexto, se a igreja vacilar neste ponto está contra ela escrita nos livros dos Céus a negação dos mais sagrados encargos e traição ao reino de Cristo." —*Testimonies to Ministers*, págs. 16 e 17.

Suponhamos que o prezado leitor esteja a bordo de um navio em alto mar. Os membros da tripulação não percebem a evidência que o leitor apresenta a respeito de o navio estar afundando. Deles só ouve que tudo está bem. Só se referem ao tamanho do navio, sua estrutura, aparência imponente, conforto, música, boa comida, etc. Nenhuma referência sobre o naufrágio iminente. Recusam-se a admitir os fatos. Assim, o prezado leitor tem que escolher entre duas possibilidades: perecer com eles ou deixá-los e tomar um barco salva-vidas.

Essa é a impressão que temos quando falamos a inveterados laodiceanos. Portanto, a sacudidura é inevitável.

De acordo com os escritos de Ellen G. White, a sacudidura predita não afastará a maioria apostatada da igreja-mãe. Ao contrário, dividirá a igreja em dois grupos separados. O processo de sacudidura só estará concluído quando todos os fiéis tiverem sido removidos da igreja-mãe e todos os infiéis, do pequeno povo remanescente. (Por gentileza, leia nosso livro *O Adventismo e a Reforma Profetizada*.) A serva do Senhor assim explica a sacudidura:

"O Senhor tem servos fiéis que, na sacudidura, no tempo da prova, se darão a conhecer... A separação causa dor e amargura para ambos os partidos. Essa é a discórdia que Cristo afirma que veio trazer. Mas os convertidos sentirão incessante e intenso desejo de que seus amigos abandonem tudo por Cristo, sabendo que, a menos que o façam, haverá uma separação final e eterna." —*Testimonies*, vol. 5, págs. 80 e 83. (Por gentileza, leia *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pág. 385).

"Conforme Isaías 8:11-16, são apresentados claramente dois partidos distintos formados de uma companhia que uma vez esteve

unida. Os membros de um desses grupos está em resistência à vontade de Deus... A ruína dessa classe é evidente." —*Review and Herald*, 18 de julho de 1907. (Ler também *O Grande Conflito*, pág. 608).

"Ele [Deus] retirará Seu Santo Espírito da igreja e O dará a outros que O apreciarão." —*Review and Herald*, 16 de julho de 1895.

"Na hora do maior perigo para a igreja, em favor dela o fiel remanescente fará as mais ferventes orações." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 524.

A Igreja ASD, denominação principal, continuará como igreja organizada até que participe do destino das outras igrejas populares sob as sete últimas pragas (Apocalipse 18:4 e 5; *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 64 e 65; *Idem*, vol. 1, págs. 335 e 336; *O Grande Conflito*, pág. 615). Apenas o remanescente será protegido contra as pragas (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 67; *Profetas e Reis*, pág. 727). Na atualidade, enquanto o processo de sacudidura está em andamento, existem "os que suspiram e gemem por todas as abominações que se cometem na igreja" (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336). Eles, porém, devem separar-se do pecado e dos pecadores antes que possam receber o selo de Deus (*Testimonies*, vol. 5, pág. 505). Com esses poucos fiéis não temos contenda. Com eles, somos um em espírito. Um dia esperamos estar pessoalmente unidos a eles e eles a nós.

49

Dois grupos distintos

Os adventistas sempre têm alegado que os católicos ignoram ou interpretam incorretamente certas profecias, (Daniel 7:25; 2 Tessalonicenses 2:3-10; Apocalipse 2:12-14; 13:3-8; 17:1-9; 18:5-8), e aplicam a si muitas promessas proféticas (Mateus 16:18; 28:20; João 14:16-18; 2 Coríntios 11:2; Efésios 5:27) que eles, os católicos, perderam há muitos séculos. Todo adventista concordará que, no caso de apostasia aberta, Deus só reconhece um remanescente fiel a quem faz recipiente de Suas promessas. Ver exemplos em Lucas 12:32; 20:16; João 8:31; Romanos 11:5. Portanto, os crentes na tríplice mensagem devem ser cautelosos para não empregar a teologia católica no esforço de, teoricamente, pôr a Igreja ASD em posição que ela já não sustenta.

De acordo com as evidências que acabamos de apresentar (*Testimonies*, vol. 5, págs. 80 e 83; *Review and Herald*, 16 de julho de 1895 e 18 de julho de 1907; *Testimonies*, vol. 5, pág. 524), confirmadas pelas evidências dadas nas declarações citadas a seguir, sob o título "Distinções entre a Igreja ASD e a Igreja Remanescente", a Igreja Adventista, denominação oficial, não é o último remanescente, embora os teólogos adventistas ensinem, com muita ênfase, que a denominação, igreja oficial, continuará como igreja vitoriosa. E podem ser sinceros em sua conclusão errônea. Porém, o erro põe em risco a salvação de almas. Por um lado, aplicam indevidamente à denominação representada pela grande maioria, a igreja oficial, certas profecias que não se aplicam à Igreja Adventista-mãe: profecias que se referem ao triunfo de uma pequena minoria fiel. Jamais negamos que haja esperança para os crentes fiéis. Porém, esses não são muito numerosos. Em 1893, quando a igreja se achava em muito melhor situação espiritual que a de hoje, somente pequena minoria dos membros era composta de cristãos genuínos (*Serviço Cristão*, pág. 41). Por outro lado, esses teólogos ignoram as muitas profecias que

predizem a ruína da igreja composta da maioria não reformada. Desconsideram o fato de que, já em 1893, uma grande porcentagem dos membros estava "sem Deus e sem esperança no mundo como o pecador comum" (*Serviço Cristão*, pág. 41). Proclamar para a igreja grande, não reformada, a vitória final que a profecia limita a um pequeno remanescente de fiéis adventistas equivale a usar sofismas católicos.

Distinções

A Igreja Adventista (a denominação oficial)

1. Rebaixa a norma

"Foi-me mostrado um grupo sob o nome de adventistas do sétimo dia, que estava aconselhando que a bandeira ou sinal que nos torna povo distinto não deveria ser apresentada de maneira tão chocante. Pretendiam não ser esse o melhor método para obter êxito para nossas instituições." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 385.

2. Une-se com o mundo

"Foi-me mostrado que o espírito do mundo está rapidamente levedando a igreja. Estais seguindo o mesmo caminho trilhado pelo antigo Israel. É a mesma apostasia de vossa santa vocação como povo peculiar de Deus... A negligência em seguir a luz vos porá em posição mais desfavorável que a dos judeus sobre os quais Cristo pronunciou um ai." —*Testimonies*, vol. 5, págs. 75 e 76.

A Igreja Remanescente

1. Ergue a norma

"Divisões serão introduzidas na igreja. Serão desenvolvidos dois partidos... Todos quantos são coobreiros de Deus... não se desviarão da mensagem presente." —*Selected Messages*, vol. 2, pág. 114.

"Vi um grupo que permanecia bem guardado e firme, não dando atenção aos que faziam vacilar a estabelecida fé da comunidade." —*Primeiros Escritos*, pág. 258.

2. Separa-se do mundo

"Jesus está voltando. Encontrará Ele um povo em harmonia com o mundo? Haverá de os reconhecer como povo Seu, que para Si mesmo purificou? De maneira nenhuma! A ninguém, senão aos puros e santos, Ele reconhecerá como Seus. Aos que foram purificados e branqueados pelo sofrimento e se guardaram isentos da corrupção do mundo, a esses reconhecerá como Seus." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 133.

"Pela união com o mundo a igreja se tornará corrupta, 'gaiola de toda ave imunda e aborrecível'." —*Review and Herald*, 26 de fevereiro de 1895.

"Quando o professo povo de Deus estiver unindo-se com o mundo... quando o luxo do mundo se tornar o luxo da igreja... então... virá o fim de suas resplendentes visões e esperanças ilusórias." —*O Grande Conflito*, págs. 338 e 339.

3. Tolera o pecado aberto

"Principalmente na obra final da igreja, no tempo do assinalamento dos 144 mil... [os poucos fiéis] sentirão muito profundamente os erros do professo povo de Deus. Isto é enfatizado de maneira veemente pela ilustração do profeta sobre a última obra sob a figura de homens, cada um com armas destruidoras na mão...

"Quem, no conselho de Deus, subsiste a esse tempo? São aqueles que, por assim dizer, desculpam os erros entre o professo povo de Deus, e que murmuram no coração, se não abertamente, contra os que reprovam o pecado?...

"A matança geral de todos os que não vêem a vasta diferença entre o pecado e a justiça,... é descrita na ordem dada aos cinco homens que tinham as armas destruidoras [citação de Ezequiel 9:5 e 6]." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 335 e 336.

"Os anciãos [Ezequiel 9:6], aqueles a quem Deus dera grande luz, e que haviam ocupado o lugar de

"A simples profissão de cristianismo não tem valor nenhum à vista de Deus. Porém, obediência verdadeira, humilde e voluntária a Seus requisitos identifica os filhos de Sua adoção... Seu caráter peculiar e santo será visível e os separará distintamente do mundo, suas afeições e concupiscências." —*Testimonies*, vol. 2, pág. 441.

"Deus terá um povo distinto e separado do mundo." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 137.

3. Não tolera o pecado aberto

"O verdadeiro povo de Deus... sentirá muito profundamente os erros do povo professo de Deus...

"Os que receberem o puro sinal da verdade... são os que 'suspiram e gemem por todas as abominações que são cometidas' na igreja. Seu amor pela pureza... é tal, e têm tão clara visão da excessiva malignidade do pecado, que são representados como em agonia." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, págs. 335 e 336.

"A angústia e humilhação do povo de Deus é inequívoca evidência de que esse povo está restaurando a força e nobreza de caráter perdidas em conseqüência do pecado. Por aproximar-se mais de Cristo, e ter os olhos fitos em Sua pureza perfeita, discernem claramente a grande malignidade do pecado." —*Testimonies*, vol. 3, págs. 266 e 267.

"Enquanto Deus tiver uma igreja, terá aqueles que clamam em alta voz e não se detêm, os quais serão Seus instrumentos para reprovar o egoísmo e os pecados. Não se esquivarão de declarar todo o conse-

depositários dos interesses espirituais do povo, haviam traído o seu compromisso... Assim, paz e segurança é o grito de homens que nunca mais erguerão a voz como trombeta para mostrar ao povo de Deus suas transgressões... Esses cães mudos, que não querem ladrar, são aqueles que sentirão a justa vingança de um Deus ofendido...

"As abominações pelas quais os fiéis suspiravam e gemiam, era tudo quanto podia ser discernido por olhos finitos, mas pecados incomparavelmente piores, que provocavam o zelo de um Deus puro e santo, achavam-se encobertos...

"Aqueles que têm sido considerados dignos e justos, demonstram-se líderes de facção na apostasia... [Deus] não tolerará por mais tempo seu ímpio procedimento. Em Sua ira, trata-os sem misericórdia." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 65 e 66.

4. O Espírito de Deus Se retira

"Ele [Deus] retirará Seu Santo Espírito da igreja, e O dará a outros que O apreciem... A ausência de harmonia com Deus torna-se evidente. A luz se ofusca, se extingue. O castiçal foi removido." —Review and Herald, 16 de julho de 1895.

"Esses que suspiram e gemem haviam estado a pregar palavras de vida... Porém, a glória do Senhor apartara-se de Israel. Embora muitos ainda continuassem as formas da religião, faltava Seu poder e Sua presença." —*Testemunhos Seletos*, pág. 64.

"As formas da religião continuarão a ser mantidas por um povo lho de Deus, quer os homens desejem ouvir, quer não." —*Spiritual Gifts*, vol. 2, pág. 284.

"Os que se alimentam da carne e do sangue do Filho de Deus, Sua Santa Palavra, serão fortalecidos, arraigados e fundados na fé... Embora outros os considerem escória, hão-de levantar-se em defesa da fé." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 6, pág. 1065.

"A igreja verá ainda dias trabalhosos. Profetizará vestida de saco. Embora tenha que enfrentar heresias e perseguições, embora tenha que combater contra infiéis e apóstatas, pelo auxílio de Deus, ainda está esmagando a cabeça de Satanás. O Senhor terá um povo tão verdadeiro como o aço, de fé tão firme como o granito." —*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 590.

"Deus... Terá uma igreja pura e santa." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 100.

4. O Espírito de Deus está presente

"Deus tem uma igreja... É o povo que ama a Deus e guarda os Seus mandamentos... Onde Cristo está, mesmo entre os poucos humildes, esta é a igreja de Cristo, pois somente a presença do Altíssimo, que habita a eternidade, pode constituir uma igreja." —*Olhando para o Alto*, pág. 315.

"Sou animada e beneficiada ao compreender que o Deus de Israel ainda guia Seu povo. Continuará a estar com eles até o fim." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 406.

do qual finalmente o Espírito de Deus ter-Se-á retirado." —*O Grande Conflito*, pág. 615.

"É com relutância que o Senhor retira Sua presença daqueles que foram abençoados com grande luz." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, pág. 66.

5. A arca é removida da igreja

"A arca do concerto será removida deste povo? Os ídolos hão-de entrar furtivamente? Falsos princípios e falsos preceitos serão introduzidos no santuário?... É exatamente essa a direção para onde, por meio de homens cegos e não consagrados, o inimigo está-nos levando." —*Counsels to Writers and Editors*, págs. 95 e 96.

"Quando Deus realizar Sua estranha obra sobre a Terra, quando mãos santas não mais conduzirem a arca, um ai repousará sobre o povo." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 77.

6. Um navio que se perde no mar

"A morte espiritual sobreveio ao povo que deveria manifestar vida, zelo, pureza e consagração pela mais ardente devoção para com a causa da verdade. Os fatos relacionados às reais condições do professo povo de Deus, falam mais alto que sua profissão. Tornam evidente que algum poder cortou o cabo que os ancorava na Rocha Eterna. Estão sendo arrastados para o mar,

"Até ao fim do tempo, a presença do Espírito deve ser encontrada com a igreja verdadeira." —*Atos dos Apóstolos*, pág. 55.

"Os anjos celestiais são enviados para servir os que hão-de herdar a salvação. Não sabemos agora quem são eles. Ainda não é manifesto quem vencerá e participará da herança dos santos na luz." —*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 639.

5. A arca é conduzida pelo remanescente

"Satanás tem tomado toda medida possível para que nada venha entre nós, como um povo, para nos reprovar, censurar e exortar-nos a abandonar nossos erros. Porém, há um povo que levará a arca de Deus... O Senhor ainda tem homens de oportunidade esperando, preparados para cumprir Suas ordens... A verdade não será depreciada nem perderá seu poder em suas mãos. Mostrarão ao povo as suas transgressões, e à casa de Jacó os seus pecados." —*Testemunhos para Ministros*, pág. 411.

6. Um navio que alcança o porto seguro

"Não há nenhuma necessidade de duvidar, de estar temeroso de que a Obra não seja bem sucedida. Deus está no comando da Obra. Porá tudo em ordem. Caso haja algo necessitando ser ajustado na direção da Obra, Deus Se ocupará disso, e trabalhará para endireitar todo erro. Com fé, creiamos que, quanto à nobre nau que transporta

sem mapa nem bússola." —*Review and Herald*, 24 de julho de 1888.

7. Um grupo destituído da luz de Deus

"Quando não mais vierem advertências ao povo de Deus, quando as ternas admoestações do Espírito de Deus silenciarem, quando a lâmpada da iluminação celestial não mais brilhar sobre o seu caminho, eles serão deixados a acender seu próprio fogo e andar entre as faíscas do fogo que atearam." —*Review and Herald*, 4 de abril de 1893.

"Sejam os filhos do engano e falso testemunho entretidos por uma igreja que tem tido grande luz, grande evidência, e essa igreja se desfará da mensagem que o Senhor lhe enviou e acolherá os mais desarrazoados argumentos, falsas suposições, falsas teorias...

"Muitos se levantarão em nossos púlpitos tendo nas mãos a tocha da falsa profecia, acesa na tocha infernal de Satanás." —*Testemunhos Para Ministros*, págs. 409 e 410.

8. Destino final: O Egito

"O Senhor não fechou a porta do Céu para nós, mas nossa própria conduta de constante apostasia nos separou de Deus... A igreja deixou de seguir a Cristo, seu Líder, e está retrocedendo resolutamente para o Egito." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 217.

"Por toda parte vemos os que receberam muita luz e conhecimento Seu povo, Deus a conduzirá em segurança, para o porto." —*Selected Messages*, vol.2, pág. 390.

7. Um grupo que anda na luz de Deus

"Às almas que buscam diligentemente a luz e aceitam com alegria toda iluminação divina de Sua Santa Palavra, somente a esses será concedida a luz. É por meio dessas almas que Deus revelará a luz e o poder que hão-de iluminar toda a Terra com a Sua glória." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 729.

"Quem advertirá o mundo? Quem lhe mostrará o melhor caminho, a não ser os que têm a luz da verdade e são santificados por ela?" —*Idem*, pág. 278.

"O mundo só pode ser advertido quando vir aqueles que crêem na verdade sendo santificados na verdade, agindo de acordo com princípios elevados e santos e mostrando, com senso nobre e elevado, a linha demarcatória entre os que guardam os mandamentos de Deus e os que os pisam a pés." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 7, pág. 980.

8. Destino final: A cidade santa

"Mesmo depois de os santos terem sido assinalados com o selo do Deus vivo, Seus eleitos serão provados individualmente... Sobre eles está a marca indelével de Deus... Seu destino está escrito: 'DEUS, NOVA JERUSALÉM'. São propriedade de Deus, Sua possessão." —*Testemunhos Para Ministros*, pág. 446.

to, escolhendo deliberadamente o mal em lugar do bem. Não fazendo tentativa nenhuma para reformar-se, vão-se tornando piores mais e mais." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 102.

9. Está caída: O trigo deve ser removido

"Se, no grande coração da Obra, não se manifestar a mais diligente vigilância para proteger os interesses da Causa, a igreja se tornará tão corrupta como as igrejas de outras denominações." —*Testimonies*, vol. 4, pág. 513.

"Se o coração da Obra se torna corrupto, a igreja toda, em seus diversos ramos e interesses, espalhada por sobre a face da Terra, sofre as conseqüências." —*Idem*, pág. 210.

"O que me faz tremer é que os que têm recebido a maior luz e privilégios têm-se contaminado pela iniqüidade que prevalece." —*Review and Herald*, 11 de janeiro de 1887.

"Torne-se a igreja orgulhosa e arrogante, não dependente de Deus e não disposta a exaltar Seu poder, e o Senhor certamente abandonará essa igreja e a lançará por terra." —*Testimonies*, vol. 8, pág. 127.

"Por que há tão pálida percepção da verdadeira condição espiritual da igreja? Não caiu a cegueira sobre os atalaias dos muros de

"Somente os que recebem o selo do Deus vivo terão o passaporte para entrar nos portais da Cidade Santa." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 7, pág. 970.

"O selo do Deus vivo será posto somente sobre os que, no caráter, são semelhantes a Cristo." —*Ibidem*.

9. Não cai: a palha é removida

"A igreja talvez pareça como prestes a cair, mas não cairá. Ela permanece, ao passo que os pecadores de Sião serão lançados fora no joeiramento: a palha separada do trigo precioso." —*Mensagens Escolhidas*, vol. 2, pág. 380.

"O povo de Deus será peneirado, como o trigo é sacudido na peneira, até que toda palha esteja separada dos grãos." —*Testimonies*, vol. 1, pág. 431.

"Minha atenção foi então dirigida ao grupo que eu vira e estava sendo fortemente sacudido...

"Diminuíra o número dos que faziam parte deste grupo. Ao serem sacudidos, alguns tinham sido lançados fora do caminho. Os descuidosos e indiferentes, que não se uniam aos que prezavam suficientemente a vitória e a salvação, para por elas lutar e suplicar com perseverança, não as alcançaram e foram deixados atrás, em trevas. Seu lugar foi imediatamente preenchido pelos que aceitavam a verdade e ingressavam nas fileiras. Anjos maus ainda os cercavam, mas sobre eles não tinham poder." —Early Writings, pág. 271.

Sião? Não se acham muitos dos servos de Deus despreocupados e bem satisfeitos, como se a coluna de nuvem, de dia, e a de fogo, à noite, pousassem sobre o santuário?...

" 'Como se fez prostituta a cidade fiel!'...

"A menos que se arrependa e converta, a igreja que agora está a levedar-se com sua apostasia, comerá do fruto de seus próprios atos até que se aborreça a si mesma." —*Testemunhos Seletos*, vol. 3, págs. 252-254.

"Tempo virá em que deverá ser dito dos impenitentes: 'Efraim está entregue a seus ídolos. Deixai-o.' Reconhecerá a igreja onde caiu?" —*Review and Herald* (Extra), 23 de dezembro de 1890.

"O tempo do Juízo é período muito solene, em que o Senhor recolhe os Seus entre o joio...

"Agora joio e trigo estão misturados, mas então, a única mão que os pode separar dará a cada um sua verdadeira posição.

"Os justos são os que guardam os mandamentos de Deus, e para sempre estarão separados dos desobedientes e injustos que pisam a pés a Lei de Deus." —*Testemunhos Para Ministros*, págs. 234-236.

10. Não terá proteção durante as pragas

"A classe que não se entristece por seu próprio declínio espiritual, nem chora sobre os pecados dos outros, será deixada sem o selo de Deus. O Senhor comissiona Seus mensageiros, os homens que trazem nas mãos as armas destruidoras: [citação de Ezequiel 9:4-6].

"Vemos aí que a igreja — o santuário do Senhor — foi a primeira a sentir o golpe da ira de Deus. Os anciãos, aqueles... que haviam ocupado o lugar de guardiães dos interesses espirituais do povo, haviam traído seu compromisso." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 65 e 66.

"Ao estar o povo de Deus afligindo a alma diante dEle, suplicando pureza de coração, é dada a ordem: 'Tirai-lhes os vestidos sujos'. São proferidas as palavras animadoras: 'Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniqüidade, e te vestirei de vestidos novos.' As vestes imaculadas da justiça de Cristo são postas sobre os filhos de Deus, que são provados, tentados mas fiéis. Os remanescentes desprezados são vestidos de vestes gloriosas, que nunca mais serão manchadas pelas corrupções do mundo. Os nomes deles são mantidos no livro da vida do Cordeiro, registrados entre os fiéis de todos os séculos...

"E os remanescentes são, não apenas perdoados e aceitos, mas também honrados... Enquanto Satanás persistia em acusar e procurava destruir esse grupo, anjos santos, invisíveis, passavam de um lado para outro, pondo sobre eles o selo do Deus vivo." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 475.

"O anjo do assinalamento está prestes a pôr a marca sobre a fronte de todos os que estão separados de pecado e pecadores. A ele seguirá o anjo destruidor, para exterminar tanto velhos como jovens." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 505.

10. Terá proteção durante as pragas

"A igreja remanescente será compelida a grande prova e aflição. Os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus sentirão a ira do dragão e suas hostes." —*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 175, 176.

"O selo do Deus vivo está sobre o Seu povo. Esses poucos remanescentes, incapazes de se defenderem,... fazem de Deus sua defesa." —*Idem*, pág. 67.

"O dia da ira para os inimigos de Deus é o dia do livramento final para a Sua igreja... a igreja remanescente." —*Profetas e Reis*, págs. 727 e 728.

. . . . . .

Apesar dos aspectos desanimadores da posição adotada pela Igreja Adventista, conforme descrições do Espírito de Profecia, e a despeito do trágico destino que a aguarda no fim do tempo de graça (*Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 64-66), não ignoramos a obra evangelística mundial que ela está realizando, da mesma forma como não ignoramos a obra que está sendo feita pelas sociedades bíblicas protestantes. Essa grande obra representa uma importante contribuição em favor do cumprimento da profecia de Jesus em Mateus 24:14. Porém, mesmo sendo boa em si mesma, não é suficiente para preencher os requisitos de Apocalipse 18:1. Portanto, não devemos passar por alto a seguinte advertência do Espírito de Profecia ao povo do advento:

"Cristo almeja atuar poderosamente através do Seu Espírito para arrependimento e conversão dos pecadores. Porém, de acordo com o plano divino, a Obra deve ser realizada por intermédio de Sua igreja. Contudo, os membros dessa igreja se afastaram tanto de Deus que Ele não pode realizar Sua vontade por meio deles. Escolhe instrumentos por meio dos quais possa operar, mas os instrumentos empregados devem estar em harmonia com o Seu caráter." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 189.

"A igreja por muito tempo tem-se contentado com apenas poucas bênçãos de Deus. Os membros da igreja não têm sentido a necessidade de alcançar os elevados privilégios comprados para eles a custo infinito. Sua força espiritual tem sido lânguida. A experiência tem sido de caráter definhado e defeituoso. Estão desqualificados para a obra que o Senhor gostaria que realizassem." —*Testimonies to Ministers*, pág. 175.

"O mundo está cheio de enfermidade, sofrimento, iniqüidade. Perto e longe, seres humanos estão em pobreza e ansiedade, carre-

gados com o senso da culpa e perecendo por falta da influência salvadora. O Evangelho da verdade é posto sempre diante deles. Contudo, perecem porque o exemplo dos que deveriam ser para eles cheiro de vida, é cheiro de morte. Bebem amargura porque as fontes estão envenenadas quando deveriam ser como fonte de água que salte para a vida eterna." —*Prophets and Kings*, pág. 232.

Se a Igreja Adventista se acha espiritualmente incapacitada, de modo que o Senhor não pode cumprir Sua vontade por meio dela, Ele chama outros para finalizar Sua Obra na Terra.

"Deus tem um povo nesta Terra. Quem compõe este povo?" —*Boletim da CG*, 20 de abril de 1901, pág. 423.

"Não podemos ser metade do Senhor e metade do mundo. Não somos povo de Deus a menos que o sejamos totalmente." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 83.

"Não sabemos quem são os escolhidos de Deus a não ser que revelem a educação recebida do Pai e do Filho, mediante o Espírito Santo." —*Special Testimonies*, Série B, vol. 7, pág. 45.

"Deus tem os Seus condutos de luz por Ele estabelecidos. Porém, esses não são necessariamente os pensamentos de nenhum conjunto específico de homens." —*Testimonies*, vol. 5, pág. 726.

Em Isaías 58, os que foram incumbidos de erguer a voz como a trombeta e anunciar ao povo de Deus a sua transgressão e à casa de Jacó os seus pecados, são chamados de reparadores de brechas, restauradores de veredas. Devem edificar os lugares antigamente assolados e levantar os fundamentos de muitas gerações. Diz o Espírito de Profecia:

"Apresentam-se aqui as características daqueles que serão os reformadores, que levarão a bandeira da terceira mensagem angélica, que se reconhecem como o povo que guarda os mandamentos de Deus, que O honram e que, diante de todo o Universo, acham-se ativamente empenhados em reconstruir os lugares antigamente assolados. Quem os chama reparadores de brechas e restauradores de veredas para morar? É Deus. O nome deles está registrado no Céu como reformadores, restauradores, que levantam os fundamentos de muitas gerações." —*The SDA Bible Commentary* [E. G. White Comments], vol. 4, pág. 1151.

No quadro profético para estes últimos dias, o Espírito de Profecia mostra claramente a posição dos ASD Movimento de Reforma. Para compreensão mais detalhada deste tema, principalmente sob o aspecto profético, recomendamos os livros *A Mensagem de Deus ao Povo do Advento* e *O Adventismo e a Reforma Profetizada.*

Resumidamente, temos evidências mais que suficientes para crer que a Igreja ASD (isto é, a organização oficial) não é o último remanescente. Essa é a conclusão sincera a que chegaram aqueles que se chamam reformistas. Por essa razão, é inconcebível a reconciliação entre as duas organizações, a menos que haja autêntica reforma nas fileiras dos Adventistas do Sétimo Dia, embora seja contrário à profecia esperar que tal milagre aconteça.

Não temos nenhum conflito com os membros fiéis da Igreja ASD, os quais estão suspirando e gemendo "por todas as abominações que se cometem na igreja" (*Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336). Em espírito, somos um com eles. Mas não podemos cogitar em unir-nos a eles onde estão, como eles não podem unir-se com "o grande corpo de fiéis discípulos de Cristo" que ainda se acha nas igrejas protestantes (*O Grande Conflito*, pág. 390). Esses crentes sinceros, protestantes ou adventistas, são responsáveis pela luz de que são detentores, assim como nós somos responsáveis pela luz que nós temos. Que aconteceria aos fiéis seguidores de Cristo que estão em Babilônia se começassem a pregar a tríplice mensagem, como a doutrina do santuário, mandamentos de Deus, Sábado, etc.? Que aconteceria aos que suspiram e gemem na Igreja ASD se começassem a pregar os fatos revelados neste livro, enfatizando a distinção entre os dois grupos de adventistas e o fracasso da organização oficial, conforme evidenciado neste último capítulo? A história nos permite dizer que não seriam mais tolerados como membros (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 232). Portanto, um verdadeiro reformista, que consegue divisar claramente, no quadro profético, a experiência e o ponto de vista da denominação adventista em contraste com o pequeno remanescente de adventistas fiéis, jamais poderia ser aceito na Igreja ASD. Suponhamos que a um reformista fosse feita a pergunta: "Por que deseja tornar-se membro da Igreja ASD?" Ele teria que dar esta resposta: "Quero ser um dos que suspiram e gemem por todas as abominações toleradas na igreja, de acordo com *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 336 e vol. 2, pág. 64-66, porque esses serão os únicos adventistas a receberem o selo da aprovação de Deus." O que aconteceria? Seria informado de que, por manifestar atitude reformista, não está qualificado para ser membro da Igreja ASD.

Os reformistas não crêem que a Igreja Adventista entrará no Reino como igreja vitoriosa. Também não crêem que alguém possa ser salvo por meio de uma igreja. Não obstante, defendem a verdade bíblica conforme revelada pelo Espírito de Profecia e pelos pioneiros do movimento do advento:

"A fé e os sentimentos dos homens podem mudar. Porém, a verdade de Deus, jamais. A terceira mensagem angélica está sendo anunciada. Ela é infalível." —*Testimonies*, vol. 4, pág. 595.

> ***Observação:*** *Seria bom que o leitor lesse todo o contexto nos casos em que, por falta de espaço, citamos apenas curtos trechos do Espírito de Profecia.*

Publicações periódicas

Vista geral dos periódicos do Movimento de Reforma publicados por todo o mundo.

arauto da reforma

Вестник
истины

JOURNAL
DE LA
REFORME

Youth's
Challenger

The
Standard
Bearer

ВЕСТИТЕЛ
НА
РЕСПОРМАЦИЯТА

DER FREUND

Pillar and Ground of the Truth
진리의 기둥과 터

El Guardián
del Sábado

AUSTRALASIAN
Good Tidings
and
Sabbath Watchman